

PAULO ROBERTO RIBEIRO FONTES

**COMUNIDADE OPERÁRIA, MIGRAÇÃO NORDESTINA E LUTAS SOCIAIS:
SÃO MIGUEL PAULISTA (1945-1966)**

Tese de doutorado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas, sob
orientação do Prof. Doutor Michael M. Hall.

Este exemplar corresponde à redação final da
tese defendida e aprovada pela Comissão
Julgadora em 15 /03/2002

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Michael M. Hall – Orientador (Unicamp)

Prof. Dr. Claudio H. M. Batalha (Unicamp)

Prof. Dr. Sidney Chalhoub (Unicamp)

Prof.^a Dr.^a Maria Célia Paoli (USP)

Prof. Dr. José Ricardo Ramalho (UFRJ)

SUPLÊNCIA

Prof. Dr. Ricardo Antunes (Unicamp)

Prof. Dr. Fernando Teixeira da Silva (Unimep)

**CAMPINAS
FEVEREIRO DE 2002**

UNIDADE Re
CHAMADA T/UNICAMP
F737c
EX
OMBO BCI 49039
ROC 16.837/00
DY
PREÇO R\$ 11,00
DATA _____
CPD _____

CM00167331-7

BID 240119

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

F 737 c **Fontes, Paulo Roberto Ribeiro**
Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966) / Paulo Roberto Ribeiro Fontes .
- - Campinas, SP : [s. n.], 2002.

Orientador: Michael M. Hall.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Migração interna – Brasil, 1945-1966. 2. Urbanização – São Paulo (SP). 3. Movimentos sociais. 4. Bairro São Miguel Paulista (São Paulo, SP). I. Hall, Michael M. (Michael McDonald). II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Resumo

Esta tese analisa o impacto das migrações internas, em particular a nordestina, e da urbanização no processo de formação da classe trabalhadora brasileira entre os anos 40 e 60. Analisando o caso do bairro paulistano de São Miguel Paulista, considerado um dos primeiros distritos 'nordestinos' da cidade e um típico exemplo de expansão urbana periférica, o estudo procura destacar a importância das redes sociais, e das relações comunitárias para a formação da classe. Aspectos da vida cotidiana operária, tais como moradia, lazer e religião também são abordados. São Miguel Paulista constitui um importante campo de estudo para questionar e problematizar as explicações acadêmicas que privilegiaram 'a origem rural do proletariado brasileiro' como determinante para entender a sua suposta apatia e ausência de consciência de classe e, ao mesmo tempo, compreender no âmbito deste caso as relações entre especificidades regionais, migração e cultura operária. Por fim, a tese analisa a ação política e o forte associativismo experimentado pelas classes populares naquele período, incluindo além dos sindicatos e partidos políticos, as associações de bairro e outras organizações que claramente expressavam o processo formativo de uma classe multifacetada e dinâmica.

Abstract

The impact of internal migration, particularly from the Northeast, and the urbanisation on the working class formation between the 40s and 50s in Brazil is the core of this thesis. The study focus on São Miguel Paulista, considered the first 'Northeastern' neighbourhood in São Paulo, and an example of the growth of working-class districts in the outskirts of the city during that period. The thesis stresses the importance of networks and community in the making of the working class. Everyday life features, such as household, leisure and religion are taken into consideration. The case of São Miguel Paulista disputes the academic and political view which considers the rural origin of the Brazilian working class as the main reason for its supposed apathy and absence of class consciousness. The study also analysis political action of the working class and its experiment in organisations, such as trade-unions, political parties, and neighbourhood associations, expressing a very diverse and dynamic class.

6478800

AGRADECIMENTOS

“Você vai ter muita coisa para escrever, mas também muita coisa para aprender.” Foi assim que um dos trabalhadores que entrevistei me recepcionou numa chuvosa tarde de quinta-feira na subsele do Sindicato dos Químicos em São Miguel Paulista. Ao iniciar este trabalho, confesso que eu não tinha noção do quanto aquela frase seria tão profundamente verdadeira. De fato, aprendi muito, provavelmente bem mais do que fui capaz de expressar na redação desta tese. Foram tantas as pessoas com as quais tive a satisfação de conviver e aprender e que direta ou indiretamente colaboraram, apoiaram, contribuíram ou simplesmente torceram para a conclusão deste trabalho, que temo não registrar aqui o meu agradecimento a todas elas. De toda forma, tentarei.

Começo justamente pelos trabalhadores e moradores de São Miguel Paulista que comigo compartilharam suas experiência de vida. Sou imensamente grato a todos que me concederam entrevistas, conversaram, mostraram fotografias, documentos antigos e me conduziram pelas ‘trilhas’ da São Miguel dos anos 50. Em particular, agradeço à Associação dos Aposentados Químicos de São Paulo, cujo apoio foi fundamental para a construção de uma verdadeira ‘rede’ de entrevistados. Sem este suporte, esta tese não teria sido possível. Espero que o resultado esteja à altura da riqueza da história de luta do povo de São Miguel.

Tenho uma enorme gratidão para com Michael Hall, meu orientador. Seu decisivo apoio, renovado interesse e estimulante orientação foram fundamentais para a realização deste trabalho. A convivência com Michael permitiu-me entender o real significado do termo japonês *sensei*, utilizado por Hobsbawm em *Sobre a História*: “um mestre intelectual para quem se deve algo que não pode ser retribuído.”

Os comentários de Claudio Batalha e Sidney Chalhoub no exame de qualificação foram valiosos. A eles, o meu agradecimento. Sou grato ainda aos professores Marco Aurélio Garcia, John French e todos os professores que, em diferentes momentos, forneceram-me informações e documentação importantes, além de permanente estímulo.

Agradeço aos meus grande amigos e parceiros intelectuais da Central Única dos Historiadores: Alexandre Fortes, Antonio Luigi Negro, Fernando Teixeira da Silva e Hélio da Costa. Sem eles, esta jornada não teria começado. Longa vida ao CUH!

Tive a felicidade, tanto do ponto de vista profissional, quanto pessoal de passar 15 meses no *International Centre of Labour Studies* da Universidade de Manchester, onde encontrei um rico e instigante ambiente intelectual. Agradeço imensamente a Huw Beynon, meu orientador em terras britânicas, aos professores Mike Savage, Kevin Morgan, Sheila Rowbotham, Paul Cammack e, em particular, ao historiador e amigo Neville Kirk, pelas preciosas sugestões e indicações bibliográficas. Anne Morrow foi de uma enorme gentileza e sua ajuda facilitou em muito a nossa adaptação na *rainy city*. Anand Chand, Burçak Ozoglu, Tom Woodin, Rob Copeland, Dominic Broadhurst e Kevin Ward são novos amigos fruto desta experiência. Aos três últimos, devo ainda a minha conversão ao glorioso Manchester City. Senti que me tornava um pouquinho *Mancunian* ao entoar 'Blue Moon' junto com toda a fanática torcida do City em Maine Road. Sou grato à Capes pelo suporte financeiro, através do programa PDEE (bolsa sanduíche) que permitiu a minha estadia na Inglaterra.

Registro e agradeço o apoio financeiro fornecido pela FAPESP, ao proporcionar a bolsa de estudos que permitiu a realização desta pesquisa.

Fui invariavelmente muito bem atendido e recebido em todas as instituições, arquivos e bibliotecas nas quais pesquisei. Agradeço a todos os funcionários e responsáveis por estas entidades.

Karim Roberta de Almeida ajudou-me enormemente na condução desta pesquisa. Suas indicações de entrevistas e fontes em São Miguel foram sempre úteis e precisas. A ela, a minha gratidão e admiração pela garra e paixão pela história dos trabalhadores.

Também agradeço aos meus colegas na Unicamp. Edilene, Luigi, Norberto, Verônica, Cândido, Cristina Meneguello e Zé Roberto pelo convívio e amizade. Adriano Duarte, em especial, tem sido um grande interlocutor e com ele compartilhei diversas reflexões sobre o estudo de bairros operários.

Tenho tido o prazer de conviver e aprender com Carolyn Kazdin. A ela e a toda equipe do Solidarity Center da AFL-CIO, Fabiano, Silvana, Mario Rogério e Joana, os meus agradecimentos pelo apoio e compreensão.

Adenilson Teixeira, Carlos Magno, Caio Galvão, Leonardo Mello e Silva, Marco Aurélio Santana, Marilane Teixeira, Luís Paulo Bresciani e Tadeu Martins são alguns dos amigos que muito me apoiaram e torceram pelo sucesso desta empreitada. A todos eles um grande 'obrigado'!

De certa forma, esta tese começou em casa. Escrevê-la é contar um pouco a história de meus pais e a minha própria. Por isso, e por muito mais, agradeço ao meu pai, Arivaldo de Brito Fontes, à minha mãe, Maria de Lourdes Ribeiro Fontes e aos meus irmãos, Carlos, Denise e Déborah.

É praticamente impossível agradecer à Angela. Seu apoio, compreensão, carinho e amor foram inestimáveis e, sem dúvida, responsáveis por tudo de bom que acontece na minha vida, inclusive esta tese. Obrigado, Angie!!!

Sumário

Apresentação ... 11

Classe e comunidade ... 16

Formação de classe ... 22

Origem rural, trabalhadores e política ... 29

Fontes e capítulos ... 38

Capítulo 1

‘Mala de papelão e patuá nas costas’

Migrações nordestinas nos anos 50 em São Paulo ... 45

‘A febre da época’ ... 50

‘Eu penei, mas aqui cheguei’ ... 59

Migrantes e suas redes ... 65

Migração e mercado de trabalho ... 75

‘Baianos’ em São Paulo ... 84

Capítulo 2

‘Terra de nordestinos’

Migração, urbanização e trabalho fabril em São Miguel Paulista ... 101

‘São Miguel, o Nordeste em São Paulo’ ... 105

Berço dos nordestinos ... 124

Uma fábrica explosiva ... 132

Capítulo 3

Cotidiano e sociabilidade operária

Moradia, lazer, criminalidade e religião ... 157

Pensões, casa própria e mutirão ... 159

Futebol, cinema, bailes e bares ... 169

‘Onde o crime faz morada’ ... 195

Trabalhadores e a Igreja ... 201

Capítulo 4**Uma comunidade operária****Identidades e diversidades em São Miguel Paulista ... 217**

‘São Miguel era tudo mato’: carências urbanas e ‘progresso’ ... 219

Migrantes, ‘elite’ e ‘mistura’ ... 235

‘Todo mundo conhecia todo mundo’ ... 247

Uma identidade nordestina ... 250

Capítulo 5**‘Direito de fazer política’****Partidos e lideranças políticas em São Miguel Paulista ... 267**

‘O orgulho do PCB’ ... 269

A era da repressão ... 287

Ademarismo e janismo em São Miguel ... 302

Aurelino e Tarcílio ... 324

Capítulo 6**Trabalhadores e o bairro****Movimentos sociais e a luta pela autonomia em São Miguel Paulista ... 335**

Amigos do bairro ... 337

‘Bairro ou cidade?’: as lutas pela autonomia ... 348

O golpe de 64 e as demissões de 66 ... 363

Considerações finais ... 381**Fontes ... 389****Bibliografia ... 397**

APRESENTAÇÃO

A partir dos anos 1940, São Paulo foi palco de uma extraordinária expansão urbana e industrial, apenas comparável a poucas cidades em âmbito mundial. Esse processo de acelerado desenvolvimento econômico colocou inúmeros desafios aos trabalhadores, tanto no campo da produção quanto no das condições de vida de modo geral. Emergiram e se agudizaram problemas relacionados à especulação imobiliária e à infra-estrutura urbana de maneira geral (transportes, saneamento, pavimentação, equipamentos de educação e saúde, etc.), além de importantes modificações no mercado de trabalho relacionadas à aceleração da industrialização e maior diversificação do setor de serviços. Tais fenômenos interferiram diretamente na vida dos trabalhadores, provocando, entre outros aspectos, grande mobilidade geográfica, carestia, competição, divisões e divergências internas à classe operária. Um intenso processo de migração de trabalhadores das zonas rurais (particularmente do interior dos estados de São Paulo, Minas Gerais e do Nordeste) alterou profundamente a composição social da classe operária, resultando em mudanças políticas e culturais fundamentais

No plano político, o período de 1945 a 1964 foi marcado por novos padrões de relacionamento entre trabalhadores e Estado, caracterizados via de regra pelo conceito de populismo, estabelecendo-se relações específicas de conflitos e reciprocidades em um sistema dinâmico de alianças e disputas entre esses atores sociais.¹ No contexto paulistano, tal fenômeno traduziu-se não apenas no trabalhismo getulista, mas também pela emergência de forças políticas ligadas às figuras de Ademar de Barros e Jânio Quadros. Além disso, a esquerda comunista, mesmo na clandestinidade durante a maior parte do tempo, manteve-se ativa e relativamente forte em várias conjunturas deste período.

¹ Há uma grande e diversificada bibliografia sobre o populismo. Para uma análise de algumas das principais abordagens sobre o assunto, incluindo perspectivas que criticam a utilização deste conceito, ver Francisco Weffort. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980; John French. *O ABC dos operários: conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950*. São Paulo-Hucitec/São Caetano do Sul-Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1995 e Jorge Ferreira (org.). *O populismo e sua história. debate e crítica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

Os trabalhadores expressaram e confrontaram os desafios desta era por meio de uma série de estratégias. Suas redes sociais, baseadas no mais das vezes em relações informais entre familiares, amigos, conterrâneos e membros da comunidade, foram fundamentais não apenas para o processo de migração das zonas rurais para a cidade, que grande parte deles vivenciou, mas também para o enfrentamento das dificuldades da vida urbana e dos dilemas do mundo do trabalho. Tais redes e relações informais também estavam na base de uma verdadeira ‘onda associativa’ e de boa parte da ação política experimentada pelas classes populares em São Paulo naquele período. Os sindicatos foram um dos eixos da forte associatividade dos trabalhadores, mas o fenômeno não ficou restrito a eles, nem exclusivamente ao embate entre operários e industriais. Ao contrário, associações de bairro, recreativas, educacionais, beneficentes, étnicas, mutualistas, cooperativistas, religiosas e artístico-culturais formaram uma gama complexa e heterogênea de organizações que claramente expressavam o processo formativo de uma classe multifacetada, com diferentes valores comunitários. No entanto, apesar da diversidade de associações, é possível encontrar espaços de articulação e interação entre muitas destas organizações, particularmente em momentos críticos como greves e protestos.²

Esta tese analisa este processo a partir do estudo do bairro paulistano de São Miguel Paulista. Esta localidade pareceu-me um caso particularmente interessante para perceber as intrincadas relações entre industrialização, urbanização, migração e formação de classe no contexto brasileiro entre os anos 40 e 60.

Pequeno e isolado vilarejo nas cercanias de São Paulo, o bairro teve sua face radicalmente alterada quando, no final da década de 30, ali se instalou a Nitro Química, grande fábrica de

² Um exemplo particularmente interessante pode ser encontrado na ‘greve dos 400 mil’ em 1957, quando várias sociedades de amigos de bairro e comunitárias deram apoio ao movimento. Cf. Paulo Fontes. “ ‘Centenas de estopins acesos ao mesmo tempo’. A greve dos 400 mil, piquetes e a organização dos trabalhadores em São Paulo (1957)” in Alexandre Fortes et all. *Na luta por direitos. Estudos recentes em história social do trabalho*. Campinas, Edunicamp, 1999.

fibras artificiais e produtos químicos. Nos anos seguintes, a indústria se tornaria uma das maiores do país e teria influência decisiva no desenvolvimento e na vida social de São Miguel.

A maioria dos trabalhadores da Nitro Química era composta de migrantes rurais, em particular nordestinos, que foram morar nas imediações da fábrica e nas diversas vilas erguidas em São Miguel. Um vigoroso processo de loteamento urbano transformou o bairro em um dos distritos de maior crescimento e um dos mais acabados exemplos da expansão periférica em São Paulo. A forte presença de migrantes tornou-se uma das marcas características da região e São Miguel ficaria conhecido como um dos primeiros redutos de nordestinos da cidade.

A Nitro Química desenvolveu, ao longo dos anos 40 e 50, um específico sistema de gestão de sua mão-de-obra que misturava paternalismo, nacionalismo e um extenso sistema de benefícios. Tal modelo partilhava elementos presentes na ideologia corporativa e no ideário nacional-desenvolvimentista do Estado naquele período. Mas, ao mesmo tempo, não prescindia de um forte esquema de controle e repressão a qualquer contestação operária, freqüentemente contando com o apoio direto do aparato policial do Estado.

Apesar disso, os trabalhadores em São Miguel Paulista desenvolveram um forte senso de identidade comunitária e classista. Em diversos momentos, uma cultura militante aflorou e mobilizou os operários e operárias em torno do Sindicato dos Químicos e de diversas outras organizações locais. As péssimas condições de infra-estrutura urbana do bairro conflitaram com muitas das expectativas dos próprios trabalhadores e criaram espaço para a atuação de várias correntes políticas que procuram relacionar-se com este novo contingente de trabalhadores. Se em um primeiro momento, o Partido Comunista do Brasil foi bastante bem sucedido neste sentido, o final dos anos 40 e a década de 50 veriam emergir o ademarismo e o janismo, que dominaram a vida política do bairro naqueles anos.

Além disso, o peso majoritário da mão-de-obra nordestina, em sucessivas levas de migração ao longo de quase cinquenta anos para São Miguel Paulista constitui um importante

campo de estudo para questionar e problematizar as explicações acadêmicas que privilegiaram ‘a origem rural do proletariado brasileiro’ como determinante para entender a sua suposta apatia e ausência de consciência de classe e, ao mesmo tempo, compreender no âmbito deste caso as relações entre especificidades regionais, migração e cultura operária.

A tese analisa a história dos trabalhadores em São Miguel a partir de 1945, ano do final do Estado Novo e da democratização do país, com importantes conseqüências nacionais e locais, como veremos. Além disso, em 1945 a Nitro saiu da Segunda Guerra Mundial como uma das principais empresas brasileiras. A narrativa é finalizada em 1966, ano de uma grande crise na companhia que resultou na demissão de quase um terço de seus funcionários e que marcaria definitivamente uma profunda inflexão nas relações entre a empresa e a comunidade de São Miguel. A data simbolizaria o final de uma era em que a região foi praticamente uma cidade industrial ‘dentro’ de São Paulo.

Assim, a partir do estudo de São Miguel e da Nitro Química, esta tese procurou aprofundar a análise das relações entre a esfera do trabalho e da comunidade. Se de um lado, a fábrica constituiu-se em um fundamental espaço de criação de uma identidade operária, por outro, o bairro também teve um papel central na constituição de um forte senso de comunidade que fortemente interagiu com aquela identidade.

Classe e comunidade

As últimas décadas têm assistido a um grande esforço dos historiadores sociais no sentido da ampliação e diversificação da análise de temas e aspectos da vida dos trabalhadores. Não apenas o movimento operário organizado tem sido objeto de atenção, mas as diversas dimensões da experiência de classe. O cotidiano e a cultura operária, as relações de gênero e familiares, as

formas de lazer e sociabilidade dos trabalhadores, entre outros aspectos, passaram a ganhar extrema relevância nos trabalhos acadêmicos sobre a história do trabalho.³

Assim, já há algum tempo não é mais possível afirmar que os historiadores do trabalho confinem seus estudos exclusivamente à abordagem de sindicatos, partidos políticos, greves ou relações e processos de trabalho no interior das empresas, temas, sem dúvida alguma fundamentais e que compoariam o “núcleo central da disciplina”, na expressão utilizada por Daniel James.⁴ Para muitos, no entanto, o desafio tem sido o de cruzar e combinar a abordagem de tais temas clássicos com uma perspectiva mais ampla e múltipla das experiências da classe operária.

Em um certo sentido a trajetória de construção desta tese acompanha esse desenvolvimento da historiografia do trabalho. A análise que fiz em minha dissertação de mestrado sobre os trabalhadores da Nitro Química procurou relacionar a história dos operários com a própria trajetória da empresa, mostrando como nas fissuras e ambigüidades do sistema de dominação empresarial desenvolveu-se uma forte cultura fabril e uma tradição de militância política e sindical entre os trabalhadores nitrinos. Assim, para além da empresa, o sindicato operário e suas lutas, em particular a grande greve acontecida em 1957 mereceram especial destaque em meu estudo.⁵

³ Além da seminal obra de E. P. Thompson. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, 3 vol., os artigos de Eric Hobsbawm, “História operária e ideologia” in *Mundos do trabalho. Novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, e de Georges Haupt. “Por que a história do movimento operário?”, *Revista brasileira de história*, v. 5, n. 10, foram bastante influentes nesta reorientação da história do trabalho brasileira. Para uma revisão recente da bibliografia e das tendências da história do trabalho brasileira ver, entre outros, Claudio Batalha. “A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências” in Marcos Cezar de Freitas (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo, Contexto/USF, 1998; Alexandre Fortes e Antonio Luigi Negro, “Historiografia, trabajo y ciudadanía en Brasil”, *Entrepassados*, n. 15, 1998; Fernando Teixeira da Silva e Hélio da Costa. “Trabalhadores urbanos e populismo: um balanço dos estudos recentes” in Jorge Ferreira (org.). *O populismo...* e Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil: um balanço da produção acadêmica recente*. Niterói, 2001(mimeo.), Texto apresentado ao XXI Simpósio nacional de História. Em relação à América Latina, ver John French. “The Latin American labor studies boom”, *International Review of Social History*, n. 45, 2000.

⁴ Cf. Daniel James. “O que há de novo, o que há de velho? Os parâmetros emergentes da história do trabalho latino-americana”, in Angela M. C. Araújo. *Trabalho, cultura e cidadania*. São Paulo, Scritta, 1997.

⁵ A dissertação foi publicada com o título de *Trabalhadores e cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo Anna Blume e Sindicato dos Químicos de São Paulo, 1997.

Já naquele estudo pareceu-me clara a necessidade de avançar o entendimento da história social daqueles trabalhadores procurando aprofundar a compreensão das relações vividas por eles, tanto no processo migratório que praticamente todos vivenciaram, quanto na experiência urbana de moradia e vida cotidiana no bairro. Um forte senso de comunidade desenvolvido em torno de São Miguel Paulista chamava-me a atenção. Assim, entre o trabalho de mestrado e o de doutorado ocorreu uma passagem da fábrica e das lutas sindicais como temas centrais de análise para a migração, o bairro e suas relações sociais.

Entretanto, muito mais do que a mera substituição de alguns aspectos por outros, interessava-me a conexão e o imbricamento entre eles. Só desta forma parecia-me possível buscar uma análise mais apurada, complexa e sofisticada da experiência operária ali vivida. Tratava-se, portanto, de tentar apreender algumas das grandes e fundamentais mudanças históricas no Brasil na segunda metade do século XX, tais como a industrialização, a urbanização, o novo contexto político do pós-guerra e a migração rural-urbana, sob a perspectiva do cotidiano das pessoas, de como elas viveram e agiram sobre estes processos. Da mesma maneira, ao enfatizar a importância do cotidiano no processo de formação de classe, preocupava-me em não despolitizá-lo e em demonstrar sua vital importância para a construção de redes sociais e de um espaço público onde os trabalhadores puderam construir identidades e lutar por direitos.

A investigação histórica sobre São Miguel mostrou uma desafiante articulação elaborada pelos trabalhadores locais entre uma noção de comunidade específica, particular, associada à uma forte identidade de classe. Tratava-se portanto de avançar a compreensão sobre o conceito de comunidade e suas possíveis relações com a idéia de classe.

Uma das maiores contribuições da revolução historiográfica promovida pelos historiadores sociais britânicos nos anos 60, em particular E. P. Thompson, foi a ampliação da análise da luta de classe para além do exclusivo espaço fabril e das relações de conflito diretas entre industriais e operários. Para muitos, a comunidade passou a ser reconhecida como um

aspecto relevante da experiência operária. Seu estudo tornou-se, então, uma questão central para todos aqueles interessados em analisar “a vida além do trabalho.”⁶

Nos últimos anos, muitos historiadores do trabalho têm procurado estudar as comunidades não apenas como um lugar, mas também como um conjunto de relações sociais. Esta abordagem tem sido decisiva para o entendimento dos laços, redes e relacionamentos entre os trabalhadores e sua ação coletiva. Muitos destes estudos enfatizaram a vida comunitária e as ligações dos trabalhadores com suas cidades, bairros e vizinhanças como uma fonte de assistência e ajuda mútua, solidariedade coletiva e cultura comum. Consequentemente, todos estes aspectos teriam um papel crucial no processo de formação e na experiência da classe trabalhadora.

Entretanto, diversos críticos têm apontando problemas no uso indiscriminado do conceito de comunidade pelos historiadores do trabalho. David Crew, por exemplo, mostrou como muitos dos estudos europeus e norte-americanos sobre comunidades operárias terminam por considerar a solidariedade de classe como uma consequência “natural” da vida comunitária. Segundo Crew, há uma forte tendência em romantizar a comunidade onde a classe “aparece mais homogênea do que na realidade ela é.” Ao invés do resultado de um esforço humano deliberado e historicamente construído, a unidade e a solidariedade entre os trabalhadores seria vista, nestes estudos, como uma decorrência da comunidade, uma espécie de “fator ecológico” que explicaria a consciência de classe.⁷

Uma outra objeção refere-se à ambigüidade existente no próprio conceito de comunidade. Em geral, os historiadores do trabalho negligenciam a longa tradição de controvérsia e debate em torno desta noção, especialmente na teoria sociológica. Desta forma, muitos analistas lembram que, ao contrário de classe, conceito que enfatizaria a existência do conflitos no interior da

⁶ Cf. Richard Whipp. *Patterns of labour: work and social change in the pottery industry*. Londres, Routledge, 1990, p. 163. Nos Estados Unidos, um dos pioneiros dos estudos históricos de comunidades operárias foi Herbert Gutman. Cf. os ensaios de Gutman organizados por Ira Berlin no livro *Power and culture. Essays on the American working class*. Nova York, New Press, 1987.

sociedade, comunidade em seu significado original era baseada na idéia de harmonia e cooperação. Assim, a utilização a-crítica deste conceito é bastante problemática. Além disso, é argumentado que, se de um lado, o senso de comunidade pode ajudar a militância e a ação dos trabalhadores em termos de classe, por outro, comunidade pode também enfatizar o paroquialismo e ser um elemento de fragmentação dos trabalhadores.⁸

Os historiadores britânicos Eileen e Stephen Yeo contribuíram com outro tipo de abordagem neste debate. Para eles, no lugar de considerar comunidade como uma “categoria teórica”, é necessário vê-la como uma “categoria histórica”, no sentido proposto por E.P. Thompson. Eles também reconhecem a ambigüidade do conceito, que “tem tido uma capacidade extraordinária, e por muito tempo, de carregar significados opostos.” No entanto, eles procuraram historicizar os usos do conceito de comunidade na Grã-Bretanha, localizando três grandes tipos de utilização: como mutualidade, como serviço e como Estado. Comunidade como mutualidade foi usada pelos socialistas owenistas e pelo movimento cooperativista no início do século XIX. Eles estavam preocupados com todo o espectro de relações sociais das pessoas, não apenas com as econômicas. Assim, seu conceito de comunidade incluía diversas questões relacionadas com gênero e família, produzindo uma interessante análise da dominação e subordinação naquela sociedade. Comunidade para eles, não implicava no ocultamento das relações de classe na sociedade capitalista. Tal visão teve uma longa permanência na sociedade britânica e influenciou vários pensadores socialistas, como William Morris.

⁷ Cf. David Crew. “Class and community. Local research on working-class history in four countries”, *Historische Zeitschrift*, v. 15, 1986, p. 290 e os livros citados por ele no artigo.

⁸ Cf. David Crew. “Class and...”. A bibliografia sobre comunidade no campo da sociologia é enorme, com uma tradição de estudos que remonta à própria fundação da disciplina no século XIX. Para algumas sínteses do debate sociológico sobre o conceito e os problemas colocados para os historiadores sociais ver C. J. Calhoun. “Community: toward a variable conceptualization for comparative research”, *Social History*, vol. 5, n. 1, jan. 1980; Barry Wellman e Barry Leighton. “Networks, neighborhoods and communities. Approaches to the study of the community question”, *Urban Affairs Quarterly*, março de 1979 e Greg Patmore. “Community and Australian labour history” in Terry Irving (org.). *Challenges to labour history*. Sidney, UNSW Press, 1994.

Em meados do século XIX, porém, uma reposta a esta perspectiva socialista de comunidade começou a se organizar. Setores da burguesia e seus líderes politicamente liberais desenvolveram uma linguagem de comunidade como serviço. Associações voluntárias e prefeituras contribuíram neste processo. Neste sentido, comunidade era considerada como uma espécie de sinônimo do governo local e sua população. Ao contrário da visão socialista, comunidade como serviço “era uma tentativa de harmonizar as relações sociais sem atacar as desigualdades de classe e gênero.” Por fim, de acordo, com os Yeos, um senso de comunidade como estado, elaborado entre o final do século XIX e meados do XX, procurou abarcar a “nação, seus cidadãos e consumidores.” Também neste sentido, os conflitos seriam fortemente negligenciados.⁹

Uma outra estimulante entrada neste debate pode ser encontrada nos trabalhos de Mike Savage, Ira Katznelson e outros sociólogos e historiadores.¹⁰ Eles têm focado a importância do espaço no processo de formação de classe. De acordo com Mike Savage, por exemplo, espaço, como uma rede social, pode ser a base, o “habitat”, onde a ação coletiva é criada. Entretanto, para Savage, o espaço não é apenas o *locus* onde a formação da classe acontece, mas é em si parte deste processo. Assim, o processo de formação de classe teria uma dupla dinâmica. De um lado, ele “envolveria a construção de relações sociais de largo alcance, ligando membros da classe por diferentes lugares”, através dos sindicatos e partidos políticos, por exemplo. De outro lado, porém, ele também exigiria “a construção de laços densos que permitiriam a construção de identidades solidárias e comunais ao longo do tempo e na ausência de organizações formais.

⁹ Cf. Eileen and Stephen Yeo. “On the uses of ‘community’: from Owenism to the present”, in Stephen Yeo (org.). *New views of co-operation*. Londres, Routledge, 1988, p. 230. Para a discussão da idéia de comunidade como Estado e nação, duas obras muito importantes são a de Benedict Anderson. *Imagined communities*. Londres, Verso 1983 e a de Eric Hobsbawm e Terence Ranger. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

¹⁰ Cf. Michael Savage. “Space, networks and class formation”, in Neville Kirk (org.). *Social class and marxism: defences and challenges*. Hants, Scolar Press, 1996; Ira Katznelson. *Marxism and the city*. Oxford, Oxford University Press, 1992 e Rick Halpern. “Respatializing marxism and remapping urban space”, *Journal of urban history*, Janeiro de 1997.

Neste sentido, a classe poderia ser 'extraída' da 'comunidade' e das relações pessoais que podem conduzir a uma solidariedade social."¹¹

Por um lado, as observações de Eilleen e Stephen Yeo, embora um pouco esquemáticas, parecem-me de grande utilidade para a utilização do conceito de comunidade. A contextualização e abordagem histórica defendida por eles permitem uma melhor compreensão das ambigüidades subjacentes à análise de comunidades de trabalhadores. Desta forma, a identificação automática entre bairro e comunidade pode ser enganosa. A análise de um bairro como São Miguel Paulista como uma comunidade só faz sentido quando abordada historicamente, quando seus moradores compartilham em um determinado contexto de um senso e uma linguagem comunitária. Tal linguagem, em determinadas circunstâncias, pode se imbricar com uma linguagem de classe e também com outras noções de comunidade, como as baseadas em um local de moradia, de trabalho e em uma origem migrante comum. Foi o que, em minha opinião, aconteceu em São Miguel Paulista entre os anos 40 e 60. Não é o bairro que por si só torna-se uma comunidade, são as redes sociais construídas e articuladas por seus moradores que podem construí-la. Por outro lado, a abordagem de Savage nos permite não perder de vista a importância do espaço como componente fundamental destas redes sociais. Assim, em sua análise a articulação entre o local e o nacional ganham nova e interessante dimensão para a compreensão do processo de formação de classe.

Formação de classe

A questão da formação da classe teria, assim, importância central para a elaboração desta tese. Mais uma vez, a obra de E. P. Thompson mostrou-se um essencial ponto de partida e uma

¹¹ Cf. Michael Savage. "Space,...", p. 68.

influência determinante. Em *A formação da classe operária inglesa*, Thompson, ao rejeitar as explicações estruturalistas, inovou profundamente ao analisar a classe como um fenômeno histórico, cujo processo de formação é “algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas.” Para ele, a classe não era uma “coisa”, uma “estrutura” ou uma “categoria” e só poderia ser propriamente entendida se analisada historicamente. Negando o determinismo presente na formulação marxista das relações entre ‘base e superestrutura’, Thompson demonstrou como os trabalhadores foram agentes ativos e conscientes no próprio processo de formação da classe. “A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é a sua única definição”, diria ele no famosíssimo prefácio de *A formação...* Além disso, o historiador britânico enfatizou o conceito de experiência como central para o processo de identidade de classe. Ao procurar recuperar como essa experiência foi formulada pelos agentes históricos no momento em que ela ocorreu, Thompson colocou-a como eixo da sua narrativa e reforçou-a como essencial ao próprio ‘fazer-se’ da classe e como chave para superar a contradição entre determinação e agência humana no interior da historiografia marxista.¹²

Thompson traria ainda diversas inovações, tanto no cruzamento entre a narrativa e análise histórica, quanto na reapropriação e reinterpretação feita pelos trabalhadores ingleses de antigas tradições culturais e políticas para contestar a ordem capitalista emergente, demonstrando como a luta de classes estava embebida em uma autêntica guerra de valores e símbolos. De toda forma, o impacto de sua obra foi enorme e ele tornou-se, provavelmente, o historiador social britânico mais conhecido e influente nos meios acadêmicos internacionais.

¹² Cf. E. P. Thompson. *A formação...* Há uma enorme quantidade de obras que avaliam o impacto e a importância da obra de Thompson. Para uma razoável amostra ver os livros e as indicações bibliográficas em Brian D. Palmer. *Edward Palmer Thompson: objeções e oposições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996 e nos ensaios reunidos por H. Kaye e K. Mclelland (orgs.). *E. P. Thompson.: critical perspective*. Cambridge, Polity Press, 1990.

Mas a obra de Thompson também provocou contestações e acirradas polêmicas no Reino Unido. As críticas, no entanto, não vieram apenas de historiadores conservadores. Perry Anderson e Tom Nairn, jovens editores da *New Left Review* (revista que havia sido fundada por Thompson) escreveram uma série de artigos sobre a história britânica em que, desprezando a contribuição de *A formação da classe operária inglesa*, criticavam asperamente o legado da classe trabalhadora naquele país, argumentando sobre a incapacidade desta em tornar-se uma classe hegemônica. Os artigos mereceram uma devastadora resposta de Thompson que marcou o debate político e historiográfico britânico na década de 60.¹³

A periodização de *A formação...*, localizando o processo de construção da classe operária inglesa entre o final do século XVIII e o início do XIX, mereceu uma séria contestação de um dos companheiros de Thompson no processo de renovação da história social. Mesmo reconhecendo a contribuição central da obra thompsoniana e o acerto em considerar o período anterior ao cartismo (anos 1840) como crucial para o processo do fazer-se da classe, Eric Hobsbawm argumenta que, ainda assim, aquela “não era a classe trabalhadora como ela iria se desenvolver mais tarde.” Para ele, as transformações do capitalismo britânico na segunda metade do século XIX redefiniriam a composição social e a formação do operariado inglês. Neste sentido, só seria possível falar em classe operária ‘formada’ a partir dos anos 1870/80. Para além de uma mera discussão sobre períodos, o debate entre os dois grandes historiadores britânicos revelava muito sobre as semelhanças e diferenças entre as abordagens teóricas e metodológicas de ambos e demonstrava, mais uma vez, porque *A formação da classe operária inglesa* tornou-se um livro, para usar a expressão de Hobsbawm, “que imediata e justificadamente tornou-se um clássico.”¹⁴

¹³ Para conferir “As peculiaridades dos ingleses”, a resposta de Thompson, e ter um maior detalhamento deste debate, ver os artigos reunidos por Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva em E. P. Thompson. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001.

¹⁴ Cf. Eric Hobsbawm. “O fazer-se da classe operária, 1870 –1914”, in *Mundos do...* Para uma análise detalhada deste debate ver Antonio Luigi Negro. “Imperfeita ou refeita? O debate sobre o fazer-se da classe operária inglesa”, *Revista brasileira de história*, vol.16, n. 31-2, 1996.

Os anos 1980, entretanto, inaugurariam um novo tipo de crítica a alguns fundamentos da obra de Thompson e da própria história social como disciplina. Influenciados pelas reflexões desconstrutivistas e pós-modernistas, muitos começaram a questionar o conceito de classe considerando-o como demasiadamente homogeneizante e eurocentrista. Sua utilização ignoraria a estruturação de identidades em torno de gênero, raça e etnias, entre outras. O próprio conceito e a existência de classes passava a ser colocado em questão, considerada apenas como uma construção lingüística originada no contexto europeu, e em particular no cenário britânico do século XIX e incapaz de servir como um meio de análise do presente e do passado. Mesmo a experiência, noção chave do pensamento thompsoniano, passou a ser contestada e também considerada como um artefato lingüístico reificado pelos historiadores sociais, que a tomariam como independente da cultura e da linguagem.¹⁵

Nos últimos anos, os historiadores sociais britânicos comprometidos com a tradição thompsoniana têm procurado rebater as críticas pós-modernas e, ao mesmo tempo, vêm se empenhado em um esforço de renovação teórica que incorpore na análise histórica a multiplicidade de experiências da classe trabalhadora. Assim, relações étnicas e de gênero, as experiências urbanas e a cultura operária têm ganhado proeminência nos estudos da história do trabalho. Há um evidente empenho em perceber e problematizar a heterogeneidade dos trabalhadores e, simultaneamente, compreender as possíveis articulações entre tais diferenciações e os processos de formação de classe e de sua ação coletiva. Se algum tipo de unidade dentro da

¹⁵ Para uma aproximação das várias críticas pós modernistas à história social do trabalho ver a coletânea de textos organizada por Patrick Joyce (Org.). *Class*. Oxford, Oxford University Press, 1995 e o pioneiro trabalho de Gareth Stedman Jones. *Lenguages de clase. Estudios sobre la historia de la classe obrera inglesa*. Madrid, Siglo XXI, 1989. Entre as várias análises do impacto desta crítica sobre a história do trabalho, destaco o suplemento especial da *International review of social history* organizado por Marcel van der Linden (org.) *The end of labour history?*, *International review of social history*, vol. 38, 1993. Para uma análise do debate inicial em torno da obra de Stedman Jones ver Paulo Fontes. "Classe e linguagem: notas sobre o debate em torno de *Languages of class* de Stedman Jones", *Locus – Revista de história*, n. 7, 1998.

diversidade da classe trabalhadora é possível, as questões que muitos historiadores do trabalho estão se colocando são qual, como, onde, porquê e de que forma.¹⁶

Este debate obviamente tem tido repercussões para do Reino Unido e dos Estados Unidos. E no interior dele também têm havido um crescente esforço comparativo entre diferentes processos nacionais de formação de classe. Neste sentido o livro organizado por Ira Katznelson e Aristide Zolberg em 1986 tornou-se uma referência. Na obra, historiadores europeus e norte-americanos procuraram avaliar os diferentes padrões de formação da classe trabalhadora e estabelecer critérios de comparação entre países como França, Estados Unidos e Alemanha.¹⁷

Outros historiadores, no entanto, têm chamado a atenção para a necessidade do debate sobre a formação de classe ultrapassar as fronteiras européias e norte-americanas. Uma verdadeira contraposição aos riscos do eurocentrismo e de uma historiografia regional compartimentalizada passaria por adotar uma perspectiva mais internacional e global da história dos trabalhadores.¹⁸

Deste modo, se esta perspectiva internacional da formação da classe trabalhadora for considerada, a questão do papel da migração rural na composição do proletariado ganha uma importância indubitavelmente central. Foram os migrantes rurais quem constituíram o eixo predominante de constituição dos trabalhadores urbanos na maior parte do mundo na segunda metade do século XX . Qualquer discussão sobre história do trabalho que se pretenda global e comparativa deve necessariamente passar pelo debate da influência e relação entre a migração

¹⁶ Para um balanço da historiografia social britânica mais recente, ver Mike Savage e Andrew Miles. *The remaking of the British working class: 1840 – 1940*. Londres, Routledge, 1994 e Neville Kirk. *Change, continuity and class. Labour in British society, 1850-1920*. Manchester, Manchester University Press, 1998.

¹⁷ Cf. Ira Katznelson e Aristide Zolberg. *Working-class formation. Nineteenth-century patterns in Western Europe and the United States*. Princeton, Princeton University Press, 1986.

¹⁸ Cf. neste sentido John French. “Latin American and international working class history on the brink of the 21st century: points of departure in comparative labor studies.” Texto apresentado na 35^a Conferência da Associação Internacional de Historiadores do Trabalho, Linz, Áustria, 1999 e Marcel van der Linden. “Global Labour History”. Texto apresentado no XXI Simpósio Nacional de História, Niterói, 2001.

rural, a urbanização e a formação da classe trabalhadora. Esta tese pretende, modestamente, dar um ainda tímido passo nesta direção.¹⁹

Ademais, estudos recentes vêm demonstrando, ao contrário de um senso comum acadêmico particularmente aceito no Brasil, que a importância da migração rural-urbana não parece ser uma exclusividade dos processos de formação de classe do sul do mundo.²⁰

Os debates da historiografia indiana aparecem, assim, como particularmente interessantes. Desde os anos 1970 a historiografia social indiana tem se mostrado como uma das mais proificuas e teoricamente sofisticadas no mundo. Grupos como o existente em torno da publicação *Subaltern Studies*, entre outros, têm procurado analisar as especificidades da formação social e cultural da Índia e as reflexões desenvolvidas sobre os processos de urbanização e formação da classe trabalhadora indiana estão entre as mais controversas e debatidas. Além disso, os historiadores indianos têm enfatizado no estudo da história operária, a importância da análise de gênero, dos laços familiares e da organização do mercado de trabalho, bem como da relativização

¹⁹ A importância das migrações rurais para a formação da classe trabalhadora, principalmente nos países latino-americanos, asiáticos e africanos, tem sido destacada por uma ampla bibliografia internacional nos últimos 20 anos. Países como África do Sul e Índia, por exemplo, têm tido uma produção particularmente rica em relação a este tema. Cf., entre outros, T. Dunbar Moodie. *Going for gold. Men, mines and migration*. Berkeley, UCLA, 1994; Patrick Harries. *Work, culture and identity. Migrant labourers in Mozambique and South Africa, 1860-1910*. Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1996; D. Chakrabarty. *Rethinking working class history, Bengal 1890-1940*, Oxford, Oxford University Press, 1989; R. Chandavarkar. *The origins of industrial capitalism in India. Business strategies and the working classes in Bombay, 1900-1940*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994 e Samita Sen. *Women and labour in late colonial India. The Bengal Jute Industry*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999. No contexto latino-americano, vale destacar o caso da Cidade do México, bastante similar ao da capital paulista. Cf. Cornelius, Wayne. "The impact of cityward migration in Mexico City" in White, James. *The urban impact of internal migration*. Chapel Hill, 1979.

²⁰ Huw Beynon e Terry Austrin, por exemplo, mostraram como os laços com as comunidades rurais foram essenciais para a constituição de um dos grupos operários considerados como mais militante e politizado: os mineiros ingleses. Cf. Huw Beynon e Terry Austrin. *Masters and servants. Class and patronage in the making of a labour organization. The Durham miners and the English political tradition*. Londres, Rivers Oram Press, 1994. Já Hilary Partridge argumenta como as tradições e valores culturais dos trabalhadores migrantes do Sul camponês da Itália forma fundamentais para um redirecionamento político do movimento operário no Norte industrial do país nas décadas de 1960 e 70. Para ela, as organizações comunitárias dos sulistas contribuíram para uma radicalização política e para o questionamento das políticas oficiais do Partido Comunista e do movimento sindical. Cf. Hilary Partridge. "Labour's challenge to Capital in Fiat: The influence of Southern Immigrants in a changing industrial culture", *Labour History Review*, vol. 61, n. 1, 1996. Sobre as migrações do Sul para o Norte italiano ver também Maurizio Gribaudi. *Mondo operaio e mito operaio. Spazi e percorsi sociali a Torino nel primo novecento*. Turim, Eianudi, 1987. Ver ainda os estudos sobre a migração irlandesa para os Estados Unidos resenhados por Edward T. O'Donnell. "How the Irish became urban", *Journal of Urban History*, vol. 25, n. 2, 1999 e de irlandeses e poloneses

de distinções radicais entre o trabalhador urbano e rural no contexto indiano, onde as ligações entre campo e cidade continuaram muito fortes mesmo após as migrações, em geral sazonais e de curta distância. A classe trabalhadora é vista assim, por muitos destes estudiosos, como em constante processo de formação e re formação em diferentes contextos e lugares.²¹

No debate historiográfico indiano, a obra do historiador Dipesh Chakrabarty ganha relevância. Membro do *Subaltern Studies*, Chakrabarty inspirou-se em E. P. Thompson para resgatar as características ‘tradicionais’ e ‘pré-capitalistas’ da classe operária indiana, majoritariamente formada por migrantes rurais. Heranças culturais ‘camponesas’ teriam sido levadas por esses migrantes para o chão da fábrica e estariam firmemente enraizadas na tradição destes trabalhadores. Assim, fatores como castas, relações familiares e lealdades religiosas comporiam o principal do perfil cultural dos operários indianos, dividindo-os profundamente. Se a fábrica capitalista os homogeneizava, seus laços comunitários e herança cultural rural, considerados como suas “lealdades primordiais”, fragmentava-os e os impedia de efetivamente construir solidariedades e uma identidade de classe. Desta forma, classe não seria um conceito útil para entender o mundo dos trabalhadores na Índia.²²

Outros historiadores indianos, como Rajnarayan Chandavarkar e Samita Sen, vêm discordando frontalmente das conclusões de Chakrabarty. Para eles, Chakrabarty negligenciaria fortes ligações entre o mundo rural e urbano existentes na Índia. Contestam ainda a idéia de uma simples transferência de uma cultura camponesa para as cidades. No interior das famílias migrantes a permanência das mulheres no campo enquanto os homens iriam para as cidades garantiria os laços da emergente classe operária com o mundo rural. Além disso, argumentam, o

para a Inglaterra e Alemanha respectivamente no ensaio de John Belchem. “Irish and Polish migration: some preliminary comparative analysis”. Liverpool, Universidade de Liverpool, 1999 (mimeo.)

²¹ Para um balanço da historiografia social indiana conferir R. Chandavarkar. “ ‘The making of the working class’: E. P. Thompson and Indian history”, *History workshop journal*, n. 43, 1997 e Arjan de Haan e Samita Sen. “ ‘New lamps for old?’: Debates in Eastern Indian labour historiography.” in Arjan de Haan e Samita Sen. *A case for labour history. The jute industry in Eastern India*. Calcutta, K.P.Bagchi, 1998.

²² Dipesh Chkrabarty. *Rethinking ...*

próprio processo de migração em si deve ser levado em consideração já que ele moldou a forma como a classe trabalhadora fez-se na Índia. Chandavarkar, por exemplo, insiste que os laços comunitários, familiares, de linguagem, religião e casta não devem ser analisados estaticamente, mas sim em sua interação entre si que a “ ‘cultura’ destes trabalhadores também foi informada pelo trabalho, pela política e mesmo pelas lutas diárias nos locais de trabalho e bairros.”²³

Embora rápido e esquemático, este breve resumo de um aspecto do debate indiano parece-me de fundamental importância para destacar um dos desafios desta tese: o de procurar compreender o processo de formação de classe em sua relação com uma série de complexos processos políticos e sociais. Assim, as conexões entre os migrantes e suas redes sociais, entre o local de trabalho e o bairro, a urbanização e o cenário político local e nacional, as relações familiares e de gênero, as vicissitudes do desenvolvimento econômico e do mercado de trabalho, as experiências organizativas informais ou de cunho sindical, regional e comunitário compõem um amplo quadro onde este estudo pretende ser construído.

Origem rural, trabalhadores e política

A análise das migrações rurais e sua interação com a formação da classe trabalhadora no Brasil também têm uma história. Entre meados dos anos 50 e 60, uma série de estudos sociológicos tentava compreender as intensas transformações pelas quais o país passava desde a década de 1930 e, particularmente, após a Segunda Guerra Mundial.

Balizadas pela noção de modernização, tais análises sistematizavam em uma linguagem acadêmica muito da visão contemporânea sobre a suposta divisão estrutural do país entre o ‘atraso’ rural e o ‘progresso’ urbano.²⁴ Assim, a migração era vista como a passagem de

²³ R. Chandavarkar. “ ‘The making of...’”, p. 187.

²⁴ Os estudos de Juarez Rubens Brandão Lopes são de particular importância e tiveram grande influência na produção acadêmica sobre o trabalho no Brasil naquele período. Ver, do autor, *Sociedade Industrial no Brasil*. São

sociedades e culturas tradicionais e arcaicas para as cidades, espaços do desenvolvimento industrial e do moderno. Os migrantes, desta forma, estariam como que transpondo “literalmente em poucos dias várias épocas da evolução sócio-econômica”.²⁵

Desta forma, as possibilidades abertas pela urbanização e industrialização representariam para o migrante um estágio mais avançado de desenvolvimento e uma possível ascensão social e econômica. Para eles tratava-se, portanto, de “fugir à vida acanhada, desassistida e sem esperanças das áreas rurais” e rumar “para a capital paulista, no intuito de progredir, de gozar da civilização”.²⁶

Se, por um lado, como assinalou Eder Sader, a migração aqui era vista de forma otimista, como uma etapa superior na vida daquelas milhares de pessoas que se transferiram para as cidades, o mesmo não se pode dizer a respeito dos próprios migrantes.²⁷ Na visão dessa sociologia, as primeiras gerações de migrantes, empregadas em larga medida em trabalhos que exigiam pouca qualificação profissional das modernas fábricas e no setor de serviços das grandes cidades, estariam ainda impregnadas por resíduos culturais tradicionais, devido à sua recente origem rural. Inexperientes no mundo urbano-industrial, demonstrariam um precário ajustamento

Paulo, Difel, 1964 e *Crise do Brasil Arcaico*. São Paulo: Difel, 1967. Conferir também Leôncio Martins Rodrigues. *Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil*. São Paulo: Difel, 1966; Fernando Henrique Cardoso. “Proletariado no Brasil: situação e comportamento social”, *Revista Brasileira*, n. 41, maio/junho 1962. O autor argentino Gino Germani foi largamente lido pelos sociólogos brasileiros e tornou-se uma referência fundamental no campo da teoria da modernização latino-americana. Ver, entre outros, *Sociologia da modernização. Estudos teóricos, metodológicos e aplicados à América Latina*. São Paulo, Mestre Jou, 1974..

²⁵ Cf. Juarez Brandão Lopes. *Sociedade Industrial...*, p. 23.

²⁶ Vicente Unzer de Almeida e Octávio Teixeira Mendes Sobrinho. *Migração rural-urbana: aspectos da convergência de população do interior e outras localidades para a capital do estado de São Paulo*. São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1951, p.16 (grifos meus).

²⁷ Eder Sader. *Quando novos personagens entraram em cena. Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988., pp. 88-99. Sader contrapõe o ‘otimismo’ da teoria da modernização às imagens de exclusão e desenraizamento da teoria da marginalidade desenvolvida a partir do final dos anos 60. De fato, a abordagem das duas análises partem de pressupostos diferentes quanto ao papel geral que o processo migratório representa para os migrantes. No entanto, ambos os pensamentos tendem a menosprezar a possibilidade de ação e a capacidade de respostas dos migrantes rurais à situação urbana, como bem retrata o próprio Sader.

à essa nova realidade, não se identificando com a condição operária, numa espécie de “adaptação apática”.²⁸

Tais trabalhadores migrantes nacionais, vistos assim como sem tradição de classe, seriam contrastados com o proletariado anterior à grande onda de migração interna, particularmente no período pré 1930. Nas primeiras fases da industrialização brasileira, o operariado, majoritariamente composto por imigrantes europeus traria uma experiência de classe de seus países de origem e rapidamente teria organizado uma resistência radical e militante aos patrões e ao Estado.²⁹

Dessa forma, a suposta persistência de formas de conduta tradicionais por parte dos migrantes implicaria praticamente na ausência de padrões de ação coletiva e solidariedade de classe. Sindicatos e outras organizações de caráter classista seriam alheios à experiência desses trabalhadores ou, quando muito, vistos de maneira individualizada e como órgãos de cunho assistencialista. Originários de um ambiente agrário marcado pela dominação paternalista - “que acarretou uma atitude de submissão das pessoas pertencentes às camadas inferiores ante os membros dos estratos superiores, em que a humildade e o respeito são o traço característico”³⁰ - os novos operários migrantes, considerados passivos e apáticos politicamente, seriam facilmente manipulados pelo discurso e ação de políticos populistas carismáticos. Tal análise foi altamente difundida naquele momento. Um militante comunista, por exemplo, durante o ápice das mobilizações dos trabalhadores urbanos e rurais no período que antecedeu ao golpe militar de 1964, escrevia ser certa a ocorrência “de um relaxamento natural da luta de classes” devido ao

²⁸ Cf. item “Migrações, mobilidade de massas e consenso social na Argentina e no Brasil” in Gino Germani, *Sociologia da modernização...*, p.138.

²⁹ Tais formulações, largamente difundidas entre os acadêmicos no período, estão sistematizadas na obra de Leôncio Martins Rodrigues, *Conflito industrial...* Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro demonstrariam posteriormente a fragilidade de tais explicações ao apontar a origem rural da maioria dos imigrantes europeus, bem como a ausência de experiência fabril e carência de militância política em seus países de origem. Cf. Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro. “Imigração e movimento operário no Brasil: uma interpretação” in José Luiz Del Roio. *Trabalhadores no Brasil: imigração e industrialização*. São Paulo, Ícone, 1990.

³⁰ Cf. Leôncio Martins Rodrigues, *Conflito industrial...*, p. 78.

fato da classe operária em São Paulo “receber em suas fileiras homens e mulheres vindos das regiões as mais atrasadas e de setores menos desprovidos, como o campo.”³¹

A influência da ‘origem rural’ como fator explicativo estrutural para uma suposta passividade e ausência de iniciativa política dos trabalhadores nos países de acelerada industrialização e urbanização da América Latina atravessou fronteiras e tornou-se um paradigma analítico largamente influente, particularmente após a derrota do movimento operário com o golpe militar de 1964 no Brasil e os que o seguiram nos anos seguintes na América Latina. Em 1967, por exemplo, corroborando tais teses, Eric Hobsbawm afirmava que a migração rural para São Paulo significou um processo de “diluição e despolitização” da classe operária. Os novos trabalhadores urbanos recém saídos do campo, em matéria de ação política, entenderiam apenas a liderança pessoal e o paternalismo.” Seus laços familiares e comunitários seriam úteis para “sua mudança e instalação na grande cidade,” transferindo tradições camponesas de ajuda mútua para para o mundo urbano, mas certamente não os auxiliariam como um “guia político.”³²

Se o dualismo das concepções da teoria da modernização foi intensamente criticado no final dos anos 60 e durante os 70 - quando as migrações internas tornaram-se objeto largamente estudado nas instituições governamentais e universidades - a análise das influências do processo migratório na formação da classe trabalhadora brasileira continuariam carecendo de maior pesquisa e sistematização.³³ Acertadamente criticados em várias de suas premissas teóricas e conclusões, os estudos dos sociólogos do trabalho nos anos 50 e 60 tiveram, no entanto, o

³¹ Cf. Moisés Vinhas. *Operários e camponeses na revolução brasileira*. São Paulo, Fulgor, 1963.

³² Cf. Eric Hobsbawm. “Peasants and rural migrants in politics” in Claudio Veliz. *The politics of conformity in Latin America*. Oxford, Oxford University Press, 1967.

³³ Um balanço dos estudos sobre migração nas universidades e entidades governamentais durante os anos 70 e 80 pode ser visto em Carlos A. Hasenbalg, *A pesquisa sobre migrações, urbanização, relações raciais e pobreza no Brasil: 1970-1990*. Rio de Janeiro, IUPERJ, Série Estudos, 1991, p. 9 (mimeo.). Importantes críticas ao dualismo da teoria da modernização são encontradas em Francisco de Oliveira. “A economia brasileira: crítica à razão dualista”, *Estudos Cebrap*, n. 2, 1972 e Francisco Weffort. *O populismo.....* Para uma análise específica das abordagens da sociologia do trabalho brasileira nos anos 50 e 60, conferir os artigos de Maria Célia Paoli, Vera Silva Telles e Eder Sader, “Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico”, *Revista Brasileira de História*, n.6, 1984; e de José Sérgio Leite Lopes, “Sobre os trabalhadores da grande indústria na pequena cidade:

inegável mérito de tentar compreender o impacto das migrações e das supostas tradições culturais dos migrantes sobre o proletariado em São Paulo, aspecto raramente mencionado nos estudos posteriores.

Francisco Weffort, em sua sofisticada análise sobre o populismo, procurou superar as explicações de cunho estrutural sobre as relações sociais e políticas entre 1945 e 64 e enfatizar o papel dos atores políticos. Para ele a “adesão das classes populares aos movimentos populistas (...) não se explica pela ‘ausência’ de experiência urbana ou de classe, mas exatamente por um tipo particular de experiência enraizada nas condições próprias da formação social desses países [latino-americanos].”³⁴ Embora tal afirmação sugira um privilegiamento da análise da jovem classe trabalhadora do período como agente no processo social e político, e Weffort chega a afirmar que o populismo seria o resultado de uma aliança de classes, ele não investe suficientemente nesta direção, como bem destacou Angela de Castro Gomes.³⁵

O modelo interpretativo do período populista proposto por Weffort, embora em alguns momentos afirme a ambigüidade da ‘manipulação’ dos líderes populistas sobre os trabalhadores, de fato enfatizava a perspectiva da cooptação destes pelo Estado que, devido à incapacidade da burguesia nacional em tornar-se classe hegemônica e a ausência de um proletariado autônomo e organizado, ocupava o vazio de poder advindo da crise de hegemonia instaurada no país a partir dos anos 30. A obra de Weffort inspirou uma série de trabalhos nos anos 1970 e 80 que, apesar de suas observações sobre a ação e auto organização da classe operária, tenderam a incorporar o esquema de um Estado manipulador e de lideranças demagógicas cooptando as massas trabalhadores como paradigma explicativo da vida social e política nacional entre 1930 e 64. De

crítica e resgate da *Crise do Brasil Arcaico*”, in José Sérgio Leite Lopes. *Cultura e identidade operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora*. Rio de Janeiro, Marco Zero e Editora UFRJ, 1987.

³⁴ Francisco Weffort. *O populismo...*, p. 136.

³⁵ Cf. Angela de Castro Gomes. “O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito” in Jorge Ferreira (org.). *O populismo e...*

tão disseminada, tal explicação passou a adjetivar inclusive o próprio período, chamado por muitos de ‘era populista’ ou ‘república populista’.

Tal perspectiva passou a ser intensamente criticada a partir de meados da década de 1980. Rejeitando a suposta passividade política dos trabalhadores e as idéias de manipulação e cooptação conduzidas por um Estado todo-poderoso, novas pesquisas e estudos procuraram enfatizar um papel ativo dos trabalhadores e superar a, largamente difundida, dicotomia entre autonomia e heteronomia da classe. Entender os trabalhadores como sujeitos da história que agem e efetivam escolhas num determinado campo de pressões e contra-pressões, tem sido um dos objetivos centrais de muitos historiadores que vêm se debruçando sobre a história social da classe trabalhadora entre 1930 e 1964.³⁶

No interior deste campo, porém, as abordagens e enfoques já compõem um quadro razoavelmente diversificado. John French, por exemplo, procura aprofundar o breve *insight* weffortiano de aliança policlassistas como um eixo explicativo para as relações entre trabalhadores, Estado, classes médias e burguesia naquele período. Tais alianças, embora feitas entre atores desiguais em termos de peso sócio-político não prescindia de negociações e reciprocidades recolocadas constantemente pela correlação de forças existente. Para ele, compunha-se assim um “sistema político populista que influenciou o comportamento de todos os participantes.”³⁷

³⁶ Cf., entre outros, Maria Célia Paoli. “Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira.” in José Sérgio Leite Lopes. *Cultura e ...* ; Angela de Castro Gomes. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo, Vértice, 1988; John French. *O ABC...* Um apanhado geral dos debates recentes em torno do populismo e um balanço das críticas ao conceito podem ser visto em Jorge Ferreira (org.). *O populismo e...* Particularmente a noção de ‘sindicalismo populista’ como referência ao movimento operário dos anos 30 aos 60 vem sendo intensamente criticada. Além dos textos já citados, outros estudos nesta área podem ser encontrados, entre outros, nos livros de José Sérgio Leite Lopes. *A tecelagem dos conflitos de classe na “cidade das chaminés”*. São Paulo, Marco Zero e Brasília, Editora da UnB e MCT/CNPq, 1988; José Ricardo Ramalho, *Estado-patrão e cultura operária: o caso FNM*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989; Marcelo Badaró. *Novos e velhos sindicalismos. Rio de Janeiro (1955-1988)*. Rio de Janeiro, Vício de Leitura, 1988; nos artigos reunidos em Alexandre Fortes et all. *Na luta por...* e em Marco Aurélio Santana. *Homens partidos. Comunistas e sindicatos no Brasil*. São Paulo, Boitempo, 2001.

³⁷ John French. *O ABC...*, p. 267.

Outros historiadores, porém, têm reiteradamente rejeitado a operacionalidade do conceito de populismo para a análise das relações sociais e políticas no Brasil entre os anos 30 e 60.³⁸ Estes autores destacam a imprecisão conceitual e o tom pejorativo que a noção de populismo assumiu o que a tornou “tão elástica e, de certo modo, a-histórica, que passou a explicar tudo – e, como ocorre nesses casos, a explicar muito pouco”. Mais importante ainda, eles argumentam que o termo estaria tão impregnado pela dimensão do controle e manipulação do Estado sobre as ‘massas’ e pela idéia de cooptação, excluindo assim qualquer possibilidade de relação de reciprocidade, esvaziando os sujeitos históricos, que se deveria, portanto, rejeitar o uso do populismo, dado seu “efeito obscurecedor”.³⁹

Com diferenças de ênfase, Castro Gomes, Ferreira e Aarão Reis propõe a noção de trabalhismo como mais adequada para pensar as relações entre Estado e classe trabalhadora naquele período. Angela de Castro Gomes fala em “pacto trabalhista”, que procura “enfatizar a relação entre atores desiguais, mas onde não há um Estado todo-poderoso.” Jorge Ferreira segue a trilha aberta por Castro Gomes e afirma a importância de um “projeto trabalhista”, cuja expressão institucional teria sido o Partido Trabalhista Brasileiro, “a organização mais popular durante a experiência democrática pós-45, tornando-se, em 1964, a maior agremiação no espectro político do país.” Teria sido o “projeto trabalhista”, baseado numa relação em que Estado e classe trabalhadora “identificaram interesses comuns”, que “expressou uma consciência de classe” por parte dos trabalhadores e que colaborou fundamentalmente para a instituição de “uma identidade coletiva” entre eles.⁴⁰ Por sua vez, Daniel Aarão Reis Filho considera o populismo uma

³⁸ Neste sentido conferir particularmente os artigos de Angela de Castro Gomes, Jorge Ferreira e Daniel Aarão Reis Filho em Jorge Ferreira (org.). *O populismo e...*

³⁹ Cf. Jorge Ferreira. “Introdução” e Angela de Castro Gomes. “O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito” in Jorge Ferreira (org.). *O populismo e ...*, p. 13 e 46-7.

⁴⁰ Jorge Ferreira. “O nome e a coisa: o populismo na política brasileira”, in Jorge Ferreira (org.). *O populismo e...*

‘invenção’ política e acadêmica que serviu, após o golpe de 1964, para ocultar a “tradição trabalhista”, caracterizada por um “programa nacionalista, estatista e popular.”⁴¹

Claro está que este debate corrente expressa a grande insatisfação com os marcos do paradigma de populismo tal como formulado por Francisco Weffort e seus seguidores e a busca de uma nova estrutura teórica e conceitual que dê conta da complexa dinâmica política e social da experiência dos trabalhadores brasileiros durante a maior parte do século XX. Neste sentido, parece-me bastante insuficiente a substituição dos conceitos de populismo por trabalhismo, seja este em qualquer uma de suas versões.⁴² A ênfase isolada no aspecto trabalhista das relações políticas e sociais obscurece outras dimensões centrais da experiência dos trabalhadores naquele período e de certa forma repõe uma análise de classe exclusivamente voltada para as relações de trabalho e o mundo sindical. A dimensão urbana, por exemplo, aspecto vital na vida dos trabalhadores, particularmente nas cidades com grande expansão industrial naqueles anos, acaba negligenciada. No entanto, parece-me impossível entender as relações políticas de então sem considerá-la e mais, sem relacioná-la com outras dimensões, incluindo é claro, a essencial questão das relações trabalhistas e sindicais.

A vida política em São Paulo é incompreensível absolutizando-se o trabalhismo como chave explicativa. No estado mais industrializado do país e com a maior classe operária, as mais populares lideranças políticas, Ademar de Barros e Jânio Quadros, construíram suas carreiras por fora do trabalhismo, embora com ele flertassem. O eixo central de suas carreiras, particularmente a de Jânio, passava, porém pelo reconhecimento da questão urbana e dos conseqüentes problemas

⁴¹ Daniel Aarão Reis Filho. “O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita.” in Jorge Ferreira (org.). *O populismo e...*, pp. 345-7..

⁴² Como bem observou Alexandre Fortes em trabalho recente, “além do risco de substituir o estigma pela apologia, ao trocarmos o ‘populismo’ por ‘trabalhismo’ podemos estar mantendo, ou até mesmo aprofundando o equívoco de tentar explicar elementos diferentes de um mesmo momento histórico por um único termo.” Cf. Alexandre Fortes. *“Nós do Quarto distrito”. A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. Campinas, Tese de Doutorado apresentada ao IFCH-Unicamp, 2001, em especial o epílogo intitulado “Trabalhadores e participação política na República Populista.”

causados pelo intenso ritmo de crescimento das cidades, particularmente a capital paulista, e pela divisão absolutamente desigual dos frutos do intenso desenvolvimento gerado, abrindo espaço para toda uma série de demandas populares que serviu de ponte para o surgimento e consolidação daquelas lideranças. Por outro lado, o PTB paulista era fraco e extremamente dividido, apesar da popularidade de Vargas entre o proletariado. Para além dos direitos trabalhistas e das relações de trabalho, sempre presentes na pauta política e social em São Paulo, as reivindicações por melhores condições de vida, a respeitabilidade e dignidade de morar, o direito ao ‘progresso’, como entendido pelos trabalhadores naquele momento eram questões essenciais e que precisam ser consideradas na análise das relações políticas entre os anos 30 e 60.

Assim, se de um lado, esta tese pretende investigar as redes sociais criadas pelos trabalhadores tanto no processo de migração, quanto em seus locais de trabalho e de moradia em São Paulo. De outro, interessa perceber como estes mesmos trabalhadores atuaram sobre o processo de urbanização e tornaram-se atores políticos fundamentais da vida na cidade, muitas vezes articulando organizações comunitárias com sindicatos e partidos de base popular e estabelecendo uma tensa relação de reciprocidade com as lideranças políticas. Este estudo, desta maneira, visa contribuir para uma compreensão mais multifacetada da experiência política da classe trabalhadora naqueles anos. Ao mesmo tempo, ao enfatizar a importância das migrações internas no processo de formação da classe trabalhadora, este trabalho espera estimular a superação do divórcio atualmente existente entre os estudos das migrações internacionais e nacionais no país. Uma maior integração entre estes dois campos de estudos é, sem dúvida, fundamental para uma análise mais completa e integral da história do trabalho no Brasil.⁴³

⁴³ Há uma extensa bibliografia historiográfica sobre a imigração estrangeira para o Brasil. Um apanhado geral das principais tendências e debates nesta área pode ser visto em Boris Fausto. *Historiografia da imigração para o Brasil*

Fontes e capítulos

Esta tese foi construída a partir de um leque bastante variado de fontes. A pesquisa durante o mestrado já havia me fornecido o acesso a uma série de documentos empresariais do acervo da Nitro Química, em particular a coleção completa do informativo da empresa nos anos 50, o *Nitro Jornal*. Além disso, fontes do acervo do Deops e da Biblioteca Adelço de Almeida do Sindicato dos Químicos de São Paulo tiveram papel bastante importante naquela investigação, bem como as entrevistas realizadas com antigos dirigentes sindicais e trabalhadores da Nitro.

O fantástico acervo do Deops no Arquivo do Estado de São Paulo continuou sendo uma das principais referências para esta pesquisa no doutorado. O zelo investigativo dos governantes, empresários e da polícia política nos legou uma impressionante coleção de documentos sobre os mais variados aspectos da vida dos trabalhadores. Embora, obviamente, as referências às organizações políticas, sindicais e protestos como greves e manifestações sejam as mais largamente abundantes, é também possível encontrar uma rica coleção de documentos sobre o cotidiano nos bairros e fábrica, além de interessante material sobre entidades comunitárias e culturais.⁴⁴

Na Biblioteca da Câmara Municipal de São Paulo pude consultar as atas das sessões da Câmara, o que me permitiu o valioso acesso aos discursos e debates dos vereadores. Também nesta biblioteca pude pesquisar documentos da prefeitura sobre os bairros do município, livros e

São Paulo, Sumaré/Fapesp, 1991. A bibliografia na área de história social sobre as migrações internas felizmente vêm crescendo nos últimos anos, embora seja ainda muito tímida se comparada aos estudos na Sociologia, Demografia e Geografia. No capítulo 1 menciono algumas destas obras.

⁴⁴ Para uma análise do potencial e dos eventuais riscos de pesquisa sobre o movimento operário com fontes policiais, em particular com o acervo do Deops paulista, ver Antonio Luigi Negro e Paulo Fontes. “Trabalhadores em São Paulo: ainda um caso de polícia. O acervo do DEOPS paulista e o movimento sindical” in Maria Aparecida de Aquino, Marco Aurélio Vannucchi Leme de Mattos e Walter Cruz Swensson Jr. (orgs.). *No coração das trevas: o DEOPS/SP visto por dentro*. São Paulo, Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2001. Em sua história, o Deops de São Paulo teve várias denominações. A última, Departamento Estadual de Ordem Política e Social, foi implementada em 1975 e permaneceu até a extinção do órgão em 1983. É esta denominação que é utilizada para a

jornais. Jornais, de bairros, sindicatos, partidos ou da chamada grande imprensa, foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho e foram principalmente consultados no Arquivo do estado de São Paulo, no Arquivo Edgard Leuenroth, na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro e no Arquivo do centro de documentação da Unesp (Cedem). Além dos jornais, pude consultar no acervo do Cedem interessantes documentos do Partido Comunista do Brasil (PCB) e o acervo do pesquisador Fábio Munhoz, riquíssima fonte para aqueles interessados nas greves e articulações sindicais do final dos anos 50 e início dos 60, em particular a chamada 'greve dos 400 mil' ocorrida em 1957.

Na Inglaterra e Estados Unidos tive a feliz oportunidade de pesquisa nos acervos do Public Record Office em Londres e no National Archives em Washington, o que possibilitou-me o acesso a relatos sobre política, o movimento sindical e as transformações sociais e econômicas do país a partir do particular olhar de diplomatas. Ainda nos Estados Unidos, o professor John French forneceu-nos valiosa documentação e explicações sobre o funcionamento e procedimentos dos arquivos norte-americanos.

No Arquivo Judiciário de São Paulo, procurei encontrar processos criminais que envolvessem nordestinos e moradores de São Miguel, tarefa bastante difícil, dado o tipo de organização daquele acervo. De qualquer forma, o trabalho não foi totalmente em vão e os processos encontrados, pouco utilizados neste estudo, poderão servir para análises futuras. Já em relação à documentação da Igreja Católica, o Arquivo da Cúria Metropolitana foi imprescindível. Na Biblioteca do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo tive acesso aos boletins eleitorais publicados entre os anos 40 e 60, o que permitiu uma avaliação mais precisa das tendências de votação em São Miguel. Discursos de deputados estaduais puderam ser levantados e consultados na Biblioteca e no Centro de Documentação da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo.

Uma extensa bibliografia serviu de apoio para a redação desta tese. As bibliotecas da Unicamp, USP, Mário de Andrade, Nacional, Roberto Simonsen (Fiesp)⁴⁵ e da Universidade de Manchester foram essenciais e me possibilitaram o acesso a uma gama extensa de livros e periódicos. Destaco ainda a biblioteca do Centro de Estudos Migratórios (CEM) onde pude travar contato com a mais completa coleção de obras sobre a migração interna no país.

A boa vontade e gentileza de muitas pessoas permitiram-me o acesso a acervos pessoais e de instituições sem os quais não seria possível conhecer uma documentação fundamental para este trabalho. Osvaldo Pires de Holanda cedeu-me extenso material sobre o Movimento Autonomista de São Miguel Paulista. Cópias de uma incrível coleção de fotografias, jornais e documentos sobre São Miguel me foi possibilitada por José Caldini Filho. Fotografias também me foram cedidas por Nelson Bernardo, Nair Cecchini e Helena Oliveira Silveira. Já o pastor Jonas da Igreja Batista de São Miguel Paulista facilitou-me o acesso à documentação e atas mais antigas daquela instituição. Nas escolas Diogo de Faria, Carlos Gomes e D. Pedro pude consultar antigos registros e material sobre alunos, incluindo alguns trabalhos de cursos e redações. Por fim no Laboratório de História da Universidade Cruzeiro do Sul (LabDoc- Unicsul) pesquisei uma importante documentação, incluindo várias fotografias e um importantíssimo acervo de 53 entrevistas realizadas pelos alunos do curso de história com antigos moradores durante o ano de 2000.

O trabalho com história oral nesta tese merece uma especial menção. Além dos 11 depoimentos que colhi durante a pesquisa de mestrado, realizei mais 36 entrevistas na fase do doutorado.⁴⁶ Partindo de uma rede de contatos articulada ao redor da Associação dos Trabalhadores Químicos Aposentados tive a oportunidade de entrevistar diversos antigos

⁴⁵ Atualmente seu acervo encontra-se na Biblioteca do IFCH na Unicamp.

⁴⁶ Uma listagem com os nomes dos entrevistados encontra-se no item 'Fontes e Bibliografia'. Nas citações dos depoimentos ao longo do texto sempre que possível procurei preservar o máximo possível a oralidade do discurso

trabalhadores da Nitro Química e ativistas políticos no bairro. Os contatos articulados nesta rede e o impacto local da publicação de minha dissertação de mestrado em livro abriram as portas para novas entrevistas com outros moradores de São Miguel não diretamente relacionados com o mundo sindical ou político, possibilitando a montagem de um acervo de depoimentos bastante variado e rico.⁴⁷

O Capítulo 1 da tese procura em um diálogo com a literatura e com as fontes, destacar a importância geral da migração interna para a formação da classe trabalhadora em São Paulo no período no período posterior à Segunda Guerra Mundial. A migração interna de trabalhadores oriundos do campo será analisada no contexto de acelerada industrialização paulista nos anos 50 e 60 e da intensa necessidade de mão-de-obra por parte das empresas. Entretanto, para além dos fatores econômicos e demográficos é dado destaque para a agência e estratégias de escolha dos migrantes neste processo. Como as relações de gênero influenciaram diferentes experiências de migração entre homens e mulheres será outro ponto abordado na análise. Por fim, a análise procura demonstrar como a presença e ação dos migrantes no Sudeste do país, foi fundamental para o debate da ‘questão nordestina’ e criação de um imaginário político e cultural sobre o ‘Nordeste’ brasileiro.

No segundo capítulo é abordada a história do bairro de São Miguel Paulista no contexto de rápida industrialização e urbanização da cidade de São Paulo no período posterior à Segunda

dos entrevistado, mantendo inclusive, na maioria das vezes, os erros de concordância verbal, em achar necessário assinalá-los.

⁴⁷ Ao analisar a memória dos trabalhadores nestes depoimentos procurei encará-la como uma reelaboração seletiva, socialmente determinada do passado e construída retrospectivamente a partir das motivações e questões do presente. Para uma aproximação com o intenso debate atual sobre história oral ver Rick Halpern, “Oral history and labour history: a historiographic assessment after twenty-five years”, *The journal of American history*, vol. 85, n.2, 1998. Robert Perjs e Alistair Thomson. *The oral history reader*. Londres, Routledge, 1998; José Carlos Sebe bom Meihy. *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo, Xamã, 1996; Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996 e Michael Hall. “História oral: os riscos da inocência” in Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo. *O direito à memória. Patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo, DPH-Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1982.

Guerra Mundial. Refundado pela instalação da Companhia Nitro Química Brasileira em 1935, São Miguel tornou-se a região de maior crescimento da cidade nos anos 50. Embora imerso no padrão periférico de crescimento urbano dominante na cidade neste período, o bairro distinguiu-se de outros distritos suburbanos, considerados bairros-dormitórios. A existência de uma grande empresa industrial, empregadora da maior parte da força de trabalho local, criava particularidades na constituição de uma comunidade operária que são exploradas neste capítulo.

A ação dos próprios trabalhadores e trabalhadoras no processo de constituição do cenário urbano é um dos pontos de análise do capítulo 3. Ademais, ampliar o entendimento do processo de formação de classe para além do espaço fabril estrito senso é um dos objetivos tanto deste capítulo, quanto capítulo 4. No capítulo 3 aborda, assim, aspectos do lazer e da cultura operária, da criminalidade existente, bem como o papel da Igreja católica no bairro.

A análise da cultura e do cotidiano em São Miguel procura abarcar no capítulo 4, tanto elementos de homogeneidade, quanto traços de heterogeneidade no interior desta comunidade operária, procurando mostrar a complexidade do conjunto de experiências dos trabalhadores. O capítulo pretende ainda abordar os processos de construção de relações de solidariedade, bem como de antagonismos entre os moradores da região. Diferenças étnicas, geracionais, de gênero e de diferentes níveis de ascensão social serão destacadas e analisadas sempre que necessário. As carências de infra-estrutura do bairro e a sua relação com as expectativas de 'progresso' dos migrantes é uma das questões analisadas como importantes para a constituição de um forte senso comunitário naquela região. Por fim o capítulo procura explicar como a constituição de uma identidade nordestina entre os trabalhadores migrantes imbricou-se fortemente com as idéias de trabalho e trabalhador.

A partir de um diálogo crítico com a literatura especializada, os capítulos 5 e 6 procuram, através da análise do caso de São Miguel Paulista, fornecer uma visão alternativa e mais complexa da relação entre política, movimentos sociais e trabalhadores migrantes durante a

chamada 'era populista' (1945-1964). No capítulo 5 são analisados os partidos políticos em São Miguel, com particular destaque para o PCB e para os movimentos que se forjaram em torno das lideranças de Ademar de Barros e Jânio Quadros. Como os partidos se estruturavam no bairro; como e em quais circunstâncias as opções partidárias eram definidas; qual o papel das eleições e qual a relação entre as questões 'micro' do bairro e as questões e temáticas de âmbito estadual e nacional nos períodos eleitorais serão algumas das questões que procurei desenvolver. A análise deste capítulo procura ir além do entendimento das relações entre os políticos 'populistas' e a classe trabalhadora centradas apenas no mundo trabalhista e sindical, ou apenas na relação entre líderes 'carismáticos' e uma massa 'amorfa'. Considerando também o bairro e suas relações sociais e políticas como objeto de análise, procura sofisticar a compreensão do sistema político do período.

Já no capítulo 6 as atenções estão voltadas para as organizações de bairro em São Paulo, seu peso na conjuntura política e suas relações com as entidades sindicais e lutas mais gerais dos trabalhadores naquele período. Desta forma, procurei superar a dicotomia, bastante comum na literatura, entre 'morador' e 'trabalhador'. Além disso o capítulo aborda as várias tentativas de separação administrativa da cidade de São Paulo, levada a cabo por movimentos autonomistas em São Miguel. Sentindo-se abandonados pelo poder público, estes movimentos pela autonomia consideravam que a transformação do bairro em cidade poderia trazer um desenvolvimento menos desigual e possibilitaria a construção de uma infra-estrutura urbana que efetivamente melhorasse a vida da população. O movimento pelo autonomia em São Miguel Paulista teve três momentos de maior crescimento: em 1953, 58 e 62/3. Todas as iniciativas pela separação da capital, no entanto, foram derrotadas. Neste capítulo, portanto, analiso as características de tais movimentos autonomistas nestes diferente momentos, compreendendo suas motivações e impasses, bem como sua relação com os demais movimentos sociais existentes no bairro. Por fim o capítulo aborda a conjuntura prévia ao golpe de 1964, com destaque para a ação do Sindicato

dos Químicos em São Miguel e o impacto e as conseqüências locais do movimento militar e dos primeiros momentos da ditadura. As grandes demissões realizadas pela Nitro Química em 1966 simbolizam o final de uma era para a comunidade de São Miguel e são estudadas em detalhe no último item.

CAPÍTULO 1

‘MALA DE PAPELÃO E PATUÁ NAS COSTAS’

MIGRAÇÕES NORDESTINAS NOS ANOS 50 EM SÃO PAULO

Vilarejo de Caem, município de Jacobina, interior da Bahia, dezembro de 1947. Ansioso, Artur Pinto de Oliveira despede-se da família e deixa para trás a casa e o sítio onde vivera seus primeiros 17 anos de vida. O rapaz, cheio de esperanças de uma vida melhor e com “aquele sonho de estudar na cabeça”, contaminara-se com a “febre da época”: São Paulo. “Naquele tempo todo nordestino sonhava em vir para São Paulo. São Paulo virou o céu, era o paraíso”, relembra mais de 50 anos depois.

Artur seguia os passos de um irmão mais velho, que mudara-se alguns meses antes e já estava trabalhando como operário na Cia. Nitro Química Brasileira. Intensa correspondência entre ele e a família demovera as resistências do pai em permitir que seu outro filho também seguisse para a capital paulista. Naquele dia no final dos anos 40, Artur juntou seus poucos pertences e partiu para uma longa jornada.

A viagem, de fato, era longa e extenuante. Da sede do município em Jacobina, ele tomou um trem até Juazeiro. De lá, atravessou o rio e na vizinha cidade de Petrolina, já no estado de Pernambuco, comprou a passagem mais barata e embarcou no vapor que descia o rio São Francisco até a cidade mineira de Pirapora. Foram 15 demorados dias de viagem. O período de seca no interior nordestino exigia que o barco fosse conduzido vagarosamente para não encalhar nas areias do rio.

Juntamente com outras centenas de migrantes, Artur espremia-se na segunda classe do barco localizada no porão. Aquilo “era como um navio negreiro dos escravos africanos” comparou, “você não via nada. Cheio de gente, uma promiscuidade danada, uma escuridão, um mal cheiro...”. A viagem só não foi pior porque Artur, conversador, fez amizade com “um senhor de Goiás, uma pessoa formada, muito educada e comunicativa” e passou aqueles dias discutindo “por que o Nordeste era paupérrimo e as pessoas todas migravam para outras regiões”. Mesmo tão jovem, Artur já tinha as suas “teses de achar o porque que não se resolvia os casos no

Nordeste” e propunha o aproveitamento das águas do São Francisco e do Amazonas para um amplo sistema de irrigação na região.

Provavelmente seduzido pela curiosidade do menino, o goiano afeiçoou-se a Artur e convidava-o periodicamente para almoçar no restaurante da primeira classe. Chegados em Pirapora, despediram-se. Um rumando para Goiás e o outro para sua nova vida mais ao sul do país. De Pirapora para São Paulo foram mais três dias de viagem de trem. No início de janeiro de 1948, Artur desembarcava na famosa estação do norte no bairro paulistano do Brás. De lá, mais um trem, e finalmente chegava ao seu destino, São Miguel Paulista, onde “não tinha uma rua sequer asfaltada”. Era ali que Artur trabalharia por mais de 40 anos e tem morado toda a sua vida.¹

Também em 1948, Augusto Ferreira Lima deixou sua terra natal. Filho de um pequeno proprietário que vivia de suas plantações de laranjas em Alagoinhas, agreste baiano, Augusto Lima, aos 25 anos, decidira que era hora de tentar a sorte no sul.

Desde criança trabalhando no laranjal da família, Lima, aos dezesseis anos empregou-se na Ferrovia Leste Brasileiro. Por dois anos dividiu seu tempo entre a plantação e a colocação de dormentes na construção e manutenção da linha férrea. Mais tarde, aprendeu o serviço de topógrafo e por mais sete anos continuou a trabalhar na roça e na ferrovia.

Ir para São Paulo, no entanto, era desejo antigo. A vontade era reforçada periodicamente pelas visitas de conhecidos que voltavam para rever as famílias no interior da Bahia. Lima recorda-se que era um acontecimento ver “chegar um baiano (...) metido num terno bacana e gravata. Naquele tempo [em São Paulo], tinha que usar mesmo”. Aquilo chamava a atenção das “garotas, enquanto nós, lá, tínhamos que sair naquela roupinha. Isso aí trouxe um bocado de vontade humana do caboclo correr para São Paulo”. As histórias sobre a cidade, sua

grandiosidade, a abundância de trabalho, as opções de lazer, tudo isso também seduzia Lima. Lembra-se de um conhecido, de nome Evelino, contando as excursões para Santos, da bela viagem de trem pela Serra do Mar. A primeira vez que tirou férias, já em São Paulo, Augusto Lima repetiria Evelino e passearia de trem para o litoral santista.

Com o dinheiro economizado do salário na ferrovia, Lima comprou sua passagem para São Paulo. Era um caminhão, o famoso pau-de-arara. De tão lotado, foi necessário amarrar três tábuas para fora do veículo. E foi assim que, durante 11 dias, viajou para a capital paulista.

Vindo pela estrada Rio-São Paulo, a única existente à época, a primeira parada na cidade era na igreja de São Miguel Paulista. Tendo um conhecido na região, com o qual havia mantido contato, Lima pegou sua “mala de papelão”, jogou seu “patuá nas costas” e desceu ali mesmo. Pisava pela primeira vez no bairro onde moraria desde então, vislumbrando ao longe as chaminés da Nitro Química, fábrica onde trabalharia durante os 37 anos seguintes.²

As trajetórias de Artur e Augusto não são incomuns. Na verdade, são relatos de experiências similares de milhões de brasileiros e brasileiras. A grande migração de trabalhadores das regiões rurais para as cidades foi um dos fatos marcantes da história social brasileira na segunda metade do século XX. A região metropolitana de São Paulo (como principal receptora) e o Nordeste (como região de origem de grande parte dos migrantes) possuem papel central nesse processo.³ A figura do trabalhador nordestino escapando da fome, miséria e, periodicamente, das secas, chegando à metrópole industrial em busca de emprego e melhores condições de vida

¹ Informações retiradas do depoimento de Artur Pinto de Oliveira concedido ao autor. Cópias das transcrições de todos os depoimentos citados nesta tese podem ser encontradas na Biblioteca Adelço de Almeida do Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo.

² Informações retiradas do depoimento de Augusto Ferreira Lima concedido ao autor.

³ Isso, de forma alguma, significa menosprezar a importância da migração de mineiros (durante anos, foi o estado de origem da maior parte dos migrantes para São Paulo e sempre manteve um intenso fluxo de migração) ou de trabalhadores do interior paulista. Além disso, cidades como Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza, Volta Redonda e regiões como o norte do Paraná e a amazônica constituíram-se como importantes receptores de trabalhadores do interior nordestino. Dados sobre as correntes migratórias de vários estados brasileiros para o município de São Paulo entre 1900 e 1970 podem ser vistos em Daniel Hogan e Manoel Berlinck. *O desenvolvimento econômico do Brasil e as migrações internas para São Paulo: uma análise histórica*. Campinas, Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp, 1974, p. 28.

tornou-se um símbolo da migração no imaginário social brasileiro. São Paulo transformou-se no local de moradia e emprego para milhões de migrantes nordestinos.

‘A febre da época’

Embora possa ser considerado um fenômeno antigo,⁴ a migração de trabalhadores de outros estados brasileiros para São Paulo foi incrementada nos anos 30, quando passou a ser oficialmente estimulada. O acentuado decréscimo da imigração estrangeira desde a década anterior, agravado ainda mais com a fixação de quotas restritivas estipuladas pela Constituição de 1934, aparentemente ampliou o problema da necessidade de mão-de-obra para as plantações de café. Esta, expandida geograficamente para as regiões da Alta Paulista, Alta Araraquense e norte do Paraná, exigia crescentes contingentes de trabalhadores para os cafezais em formação. Também o crescimento da cultura de algodão no estado demandava um número maior de ‘braços para a lavoura’, expressão comum à época.

Em 1935, o então governador paulista, Armando Salles de Oliveira, iniciou gestões e contratos com empresas particulares que começaram a atuar no norte de Minas Gerais e no Nordeste agenciando e promovendo a vinda de trabalhadores e trabalhadoras rurais para São Paulo. A antiga política de subsídios à migração foi retomada e redirecionada aos trabalhadores nacionais, como eram genericamente chamados os migrantes mineiros e nordestinos.

Com a criação, durante a interventoria de Adhemar de Barros em 1939, da Inspetoria de Trabalhadores Nacionais (ITN), órgão ligado ao Departamento de Imigração e Colonização (DIC), o próprio governo do Estado passou a assumir a responsabilidade pela contratação e transferência dos trabalhadores, substituindo companhias especializadas, que tornaram-se

⁴ O governo do Estado de São Paulo calculava uma média anual de 3.392 migrantes nacionais recebidos entre 1910 e 1919, com um grande incremento na década seguinte para 22.518. Cf. as respostas dadas pelo governo paulista ao

famosas no interior do país como agenciadoras de mão-de-obra, tais como a Cia. Itaquerê, a F. Sodré Filho, a Cia. de Agricultura, Imigração e Colonização, entre outras.⁵

As cidades mineiras de Montes Claros e Pirapora, ambas terminais ferroviários da E.F. Central do Brasil, tornaram-se os grandes pontos de concentração dos trabalhadores nordestinos e mineiros que dirigiam-se ao estado de São Paulo. Escritórios da ITN foram estabelecidos nestas duas cidades e neles processava-se a seleção de trabalhadores e o fornecimento de passagens para a capital paulista, onde eram alojados na Hospedaria dos Imigrantes e, posteriormente, enviados para as fazendas no interior do estado. Humberto Dantas, funcionário da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio paulista, observava em 1941 que “de um modo geral, para Pirapora convergem os que se escoam pelo São Francisco, embarcados ou a pé, seguindo o eixo desse rio (...) indivíduos migrantes vindos (...) [do] Piauí, Ceará, Pernambuco, Sergipe e Alagoas”. Já Montes Claros, principal ponto de concentração daqueles que procuravam o sul do país, atraía, “além dos que habitam o norte de Minas, os trabalhadores provenientes de uma vasta região central da Bahia”.⁶

Foi justamente para Montes Claros que Geraldo Rodrigues de Freitas, então com 16 anos, dirigiu-se em fevereiro de 1939. Vários de seus primos haviam saído da pequena vila mineira de Salinas, quase na divisa com a Bahia, para trabalhar nas lavouras paulistas. De volta à cidade natal, deixaram o jovem Geraldo impressionado. “Quando eles voltaram”, recorda-se, estavam com “a boca toda cheia de ouro ... Eles davam risada e você via o ouro clarear”. Para ele, esta era

questionário expedido pela Coordenação de Imigração Dirigida do Conselho de Imigração e Colonização e publicadas na *Revista de Imigração e Colonização*, ano IX, n. 2, junho de 1948.

⁵ Cf. Afonso Celso Miranda e Silva. “Departamento de Migrantes” in Juarez Segalin e Jacyr Braidó (coord.). *Anais da Semana de Estudos Migratórios (6 a 11 de julho de 1970)*. São Paulo, Centro de Estudos Migratórios, 1970; o jornal *O Migrante*, maio e junho de 1978, p. 11; e Santa Helena Bosco e Antônio Jordão Netto. *Migrações: estudo especial sobre as migrações internas para o Estado de São Paulo e seus efeitos*. São Paulo, Departamento de Imigração e Colonização da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1967. Para uma análise mais detalhada da migração interna para o interior paulista nos anos 30 e 40 e a constituição da ITN, cf. Odair da Cruz Paiva. *Caminhos cruzados. A migração para São Paulo e os dilemas da construção do Brasil moderno nos anos 1930/50*. São Paulo, Tese de Doutorado, Departamento de História, FFLCH-USP, 2000, particularmente a parte II, pp. 85-157.

a comprovação de que São Paulo era uma “maravilha” e deixou-o “naquele alvoroço para vir embora”. Ajudado e acompanhado por um de seus primos, “que já havia estado no interior [de São Paulo], em Pompéia”, Freitas convenceu seus pais e partiu em um caminhão para Montes Claros onde

“dormimos do lado de fora da estação, porque não tínhamos dinheiro para pagar [a pensão]. (...) Quando foi de manhã, a gente foi dar os nomes e pegar a migração [o trem subvencionado para São Paulo], mas eles disseram que nós não podíamos vir de migração porque Minas ainda estava bem, que quem estava vindo mais eram os baianos (...). Como meu primo já tinha vindo aqui para São Paulo, era mais ou menos ativo e não era bobo, [ele decidiu sair e voltar mais tarde]. Como ninguém conhecia a gente, quando voltamos, nos perguntaram ‘de onde vocês são?’ e meu primo falou: ‘Nós somos de Caculé, na Bahia’, (...) aí liberou o passe para nós. (...) No outro dia cedo nós pegamos o trem e chegamos no Brás, aqui [em São Paulo]. O trem parece que levou dois dias de [Minas Gerais] até aqui [São Paulo]”.⁷

Já o baiano Jorge Gonçalves Lula, nascido em Santa Maria da Vitória na região de Bom Jesus da Lapa, “pegou a migração” em Pirapora. Em janeiro de 1937, o jovem Jorge, então com 13 anos estava acompanhado do pai, mãe, parentes e mais seis irmãos. Seu pai, juntamente com alguns tios, já viera trabalhar cinco vezes nas lavouras paulistas e decidira que era hora de transferir toda a família. Jorge Lula recorda-se quando todos os pertences da família foram vendidos “por cinco mil réis” e eles embarcaram no vapor São Francisco para uma desgastante

⁶ Humberto Dantas, “Movimentos de migrações internas em direção ao planalto paulista”, *Boletim do Serviço de Imigração e Colonização*, n.3, março de 1941, pp. 81-83.

⁷ Depoimento de Geraldo Rodrigues de Freitas, morador em São Miguel Paulista desde 1947, concedida ao autor em 3/8/2000. Note-se que não é por acaso que o primo de Geraldo Freitas ao mentir sobre sua procedência para os funcionários da ITN indicou a cidade baiana de Caculé. Segundo dados da Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, 12.774 habitantes desta localidade dirigiram-se para a capital paulista entre 1936 e 39, o que representava a impressionante marca de 53% da população local. Cf. Humberto Dantas, “Movimentos...”, p. 79. Em 1952, o município de Caculé continuaria a ser uma das principais regiões de origem dos migrantes baianos. Somente naquele ano, 8.096 pessoas deixaram a cidade. Cf. T. Pompeu Accioly Borges. *Migrações internas no Brasil*. Rio de Janeiro, Comissão Nacional de Política Agrária, 1955, quadro X.

viagem de dez dias até Pirapora. Lá chegados, receberam “um saquinho de farinha e alguns pedaços de rapadura” e embarcaram para São Paulo, onde trabalhariam na lavoura de algodão na região de Bauru por quase vinte anos.⁸

Na capital paulista, entretanto, tanto Jorge e sua família, quanto, dois anos depois, Geraldo e seu primo seriam encaminhados para a Hospedaria dos Imigrantes no bairro do Brás. O antigo centro de recepção dos imigrantes europeus destinava-se agora principalmente aos migrantes nacionais, que de lá eram maciçamente encaminhados para as fazendas no interior paulista. Entre 1935 e 1939, por exemplo, dos 285.304 trabalhadores e trabalhadoras que entraram na Hospedaria, nada menos que 96,3% (ou seja, 274.579) eram brasileiros (dos quais 130.063 vindos da Bahia e 68.131 de Minas Gerais), restando apenas 10.725 estrangeiros (3,7% do total).⁹

Embora durante a Segunda Guerra Mundial tenha havido uma ligeira queda do número total de migrantes de outros estados para São Paulo,¹⁰ este fluxo migratório continuou alto e avolumou-se sobremaneira a partir de 1946. A migração para as regiões agrícolas em fase de expansão no oeste paulista e norte do Paraná continuaria elevada por todo o período. A maioria dos cerca de um milhão e seiscentos mil trabalhadores que, entre 1946 e 1960, passou pela Hospedaria no bairro paulistano do Brás tinha essas zonas rurais como destino, ao menos inicial.¹¹ “Em 1950, por exemplo”, anotou o pesquisador José Francisco de Camargo, “dos

⁸ Depoimento de Jorge Gonçalves Lula, morador de São Miguel Paulista desde 1956, concedida ao autor em 21/6/2000.

⁹ Cf. *Revista do Arquivo Municipal*, ano VII, volume LXXV, abril de 1941, p. 147.

¹⁰ Segundo o levantamento da Comissão Nacional de Política Agrária compilado por Accioly Borges em 1955, entre 1941 e 1945, 152.507 trabalhadores nacionais entraram no estado de São Paulo, representando uma queda de cerca de 70% no número de baianos e de 50% de mineiros em relação ao quinquênio anterior. Cf. T. Pompeu Accioly Borges. *Migrações internas...* Certamente o segundo *boom* da borracha na Amazônia desencadeado pela guerra canalizou parte da migração, especialmente nordestina, para aquela região. Cerca de 100 mil nordestinos migraram para a região Norte na década de 40. Cf. Cornélia Porto, Iraci da Costa e Nelson Nozoe. *Movimentos migratórios no Brasil e seus condicionantes econômicos (1872-1980)*. São Paulo, Convênio Finep/Fipe, 1987 (mimeo.).

¹¹ Cálculo feito a partir da tabela 8 elaborada por Douglas Graham e Sérgio Buarque de Holanda Filho. *Migration, regional and urban growth and development in Brazil: a selective analysis of the historical record:1872-1970*. São Paulo, IPE/USP, 1971.

100.123 trabalhadores nacionais chegados a São Paulo, foram encaminhados [pela Hospedaria] para a lavoura 97.757, permanecendo os demais na capital”.¹²

Entretanto, foi a migração para as áreas urbanas um dos grandes fenômenos sociais e demográficos brasileiros no pós-guerra. Entre 1950 e 1980, estima-se que mais de 38 milhões de pessoas saíram do campo, alterando profundamente o perfil sócio-econômico do país.¹³

Certamente na cidade de São Paulo a velocidade desse processo impressiona. Nos 20 anos que separam 1950 de 1970, a capital paulista triplicou seu tamanho enquanto que, no mesmo período, a população de origem nordestina cresceu dez vezes. Desta forma, o censo em 1970 já apontava que a grande São Paulo, dentre as nove maiores regiões metropolitanas do país, era a que apresentava a maior concentração de população migrante. O censo de 1970 também apontava que quase 70% da população economicamente ativa da cidade havia passado por algum tipo de experiência migratória.¹⁴

Os anos 50 foram, provavelmente, o momento no qual o impacto da migração interna foi mais acentuado. Pela primeira vez na cidade de São Paulo o número de migrantes de outras regiões ultrapassava o das pessoas vindas do interior do estado. No final daquela década, de cada

¹² Cf. José Francisco de Camargo. *A cidade e o campo: o êxodo rural no Brasil*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1968, p. 38. É importante notar, no entanto, que os registros da Hospedaria dos Imigrantes estão longe de cobrir o total do fluxo de migrantes nacionais para São Paulo, já que as migrações “por conta própria”, feitas através de contatos pessoais, passaram a ser cada mais importantes, não sendo registradas pelas estruturas oficiais do Serviço de Imigração.

¹³ Cf. Carlos A. Hasenbalg. *A pesquisa... O chamado êxodo rural teve semelhante impacto em outros países da América Latina e asiáticos no mesmo período. Estanislau Fischlowitz, por exemplo, estima a transferência de 26 milhões de trabalhadores rurais para as cidades latino-americanas entre 1945 e 1959. Cf. Estanislau Fischlowitz. Principais problemas da migração nordestina*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1959, p. 26. Para a Ásia, José Pastore cita estudos que calculam a transferência de 9 milhões de indianos das zonas rurais para urbanas entre 1941 e 1951 e de 20 milhões de chineses entre 1941 e 1956. Cf. José Pastore. “Migração, mobilidade social e desenvolvimento econômico”, *Ciências Econômicas e Sociais*, vol. 6, n.1, 1971, p. 62. Eric Hobsbawm vê no declínio da população rural “a mudança social mais impressionante e de longo alcance da segunda metade deste século [XX]”. Cf. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo, Cia. das Letras, 1995, pp. 282-289.

¹⁴ Cf. Francisco Weffort. “Nordestinos em São Paulo: notas para um estudo sobre cultura nacional e cultura popular”, in José Valle Edênio (org.). *A cultura do povo*. São Paulo, Cortez e Instituto de Estudos Especiais, 1988, p. 17 e Eder Sader. *Quando novos...*, p. 88.

dez pessoas que chegavam à capital, sete eram de fora do estado de São Paulo.¹⁵ A cidade recebeu quase um milhão de novos habitantes no período, representando aproximadamente 60% do crescimento do município na década.¹⁶ Os trabalhadores oriundos dos estados nordestinos compunham a grande maioria dos recém-chegados e empregavam-se em massa nos variados ramos da indústria e serviços em franca expansão na região metropolitana.

De fato, a zona metropolitana de São Paulo nos anos 50 foi o palco de um acelerado e diversificado processo de industrialização e urbanização. A região foi a principal responsável pela elevada taxa de crescimento industrial do país. Entre 1945 e 1960, o setor secundário no Brasil cresceu em média 9,5% ao ano, constituindo-se em um dos mais acentuados processos de industrialização no período em todo o mundo. Em 1959, quase 50% de todo o emprego fabril do país estava concentrado no estado de São Paulo.¹⁷ Adicionalmente, o crescimento industrial paulista estimulou uma grande expansão do setor de serviços na região, ampliando ainda mais a oferta de empregos e possíveis oportunidades.

Neste contexto, as cidades fabris, particularmente São Paulo, passaram a atrair milhares de trabalhadores nordestinos. Como acima descrito pelo operário baiano Artur Pinto de Oliveira, São Paulo tornou-se a “febre da época”, a “Meca, por excelência, dos migrantes”.¹⁸ Para estes, o prestígio da cidade estava fortemente associado à expectativa de encontrar empregos de maneira relativamente fácil e, além disso, ter uma remuneração melhor. Sem dúvida, as diferenças salariais entre o campo nordestino e as grandes cidades industriais do Sudeste eram bastante significativas. Luís Fernando Maria Teixeira, funcionário do Departamento Nacional de

¹⁵ Cf. Maria Judith de Brito Muszynski. *O impacto político das migrações internas: o caso de São Paulo (1945-1982)*. São Paulo, Idesp, 1986, p. 23.

¹⁶ Cf. Manoel Berlinck e Daniel Hogan. “Migração interna e adaptação na cidade de São Paulo: uma análise preliminar” in *Anais do I Simpósio de Desenvolvimento Econômico e Social: Migrações Internas e Desenvolvimento Regional*. Belo Horizonte, Cedeplar-UFMG, 1972, p.12.

¹⁷ Cf. Renato Colistete. *Labour relations and industrial performance in Brazil: Greater São Paulo, 1945-1960*. Oxford, Tese de Doutorado, St. Antony’s College, 1998, p. 26.

¹⁸ Cf. T. Pompeu Accioly Borges. *Migrações Internas...*, p. 25.

Imigração, ilustrava essa assimetria nas remunerações com um exemplo por ele estudado no Serviço de Encaminhamento de Trabalhadores no Rio de Janeiro em 1949.

“No Nordeste, J.B.S., em atividade agrícola como jornaleiro, recebe 10 cruzeiros por dia, de sol a sol, no eito. Do Rio, chega-lhe uma carta do compadre solteiro, revelando o seguinte: o ajudante de pedreiro (...) ganha 43 cruzeiros, trabalhando das 7 às 16 horas, com uma hora para o almoço”.¹⁹

Para além dos salários, a expectativa de receber os direitos trabalhistas, ausentes nas relações de trabalho na zona rural, foi outro fator considerado importante pelos migrantes. Entrevistado em São Paulo no início dos anos 50, um trabalhador baiano resumia assim as diferenças entre o trabalho em sua terra natal e em São Paulo:

“trabalhar para os outros lá [na Bahia] não é bom, porque a gente não tem garantia como aqui [em São Paulo]. Aqui o ordenado é melhor e o patrão cumpre a obrigação”.

A expectativa de adquirir direitos que lhes eram negados no campo tinha um apelo enorme para os migrantes que se dirigiam para as grandes cidades industriais do centro-sul brasileiro. Para muitos, significava escapar da sujeição e exploração a que estavam submetidos nas áreas rurais e, neste sentido, a migração teve papel destacado para “erodir os poderes dos grandes proprietários rurais” nordestinos.²⁰

Por fim, a associação da cidade com toda uma série de benefícios urbanos, particularmente nas áreas de educação e saúde também eram salientados pelos migrantes. “Na Bahia”, lembrava uma mãe de família também entrevistada no início da década de 50, “não se

¹⁹ Luís Fernando Maria Teixeira, “O desajuste e a recuperação do trabalho rural”, *Revista de Imigração e Colonização*, Ano X, janeiro-dezembro de 1949, p. 265. Segundo Celso Furtado, em 1955 a “renda *per capita* na região paulista era (...) 4,7 vezes mais alta do que a da região nordestina”. Cf. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 11^a ed., 1972, p. 239.

²⁰ Cf. Afrânio Garcia e Moacir Palmeira. “Rastros de casas-grandes e senzalas: transformações sociais no mundo rural brasileiro durante o século XX” in Ignacy Sachs, Jorge Wilhelm e Paulo Sérgio Pinheiro (org.). *Brasil: um século de transformações*. São Paulo, Cia. das Letras, 2001.

pode dar boa educação aos filhos. A escola fica longe. Aqui [em São Paulo] há mais facilidades”.²¹ As estatísticas comprovavam a experiência dos trabalhadores. Em 1950, enquanto em todo interior da Bahia existiam apenas 1.790 leitos hospitalares, estes passavam dos 12.300 somente na capital paulista.²²

Emprego, salários mais elevados, direitos trabalhistas, maior infra-estrutura hospitalar e educacional compunham um cenário deveras atrativo. Paulatinamente, ganhava fôlego a imagem de que a vida em São Paulo seria ‘mais fácil’, ainda mais se comparada com as difíceis circunstâncias que os trabalhadores rurais nordestinos enfrentavam no período.

Após a Segunda Guerra Mundial a economia agrícola no Nordeste defrontou-se com grandes dificuldades. Uma estrutura agrária secularmente baseada no latifúndio, com baixo grau de produtividade, parecia dar sinais de esgotamento e mostrava-se incapaz de acompanhar o desenvolvimento do centro-sul do país. À dificuldade de acesso a terra por parte de milhões de trabalhadores no campo, somava-se a crise dos tradicionais sistemas de arrendamento e parceria e um crescente processo de concentração fundiária, dificultando sobremaneira as condições de sobrevivência da população pobre em geral. “A gente já não encontra terra para arrendar; a Usina toma conta de tudo”, argumentava um migrante nordestino, entrevistado em São Paulo no início dos anos 50, e arrematava, justificando assim sua transferência para a capital paulista: “como é que um homem vai sustentar sua família?”.²³

Não à toa, a zona rural nordestina ao longo deste período foi consolidando uma imagem de ‘atraso’ e de obstáculo ao desenvolvimento do país entre grande parte da intelectualidade e das forças políticas. Superar o subdesenvolvimento passaria, portanto, pela resolução desta questão. É

²¹ Citações retiradas do artigo de Celeste Souza Andrade. “Migrantes nacionais no Estado de São Paulo”, *Sociologia*, vol. XIX, n.2, Escola de Sociologia e Política, maio de 1952, pp. 125 e 126.

²² Cf. Maria José Villaça. *A força de trabalho no Brasil*. São Paulo, Pioneira e Edusp, 1967, p. 248.

²³ Cf. Celeste Souza Andrade. “Migrantes nacionais...”, p. 123.

neste contexto que se apresentaram as várias propostas em torno da reforma agrária, particularmente presentes no debate político dos anos 50 e 60.²⁴

As formas de apropriação da terra, os regimes de trabalho e estrutura agrária nordestina na segunda metade do século XX eram, sem dúvida, um poderoso estímulo à migração. Tais fatores somados às elevadas taxas de crescimento vegetativo compunham um quadro de fortes pressões demográficas em várias regiões do Nordeste.²⁵

Nesta conjuntura, as recorrentes secas ocorridas no período constituíam um elemento adicional importante de incentivo às migrações. Duas grandes estiagens (em 1951/52 e em 1958) assolaram o sertão nordestino na década de 50. Não por acaso, estes foram momentos de pico no número de migrantes do Nordeste dirigindo-se para São Paulo. A possibilidade da seca era fortemente levada em consideração por muitos trabalhadores nordestinos em sua decisão de migrar, particularmente na região conhecida como ‘Polígono das Secas’.²⁶ A maior concentração de migrações entre os meses de março e agosto pode, assim, ser explicada pela espera da chuva (o ‘inverno’ no Nordeste) até meados de março por parte do trabalhador agrícola nordestino. Um migrante recém-chegado a São Paulo em abril de 1951 explicava que em sua região se a época das chuvas não chegasse até 19 de março, não haveria ‘inverno’ naquele ano e a seca seria certa.²⁷

A saída migratória não era novidade para grande parte da população sertaneja nordestina.

Migrações sazonais do sertão e do agreste para a colheita, corte e moagem da cana nas usinas da

²⁴ Sobre o debate em torno da reforma agrária nos anos 50 e 60 ver Leonilde Sérvo de Medeiros. *História dos movimentos sociais no campo*. Rio de Janeiro, Fase, 1989; Rudá Ricci. *Terra de ninguém*. Campinas, Edunicamp, 1999 e Cliff Welch. *The seed was planted. The São Paulo roots of Brazil's rural labor movement (1924-1964)*. Pennsylvania, Pennsylvania State University Press, 1999.

²⁵ Para uma análise das pressões demográficas no Nordeste, ver Bertha Becker. “As migrações internas no Brasil: reflexo de uma organização do espaço desequilibrada” in *Revista Brasileira de Geografia*, n. 2, ano 30, abril/junho de 1968. Segundo esta autora, as taxas de natalidade nordestinas giravam em torno de 42-48/1000, sendo uma das mais elevadas do país.

²⁶ A definição do ‘Polígono das Secas’ nos anos 50 obedecia às demarcações da lei n. 1346 de 1951, segundo a qual a área do ‘polígono’ era de 4.940 km², “compreendendo quase todo o Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco; 50% de Alagoas, Sergipe e Bahia e parte de Minas Gerais”. Cf. Edison Nunes. *Algumas notas sobre o Nordeste brasileiro: a terra, o homem, secas*. São Paulo, Cedec, agosto de 1978, p. 9 (mimeo.).

Zona da Mata (cujos trabalhadores eram conhecidos como ‘corumbas’) eram constatadas desde antes dos anos 1930. Transferências temporárias ou definitivas do campo para pequenas e médias cidades e migrações regionais no interior do próprio Nordeste também foram relativamente comuns, inclusive para áreas industriais, como no caso da Cia de Tecidos Paulista em Pernambuco. Mesmo as migrações de longa distância não eram completamente inéditas para muitas famílias nordestinas. Tanto no final do século XIX e início do XX, quanto no período da Segunda Guerra Mundial, milhares de trabalhadores nordestinos moveram-se para as zonas dos seringais da região amazônica trabalhando na extração do látex, matéria-prima da borracha.²⁸ Referindo-se a um suposto ‘nomadismo nordestino’, o intelectual Souza Barros lembrava a antiguidade da reputação:

“Fama, criaram, cedo, os nordestinos, principalmente cearenses e pernambucanos, como gente migradora e irrequieta, chamados por muitos, sobretudo os primeiros, de judeus do Brasil”.²⁹

‘Eu penei, mas aqui cheguei’³⁰

A inauguração da rodovia Rio-Bahia em 1949 diminuiu em muito as antigas dificuldades de deslocamento entre o Nordeste e as regiões ao sul do país. A melhoria do sistema rodoviário no país na década de 50, particularmente nas linhas de carga, teve, assim, significativa importância para o incremento do processo migratório neste período e as estradas de rodagem

²⁷ Cf. Celeste Souza Andrade. “Migrantes nacionais...”, p. 117.

²⁸ Cf. Manoel Correia de Andrade. *A terra e o homem no Nordeste*. São Paulo, Brasiliense, 1964, p. 112; Marilda Aparecida de Menezes. *Trajetórias migratórias na região Nordeste do Brasil*. Campina Grande, UFPb, 1999, p. 7 (texto datilografado) e Souza Barros. *Êxodo e fixação. Sugestões para uma política de colonização e aldeamento no Nordeste*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1953, p. 36. Sobre as migrações para a Cia. de Tecidos Paulista, ver José Sérgio Leite Lopes. *A tecelagem ...* e Rosilene Alvim. *A sedução da cidade. Os operários-camponeses e a fábrica dos Ludgreen*. Rio de Janeiro, Graphia, 1997. Sobre a migração de nordestinos para a Amazônia, cf. Celso Furtado. *Formação Econômica...*, pp. 127-135 e Estanislau Fischlowitz. *Principais problemas...*, pp. 43-44.

paulatinamente passaram a ser o meio mais utilizado para a migração. Assim, se em 1950 apenas 12% dos migrantes entraram em São Paulo por rodovias, em 1952 este índice já havia crescido para 38%.³¹

Apesar disso, o transporte ferroviário a partir das estações terminais do norte de Minas Gerais continuou sendo largamente utilizado como via migratória naqueles anos. A chegada do famoso ‘trem baiano’ com o desembarque de centenas de migrantes tornou-se cena corriqueira na Estação Roosevelt, a ‘estação do Norte’, no bairro Brás. Um cinegrafista da TV Tupi captou uma dessas chegadas em 1960. As imagens mostram um trem muito lotado e o desembarque de homens, mulheres e crianças carregando característicos sacos e malas de papelão. Jornalistas do diário paulista *Última Hora* também acompanharam uma destas viagens no ‘trem baiano’ em 1958 e constataram as terríveis condições daquelas viagens de vários dias. Vagões completamente cheios, com mais que o dobro de passageiros oficialmente permitidos, sujeira e péssimas condições de conservação das composições, casos de intoxicação com a alimentação fornecida, ação de ‘muambeiros’ inescrupulosos e morte de crianças eram algumas das dificuldades dos migrantes que os jornalistas presenciaram.³²

Entretanto, foram os caminhões conhecidos como ‘paus-de-arara’ que se transformaram no símbolo emblemático do transporte das trabalhadoras e trabalhadores nordestinos para o Sul do país, chegando o termo a servir como alcunha para os próprios migrantes. Muitos dos caminhões que realizavam o transporte de mercadorias de São Paulo e Rio para os estados ao norte do país, voltavam carregando pessoas em condições bastante precárias. Sentadas em pranchas colocadas transversalmente na carroceria dos veículos (como num ‘poleiro’, daí a

²⁹ Souza Barros. “Nordestinos, pioneirismo e emigração”, *O Observador Econômico e Financeiro*, ano XXI, n. 250, dezembro de 1956.

³⁰ Retirado da letra do baião *Pau-de-Arara* composto por Guio de Moraes e Luiz Gonzaga.

³¹ Cf. T. Pompeu Accioly Borges. *Migrações internas...*, p. 16.

³² As cenas (sem áudio) da TV Tupi podem ser vistas no acervo da Cinemateca Brasileira (SP). Cf. Base Tupi, 4/7/1960, NE11802.11-VV15054N. As matérias sobre o ‘trem baiano’ foram publicadas no jornal *Última Hora* entre 7 e 12 de julho de 1958.

denominação dada à condução), os viajantes cruzavam milhares de quilômetros durante dias em uma situação absolutamente desconfortável e perigosa. Analisando as viagens de paus-de-arara naquele período, Marcos Vinícios Vilaça relatava as agruras dos migrantes:

“As condições de higiene dessas travessias são precaríssimas e com dois dias de viagem a fedentina torna-se insuportável com o fedor do cocô e mijo dos nenens. Os adultos atendem às necessidades fisiológicas ‘indo no mato’ nas paradas de três em três horas e nos postos de abastecimento (...) Quando ‘vão ao mato’, os homens entram pela margem esquerda da estrada e as mulheres pela direita, como se convencionava. Viajam cerca de 50 pessoas, sendo que condutores desabusados chegam até a pôr 100 pessoas sobre o lastro da carroceria, onde comem farinha de mandioca, bolacha e rapadura. Fora disso, os que têm um pouco mais de dinheiro sofrem explorações nos botequins de beira de estrada”.³³

À precariedade da viagem somava-se o risco de acidentes, fartamente relatados nos jornais do período. Registrando o capotamento “espetacular de um caminhão lotação que transitava pela Via Dutra, transportando cerca de 40 nordestinos”, o matutino paulistano *A Hora* afirmava ser comum acidentes com ‘paus-de-arara’, “veículos impróprios para essas longas jornadas” e que “geralmente capotam no caminho, agravando a situação daqueles pobres homens que tiveram a infelicidade de nascerem no deserto nordestino”.³⁴

Apesar das precárias condições de viagem que ofereciam e de sua proibição pela legislação, os caminhões ‘paus-de-arara’ proliferavam nos caminhos entre o Nordeste e o Sudeste do país. Dados sobre o movimento de migrantes na estrada Rio-Bahia em 1954, por exemplo,

³³ Marcos Vinícios Vilaça. *Em torno da sociologia do caminhão*. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais - Ministério da Educação e Cultura, 1961, pp. 147 e 148.

³⁴ *A Hora*, 22 de dezembro de 1954.

mostram que quase 60% do transporte de passageiros no sentido norte-sul era feito através de caminhões.³⁵

Os donos dos caminhões ‘pau-de-arara’ tinham um papel fundamental no agenciamento de trabalhadores no interior nordestino. Contando as vantagens do mercado de trabalho e das cidades industriais do sudeste ou da zona rural paulista e paranaense, muitos chegaram a trabalhar diretamente para fazendeiros, industriais ou agências especializadas em São Paulo. Era comum a contratação de caminhões para transporte de migrantes por parte de agenciadores profissionais ou capatazes enviados especialmente para a arregimentação de trabalhadores.

Nas cidades do interior nordestino, passando pelos entrepostos de Montes Claros e Pirapora, e chegando até a estação Roosevelt e suas imediações, um verdadeiro exército de agenciadores procurava seduzir e, no mais das vezes, tirar vantagens sobre os trabalhadores rurais migrantes. Notícias sobre a “gang insaciável” de agentes que “ilude e explora os nordestinos” proliferavam na imprensa paulista nos anos 50. Também na Assembléia Legislativa, parlamentares preocupavam-se com a questão. Relatando o caso de Francisco Pires Praciano, agenciador que “havia seduzido 119 nordestinos com propostas de trabalho e condições de vida a enfrentar a marcha para o sul, viajando nos já tristemente célebres ‘pau-de-arara’, o deputado Carlos Kherlakian parecia indignar-se com os “detalhes vergonhosos que envolvem o tráfico de nordestinos”.³⁶

A comparação com a viagem de africanos escravizados presente acima no depoimento de Artur Pinto de Oliveira (“era como um navio negreiro dos escravos africanos”) não foi apenas uma reelaboração de sua memória. As péssimas condições da jornada e a ação dos agenciadores fizeram com que muitos, já naquele período, tecessem comparações entre a migração e o tráfico de africanos para o Brasil. Assim, o mesmo deputado Kherlakian afirmava em 1959 que “nossos

³⁵ Cf. dados da Divisão de Estatística do Instituto Nacional de Imigração e Colonização publicados na *Revista de Imigração e Colonização*, Ano XIV-XVI, nova fase, 1955.

irmãos do Nordeste revivem hoje tristes histórias do tempo da escravatura”; Renato Gonçalves Martins, diretor da divisão de terras e colonização do Ministério da Agricultura, lembrava em 1952 que desde a ida para a Amazônia no início do século, os nordestinos deslocavam-se em “verdadeiros ‘navios negreiros’”; já o repórter do jornal *A Hora*, ao comentar o incremento do fluxo de ‘paus-de-arara’ para São Paulo em 1956, denominava os nordestinos de “nova casta de escravos”. Mas também, em determinadas circunstâncias, os próprios migrantes julgaram-se em situação de escravidão. Entrevistado em sua viagem de volta para sua terra natal no sertão nordestino, Gilberto José Santana, que havia trabalhado em fazendas do interior paulista, afirmava: “no sul fomos tratados como escravos brancos, com um regime de trabalho que jamais imaginamos que pudesse existir”.³⁷

Tirante algumas doses de exagero nas comparações, é certo que a associação entre migração nordestina e escravidão, no que toca ao sofrimento e dificuldades comuns às duas situações, foi uma das imagens mais fortemente disseminadas naquele período. O poeta Patativa do Assaré em sua toada *A triste partida*, sobre trabalhadores migrantes nordestinos deslocando-se para São Paulo, reforçava essa visão e ampliava a semelhança também para a situação dos nordestinos em sua terra natal:

“faz pena o nortista
tão forte e tão bravo
vivê como escravo
no Norte e no Sul”.³⁸

³⁶ *Última Hora*, 26 de março de 1958; e *Atas da Assembléia Legislativa de São Paulo*, 9ª Sessão Ordinária, 2 de abril de 1959.

³⁷ Cf. *Atas da Assembléia Legislativa de São Paulo*, 9ª Sessão Ordinária, 2 de abril de 1959; *Revisa de Imigração e Colonização*, ano XIII, n.1, 1952, p. 151; *A Hora*, 6 de março de 1956 e *Última Hora*, 9 de julho de 1958.

³⁸ Patativa do Assaré. *A triste partida*. Considerando toda as diferenças de contexto histórico, Sidney Chalhoub chamou minha atenção para algumas interessantes semelhanças entre o tráfico de escravos do Nordeste para São Paulo no século XIX e a migração interna no XX. Os escravos “bairanos” eram considerados perigosos e violentos e geraram forte temor nas elites paulistas. A comparação entre os navios negreiros e as viagens de paus-de-arara também poderia nos surpreender com semelhanças inesperadas, particularmente em relação à criação de laços de

As péssimas condições de transporte e viagem enfrentados por grande parte dos migrantes nordestinos tiveram papel importante na composição deste imaginário. Trens abarrotados, paus-de-arara, vários dias de jornada em circunstâncias precárias, todos estes fatores compunham uma dramática imagem dos migrantes em busca da ‘terra prometida’ paulista.

Para os imigrantes estrangeiros o traslado de suas pátrias para o Brasil, em geral um deslocamento marítimo transatlântico, constitui um momento marcante em suas vidas, sendo comum que detalhes da jornada sejam recordados e narrados com grande minúcia muitos anos depois.³⁹ De forma semelhante, para o migrante nacional a dura viagem de vários dias e milhares de quilômetros para São Paulo tem grande importância e também costuma ser lembrada em detalhes por seus protagonistas.

Mas não são apenas as precariedades e dificuldades da jornada que são recordadas. A viagem também era um espaço de interação com outros migrantes. Em circunstâncias tão adversas, tanto a carroceria do pau-de-arara, quanto o vagão do trem eram muitas vezes espaços de sociabilidade e ajuda mútua, de formação de amizades e relacionamentos e de troca de informações sobre a nova realidade por chegar. Marcos Vilaça, observando o comportamento dos viajantes nos paus-de-arara, chamava a atenção para como estes, ao longo da viagem, não mais separavam “os seus bodes (sacos com alimentos) tornando-se comunitários às refeições”. Constatou o espaço para brincadeiras, como no caso do ‘jogo do jegue’, que consistia “em saber qual o grupo vitorioso, o da esquerda ou da direita, na contagem dos jericos avistados numa e noutra margem da estrada”. Vilaça, entretanto, também não deixou de notar o surgimento de

identidade e solidariedade durante a própria viagem. Sem dúvida, estimulantes pistas futuras para que continuemos a perseguir uma história social do trabalho no Brasil que perceba os elos de longo alcance entre a experiência escrava e a operária.

³⁹ Cf. Boris Fausto. “Imigração: cortes e continuidades” in Lilia Moritz Schwarcz (org.). *História da vida privada: contrastes de intimidade contemporânea*. São Paulo, Cia. das Letras, 1988, p. 14.

desavenças, brigas e, em casos extremos, até mortes, decorrentes do “furto de pequenos objetos do ‘matolão’ [alforje de couro onde são carregados os utensílios de viagem]”.⁴⁰

Migrantes e suas redes

Grande parte das análises sobre a migração dos trabalhadores rurais nordestinos para São Paulo e outras cidades industriais do Sudeste brasileiro tem enfatizado as motivações econômicas desse processo. Em resumo, a situação de miséria no campo, a concentração fundiária e o avanço do latifúndio sobre as terras dos pequenos proprietários, assim como as alterações das relações de trabalho, o alto índice de crescimento demográfico nordestino e as periódicas secas seriam alguns dos fatores que imporiam a migração como última saída ao trabalhador rural. Este, por sua vez, atraído pelos empregos e maiores rendimentos da vida urbana, pela possibilidade de acesso aos direitos sociais e trabalhistas negados no campo, bem como pela maior oferta de educação e saúde, tornaria-se proletário, preenchendo, dessa forma, a demanda por mão-de-obra do processo de industrialização.⁴¹

Não há dúvidas sobre a importância desse quadro sócio-econômico como pano de fundo do processo migratório e do desenvolvimento capitalista brasileiro. Entretanto, em parte significativa dessas análises, a supervalorização de fatores econômicos acaba por menosprezar o papel dos próprios migrantes enquanto agentes envolvidos nesse processo. Em muitos estudos os migrantes são vistos apenas como cifras, como força de trabalho que se transfere passivamente das regiões menos para as mais desenvolvidas.

⁴⁰ Marcos Vinícios Vilaça. *Em torno...*, p. 148.

⁴¹ Cf., entre outros, Vicente Unzer de Almeida e Octávio Teixeira Mendes Sobrinho. *Migração rural-urbana...*; Estanislau Fischlowitz. *Principais problemas...*; Juarez Brandão Lopes. *Sociedade Industrial... no Brasil*. São Paulo, Difel, 1964; Eunice Durham. “Os migrantes nacionais”, in *São Paulo, espírito, povo, instituições*. São Paulo, Pioneira, 1968 e *A caminho da cidade*, São Paulo, Perspectiva, 1976; Daniel Hogan e Manoel Berlinck, *O desenvolvimento...*; Gino Germani, *Sociologia da modernização...*; Gentil Dias Martins. *Depois do latifúndio*.

Os migrantes rurais nordestinos não foram apenas reflexo de forças econômicas determinadas externamente, embora estivessem imersos nelas. Eles também foram agentes do seu próprio movimento e dessa forma, através de estratégias diversas, contribuíram na moldagem do processo migratório.⁴²

A ênfase na agência dos migrantes remete para a valorização de sua experiência e memória. Em artigo recente, Alistair Thomson enfatiza o papel da história oral na análise das migrações. Segundo ele,

“embora pressões econômicas freqüentemente influenciem as decisões de migrar, testemunhos pessoais revelam uma complexa teia de fatores e influências que contribuem para a migração, além de todo processo de troca de informações e negociação através das famílias e redes sociais”.⁴³

Os depoimentos das trabalhadoras e trabalhadores de São Miguel Paulista coletados nesta pesquisa também nos revelam a existência de uma articulada rede social para a efetivação da migração. A comunidade de origem, a família e os amigos e amigas desempenhavam papel determinante nessa rede. Dona Zezé Santos de Oliveira, por exemplo, chefe do correio local durante mais de trinta anos entre as décadas de 40 e 70, notava que entre as centenas de pessoas que todos os dias desembarcavam dos paus-de-arara na frente do posto do correio, “ninguém vinha aereamente. Vinha porque o compadre estava [morando no bairro]”. Augusto Lima,

Continuidade e mudança na sociedade rural nordestina. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília, Editora da UnB, 1978 e Manoel Correia de Andrade. *A terra e o homem...*

⁴² Nas palavras da antropóloga Rosilene Alvim, a história da migração é uma “história de sedução em que os seduzidos não são meros objetos, mas também sujeitos”. Cf. Rosilene Alvim. *A sedução...*, p. 3. Recentemente, vários estudos, especialmente sobre relações sociais no campo brasileiro, têm procurado enfatizar a agência dos trabalhadores no processo de migração. Ver, entre outros, A.R. Garcia Jr. *O sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. Brasília, Marco Zero, Ed Unb e CNPq, 1989; Charles D’Almeida Santana. *Fatura e venturas camponesas. Trabalho, cotidiano e migrações. Bahia:1950-1980*. São Paulo, Annablume; Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998 e Marilda Menezes. *Trajatórias migratórias...* Paralelos interessantes também podem ser feitos com a historiografia da grande migração afro-americana do sul para o norte dos Estados Unidos nas décadas de 10 e 20. Cf. Joe William Trotter Jr (org.). *The great migration in historical perspective. New dimensions of race, class, and gender*. Bloomington and Indianapolis, Indiana University Press, 1991.

⁴³ Cf. Alistair Thomson, “Moving stories: oral history and migration studies”, *Oral History* vol. 27, n.1, 1999, p. 28.

relatando a sua própria chegada em São Miguel Paulista, recorda-se que “quem tinha conhecido por aqui [em São Miguel] descia e procurava a casa de seus amigos”.⁴⁴

Uma certa imagem da migração, vista apenas como um movimento desordenado, ‘irracional’, feito às pressas, não corresponde à experiência de grande parte dos migrantes. A mudança, decisiva para a vida dos envolvidos, era, na maior parte das vezes, meticulosamente pensada e preparada da melhor forma possível tanto no âmbito familiar como no da comunidade.

Informações sobre São Paulo, suas oportunidades de emprego e possibilidades de moradia eram fundamentais para a decisão de migrar. O estabelecimento de uma rede de comunicação entre os migrantes e seus locais de origem freqüentemente orientava o processo migratório. Correspondências, fotos, cartões-postais tinham papel importante para o fornecimento de dados e criação de um “imaginário cultural do local de destino”.⁴⁵ Luiz Cava Netto, técnico da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, ressaltava em 1962 a importância da “propaganda exercida por parentes e amigos contando ‘maravilhas’ sobre a nova terra”.⁴⁶ Já o jornalista Teixeira Neto, escrevendo sobre as maneiras de atrair imigrantes europeus em um artigo de 1957, afirmava que “uma carta à lápis vale mais do que um livro de muitas páginas”, observação que certamente também podia ser aplicada aos migrantes nordestinos.⁴⁷

Como dito acima, movimentos migratórios não eram novidade para um grande contingente de famílias nordestinas. Evidentemente, no entanto, a distância e o tamanho da empreitada que uma mudança para São Paulo implicava, mesmo quando vista como provisória, exigiam uma boa articulação e preparação em relação ao passo a ser dado. A família e as relações sociais na comunidade de origem tinham importância central neste processo.

⁴⁴ Depoimentos de Maria José dos Santos Oliveira concedido ao autor em 26/8/1998 e de Augusto Ferreira Lima.

⁴⁵ Cf. Alistair Thomson, “Moving stories”, p. 28.

⁴⁶ Luiz Cava Netto. “Contribuição do desenvolvimento e organização da comunidade e do planejamento sócio-econômico ao problema dos deslocamentos populacionais (Migração Nordestina e êxodo rural)” in *Anais do Encontro de técnicos promovido pela Secretaria de Saúde Pública e de Assistência Social do Estado de São Paulo-1962*. São Paulo, CBCISS, 1965, p. 66.

⁴⁷ *O Observador Econômico e Financeiro*, julho de 1957, p.13.

Muitas vezes, isso significava um fracionamento provisório da unidade familiar. O risco envolvido na migração, particularmente a de longa distância, impunha uma estratégia de deslocamento parcelado por parte das famílias migrantes.⁴⁸ Em geral, os jovens solteiros iniciavam o processo ancorados freqüentemente em contatos com amigos, conterrâneos ou parentes distantes.

A possibilidade de migração para cidades menores ou para regiões agrícolas antes de uma eventual vinda para São Paulo era quase sempre levada em conta. Tal fenômeno parece ter sido comum a diferentes levadas migratórias entre os anos 40 e 70. Analisando o censo de 1970, Manoel Tosta Berlinck e Daniel J. Hogan concluíram que “uma proporção crescente dos migrantes são indiretos, tendo, assim, tido outras experiências urbanas antes de chegarem em São Paulo”. Utilizando dados do mesmo censo para a região do ABC paulista, Antônio de Almeida constatou que “dos 109 mil nordestinos residentes nos municípios do ABC na época do recenseamento, 49 mil declararam como domicílio anterior localidades não pertencentes ao Nordeste”. Para os trabalhadores, tal ‘estágio’ no processo migratório era considerado como mais uma alternativa ao risco e insegurança que uma vinda direta ao grande centro poderia significar.⁴⁹

Como vimos, migrações temporárias há tempos faziam parte das estratégias de obtenção de recursos de milhares de famílias nordestinas.⁵⁰ Uma análise mais atenta também constata uma alta mobilidade espacial por parte das primeiras gerações de migrantes em São Paulo. Para muitos, provavelmente a maioria, a mudança era vista como algo provisório, parte de um plano de sobrevivência e ascensão familiar.

⁴⁸ Cf. Eunice Durham, *A caminho...*, p. 63.

⁴⁹ Cf. Berlinck e Hogan, “Migração interna...”, p. 33; Antônio de Almeida. “Um encontro de origens diversas: a presença de migrantes e imigrantes na composição da classe trabalhadora do ABC paulista” in *Tempos Históricos*, n. 1, vol. 1, março de 1999; e Vicente Unzer de Almeida e Octávio Mendes Sobrinho. *Migração rural-urbana...*, p. 27. Para uma interessante análise das conseqüências da insegurança estrutural a que estão sujeitos os trabalhadores na sociedade capitalista, cf. Mike Savage. *Class and labour history*. Paper prepared for the Conference on “The state of labour and working history in Europe. University of Manchester, fevereiro de 1997.

⁵⁰ Cf. R. Parry Scott, “A lógica migratória camponesa e o capital: o Nordeste brasileiro” in Renato Duarte (org.). *Emprego rural e migrações na América Latina*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco e Massangana, 1986, p. 88 e Charles D’Almeida Santana. *Fatura e venturas...*

As taxas de retorno para o Nordeste, ao longo da década de 50, foram sempre altas. Indicadores parciais a partir da movimentação na estrada Rio-Bahia mostravam um índice de retorno por volta de 39% no primeiro semestre de 1953. No final da década, cogitava-se que cerca da metade dos migrantes nordestinos voltava para suas regiões de origem. Alguns estudiosos, porém, questionaram essa taxa, considerando-a bastante modesta.⁵¹

A grande mobilidade dos nordestinos chamou a atenção de observadores contemporâneos. Fazendeiros no interior paulista reclamavam dos curtos períodos de permanência de parcela significativa de tais trabalhadores.⁵² O Departamento de Imigração e Colonização (DIC) do governo paulista calculava que cerca de 60% dos migrantes que se dirigiam para as áreas rurais “não se fixam; continuam em constantes deslocamentos para várias zonas do país, ou regressam para sua terra natal”.⁵³ As constantes idas e vindas de migrantes do Nordeste (o célebre ‘vai-e-vem’) para São Paulo são outro elemento revelador da movimentação dos nordestinos. Em sua pesquisa do DIC no início dos anos 60, o sociólogo Antônio Jordão Netto espantou-se com “centenas de casos de pessoas que vinham pela quarta, quinta, sexta e até oitava vez para São Paulo, num espaço que variava de dois a dez anos”.⁵⁴ Celeste de Souza Andrade, dez anos antes, também constatou as idas e vindas dos migrantes e descrevia assim um dos casos que julgava emblemático:

“Entrevistado número 3 – veio da Bahia, tendo feito a viagem até Monte Azul de caminhão, e daí, até São Paulo, por trem. É pessoa de meia idade, casado, com cinco filhos. Vem só; é a quinta vez que vem a São Paulo. Pretende trabalhar por um ano e

⁵¹ Cf. T. Pompeu Accioly Borges. *Migrações Internas...*, p. 33 e Estanislau Fischlowitz, *Principais problemas...*, p. 97.

⁵² Cliff Welch aponta a alta rotatividade dos nordestinos nas fazendas paulistas, a incapacidade dos fazendeiros em controlá-los e os preconceitos contra os trabalhadores nacionais, considerados inferiores em relação aos europeus (que em contraste com os brasileiros, seriam estáveis, motivados e ambiciosos) como as razões para as reclamações dos grandes proprietários de terras em São Paulo a respeito dos trabalhadores migrantes do Nordeste. Cf. Cliff Welch. *The seed was planted...*, pp. 164-5.

⁵³ Cf. Luiz Cava Netto. “Contribuição do desenvolvimento...”, p. 65.

⁵⁴ Cf. Antônio Jordão Netto. “São Paulo e o problema das migrações internas”, *Sociologia*, vol. XXV, n. 3, setembro de 1963, p. 212.

voltar. Houve seca na região onde mora na Bahia. A lavoura não deu. Vem trabalhar para mandar dinheiro à família. Já fez assim, outras vezes (...) Não dá para trazer a família. A viagem é muito incômoda, com muito sacrifício; ainda agora, quando vinha, houve um desastre”.⁵⁵

Interpretado por muitos como sinal da inadaptação dos migrantes nordestinos ao ‘meio urbano e moderno’, esse acentuado deslocamento espacial pode ser entendido como parte de uma estratégia racional de sobrevivência e minimização dos riscos e dificuldades da migração levada a cabo pelos trabalhadores e suas famílias. A coesão familiar e o apoio à casa na terra natal eram elementos importantes desta estratégia. Assim, sempre que possível, a manutenção de uma pequena propriedade de terra na região de origem era vista como uma ‘segurança’ essencial e a migração, muitas vezes, podia ser encarada como uma forma de obtenção de recursos para uma pequena capitalização e investimento. Um exemplo interessante da importância dos laços com a região de origem entre os migrantes nordestinos pode ser extraído de uma pesquisa realizada em 1971 junto aos operários de uma fábrica em Santo André, na região metropolitana de São Paulo. O levantamento constatou grande diferença entre os migrantes nordestinos e os oriundos de outras regiões do país (Sul e Sudeste). Enquanto entre os primeiros, 72% deixavam alguma propriedade no local de origem e 72,5% tinham familiares morando na terra natal, entre os demais estes índices baixavam respectivamente para 24% e 45%.⁵⁶

Na verdade, entretanto, as dificuldades para a manutenção da pequena propriedade no Nordeste brasileiro nos anos 50 e as oportunidades abertas no mercado de trabalho do Sudeste, com o acelerado processo de industrialização no período, tornaram escassas as chances de sucesso de grande parte dos migrantes que desejaram ou que efetivamente voltaram para suas regiões de origem. Múltiplas e constantes ‘idas e vindas’ podem ser explicadas neste contexto.

⁵⁵ Celeste Souza Andrade. “Migrantes nacionais...”, pp. 125-6.

Diferente de um fluxo único que expulsava uma população das regiões ‘atrasadas’ que era atraída para os ‘lugares do progresso’, o processo migratório possuía uma dinâmica mais complexa, comportando também um deslocamento contínuo e circular entre as áreas rurais e urbanas.

Evidentemente, para uma grande parte dos trabalhadores a migração assumia um caráter permanente. São vários os depoimentos de pessoas que demoraram anos e, por vezes décadas, para realizar uma simples visita de volta à terra natal. A existência de uma propriedade no local de origem e as condições para sua manutenção como fonte de sustento para o conjunto da família, o tipo de estratégia de deslocamento familiar (em geral em etapas) e a inserção no mercado de trabalho nas regiões receptoras eram alguns dos fatores que, em geral, definiam a permanência ou não do processo migratório.

De toda forma, em qualquer das circunstâncias, as redes sociais baseadas na família e nos laços de amizade e comunitários eram fundamentais para o migrante. Eram elas que o encaminhavam para cidades e bairros, e muitas vezes, diretamente para o trabalho em empresas específicas.⁵⁷

Diversos estudos sobre migração interna no Brasil têm destacado o forte caráter familiar como uma característica fundamental deste processo.⁵⁸ Não apenas a decisão e a estratégia da migração era, na maior parte das vezes, estabelecida no âmbito da família, mas também as rotas e locais de destino freqüentemente dependiam dos contatos e articulações estabelecidas com parentes, amigos e membros da comunidade de origem. Era essa rede de contatos familiares e comunitários que, no mais das vezes, viabilizava o deslocamento e o próprio processo migratório como um todo. Acompanhando as caminhadas de sertanejos nordestinos em direção aos

⁵⁶ Cf. Cleopatra Poli. “Atitudes de operários de procedência rural (transição ou incorporação à vida urbana)”, *Sociologia*, vol. XXXI, 1981, p. 53.

⁵⁷ Este era o caso, como veremos, da Cia. Nitro Química Brasileira em São Miguel Paulista.

⁵⁸ Ver, por exemplo, o já clássico estudo de Eunice Durhan. *A caminho...* Rosilene Alvim. *A sedução...*, Célia Toledo Lucena. *Artes de lembrar e de inventar. (Re)lembranças de migrantes*. São Paulo, Arte e Ciência, 1999.; Ronaldo Aurélio G. Garcia. *Migrantes mineiros em Franca: memória e trabalho na cidade industrial (1960-1980)*. Franca,

entrocamentos ferroviários que davam acesso a São Paulo no início dos anos 40, o funcionário da Secretaria de Agricultura paulista, Humberto Dantas surpreendia-se com o grau de organização dos migrantes e com a “solidariedade cimentada por dias e dias de provações em comum”:

“As viagens são projetadas em comum, tanto no que se refere aos que emigram em famílias, como avulsos. Quem percorre as estradas das zonas de grande emigração encontra, por exemplo, grupos numerosos deslocando-se para o sul, provenientes de uma mesma localidade. Essas caminhadas em comum emprestam aos que dela participam um vivo sentimento de solidariedade (...). Entre os que viajam em grupos, há uma permuta freqüente de serviços e auxílios (...) Viajam assim irmanados e unidos até São Paulo”.⁵⁹

Se havia muitos casos de transferência simultânea de todos os membros da família,⁶⁰ não parece ter sido essa a situação mais comum nas migrações para São Paulo, onde o desmembramento da família migrante foi freqüente. O risco de insucesso envolvido no processo e o caráter provisório muitas vezes atribuído à mudança são elementos que ajudam a explicar a divisão familiar no deslocamento para São Paulo. Assim, a migração inicial de jovens solteiros, casais recém-casados sem filhos e de pais de família foram predominantes, particularmente, entre as primeiras gerações que se transferiram para a capital paulista.⁶¹ Sem dúvida, havia um forte corte de gênero no processo migratório. Dificilmente as mulheres eram as primeiras a se transferir e, em geral, só o faziam em conjunto com a família ou quando parentes ou amigos já estavam bem estabelecidos no local de destino.

Quando as condições impeliam a uma mudança de caráter permanente, a transferência de todo o grupo familiar, ou ao menos de uma parte significativa dele, passava a ser um objetivo

Unesp/FHDSS, 1997 e Dulce Maria Tourinho Baptista. *Nas terras do 'Deus-dará'.* *Nordestinos e suas redes sociais em São Paulo.* Tese de doutorado em Ciências Sociais. São Paulo, PUC, 1998.

⁵⁹ Humberto Dantas. “Movimentos de migrações internas...”, p. 85.

⁶⁰ Cf. Rosilene Alvim. *A sedução...* e Ronaldo Aurélio G. Garcia. *Migrantes mineiros...*

⁶¹ Cf. Eunice Durham. *A caminho...*, pp. 130-134.

importante para muitos migrantes. Desde o início dos anos 50, observadores já constataavam a relevância das relações familiares para a migração. Uma estudiosa, por exemplo, destacava que um dos principais atrativos para São Paulo eram os próprios parentes já estabelecidos “que vão buscar os que lá ficaram: um pai, que veio na frente ‘prá ver se dava certo’, e depois de um, dois ou três anos, vai buscar a família; um filho solteiro, que vai convencer os pais a virem para cá [São Paulo]; ou primos, tios, afilhados, e assim por diante”. Nas palavras de uma senhora originária de Minas Gerais, entrevistada em 1960:

“Os filhos foram casando e resolveram vir para São Paulo. Vieram para cá porque tinham conhecidos aqui e escutaram a prosa dos outros. Eu vim mais tarde, para ficar com os filhos. Eles mandaram chamar, insistiram, eu vim”.⁶²

Essa mesma necessidade de reunificação da família, mesmo após muitos anos de separação, foi também captada literariamente pelo escritor Roniwalter Jatobá em sua crônica ‘Brilho no Vazio’. Baseado, segundo o autor, na história de uma família amiga, o conto narra a estória da nordestina Sebastiana Lira da Silva que, “depois de muito tempo de ausência”, recebe a visita de seu filho mais velho, Teodoro, vindo de São Paulo. Este, prometendo uma dentadura nova à mãe, insiste em tentar convencê-la a morar com ele. Após algum medo e hesitação, “Tiana, como os conhecidos chamavam aquela prestativa parteira”, cede aos desejos do filho e vai morar com Teodoro e a nora em “uma casinha de fundos, na rua 3, hoje, chamada de Raquela Sinopoli, em São Miguel Paulista”.⁶³

Com alguma freqüência, entretanto, escapar do ambiente familiar era justamente o objetivo de alguns migrantes. Para muitas mulheres, por exemplo, a migração podia ser vista como uma escapatória do domínio patriarcal de pais e maridos. Esposas abandonadas, mães solteiras ou simplesmente jovens insatisfeitas com sua situação familiar podiam encontrar no

⁶² Cf. Celeste de Souza Andrade. “Migrantes nacionais...”, p. 118 e Eunice Durham. *A caminho...*, p. 138.

fluxo migratório uma sonhada perspectiva de fuga de um convívio considerado opressor. Tal busca de autonomia transparece, por exemplo, no depoimento de Maria da Cruz, moradora da cidade de Carapicuíba, na região metropolitana de São Paulo, que em entrevista à socióloga Dulce Baptista, contava como fugira de casa e libertara-se das “asas dos pais”. Uma lógica semelhante, embora provavelmente com menor potencial de conflito familiar do que a das mulheres, norteou o processo migratório de um razoável número de homens jovens. Para além da melhoria econômica, tratava-se também de “mudar de vida, libertar-se da influência paterna. A emigração transforma-se então numa aventura, numa libertação pessoal”. Nas palavras de um jovem pernambucano recém-chegado a São Paulo no início dos anos 50: “a gente precisa conhecer o mundo e ver as coisas enquanto é novo, antes de casar”.⁶⁴

Também nestes casos, porém, a migração era majoritariamente orientada através de contatos prévios e os lugares de destino eram, invariavelmente, regiões onde já residiam amigos, conterrâneos ou parentes. Pesquisa realizada em algumas cidades industriais do sudeste brasileiro em 1959 demonstrava que a grande maioria das mulheres e homens migrantes possuía algum amigo ou parente residindo anteriormente na cidade para a qual mudou. Em São Paulo 77% dos homens e 81% das mulheres migrantes entrevistados tinham alguma pessoa para contato já estabelecida na cidade.⁶⁵

Como veremos no caso de São Miguel Paulista, tais redes sociais, de grande importância para a efetivação do deslocamento espacial, continuariam a desempenhar fundamental papel para a organização da vida dos migrantes na grande cidade.

⁶³ Roniwalter Jatobá. *O pavão misterioso e outras memórias*. São Paulo, Geração Editorial, 1999, pp. 30-33. No restante da crônica Jatobá enfatiza as dificuldades de adaptação da velha senhora à vida na grande cidade. Solitária e triste ela “sente o peso amargo da boca, da dentadura nova, novinha, do riso novo mas com pouca serventia”.

⁶⁴ Cf. Dulce Maria Tourinho Baptista. *Nas terras...*, p. 108; Eunice Durham. *A caminho...*, p. 132 e Celeste Souza Andrade. “Migrantes nacionais...”, p. 126.

⁶⁵ Cf. Bertram Hutchinson. “The migrant population of urban Brazil” in *América Latina*, ano 6, n.2, 1963, p. 61. Tal fenômeno não se restringiu ao caso brasileiro. Realizando um balanço das migrações internas na América Latina e Caribe, Edward Ebanks também argumenta sobre a importância da rede de parentes, amigos e conterrâneos para a

Migração e mercado de trabalho

Os milhares de migrantes nordestinos, mineiros e do interior de São Paulo que acorreram para a capital paulista no pós-guerra e na década de 50 encontraram um mercado de trabalho altamente dinâmico e em expansão. O acelerado desenvolvimento industrial do período na região metropolitana de São Paulo exigia um número crescente de trabalhadores e ampliava enormemente a oferta de emprego. Responsável por cerca de dois terços da produção manufatureira do estado, a região metropolitana teve, apenas no decênio 1947/56, um crescimento médio anual de empregos industriais da ordem de 4,1%. O total da força de trabalho na indústria no estado de São Paulo era calculado em aproximadamente 900 mil trabalhadores em 1956, sendo que 500 mil somente na cidade de São Paulo.⁶⁶ Mas não apenas o setor fabril necessitava de mão-de-obra. A própria industrialização e expansão urbana da cidade gerava uma crescente demanda de trabalho também no setor de serviços, que teve um expressivo crescimento neste período.

Para os migrantes esta oferta de emprego na capital paulista era um grande fator de atração e de esperança de uma melhoria concreta nas suas condições de vida. “As oportunidades de trabalho aqui são muito melhores”, comparava um sergipano que acabara de chegar à cidade no início dos anos 50. A disponibilidade de trabalho somada à relativamente fácil possibilidade de aquisição de um terreno e construção da casa própria neste período faz com que muitos migrantes considerem-no como uma fase áurea da migração, o momento em que ‘São Paulo era bom’.⁶⁷

efetivação do processo migratório. Cf. *Determinantes socioeconômicos de la migración interna*. Santiago de Chile, Cepal/Celade/ACDI, 1993.

⁶⁶ Cf. José Albertino Rodrigues. “Condições econômico-sociais da mão-de-obra em São Paulo”. São Paulo, Dieese, abril de 1958, p. 8. Fundo Fábio Munhoz. Cedem/Unesp e o comunicado do Consulado dos Estados Unidos em São Paulo intitulado *Brief resumé of labor force in São Paulo* de 27/10/1958. Acervo do *United States National Archives*, 832.06/10-2758 – caixa 4308.

⁶⁷ Cf. Celeste Souza Andrade. “Migrantes nacionais...”, p. 126 e Marilda Menezes. *Trajetórias migratórias...*, p. 8.

Para além da quantidade de trabalho disponível, o migrante prezava sobremaneira a rapidez com que conseguia empregar-se em São Paulo. Geralmente com poucos recursos e contando com a ajuda de parentes e amigos em seu estabelecimento inicial, era fundamental para o recém-chegado que sua inserção no mercado de trabalho se desse o mais rapidamente possível. Neste sentido, a capital paulista oferecia um quadro promissor. Uma pesquisa realizada em 1959 mostrava que 86% dos homens e 74% das mulheres que migravam para São Paulo conseguiam empregar-se no primeiro mês após sua chegada.⁶⁸

No entanto, este quadro de facilidade na obtenção de trabalho variou bastante ao longo da década de 50, tendo diferenciações importantes de acordo com o setor da economia. Apesar da tendência de crescimento econômico e expansão industrial, surtos de desemprego pipocaram ao longo de todo o período. Migrantes rurais com pouca experiência de trabalho fabril tenderam a ser as principais vítimas nestes momentos.

Assim, se em 1956, um periódico paulistano, baseado em informações concedidas pela Secretaria Estadual do Trabalho, podia orgulhosamente ostentar a manchete: “não existe praticamente em nosso Estado o problema do desemprego”, afirmando ainda que “são absorvidas todas as levas de trabalhadores que se dirigem ao nosso Estado”, o Consulado dos Estados Unidos constatava que menos de um ano depois havia “um pouco mais de 100.000 desempregados na indústria da cidade de São Paulo, o que era cerca de 7% do total da força de trabalho e, portanto, uma razão para preocupação”. Avaliando o movimento das agências de emprego estaduais em janeiro de 1959, o jornal *Última Hora* constatava uma conjuntura de oferta de emprego insuficiente para trabalhadores sem especialização. Mariano de Oliveira, sergipano de Propriá, era um deles. Após passar a manhã toda na fila do Serviço de Colocação do Estado, foi informado por volta do meio-dia que o expediente estava encerrado. Entrevistado pela

⁶⁸ Cf. Bertram Hutchinson. “The migrant population...”, p. 68.

reportagem, declarava: “É sempre assim- muita gente e pouca vaga. Chega-se cedinho, mas já se encontra uma fila que não tem tamanho. Voltarei amanhã. Deus querendo a gente se arruma”.⁶⁹

Esta situação, no entanto, parece ter sido mais exceção do que regra durante aquela década. Apesar da precariedade de dados precisos sobre desemprego naquele período, grande parte dos observadores e estimativas apontavam para taxas razoavelmente baixas e, salvo em conjunturas bastante específicas como a do ano de 1957, o desemprego não estava entre as principais preocupações da agenda política e sindical. De toda forma, a oferta de emprego em geral, e particularmente para os migrantes de origem rural, era muito desigual. Em parte, isto refletia a própria heterogeneidade do mercado de trabalho, especialmente na indústria.

Os anos 50 testemunharam uma mudança importante na estrutura industrial de São Paulo com a notável ascensão do setor metalúrgico como o mais importante e maior empregador. No final da década, este ramo já empregava cerca de 30% de toda a mão-de-obra industrial do estado. Contribuiu para esta expansão, sem dúvida, a instalação do parque fabril automobilístico na região do ABC paulista a partir de meados da década. Outros setores como o químico/farmacêutico e papel/papelão também tiveram um crescimento expressivo no período. Por outro lado, indústrias tidas como tradicionais e há muito estabelecidas na região perderam espaço. O setor têxtil, até aquele momento, o maior empregador industrial paulista, viu sua participação declinar de quase 40% do total de mão-de-obra empregada na manufatura em 1939 para cerca de 20% vinte anos depois. Também as indústrias de alimentação, vidros e gráficas sofreram um significativo declínio ao longo da década.⁷⁰

Internamente, no processo de produção dos diversos setores industriais, também ocorriam mudanças significativas. De uma maneira geral, houve um crescimento da oferta de empregos em

⁶⁹ Cf. *Folha da Noite*, 8/8/1956, Fundo Fábio Munhoz; *Brief resumé of labor force in São Paulo* de 27/10/1958. *United States National Archives*, 832.06/10-2758, caixa 4308 e *Última Hora*, 14/01/1959.

⁷⁰ Cf. Renato Colistete. *Labour relations...*, pp. 25-28 e José Albertino Rodrigues. “Condições econômico-sociais...”, pp. 7-11.

profissões que exigiam pouco ou um nível mediano de qualificação e um decréscimo dos postos de trabalho operários considerados mais qualificados. Neste sentido, um dos exemplos mais impressionantes foi o setor têxtil. No intervalo de apenas 5 anos, a porcentagem de trabalhadores considerados qualificados declinou de cerca de 38% em 1955 para 7% em 1960. Embora bem menos dramática, a ascendente indústria metalúrgica também sofreu uma diminuição de empregos qualificados.⁷¹

Desde meados dos anos 40, com a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), os empresários empenhavam-se para não apenas controlar o conteúdo, ritmo e as características gerais da formação profissional, mas também para definir inclusive o próprio conceito de qualificação do trabalhador.⁷² O acelerado crescimento industrial da década de 50 trazia novos desafios neste campo para os industriais.

Apesar das reclamações generalizadas dos empregadores sobre ausência de mão-de-obra qualificada, grande parte do parque fabril paulista podia funcionar com um número relativamente reduzido de trabalhadores altamente especializados. É fato que, para diversos setores, a escassez de operários mais qualificados era um problema sério. O incremento das atividades do Senai nestas áreas e políticas para atração de trabalhadores especializados da Europa foram algumas das tentativas de resolução desta questão adotadas por empresários e Estado. Inclusive, o número de operários estrangeiros em alguns setores de maior qualificação da indústria permaneceu relativamente alto durante todo o período, apesar das dificuldades encontradas pelo governo brasileiro em atrair migrantes europeus neste período.

No entanto, para a maior parte dos trabalhadores industriais as possibilidades de uma formação profissional formal eram tênues. A maioria aprendia o serviço nos próprios locais de

⁷¹ Cf. Renato Colistete. *Labour relations...*, pp. 34-38.

⁷² Sobre o debate a respeito da qualificação operária e o papel do Senai naquele período, ver Barbara Weinstein. *(Re)Formação da classe trabalhadora no Brasil (1920-1964)*. São Paulo, Cortez/CDAPH-Ifan, Universidade São Francisco, 2000. e Renato Colistete *Labour relations...*

trabalho e poucas outras oportunidades de aprendizado eram efetivamente oferecidas.⁷³ Este intenso fluxo de trabalhadores com pouca especialização foi uma das características centrais do mercado de trabalho paulistano nos anos 50.

Tais transformações no mundo industrial traziam conseqüências diretas para a oferta de emprego dos migrantes nordestinos em São Paulo. A experiência profissional anterior da esmagadora maioria destes trabalhadores localizava-se no campo. Uma pesquisa realizada no início dos anos 60 com trabalhadores nordestinos na Hospedaria de Imigrantes em São Paulo indicava que mais de 80% vinham de ocupações no setor agrícola. Destes, cerca de 40% haviam sido pequenos proprietários. Embora o dado pareça exagerado e possa estar distorcido pela amostra, a presença de pequenos sítiantes e proprietários era significativa entre os migrantes. Dentre os não-proprietários, chamava a atenção a disseminação de relações de parceria, particularmente no estado da Bahia. Já em Pernambuco e outros estados com forte presença das usinas de cana-de-açúcar, o assalariamento rural marcava alguma presença. Trinta por cento dos pernambucanos e quarenta por cento dos alagoanos entrevistados, por exemplo, haviam sido trabalhadores assalariados.⁷⁴

Além da quase inexistente experiência industrial, a geração de migrantes do pós-guerra possuía índices bastante baixos de educação formal. Refletindo a extrema debilidade do sistema educacional brasileiro no período, particularmente nas regiões rurais, eram significativamente altas as taxas de analfabetismo entre os migrantes nordestinos. Um levantamento de 1962 apontava um índice de mais de 60% de analfabetos dentre os trabalhadores daquela região que se transferiam para São Paulo.⁷⁵

⁷³ Sem dúvida, este era o caso na Nitro Química. Cf. Paulo Fontes. *Trabalhadores e cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias*. São Paulo, AnnaBlume e STI Químicas e Plásticas de São Paulo, 1997, particularmente os capítulos 2 e 3.

⁷⁴ Cf. Antônio Jordão Netto. "Algumas considerações a propósito da estrutura profissional de migrantes nacionais no estado de São Paulo", *Sociologia*, vol. XXVII, n. 4, dezembro de 1965.

⁷⁵ Cf. Santa Helena Bosco e Antônio Jordão Netto. *Migrações: estudo especial...*, p. 73.

Defrontados com um mundo industrial e urbano em rápida mutação, estes trabalhadores ocuparam variados espaços no mercado de trabalho dos anos 50. Para os homens, o setor de construção civil, em franca expansão na ‘cidade que não podia parar’, caracterizou-se como um dos que mais absorveram a mão-de-obra migrante. Diversas características estruturais deste tipo de indústria parecem ter facilitado a presença de migrantes nordestinos neste setor.⁷⁶ Como destacava o sociólogo José Albertino Rodrigues em 1958, para muitos migrantes a experiência na construção civil serviria como uma “espécie de estágio probatório” até empregarem-se em outras áreas. Uma pesquisa sobre o mercado de trabalho de várias regiões metropolitanas do país, realizada no início dos anos 70, apontava que, no caso específico de São Paulo, quanto maior o tempo de residência dos migrantes na capital paulista, menor o emprego na construção civil e maior a participação em outros setores industriais, o que parece reforçar a idéia de transferência daquele setor para os demais.⁷⁷

Um dos ramos industriais de maior crescimento do período, a metalurgia da região metropolitana de São Paulo também passou a ser uma das maiores empregadoras de trabalhadores migrantes de origem rural. Dirigentes sindicais metalúrgicos, refletindo sobre essa crescente participação migrante na composição da mão-de-obra do setor, questionavam-se em documento preparatório ao II Congresso dos Metalúrgicos em 1960:

“A vida dos operários brasileiros, talvez mesmo de cada um de nós individualmente, é um verdadeiro espelho da evolução industrial do país. Quantos de nós, operários metalúrgicos, não começamos nossa vida labutando nos campos? Quantos de nós não chegamos às cidades sem ter qualquer ofício industrial? Quantos de nós trabalhamos

⁷⁶ Ver, entre outros, Estanislau Fischlowitz. *Principais problemas...*, particularmente o capítulo VI.

⁷⁷ José Albertino Rodrigues. “Condições econômico-sociais...”, p. 14 e Leda Maria Fraenkel. “Questionamentos sobre o mercado de trabalho das regiões metropolitanas brasileiras e suas relações com as migrações internas” in IBGE. *Encontro brasileiro de estudos populacionais: contribuições apresentadas*. Rio de Janeiro, IBGE, 1976, p. 321.

na construção civil ou aprendemos nossa profissão de metalúrgicos em pequenas oficinas?”⁷⁸

Instalada na região do ABC paulista a partir da segunda metade da década de 50 e sedenta por mão-de-obra, a indústria de automóveis passou a absorver grandes levas de antigos trabalhadores rurais. “O que ressalta (...) com bastante clareza é a elevada proporção desse grupo [trabalhadores nordestinos de origem rural] nos quadros pessoais da mais recente indústria, a automobilística”, sublinhava, em 1959, um estudioso das migrações no Brasil. O Grupo Executivo da Indústria Automobilística (Geia) chegou a elaborar um plano, no final dos anos 50, para a construção de um centro piloto de treinamento de trabalhadores no Ceará. Embora nunca efetivada, tal proposta era uma nítida demonstração do forte interesse dos executivos da indústria na “mobilização do Nordeste onde, como é notório, há grandes reservas de mão-de-obra não totalmente utilizadas”.⁷⁹

Para as mulheres migrantes, por outro lado, as opções do mercado de trabalho eram bem mais restritas. As transformações no perfil industrial paulista nos anos 50, com o declínio do setor têxtil que, até então, era justamente o que mais empregava a força de trabalho feminina, diminuíam as oportunidades de emprego fabril para as mulheres. Além disso, a mão-de-obra no ramo metalúrgico, que se encontrava em franca expansão no período, era tradicionalmente masculina. Ao longo da década, a porcentagem de mulheres neste setor industrial na região metropolitana de São Paulo nunca ultrapassou os 10%.⁸⁰ Também na construção civil, área de grande presença de migrantes, o emprego feminino era diminuto.

⁷⁸ Comissão Nacional de Planejamento do II Congresso dos Metalúrgicos. “Os metalúrgicos e a industrialização”, *Revista Brasiliense*, maio-junho de 1960.

⁷⁹ Cf. Estanislaw Fischlowitz. *Principais problemas...*, pp. 91-2 e Antonio Luigi Negro. “Servos do tempo” in Glauco Arbix e Mauro Zilbovicius (orgs.). *De JK a FHC. A reinvenção dos carros*. São Paulo, Scritta, 1997, p. 109. Para uma análise da presença de migrantes rurais na indústria automobilística do ABC, ver Antonio Luigi Negro. *Linhas de Montagem. O industrialismo automotico e a sindicalização dos trabalhadores (1945 – 1978)*. Campinas, Tese de doutorado apresentada ao IFCH-Unicamp, 2001, em particular os capítulos “Zé Brasil foi ser peão. Operação mão-de-obra” e “Colmeia fabril”.

⁸⁰ Cf. Renato Colistete. *Labour relations...*, p. 41.

Representando cerca de 30% do total de migrantes que chegaram a São Paulo entre 1952 e 1961, as mulheres encontraram um mercado de trabalho em expansão, mas que, nas atividades industriais assistia a um declínio na participação da força de trabalho feminina, fenômeno que atingiu a todo o setor secundário nacional nas décadas de 50 e 60.⁸¹ Assim, a prestação de serviços tornou-se o principal setor econômico de absorção das mulheres migrantes no período. O emprego doméstico, em particular, aparecia para muitas como a primeira alternativa de trabalho no grande centro urbano.⁸² No entanto, apesar da relativa diminuição, a oferta de trabalho industrial em alguns setores e fábricas particulares era suficiente para absorver um considerável número de mulheres, especialmente jovens e solteiras, incluindo entre estas muitas migrantes nacionais.

Para além das dificuldades intrínsecas a um mercado de trabalho que passava por intensas transformações, os migrantes nordestinos defrontaram-se, em sua busca por emprego, com explícitas demonstrações de preconceito e exclusão. Em 1955, uma série de reportagens do jornal *Última Hora* denunciava, por exemplo, que várias fábricas da região metropolitana de São Paulo recusavam-se a empregar trabalhadores nordestinos e negros. Mesmo na indústria da construção civil, algumas empresas aparentemente evitavam a contratação de nordestinos. Em entrevista, Vicente Britelli, sindicalista deste ramo, explicava que muitos “empregadores tem um ‘que’ contra [os nordestinos]” porque “eles trazem a fama de valente”. Além disso, acrescentava o sindicalista, “eles são sempre os primeiros a serem despedidos”.⁸³

As reportagens da *Última Hora* tiveram grande repercussão e várias denúncias de maus tratos, hostilidades e discriminações no mercado de trabalho contra os nordestinos tornaram-se

⁸¹ Cf. Santa Helena Bosco e Antônio Jordão Netto. *Migrações: estudo especial...*, p. 64-a e Celso Carlos da Silva Simões et all. “Algumas características da participação dos membros da família na força de trabalho: 1950-1970” in IBGE. *Encontro brasileiro de estudos populacionais: contribuições apresentadas*. Rio de Janeiro, IBGE, 1976, p. 351.

⁸² Cf. Estanislau Fischlowitz. *Principais problemas...*, pp. 147-8 e Leda Maria Fraenkel. “Questionamentos sobre o mercado de trabalho...”, p. 328.

⁸³ *Última Hora*, 31 de agosto de 1955.

públicas. O impacto da questão foi tamanho que, no Congresso Nacional, deputados nordestinos chegaram a propor a formação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a exploração e discriminação de nordestinos em São Paulo. A reação a esta proposta foi imediata. O popular jornal *A Hora* estampava uma indignada manchete: “Não há discriminação contra ninguém em terras paulistas”.⁸⁴ Na Assembléia Legislativa do estado, diversos deputados protestavam veementemente contra o que consideravam uma “tamanha injúria” e uma proposta “demagógica e irresponsável”. Afirmando o “imenso grau de hospitalidade da gente de São Paulo”, os deputados rejeitavam qualquer denúncia de discriminação, considerando-as absurdas. Como bem resumiu o inflamado deputado Derville Alegretti:

“... quem conhece o coração do paulista (...) sabe que o paulista abre os braços para todos que aqui aportam: estrangeiros de todos os cantos do mundo, brasileiros de todas as regiões do país. São Paulo os recebe e lhes dá oportunidade de terem uma vida digna, perfeita, através do trabalho de cada um. Não é concebível que haja brasileiros (...) que possam imaginar que em São Paulo se pratique um tratamento desigual entre paulistas, entre filhos dos outros estados, com relação aos nordestinos”.⁸⁵

Diante de tamanha reação, a CPI aparentemente nunca veio à tona. No entanto o preconceito de alguns empregadores contra nordestinos e negros parece ter sido uma constante ao longo do período e, embora com menor destaque por parte da imprensa, denúncias continuaram a pipocar. Em 1958, por exemplo, o vereador Irineu Silva, da cidade industrial de São Bernardo do Campo, denunciava a firma Martini e Rossi, daquela cidade, que recusara-se a empregar trabalhadores nordestinos apresentados pelo edil. Segundo Silva, um dos sócios da firma havia lhe dito que “não aceitaria elementos da raça negra, nem nortistas, alegando que esses elementos

⁸⁴ *A Hora*, 6 de outubro de 1955.

⁸⁵ *Atas da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo*, 144ª Sessão Ordinária, 21 de outubro de 1955.

não prestam”. Também o vereador paulistano Rio Branco Paranhos, famoso advogado de vários sindicatos de trabalhadores em São Paulo, relatava na tribuna da Câmara Municipal em 1960 a visita que fizera à Associação Beneficente e Cultural Progresso em Mauá. Lá, vários oradores nordestinos reclamavam ser vítimas de preconceito. “As fábricas se lhes fecham porque nordestinos e abrem-se, imediatamente, quando os candidatos são de outra procedência”, condenava o vereador.⁸⁶

Casos como estes revelam que a incorporação de nordestinos ao mercado de trabalho paulista foi bem mais complexa e problemática do que em geral a literatura sobre migrações internas supõe. Longe de uma simples e linear transferência de mão-de-obra de regiões menos desenvolvidas para o centro nevrálgico do capitalismo industrial brasileiro, a migração foi um processo contraditório e que, muitas vezes, despertou e exacerbou preconceitos e profundas divergências. No mercado de trabalho, tais discriminações não existiram apenas da parte de alguns empregadores contra trabalhadores de origem nordestina. Como veremos, divergências e preconceitos também campearam no conjunto da sociedade, inclusive entre os próprios trabalhadores.

‘Baianos’ em São Paulo

A velocidade da urbanização e a intensidade do processo migratório na São Paulo dos anos 50 causaram grande impacto na vida cotidiana da cidade com importantes repercussões, nem sempre notadas, para o debate político local e nacional. A crescente e numerosa presença de migrantes rurais de origem nordestina causava estranheza e freqüentemente gerava tensões entre a população já residente e os recém chegados. Rivalidades e preconceitos entre os trabalhadores

⁸⁶ *Atas da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo*, 56ª Sessão Ordinária, 24 de junho de 1958; e *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 24ª Sessão Ordinária, 25 de março de 1960.

de origem paulista ou estrangeira e os nordestinos foram relativamente comuns. O sociólogo Juarez Brandão Lopes constatou, por exemplo, “uma animosidade latente que existe contra os trabalhadores vindos do Nordeste, entre os outros [operários]” na fábrica onde realizou sua pesquisa nos anos 50.⁸⁷

Os migrantes vivenciaram tais animosidades em sua experiência cotidiana. Augusto Lima, operário da Nitro Química, lembra que “São Paulo (...) naqueles tempos era uma divisão terrível”. Caçadas e gozações com o sotaque, o comportamento e costumes eram freqüentes. “Êta raça de nortista” era um comentário depreciativo freqüentemente ouvido por Lima. Mesmo em um distrito operário, por exemplo, conseguir permissão para namorar a filha de um trabalhador que não fosse nordestino era tarefa difícil:

“Eu me lembro de um baiano, um sujeito que era decente para danar. Tinha uma italiana, filha de italiana e do senhor Manoel. Esta moça gostava desse baiano, só que [ele] nem podia passar na porta da frente da casa [dela] por causa do pai. O sangue ‘azul’ não aceitava sangue nortista”.⁸⁸

O depoimento de Lima, ao ironizar a pretensão de nobreza do ‘sangue azul’ diferenciando-se e rejeitando o ‘sangue nortista’ dos trabalhadores nordestinos, revela bem a percepção das diferenças e tensões cotidianas vivenciadas pela geração de migrantes que chegou a São Paulo nos anos 40 e 50.

Apesar das semelhantes experiências migratórias, as diferenças entre os próprios migrantes nordestinos eram consideráveis. ‘Nordeste’, ‘sertão’, ‘norte’, “Bahia” eram categorias genéricas que se referiam a diferentes lugares de origem. Além dos distintos estados da federação, o interior nordestino é composto de macro regiões (sertão, zona da mata e agreste) e variadas sub-regiões com características sócio-econômicas e culturais bastante peculiares.

⁸⁷ Cf. Juarez Brandão Lopes, *Sociedade Industrial...*, p 68.

⁸⁸ Depoimento de Augusto Ferreira Lima.

Ademais, a maioria dos migrantes provinha de uma ampla e diferenciada gama de profissões e atividades no campo e nas pequenas cidades do interior. No entanto, ao chegar a São Paulo, as várias diferenças entre ‘os nortistas’⁸⁹ tenderam a ser homogeneizadas.

Os diversos migrantes nordestinos e mineiros que chegaram a São Paulo no fim dos anos 40 e durante os 50 foram genericamente chamados de ‘baianos’. ‘De Minas para cima é tudo Bahia’, afirmava um jocosa expressão costumeiramente repetida na cidade. Tal generalização certamente refletia a grande presença de oriundos daquele estado dentre o contingente de migrantes em São Paulo. Entre 1952 e 61, aproximadamente 330 mil trabalhadores provenientes da Bahia foram registrados pelos órgãos paulistas de controle da migração, o que significava cerca de 30% do total e colocava os baianos, isoladamente, como o maior grupo de migrantes do período.

Por outro lado, é importante não desconsiderar o componente racial implícito na designação. “São Paulo em 1950”, nota o historiador John French, “era uma pequena cidade, quase completamente branca, e 20 anos depois tornou-se uma cidade muito grande, com todas essas pessoas morenas e de pele escura que ‘não são como nós’ ”.⁹⁰ De acordo com uma pesquisa realizada no início de 1962, cerca de 60% dos migrantes que adentraram o estado de São Paulo nos anos 50 eram “pardos ou negros”, com uma presença notável de baianos dentre estes. Como apontaram os autores da investigação:

“Cremos, inclusive, derivar do fato de existir (...) grande número de migrantes baianos pardos, que se dirigiam para o estado de São Paulo, o costume de se achar ou apelidar qualquer indivíduo pardo de ‘baiano’, ou ainda de identificar qualquer

⁸⁹ Nos anos 50, o termo ‘nortista’ era mais comum do que o ‘nordestino’ para designar os migrantes dos estados nordestinos.

⁹⁰ Cf. Alexandre Fortes et all. *Na luta por...*, p.189. Em 1950 a porcentagem de brancos sobre o total da população da cidade chegava a 87%. Cf. J. R. de Araújo Filho. “A população paulistana” in Aroldo de Azevedo (org.). *A cidade de São Paulo. Estudos de geografia urbana*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1958.

migrante que possua tez amorenada como sendo ‘baiano’ independente de seu estado de origem, costume este que até hoje perdura”.⁹¹

Para grande parte dos migrantes, porém, a generalização expressa na denominação ‘baiano’ era mal vista. Muitas vezes dava margem para desavenças e disputas. Vários depoimentos ressaltam que diversas discussões ocorriam devido às rivalidades regionais entre os próprios trabalhadores migrantes. Augusto Lima conta que “tinha briga por causa disso. Porque o cara era de um estado e não queria que chamassem ele de baiano”. “A gente notava um certo bairrismo”, lembra Artur Pinto de Oliveira. Muitas vezes, “quem era baiano não se misturava com quem era sergipano, quem era sergipano não se misturava com quem era pernambucano”.⁹² Entretanto, em um processo migratório marcado por relações familiares e comunitárias, era previsível que os primeiros laços de amizade e relacionamentos dos recém chegados à nova cidade fossem inicialmente restritos às pessoas da mesma região de origem e que uma eventual identificação ‘equivocada’ desses grupos causasse ressentimentos.

Juarez Brandão Lopes também notou ressentimentos entre trabalhadores migrantes relativos à homogeneização com que eram tratados. Um empregado especializado na fábrica em que realizava sua pesquisa, ao ver o sociólogo conversando com um operário da produção, perguntou em tom irônico se o ‘baiano’ seria entrevistado. O trabalhador, “que é de Minas Gerais, murmurou em tom ressabiado: ‘Só que não sou baiano...’”.⁹³

Embora enfatizem suas diferenças, os migrantes percebiam claramente como o restante da sociedade tendia a homogeneizá-los. “Tudo o que acontecia de errado”, frisa novamente Artur Oliveira, “um cearense matava um pernambucano”, por exemplo, e todos já falavam “Ó, o baiano

⁹¹ Santa Helena Bosco e Antônio Jordão Netto. *Migrações: estudo especial...*, pp. 32 e 66-68. Para uma análise da criação de estereótipos, particularmente raciais, a respeito dos baianos, com ênfase no período anterior ao das grandes migrações para o centro-sul do país, cf. Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. *O preconceito contra os baianos*. Comunicação ao Congresso Internacional da Latin American Studies Association (LASA). Miami, março de 2000.

⁹² Depoimentos de Augusto Ferreira Lima e Artur Pinto de Oliveira e Afonso José da Silva concedidos ao autor.

⁹³ Cf. Juarez Brandão Lopes, *Sociedade Industrial...*, p. 91.

meteu a peixeira lá. Tudo era baiano, quando na realidade [havia migrantes] de todos os estados”. Afonso José da Silva recorda-se que quando havia uma briga mais séria no bairro onde morava, os jornais sempre estampavam: “Um baiano matou fulano de tal”, quando muitas vezes o criminoso nem baiano era. Para Silva, São Miguel Paulista

“pegou a fama porque era a ‘segunda Bahia’. (...) A maior parte dos baianos vinha tudo para aqui. Porque um trazia o outro. Mas aqui tinha baiano, pernambucano, sergipano, paraibano... tinha tudo, mas a fama caiu naqueles”.⁹⁴

Piadas e gozações dirigidas aos migrantes eram outro sintoma de tensões entre locais e recém chegados. Francisco Weffort aponta os anos 50 como o momento do surgimento das ‘piadas de baiano’, primeira reação popular à chegada do grande contingente de nordestinos.⁹⁵ Em outubro de 1956, o vereador Agenor Mônaco comentava a recente onda de “chistes e ditos jocosos” que “se verificam em relação aos nossos irmãos do norte”. No mesmo período, o jornal *O Dia* comentava este fenômeno observando que “de uns meses a esta parte, o espírito galhofeiro dos povos sulistas (...) voltou-se contra nossos bons irmãos da Bahia, que estão sendo glosados e gozados à larga”. O diário também observava a irritação dos migrantes com as brincadeiras:

“ ‘Você sabe o que é que o baiano...’; eis a pergunta que invariavelmente se ouve em todos os quadrantes da cidade, acompanhada de uma explicação galhofeira, mas que põe os bons filhos da ‘boa terra’ em brios, fazendo-os enervados e dispostos a brigar por dá cá aquela palha!”

Como exemplo da irritação dos ‘nortistas’ com as piadas, o jornal relatava um caso ocorrido na Mooca. Em uma feira-livre, “um grupo de rapazes divertia-se contando piadas a respeito dos baianos. Cada qual tinha uma piada melhor do que a outra e as gargalhadas ecoavam, atraindo a atenção dos passantes que paravam para ouvir e se riam alegremente”. Exaltado com

⁹⁴ Depoimentos de Artur Pinto de Oliveira e Afonso José da Silva concedidos ao autor.

⁹⁵ Cf. Francisco Weffort. “Nordestinos em...”.

as anedotas, o pernambucano José Epaminondas Freire aproximou-se do grupo perguntando: ‘Vocês sabem o que é bainha de ‘peixeira’ de baiano?’ Ninguém soube responder e Epaminondas, sacando de uma faca, investiu contra o grupo, gritando: “Pois é barriga de paulista...”, ferindo gravemente quatro pessoas.⁹⁶

O jornal não informa, mas é possível que Epaminondas já conhecesse o grupo de rapazes piadistas e que sua ira tivesse raízes em brincadeiras e desavenças anteriores. De toda forma é interessante notar como, apesar de pernambucano de nascença, ele é considerado pelo jornal como exemplo da irritação dos baianos com as piadas. O episódio é, sem dúvida, significativo dos choques culturais e tensões existentes com a chegada em grande número de nordestinos a São Paulo.

As grandes migrações do campo para a cidade e a crescente presença de nordestinos em São Paulo foram vistas por muitos contemporâneos como um grande problema. A acelerada industrialização e o crescimento da cidade eram acompanhados por um vertiginoso aumento dos problemas de infraestrutura urbana. Dificuldades de transporte, ausência de moradias, ampliação da criminalidade e da miséria urbana, lado a lado, com o progresso e desenvolvimento da metrópole, passaram a fazer parte do cotidiano de São Paulo. Para muitos setores da sociedade paulistana, longe de parceiros do desenvolvimento, os migrantes nordestinos eram considerados culpados e eventuais ‘bodes expiatórios’ pelas agruras advindas do rápido crescimento da cidade.

Uma série de adjetivações e estereótipos a respeito dos trabalhadores migrantes nordestinos foi forjada ao longo deste período. Considerados ‘ingênuos e primitivos’, os migrantes seriam constantemente iludidos porque estariam tão visceralmente acostumados a uma situação de miséria e privações que, mesmo quando colocados em um ambiente desenvolvido

⁹⁶ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 96^a Sessão Ordinária, 22 de outubro de 1956 e *O Dia*, 21 de outubro de 1956, p. 12.

como São Paulo ou outras grandes cidades, teriam dificuldades de romper com o passado e de se abrir para a modernidade e para a ‘civilização’.

Assim, se a migração em si era “um dos grandes problemas nacionais”, os migrantes eram considerados o reflexo do “baixo nível cultural e técnico da população do país”. Observando trabalhadores nordestinos recém chegados ao Rio de Janeiro em finais dos anos 40, um técnico do Departamento Nacional de Imigração descrevia-os como de “deprimente aspecto físico (...) e com condições de vida social e familiar tão inferiores que os tornavam economicamente nulos”. Francisco Barbosa Leite batia em tecla semelhante em sua análise sobre os flagelados da seca e as viagens de paus-de-arara para São Paulo e outras cidades industriais. Para ele, “a falta de higiene, a miséria e o desinteresse dos poderes públicos contribuem para a dissolução moral e orgânica das *mentes primitivas* que as estradas carregam até estes destinos”.⁹⁷

Uma extensa reportagem do popular diário paulistano *A Hora* em 1956 exemplifica bem essa visão negativa sobre os migrantes. A presença de nordestinos na cidade toma ares de uma verdadeira e assustadora invasão dos “mais desencontrados indivíduos (...) *personas non gratas* que vêm tentar sabotar o trabalho construtivo, decente e elevado dos bandeirantes”. Vítimas de uma “fascinação irresistível” por São Paulo, os migrantes eram vistos como

“depauperados, doentes, cheios de filhos atacados de verminose. O quadro que apresenta a família nordestina compara-se aos povos mais atrasados do mundo. Ignorando as mais elementares noções de higiene e de alimentação, mesmo que consigam emprego em São Paulo, como o conseguem muitos deles, não abandonam jamais seu *modus vivendi*.”⁹⁸

⁹⁷ Partido Socialista Brasileiro. “A imigração e o atual momento histórico”, *Revista de Imigração e Colonização*, Ano X, janeiro-dezembro de 1949, p. 21; Roberto Pinto de Souza. “Deslocamento da população rural”, *Digesto Econômico*, n.83, outubro de 1951; Luís Fernando Maria Teixeira. “O desajuste e a recuperação do trabalho rural”, *Revista de Imigração e Colonização*, Ano X, janeiro-dezembro de 1949, p. 263; e Francisco Barbosa Leite. “O paus-de-arara”, *Revista Brasileira de Geografia*, ano 17, n.2, p. 222.

⁹⁸ *A Hora*, 16 de março de 1956.

A seqüência de secas que assolou o Nordeste nos anos 50 contribuiu para reforçar a visão dos migrantes exclusivamente como depauperados fugitivos das estiagens sertanejas. Comentando a necessidade de medidas para conter a “vinda indiscriminada [dos nordestinos] que vem a São Paulo” devido à grande seca de 1958, um deputado estadual paulista pleiteava a criação de uma ‘Casa do Nortista’ para dar assistência e auxílio para aqueles que inevitavelmente desembarcariam na capital paulista. Dois anos antes, outro deputado da Assembléia Legislativa paulista, Carlos Kherlakian, exigia providências contra os donos de paus-de-arara, que ludibriando os “pobres trabalhadores” nordestinos em sua “boa fé”, largavam os

“famintos esfarrapados (...), pobres desajustados, a perambularem com suas famílias pelo centro da cidade, procurando viver a custa da caridade alheia, sofrendo fome, frio, doenças de toda sorte, oferecendo um triste e humilhante espetáculo para uma metrópole como São Paulo.”⁹⁹

Diante do assombro com a intensidade e velocidade da migração, rumores sobre a possibilidade de impedir a entrada de trabalhadores em terras paulistas chegaram a circular. Vez por outra, jornalistas e parlamentares eram lembrados da inconstitucionalidade e inviabilidade de tal proposta. Em março de 1959, por exemplo, o vereador José Aranha alertava seus colegas que o governo federal não poderia impedir a migração do Norte para São Paulo, “porque esta gente toda está, evidentemente, dentro da Constituição Federal: de liberdade de locomoção”. Com uma linha de argumentação semelhante, uma matéria do *A Hora* afirmava que “é impossível e inadmissível a proibição da entrada de nordestinos em São Paulo. A Constituição assegura a liberdade de locomoção.”¹⁰⁰

De toda forma, a necessidade de uma ação governamental para controlar e disciplinar a migração nordestina, de uma lado, e ampliar a assistência e o amparo ao migrante em São Paulo,

⁹⁹ *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 1 de setembro de 1955, p. 43 e 9 de junho de 1956, p. 57.

de outro, parecia evidente e urgente para muitos. Preocupado com a situação, o ministro da Agricultura do governo Vargas, João Cleofas, propôs em 1952, “barrar-se essa corrente de retirantes ao longo da Rio-Bahia, com o estabelecimento de colônias agrícolas assistidas pelo governo em terras devolutas e desapropriadas nas margens dos rios que cortam a estrada”.¹⁰¹ A idéia nunca vingou e ao longo dos anos seguintes reclamações quanto à incapacidade do governo em lidar com a questão da migração foram constantes.

Analisando o êxodo rural e a migração nordestina dez anos depois da proposta de Cleofas, um técnico especializado do governo paulista, Luís Cava Netto, continuava cobrando medidas do governo federal. Reconhecendo nos “movimentos populacionais internos (...) um mal necessário”, Netto, propunha uma “seleção sanitária e profissional nas regiões de imigração”. “Não se trata”, ressaltava, “de tomar atitudes coercitivas que visem impedir brasileiros de se locomoverem em seu próprio país (...), mas simplesmente de fazer com que as migrações se desenvolvam dentro de certa disciplina”. Como, segundo ele, a maioria dos migrantes era composta por “pessoas absolutamente incapazes de se ajustarem ao novo meio”, a seleção poderia mostrar a “esses indivíduos os inconvenientes do deslocamento (...), inclusive a quase impossibilidade de ajustamento, devido às características do mercado de trabalho nas grandes cidades”. Desta forma, os “maiores beneficiários seriam os próprios migrantes”.¹⁰²

Para além de visões extremadas, preconceituosas ou até mesmo pretensamente caridosas de alguns técnicos governamentais, jornalistas, estudiosos, governantes ou de parlamentares, a figura do retirante como miserável e faminto, premido pelas condições econômicas e ecológicas do sertão do Nordeste, fugindo desesperada e desorganizadamente da seca prevaleceu no imaginário social do período como a mais representativa imagem do migrante, embora, como

¹⁰⁰ Cf. *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 457ª Sessão Ordinária, 1 de março de 1959 e *A Hora*, 16 de março de 1956.

¹⁰¹ Cf. *O Observador Econômico e Financeiro*, n. 194, março de 1952, p. 4.

¹⁰² Luiz Cava Netto. “Contribuição do desenvolvimento...”, pp. 66-69.

vimos, ela corresponda a uma parcela razoavelmente minoritária do total de trabalhadores que se deslocaram para as capitais do centro sul do país.

A intensificação das migrações internas após a Segunda Guerra Mundial foi essencial para a consolidação de um longo processo de configuração e instituição do Nordeste brasileiro. Desde meados do século XIX, as diferenças entre o Norte e o Sul do país passaram a ser enfatizadas e objeto do discurso de políticos e estudiosos. A grande seca de 1877 e a rebelião de Canudos na década de 1890 foram momentos fundamentais para a construção de uma imagem da região e do povo ‘rudes’, marcados pela dureza do meio. Além disso, influenciados pelas teorias naturalistas, muito em voga no período, analistas, como Nina Rodrigues, destacaram a presença negra e mestiça no Norte que, com sua “inércia e indolência”, se contraporia à cada vez mais dominante e empreendedora presença branca no sul do país. Tal diferenciação natural e racial condenaria o Norte brasileiro ao atraso e à ausência de civilização.¹⁰³

No contexto de consolidação do nacionalismo nos anos 20 e 30 do século XX, o discurso regionalista nordestino fortaleceu-se, assumindo papel central na constituição da imagem de uma região com características históricas, culturais e econômicas homogêneas. Contraposto ao avanço, progresso e desenvolvimento de São Paulo, o Nordeste era construído como o espaço do agrário, das vicissitudes das secas, do sertão, do tradicionalismo, do fanatismo religioso, da violência do cangaço, enfim, daquilo que é oposto à ‘modernidade’. Gilberto Freyre, José Lins e outros intelectuais e artistas das décadas de 1920 e 1930 procuraram, de diferentes formas, valorizar alguns destes aspectos, apostando na criação de uma identidade cultural comum, a chamada ‘brasilidade nordestina’. Para muitos deles, seria o Nordeste o verdadeiro bastião da

¹⁰³ Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco e São Paulo, Cortez, 1999, pp. 57-8.

cultura nacional. Longe das influências européias que dominavam o sul do país, particularmente São Paulo, o Nordeste seria a região autenticamente brasileira.¹⁰⁴

Em que pese a influência da idéia do Nordeste como reduto do mais puro ‘espírito’ nacional, o desenvolvimento capitalista do país e a crescente e profunda diferenciação econômica entre as várias regiões consolidaram a construção da imagem de São Paulo associado ao progresso e dinamismo e do Nordeste ao atraso e estagnação. A grande presença migrante nordestina no centro-sul do país a partir de meados da década de 40 aproximou pessoas de regiões do país que mal se conheciam e, ao mesmo tempo, define e é definida por uma imagem já existente do que era o Nordeste e seu povo.

À diferenciação regional superpunham-se as fortes distinções entre campo (associado fortemente ao Nordeste) e cidade (cujo maior símbolo era a metrópole paulistana). Fernando Novais e João Manuel Cardoso de Mello, em sua análise sobre as novas formas de sociabilidade que surgem com o desenvolvimento do capitalismo no Brasil no século XX, ressaltam que “a vida da cidade atrai e fixa porque oferece melhores oportunidades e acena um futuro de progresso individual, mas também porque é considerada uma forma superior de existência”. Os moradores das cidades vêem-se como “gente moderna, ‘superior’ ” em contraponto aos homens e mulheres do campo, uma “gente atrasada, ‘inferior’ ”. Em 1950, continuavam os autores, “os 10 milhões de cidadãos” muito provavelmente consideravam a imensa maioria dos 41 milhões de brasileiros que moravam nas zonas rurais como “matutos, caipiras e jecas”.¹⁰⁵ É possível dizer que nos anos seguintes o adjetivo ‘baiano’, ao menos em São Paulo, foi acrescentado àqueles dizeres pejorativos.

¹⁰⁴ Sobre o papel de intelectuais e artistas na ‘criação’ do Nordeste, ver Durval Muniz de Albuquerque Jr. *A invenção do Nordeste...* e Michel Zaidan Filho. *O fim do Nordeste e outros mitos*. São Paulo, Cortez, 2001.

¹⁰⁵ João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais. “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna’ in Lília Schwarcz. *História da vida privada. Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998.

As expectativas da grande maioria dos migrantes rurais eram justamente a de se incorporar ao ‘progresso’ representado pela cidade grande. Em seu cotidiano, um bom emprego, direitos trabalhistas, boas condições de moradia, de saúde e educação para si próprio e para sua família, além de um acesso, ainda que modesto, aos bens de consumo que o desenvolvimento do capitalismo brasileiro começava a gerar eram a mais perfeita tradução para o ideal de ‘progresso’ que esperavam encontrar em uma grande cidade, como São Paulo. Uma realidade que fosse diferente do ‘atraso’ do Nordeste. O depoimento de um trabalhador nordestino em *Viramundo*, filme sobre as migrações internas no Brasil, dirigido por Geraldo Sarno em 1965, ilustra bem esta visão:

“Dentro da minha casa eu tenho televisão, tenho geladeira (...) Eu gosto muito de São Paulo, desse povo que adoro muito, um povo que olha para frente, Não me considero um nortista e sim um paulista e aqui eu pretendo morrer (...). Eu não vou voltar para o Norte, porque se para lá voltar estarei voltando para trás, portanto, estou em São Paulo e quero caminhar para frente”.¹⁰⁶

Geraldo Sarno contou para a realização de *Viramundo* com a assessoria e pesquisa de Otávio Ianni, Juarez Brandão Lopes e Cândido Procópio, três dos principais intelectuais, que a partir do final dos anos 50, dedicaram-se ao estudo do processo de intensa industrialização e urbanização pela qual passava a sociedade brasileira. Não por acaso, reproduz em linguagem cinematográfica algumas das principais teses daquela geração intelectual sobre os migrantes e sua inserção no mundo industrial das grandes cidades. Balizada pela teoria da modernização, tais análises, como vimos na apresentação desta tese, sistematizavam em uma linguagem acadêmica muito da visão contemporânea sobre a suposta divisão estrutural do país entre o atraso rural e o progresso urbano.

¹⁰⁶ *Viramundo*, filme dirigido por Geraldo Sarno, 1965. Para uma específica análise deste filme ver Jean-Calude Bernardet. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

Não eram apenas os acadêmicos, entretanto, que, nos anos 50, estavam preocupados com a nova e crescente presença dos migrantes no seio da classe operária. Militantes e ativistas sindicais e de esquerda procuravam conquistar a simpatia destes trabalhadores e, embora timidamente, passaram a direcionar um discurso próprio para este novo contingente operário.

A chamada ‘greve dos 400 mil’ em 1957 foi um momento importante para as pretensões dos sindicalistas e militantes de esquerda. Procurando arregimentar essa massa de novos operários para a paralisação, o diário comunista *Notícias de Hoje*, por exemplo, louvava a greve e as manifestações de massa como as armas que os trabalhadores teriam que recorrer para “fazer valer seus direitos e conquistar suas reivindicações”.

“Os avós dos avós dos descendentes dos imigrantes italianos, espanhóis, alemães, etc., passaram diversas vezes por essa experiência. Os filhos de camponeses que vieram para São Paulo também já se deram conta disso”.¹⁰⁷

De fato, a participação de jovens operários migrantes mineiros e nordestinos parece não ter sido nada inferior em relação a outros segmentos dos trabalhadores. Empresas com grande maioria de migrantes, como a Nitro Química, paralisaram as suas atividades. Em um eufórico relato sobre a paralisação na fábrica de vidros Wheathon do Brasil, um jornalista simpático à greve escrevia:

“São todos nordestinos. Não vieram a São Paulo para fazer greve. Mas começaram a aprender que a união, a luta e a organização dos trabalhadores são necessárias para que possam obter aquilo que os fez abandonar seus lares e as cidades em que nasceram”.¹⁰⁸

Refletindo o crescente interesse político na questão da migração nordestina, diversos setores políticos, entre os quais o PCB, o PSP de Ademar e o PTB estimulavam a organização de

¹⁰⁷ *Notícias de Hoje*, 15 de outubro de 1957.

¹⁰⁸ *Notícias de Hoje*, 26 de outubro de 1957.

entidades de auxílio e assistência aos nordestinos. Em 1957, por exemplo, surgia a Associação Paulista Amiga dos Homens do Norte e Nordeste, com o apoio do PCB. Embora possa ser consideradas mais um espaço de inserção política e construção de uma identidade nordestina, tais associações não parecem ter logrado efetivo apoio entre os migrantes. Como veremos, organizações de caráter mais informal, como times de futebol e clubes dançantes tenderam a reunir mais os migrantes de determinadas cidades e regiões do que as ‘associações nordestinas’.

No final dos anos 50 e início dos 60, vai tomando corpo na esquerda brasileira, particularmente em setores intelectuais, estudantis e artísticos, uma visão positiva do camponês e do migrante, que se contrapunha à tradicional imagem negativa sobre o atraso político e cultural destes setores sociais. Parte de um fenômeno que foi denominado de ‘romantismo revolucionário’ pelo sociólogo Marcelo Ridenti, o elogio ao homem do campo (como trabalhador rural ou migrante) buscava resgatar “uma comunidade inspirada no *homem do povo*, cuja essência estaria no espírito do camponês e do migrante favelado a trabalhar nas cidades”. Para diversos setores políticos da esquerda no imediato pré-1964 e principalmente no período até o início dos anos 70, seriam estes, os camponeses e os migrantes, os verdadeiros agentes da transformação social. Alípio Freire, militante político do período, descreve bem este sentimento em depoimento a Ridenti:

“O sujeito básico, agente de transformações nesse nacional-popular, era o camponês nordestino; de preferência o retirante (...). Supunha-se que a aliança retirante-favelado seria a grande força motriz da História.(...) Não era só o pessoal do CPC. Existia isso posto no conjunto da sociedade. Esses temas invadiram toda arte, toda cultura”.¹⁰⁹

Vistos como elementos arcaicos e atrasados ou idealizados como agentes de transformação que, com sua história e luta abririam as portas do futuro, a presença e ação dos

¹⁰⁹ Marcelo Ridenti. *Em busca do povo brasileiro. Artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro, Record, 2000, pp. 21-3.

migrantes rurais no contexto das imensas e rapidíssimas transformações trazidas pela industrialização e urbanização foi um dos fenômenos sociais de maior importância e com imensas repercussões no Brasil dos anos 1950, 60 e 70.

Na década de 50, a presença migrante nordestina nas cidades industriais do sudeste brasileiro teve, certamente, papel essencial para a emergência da reforma agrária e dos desníveis regionais como temas centrais no debate político e social do país naquele período. A presença de milhares de migrantes oriundos do campo demandava uma urgente reflexão sobre a estrutura fundiária da região, que crescentemente passa a ser vista por diversos atores sociais e por vários teóricos do nacional-desenvolvimentismo como a principal causa do ‘atraso’ nordestino e pela imensa onda migratória. Assim, em nota distribuída à imprensa quando de sua posse em junho de 1954 na presidência do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, Francisco de Toledo Piza, argumentava sobre

“a impressionante anomalia social desse país de estrutura agrária onde, entretanto, apenas um agricultor, em cada grupo de cinco, trabalha em terra própria. Já se demonstrou (...) que neste fato reside a causa principal do êxodo das populações rurais, mais séria e mais atuante que a própria seca no Nordeste como fator determinante de uma fuga em massa.”¹¹⁰

Mesmo uma revista dedicada ao público empresarial, destacava, já em 1952, que não eram apenas os “chamados fatores ‘naturais’ ” as causas do “escoamento das massas humanas do Nordeste”. Motivo de “sérias apreensões sobre o futuro político que nos espera”, as migrações, segundo o editorial da revista, deveriam ser tratadas no contexto de “recuperação do Nordeste brasileiro”, o que só poderia ser efetivamente concretizado se apoiado na “fixação do homem ao solo através de uma *reforma de base no sistema da posse da terra e de sua exploração*”.¹¹¹ Se a

¹¹⁰ Cf. *A Hora*, 21 de junho de 1954.

¹¹¹ Cf. *O Observador Econômico e Financeiro* n. 195, abril de 1952, pp. 3-4. (grifos meus).

efervescência das lutas sociais dos trabalhadores rurais nordestinos com o surgimento das Ligas Camponesas colocava a questão agrária no centro da agenda política, a presença nas grandes cidades de migrantes recém egressos das áreas rurais teve um efeito político catalizador imenso para o debate sobre os efeitos nocivos do poder do latifúndio no país.¹¹²

A presença migrante no sudeste brasileiro também contribuiu para o debate sobre os desequilíbrios regionais, bastante comum a partir dos anos 50. Para os teóricos desenvolvimentistas, as migrações eram vistas como uma prova contundente do arcaísmo e do subdesenvolvimento nordestino e impulsionaram a necessidade de uma intervenção estatal objetivando, através do planejamento, superar as desigualdades entre as regiões e promover o progresso. É no contexto deste debate que, naquela década várias organizações governamentais específicas para tratar da ‘questão nordestina’ são criadas. Em 1952 foi criado o Banco do Nordeste do Brasil; em 1956, já no governo de Juscelino Kubiteschek, era instituído o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste que culminaria na fundação em 1959 da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), sendo Celso Furtado, um dos principais teóricos do nacional-desenvolvimentismo, seu maior inspirador.¹¹³

Partindo do estudo do bairro paulistano de São Miguel Paulista e da Nitro Química, grande fábrica ali localizada, os próximos capítulos procurarão explorar, a partir deste caso, as relações entre a experiência dos migrantes nordestinos de origem rural, a constituição de uma identidade comum entre eles e o processo de formação da classe trabalhadora, particularmente nos anos 50, fornecendo, assim, alguns elementos para a análise da influência da migração sobre a experiência dos trabalhadores em São Paulo e no país.

¹¹² Para uma análise das Ligas Camponesas neste contexto ver Maria do Socorro Rangel. *Medo da morte e esperança de vida. Uma história das Ligas Camponesas na Paraíba*. Campinas, Dissertação de mestrado apresentada ao IFCH-Unicamp, 2000.

¹¹³ Cf. Maura Penna. *O que faz ser nordestino. Identidades sociais, interesses e o ‘escândalo’ Erundina*. São Paulo, Cortez, 1992, pp. 28-9 e Edison Nunes. *Algumas notas...*

CAPÍTULO 2

‘TERRA DE NORDESTINOS’

MIGRAÇÃO, URBANIZAÇÃO E TRABALHO FABRIL EM SÃO MIGUEL PAULISTA

Quando Mário da Natividade Valladão chegou a São Miguel Paulista, assustou-se com o que encontrou. Designado pela Igreja Batista para fundar um templo e ser o primeiro pastor daquela comunidade que crescia rapidamente, Mário Valladão e sua família desembarcaram em São Miguel no primeiro dia do ano de 1946. Sua primeira impressão do bairro não foi boa. “Aquele São Miguel”, escreveu em seu breve texto de memórias, “era um enorme sítio, algumas casas muito velhas e feias, com uma única condução para a cidade: um trem que ia pela manhã e voltava à noite.”

Se não gostou do bairro, pior ainda foi seu sentimento em relação ao rebanho que deveria conquistar para sua fé. “O povo era revoltado e mau”, resumiu. A Nitro Química, fábrica que dominava o cenário do povoado, “ainda funcionava precariamente.” Pela estrada,

“caminhões vinham do Norte e do Nordeste (...) cheios de homens sem destino, sem documentos e aqui se alojavam. Eram os tais ‘paus de arara.’”

A fisionomia de sua “jovem e querida esposa” dizia tudo: “tristeza e aflição” estampadas. Mas não havia escolha. Apesar do desânimo, “tinhamos que ficar”, relatou Valladão muitos anos depois.

Rapidamente, porém, o pastor encontrou no “povo uma virtude”. É verdade, “eles viviam em grupos, como índios.” Mas, “se amavam e se uniam também”. O “espírito de cooperação existente entre eles” chamava a atenção do religioso. Um exemplo concreto, Mário Valladão teve quando “os três estridentes apitos” da fábrica foram “dados fora da hora costumeira”, indicando incêndio na fábrica que podia mandar “todo São Miguel (...) pelos ares.” E assim, “homens, mulheres e crianças, gente velha e gente nova, com latas, baldes, se organizavam num esforço enorme querendo ajudar a apagar o incêndio.”

Foi ali que o pastor sentiu-se um “privilegiado”. Deus havia lhe colocado num “campo promissor, com muita carência”, mas também, “com muitas almas para serem ganhas”. Mário da

Natividade Valladão fundou a primeira Igreja Batista de São Miguel e dela seria seu principal pastor por 40 anos.¹

Já o escritor Jorge Amado, quando visitou São Miguel pela primeira vez em 1945, teve impressão bastante diferente. Empolgado com a legalidade e o crescimento do Partido Comunista no período subsequente ao final da Segunda Guerra Mundial, Amado, uma das principais lideranças do partido, resolveu visitar “a maior célula do Partido em São Paulo, (...) a da Nitro Química,” composta de “mil e tantos homens, aproximando-se rapidamente dos dois mil.”

Jorge Amado apreciou muito a visita. Gostou do “ar de festa” imperante na sede do partido no bairro. Entusiasmado, escreveria que “em nenhuma parte eu senti tanto que o Partido era a casa do proletariado e do povo quanto na sede distrital de São Miguel.”

Amado parece ter se sentido em casa na afastada São Miguel. O clima alegre e informal entre os trabalhadores o encantou. O costume, “à maneira do norte” de operários e operárias, de colocar bancos na frente das casas “onde a gente senta e conversa” deve ter lhe trazido boas recordações, bem como a existência do coral do maestro Emílio Alves, “um preto risonho e modesto, (...) operário da fábrica e militante do Partido.” O mesmo coral, acompanhado por uma orquestra de violões, cuícas e pandeiros, já havia recebido a visita do cantor Dorival Caymmi, “que veio ouvir e aplaudir as marchas do maestro.”²

Não há registros de novas visitas de Amado à esta terra que tanto o fascinou, mas tanto em seu breve relato sobre o bairro, quanto nas lembranças do pastor Valladão, as referências à presença e aos costumes dos migrantes que residiam e trabalhavam em São Miguel chamam a atenção. Nas próximas páginas procurarei analisar como São Miguel se constituiu no contexto da acelerada urbanização e industrialização paulistana no século XX e como o bairro consolidou-se como espaço de moradia e trabalho para milhares de migrantes, particularmente, nordestinos.

¹ Informações retirados do relato memorialístico do pastor Mario da Natividade Valladão intitulado ‘*Dá conta de tua mordomia*’. São Paulo, Igreja Batista de São Miguel Paulista, 1986.

² Jorge Amado. “O jovem Ramiro” in *Homens e coisas do Partido Comunista*. Rio de Janeiro, Edições Horizonte, 1946.

‘São Miguel, o Nordeste em São Paulo’

A história do bairro paulistano de São Miguel foi alterada profundamente nos anos 30, quando ali se instalou a Companhia Nitro Química Brasileira. Aldeamento indígena e missão jesuíta nos séculos 16 e 17, a região, embora um dos mais antigos bairros da cidade de São Paulo, pouco se desenvolveu nos séculos seguintes, permanecendo como um pequeno núcleo habitacional no extremo leste do município.³

Nas primeiras décadas do século XX, com o crescimento de São Paulo, imigrantes portugueses e japoneses instalaram-se em regiões rurais, então localizadas no distrito⁴ de São Miguel, como Itaquera e Lajeado (atual Guaianazes) e passaram a ter grande importância na produção e abastecimento de hortaliças, legumes, frutas e flores para a população de toda cidade. O desenvolvimento provocado por tais atividades levou, inclusive, à autonomização de tais regiões como distritos independentes em 1920 e 1929, respectivamente. Já em São Miguel floresceram as olarias e a produção de tijolos, que abasteciam a crescente demanda da capital paulista. A proximidade do rio Tietê servia tanto como fonte de matéria-prima, quanto como meio de transporte. Filho de um proprietário italiano de uma olaria “que ficava a 50 metros do Tietê”, Francisco Lapenna nasceu em São Miguel em 1906 e recorda-se que

“havia muitas barcas que desciam o rio carregadas de tijolos, lenha e telhas. Era o único meio de transporte (...). As telhas eram vendidas em São Paulo e o transporte

³ Para uma análise da história do bairro de São Miguel com especial ênfase no período anterior ao século XX, ver Sylvio Bomtempo. *O bairro de São Miguel Paulista. A aldeia de São Miguel do Ururai na história de São Paulo*. São Paulo, Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal, 1970 (Série História dos Bairros de São Paulo). Ver também Aristides Pimentel. *Cronologia comentada da história de São Miguel Paulista 1493-1990*. São Paulo, s/d. (mimeo.). Várias referências à história de São Miguel também podem ser encontradas em Juergen R. Langenbuch. *A estruturação da grande São Paulo. Estudo de geografia urbana*. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1971.

⁴ São Miguel era um dos 18 distritos pelo qual a cidade de São Paulo foi dividida em 1911. Manteve a condição nas várias reformas da divisão administrativa que a cidade enfrentou nos anos seguintes. Em 1944, São Paulo foi novamente reorganizada em 6 distritos, a saber: distrito de São Paulo (constituído por 39 subdistritos), Baquirivú (ex-São Miguel), Guaianazes (ex-Lajeado), Itaquera, Parelheiros e Perús. Em 1948, Baquirivú voltou a chamar-se São Miguel e foi criado o distrito de Jaraguá. Em 1959, Ermelino Matarazzo foi separado de São Miguel, constituindo um distrito próprio. Cf. A. Delorenzo Neto. *O município da capital de São Paulo e a região metropolitana*. Osasco, Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Administrativas, 1967, pp. 208-210.

era feito pelo rio Tiête, por barcaças. Uma viagem de São Miguel até a Ponte das Bandeiras (naquela época Ponte Grande da Luz) levava três dias.”⁵

Apesar do crescimento provocado pelas olarias, São Miguel permanecia como um pequeno e isolado vilarejo nos arrabaldes da cidade. Sua população em 1920 (incluindo Itaquera e Lajeado) não passava de 4.702 pessoas e os moradores do bairro tinham imensas dificuldades de deslocamento para outras regiões e para o centro da cidade.⁶ O início das operações da irregular linha de ônibus Penha-São Miguel em 1930 e, principalmente, a construção de uma variante da Estrada de Ferro Central do Brasil, com a inauguração de uma estação ferroviária no bairro em 1932, atenuaram o isolamento da região. Seria, no entanto, a instalação da Nitro Química que mudaria para sempre a face de São Miguel.

Seduzidos pelo baixo custo dos terrenos, pela proximidade da estação ferroviária e dos grandes reservatórios de água do rio Tietê, os empresários José Ermírio de Moraes e Horácio Lafer viram no bairro a localidade ideal para a instalação da grande fábrica química que haviam acabado de adquirir nos Estados Unidos.⁷ Com o generoso apoio do governo Vargas, mais de 18 mil toneladas de equipamentos e maquinaria foram transferidas da fábrica original na Virgínia para São Miguel. Em 1937, após dois anos de construções e instalações, a fábrica iniciou seu funcionamento.

A Segunda Guerra Mundial traria uma grande expansão para os negócios da empresa. Apoiada na fabricação de raiom, fio artificial largamente utilizado na indústria têxtil de então, a Nitro Química teve grande crescimento neste período. Com várias fábricas dentro da mesma planta industrial, a companhia produzia ácido sulfúrico, clorídico, tintas, sulfato de sódio e outros produtos químicos. Durante anos forneceu matéria-prima para a fabricação de explosivos pelo exército, o que lhe garantia o estatuto de empresa nacional estratégica. Ao final da guerra, a Nitro

⁵ *Folha de São Miguel*, setembro de 1996.

⁶ Cf. Juergen R. Langenbuch. *A estruturação...*, p. 170.

A presença, a partir do final dos anos 30, de uma fábrica de tal porte transformou o bairro de São Miguel em um dos principais subúrbios industriais da região metropolitana de São Paulo, justamente no período em que a cidade vivia um dos processos mais acelerados de urbanização e adensamento já conhecidos. São Paulo foi o caso mais evidente do ritmo vertiginoso de urbanização pelo qual o país como um todo passou a partir do final da Segunda Guerra Mundial.¹⁰ Entre as décadas de 40 e 60, o ritmo de crescimento da população da cidade alcança os maiores índices do século. São Paulo torna-se a maior cidade do país com cerca de 3 milhões e 700 mil habitantes em 1960 e o ufanista slogan de que a cidade era a que ‘mais crescia no mundo’ era repetido à exaustão. Neste mesmo período, a mancha urbana da região metropolitana cresceu cerca de 5 vezes passando de 200 para aproximadamente 1.000 quilômetros quadrados.¹¹ Notando a impressionantes expansão, um observador contemporâneo comentava a respeito da cidade:

“Tudo cresceu espantosamente na última década: o número de fábricas e de operários, as casas de comércio, o total de profissionais, os veículos, os telefones, o movimento de seu aeroporto, o número de ruas, os templos, o abastecimento.”¹²

Entretanto, vários estudiosos têm chamado a atenção para o caráter segregador deste processo de urbanização em São Paulo, apresentando uma intensa e contínua expulsão das classes populares do centro para as periferias da cidade. Desta forma, um determinado “padrão periférico de crescimento urbano” marcou o desenvolvimento da cidade entre os anos 40 e 80.¹³

⁹ Para uma análise mais detalhada do desenvolvimento da Nitro Química entre os anos 30 e 50, ver Paulo Fontes. *Trabalhadores e ...*, especialmente os capítulos 1 e 2.

¹⁰ Carlos Hasenbalg, por exemplo, destaca a velocidade do processo de urbanização do país lembrando que “o aumento da proporção da população urbana ocorrido em quatro décadas no Brasil, entre 1940 e 1980, demorou oito décadas nos Estados Unidos”. Cf. Carlos A. Hasenbalg. *A pesquisa...*, p. 11.

¹¹ Cf. Teresa Caldeira. *A política dos outros. O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 15 e Lúcio Kowarick. “A expansão metropolitana e suas contradições em São Paulo”, *Caderno do Ceas*, n. 102, 1986, p. 14.

¹² Aroldo de Azevedo (org.). *A cidade de São Paulo. Estudos de geografia urbana*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958, vol. II, p.159.

¹³ Sobre o conceito de “padrão periférico de crescimento urbano conferir Lúcio Kowarick e Nabil Bonduki. “Espaço urbano e espaço político: do populismo à redemocratização”, in Lúcio Kowarick (org.). *As lutas sociais e a cidade - São Paulo: passado e presente*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988; Eder Sader. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988,

Até os anos 30 era possível notar uma relativa concentração da moradia operária perto das fábricas e locais de trabalho. Bairros industriais como Brás, Mooca, Lapa, entre outros, também eram o espaço de moradia da maior parte dos trabalhadores. Residindo em vilas operárias (construídas ou não pelos industriais), ou alugando pequenas casas ou cômodos em cortiços, os trabalhadores, até este período, mantinham-se próximos aos seus empregos e não muito distantes das residências das camadas médias e altas da sociedade. Neste sentido, o grau de segregação do espaço social da cidade era relativamente menos acentuado.¹⁴

No entanto, a partir de meados dos anos 40, a questão da habitação passou a ser um grande problema para os trabalhadores em geral, e particularmente para os recém-chegados a São Paulo. A Lei do Inquilinato, decretada em 1942, em pleno Estado Novo, congelou o valor dos aluguéis por dois anos. Essa legislação, entretanto, foi sucessivamente prorrogada até 1964. Neste período ocorreram apenas dois reajustes de aluguéis, ainda assim, em valores bem abaixo da inflação. Apesar disso, alguns dos efeitos da lei foram extremamente perversos para a população de mais baixa renda. O investimento da iniciativa privada para construção de casas de aluguel a preços populares caiu drasticamente e não foi, nem de longe, substituído a contento por investimentos públicos, ampliando a carência de habitações em cidades que passavam por intenso incremento populacional devido aos processos migratórios internos. Mesmo para aquele setor da população que já se encontrava alojado e que portanto, beneficiava-se do congelamento dos aluguéis ocorreram problemas. Os proprietários utilizaram-se de inúmeras estratégias para tentar ampliar seus rendimentos, cobrando taxas ‘extras’ e ameaçando os inquilinos ou até

especialmente o capítulo 2; e Lúcia Maria Bógus. “Urbanização e metropolização: o caso de São Paulo”, in Lúcia Maria Bógus e Luiz Eduardo Wanderley (orgs.). *A luta pela cidade em São Paulo*. São Paulo, Cortez, 1992 e LW33, ES 66.

¹⁴ Sobre moradia operária e o processo de urbanização em São Paulo na primeira metade do século XX, ver Eva Alterman Blay. *Eu não tenho onde morar. Vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo, Nobel, 1985; Maria Auxiliadora Guzzo Decca. *A vida fora das fábricas. Cotidiano operário em São Paulo: 1920-1934*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987; Raquel Rolnik. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo, Studio Nobel/Fapesp, 1997; Nabil Bounduki. *Origens da habitação social no Brasil. Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria*. São Paulo, Estação Liberdade, 1998; Lúcia Maria Bógus. “Urbanização e metropolização...” e Lúcio Kowarick. *Escritos urbanos*. São Paulo, Editora 34, 2000.

vendendo as casas. O número de despejos cresceu dramaticamente, já que ao desalojar os moradores, os proprietários poderiam reajustar o preço dos aluguéis para novos inquilinos.

A questão habitacional em São Paulo ganhou, assim, dimensão de problema público no período pós-guerra. Nabil Bonduki calcula que entre 1945 e 48 o número de despejos pode ter atingido até 15% da população da cidade.¹⁵ Cortiços e casas coletivas eram setores particularmente atingidos. Os conflitos entre moradores e proprietários ampliaram-se enormemente e movimentos coletivos e organizados de inquilinos surgiram com ativa participação e mobilização.¹⁶

No entanto, para a maioria dos trabalhadores tornava-se cada vez mais difícil a possibilidade de moradia nas regiões centrais e nos antigos bairros industriais da cidade. A progressiva escassez de residências e o incremento do preço dos aluguéis das casas disponíveis nestas regiões obrigavam grande parte da população pobre a instalar-se em zonas cada vez mais afastadas e com poucos recursos, o que, de certa forma, atenuou e alterou o caráter da crise habitacional vivida pela cidade na década de 40. O grande influxo migratório nos anos 50 acelerou ainda mais a criação de distritos e bairros na periferia da cidade

A partir dos anos 50, a cidade de São Paulo passava, portanto, por um processo contínuo de criação e consolidação de sua periferia como espaço de residência da população pobre. O padrão anterior de adensamento dos trabalhadores com a proximidade da residência e local do trabalho como regra vai rapidamente se desestruturando ao longo daquele período. Ocorria uma aguda descentralização da moradia operária, espalhando as casas dos trabalhadores por diversos e afastados bairros de São Paulo e cidades vizinhas e, em boa parte dos casos, tornando distante seus empregos.

¹⁵ Cf. Nabil Bonduki. "Crise na habitação e a luta pela moradia no pós-guerra" in Lúcio Kowarick (org.). *As lutas sociais...*, p. 111.

¹⁶ Cf. Nabil Bonduki. *Origens da habitação...* Os conflitos entre inquilinos e proprietários em meados dos anos 40, vistos a partir da análise de processos judiciais, foram estudados por Adriano Duarte. *Cidadania e exclusão. Brasil: 1937-1945*. Florianópolis, Ed. UFSC, 1999.

Um intenso processo de especulação imobiliária tomou conta da cidade neste período. Loteamentos periféricos foram abertos, arruados e vendidos em inúmeras regiões dos subúrbios de São Paulo, valorizando imensamente antigas glebas rurais. Escrevendo sobre o fenômeno no final da década de 50, um especialista acreditava que as áreas loteadas “equivalem, se não ultrapassam, aos trechos efetivamente ocupados” da cidade.¹⁷

Comandado pela iniciativa privada, tal processo contava com quase nenhuma regulação e interferência dos poderes públicos municipais. Na verdade, a precariedade em termos de serviços e equipamentos urbanos da maioria destes loteamentos implicou numa transferência de responsabilidades e custos relativos a estes empreendimentos para uma eventual ação futura da própria prefeitura e órgãos públicos, causando gigantescos problemas em termos de planejamento urbano. A manutenção de trechos vazios entre loteamentos e em regiões mais próximas ao centro da cidade, por exemplo, foi uma estratégia relativamente comum de valorização e especulação imobiliária que causou uma série de danos à organização do espaço da cidade, além de impedir o acesso a tais áreas por parte de grande parte da população, gerando zonas que, devido ao preço da terra, só poderiam ser adquiridas pelos setores de maior poder aquisitivo.¹⁸

Por outro lado, para os trabalhadores, o deslocamento para a periferia podia significar a chance de sair do aluguel e da aquisição e/ou construção de uma sonhada ‘casa própria’. Diversos analistas destacam o grande valor que os trabalhadores atribuem à propriedade da moradia. Alguns chegaram a caracterizá-lo como “um forte desejo de propriedade, próprio da sociedade brasileira”.¹⁹ Do ponto de vista dos trabalhadores, porém, a casa própria representava muito mais uma segurança, uma garantia de estabilidade no ambiente altamente inseguro e volátil da grande

¹⁷ Cf. Aroldo de Azevedo (org.). *A cidade...* vol. 2, p. 155.

¹⁸ Sobre este processo ver Lúcio Kowarick (org.). *As lutas sociais... e Escritos...*; Juergen R. Lagenbuch. A estruturação...; Nabil Bonduki e Raquel Rolnik. “Periferia da grande São Paulo. Reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho” in Erminia Maricato (org.) *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1982; Arlete M. Rodrigues e Manoel Seabra. “Habitação e espaço social na cidade de São Paulo” in *Boletim Paulista de Geografia* n. 64, 1986 e Fernando Henrique Cardoso, Cândido Procópio Ferreira e Lúcio Kowarick. “Considerações sobre o desenvolvimento de São Paulo: cultura e participação” in Fernando Henrique Cardoso et all. *Cultura e participação na cidade de São Paulo*. São Paulo, Cebrap, 1973.

¹⁹ Cf. Fernando Henrique Cardoso, Cândido Procópio Ferreira e Lúcio Kowarick. “Considerações sobre...”, p. 8.

cidade. Além disso, diante dos altos preços dos aluguéis e dos baixos salários a propriedade de uma casa é a garantia de abrigo familiar em qualquer situação, além de significar um investimento concreto e uma eventual poupança e pequeno capital.

Uma pesquisa sobre moradia realizada entre trabalhadores têxteis em 1948 já indicava uma tendência que prevaleceria cada vez mais nas décadas seguintes. Dos 100 operários entrevistados que moravam próximos à fábrica onde trabalhavam, apenas 10 possuíam casa própria, enquanto que entre os 100 que residiam longe da empresa, 32 eram proprietários de suas casas. A periferação da classe trabalhadora em São Paulo foi acompanhada da expansão da propriedade da moradia. Entre 1940 e 1970, a porcentagem de domicílios alugados em relação ao total das unidades habitacionais do município caiu de 75% para 38%.²⁰

Entretanto, para a maioria dos trabalhadores a possibilidade da casa própria na capital paulista somente podia ser realizada através da autoconstrução da moradia nos lotes periféricos adquiridos à prestação e desprovidos de qualquer infra-estrutura. A construção era, portanto, lenta e parcelada, realizada com os poucos recursos próprios e a ajuda de familiares e amigos, utilizando os fins de semana e os períodos de folga. Em 1980, estimava-se que 63% das moradias da Grande São Paulo haviam sido construídas através do processo de autoconstrução, sendo que na capital cerca de metade das residências teria sido erguida desta forma.²¹

O desenvolvimento do sistema de transporte na cidade favoreceu este padrão periférico de urbanização. Se as ferrovias e as várias estações suburbanas tiveram um papel essencial na expansão da malha urbana até meados do século, no período pós-guerra, a incapacidade e defasagem do transporte ferroviário em suprir a demanda do crescimento da cidade já era evidente. Enquanto o número de trens ampliou-se em 130% no período compreendido entre 1940 e 65, a população das regiões por eles atingida cresceu aproximadamente seis vezes mais

²⁰ Cf. Oracy Nogueira. "Distribuição residencial de operários de um estabelecimento industrial em São Paulo", *Sociologia*, vol. XI, n. 1, 1949, pp. 38-9; e Lúcio Kowarick. *Escritos...*, p. 27.

²¹ Lúcio Kowarick. "A expansão...", p. 15.

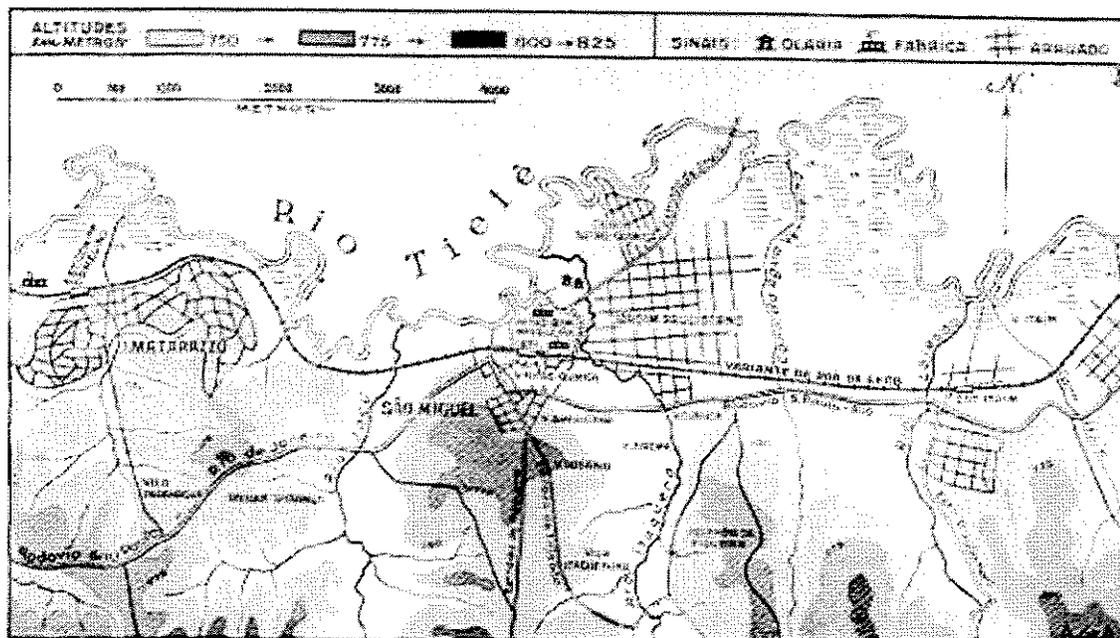
(734%).²² Foi a circulação rodoviária através dos ônibus o meio privilegiado no processo de expansão urbana da cidade. Considerado mais versátil e de mais rápida efetivação do que os trens ou bondes, os ônibus foram essenciais para a formação de novos loteamentos. A expansão da cidade era acompanhada pela demanda de ampliação e criação de novas linhas. Ao longo dos anos 50 e 60, os ônibus paulatinamente tornaram-se o principal meio de transporte da metrópole paulista ligando as várias vilas e jardins periféricos ao centro e subcentros da cidade.

Assim, o acelerado crescimento urbano de São Paulo a partir do final dos anos 40, motivado por um intenso desenvolvimento industrial, assumiu formas socialmente bastante segregadoras. Em claro contraste com a opulência das regiões centrais e dos bairros ricos da cidade, surge uma enorme e espoliada periferia. É ali que a maioria dos trabalhadores, com especial destaque para as enormes levas de novos migrantes que chegavam à cidade neste período, vai viver. Maior distância entre moradia e trabalho, crescente dependência do transporte rodoviário baseado no ônibus, casas próprias construídas pelos próprios moradores em loteamentos periféricos são algumas das características mais marcantes da experiência cotidiana da classe trabalhadora neste novo período. É justamente neste contexto que se dá a expansão do bairro de São Miguel Paulista.

São Miguel foi uma das principais regiões da cidade onde tal tipo de crescimento ocorreu. Inúmeros loteamentos transformaram-se em distritos e vilas com pouca ou quase nenhuma infraestrutura urbana e com residências construídas, no mais das vezes, pelos próprios moradores. “Chácaras e capoeiras cedem lugar às vilas operárias (...) Milhares de pequenos lotes [são] vendidos a longo prazo, onde se erguem modestas casas sempre por terminar”, notava um historiador do bairro.²³

²² Cf. Juergen R. Langenbuch. *A estruturação...*, pp. 189-190.

²³ Sylvio Bomtempo. *O bairro de...*, p. 159.



A REGIÃO DE SÃO MIGUEL

São as colinas o elemento dominante na paisagem da região de São Miguel. O velho núcleo industrial, denominado graças aos estabelecimentos da "Níveo-Química Brasileira", foi o núcleo de "capital" regional.

De fato, a expansão de São Miguel e da região leste como um todo foi impressionante. Entre 1950 e 60, São Miguel Paulista (incluindo Ermelino Matarazzo, que se tornou um distrito autônomo em 1959) teve uma taxa média anual de incremento populacional de 13,4%, a mais alta do município de São Paulo, que no mesmo período cresceu anualmente 5,6% em média. A região se manteria entre as de maior crescimento da cidade nas décadas seguintes. Com cerca de 7 mil moradores em 1940, o bairro contava com aproximadamente 40 mil em 1950 e 140 mil dez anos depois. Em 1980, o censo apontava 320 mil habitantes. Se somados os habitantes de toda a região, que inclui antigos sub-distritos de São Miguel Paulista, como Ermelino Matarazzo, Itaim, Itaquera e Guaianazes, o número ultrapassava um milhão e duzentas mil pessoas.²⁴

²⁴ Cf. Teresa Caldeira. *A política dos ...*, p. 31; Juergen R. Langenbuch. *A estruturação...*, p. 251 e Eder Sader. *Quando novos...*, p.125. Note-se que o número de habitantes total atribuído ao distrito em 1960 ainda incluía a população de Ermelino Matarazzo. Excluindo-se a população de Ermelino Matarazzo o número de habitantes de São Miguel Paulista era de 16.022 em 1950 e de 65.992 em 1960.

Certamente todo o assombroso crescimento do bairro não pode ser somente atribuído à instalação da Nitro Química. Como em alguns outros subúrbios industriais da cidade, em São Miguel a instalação da fábrica precedeu o crescimento populacional. A ampla oferta de terrenos e o intenso processo de loteamentos na região possibilitava a muitos trabalhadores, especialmente migrantes, o relativamente fácil acesso à moradia mais barata e própria.

Já em 1945, um estudioso chamava a atenção para o “contraste entre as ‘vilas’ de caráter residencial e de aspecto moderno e os vestígios de um passado remoto” em São Miguel. De um lado, a antigüidade e o bucolismo da região que deu origem ao bairro, marcada pela presença de uma igreja seiscentista e de habitações do século XIX. De outro,

“uma outra ‘cidade’ (...). São os bairros novos (...) uma vida ativa, que se patenteia no elevado número de casas comerciais e no movimento das ruas. Não longe da estação está a Vila Nitro Química, que é prolongada em direção ao sul pela Vila Americana. Do outro lado da via férrea, já na várzea do Tietê, encontra-se a chamada Cidade Nitro Química, destinada à população operária e continuada, para leste, pelo Parque Paulistano, ainda em formação (...) Outras ‘vilas’ também existem: a Cidade Nitro Operária e a Vila Curuçá”.²⁵

Ao longo dos anos 50, o processo de loteamento do bairro e o surgimento de novas vilas e povoados acelerou-se de maneira sem precedentes. Analisando o crescimento do bairro, um jornalista, em 1958, destacava o “fenômeno das vilas (...) onde as casas brotam como cogumelos” e, sintomaticamente, relacionava-o ao processo de “aquisição da casa própria, construída aos domingos e feriados, como num mutirão, sobre terreno pago em intérminas prestações”.²⁶

“Eis a sua oportunidade – Magníficos lotes em São Miguel Paulista na Vila Itaim” anunciava em letras garrafais a propaganda no *A Hora*, diário de razoável penetração entre a

²⁵ Aroldo de Azevedo. *Subúrbios orientais de São Paulo*. Tese de concurso à cadeira de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945, pp. 129-132.

²⁶ O *Estado de São Paulo*, 16 de agosto de 1957, apud Teresa Caldeira. *A política...*, pp. 39-40.

população mais pobre da cidade. Enumerando as vantagens do negócio, prosseguia: “90 prestações mensais – sem juros – mensalidades desde 500 cruzeiros (...) Informações com os corretores: no ponto final do ônibus 202 (São Miguel), em frente à Estação de São Miguel Paulista”. Um outro anúncio, inclusive, estimulava a prática da autoconstrução. Para os “operários em geral” que adquirissem “um terreno para construção da casa própria [por] apenas 500 cruzeiros por mês (...) no Jardim Centenário, no coração de São Miguel Paulista – o bairro de maior progresso industrial de São Paulo” era oferecido um “presente (...): 5 mil tijolos, uma porta e uma janela”.²⁷ Para muitos, estas ofertas, que se multiplicavam pela região, significavam uma efetiva oportunidade de aquisição de uma pequena propriedade e construção da casa própria.

Nem sempre, porém, a compra de terrenos era um negócio seguro. A grilagem de terras, fenômeno que se tornaria comum nas décadas seguintes, já dava os primeiros passos nos anos 50. Em dezembro de 1954, um crime na Vila Rio Branco em São Miguel chamava atenção para o problema:

“São Miguel Paulista [é] uma cidade dentro da capital. Embora grande parte do bairro esteja bastante povoada, existem terras de dimensões incalculáveis. Como sempre acontece nessas circunstâncias há confusão em torno da propriedade dos terrenos e da marcação dos limites (...) Existe uma multidão de grileiros aproveitando-se dessa situação (...) e não poupam métodos, mesmo os mais bárbaros, para garantir a posse ilícita dos terrenos. Em conseqüência muito sangue jorrou nas terras de São Miguel. Ainda ontem, um homem morreu crivado de balas, quando ia cercar um terreno que já havia sido grilado.”²⁸

A proliferação de loteamentos e o estabelecimento de ‘vilas’ e ‘jardins’, verdadeiros mini-bairros, marcou o desenvolvimento e o crescimento de São Miguel Paulista a partir dos anos 40.

²⁷ *A Hora*, 8 de outubro de 1954 e *O Dia*, 29 de novembro de 1956.

²⁸ *A Hora*, 19 de dezembro de 1954.

O bairro, considerado um exemplo de região industrial nos arrabaldes orientais da cidade, vai paulatinamente assumindo a função de ‘cidade-dormitório’, com seus moradores cada vez mais distantes de seus locais de trabalho e dependentes de longas jornadas de transporte para deslocarem-se entre suas moradias e seus empregos.²⁹

Entretanto, este é um processo relativamente longo, que se consolida apenas em meados dos anos 1960. Entre o final da década de 30 e o início da de 60, a existência e o poderio econômico de uma grande indústria proporcionava características distintas ao bairro. Neste período, a Nitro Química permaneceu como a maior provedora de empregos na região e sua influência sobre o distrito e a sua população era notável. Outras regiões da Grande São Paulo caracterizavam-se pela proximidade entre moradia e locais de trabalho, sendo as cidades do ABC paulista o exemplo mais destacado. Osasco, Guarulhos e os novos distritos industriais surgidos no entorno da região de Santo Amaro, em meados dos anos 50, são também outros casos importantes. O peso e a dependência de uma única indústria, porém, era uma peculiaridade com poucos casos similares na região metropolitana.³⁰ Ao contrário de outros distritos periféricos, particularmente na região leste da cidade, considerados como ‘bairros-dormitório’, São Miguel, durante este período, manteve características de uma verdadeira cidade industrial dentro do município de São Paulo.

Procurando comparar o número de pessoas ocupadas pelas indústrias de uma determinada região com a população nela residente, uma pesquisa realizada em dezembro de 1962 avaliava diferentes cidades e bairros da zona metropolitana e arredores de São Paulo. São Miguel Paulista, então já em avançada fase de transformação em bairro majoritariamente residencial, aparecia ainda com um dos índices mais expressivos de relação entre população residente e ocupada pelas

²⁹ Juergen Langenbuch chama a atenção para a progressiva predominância da função residencial nos bairros periféricos de São Paulo, com destaque para os chamados ‘subúrbios-dormitórios’. Cf. Juergen R. Langenbuch. *A estruturação...*, pp. 266-7.

³⁰ O bairro de Perus e a presença da Cia. Portland de Cimento parece guardar semelhanças importantes com o caso de São Miguel e a Nitro Química. Cf. Maria Helena Bertolini Bezerra. “A fábrica de Cimento Portland Perus, a greve dos queixadas e a escola.” Comunicação apresentada ao XXI Simpósio Nacional de História, Niterói, 2001.

indústrias da mesma localidade. Dos 79.777 habitantes de São Miguel naquele período, 7.704, ou seja 9,6%, trabalhavam nas 5 indústrias locais, sendo que 75% destes apenas na Nitro Química.³¹ Em 1950, considerando apenas a população do distrito de São Miguel e somente os trabalhadores da Nitro Química, chegaríamos a um significativo índice de aproximadamente 25% da população local trabalhando nesta indústria.³² Se somarmos os trabalhadores do comércio e de outras atividades locais, teremos uma porcentagem ainda mais expressiva, mesmo admitindo que uma parte dos operários da Nitro não moravam em São Miguel.

A proximidade do local de trabalho era vista por muitos trabalhadores como um grande atrativo para fixar residência em São Miguel. Grandes deslocamentos em transporte coletivo, um dos principais problemas dos trabalhadores em São Paulo já nos anos 50, eram evitados e a possibilidade de trabalhar perto da moradia era considerada, portanto, como uma grande vantagem. Justificando porque decidiu estabelecer-se no bairro, Artur Pinto de Oliveira conta que o “transporte coletivo aqui sempre foi péssimo (...) e eu via aquele sofrimento dos meus amigos (...) O cara para entrar às 7 horas no Brás saía daqui às 4 horas da manhã. [Eu pensava] aqui eu não pego ônibus, vou [trabalhar] a pé”.³³

Entretanto, o contínuo crescimento da população residente e a decadência da indústria alteraram a característica fabril do bairro. Se a Nitro Química ainda possuía uma grande importância simbólica e histórica para a região, do ponto de vista econômico e da geração de empregos, seu papel foi cada vez menor desde meados dos anos 60. São Miguel Paulista, porém, continuaria com altos índices de crescimento populacional consolidando-se, nas décadas seguintes, como um dos principais ‘bairros-dormitórios’ da cidade. Embora, nos anos 70, a maioria da população economicamente ativa local fosse composta de operários (um

³¹ Cf. Juergen R. Langenbuch. *A estruturação...*, pp. 269. Em primeiro lugar entre as localidades pesquisadas encontrava-se o município de São Bernardo do Campo com o impressionante índice de 46% da população residente trabalhando nas indústrias locais.

³² A população do distrito de São Miguel Paulista em 1950 era de 16.022 (excluindo-se o bairro de Ermelino Matarazzo, que do ponto de vista administrativo pertencia a São Miguel) e o número de trabalhadores da Nitro Química no mesmo ano aproximava-se de 4 mil. Cf. Livro de Empregados – 1950. Acervo do Arquivo da Cia. Nitro Química Brasileira.

levantamento, realizado em março de 1973, apontava que entre os “chefes de família” de São Miguel, 19% eram operários especializados e 39%, não especializados), estes tinham que sair do bairro para trabalhar, tendo como principais destinos as regiões da Mooca, Sé e Penha. Na segunda metade dos anos 80, calculava-se que menos de 2% da população de São Miguel era empregada na própria região.³⁴

Apesar da progressiva decadência da Nitro Química a partir de meados dos 60, sua importância para o bairro e seu passado de grandiosidade e poder são reiteradamente destacados nos vários depoimentos e relatos sobre a história da região. “São Miguel vivia em função da Nitro Química” sustenta José Caldini Filho, cuja família mudou-se para o bairro ainda quando a fábrica estava sendo montada nos anos 30. Antônio Xavier dos Santos, que passou a morar no bairro no início dos anos 50, resume bem um sentimento comum entre os moradores da região quando considera que a “Nitro Química é a mãe de São Miguel.”³⁵



Centro de São Miguel Paulista nos anos 40 (Aroldo de Azevedo. *Subúrbios...*)

³³ Depoimento de Artur Pinto de Oliveira concedido ao autor.

³⁴ Cf. Prefeitura Municipal de São Paulo. *Atlas da Administração Regional de São Miguel Paulista e Ermelino Matarazzo*. São Paulo, Cogep/Coar/Prodam, 1975; Antônio Augusto Arantes Neto. *Produção cultural e revitalização em bairros populares: o caso de São Miguel Paulista*. São Paulo, dezembro de 1978, p. 18 (mimeo.) e Marília Pontes Sposito (coord.). *Memória do Movimento Popular de Arte do bairro de São Miguel: cultura, arte e educação*. São Paulo, Núcleo de Estudos de Sociologia da Educação – Faculdade de Educação – USP, 1987, p. 16 (mimeo.) e Cleide Lugarini de Andrade. *As lutas sociais por moradia na cidade de São Paulo: a experiência de São Miguel Paulista e Ermelino Matarazzo*. São Paulo, Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais – PUC – SP, 1989, p. 69.

³⁵ Depoimentos de José Caldini Filho e Antônio Xavier dos Santos concedidos ao autor.

Particularmente quando comparam a situação atual de relativa pouca importância da empresa, antigos moradores e trabalhadores tendem a ressaltar o peso que a companhia tinha na vida do bairro e de seus habitantes. Artur Pinto de Oliveira, por exemplo, lamenta que “hoje em dia a Nitro Química como empresa não representa mais nada”, mas antes “a vida de São Miguel era a Nitro Química (...). A Nitro tinha influência total em São Miguel. Ela dominava, dominava tudo e todos.” Afonso José da Silva também compara o poderio do passado com a realidade atual:

“São Miguel cresceu muito. Mas São Miguel cresceu muito através da Nitro Química. A Nitro Química levou isso aqui para a frente. Em 1948 você chegava à portaria, você olhava e era uma neve assim de gente. Eu nunca vi tanta gente saindo. Hoje você olha e dá até tristeza de ver. Eu estava falando há uns poucos dias com um amigo: ‘Sabe que me entristece ver a fábrica desse jeito?’ e ele falou: ‘Por que?’ e eu disse: ‘Não por causa de nós, porque nós já estamos estabilizados, mas [por] São Miguel’.”³⁶

A fábrica como grande provedora de empregos em São Miguel é sempre ressaltada nos depoimentos como uma demonstração de seu poder. “Para mim”, afirmava o líder sindical Adelço de Almeida, “todo mundo [em São Miguel] trabalhou na Nitro”. “Aqui em São Miguel praticamente todas as famílias [tinham alguém que] trabalhou na Nitro Química” reitera Milton Furlan, mecânico na empresa entre os anos 60 e 90, cuja família possui três gerações de trabalhadores na Nitro.³⁷

A própria disciplina e controle de horários que o trabalho na fábrica impunha aos operários e suas famílias é lembrado como influência no cotidiano do bairro como um todo. “A vida das pessoas girava muito em torno do que acontecia na Nitro Química” relembra Maria Pureza de Mendonça. “Dava onze horas, minha tia [dizia]: ‘vem almoçar. A Nitro Química já

apitou”.³⁶ Artur Pinto de Oliveira também destaca como os apitos da fábrica regulavam a vida dos moradores. Lembra-se dos

“dias de domingo, (...) São Miguel em ... 53, 54, 55. A famosa rua da fábrica ainda não estava asfaltada. Ali era barro vermelho. E as luzes, essas luzes (...) eles botavam lâmpadas, esticavam fios na rua assim, e à noite iluminava a rua com essas lâmpadas incandescentes. No passeio ficavam os rapazes, eu e os meus amigos, e as moças batendo lama, passeando. Dali saiu namorados, saiu casamentos. (...) E quando apitava, a Nitro Química apitava 6 e meia da manhã, 6:45, 5 para as 7, 11 horas, 11:45 e 5 para meio dia, eram os horários de apito da Nitro Química. Aos domingos, a fábrica apitava nove e meia da noite. (...) Antes dela apitar a rua lotava, moças passeando, rapazes no passeio (...) Quando dava nove e trinta e cinco, se o senhor procurasse uma alma na rua de São Miguel o senhor não encontrava. Mas virava um deserto! Todo mundo ia dormir! Porque todo mundo trabalhava na Nitro Química, na sua maioria. E quem não trabalhava obedecia também. A Nitro Química em São Miguel era tudo, tudo, tudo, tudo!”³⁹

Se, de um lado, a presença e importância da Nitro Química constitui uma das características marcantes, por outro, é a condição de bairro de migrantes que constrói uma marca identitária fundamental a São Miguel. Desde os anos 40 e 50, milhares de trabalhadores migrantes do interior de São Paulo, Minas Gerais e, principalmente, do Nordeste foram atraídos pelos empregos oferecidos pela Nitro Química e pelas possibilidades de aquisição da casa própria nos loteamentos abertos no bairro. São Miguel Paulista caracterizou-se como um bairro de migrantes. Esta condição é recorrentemente lembrada e destacada tanto por seus moradores, quanto por todos aqueles que se referem às características do bairro. As celebrações do

³⁶ Depoimentos de Artur Pinto de Oliveira e Afonso José da Silva concedidos ao autor.

³⁷ Depoimentos de Adelço de Almeida e Milton Furlan concedidos ao autor.

³⁸ Entrevista de Maria Pureza Mendonça concedida ao LabDoc-Unicsul.

aniversário do bairro realizadas todos os anos no mês de setembro são, por exemplo, ocasiões onde a presença migrante no bairro é evocada em festas, desfiles e pronunciamentos. Particularmente os nordestinos são destacados, como neste discurso pronunciado nos festejos de comemoração do 353º aniversário do bairro em 1975:

“São Miguel Paulista, proteção divina aliada ao trabalho terrestre, é hoje um bairro que mais parece uma cidade dentro de outra cidade. Não poderíamos (...) jamais falar em São Miguel Paulista sem mencionar o povo nordestino que foi o alicerce de luta amor e sacrifício a suportar com seu trabalho o que São Miguel Paulista é hoje.”⁴⁰

A predominância de migrantes nordestinos fez a fama do bairro. Conhecido como “Bahia nova”, a região consolidou-se como um dos principais locais de concentração de moradias de nordestinos na cidade. Em que pese a grande presença de migrantes de outras regiões do país, particularmente de Minas Gerais, a associação entre São Miguel e a migração nordestina tornou-se comum na cidade e, mesmo em outras partes do país, desde meados dos anos 40. Visitando o bairro e a Nitro Química em fins de 1943, um jornalista da revista *O Observador Econômico e Financeiro*, interessado nos benefícios que a fábrica oferecia aos seus operários através do chamado Serviço Social, já destacava o grande número de “trabalhadores nortistas” na empresa e na região.⁴¹ Chegada ao Brasil em 1937, a família de judeus poloneses Igel viu no florescente distrito operário uma boa oportunidade para expandir seu pequeno comércio de utensílios domésticos. Mudaram-se para São Miguel em 1945 e impressionaram-se com a grande presença de nordestinos. “Só [tinha] nordestinos, não tinha paulista, não tinha ninguém. Era só nós, os nordestinos e mais uma família italiana”, exagera Salomé Lúcia Igel ao lembrar do bairro naquele período.⁴²

³⁹ Depoimento de Artur Pinto de Oliveira concedido ao autor.

⁴⁰ *Correio da Zona Leste*, setembro/outubro de 1975.

⁴¹ Carlos Neiva. “Como evitar as greves” in *O Observador Econômico e Financeiro*, janeiro de 1944.

⁴² Depoimento de Salomé Lúcia Igel concedido ao autor.

Ao longo dos anos 50 e 60 as referências à presença de nordestinos em São Miguel se multiplicariam, consolidando a idéia de que o bairro era “a terra dos nordestinos” em São Paulo, o lugar “onde baianos, pernambucanos, alagoanos, sergipanos, maranhenses, riograndenses do norte, paraibanos, cearenses, enfim, nortistas e nordestinos (...) residem e trabalham.” Um deputado lembrava que por isso “até dizem (...) que São Miguel Paulista é a maior cidade nordestina do Brasil”.⁴³ Regiões do bairro, como a Vila Nitro Operária, local das primeiras concentrações de nordestinos tornaram-se redutos famosos de migrantes. “O fluxo maior [de nordestinos] era na Vila Nitro Operária, uma vila (...) que tem muito nortista” notava o paraibano Josué Pereira da Silva. Helena de Oliveira da Fonseca mudou-se para São Miguel em 1949 e recorda-se do grande número de “caminhões paus-de-arara que chegavam cheinhos, cheinhos e desciam justamente na Nitro Operária, que era o lugar que eles tinham mais conhecimento lá no norte”.⁴⁴

A caracterização de São Miguel como bairro dos nordestinos marcou a trajetória da região na segunda metade do século XX. Em uma matéria sobre a história do bairro redigida em meados dos anos 80, um jornalista relatava que “ao andar em certos pontos de São Miguel o visitante sente-se como se estivesse no Nordeste”. “As ‘casas do norte’ proliferam”, prosseguia o repórter, e “ainda se vêem grupos de forró tocando em bares e barbearias”. São Miguel Paulista “é uma verdadeira capital nordestina”, concluía, lembrando que, de acordo com o escrivão do cartório civil do bairro, 80% dos moradores vieram do Nordeste ou eram filhos de nordestinos.⁴⁵

⁴³ Discursos dos vereadores paulistanos Benedito Rocha e Rio Branco Paranhos em homenagem a Tarcílio Bernardo, um dos vereadores eleitos por São Miguel Paulista. Cf. *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 117ª sessão extraordinária, 16 de dezembro de 1961; e do deputado estadual Hélio Dejtiar, cf. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 10 de setembro de 1968.

⁴⁴ Entrevista de Josué Pereira da Silva concedida ao Labdoc-Unicsul e depoimento de Helena de Oliveira da Fonseca concedido ao autor.

⁴⁵ Cf. Gilberto Nascimento. “S. Miguel: o Nordeste em S. Paulo”, *O Estado de São Paulo*, 28/8/1987.

Berço dos nordestinos

Em seus primeiros anos de existência, o agenciamento de trabalhadores no interior de São Paulo, Minas Gerais e do Nordeste foi a principal estratégia usada pela Nitro Química para a arregimentação de mão-de-obra. Uma das maiores indústrias da cidade, a companhia necessitava de um grande contingente de operários para entrar em funcionamento. Para suprir parte da demanda por operários especializados e cargos de chefia, José Ermírio de Moraes incentivou a vinda de trabalhadores de suas indústrias têxteis em Sorocaba, no interior paulista. José Caldini Filho, ainda garoto, recorda-se quando Moraes pessoalmente convidou seu pai para vir para São Miguel e “começou a selecionar o pessoal que vinha para a Nitro Química chefiar seções, operários mais especializados e gerentes que vinham da fábrica da Votorantim para a Nitro”.⁴⁶

Dada a insuficiência numérica da força de trabalho já presente em São Miguel e nas imediações, a direção da Nitro encontrou no agenciamento direto de trabalhadores no interior do país uma forma de completar seu quadro de operários. Já em 1936, por exemplo, “um funcionário da Nitro foi até [Araçatuba] recrutar pessoas para trabalhar em São Miguel”. Entre outros, acabou contratando o pai de Catarina de Jesus Crusato Cano, que passou a desempenhar as funções de guarda na nova empresa. Sua mulher “costurava para o ambulatório. Fazia capa para médicos, enfermeiras e divãs”.⁴⁷ Grande parte dos próprios operários que trabalharam na construção e montagem da fábrica na segunda metade da década de trinta foi contratada por intermédio de agentes. A presença de trabalhadores mineiros e oriundos dos estados do Nordeste já começava a se destacar.

⁴⁶ Entrevista de José Caldini Filho concedida ao autor.

⁴⁷ Transcrição da entrevista de Catarina de Jesus Crusato Cano. Acervo do Arquivo da Cia. Nitro Química Brasileira.



Portaria da Nitro Química nos anos 50 (Acervo da Biblioteca Adelço de Almeida)

A Nitro Química, enfatiza Artur Pinto de Oliveira, “ia buscar gente (...). Tinha aliciadores, caminhão, para trazer nordestino”. José Damasceno de Souza também enfatiza o fato da companhia “mandar buscar [os trabalhadores] no Nordeste. A empresa contratava desde lá até chegar aqui para trabalhar”. Reforçando a idéia de uma arregimentação prévia no próprio local de origem, Bartolomeu de Araújo destaca que “muitas pessoas (...) do Nordeste já vieram *encaixotadas* para a Nitro Química”. Acompanhando o itinerário das migrações, a Nitro contratou agenciadores, os ‘gatos’, como já eram conhecidos, nas principais estações ferroviárias. Assim, Aurelino de Andrade, vindo de Guanambi, no interior da Bahia, ao chegar no entroncamento ferroviário de Montes Claros, em janeiro de 1940, foi convencido a ir para São Miguel por um agenciador da Nitro Química. Júlio de Souza Nery e Luís Gerônimo Ferreira

recordam-se que na famosa Estação do Norte, no Brás, agentes convenciam e encaminhavam migrantes recém-chegados para São Miguel.⁴⁸

O agenciamento direto de operários é tema constantemente lembrado pelos trabalhadores mais antigos em suas entrevistas. Associado ao poderio passado da empresa, o agenciamento, para muitos, está na raiz da grande presença de migrantes nordestinos na região.

A partir do final dos anos 40, porém, tal prática já não era tão comum.⁴⁹ Os próprios contatos entre os trabalhadores e seus parentes, amigos e conterrâneos passaram a desempenhar um papel decisivo na composição do quadro de funcionários da empresa. Augusto Ferreira Lima chegou a São Miguel Paulista em 1948 e também lembra que a Nitro Química chegou a “mandar caminhão buscando gente no sertão nordestino”. A partir de um certo momento, porém, “já nem precisou mais daquilo”, as pessoas começaram a vir “tudo por conta própria”. Oscar Alonso de Souza, empregado na Nitro entre 1954 e 1993 e um dos chefes do departamento pessoal durante grande parte desse período, explica assim a grande presença nordestina no bairro:

“Como é que vinha do Nordeste? (...) É fato que veio nordestino para cá (...). Vinha e arrumava uma colocação na Nitro Química porque alguém indicou. Por sua vez ele procurava trazer um parente, pai, mãe, irmão, amigo, enfim... E assim foi crescendo a comunidade nordestina aqui na região”.⁵⁰

Uma extensa rede de contatos entre os trabalhadores já instalados na Nitro Química e seus parentes e amigos nas comunidades de origem garantiu um intenso fluxo de mão-de-obra para a indústria. Grande parte dos depoimentos dos trabalhadores ressalta a presença anterior de conhecidos e familiares na empresa como um fator essencial para a migração e para a obtenção do emprego na companhia. “Quando eu vim do norte”, recorda-se Luís Gerônimo Ferreira, “já vim direto (...) para a casa de um amigo que eu conheci desde muito novo lá no estado de

⁴⁸ Depoimentos de Artur Pinto de Oliveira e Aurelino de Andrade concedido ao autor e entrevistas de José Damasceno de Souza, Bartolomeu de Araújo, José Souza Nery e Luís Gerônimo Ferreira concedidas ao LabDoc-Unicsul (grifos meus).

⁴⁹ Sobre formas de contratação dos trabalhadores na Nitro Química, conferir Paulo Fontes, *op. cit.*, pp. 79-84.

Pernambuco. Ele era guarda da Nitro Química”. Waldomiro Macedo, recém-chegado do interior de São Paulo, arrumou serviço na Nitro Química em dezembro de 1958 graças a ajuda de um primo que lá trabalhava. O cearense Osvaldo Pires de Holanda, ao chegar em São Miguel em janeiro de 1945, também contou com a ajuda de um velho amigo. Além de lhe arrumar vaga numa pensão do bairro, o amigo de Holanda o “recomendou aos rapazes - quase todos cearenses - que ali [na pensão] moravam. Pediu que eles arranjassem uma colocação num lugar bom na Nitro Química e eles arranjaram na seção de fiação de seda.” O migrante baiano Antônio Xavier dos Santos resume bem a facilidade que um contato na Nitro proporcionava para a obtenção de um emprego na empresa:

“Quando chegava um parente seu e pedia ‘arruma lá um lugar para eu trabalhar’ (...) Você ia e os caras arrumavam. Chegava lá e [pedia]: ‘Dá para arrumar um serviço para um parente meu aí que está desempregado?’. (...) Na hora eles arrumavam!”⁵¹

Correspondências entre os migrantes em São Miguel Paulista e seus parentes e amigos nos locais de origem eram meios fundamentais para troca de informações, convites e preparação para uma eventual migração. Dona Zezé de Oliveira, chefe da agência dos correios de São Miguel entre os anos 40 e 70, destaca que devido à imensa demanda e ao analfabetismo de grande parte dos migrantes foi necessário contratar uma “menina com uma máquina de escrever” para preencher os envelopes e muitas vezes escrever as próprias cartas. Além de envio constante de dinheiro, Dona Zezé recorda-se que as cartas contavam

“grandezas e maravilhas de São Paulo (...) e São Miguel. Queriam saber da comadre (...), se fulano sarou, era essa coisa, querendo saber da família. Outras vezes convidando a família para vir embora porque aqui era terra de se viver”.⁵²

⁵⁰ Depoimento de Augusto Ferreira Lima e Oscar Alonso de Oliveira, concedido ao autor.

⁵¹ Entrevista de Luís Gerônimo Ferreira concedida ao Labdoc-Unicsul); e depoimentos de Waldomiro Macedo, Osvaldo Pires de Holanda e Antônio Xavier dos Santos concedidos ao autor.

⁵² Depoimento de Maria José dos Santos Oliveira concedido ao autor.

Acompanhadas de fotos, cartões-postais e, freqüentemente, de algum dinheiro, as cartas provocavam excitação e a construção de toda uma imagem, em geral, bastante positiva, sobre São Paulo e São Miguel. Para os remetentes era importante tranquilizar parentes e amigos em relação à sua situação na grande cidade. Além disso, a idéia de São Paulo como terra de oportunidades, melhores condições de vida e abundância de empregos era comum na correspondência dos migrantes. Irene Ramalho lembra-se que, quando adolescente no interior de Minas Gerais, sonhava dia e noite com São Paulo porque “eu tinha os meus irmãos morando aqui em São Miguel, e eles escreviam as cartas para nós”. Geraldo Rodrigues de Freitas, trabalhando em Santos, decidiu mudar-se para a capital paulista no final dos anos 40 pois “tinha uma pessoa conhecida aqui [em São Miguel] e ele escreveu para mim (...) [dizendo] que eu tinha emprego garantido na Nitro”. Em péssima situação financeira quando a geada destruiu as plantações nos 35 alqueires de terra que sua família havia adquirido no norte do Paraná, após terem migrado do Ceará no início dos anos 50, Joaquim Anselmo dos Santos resolveu mudar de vida e ir para São Miguel Paulista, após receber uma carta de um primo lá instalado que dizia “olha, aqui está muito bom. Você chega num dia e no outro já está empregado”. “Sempre tinha um amigo que escrevia e encontrava”, acrescenta Augusto Lima.⁵³

Também a visita de trabalhadores a seus parentes e amigos no interior nordestino, além de acirrar o desejo de migrar entre os mais jovens e aqueles que haviam ficado, era uma ocasião importante para troca de experiências e possíveis planejamentos de novas migrações. As festas das comunidades de origem eram momentos privilegiados para estes contatos. Assim, o período de festas juninas, o natalino ou mesmo, alguma festividade religiosa do padroeiro ou padroeira local eram ocasiões preferidas para passeios e visitas. Roniwalter Jatobá recorda quando, em meados dos anos 60, seu futuro compadre Everaldo, já trabalhando na Nitro Química, aproveitou

⁵³ Depoimentos de Irene Ramalho, Geraldo Rodrigues de Freitas, Joaquim Anselmo dos Santos e Augusto Ferreira Lima concedidos ao autor.

o período das festividades de Santa Efigênia, cultuada pela população afro-descendente de Bananeiras na Bahia, para apresentar sua filha de um ano e meio aos parentes e amigos. Naquela mesma festividade, Everaldo convidou e convenceu Jatobá a mudar-se para São Miguel. Artur Pinto de Oliveira impressionava-se com os trabalhadores que estavam em São Paulo e iam visitar seus parentes e amigos

“[Eles] chegavam lá numa pinta! Eles compravam umas blusas aqui, verde, amarelo, preto e vermelho. Sapato... Naquela época se usava muito mocassim bico fino, que era a moda da época. Era um sapato 40 que parece 50, porque ele tem aquele formato, e quando chega na parte, na reta final, era cumprido assim, um bico que vai lá no fim do mundo. Aquilo era engraxado... e normalmente eles não usavam preto. Era marrom, vermelho, aquelas faixas extravagantes para chamar a atenção. Chegavam lá, o povo via tudo engravatado, só no bar, tomando cerveja (...) Chegavam lá com uma pinta de doutor que os doutores de lá não se vestiam como eles.”

Passar, através das roupas, dos novos hábitos e comportamentos, uma imagem de sucesso e ascensão era um objetivo, na maior parte das vezes, bem sucedido, dos migrantes em visita às suas comunidades de origem. “Aquilo influenciava os outros rapazes”, reforça Artur, e tornava as visitas um momento particularmente propício para o fornecimento de informações (a “Nitro Química”, por exemplo, lembra-se Oliveira já “era muito falada lá no Nordeste” nos anos 40), articulação de convites, preparação de viagens e arregimentação de parentes, amigos e conhecidos. Foi esse o caso de Afonso José da Silva que, acompanhado do “tio Fernando, (...) guarda na Nitro Química” e do primo Zacaria, que também trabalhava na fábrica e “falava que [São Miguel] era bom, que se ganhava dinheiro”, além de mais 12 conterrâneos de Senhor do Bonfim, Bahia, veio para São Miguel Paulista em 1948, aos 20 anos de idade.⁵⁴

⁵⁴ Depoimento de Roniwalter Jatobá, Artur Pinto de Oliveira e Afonso José da Silva concedidos ao autor.

Embora não formal, a política de contratação de parentes e de indicações dos empregados era estimulada pela própria empresa. Além de garantir um provimento constante de trabalhadores tal política contribuía para a criação de laços de confiança e responsabilidade, reforçando o discurso patronal de constituição de uma ‘grande família nitrina’.⁵⁵ A empresa apostava no papel vigilante que familiares e amigos exerceriam uns sobre os outros em caso de embates e conflitos no local de trabalho.⁵⁶ Por fim, a imagem de companhia que ajudava os nordestinos migrantes e a conseqüente afluência de trabalhadores era fundamental para uma empresa com grande necessidade de mão-de-obra e, ao mesmo tempo com altíssimas taxas de rotatividade no emprego.⁵⁷

Entretanto, a contratação de parentes, amigos e conterrâneos podia muitas vezes significar a manutenção e o aprofundamento de lealdades e solidariedades em geral anteriores ao próprio emprego na Nitro Química. Ao longo da história da empresa, freqüentemente tais relações chocaram-se com os interesses e desejos da direção da indústria.

A fama da Nitro Química como uma empresa ‘boa de dar emprego’ e que proporcionava uma série de benefícios sociais era certamente um grande fator de atração. “A gente vinha aqui porque essa fábrica aí pegava muita gente”, explica Gerolino Costa Jacobina. “Naquela época [1958, data da sua chegada em São Miguel]”, atesta Waldomiro Macedo, “ela [a Nitro Química] pegava todo mundo”. José Gonçalves Lula afirma que “era muito fácil [arrumar emprego]. Na semana que cheguei [em 1956], eu já arrumei. Na Nitro Química pegava [trabalhadores] direto”. A grande maioria dos depoimentos destaca a facilidade em conseguir trabalho e a rapidez na contratação. Augusto Lima lembra-se que

⁵⁵ Cf. Paulo Fontes, *Trabalhadores e...*, especialmente o capítulo 2.

⁵⁶ Exemplos de estratégias semelhantes podem ser encontrados na Companhia Docas de Santos e na Fábrica Nacional de Motores no interior fluminense. Cf. Fernando Teixeira da Silva, *A carga e a culpa. Os operários das docas de Santos: direitos e cultura de solidariedade*. São Paulo: Hucitec, Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 1995 e José Ricardo Ramalho, *Estado-patrão...*

⁵⁷ Houve um decréscimo das taxas de rotatividade na empresa ao longo dos anos 40 e 50. Em 1939, por exemplo, a empresa tinha uma impressionante taxa anual de rotatividade em torno de 200%. Em 1957 esse número havia caído para 20%. Cf. Fábio Ravaglia, *Contribuição à história da Cia. Nitro Química Brasileira: 1935-1985*. São Paulo, 1988, p. 9 (mimeo).

“era só você descer para lá e passar na portaria. Cheguei, encostei na portaria, dentro de cinco minutos a turma falou: ‘Oh, conterrâneo, (...) quer trabalhar, encosta’. Naquele tempo, (...) era [direto] para a produção”.⁵⁸

Esse quadro de abundância de trabalho ressaltado nos depoimentos é, muitas vezes, explicitamente contrastado com a decadência atual da empresa e escassez de empregos. A idéia de que a empresa beneficiava os migrantes, particularmente os nordestinos, na hora da contratação é freqüentemente lembrada por antigos moradores e ex-trabalhadores da companhia. Para alguns, o fato de a empresa pertencer a proprietários de origem nordestina era fator determinante para o emprego de grande número de trabalhadores daquela região. “A Nitro puxou muito a migração porque [os donos] são pernambucanos (...) e eles iam buscar o pessoal para trabalhar aí” explica Artur Pires, morador em São Miguel desde 1945.

De fato, a participação de trabalhadores vindos da região Nordeste do país sempre foi notável no conjunto de empregados da Nitro Química. No ano da inauguração oficial da companhia em 1940 eles já compunham cerca de 15% do total de trabalhadores. Dez anos depois, os nordestinos já eram mais de 30% do corpo de funcionários e em 1960 mais da metade dos trabalhadores da Nitro havia migrado do Nordeste para a grande fábrica de São Miguel Paulista. Um crescimento extraordinário, com poucos paralelos entre as grandes indústrias paulistas. É fato que outros grupos migrantes tinham grande importância na composição da mão-de-obra da empresa. Além dos paulistas (que, de mais de 50% em 1940 caem para cerca de 30% do total de trabalhadores), merecem destaque os mineiros que representaram entre 10 e 15% dos funcionários da empresa neste período.⁵⁹

No contexto das grandes migrações internas a partir de meados dos anos 40, a Nitro Química consolidou-se como uma das indústrias em São Paulo que mais largamente utilizavam

⁵⁸ Depoimentos de Gerolino Costa Jacobina, Waldomiro Macedo; José Gonçalves Lula e Augusto Ferreira Lima concedidos ao autor.

⁵⁹ Cf. Fabio Ravaglia. *Contribuição à história...*

mão-de-obra migrante, particularmente nordestina. Apesar do grande número de mineiros e o peso dos próprios paulistas entre os trabalhadores da empresa, a imagem e a memória sobre a companhia ficou intrinsecamente associada aos migrantes nordestinos. Para o mineiro Sebastião Adriano Mesquita, que chegou em São Miguel em 1953 “o pessoal que vinha do norte ia tudo para a Nitro Química”. O médico da companhia ao término dos exames que aprovaram sua contratação pela empresa em 1948, teria dito a Augusto Lima: “pode entrar, vai trabalhar. Nós queremos é baiano assim, novo, do sangue quente”. “Aqui era um berço. A Nitro Química foi um berço dos nordestinos”, ratifica Afonso José da Silva.⁶⁰

Uma fábrica explosiva

Uma vez contratados, aos trabalhadores recém-admitidos cabia a nem sempre simples tarefa de aprender o trabalho. Para a direção da empresa isso significava, na maior parte das vezes, transformar ex-trabalhadores rurais em operários fabris. Durante os anos 50, apenas 20% de seus funcionários tinham alguma experiência anterior de trabalho no setor industrial.⁶¹ Listagens de funcionários contratados pela companhia entre abril e maio de 1948 nos oferecem uma pequena amostra da ocupação anterior dos trabalhadores da empresa. Das 287 pessoas admitidas naquele período, 186 (aproximadamente 65%) vinham diretamente da lavoura e 12% (35 trabalhadores) tinham como último emprego a própria Nitro Química.⁶²

Uma das maiores fábricas brasileiras de seu tempo, a Nitro Química possuía um intrincado processo de produção, com mais de 60 departamentos e uma extensa linha de produtos. Apesar disso, não havia necessidade de um grande número de operários qualificados

⁶⁰ Depoimentos de Augusto Ferreira Lima e Afonso José da Silva concedidos ao autor.

⁶¹ Cf. Fábio Ravaglia. *Contribuição à história...*, p. 39.

⁶² Cf. Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-A-27, fls.125-8. No final dos anos 40, a direção da Nitro tinha como norma enviar periodicamente para o Deops listagens dos recém contratados na empresa para que a policia procedesse uma averiguação dos antecedentes políticos dos trabalhadores admitidos.

para o funcionamento da empresa. Diversos setores da companhia, de fato, prescindiam de trabalho qualificado. No dia a dia, para garantir a produção eram necessários alguns engenheiros e trabalhadores especializados em conjunto com um número maior que havia ‘aprendido na prática’ e mais um grande contingente de operários e operárias com pouca instrução.⁶³



Trabalhadores da Nitro Química nos anos 40 (Acervo da Biblioteca Adelço de Almeida)

Aprendia-se a ser operário trabalhando. Neste sentido, a história de Antônio Xavier dos Santos é emblemática. Recém-chegado do interior baiano, Xavier tinha precária noção do que era o trabalho na indústria. Contratado pela Nitro Química em janeiro de 1951, foi-lhe perguntado, em seu primeiro dia de serviço, o que sabia fazer. Sincero e direto, o jovem não hesitou em responder: “Olha, o que eu sei fazer é correr atrás de boi, é cuidar de animais, o que eu sei fazer é

⁶³ Durante os anos 50 os ocupantes de cargos de supervisão, chefias e encarregados compunham 4% do total de trabalhadores da empresa, enquanto as diversas funções operárias representavam entre 80 e 85% dos empregados na Nitro Química. Cf. Fábio Ravaglia. *Contribuição à história...*

isso. Fábrica, eu nem sei o que é.” Auxiliado por um colega de trabalho e pelo chefe da seção, Xavier rapidamente adaptou-se ao manuseio de válvulas e tratamento à vácuo exigidos no setor de viscoso no qual trabalhava. “Eu não sabia fazer nada, nada, nada, [mas] fui aprendendo, aprendendo e consegui aprender. Tanto que eu trabalhei nesse serviço por 8 anos,” recorda-se. O pessoal “tinha vontade de aprender” destaca Augusto Ferreira Lima. Aprender um serviço, uma profissão, podia significar a possibilidade de sair dos setores mais pesados e insalubres da empresa, em geral destinados aos novatos, e galgar melhores salários, condições de trabalho e reconhecimento. Segundo o mesmo Lima:

“todo mundo que estava na Nitro não queria trabalhar com serviço pesado, pegar na pá, fazer aquelas coisas. [O objetivo era] achar uma boa vaga, um operador que já era ‘mão lisa’. A turma fazia força para ocupar aquele lugar, todo mundo queria aprender para entrar naquele lugar.”⁶⁴

Era no interior do processo de produção, com as chefias, técnicos e outros operários que ocorria a aprendizagem profissional da maior parte dos trabalhadores. O discurso oficial da empresa⁶⁵ durante muito tempo valorizou esse aprendizado a partir da prática e, certamente, encontrava espaço no universo cultural de ex-camponeses, cuja história de vida tinha sido desde sempre a de aprendizados na dura prática cotidiana. Para além disso, a idéia de que a prática deve ser mais considerada do que a teoria parece ser um elemento comum na cultura de diversos grupos operários.⁶⁶

A ênfase positiva na capacidade de aprender na prática podia significar aos olhos do trabalhador um elemento estimulante de auto-valorização e dignidade. Belarmino Duarte recorda-se que após algum tempo de trabalho na Nitro ele “já entendia as coisas, trabalhava no meio dos engenheiros e químicos. Já entendia não teoricamente, mas praticamente”. Orgulhoso, conta que

⁶⁴ Depoimentos de Antônio Xavier dos Santos e Augusto Ferreira Lima, concedidos ao autor.

⁶⁵ Ver Paulo Fontes. *Trabalhadores e...*

⁶⁶ Cf. Paul Willis. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

quando seu chefe enviava seus cálculos para serem confirmados no laboratório, o químico responsável dizia: “Pô, o Belarmino que fez? Se [foi] o Belarmino que fez tá bom” e tranqüilamente assinava o laudo, aprovando o trabalho.⁶⁷

Se aprender na prática abria, de um lado, a possibilidade de promoção e obtenção de melhores salários e condições de vida, por outro, podia servir de espaço para resistência e ampliação de relações de solidariedade no chão da fábrica. Muitas vezes, na troca de experiências com o companheiro de trabalho aprendia-se não apenas o serviço, mas também a burla à fiscalização fabril e a montagem de estratégias informais de resistência individual ou coletiva na busca de um melhor controle do ritmo da produção. Encarregado de seção, José Cecílio Irmão notava que depois que aprendia o serviço “a peãozada ficava manhosa (...), enrolava, ia bater papo, enganava o serviço... fazia corpo mole”. “Muita gente”, lembra Antônio Xavier dos Santos, “nos três primeiros meses produziam, depois, do quarto mês em diante já começavam a encostar, então a chefia (...) chamava a atenção”.⁶⁸

Apesar da importância do aprendizado prático para os trabalhadores da empresa, funções essenciais no interior da indústria exigiam uma qualificação que não era possível de ser obtida apenas no cotidiano fabril. Com a criação do Serviço Nacional de Aprendizado Industrial (Senai) no início dos anos 40, a Nitro Química foi uma das seis empresas no estado (sendo a única na capital paulista) autorizadas por esta instituição a organizar uma escola-Senai em suas próprias dependências.⁶⁹ No entanto, a presença de formados na escola-Senai da Nitro entre o conjunto de trabalhadores da empresa foi sempre significativamente baixa. Dos cerca de 260 diplomados pela escola entre 1951 e 60, apenas 21 permaneceram trabalhando na empresa naquele período.⁷⁰

Era, portanto, às chefias de seção, aos encarregados, mestres e contra-mestres que cabia a responsabilidade geral de ensino do trabalho à imensa maioria dos novos operários, além da sua

⁶⁷ Depoimento de Belarmino Pereira Duarte concedido ao autor.

⁶⁸ Depoimentos de José Cecílio Irmão e Antônio Xavier dos Santos concedidos ao autor.

⁶⁹ Renato Colistete. *Labour relations...*, p.64.

supervisão e fiscalização.⁷¹ Durante esse processo de aprendizagem não faltavam referências à origem dos trabalhadores. Frederico, chefe do insalubre setor da fiação, por exemplo, convocava o contramestre no momento da recepção a um operário novato e dizia, em tom de brincadeira: “Baiano, ensina para este baiano o serviço dos baianos”. Da mesma forma, o responsável pela contratação do baiano Antônio Xavier decidiu colocá-lo sob a supervisão de um chefe baiano, afirmando: “eu tenho certeza que você vai escutar ele (...), tenho certeza que vocês vão se dar bem porque ele é baiano”.⁷²

Uma entrevista realizada pelo informativo da companhia nos anos 50 com Victor Garcia Cabalero, funcionário da empresa desde os anos 30 e que já havia sido encarregado em vários setores da indústria, destaca o papel central que era atribuído às chefias na formação de trabalhadores em grande parte inexperientes no mundo fabril e urbano:

“A maioria dos oficiais hoje existentes foram todos formados sob minha orientação. Os empregados eram admitidos sem qualquer noção da fábrica e pouco a pouco iam aprendendo o manejo das máquinas. Para avaliar o grau de cultura de certas pessoas, basta citar que de uma feita um dos recém admitidos, vendo um relógio na parede, perguntou-me o que era aquilo.”⁷³

Os chefes de setor tinham uma função estratégica para o funcionamento da fábrica. O depoimento de Fábio Ravaglia, engenheiro químico, funcionário da Nitro desde os anos 50 e diretor geral da empresa durante os anos 60, mostra a importância que os escalões superiores da empresa conferiam aos chefes de seção:

“Eles eram os homens que realmente faziam as coisas acontecer. Obedeciam as orientações técnicas de alguns poucos engenheiros e químicos, mas eram eles que

⁷⁰ Conferir Fábio Ravaglia. *Contribuição à história...*, seção Senai.

⁷¹ A maioria das seções era comandada por um chefe, ao qual eram subordinados os encarregados responsáveis pela turma de trabalhadores em cada turno. Nas seções de fiação, conicaleiras e de acabamento, os encarregados recebiam o nome de mestre. Nestes setores havia ainda os contra-mestres que coordenavam as turmas de trabalhadores.

⁷² Depoimentos de Fábio Ravaglia e Antônio Xavier dos Santos concedidos ao autor.

conseguiam tocar de fato a fábrica. Eram pouco mais de 60, mas se distinguiam por uma personalidade muito forte, no sentido de comando, de liderança de pessoal. Todos tinham origem operária e uma instrução técnica muito reduzida. Quase tudo aprenderam na prática. Eram o que eu e outros engenheiros chamávamos de ‘técnicos-práticos’. (...) mas tinham uma lealdade extraordinária à empresa. Eram líderes, pouco instruídos, porém leais e extremamente dedicados à empresa”.⁷⁴

Esse papel estratégico para a fábrica conferia aos chefes de seção um poder de fato bastante grande. Eram eles quem decidiam sobre a maior parte da vida profissional dos operários. Promoções, demissões, punições e transferências eram determinadas basicamente a partir da sua opinião. Entretanto, esse poder das chefias era freqüentemente percebido pelos trabalhadores como discricionário e injusto. São recorrentes nos depoimentos operários as referências ao autoritarismo e arbitrariedades dos chefes. Benedito Miguel, por exemplo, trabalhou 33 anos na fábrica e considera que a empresa só escolhia chefes e encarregados “carrascos, prá ficar em cima do trabalhador”. Os chefes eram de uma “ignorância terrível”, reforça Gerolino Costa Jacobina, que entrou na Nitro em 1955 e lá permaneceu até a década de 1980. Osvaldo Lino, também operário na companhia por 28 anos, recorda-se de trabalhadores que eram demitidos sem motivo algum, “simplesmente porque o chefe não ia com a cara da pessoa”. Recém contratado na empresa em 1947, Geraldo Rodrigues dos Santos foi demitido porque decidiu lavar suas mãos alguns momentos antes do final do expediente. O chefe era

“um tal de Viana (...) um velhão rompante [que] falou que ia me mandar embora porque eu não podia lavar as mãos antes. Eu falei: ‘O senhor é quem sabe. Quer mandar, manda’. E ele mandou embora mesmo!”⁷⁵

⁷³ *Nitro Jornal*, n. 43, setembro de 1956.

⁷⁴ Depoimento de Fábio Ravaglia concedido ao autor.

⁷⁵ Depoimentos de Benedito Miguel, Gerolino Costa Jacobina, Osvaldo Lino e Geraldo Rodrigues de Freitas concedidos ao autor.

Referindo-se a Paulo Bertine, um chefe que se tornou lendário entre os trabalhadores devido ao seu autoritarismo e rispidez, o antigo diretor Ravaglia significativamente esboça uma comparação: “Não era um feitor de escravos, mas sabia mandar”. Subordinado de Bertini, Antônio Xavier lembra que o chefe “era muito rigoroso (...) e a turma chamava ele de ‘Lampião’(...) Ele chegou a enguiçar com o próprio diretor, que era o doutor Sabino [Eduardo Sabino de Oliveira, diretor industrial da empresa entre 1935 e 1959]”. Apesar das inúmeras reclamações, a capacidade de mando e o detalhado conhecimento do processo de produção eram garantias de estabilidade e poder para chefes como Bertine:

“ele não era um técnico, mas era um cara que entendia bastante daquele serviço. Ele se criou dentro daquilo lá (...) Por causa disso a direção não mandava [embora]. Saía queixa dele. Mandavam reclamação para a diretoria e ficava por isso mesmo, porque ele entendia do assunto. Às vezes um cliente reclamava (...) de produtos com defeito, qualquer coisa assim. Mandavam o técnico para lá ou mesmo o engenheiro [e eles] não resolviam. O Paulo Bertine ia e mexia nas máquinas, acertava e conseguia trabalhar com o produto.”⁷⁶

Entretanto, a autoridade do chefe não advinha somente do poder que a empresa lhe conferia, mas também da imagem de um operário bem-sucedido que, graças aos seus méritos pessoais, conseguira ascender na empresa. Nesse sentido, seriam um exemplo a ser seguido pelos demais trabalhadores. Porém, chefes, encarregados, mestres e contra-mestres eram figuras quase sempre polêmicas no imaginário operário. Se, de um lado, estavam associados ao autoritarismo e injustiça, de outro, eram cargos cobiçados dentro da indústria, uma vez que representavam a possibilidade de uma certa ascensão social e maiores benefícios no interior da empresa. Chefes e encarregados, por exemplo, tinham muito mais possibilidades de usufruir dos baixos aluguéis das casas que a companhia possuía na Vila Nitro Química. “Esse negócio de casa era só para a chefia,

alguns encarregados, era assim”, afirma Gerolino Costa Jacobina. Foi a oferta de uma “casa bem boa” que motivou o marido de dona Nair, o italiano Carlo Cecchini, mecânico de profissão, a largar seu emprego nas Indústrias Matarazzo em São Caetano do Sul e transferir-se com a esposa para São Miguel em fevereiro de 1939. Como encarregado do setor de conicaleiras, Carlo trabalhou na companhia durante 44 anos e durante todo este tempo morou na casa fornecida praticamente de graça pela companhia.⁷⁷

Além disso, chefes e outros ocupantes de cargos intermediários também estavam sujeitos à influência das redes sociais estabelecidas pelos trabalhadores na empresa e no bairro. Um chefe ou encarregado autoritário que, periodicamente, ultrapassasse os limites considerados toleráveis pelos operários poderia sofrer sanções, muitas vezes violentas. José Cecílio Irmão lembra-se que devido às perseguições e injustiças “sempre tinha briga com os chefes. (...) Dificilmente tinha uma semana para não ter um quebra-pau na portaria”. “Muitas vezes o sujeito esperava [o chefe] na portaria. Sempre tinha briga”, reforça José Ferreira da Silva, operário da companhia entre 1948 e 1966.⁷⁸

Por vezes, porém, o preço que os chefes pagavam por suas arbitrariedades não era somente a violência, mas a rejeição da comunidade operária. Augusto Lima foi encarregado no setor de fiação durante 21 anos e orgulha-se de sempre ter “se misturado com a turma”, ao contrário do que as regras da empresa estabeleciam. Preferia ser

“amigo dos amigos e não amigo da indústria. Vamos trabalhar na indústria mas ter amigo nos amigos porque amanhã você está fora, e os seus amigos estão fora também e você precisa de amigo na rua”.

Lima conhece casos de chefes que preferiam ser ‘amigos da indústria’ e tinham que

⁷⁶ Depoimentos de Fábio Ravaglia e Antônio Xavier dos Santos concedido ao autor.

⁷⁷ Depoimento de Gerolino Costa Jacobina e Nair Cecchini concedido ao autor.

⁷⁸ Depoimento de José Cecílio Irmão e José Ferreira da Silva concedido ao autor.

“andar de automóvel para ir fazer o cabelo fora do seu bairro, porque sabia que lá moravam dez mil [operários]. Ele era o chefe e [todo mundo] tinha raiva dele”.⁷⁹

Também dentro do processo de produção, os trabalhadores criavam formas de boicote e desmoralização de um chefe considerado demasiadamente duro e autoritário. Se isto era difícil de fazer com um supervisor ou um chefe prestigiado e considerado essencial pela empresa, como no caso de Paulo Bertine, podia acontecer com relativa frequência com um encarregado ou mestre responsável por algum turno de uma seção. Augusto Lima insiste que um chefe tinha de saber lidar com o pessoal, “porque não adianta você pegar sessenta homens para trabalhar e (...) não saber agradar eles (...). Não adianta levar no coice, leve na maciota, aí você tem produção”. Lima cita o caso do encarregado Pedrinho. “Quanto mais ele apertava aquela turma mais a turma aprontava, mas fazia farra, fazia crítica, faziam o diabo com ele.” O turno da seção pelo qual estava responsável quase nunca dava conta das metas de produção e volta e meia, alguém dava um “nó numa correia daquelas e derrubava tudo. A máquina ficava parada por toda a vida”.⁸⁰

Se a possibilidade de ascensão social para os trabalhadores no interior da empresa passava invariavelmente pela ocupação de algum cargo de chefia ou supervisão de setor, tais possibilidades eram praticamente vedadas para as mulheres. Já na contratação as oportunidades de emprego para as mulheres eram visivelmente mais difíceis. Entre 1940 e 60, apenas 20% dos postos de trabalho na Nitro Química foram preenchidos por operárias e o número de mulheres ocupando cargos de supervisão, mesmo em setores majoritariamente femininos, sempre foi diminuto.⁸¹ Catarina de Jesus Crusato Cano, por exemplo, trabalhou 46 anos na Nitro e enfatiza que na fábrica “havia uma certa discriminação com relação às mulheres, que além de ganharem menos, tinham menos chances de crescimento profissional.”⁸²

⁷⁹ Depoimento de Augusto Ferreira Lima concedido ao autor.

⁸⁰ Depoimento de Augusto Ferreira Lima concedido ao autor.

⁸¹ Cf. Fábio Ravaglia, *Contribuição a história...*, p. 26.

⁸² Depoimento dado ao informativo da empresa *Nitro Notícias*, n. 14, setembro de 1993.

De toda forma, numa fábrica de grandes proporções como a Nitro Química, a quantidade de mulheres em números absolutos era bastante grande, sendo que alguns setores da fábrica concentravam grande parte do trabalho feminino na empresa. Apesar das restrições, o trabalho na Nitro era uma das poucas opções para as mulheres do bairro e, dada a precariedade de alternativas e a influência e poderio da empresa, “dava até um *status* trabalhar na Nitro Química”, como ressalta Maria Pureza Mendonça. Darcy Xavier Ribeiro começou a trabalhar na fábrica aos 14 anos em 1951 e resume com bom humor as opções de atividades existentes para as mulheres em São Miguel Paulista:

“Naquele tempo as mulheres estudavam só até o primário, até a quarta série, e escolhiam a culinária, corte e costura, tinha mulher no circo e operária da Nitro.”⁸³

O trabalho feminino na fábrica, entretanto, era geralmente visto pelos homens como secundário e temporário. O casamento deveria, em termos ideais, marcar o fim do trabalho fabril para as mulheres, que passariam a assumir a tarefa de cuidar da casa e dos filhos e deveriam deixar ao homem o papel de provedor do lar. Trabalhando na cooperativa da empresa e namorando firme, Irene Ramalho recorda-se como ficou “desesperada” quando seu noivo lhe deu um ultimato: “olha, se você continuar lá [trabalhando na empresa] eu não vou casar com você não”. Com 15 anos Maria Degersília Aragão começou a trabalhar no setor de conicaleiras da Nitro Química em 1954. Em junho de 1959 casou-se e menos de 2 meses depois saía do emprego.⁸⁴

Nem sempre, porém, as condições financeiras permitiam o imediato abandono do trabalho após o casamento. Foi o caso da esposa de Augusto Lima que ainda trabalhou na empresa 8 anos após seu matrimônio, quando seu marido lhe falou: “agora você sai da Nitro, marca a conta e eu fico trabalhando. Você vai tomar conta dos filhos”.. Tais decisões, entretanto, eram

⁸³ Entrevistas de Maria Pureza Mendonça e Darcy Xavier Ribeiro, concedidas ao LabDoc-Unicisul.

⁸⁴ Depoimento de Irene Ramalho concedido ao autor e entrevista de Maria Degersília Aragão concedida ao LabDoc-Unicisul.

freqüentemente foco de grandes conflitos entre os casais de trabalhadores. Para muitas mulheres, o emprego era visto como uma possibilidade de maior autonomia e de realização de parte dos anseios que motivaram a vinda para a cidade e, mesmo depois de casadas, diversas operárias continuavam trabalhando fora. Celina Garcia, que trabalhou durante 15 anos na fábrica, lembra-se que a “maioria [das mulheres] casavam e continuavam trabalhando”, ao menos durante algum tempo. De toda forma, as famílias cujas mulheres trabalhavam eram geralmente vistas como mais ‘necessitadas’. Só as dificuldades financeiras justificariam o emprego feminino que seria, portanto, um ‘auxílio’, uma ‘ajuda’ para compor a renda familiar.⁸⁵

Mas também na fábrica o trabalho feminino era visto de forma acessória. Para os chefes e operários era comum a associação do ‘verdadeiro trabalho’ ao trabalho manual que exigia força e resistência, características consideradas masculinas. A qualificação também era comumente considerada um atributo masculino. Às mulheres era associado o serviço ‘leve’, tido como de maior facilidade e menor perigo. “Eu quero que você vá trabalhar lá [na seção da fiação] porque lá trabalha mulher. (...) Como você está começando, é não pegar [pesado]. (...) Lá é bom, lá trabalha até mulher!” teria aconselhado, por exemplo, o irmão de Artur Pinto de Oliveira. Quando perguntado se em sua seção, a oficina mecânica, trabalhavam mulheres, Júlio de Souza Nery, sintetizando a associação entre trabalho qualificado e ‘pesado’ aos homens, respondeu que

“Não! Lá eram só profissionais, só homens. Oficina mecânica é meio pesado, né?

Mulher não trabalhava [neste tipo de setor]. As meninas trabalhavam no raiom, na parte de seda.”⁸⁶

⁸⁵ Depoimentos de Celina Garcia e de Augusto Ferreira Lima concedidos ao autor. Sobre a idéia do trabalho feminino como uma ‘necessidade’ ver Mirta Lobato. “Women workers in the ‘cathedrals of corned beef’: structure and subjectivity in the Argentine meatpacking industry”, in John French and Daniel James (org.). *The gendered worlds of Latin American women workers. From household and factory to the union hall and ballot box*. Durham, Duke University Press, 1997. Ver também o caso das trabalhadoras de Porto Alegre analisado por Alexandre Fortes. *Nós do Quarto...*, especialmente o item ‘Divisão sexual do trabalho e especialização profissional’ do capítulo I.

⁸⁶ Depoimento de Artur Pinto de Oliveira concedido ao autor e entrevista de Júlio de Souza Nery concedida ao LabDoc-Unicsul. Para uma análise do papel das diferenças de gênero na definição do que era considerado trabalho especializado ou não ver Elizabeth Souza Lobo. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo, Brasiliense/Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

Para as operárias, porém, essa divisão poderia ser lida de uma outra forma. Maria José Santos Oliveira considerava que o setor em que trabalhava, “a classificação da seda”, onde “era só mulher”, tinha “um serviço que dependia muito da atenção e até um pouquinho de inteligência da operária” para ser bem feito. Os diferentes papéis atribuídos ao trabalho feminino e masculino na indústria implicavam numa grande segregação de gêneros no local de trabalho. “Nós, as mulheres trabalhávamos longe porque nós trabalhávamos com os fios. O setor de preparação do fio eram os homens”, destaca Maria Ferreira Jensen, trabalhadora da Nitro entre 1960 e 63. Dona Zezé recorda-se que na Nitro

“era muito separado. (...) A torção era só dos homens, a tinturaria era só dos homens, a fiação já era homem e mulher, a classificação que era a seção que eu trabalhei era só mulheres, então tinha assim como que uma divisão”.⁸⁷



Operárias da Nitro Química nos anos 40 (Acerco da Biblioteca Adelço de Almeida)

⁸⁷ Entrevista de Maria Ferreira Jensen concedida ao LabDoc-Unicisul e depoimento de Maria José Santos Oliveira concedido ao autor. A divisão sexual das seções da fábrica baseada em diferentes associações atribuídas ao trabalho feminino e masculino parece ter sido comum em outras grandes indústrias do período. Cf. Rosilene Alvim, *A sedução da...* Um exemplo internacional de segregação entre homens e mulheres nos locais de trabalho pode ser visto em Nick Hedges e Huw Beynon. *Born to work. Images of factory life*. Londres: Pluto, 1982.

As péssimas condições de trabalho e a periculosidade da empresa são outros fortes elementos presentes na memória dos trabalhadores e moradores da região. “Quando eu cheguei aqui em 1949,” recorda-se Benedita de Souza, “já existia essa Nitro Química e ela era muito falada por causa das mortes. Uns no tanque de ácido, outros morriam intoxicados. Tinha muita morte.”⁸⁸ “Trabalhar aqui [na Nitro] não foi mole: dei 20 anos da minha vida mexendo só com material que intoxica,” reclamava um dos operários demitidos na grande leva de dispensas que varreu a companhia em 1966.⁸⁹ “É a grande empresa do bairro periférico,” afirmava o advogado e vereador Rio Branco Paranhos em 1960. “Conheço-a de sobra,” prosseguia, “porquanto tenho sido o advogado que tem ajuizado o maior número de reclamações trabalhistas contra aquela empresa. É grande parcela das reclamações versa sobre as condições de insalubridade no trabalho.”⁹⁰ Um relatório de um investigador policial enviado à empresa para saber das razões de uma paralisação parcial dos trabalhadores solicitando abono de natal em dezembro de 1948 comentava que

“As condições de trabalho dos operários das seções acima [fiação e rolos] são as mais difíceis possíveis, desde que trabalham com ácidos a noite toda (...) São operários jovens, a maioria nortistas, que nunca chegam a se tornar estáveis, desde que a natureza do serviço implica em perda progressiva de saúde.”⁹¹

Mesmo aqueles que, em seus depoimentos, ressaltam os elogios à empresa e sua política de benefícios não deixam de fazer referências aos perigos e problemas de saúde que eram causados pelo trabalho na fábrica. Helena de Oliveira da Fonseca, cujo marido foi escolhido pela

⁸⁸ Entrevista de Benedita de Souza concedida ao LabDoc-Unicsul.

⁸⁹ *Jornal da Tarde*, 25 de abril de 1966. A onda de demissões de 1966 será posteriormente analisada.

⁹⁰ *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 15 de junho de 1960.

⁹¹ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-A-27, fls.132.

empresa para presidir a Comissão Interna de Prevenção de Acidente (Cipa) durante 11 anos, pondera que a “empresa dava condições para a pessoa trabalhar, mas o humano também falha”. Tratava-se, afinal, de “uma fábrica que lidava com material químico, era perigosa [e] às vezes acontecia algum acidente.” José Venâncio, morador em São Miguel desde 1953, afirma que “a Nitro Química, na época, era muito boa,” mas reconhece que “ela tinha aquele problema de soltar gás [e os operários] tossiam, tossiam violentamente.”⁹² Essa má fama da empresa ultrapassava fronteiras. Alguns migrantes, comenta Roniwalter Jatobá, pareciam “doentes da cabeça, loucos” quando voltavam para o interior da Bahia, e “muita gente comentava que era de ter trabalhado na Nitro Química”.⁹³

O número de acidentes era, de fato, muito elevado. Uma ata da reunião mensal da Cipa da Nitro em julho de 1958, por exemplo, computava a ocorrência de impressionantes 320 acidentes em junho daquele ano, sendo que 52 destes levaram ao afastamento dos operários ou operárias acidentados.⁹⁴ Em parte reconhecendo sua periculosidade, a empresa, a partir do final dos anos 40, realizou campanhas internas objetivando a prevenção de acidentes. Seu principal alvo era o

“empregado recém admitido (...) que não tem uma profissão definida (...). Não estão, assim, familiarizados com o manejo de ferramentas, o funcionamento de maquinarias e desconhecem o risco de várias operações e serviços. Cabe ao mestre, ao encarregado, ao chefe de equipe, ao receber o novo empregado, fazer-lhe as recomendações necessárias à segurança do trabalho.”

Não é descabido supor que, pouco preocupados com tais recomendações e premidos pelas necessidades e prazos da produção, muitos chefes e encarregados, dessem, de fato, pouca atenção à instrução e fiscalização efetiva dos operários nas questões relativas à segurança no trabalho.

⁹² Entrevista de José Venâncio ao LabDoc – Unicsul.

⁹³ Depoimento de Roniwalter Jatobá concedido ao autor.

⁹⁴ Ata da reunião mensal da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa) da Cia. Nitro Química Brasileira, 18 de julho de 1958. Acervo do Arquivo Interno da Nitro Química.

De qualquer forma, a imagem da Nitro Química foi recorrentemente associada a acidentes e altos índices de insalubridade. Protestos e luta contra tal ambiente de trabalho foram constantes desde a fundação da empresa. Apenas dois meses antes da visita do presidente Getúlio Vargas para a festa de inauguração oficial da Nitro Química em abril de 1940, no auge da ditadura do Estado Novo, panfletos eram distribuídos em São Miguel conclamando a união dos operários contra “este local terrível: insalubre, doentio e produtor de mortes prematuras”.⁹⁵ Dez anos depois, um boletim distribuído em São Miguel lembrava a visita do líder comunista Luís Carlos Prestes ao bairro em 1947 e de como este ficara

“visivelmente chocado com as condições de vida e trabalho daqueles trabalhadores e suas famílias, onde a infame Nitro Química de tão péssima fama (...) explora, aniquila e mata trabalhadores (...), onde os trabalhadores se encharcam de gás mortífero e saem da fábrica cambaleando pela fome, tontura e cansaço”.⁹⁶

Reivindicações de melhorias nas condições de trabalho e contra a insalubridade da empresa estiveram, desde sempre, nas mobilizações dos trabalhadores da Nitro Química. Apesar da ampliação do investimento da empresa na área de segurança industrial e de uma significativa diminuição dos índices de acidentes ao longo dos anos 50, a empresa manteve-se como uma das mais perigosas e insalubres fábricas da cidade.

Acidentes, mutilações e mortes são apontados pelos trabalhadores de diferentes gerações como suas piores recordações. Famoso pela insalubridade, o setor de fiação, onde eram produzidos os fios de raiom, tornou-se uma espécie de símbolo da precariedade das instalações da empresa. Um sistema de ventilação inadequado não conseguia dispersar os gases tóxicos formados no processo de manufatura do fio e contaminava os operários. Era para essa seção que grande parte dos novos contratados era enviada. “Pior seção da fábrica”, relembra José Cecílio

⁹⁵ Citado em Antônia Sarah Aziz Rocha. *O bairro à sombra da chaminé. Um estudo sobre a formação da classe trabalhadora da Companhia Nitro Química Brasileira de São Miguel Paulista (1935-1960)*. São Paulo, Dissertação de mestrado, PUC-SP, 1992, p. 59.

⁹⁶ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-A-27, fls.151.

Irmão, o operário “trabalhava dois, três dias. Enchia a cara de gás e ia para o seguro. Os olhos ficavam vermelhos. Você ficava maluco. (...) Você não agüenta. Usava colírio, batata (...) para refrescar”.⁹⁷

Roniwalter Jatobá, jornalista e escritor, morou em São Miguel Paulista no início dos anos 70, e em uma de suas crônicas registrou assim a infelicidade de um operário do setor de fiação da Nitro Química:

“Segunda de noite, a fábrica: seção F-5 [fiação de raiom], Nitro Química, o gás rondando os olhos, entrando nas vistas marejadas, cegueira. A voz do feitor apressando (...) a dor nas vistas. (...) No rumo de casa, tateando pelas ruas, chegava, depois o bálsamo da batata crua sobre os olhos, sugando o gás, a verdura empretecendo”.⁹⁸

A periculosidade da fábrica era largamente conhecida em São Miguel. Quando, em junho de 1947, um reator na seção de trotil explodiu causando a morte reconhecida de nove operários, violeiros e poetas de cordel saíram pelas ruas e bares do bairro cantando a história da “terrível explosão que sacudiu a Nitro Química Brasileira” que ocorrera, supostamente, pela “manipulação de ácido em demasia”.⁹⁹ “Houve um instante de pânico, *a despeito de serem ali muito freqüentes as explosões de menor vulto*”, noticiou a respeito deste acidente o jornal *A Gazeta Esportiva*.¹⁰⁰

O temor de novas explosões e os cotidianos acidentes com vítimas, algumas vezes fatais, eram parte do cotidiano de operários e moradores. Quando a fábrica “tocava aqueles apitos curtos”, recorda-se um morador do bairro, entrevistado no final dos anos 70,

“a gente já sabia que era incêndio, então ficava todo mundo meio apavorado porque inclusive falaram que se a Nitro Química explodisse (...) a cidade inteira ia junto com

⁹⁷ Depoimento de José Cecílio Irmão concedido ao autor.

⁹⁸ Cf. Roniwalter Jatobá. *Crônicas da vida operária*. São Paulo, Global, 1988.

⁹⁹ Poesia de cordel: *A grande explosão da Nitro Química Brasileira*, 15/8/1947. Acervo do Arquivo Interno da Nitro Química.

¹⁰⁰ *A Gazeta Esportiva*, 18 de junho de 1947 (grifos meus).

a fábrica (...). Então todo mundo tinha medo, e houve acidentes graves. Eu conheci explosão [em que] faleceu o pai do nosso amigo... família Martins”.¹⁰¹

Mas, não era apenas o medo de explosões que incomodava os moradores de São Miguel. Os famosos gases da Nitro Química extrapolavam o ambiente de trabalho e poluíam o bairro como um todo, causando uma série de problemas ambientais e de saúde pública. Reclamações dos habitantes de São Miguel sobre a poluição da Nitro foram bastante comuns desde os anos 40. “Saía um gás tão terrível que a pessoa para chegar na estação [ferroviária, próxima à fábrica] tinha que por um lenço no nariz para pegar o trem”, recorda-se Antônio Xavier dos Santos. “Aquilo era um horror”, lembra-se Salomé Lúcia Igel, “as roupas das pessoas ficavam impregnadas com o cheiro da fumaça, cheiro de ácido.” Também os rios da região, em particular o Tietê eram vítimas da ação poluidora da companhia. Maria Fernanda dos Santos Gomes, portuguesa, chegou a São Miguel com a família em 1951 e tem lembrança do tempo em que “o Tietê era muito limpo, [a gente] tomava água e cozinhava com a água do Tietê.” O rio Jacuí, um afluente do Tietê também

“era muito limpinho, de repente ele começou a ficar meio encardido, (...) já não tinha mais peixe (...) a água cada vez mais encardida (...) foi mudando tudo. A Nitro Química (...) foi soltando muita coisa também para a água. Então tinha aquela gordura beirando os capins (...) parecendo uma graxa. Encostava por ali e o capim já ia morrendo e o rio foi ficando uma coisa grossa.”¹⁰²

Em suas fases mais críticas a poluição expelida pela Nitro Química chegou a motivar a mudança do bairro. Um antigo morador, Waldomiro Macedo, sustenta que devido à “fumaça de cloro e o gás que saía” havia regiões do bairro “em que as pessoas nem conseguiam morar em

¹⁰¹ Cf. Antônio Augusto Arantes Neto, *Produção cultural...*, p. 11. O medo de explosões na fábrica sempre esteve presente em São Miguel Paulista e, quando já parecia superado, foi recentemente reavivado quando em 15 de novembro de 1997, uma explosão no setor de nitrocelulose causou a morte de um operário, ferimentos em mais quatro trabalhadores e uma série de danos materiais em residências e estabelecimentos comerciais nas imediações.

São Miguel”. Foi esse o caso da família Igel que, morando na rua da estação, próxima às chaminés da fábrica, sofria constantemente com os gases. “[A gente] não agüentava”, afirma Moisés Igel, “tinha ácido, fumaça (...) a gente tossia até a Penha”. Preocupados com a saúde de suas crianças, os Igels decidiram mudar para o bairro do Bom Retiro, apesar de terem mantido em funcionamento sua pequena loja em São Miguel.¹⁰³

A inauguração da fábrica de soda da Nitro Química no final dos anos 50 piorou ainda mais a situação, com um considerável aumento da emissão de poluentes no bairro. Pressionados pelos protestos dos moradores, alguns vereadores exigiam providências dos poderes públicos. Em abril de 1959, o vereador Tarcílio Bernardo, por exemplo, declarava estar o ar de São Miguel Paulista “completamente poluído pelos fortes gases de cloro expelidos pela grande fábrica (...) O cloro expelido (...) é tão forte que chega a secar as plantações e danificar objetos de metal.” Um ano depois, o também vereador Aurelino de Andrade pleiteava uma fiscalização da Secretaria de Saúde na Nitro Química, empresa

“que há muitos anos vem prejudicando, com os gases venenosos que exala, a saúde pública do povo de São Miguel Paulista, prejuízo este que se tem acentuado nos dois últimos anos, depois da instalação de uma fábrica de soda cáustica, onde a exalação de outros gases tem contribuído para o grande índice de mortalidade infantil existente naquele distrito.”¹⁰⁴

Apesar de algumas fiscalizações e multas que a companhia teve de pagar, o problema da poluição persistiria por alguns anos mais. Em maio de 1967, por exemplo, o deputado estadual Fausto Tomás de Lima voltaria a cobrar providências das autoridades sanitárias paulistas contra o “grupo financeiro super poderoso” da Nitro Química que é, “sem exagero, responsável por 90%

¹⁰² Depoimentos de Antônio Xavier dos Santos, Salomé Lúcia Igel concedidos ao autor e entrevista de Maria Fernanda dos Santos Gomes concedida ao LabDoc-Unicsul.

¹⁰³ Depoimentos de Waldomiro Macedo e Moisés Igel concedidos ao autor.

¹⁰⁴ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 447ª sessão ordinária, 22 de abril de 1959 e 59ª sessão ordinária, 17 de junho de 1960.

dos tuberculosos de São Miguel Paulista e vilas circunvizinhas.”¹⁰⁵ Somente nos anos 70 o problema seria efetivamente atenuado, quando uma nova onda de protestos dos moradores combinada com uma ação fiscalizadora mais eficiente por parte do Estado finalmente obrigou a instalação de filtros nas chaminés da Nitro.

A despeito do serviço social, dos decantados benefícios da empresa e de seu poder e influência na região, muitos trabalhadores avaliavam que aquelas condições de trabalho eram uma demonstração de como eles podiam ser descartáveis para a Nitro Química. Um antigo operário reconhece que a companhia tinha “um corpo médico muito bom”, mas “a saúde era terrível dentro” da fábrica. Outro sentia que “trabalhava-se de maneira desumana”, e

“não se tinha cuidado com a saúde do homem. Simplesmente porque era uma indústria química, [não significa] que não havia algum recurso. Não havia nenhum interesse. Era muito mais fácil eles considerarem o homem de menos valor do que a própria máquina deles.”¹⁰⁶

Em uma linha semelhante, o jornal comunista *Notícias de Hoje*, em janeiro de 1959, lembrava a grande presença de nordestinos na empresa e comparava as condições de trabalho na Nitro às condições vividas nas secas do Nordeste:

“(…) não vive ele [o migrante nordestino] em São Miguel drama ao que conheceu no sertão do agreste? Pois aqui, tal como lá, o homem do Norte passa pelos mesmos sofrimentos. Lá é a inclemência da natureza a secar tudo, a fazer exaurir as últimas esperanças do homem. Aqui, ou melhor, na Nitro Química, é a injustiça dos patrões, a transformar o homem num instrumento de produção. Em recompensa o trabalhador deixa a indústria com a saúde abalada para o resto de sua vida, levando com ele a

¹⁰⁵ *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 31 de maio de 1967, p. 40.

¹⁰⁶ Transcrição do depoimento de Antônio Pereira da Mata concedido no evento *Greve de 1957. São Miguel Paulista, 40 anos de história* ocorrido na sub-sede local do Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo entre os dias 21 a 25 de outubro de 1997.

marca dos gases e ácidos da indústria, que fazem desvanecer a vida, como o fazem o fenômeno da seca no sertão.”¹⁰⁷

Certamente, também pode ser atribuída às péssimas condições de trabalho das piores seções da Nitro Química o abandono do emprego por grande parte dos trabalhadores contratados. A rotatividade no emprego era favorecida pela existência de um mercado de trabalho aquecido e em expansão, como o dos anos 50 em São Paulo. Muitos operários ficavam o tempo que consideravam suficiente para adquirir alguma experiência industrial e partiam para tentar a sorte em outros empregos, embora constantemente continuassem a morar em São Miguel. Amauri da Cunha, por exemplo, trabalhou na empresa entre 1957 e 59, “não se adaptou com a ‘química’ que não era boa para a saúde,” e foi trabalhar numa fábrica de calçados na Bela Vista.¹⁰⁸ Antônio Xavier dos Santos considera que só trabalhou 41 anos na Nitro Química porque deu sorte. “Se eu tivesse caído num lugar desse [começado a trabalhar pelo setor de fiação de raiom] não tinha ficado nem seis meses.” Seu irmão, por exemplo, contratado para trabalhar no infame F-5, “entrou às 7 horas e quando foi às 11 ele saiu e [falou] não vou voltar mais não.” Nos anos 70, com a decadência da importância da empresa e o enfraquecimento de sua política de benefícios, “a má fama já fazia com que o sujeito não procurasse a Nitro mais. Aquele que tinha uma experiência maior já procurava uma outra empresa”.¹⁰⁹

Para os muitos que permaneciam na fábrica, porém, a suportabilidade de tal ambiente de trabalho dependia em grande medida da criação de padrões de sociabilidade que abrandassem a dureza do cotidiano da fábrica. A informalidade das relações entre os trabalhadores através de brincadeiras e jogos em meio à produção cumpriam um papel decisivo para uma “reinvenção criativa” do trabalho.¹¹⁰ Brincadeiras são comuns na cultura do chão da fábrica e,¹¹¹

¹⁰⁷ *Notícias de Hoje*, 15 de janeiro de 1959. Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-B-259, fls. 73.

¹⁰⁸ Entrevista de Amauri da Cunha concedida ao LabDoc – Unicsul.

¹⁰⁹ Depoimentos de Antônio Xavier dos Santos e Waldemar Macedo concedidos ao autor.

¹¹⁰ Cf. José Sérgio Leite Lopes, *A tecelagem...*, p. 82.

provavelmente, não eram incomuns no ambiente de trabalho agrícola do qual provinham grande parte dos trabalhadores.

Na Nitro Química, José Cecílio Irmão lembra que “tinha muita brincadeira (...). O peão não tem jeito, ele acha uma brecha para tudo. Mexia com o camarada, cutucava, enfim, batia, lutava boxe”. Um encarregado recorda que era só ele sair da seção para os operários começarem a brincar com uma vassoura. “Eles paravam o serviço (...) e batiam a vassoura um no outro”. Apesar de sinalizar um ambiente de informalidade e descontração entre os trabalhadores no duro cotidiano da empresa, tais brincadeiras, como era de se esperar, nem sempre eram bem recebidas por todos, afinal o ambiente fabril não era composto apenas de solidariedade e camaradagem. Rivalidades, disputas e conflitos entre os trabalhadores eram comuns e as brincadeiras, por vezes, podiam ser o estopim de violência real. O irmão de Artur Pinto de Oliveira, por exemplo, “não gostava de brincadeira. E na seção [em que ele trabalhava] o pessoal gostava de brincar. Um dia, “um cearense, pegou uma mangueira (...) e encheu ele de água fria. Meteu água fria nele, como brincadeira.(...) [Meu irmão] mandou a mão na cara do cara. O cearense caiu lá, botou sangue pelo nariz e pela boca”.¹¹²

As freqüentes referências negativas às brincadeiras no jornal e regulamentos da empresa evidenciam o quão comum elas eram no cotidiano do chão da fábrica. Para a direção da companhia, não tolerar a brincadeira era uma questão de autoridade, de manutenção de um ambiente de trabalho completamente focado e concentrado na produção. Assim, uma das funções da Cipa, por exemplo, seria “manter a disciplina, combatendo as brincadeiras”. Associar brincadeiras ao perigo e à falta de segurança era uma estratégia comum para convencer os operários. Um relato no informativo interno da empresa nos anos 50 lembrava que

¹¹¹ Paul Willis, por exemplo, em seu estudo sobre a cultura fabril em indústrias inglesas nos anos 70, observou entre os operários uma forte disposição para jogos e brincadeiras, particularmente os de caráter físico. Cf. Paul Willis. “Shop floor culture, masculinity and the wage form”, in John Clarke, Chas Critcher e Richard Johnson (orgs.). *Working-class culture. Studies in history and theory*. Londres, Hutchinson, 1979, p. 193.

¹¹² Depoimentos de José Cecílio Irmão, Augusto Ferreira Lima e Artur Pinto de Oliveira concedidos ao autor.

“um operário acostumado a cantarolar e gritar no serviço foi há dias vítima de um choque elétrico (...). Ficou ‘preso’ na corrente e, como se diz na gíria, ‘soltou a boca no mundo’. Como era de seu costume gritar, seus companheiros não deram importância e não fora um estranho desligar a chave, o acidente teria sido fatal. Gritos inúteis e brincadeiras são sempre nocivos à segurança de quem trabalha.”¹¹³

No entanto, brincadeiras podiam, por vezes, ser toleradas por algumas chefias e encarregados. Eram percebidas como normais e até importantes para suportar o intenso ritmo e as más condições de trabalho da Nitro. Augusto Lima, embora encarregado de seção, conta que, a despeito das orientações da direção da empresa, na saída da fábrica gostava de brincar com os operários de seu setor, “batendo, dando chute em um e outro”. Ao entrar no restaurante fazia “farra, tirando o chapéu da cabeça” dos conhecidos.¹¹⁴

Apelidos também eram muito comuns no chão da fábrica. José Ferreira da Silva, funcionário da companhia entre 1946 e 1966, conta que na seção onde trabalhava havia “140 operários e quase todos tinham apelidos, até os chefes”. Se em muitos casos, ofendiam, provocando brigas e desentendimentos, na maior parte das vezes eram um código de aproximação e formação de relacionamentos. Waldomiro Macedo, vindo do interior de São Paulo em fins dos anos 50, relata que não teve dificuldade em relacionar-se com seus colegas de trabalho na fábrica:

“Eu fiz amizade, porque dentro da Nitro Química o que você encontra lá era o pessoal nordestino e eu fiz amizade com todo mundo. Colocava apelido nos caras, os caras colocavam apelido em mim. Eu não sentia dificuldade nenhuma de entrosamento.”¹¹⁵

As relações informais, base de várias práticas de solidariedade e auxílio mútuo entre os trabalhadores do campo e os migrantes, continuavam a ser fundamentais para os operários da

¹¹³ *Nitro Jornal*, n. 10, outubro de 1953 e n. 4, abril de 1953.

¹¹⁴ Depoimento de Augusto Ferreira Lima concedido ao autor.

¹¹⁵ Depoimento de José Ferreira da Silva concedido ao autor.

Nitro Química. Os laços de parentesco e amizade, a procedência das mesmas regiões do interior do Nordeste e a concentração de moradias no mesmo bairro, assim como a experiência comum de migração e aprendizado sobre a nova cidade e o novo trabalho, vivenciado nas mesmas duras e extenuantes condições, foram alguns dos fatores que possibilitaram a formação de uma extensa rede de convivência e sociabilidade entre os trabalhadores de São Miguel Paulista nos anos 40 e 50.

As redes sociais podiam ser consolidadas e ampliadas no interior da fábrica. Um trabalhador conta que na Nitro “tinha uma amizade boa, sadia. Eram todos amigos (...) cada um com seu apelido”. Tais relações de amizade ultrapassavam os portões da empresa. Quando alguém contava no local de trabalho que

“ia matar um porco, quando a gente saía do serviço, acompanhava ele (...). Matava o porco, comprava a carne, pagava no pagamento. Ia na casa dele e comia. Tinha muito disso”.¹¹⁶

Estudiosos das primeiras gerações de migrantes que se tornaram operários em São Paulo questionaram a existência de ações coletivas no interior das empresas. Observaram a existência de vários grupos de amigos, que expressavam sua amizade em “conversas, caçoadas, brincadeiras de mão (...) e as vezes um convívio fora do recinto da fábrica”. Tais relações de amizade seriam baseadas no convívio comum, em laços de parentesco ou pelo fato de serem originários da mesma cidade ou região. Isso se daria pela proveniência rural desses trabalhadores, “onde a oportunidade de participação em ação coletiva que existe é na base de laços de parentescos e de vizinhança”.¹¹⁷

De acordo com essa visão, a persistência de tais valores no ambiente urbano prejudicaria a formação de laços comuns e ações organizadas que expressassem a formação de uma classe. Os

¹¹⁶ Depoimento de José Cecílio Irmão concedido ao autor.

¹¹⁷ Cf. Juarez Brandão Lopes, *op. cit.*, 1964, pp. 57 e 69

trabalhadores se uniriam através de uma “forma de solidariedade afetiva e pessoal, e não o sentimento de pertencer a mesma classe”.¹¹⁸

Entretanto, para os trabalhadores da Nitro Química em São Miguel Paulista, as amizades e o conjunto de relações sociais tecidas desde os lugares de origem e ampliadas na fábrica e no bairro eram, freqüentemente, a base para a elaboração de coesão e solidariedade. Eram essenciais para a formação de uma identidade de classe. Se, por um lado, as relações pessoais podiam fortalecer o discurso patronal que diluía os conflitos internos e alimentava a idéia do espaço fabril como uma ‘grande família’, por outro abriam espaço para o questionamento das políticas e ações da empresa consideradas injustas e eram elementos centrais na criação de ações coletivas nos locais de trabalho e moradia. José Ferreira da Silva, líder sindical na região entre o final dos anos 50 e 1964, destaca a importância dessas relações para a organização dos trabalhadores:

“Naquele tempo, a gente sabia onde morava o colega de seu departamento. Adoecia o colega, [nós íamos] visitar (...). iam 3, 4 colegas ver como estava o camarada. Era muito solidário. Quando era punido um colega (...) o outro procurava saber o que tinha acontecido. [Foi aí] que eu comecei a assumir. Aquela amizade que nós fomos tendo entre todo mundo fazia a gente trocar idéia um com o outro. Então foi crescendo aquela união, aquela amizade e quando era para reivindicar qualquer coisa a gente [começou] a tirar comissão”.¹¹⁹

Assim, fazer parte das redes sociais desenvolvidas na fábrica e no bairro e compartilhar de referenciais culturais e experiências comuns era fundamental para a formação de lideranças e, por exemplo, possibilitou a construção de legitimidade para a ação sindical na região no período entre 1945 e 64. Adelço de Almeida, trabalhador da Nitro e presidente do sindicato dos químicos entre 1956 e 64, acreditava que a sua “procedência de nordestino” lhe dava muito “acesso àquela

¹¹⁸ Cf. Leôncio Martins Rodrigues, *op. cit.*, p. 75.

¹¹⁹ Depoimento de José Ferreira da Silva concedido ao autor.

baianada”. “Eles acreditavam muito em mim”, explica, “porque eu também ia beber cachaça, dançar forró, fazer farra”.¹²⁰

¹²⁰ Depoimento de Adelço de Almeida concedido ao autor e a Hélio da Costa .

CAPÍTULO 3

COTIDIANO E SOCIABILIDADE OPERÁRIA

MORADIA, LAZER, CRIMINALIDADE E RELIGIÃO EM SÃO MIGUEL

Pensões, casa própria e mutirão

Para além da fábrica, o bairro era um espaço fundamental de articulação das redes sociais e de experiências comuns entre os trabalhadores de São Miguel Paulista. Local de moradia, lazer e trabalho, era no bairro que também se situava toda uma gama de relações pessoais com familiares, amigos e conterrâneos que auxiliava os migrantes com conhecimentos e contatos essenciais para sua sobrevivência. Na vizinhança e nas vilas, nos bares, nas pensões e nas ruas, os trabalhadores de São Miguel conservavam suas relações familiares e de amizades trazidas do Nordeste e de outras regiões, criavam novos vínculos e aprofundavam contatos, muitas vezes iniciados na fábrica. O bairro era, assim, o lugar decisivo para a ressocialização do migrante na cidade e um espaço de trocas de experiências e “produção de cultura”.¹

O processo de migração baseado nas redes de contatos e relações pessoais entre os migrantes estimulava a proximidade de moradia entre pessoas das mesmas famílias e regiões. Pesquisas sociológicas realizadas durante os anos 70 destacaram como a proximidade de moradia dos familiares era uma característica importante dos trabalhadores que se dirigiram para São Paulo nas décadas anteriores. De acordo com um desses levantamentos, quase 70% dos trabalhadores de baixa renda na cidade possuíam parentes morando no mesmo bairro ou no mesmo quarteirão.² Certamente, esse era o caso de São Miguel Paulista, onde muitas ruas e

¹ O pioneiro trabalho de Richard Hoggart. *As utilizações da cultura. Aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos* (Lisboa, Presença, 1973), foi um dos primeiros a chamar a atenção para o importante papel do bairro na formação de uma cultura dos trabalhadores na Inglaterra. Para uma análise mais recente de bairros operários também no norte da Inglaterra, conferir Andrew Davies e Steven Fielding (orgs.) *Workers' worlds. Cultures and communities in Manchester and Salford, 1880-1939*. Manchester, Manchester University Press, 1992.

² Cf. Manoel Berlinck e Daniel Hogan. “Migrações internas...”, p. 30. Analisando um período ainda mais recente, Alfredo José Gonçalves também constatou que “uma das preocupações dos migrantes na cidade grande (...) é refazer os laços familiares de origem. (...) Nas favelas e bairros pobres é comum encontrar-se grupos inteiros não só da mesma família (...), mas também de uma mesma cidade”. Cf. Alfredo José Gonçalves. “Morar e conviver”, *Travessia*, n.14, setembro/dezembro de 1992.

quarteirões eram quase que completamente habitadas por pessoas procedentes das mesmas cidades e regiões no Nordeste.³

Na chegada à cidade, as pensões cumpriam particular papel para a consolidação e ampliação de contatos do migrante. Particularmente ao longo dos anos 40 e início dos 50, São Miguel possuía um enorme número de pensões, que eram, de longe, a acomodação mais freqüentemente usada pelos migrantes, em sua maioria homens, jovens e solteiros. Vinculando o bairro à migração de nordestinos, uma reportagem do jornal *Correio Paulistano* em 1948 observava “o singular fenômeno de [São Miguel] ser um dos poucos subúrbios onde existem pensões e hotéis, camas para alugar, etc., tal como no centro da cidade.” A grande quantidade de pensões também chamou a atenção de Salomé Igel quando sua família mudou-se para São Miguel em meados dos anos 40. “O povo já vinha do norte assim, em massa”, lembra-se, “eram mais homens, não tinha [muita] família e eles ficavam em pensões.”⁴

Em suas memórias, o pastor Mário da Natividade Valladão igualmente destaca a presença de moradias coletivas em São Miguel no final dos anos 40. Quando, nos idos de 1946 e 47, sua Igreja Batista resolveu iniciar uma “campanha de evangelização de porta em porta” no bairro, Valladão constatou que havia “poucas famílias [mas] muitas ‘repúblicas’, onde se amontoavam inúmeros rapazes”. Dona de um bar no centro de São Miguel no final dos anos 40, Lídia Castelani Gomes resolveu montar uma pequena pousada ao constatar a intensa procura. “Todo dia,” comenta, “aparecia gente pedindo pensão.” Lembrando o período, Augusto Lima, que antes de seu casamento morou em várias pensões do bairro, conta que São Miguel era conhecido como “a terra da pensão em São Paulo.” Algumas delas eram enormes, como a pensão do Araújo, cujo dono, “baiano de Pilão Arcado, veio para aqui, trouxe os filhos, trabalhou na Nitro, depois pôs

³ Cf. Liliansa Tamagno. *Nordestinos experiencing São Paulo: time, space and identity in relation to internal migration*. Uppsala: Uppsala University, Master thesis, 1984, p. 56.

⁴ *Correio Paulistano*, 11 de abril de 1948 e Depoimento de Salomé Igel concedido ao autor.

essa pensão, a maior de São Miguel na época, que tinha quatrocentos e tantos trabalhadores” hospedados.⁵

Uma queixa registrada no Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo em 1951 contra “o excessivo aluguel” cobrado por Ambrozina Teixeira, proprietária de uma pensão na “Rua Beraldo Marcondes número 6 em São Miguel Paulista” nos fornece uma idéia de como era este tipo de alojamento:

“A referida senhora (...) subloca 5 quartos a rapazes, tendo em cada quarto de 3 a 5 camas. São 18 o número de rapazes (...), na maioria operários (...), dando um total de 2.160,00 cruzeiros. Existe ainda uma sala de frente [que] segundo consta está ocupada por pessoas da sua família.”⁶

Além da guarida, as pensões, em geral, forneciam alimentação, oferecendo uma segurança básica para os recém-chegados. Naquela época, comenta Lídia Castelani, “São Miguel não tinha restaurantes. Era só pensãozinha. Assim, quem tinha um cômodo [a mais], punha comida porque tinha [muita gente] para comer.” No final dos anos 30 e início dos 40, a pensão da família Bernardo, por exemplo, servia “uma média de 88 refeições para os pensionistas efetivos e (...) mais 130 sortidos.”⁷

Ademais, as pensões eram pontos de referência para aqueles em busca de parentes, amigos e conterrâneos. João Freitas Lírio, por exemplo, recorda-se que as pessoas “desciam na estação [ferroviária de São Miguel] e já procuravam “a pensão mais próxima (...) e iam perguntando: ‘você conhece fulano? conhece sicrano?’.” Mais uma vez revelando a sofisticada rede de contatos entre os migrantes e suas comunidades de origem, Augusto Lima relembra que ele próprio era sempre

⁵ Mário da Natividade Valladão. *Dá conta...*, p. 5; e depoimentos de Lídia Castelani Gomes e Augusto Ferreira Lima concedidos ao autor.

⁶ Deops/SP, Daesp. Prontuário 110703.

⁷ Depoimentos de Lídia Castelani Gomes e Nelson Bernardo concedidos ao autor.

“procurado pelo povo da minha terra, por mais de cento e tantas pessoas. [Eles chegavam] na minha pensão e procuravam pelo meu nome. Todo mundo já sabia que eu estava ali. Quando era de noite, o povo estava sentado esperando eu chegar.”⁸

Algumas pensões, inclusive, transformaram-se em pontos de chegada para comunidades inteiras. Nelson Bernardo considera que muitos motoristas dos paus-de-arara “já vinham orientados e (...) a ‘baianada’ já descia (...) na frente das pensões.” A primeira pensão que Augusto Lima se hospedou, a “do Nelson”, sempre “tinha uma turma de nortista do sertão piauiense”. Quando, num golpe de sorte, o irmão de dona Zezé ganhou um prêmio na loteria federal no início dos anos 40, sua família decidiu usar o dinheiro ganho para a montagem de uma pensão que, devido à sua clientela, logo ficaria conhecida como a “pensão dos mineiros.”⁹

Nos quartos apertados, nos bate-papos na hora do café e do almoço, entre uma cerveja e outra após o jantar, aqueles que acabavam de chegar à cidade travavam seus primeiros contatos com a nova realidade. Informações e experiências eram trocadas. A busca do novo emprego era a principal prioridade e os antigos e novos contatos estabelecidos eram essenciais. Logo quando chegou à pensão do Nelson, Augusto Lima passou “a noite conversando com uma turma” que lhe municiou de informações sobre como arranjar emprego na Nitro Química. “No outro dia já peguei a vida toda, quando apitou sete horas (...) já estava na portaria da fábrica”, recorda-se.

As pensões eram, portanto, um fundamental espaço de socialização dos trabalhadores em São Miguel Paulista:

“na pensão era uma amizade terrível. Era por meio da pensão que vinha a amizade do povo, no meio daquela pensão que o pessoal se uniu e se gostaram. Faziam festa e saíam de trem para ir passear, tudo junto. (...) Então foi como eu conheci São Miguel Paulista, pode acreditar, nas pensões de São Miguel.”

⁸ Depoimentos de João Freitas Lório e Augusto Ferreira Lima concedidos ao autor.

⁹ Depoimentos de Nelson Bernardo, Augusto Ferreira Lima e Maria José dos Santos Oliveira concedidos ao autor.

Antônio Xavier dos Santos tem recordações semelhantes de seu período morando em pensões. “O ambiente na pensão era de bastante amizade”, relata, “eu mesmo tinha bastante amizade com o pessoal da pensão. Ia em festinha. A gente ia no parque no dia de domingo. Tinha um parque em Itaquera.”¹⁰

Eram comuns longos períodos de permanência nas pensões. Vindo de Babaçu, na Bahia, Antônio Xavier dos Santos chegou em São Miguel em 1950 e morou os oito anos seguintes numa pensão quando, com a chegada de sua mãe e outros familiares, resolveu alugar uma casa para que todos morassem juntos. Já João Freitas Lírio, natural de Camponoso, também na Bahia, morou 6 anos em uma pensão de São Miguel antes do seu casamento. As características do alojamento nas pensões forneciam a provisoriedade necessária para os jovens migrantes avaliarem sua instalação definitiva na nova cidade. Em geral, o casamento ou a vinda de outros familiares exigiam a mudança e o término do período nas pensões, que muitos, em suas recordações, associam à juventude e ‘farras’ de homens solteiros.¹¹

Se a importância das redes sociais estabelecidas pelos migrantes fica evidente no ambiente das pensões, elas continuavam decisivas no processo de instalação definitiva no bairro. Para além da presença da Nitro Química e sua grande demanda por mão-de-obra, São Miguel Paulista, como vimos, era particularmente atraente para o trabalhador migrante por sua disponibilidade de loteamentos relativamente baratos para aquisição.

“Um terreno [em São Miguel] era baratinho”, recorda-se o mineiro Amauri da Cunha, morador no bairro desde 1954. “O pessoal começou a vir para cá”, destaca Henriqueta Lopes Fernandes, “porque aqui era o bairro mais barato para você comprar terreno.” Ela mesma mudou-se da região do Brás para São Miguel nos anos 60 dada a possibilidade de construir uma casa. Também os pais de Lucilene Sanchez Guimarães, recém casados no início da década de 60,

¹⁰ Depoimento de Augusto Ferreira Lima e Antônio Xavier dos Santos concedidos ao autor.

¹¹ Depoimentos de Antônio Xavier dos Santos e João Freitas Lírio concedidos ao autor.

saíram da Vila Maria, onde dividiam um terreno com a avó de Lucilene e “compraram um terreno [em São Miguel] porque era mais barato.” Além do preço, porém, era a possibilidade de adquirir um terreno em prestações, o que efetivamente viabilizava o negócio para muitos trabalhadores. Lídia Castelani e seu marido, por exemplo, adquiriram um terreno no Jardim Helena em meados da década de 40 para montar um pequeno empório de vendas de cereais. Naqueles tempos, relembra Lídia, “era fácil e barato” comprar um terreno. Além disso, acrescenta, “era bem parcelado, então dava para a gente comprar.” Este também foi o caso de Jorge Gonçalves Lula, que dez anos depois, comprou um terreno no Jardim São Vicente. Gonçalves Lula recorda-se que pagou “a mesma quantidade [até] a última prestação, sem juros, sem correção monetária (...) Eu dei 700 cruzeiros de entrada [e a] prestação era 700. Eu ganhava (o salário mínimo (...) na Nitro Química, [que] era três mil.”¹²

Mesmo as casas construídas pelas empresas loteadoras do bairro podiam, comparando-se com as regiões mais centrais da cidade, ser adquiridas com maior facilidade. Um anúncio da S.A. Vila Curuçá de São Miguel publicado na *Folha de São Miguel*, em 1954, estimulava seus leitores a deixar “de pagar aluguel” e oferecia a venda de “casa com terreno de 10x30” com as seguintes condições de pagamento:

“No ato da reserva, Cr\$500,00: entre 30 dias, na assinatura do contrato e entrega das chaves, Cr\$4.500,00; o restante em 91 prestações mensais de Cr\$600,00 sem juros a partir do mês seguinte. Há ainda a despesa com o contrato e seu registro que fica em Cr\$560,00. Temos ainda lotes de terrenos à venda, sem entrada e sem juros.”¹³

¹² Entrevistas de Amauri Cunha, Henriqueta Lopes Fernandes e Lucilene Sanches Guimarães concedidas ao LabDoc-Unicsul e depoimentos de Lídia Castelani Gomes e Jorge Gonçalves Lula concedidos ao autor.

¹³ *Folha de São Miguel* n. 29, 24 de outubro de 1954. Além dos depoimentos orais, é possível supor que as condições de pagamento eram razoavelmente favoráveis para muitos trabalhadores, como os da Nitro Química, levando-se em conta os salários pagos por esta empresa. Embora eu não disponha dos valores para 1954, em 1956 um dos cargos mais mal remunerados da indústria, como o de servente de setor, recebia cerca de Cr\$3.700,00. Cf. Livro Relação de Empregados da Cia Nitro Química Brasileira. Movimento de 26/4/1956 a 25/04/1957.

Em São Miguel, portanto, a possibilidade de conjugar a aquisição da moradia com a proximidade do trabalho era bastante atrativa tanto para os migrantes recém-chegados, quanto para os moradores mais antigos que não possuíam casa própria em outras regiões da cidade. Adquirir a casa própria significava, obviamente, deixar de pagar aluguel, o que representava grande economia no orçamento da família operária.¹⁴ Neste sentido, o depoimento de Luís Gerônimo Ferreira é bastante interessante. Ele conta que

“a primeira residência que tive em São Paulo foi (...) na casa de um cunhado meu durante uns três meses. Eu resolvi sair da casa dele e arrumei uma casinha de madeira no Parque Paulistano em São Miguel Paulista (...) e fui pagar aluguel (...). Mas eu vi que aluguel não era futuro para ninguém. Nunca foi, na realidade. Eu resolvi comprar um terreno na Cia. Jardim Helena [também em São Miguel] e fiz a minha casa que é onde eu resido desde 1955. Moro na minha casa, que foi a segunda casa desde que cheguei em São Miguel.”¹⁵

Como é possível perceber neste depoimento, para além do fator econômico, a casa própria tinha um grande valor cultural. A configuração do próprio espaço e a segurança familiar como garantia básica contra as incertezas do mercado de trabalho eram valores diretamente associados à aquisição da moradia própria pelos trabalhadores. Além disso, a casa representava um patrimônio em si e, frequentemente, significava um rendimento extra, dada a generalização da sublocação e aluguel de cômodos ou de outras casas menores construídas no mesmo terreno. A

¹⁴ Uma pesquisa conduzida em 1952 pela Comissão Nacional do Bem Estar Social calculava que cerca de 22,5% do orçamento das famílias operárias brasileiras era gasto com despesas de habitação, incluindo-se aí o aluguel. Cf. John Wells. “Industrial accumulation and living standards in the long-run: the São Paulo industrial working class, 1930-1975, Part II”, *Journal of Development Studies*, vol. 19, n. 3, p. 306. No final da mesma década o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), analisando o impacto da inflação no orçamento operário, concluía que “pode-se esperar que [o item] ‘habitação’ *continue ainda*, apesar do ‘congelamento’ dos aluguéis, a representar uma parcela considerável no aumento geral do custo de vida na cidade de São Paulo”. Cf. “O aluguel de casas populares em São Paulo”, *Boletim do Dieese*, n. 1, maio de 1960. (grifos meus).

¹⁵ Entrevista de Luís Gerônimo Ferreira concedida ao LabDoc-Unicsul.

casa própria, assim, adquiriu crescente importância no imaginário dos trabalhadores da grande São Paulo a partir do final dos anos 40.¹⁶

Não por acaso, na história pessoal de inúmeros operários e operárias, a compra do terreno para a construção da casa própria ocorreu logo em seguida ao casamento. Um trabalhador lembra que depois de casar “nós todos comprávamos terra e nós todos construíamos uma casa”. A abundância de terras em São Miguel Paulista tornou o bairro um dos locais mais movimentados para a venda de loteamentos populares. Havia muitos “vendedores de terreno”, recorda-se Augusto Lima, “era na rua da estação, era aqui na praça, em todo lugar tinha aqueles carros parados vendendo terreno para (...) a classe operária, principalmente para os que trabalhavam na Nitro”. O migrante português Manuel Caçador, recém chegado a São Paulo em 1952, também recorda-se uma vez ao visitar seu primo que morava na Penha que viu “a Praça 8 de setembro (...) toda rodeada de placas [onde lia-se:] ‘Vendem-se terrenos. Vila Parque Paulistano – São Miguel Paulista’.” Na mesma hora entrou no carro do corretor e após percorrer vários terrenos que considerou “ruins, até mal cheirosos”, acabou adquirindo um lote de fundo.¹⁷

A compra do terreno obedecia obviamente ao critério de preço, mas também a proximidade de parentes, amigos e conhecidos era levada em consideração na hora da escolha da localização da gleba. Isso ajudava na manutenção e ampliação da rede de cooperação e auxílio mútuo construída pelos migrantes. Era também decisivo no processo de autoconstrução da moradia, que exigia a arregimentação e auxílio do maior número de pessoas possível. Os mutirões para construção, ampliação e melhorias das residências operárias tornaram-se prática comum nas periferias paulistanas.

O sociólogo Juarez Brandão Lopes creditou à ausência de formas de cooperação de maior âmbito no campo brasileiro o suposto baixo nível de solidariedade entre os operários de origem

¹⁶ Cf. Fernando Henrique Cardoso, Cândido Procopio Ferreira e Lúcio Kowarick. “Considerações sobre...”, p. 8 e Nabil Bonduki. *Origens da...*, pp. 307-312.

rural em São Paulo. “Mesmo o mutirão,” apontava, “desapareceu ou está em vias de desaparecer na maior parte do território nacional.”¹⁸ Outros autores também observaram a decadência das formas de mutirão no campo brasileiro durante os anos 50.¹⁹ Entretanto, a migração para as cidades pode ter significado uma revitalização de práticas de vizinhança e auxílio mútuo de origem rural, como o mutirão. Readaptado no ambiente urbano, o mutirão seria largamente utilizado pelas populações de origem migrante para a autoconstrução de suas moradias.²⁰

Baseado nas redes de relações pessoais, o mutirão da construção da casa própria era comum em São Miguel Paulista. Uma pesquisa realizada no final da década de 70 indicava que dentre aqueles que haviam construído sua casa própria, a “construção através do mutirão predomina.”²¹ A prática, porém, já era comum nos anos 50. Gerolino Costa Jacobina, por exemplo, conta que construiu sua casa através “de mutirão”. “Tinha muito isso”, acrescenta, “eu ajudei muito a fazer casa e os outros ajudaram a fazer a minha, era assim (...) nos domingos e feriados.” Em geral, o mutirão era combinado no trabalho, mas também agregava muita “gente que não trabalhava na fábrica.”²² A própria Nitro listava entre os ‘benefícios’ que oferecia para seus operários a facilidade para a compra de material de construção. Geraldo Lopes lembra que “muitos operários, como eu, construíram suas casas com material da Nitro Química. Éramos descontados em folha de pagamento.” Uma extensa reportagem sobre a Nitro Química feita pelo jornal *O Dia* em setembro de 1956 listava entre as vantagens oferecidas pela

¹⁷ Depoimentos de Augusto Ferreira Lima e Manuel Caçador concedidos ao autor.

¹⁸ Cf. Juarez Brandão Lopes. *Sociedade Industrial...*, p. 69.

¹⁹ Cf. Gentil Martins Dias. *Depois do...*, p. 125; e Clóvis Caldeira. *Mutirão. Formas de ajuda mútua no meio rural*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956.

²⁰ Já nos anos 50, Clóvis Caldeira observava que em “Recife é muito usado o adjunto [mutirão] (...) para construção de mocambos [habitações populares], reunindo-se os amigos e conhecidos para ajudar alguém nessa tarefa, hábito possivelmente para ali levado pelos elementos de procedência rural que constituem grande parte da população pobre. Nada recebem pela cooperação, mas o dono da obra os alimenta e os anima com aguardente”. Cf. Clóvis Caldeira, *Mutirão...*, p. 121.

²¹ Myrna Therezinha Rego Viana. *São Miguel Paulista. O chão dos desterrados (Um estudo de migração e de urbanização)*. São Paulo, Dissertação de mestrado – Departamento de Geografia, FFLCH-USP, 1982, p. 88.

²² Depoimento de Gerolino Costa Jacobina concedido ao autor.

empresa a criação de um “departamento para construção de casa própria.” O antigo operário Benedito Miguel assinala que

“se você trabalhava na Nitro Química, ela fornecia cimento. Ela vendia a você mais barato e descontava em folha de pagamento. Vendia telha, vendia... uma porção de coisas. Ela fornecia para você se você tivesse o terreno.”²³

O ambiente festivo dos mutirões rurais era reproduzido aos domingos na periferia paulistana. Os donos da casa encarregavam-se, em geral, do suprimento de alimentação e bebidas e, muitas vezes, ao mutirão seguia-se uma roda de música e dança. Era um espaço importante de socialização na vida operária e de consolidação das redes sociais no bairro.²⁴

Assim, quando um operário do setor de fiação tragicamente morreu atropelado ao sair da fábrica, o encarregado da manutenção da área foi informado que ele “morava numa casa alugada, mas tinha um terreninho.” Sem hesitar, decidiu coordenar “um grupo para construir uma casa para a viúva.”²⁵

Como na fábrica, a informalidade era um dos componentes básicos da rede de relações sociais desenvolvidas pelos trabalhadores no bairro. Baseados em tais relações, os moradores se organizavam, criavam espaços de ajuda mútua e também, como veremos, reivindicavam

²³ Cf. depoimento em Antônia Sarah Aziz Rocha. *O bairro à sombra...*, p. 79; *O Dia*, 28 de setembro de 1956; e depoimento de Benedito Miguel concedido ao autor. Apesar da ajuda da Nitro com os materiais e da boa vontade dos participantes do mutirão, é certo que a qualidade da maioria das casas do bairro deixava muito a desejar. Um estudo sobre habitações em São Paulo realizado no final dos anos 40, indicava que apenas 15% das casas de São Miguel poderiam ser consideradas em um nível satisfatório, de acordo com os critérios da pesquisa. Cf. Rev. P. J. L. Lebre. “Sondagem preliminar a um estudo sobre a habitação em São Paulo”, *Revista do Arquivo Municipal*, abril-maio de 1951.

²⁴ Certamente o processo de autoconstrução da moradia também implicava em grandes sacrifícios e dificuldades para os trabalhadores, não devendo, portanto, ser romantizado. Diversos autores já chamaram a atenção para como a autoconstrução pode ser analisada como um importante exemplo de ‘espoliação urbana’, para usar o conceito consagrado por Lúcio Kowarick. Francisco de Oliveira considera que os mutirões de moradia contribuíram para aumentar a taxa de exploração da força de trabalho e para rebaixar os salários. Erminia Maricato argumenta na mesma linha, secundarizando a suposta espontaneidade e solidariedade que estariam expressas no processo de autoconstrução urbana. Embora corretas em afirmar o caráter dilapidador da autoconstrução, tais análises negligenciam, como afirma Bonduki, “o fato de que a obtenção da casa própria representava para os trabalhadores uma melhoria efetiva de suas perspectivas de vida”, além de não darem o devido peso à ação dos próprios trabalhadores neste processo. Cf. Lúcio Kowarick. *A espoliação...*; Francisco de Oliveira. *Crítica à razão dualista*. São Paulo. Brasiliense e Cebrap, 1971; Erminia Maricato. *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo, Alfa-ômega, 1982 e Nabil Bonduki. *Origens da...*, p. 308.

melhorias para a região junto às autoridades públicas. As atividades de lazer e cultura também eram importantes para a manutenção e ampliação das redes sociais entre os trabalhadores, como será analisado a seguir. Times de futebol, clubes dançantes, grupos teatrais e musicais, entre outros, eram formados a partir dos laços informais na comunidade e na fábrica. Muitas vezes surgiam no mesmo processo de criação de associações e movimentos de reivindicação.²⁶

Futebol, cinema, bailes e bares

Em uma comunidade majoritariamente operária como a de São Miguel entre os anos 40 e 60, os padrões de lazer estavam claramente condicionados pela pobreza da população, pela limitada oferta de opções culturais e de entretenimento e pela presença marcante de uma empresa como a Nitro, também interessada no ‘tempo livre’ de sua mão-de-obra. No entanto, é possível perceber em uma análise mais detalhada como os moradores do bairro aproveitaram os espaços e opções existentes na região e também criaram, eles próprios, uma gama relativamente variada de divertimentos para seus momentos de folga do trabalho. Como veremos, tais recreações freqüentemente assumiam formas distintas para homens e mulheres

Apesar da predominância industrial representada pela Nitro Química, nos anos 40 e 50 São Miguel e as áreas circundantes ainda preservavam fortes características rurais. Oficialmente, inclusive, a região era, na maior parte deste período, considerada como distrito rural da cidade de São Paulo.²⁷ A existência de rios, lagoas e vastas áreas verdes era largamente aproveitada pela população local e de outras partes da cidade como espaços para passeio e lazer. A migrante

²⁵ Depoimento de Fábio Ravaglia concedido ao autor.

²⁶ Antônio Augusto Arantes Neto constatou que a criação de várias Sociedades Amigos de Bairro e outros movimentos reivindicatórios em São Miguel Paulista no fim dos anos 40 e início dos 50 faziam parte do mesmo processo de surgimento de conjuntos musicais, grupos de poesia e, posteriormente, dos grupos teatrais no bairro. Cf. Antônio Augusto Arantes Neto, *Produção cultural...*, p. 35. Tanto as sociedades amigos de bairro quanto os grupos culturais e esportivos serão analisados mais adiante.

portuguesa Maria Fernanda dos Santos Gomes, moradora em São Miguel desde 1951, lembra, por exemplo, do tempo em que aos domingos ela, sua família e amigos iam passear na “lagoa verde (...) que era atrás da Nitro Química. Uma lagoa muito bonita (...) e o pessoal ia nadar lá.” Apesar do risco, nadar no rio Tietê era uma diversão relativamente comum neste período. José Caldini Filho relembra que muitos iam “nadar no rio Tietê (...). Era um rio perigoso (...) pesado e fundo, tanto que morreu muita gente afogada” em suas águas. No mesmo rio pescarias eram muito comuns, como indicam uma série de depoimentos arrolados no processo movido contra Antonio Castelucci, acusado pelo assassinato de Americo Dal Bello, ocorrido à margem esquerda do Tietê no dia 8 de dezembro de 1948. Mesmo nos anos 60, como indica o depoimento de Davi de Ramos, ainda era possível aproveitar os rios e lagos como lazer. “Nós chegamos a pescar muitas vezes [nos rios da região]”, afirma Davi, “bastante mesmo, hoje já não se tem mais nada disso”, lamenta.²⁸

Esse ‘lazer rural’ em pleno bairro industrial era particularmente aproveitado pelas crianças. A sergipana Maria Pureza de Mendonça, por exemplo, guarda os “banhos nos rios” como uma das “boas recordações” de sua infância na São Miguel dos anos 50. Regina Igel também lembra-se que, quando menina na década de 40, “do outro lado da rua” onde ficava a loja de seu pai, “era mato; tinha árvores grandes e a gente brincava de casinha.” Quando os amigos de seus pais, moradores em regiões mais centrais da cidade, iam visitá-los, seus filhos “adoravam, [porque] (...) a gente fazia guerra de mamonas, (...) catava ovos de galinha. Era uma meleca (risos).”²⁹

²⁷ Administrativamente São Miguel Paulista passaria a ser considerado um distrito urbano da capital apenas no final da década de 50. Cf. A. Delorenzo Neto. *O município da capital...*

²⁸ Entrevistas de Maria Fernanda dos Santos Gomes e Davi de Ramos concedidas ao LabDoc-Unicsul; depoimento de José Caldini Filho concedido ao autor e processo conta Antonio Castelucci, 1º Tribunal do Júri – Comarca da Capital, São Paulo.

²⁹ Entrevista de Maria Pureza de Mendonça concedida ao LabDoc-Unicsul e depoimento de Regina Igel concedido ao autor.

Nos fins de semana, entretanto, o passeio preferido pelos predominantemente jovens moradores do bairro era caminhar pela praça Campos Salles, a principal de São Miguel. Ali e na contígua Rua da Fábrica, rapazes e moças andavam descompromissadamente nos fins de tarde e início das noites de sábado e domingos Maria José Ferreira Jensen afirma que nos anos 50 e 60, a “nossa diversão era (...) bater perna na pracinha.” Maria Pureza de Mendonça também lembra que

“depois que o pessoal saia da missa (risos) ficava lá [na praça] (...) Então os rapazes ficavam em pé de um lado da praça e as moças andavam em torno da praça para ser paqueradas. Daí o rapaz te via, achava você interessante (risos) e dava um jeito de falar com você.”³⁰

Esse caráter de espaço para namoro e encontro desses passeios de fim de semana no centro do bairro é reforçado pelo depoimento de José Caldini Filho. Ele lembra que era na Rua da Fábrica “onde se fazia o *footing* em São Miguel, onde [a gente] ia encontrar as meninas, as namoradas, onde eu também encontrei a minha esposa.” Era esse o motivo pelo qual o pai de Maria Fernanda dos Santos Gomes, um migrante português bastante católico e conservador, a proibiu durante muito tempo de passear na praça nas tardes e noites de fim de semana. Em casa, ela “ficava ouvindo o padre reclamar que o pessoal [estava] namorando atrás da igreja” e também as “músicas que um oferecia para o outro” através do sistema de alto-falantes que foi instalado na praça.³¹

As ruas e as áreas públicas do bairro também tornavam-se um importante espaço de lazer e divertimento durante o período de carnaval, intensamente celebrado em São Miguel. Morando no Jardim Jordano em meados dos anos 50, Laurentina do Carmo Geraldo, recorda que durante os dias de folia “tinha um pessoal (...), nossos amigos que passavam na rua fazendo brincadeira

³⁰ Entrevistas de Maria José Ferreira Jensen e Maria Pureza de Mendonça concedidas ao LabDoc-Unicsul.

de carnaval. Tinha música e eles tocavam pandeiro.” Regina Igel lembra-se quando, no final dos anos 40, viu seu pai, um migrante judeu não acostumado às celebrações de carnaval, irritar-se profundamente ao ver “umas moças fantasiadas de odaliscas” e vários homens “descendo aquela rua da fábrica gritando” e fazendo algazarra.³²

Entretanto, como em outras esferas da vida social do bairro, era principalmente a Nitro Química que ditava o padrão de lazer dos moradores de São Miguel Paulista. O Clube de Regatas Nitro Química (CRNQ), criado pela empresa no início em 1939, foi durante décadas, a mais importante referência de lazer e entretenimento no bairro. O clube era parte importante do complexo assistencial montado pela fábrica na década de 40 com o objetivo de, ao fornecer uma série de serviços e benefícios, conquistar a lealdade de seus operários e promover a paz social.³³ Uma matéria no jornal *O Dia* em 1956, descrevia com detalhes as instalações e comodidades oferecidas pelo clube da empresa:

“com referência à vida social dos operários, cabe dizer aqui que a Companhia Nitro Química Brasileira fez construir uma sede social própria para o clube, num belo edifício de dois andares, com *ginasium* (sic) para voleibol, basquete, futebol e outros esportes, um amplo salão de baile, funcionando no andar superior um restaurante que fornece 400 refeições diárias aos seus sócios. Além disso [conta] com salas de leitura e biblioteca, de música par aulas de piano, de jogos diversos, jiu-jitsu, televisão, etc. Além do pavilhão da sede social (...), a Nitro Química reservou uma área

³¹ Entrevista de Maria Fernanda dos Santos Gomes concedida ao LabDoc-Unicsul e depoimento de José Caldini Filho concedido ao autor.

³² Entrevista de Laurentina do Carmo Geraldo concedida ao LabDoc-Unicsul e depoimento de Regina Igel concedido ao autor.

³³ Para uma análise das políticas assistenciais da Nitro Química, ver Paulo Fontes. *Trabalhadores e ...*, em particular o capítulo 2. Tamanha era a confiança dos dirigentes da companhia nos seus serviços sociais e na série de benefícios concedidos aos seus operários que, segundo Barbara Weinstein, “a empresa que mais insistiu que não tinha necessidade do SESI foi a Companhia Nitro Química (...) José Ermírio [e outros proprietários de empresas tradicionais], ao que parece, achavam que os serviços e a assistência oferecidos diretamente por sua administração eram mais eficientes na promoção da paz social que os programas desenvolvidos pelo SESI. [Eles] também (...) acreditavam que daria mais resultado concentrar-se em melhorar as relações com seus próprios operários que cultivar boas relações com a classe operária como um todo.” Cf. Barbara Weinstein. *(Re)formação ...* pp. 204-5.

considerável para sua praça de esportes, que podemos afirmar ser uma das maiores e mais completas da capital, rivalizando com os seus principais clubes. Vimos ali, entre outros, o campo de futebol, de voleibol, um bem montado bar, três piscinas nas dimensões oficiais, galpão para bailes, pois o lugar se presta pela amplitude. Tornou-se por isso o ambiente mais favorável à socialização do operariado.”³⁴

Um clube com tal dimensão e estrutura em um bairro carente como São Miguel sem dúvida desempenhava papel central na vida social dos trabalhadores e residentes locais. Para muitos antigos moradores o clube é a referência central quando questionados sobre o lazer dos operários no período anterior à década de 70. “O lazer que tinha aqui em São Miguel era o clube da Nitro, era o único lazer que tinha na época” afirma, por exemplo, Antônio Xavier dos Santos. Maria das Graças Lins Cacian, migrante mineira e moradora em São Miguel desde 1948, afirma que “o clube é o que eu mais lembro da minha infância” e acrescenta:

“tinha o clube de campo, por sinal muito bonito, um dos melhores que eu conheço. Era muito grande e muito bem cuidado. A gente tinha várias opções de lazer dentro deste clube (...) piscinas, quadras, campo de futebol (...) barco (...) [que] navegava pelo Tietê. Além do clube de campo, tinha a sede social (...). No sábado e domingo todo mundo ia para o clube da Nitro.”³⁵

As atividades esportivas eram um dos pontos fortes do clube. Seu time de futebol era um dos mais conhecidos e poderosos da região, chegando a se profissionalizar e a disputar o Campeonato Paulista da terceira divisão no início dos anos 60.³⁶

O boxe foi igualmente famoso e popular. Desde os anos 40, o boxe do CRNQ participava de competições amadoras promovidas pelo jornal *A Gazeta Esportiva*. Terceiro lugar no

³⁴ *O Dia*, 28 de setembro de 1956, pp. 13-14.

³⁵ Depoimento de Antônio Xavier dos Santos concedido ao autor e entrevista de Maria das Graças Lins Cacian concedido ao LabDoc-Unicsul.

Campeonato Operário de Boxe de 1950 (Taça Paz Social), o clube seria campeão em 1951 e 52 do Campeonato de Boxe do Sesi e do III Torneio Operário em 1953. Com a popularidade do esporte em alta e a existência de diversas competições, o departamento de boxe do clube estruturou-se ainda mais com a contratação do consagrado técnico Atilio Bianchi em 1955, chegando a enviar representantes para os Jogos Panamericanos de 1959 e a ser o celeiro de diversos profissionais.³⁷

Durante os anos 50, o clube também teve sucesso em várias modalidades esportivas nos campeonatos e competições promovidas pelo Serviço Social da Indústria (SESI). A prática de esportes era largamente promovida entre os operários da indústria. Maria José Ferreira Jensen que trabalhou na Nitro entre seus 14 e 17 anos de idade foi uma das trabalhadoras incentivadas a desenvolver seu potencial esportivo. Chegou a ser “corredora oficial da empresa”, mas “apareceu um monte de problemas” em seu joelho e ela foi obrigada a abandonar as pistas.³⁸

Os operários da Nitro eram compulsoriamente associados ao clube. Segundo um antigo trabalhador da empresa “todo empregado era obrigado a ser sócio do Clube de Regatas, inclusive [a mensalidade] era descontada em folha de pagamento”.³⁹ Entretanto, a associatividade não estava restrita aos funcionários da fábrica e muitos moradores da região também aderiam e usufruíam dos serviços da entidade. Como relembra Maria Pureza de Mendonça, “a coisa mais chique era você ter uma carteirinha do clube da Nitro (risos). Aquilo fervia, era lá que tudo acontecia.”⁴⁰

Uma das coisas que mais aconteciam no clube, como veremos adiante, eram os bailes que tornaram-se um grande acontecimento social no bairro, atraindo centenas de moradores todos os

³⁶ Segundo dados da Federação Paulista de Futebol (FPF) o CRNQ “chegou ao profissionalismo em 1961”. Entre 1961 e 1965 disputou o Campeonato Paulista da terceira divisão. Cf. José Jorge Farah Neto e Rodolfo Kussarev Jr. *Almanaque do futebol paulista*. São Paulo, Panini, 2001, p. 414.

³⁷ Cf. M. Terleote. *Um pouco do boxe do Clube de Regatas Nitro Química*.

³⁸ Entrevista de Maria José Ferreira Jensen concedida ao LabDoc-Unicsul.

³⁹ Cf. depoimento em Antonio Augusto Arantes Neto. *Produção cultural...*, p. 33.

⁴⁰ Entrevista de Maria Pureza de Mendonça concedido ao LabDoc-Unicsul.

fins de semana. Suas festas de carnaval extrapolavam as fronteiras da região e ficaram famosas em toda a cidade. Para além de festas e bailes, o clube promovia a apresentação de cantores e artistas famosos em São Miguel. Em janeiro de 1957, por exemplo, o *Nitro Jornal* comentava a “auspiciosa apresentação de Ângela Maria na sede social do Clube de Regatas Nitro Química.”⁴¹

Apesar do evidente peso do clube da Nitro Química na promoção das atividades culturais e de lazer do bairro, ele não detinha a exclusividade neste campo. As festas religiosas, por exemplo, tinham uma longa tradição que precedia em muito a própria instalação da indústria. Depoimentos de antigos moradores colhidos no final dos anos 70 e início dos 80 enfatizavam a importância destas festas no período anterior à década de 30. “Tinha festa aqui no tempo antigo”, afirmava um destes moradores: “Nós ficávamos aqui 15 dias, comendo e bebendo o tempo todo. (...) Tinha a festa de Santa Cruz, São Gonçalo (...)” Outro morador lembrava que “as festas eram feitas pelos próprios habitantes locais. Todas as casas tinham uma cruz. E onde tinha uma cruz a turma parava lá, batia pé, rezava lá e saía café, essas coisas.” Um outro ainda reforçava que os festeiros

“saíam pelas ruas com uma viola, eram dois violeiros, às vezes eram três. Saíam cantando, tinham velas. A turma punham (sic) velas assim nas janelas; onde tinha velas a gente parava para cantar e bater o pé. Ficava com os pés inchados.”⁴²

As festas de São Miguel atraíam moradores de fora do bairro. Odete Alves de Almeida, menina nos anos 20 e morando no Belenzinho, conta que seu pai a levava “para passear lá para o lado de São Miguel (...). Faziam aquela festa de frente à igreja, o quebra - pote, o quebra - moringa.”⁴³

⁴¹ *Nitro Jornal* n. 47, janeiro de 1957.

⁴² Depoimentos colhidos por Antonio Augusto Arantes Neto. *Produção cultural...*, pp. 27-29 e Teresa Caldeira. *A política...*, p. 36.

⁴³ Depoimento de Odete Alves de Almeida concedido em 14/10/1996 ao Projeto História das Profissões em Extinção da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT e do Museu da Pessoa.

A chegada da Nitro Química e o grande crescimento populacional do bairro nas décadas seguintes diluíram a celebração dessas antigas festas. Além disso, a presença permanente de padres na paróquia a partir do final da década de 30 diminuiu o caráter autônomo e espontâneo da organização dos festejos religiosos. No final dos anos 40, como anotava um outro morador, “já não existia mais nada disso [as festas] porque aí já vieram os padres para cá (...) e eles tomaram conta de todas essas manifestações.” Assim, quando instigado a falar sobre as festas do bairro nos anos 50, Sebastião Azaria de Souza recorda-se daquelas organizadas pela Igreja Católica, “aquelas quermesses, festas da igreja.” Maria Fernanda dos Santos Gomes também se lembra das festas do “padroeiro, Santo Antônio, São Pedro. Eles [os padres] faziam as festas.”⁴⁴

Apesar das alterações no formato das festividades e do maior controle por parte da hierarquia eclesiástica, a participação e organização autônoma e espontânea por parte dos fiéis ainda era grande. A forte presença de nordestinos acrescentou mais festas religiosas às já tradicionalmente celebradas no bairro. Lucilene Sanches Guimarães afirma que na vila onde morava em sua infância tinha

“aquelas festas tradicionais que eles trouxeram do Norte: folia de reis, festas juninas e muitas que nem lembro o nome. Lembro que tinha muita procissão, muita reza e todo mundo acompanhava. Nas festas juninas, os vizinhos todos se reuniam e faziam fogueiras. Tinha mais contato humano entre a gente.”⁴⁵

Outro lazer ainda comum nos anos 50 eram os circos. “Alguns circos (...) de vez em quando vinham da cidade [São Paulo] ou de outros lugares e se instalavam em São Miguel para divertir o povo”, relembra Luiz Gerônimo Ferreira. Valdemir Lopes da Silva aponta que no final dos anos 50 “vinha sempre um circo que fazia um pouco de diversão onde [hoje] é o mercado

⁴⁴ Cf. depoimento em Antonio Augusto Arantes Neto. *Produção cultural...*, p. 29 e entrevistas de Sebastião Azaria de Souza e Maria Fernanda dos Santos Gomes concedidas ao LabDoc-Unicsul. Mais adiante voltarei a analisar as festas promovidas pela Igreja Católica local.

⁴⁵ Entrevista de Lucilene Sanches Guimarães concedida ao LabDoc-Unicsul.

municipal(...) Ali era tudo terreno vazio e de vez em quando armavam um circo lá.” Foi justamente neste local que o músico Luiz Gonzaga armou um “circo para tocar baião”, conforme a lembrança de Artur Pinto de Oliveira. “Aí era o auge de São Miguel. Todo mundo ia para lá para ver Luiz Gonzaga”, comenta.⁴⁶

Dentre as práticas de recreação em São Miguel nos anos 40 e 50, o futebol, sem dúvida, merece particular destaque. Popularíssimo entre os moradores do bairro, o esporte teve grande importância no lazer operário no período. O baiano Antônio Xavier dos Santos chegou a São Miguel Paulista com 21 anos em 1950 e lembra-se que uma das maiores diversões que os moradores tinham “aos domingos era jogar ou assistir futebol.” Jorge Gonçalves Lula, morador no bairro desde 1956, considera que a principal “diversão que São Miguel tinha era o futebol.” O entusiasmo popular com o jogo de bola pôde ser claramente apreendido pelo operário Artur Pinto de Oliveira em 1958. Embora não fosse “adepto do futebol,” Oliveira pensa que “apesar de ter havido outras [festas], a coisa mais alegre” que já ocorreu em São Miguel foram as celebrações com a vitória brasileira na “Copa do Mundo (...) Foi uma festa mesmo. Você saía nas ruas e não tinha uma pessoa dentro de casa. Uma alegria sem tamanho. Não dava para descrever o tanto de alegria da população de São Miguel. Isso marcou bastante.” Benedito dos Santos Vieira também recorda-se das comemorações da vitória brasileira naquele ano:

“Eu tinha 7 anos naquela época (...) e o que mais me marcou foi a Copa do Mundo de 58. Naquele dia o Brasil foi campeão pela primeira vez e foi de arrebentar, sabe? (...) Houve muitos festejos. Foi uma festa!”⁴⁷

A própria Nitro Química era uma grande incentivadora da prática futebolística entre seus operários. O time do Clube de Regatas Nitro Química tornou-se legendário na região e, como

⁴⁶ Entrevistas de Luiz Gerônimo Ferreira e Valdemir Lopes da Silva concedidas ao LabDoc-Unicsul e depoimento de Artur Pinto de Oliveira concedido ao autor.

⁴⁷ Depoimentos de Antônio Xavier dos Santos, Jorge Gonçalves Lula, Artur Pinto de Oliveira concedidos ao autor e entrevista de Benedito dos Santos Vieira concedida ao LabDoc-Unicsul.

vimos, chegou a competir em divisões inferiores de campeonatos profissionais, chegando a angariar grande simpatia entre os moradores do bairro. Nelson Bernardo acompanhava com assiduidade o desempenho do CRNQ e lembra uma ocasião em que a equipe da fábrica foi disputar uma decisão contra o “Sampaio Moreira no Parque São Jorge (...) e foram 15 caminhões lotados” de torcedores para assistir ao jogo. Quando disputava partidas importantes, a locução de seus jogos chegava a ser gravada e retransmitida pelos alto-falantes na Praça Getúlio Vargas perto da Rua da Estação. Assim, “as pessoas que vinham do serviço, (...) ficavam ouvindo a gravação do jogo todo.”⁴⁸ A participação em campeonatos e disputas de amistosos com times de outras fábricas e bairros eram freqüentes, atraía pequenas multidões e despertava grande interesse em São Miguel, como neste amistoso disputado entre o “Nitro e o Democrático do Tucuruvi” em outubro de 1954. O Nitro, “mesmo jogando desfalcado (...) conseguiu vencer seu adversário” pelo placar de 4 a 3, “graças ao grande desempenho de Edgar, que numa tarde inspirada, marcou três tentos espetaculares.”⁴⁹

Prática comum em várias empresas e fábricas, o incentivo ao futebol era tradição antiga para os proprietários da Nitro. Era parte integrante das políticas de criação de um ambiente familiar na empresa e de aproximação entre empregados e empregadores.⁵⁰ Na fábrica de tecidos da família Pereira Ignácio e Ermírio de Moraes em Votorantim, próximo à cidade de Sorocaba, desde os anos 20, o Savóia, time de futebol ligado à indústria, assim nomeado em homenagem à grande presença de italianos na empresa, ganhava destaque em campeonatos do interior e em amistosos com clubes da capital, chegando a arrematar uma grande legião de fãs.⁵¹

Além do estímulo à formação de times que representassem a empresa como um todo, era parte das políticas sociais desenvolvidas pelos dirigentes da Nitro a organização periódica de

⁴⁸ Depoimento de Nelson Bernardo concedido ao autor e entrevista de José Venâncio concedida ao LabDoc-Unicsul.

⁴⁹ *Folha de São Miguel* n. 29, 24 de outubro de 1954.

⁵⁰ Cf. Paulo Fontes. *Trabalhadores e ...*, pp. 47-78.

⁵¹ Cf. Fátima M. Rodrigues Antunes. “Diversão ou trabalho? O futebol dentro da fábrica”, *DO Leitura* n. 141, fevereiro de 1994, pp. 8 e 9.

campeonatos internos entre as várias seções da indústria. Em dezembro de 1955, por exemplo, as representações do Raiom e Oficina Mecânica, “confirmando todos os prognósticos (...) classificaram-se em primeiro lugar no campeonato interno de futebol, promovido pelo Clube de Regatas Nitro Química entre os departamentos da fábrica.”⁵² Em 1956, quando a empresa inaugurou os refletores de seu estádio, recorda-se Afonso José da Silva, “formou-se uma equipe dentro da fábrica” para a inauguração. O Esporte Clube Brasil, time fundado por Silva e seu amigo Juracir, foi escolhido para ser o adversário. Foi uma noite inesquecível para Afonso, que não se considerava “um bom jogador”. Segundo ele,

“jogava, mas não era tão bom jogador. Naquele tempo existia o tal de ponta esquerda, né? Eu era meia esquerda e ponta esquerda, jogava nas duas posições. [O jogo] foi numa terça-feira, e na quinta-feira eu ia para o hospital [operar uma hérnia de disco]. E naquele dia eu marquei quatro gols. Saí dali nos braços daquela turma. Então, para mim, aquilo foi a maior alegria que eu tive (...) porque eu era [um] esportista.”⁵³

O futebol em São Miguel, porém, estava longe de ficar restrito aos limites da fábrica. Ao longo dos anos 40 e 50, o bairro assistiu a uma verdadeira explosão de novos times de várzea em suas várias vilas. Para o clube da Nitro era impossível absorver a enorme demanda pela prática do esporte. Além de abrir preferencialmente espaço para os funcionários da empresa, o clube, especialmente em seu período profissional, procurava arremeter apenas aqueles considerados melhores entre os vários times da região. A distância cada vez maior das novas vilas em relação ao centro do bairro e ao clube estimulava o jogo mais perto das residências dos praticantes. No entanto, para além da impossibilidade do CRNQ abarcar toda a prática futebolística do bairro, a criação de novos times por grupos informais que se organizavam para o jogo em suas vilas e ruas abria um espaço de autonomia em relação à gestão e controle da empresa e de outras instituições

⁵² *Nitro Jornal* n. 35, dezembro de 1955.

⁵³ Depoimento de Afonso José da Silva concedido ao autor.

empresariais que procuravam influir no lazer operário, como o Serviço Social da Indústria (SESI).⁵⁴

A grande quantidade de campos de futebol construídos no bairro nos anos 50 atesta a difusão da prática do esporte. “Naquele pedaço onde eu moro (...) chegou a ter sete campos de futebol um atrás do outro”, relembra José Venâncio. Jorge Gonçalves Lula aponta que, quando mudou-se para São Miguel em meados dos anos 50, “já [se] fazia o loteamento [incluindo] o campo de futebol.” Afonso José da Silva reforça: “cada vila que se formava (...) tinha que deixar uma área, e aquela área era para fazer o campo de futebol.”⁵⁵

Porém, mais do que os campos, era a enorme quantidade de times o que chamava a atenção. Se, segundo a memória de José Caldini Filho, em meados dos anos 40 “o Esporte Clube São Miguel,(...) que tinha um campo de futebol de propriedade da família Lapenna (...) era o único time de futebol que tinha aqui em São Miguel”, os anos seguintes assistiriam a uma verdadeira proliferação de times no bairro. “Naquela época tinha o América, o Jardim São Vicente, o Bahia, Botafogo, Guarani, Flamenguinho...”, enumera Jorge Gonçalves Lula. “Tinha o Bandeirantes, tinha o Esporte Clube Vila Barbosa, tinha o Esporte Clube Jardim Helena, o Avante Futebol Clube...”, acrescenta Afonso José da Silva e certamente, muitos outros nomes poderiam ser acrescentados a esta lista, já que a partir da década de 50 os times de várzea tornaram-se uma marca local. No final dos anos 80, um levantamento apontava a existência de

⁵⁴ Era grande, nos anos 50, a preocupação de indústrias e de organizações empresariais, como o SESI, com a difusão do futebol amador, largamente praticado na cidade de São Paulo naquele período. Barbara Weinstein relata as tentativas do SESI em “disciplinar” o futebol de várzea, “organizando e legalizando clubes de futebol ligados a fábricas ou bairros operários”. Oferecendo ajuda técnica e financeira, procuravam infundir nos praticantes “um clima de companheirismo, amizade e de boas relações com a direção da empresa”, tomando-se o cuidado de evitar o “entusiasmo excessivo”, considerado “um aspecto negativo do esporte amador.” Não tenho referências de que o auxílio técnico do Sesi tenha atingido os times em São Miguel Paulista, embora muitos deles tenham participado de campeonatos organizados pela entidade. Como a prioridade do SESI eram clubes com mais de 500 membros e de preferência ligados a empresas, é provável que as ações dessa entidade em São Miguel tenham ficado praticamente restritas ao Clube de Regatas Nitro Química. Cf. Barbara Weinstein. *(Re) formação...*, pp. 258-9.

⁵⁵ Entrevista de José Venâncio concedida ao LabDoc-Unicisul e depoimentos de Jorge Gonçalves Lula e Afonso José da Silva concedido ao autor.

“cerca de 160 (...) clubes locais de futebol de várzea, (...) tradicionais na região.”⁵⁶ Ainda hoje, apesar da escassez de campos, uma ativa liga amadora coordena e promove campeonatos e jogos amistosos entre os times do bairro.

Entretanto, São Miguel não estava sozinho nesta multiplicação de times de várzea. Embora fenômeno antigo,⁵⁷ o futebol amador teve uma enorme e rápida expansão na cidade de São Paulo ao longo dos anos 40 e 50. Em cada novo bairro formado, campos e dezenas de times surgiam compondo um traço fundamental do lazer dos trabalhadores. Jornais populares como a *Gazeta Esportiva*, *Última Hora*, *A Hora*, entre outros, dedicavam sessões especiais, por vezes com várias páginas, para a cobertura da várzea paulistana. “Obviamente o futebol é o tipo de recreação, diversão ou lazer mais acessível ao brasileiro e também ao povo bandeirante”, resumia, nos anos 60, um estudioso das opções de entretenimento dos operários em São Paulo.⁵⁸

Jogar ou assistir partidas de futebol eram, assim, algumas das principais opções de lazer nos fins de semana de operários e moradores de São Miguel. “Então ir para os clubes, jogar futebol, disputar campeonato entre todos aqui era a diversão que nós tínhamos”, sintetiza Afonso José da Silva. Os chamados festivais eram um dos momentos em que os vários times do bairro podiam disputar jogos entre si. Em outubro de 1954, por exemplo, o Círculo Operário do bairro organizou um festival com vários jogos entre equipes da região. Um jornal local descrevia assim as principais partidas:

“Avante 3 X 0 Bela Vista. Espetacular triunfo do time [da Vila] Curuçá frente ao conjunto dirigido por Sebastião Maia (...). Para finalizar o festival, tivemos o jogo entre as mais altas equipes desta localidade: E.C. São Miguel e Círculo Operário. Esta

⁵⁶ Depoimentos de José Caldini Filho, Jorge Gonçalves Lula e Afonso José da Silva concedidos ao autor. Sobre o número de times em São Miguel, cf. Maria Pontes Sposito et al. *Memória do movimento...*, p. 18.

⁵⁷ Maria Célia Paoli, por exemplo, analisa a formação de “muitos times de futebol de várzea, nascidos de turmas informais que se organizavam para o jogo” nas primeiras décadas do século XX nos bairros do Brás e da Mooca. Cf. Maria Célia Paoli. “São Paulo operária e suas imagens (1900-1940)”, *Espaço e Debate* n. 33, 1991.

⁵⁸ J. V. Freitas Marcondes. “Aspectos do trabalho e do lazer em São Paulo”, in J.V. Freitas Marcondes e Osmar Pimentel. *São Paulo: espírito, povo, instituições*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1968, p. 358.

foi sem dúvida uma grande oportunidade para ambos os quadros demonstrarem à grande assistência que compareceu no campo da vila, as suas forças máximas. Desde o início até o final da peleja tivemos lances de sensação e alguns até ríspidos (...) Como a partida terminou empatada [1 X 1, gols de Beneca e Antenor], tivemos a decisão nos pênaltis e o São Miguel levou a melhor por 3 a 2.”⁵⁹

A criação e manutenção dos times de várzea era fortemente associada aos grupos informais que, em geral, reuniam-se a partir dos locais de moradia. Praticamente toda região do bairro com uma denominação própria também tinha o seu clube de várzea. “Não tinha uma vila que não tivesse um time”, afirma José Gonçalves Lula. “Toda vilinha tinha um clube” de futebol, reforça Nelson Bernardo. Na Vila Curuçá, recorda-se Bartolomeu Araújo, “tinha um campo [para] dois times. (...) O Curuçá, que jogava de sábado e o Avante, de domingo (sic).”⁶⁰

Os times de várzea eram importantes para a afirmação da identidade dos moradores das vilas. Nos conjuntos de habitações, muitas vezes recém formados e com várias precariedades, seus habitantes freqüentemente viam nos times uma espécie de representação do seu ‘pedaço’, da sua ‘área’, do local onde residiam e compartilhavam tanto dificuldades e como solidariedade com seus vizinhos e amigos.⁶¹ A rivalidade entre os times das diferentes vilas era enorme. Joaquim Serafim da Silva, morador em São Miguel desde 1960 e entusiasmado jogador (e depois torcedor) do Guarani da Vila Rosário, relembra que era raro “um jogador de uma vila ir jogar no time de outra (...) e quando acontecia, muita gente ficava na bronca.” Não surpreende, portanto, a grande participação e entusiasmo de torcedores nos diversos campeonatos e festivais locais. Quando, por

⁵⁹ Depoimento de Afonso José da Silva concedido ao autor e *Folha de São Miguel*, 24 de outubro de 1954.

⁶⁰ Depoimentos de José Gonçalves Lula e Nelson Bernardo concedidos ao autor e entrevista de Bartolomeu Araújo concedida ao LabDoc-Unicsul.

⁶¹ Para uma análise de como o futebol historicamente tem sido capaz de proporcionar um forte senso de comunidade ver Bill Murray. *Uma história do futebol*. São Paulo, Hedra, 2000. Uma detalhada história da popularização do futebol no Brasil no início do século XX e sua relação com as várias comunidades populares no Rio de Janeiro pode

exemplo o União Esportiva Paulista, outro time da Vila Curuçá, ia “disputar campeonatos regionais com o Santa Cruz de Guaianazes”, conta Maria José Jensen, “saíam caminhões (...) lotados de torcedores.”⁶²

Para além das vilas e seus moradores, os times também podiam espelhar identidades de grupos migrantes. O Bahia, da Vila Nitro Operária, foi o melhor exemplo disso.⁶³ O baiano Antônio Xavier dos Santos conta que o nome do clube foi dado em “homenagem ao nordestino (...) porque a vila [Nitro Operária] tinha muito baiano.” Josué Pereira da Silva, outro baiano fundador do clube, explica que “o Esporte Clube Bahia [foi] criado por nós [bairanos] na Vila Nitro Operária.” Apesar de fundado por bairanos, a participação nas hostes da equipe não era reservada para um específico grupo migrante. As relações de vizinhança e amizade pareciam nortear mais a associação ao time do que outros critérios, ampliando a integração entre os diversos moradores de uma determinada localidade. Assim, por exemplo, morador da mesma vila do time, o sobrinho paulista da mineira Helena Oliveira da Fonseca não teve problemas para jogar no Bahia (que tinha esse nome, “por causa dos bairanos (...) da Vila Nitro Operária”) nos anos 60.⁶⁴ Articulando tantas redes e relacionamentos locais, os times de futebol também eram, como veremos, um campo fértil para a pregação política e conquista de votos em períodos eleitorais.

Embora o futebol fosse uma diversão eminentemente masculina, as mulheres também tinham nos times das vilas algum espaço para seu lazer. Apesar da prática do esporte estar restrita aos homens, era possível encontrar mulheres na numerosa assistência que acompanhava os times nas partidas do bairro. Muitas vezes, o jogo era uma recreação para toda a família, com a ida aos

ser encontrada em Leonardo Affonso de Miranda Pereira. *Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

⁶² Informação obtida em conversa informal do autor com Joaquim Serafim da Silva e entrevista de Maria José Jensen concedida ao LabDoc-Unicsul.

⁶³ Segundo Joaquim Serafim da Silva havia outros exemplos menos explícitos: o “Vila Curuçá era o time dos mineiros e no Guarani jogavam bairanos e paulistas.”

campos servindo como uma espécie de piquenique, com direito a lanches e bebidas. Além disso, os times muitas vezes funcionavam como impulsionadores de diversões e atividades de lazer nas vilas, promovendo bailes, festas (na sede do Guarani da Vila Rosário tinha forró todo fim de semana, informa Joaquim Serafim da Silva) e ‘eleições de rainhas e princesas’. Maria Fernanda dos Santos Gomes lembra-se que gostava de assistir “um jogo de futebol (...) do Olaria”, sendo inclusive em 1963, aos 15 anos de idade, eleita a “rainha desse clube.” O Esporte Clube Bahia igualmente promovia periódicos concursos de ‘rainha e princesas’. Em uma destas escolhas, a filha de Helena de Oliveira da Fonseca também foi escolhida a “rainha da primavera” do time.⁶⁵

Se o futebol era uma opção de lazer bastante restrita para as mulheres, o mesmo não pode ser dito do cinema, “a segunda fonte mais popular e importante de recreação ou de lazer no estado bandeirante”, segundo a análise de Freitas Marcondes.⁶⁶ São recorrentes nos depoimentos, tanto de mulheres, quanto de homens, as referências aos cinemas do bairro e sua importância no cenário cultural e de diversão da população local entre os anos 40 e 50.

A primeira sala de cinema da região, no início da década de 40, funcionava nas dependências de um prédio da Nitro Química. “Era um pequeno cinema que se chamava V-8. Depois fechou e [no mesmo prédio] formaram a cooperativa da Nitro”, recorda-se José Caldino Filho. No entanto, a maioria dos moradores pouco se lembra desta sala. Para eles, o primeiro cinema do bairro teria sido o Cine São Miguel, fundado em meados da década de 40. “Quando

⁶⁴ Depoimentos de Antônio Xavier dos Santos e Helena Oliveira da Fonseca concedidos ao autor e entrevista de Josué Pereira da Silva concedida ao LabDoc-Unicsul.

⁶⁵ Entrevista de Maria Fernanda dos Santos Gomes concedida ao LabDoc-Unicsul e depoimento de Helena Oliveira da Fonseca concedido ao autor. Eleições de rainhas e princesas dos trabalhadores eram comuns nas organizações operárias do período. A subseção do Sindicato dos Químicos em São Miguel, por exemplo, realizou eleições deste tipo regularmente ao longo deste período. Nos anos 50, o SESI também adotou tal prática. Sua comemoração de final de ano incluía a eleição de uma ‘Rainha dos trabalhadores’ e o ponto alto de seu baile da primavera era a eleição da ‘rainha da primavera’. Cf. Barbara Weinstein. “Unskilled workers, skilled housewife: constructing the working-class woman in São Paulo, Brazil”, in John French and Daniel James (org.). *The gendered worlds...*, p. 92.

⁶⁶ J.V. Freitas Marcondes. “Aspectos do trabalho...”, p. 358. Aparentemente o cinema representou uma importante opção de lazer para as mulheres trabalhadoras em vários contextos de cidades industriais no mundo. Nas cidades industriais do Norte inglês nas primeiras décadas do século XX, por exemplo, Andrew Davies que “as mulheres claramente se beneficiaram do desenvolvimento do cinema como uma nova forma de entretenimento barato e

veio o cinema para São Miguel (...) mais ou menos em 1945 (...) foi a maior alegria”, relembra Vilma Garcia Matos, “a gente ia quase todo dia ao cinema; era só mudar o filme [que] a gente estava lá [no Cine São Miguel],” acrescenta ela, moradora do bairro desde 1938.⁶⁷

O auge do cinema enquanto lazer popular em São Miguel, porém, ocorreria a partir de 1952, quando foi inaugurado o Cine Lapenna. Bem mais amplo que seu concorrente, e com instalações mais modernas, sua inauguração foi um acontecimento para o bairro. A partir de então, o Cine São Miguel passou a ser conhecido como o ‘cinema velho’ e abalado pela forte concorrência, tornou-se a opção mais popular e barata. Amauri Cunha comenta que o cinema “ruim era o São Miguel. [Era] o mais barato. E o Lapenna era o mais caro”. Maria Pureza de Mendonça reforça a distinção ao explicar que o “Lapenna era o chique, tá? E o outro era chamado de pulgueiro.” A imagem de ‘pulgueiro’, símbolo da precariedade das instalações do cinema e repetida em vários depoimentos pode ser sintetizada na irônica descrição de Luiz Gerônimo Ferreira: “o Cine São Miguel era um pulgueiro danado. A gente ia assistir filmes lá e as pulgas começavam a subir pelas pernas.”⁶⁸

Mais uma vez, São Miguel pode servir como uma pequena amostra de um fenômeno que ocorria em outros bairros e regiões industriais da cidade e do estado. Ao longo dos anos 40 e 50, o hábito de ir ao cinema, considerado uma “atividade urbana e moderna”, consolidou-se em todos os setores sociais e nas várias regiões da capital paulista. Novas e grandiosas salas de cinema, inspiradas nos ‘palácios cinematográficos’ norte-americanos, eram abertas nos diversos bairros da cidade, enquanto que na região central um circuito de grandes cinemas compunha a requintada

acessível. Cf. Andrew Davies. *Leisure, gender and poverty. Working-class culture in Salford and Manchester, 1900-1939*. Buckingham, Open University Press, 1992, p 171.

⁶⁷ Depoimento de José Caldini Filho concedido ao autor e entrevista de Vilma Garcia Matos concedida ao LabDoc-Unicsul.

⁶⁸ Entrevistas de Amauri Cunha, Maria Pureza de Mendonça e Luiz Gerônimo Ferreira concedidas ao LabDoc-Unicsul.

‘Cinelândia’ paulistana.⁶⁹ Em 1950, São Paulo possuía 119 cinemas com cerca de 35 milhões de espectadores naquele ano; entre 1955 e 65, os “188 estabelecimentos [cinematográficos] existentes tiveram (...) uma frequência cada vez maior.”⁷⁰

Em frente à principal praça de São Miguel, o Cine Lapenna, a versão são miguelense dos ‘palácios cinematográficos’ dos vários bairros paulistanos, ficou associado aos passeios de final de semana ali realizados, tornando-se mais um espaço para encontro de amigos e conhecidos. Maria das Graças Lins Cacian lembra que “a gente ia ao cinema e depois do cinema dava uma passadinha no clube [da Nitro Química] para dançar um pouco.” Também era local privilegiado para flerte e namoros. “Naquela época”, explica Antônio Xavier dos Santos, “você não podia dar um beijo numa mulher no meio da rua, então o lazer era o cinema.” Mesmo para os mais religiosos, o cinema era ponto de encontro e lazer importante. “O nosso hobby era a praça e o cinema”, comenta Maria José Ferreira Jensen. Aos domingos, completa, “era sagrado ir na igreja e depois no cinema.”⁷¹

Em um momento de ampliação da influência das produções culturais dos Estados Unidos no Brasil e em todo o mundo, os seriados norte-americanos faziam grande sucesso nas telas dos cines São Miguel e Lapenna. “Nos anos 40 e 50”, atesta Bartolomeu Araújo,

“o cinema oferecia muito seriado, como se fosse uma novela hoje com aqueles capítulos. Então a pessoa ia para o cinema porque muitas vezes ela estava acompanhando [o seriado]. (...) Cada domingo passava uma parte. Se você pegasse um filme que tinha 20 partes, ele ficava 20 semanas passando. E as pessoas acompanhavam aquele seriado!”

⁶⁹ Cf. Cristina Meneguello. *Poeira de estrelas. O cinema hollywoodiano na mídia brasileira nas décadas de 40 e 50*. Campinas, Edunicamp, 1996. pp. 43- 51.

⁷⁰ Cf. Inimá Simões. *Salas de cinema em São Paulo*. São Paulo, PW/Sec. Municipal de Cultura/Sec. Estadual de Cultura, 1990; e J. F. Marcondes Freire. “Aspectos do trabalho...”, p. 359.

⁷¹ Depoimento de Antônio Xavier dos Santos concedido ao autor e entrevistas de Maria das Graças Lins Cacian e Maria José Ferreira Jensen concedidas ao LabDoc-Unicsul.

Vilma Garcia Matos também recorda-se que “sábado e domingo (...) enchia o cinema [porque] tinha muitos seriados (...) o ‘Zorro’, ‘Os Três Mosqueteiros’...”. Com “sete, oito anos”, no final dos anos 50, Benedito Carlos Vieira já freqüentava o Cine Lapenna “para ver aqueles seriados (...). Todo domingo tinha que marcar cartão lá [para ver o seriado] do Batman.”⁷²

No entanto, apesar do sucesso dos seriados norte-americanos, a atração mais popular dos cinemas de São Miguel levava às telas temas não muito distantes da realidade da maioria dos espectadores.⁷³ Mazzaropi, personagem criada por Amácio Mazzaropi, era o ‘caipira’ caricato e engraçado que, vindo do campo, conquistava o sucesso na capital com sua simplicidade e veracidade. Seus filmes atraíam multidões e sempre foram grandes destaques de bilheteria no bairro. Em entrevista concedida no início da década de 80, o dono do Cine Lapenna, José Lapenna dizia ter sido o “cômico Mazaroppi o único ator que nos tempos antigos (...) lotava sua sala de espetáculos.”⁷⁴ Valdemir Lopes da Silva era um dos que não perdiam um filme do comediante. “Quando passava filme do Mazzaropi eu [ia ao cine] Lapenna”, relembra. Ainda criança, Maria Fernanda dos Santos Gomes também assistia freqüentemente aos seus filmes. Porém, seu pai só permitia que ela freqüentasse as matinês do cinema se estivesse acompanhada da mãe, igualmente uma grande fã do ator.⁷⁵

Não tão popular como o cinema, o teatro também foi uma importante fonte de diversão e cultura para os moradores de São Miguel. Associações e igrejas incentivavam a formação de grupos teatrais e a exibição de peças. Nelson Bernardo lembra que participou da montagem da peça ‘O Escravo’ no “antigo Cine São Miguel. Nós fazíamos teatro em qualquer lugar”, recorda-

⁷² Entrevistas de Bartolomeu Araújo, Vilma Garcia Matos e Benedito Carlos Vieira concedidas ao LabDoc-Unicsul.

⁷³ Jean-Claude Bernardet em uma famosa crítica explicava assim a popularidade de Mazzaropi: “só tem sucesso porque seus filmes abordam problemas concretos, reais, que são vividos pelo imenso público que ocorre aos seus filmes” (...) Apesar disso, “possibilitar a identificação dos problemas e esvaziar qualquer atitude crítica diante deles” seria “a chave da dramaturgia de ‘Mazza’ e de seu sucesso”. Cf. *Última Hora*, 22-23 de julho de 1978, p. 11. Já para Paulo Emílio Salles Gomes, o segredo da permanência de Mazzaropi “é sua antigüidade. Ele atinge o fundo arcaico da sociedade brasileira e de cada um de nós (...) O melhor de seus filmes é simplesmente ele próprio.” Cf. *Jornal da Tarde*, 19 de abril de 1973.

⁷⁴ Cf. Geraldo Antônio. “As 10 personalidades...”, p. 40.

se, “nas praças, nos salões de entidades, sempre com um fundo beneficente.” Assim, nos anos 50 surgia a Equipe Teatral de Amadores Unidos (ETAU), grupo teatral fundado por operários da Nitro Química. “Eu queria fazer teatro contando coisas do sertão; cada brasileiro tem uma história guardada”, relatava no final dos anos 70 um dos fundadores da companhia amadora. Mas foi o festival patrocinado pelo Rotary Club local em 1969 que estimulou a proliferação de grupos em toda região. “Nós fizemos o primeiro festival de teatro amador em homenagem a Cacilda Becker [logo] depois que ela morreu”, relembra José Caldini Filho, presidente do Rotary à época. O início dos anos 70, comentava o fundador do ETAU, “foi o apogeu do teatro em São Miguel. Havia uns 15 ou 16 grupos na região.”⁷⁶

Os diversos bailes e festas dançantes promovidos no bairro eram, além do cinema e do teatro, a diversão que integrava mulheres e homens da região. Durante anos, os bailes mais famosos eram os organizados no clube da Nitro Química. “A gente ia ao cinema e depois (...) dava uma passadinha no clube [da Nitro] para dançar um pouco (...) À tarde tinha *matinê* dançante e tinha a orquestra do seu Toninho, que era funcionário [da fábrica] e morava numa das casas da Nitro na Vila Nitro Química (...) Então o seu Toninho [e sua orquestra] alegravam essas nossas tardes”, recorda Maria das Graças Lins Cacian. “Todo domingo à tarde tinha um baile chamado *matinê* no clube [da Nitro] (...). Era gostoso!”, comenta José Amaro Sobrinho. Os bailes de carnaval do clube eram particularmente concorridos. “Muitas pessoas vinham de longe só para poder brincar” nos carnavais do clube, confirma Alderi Campos Aragão. José Caldini Filho relembra com nostalgia a importância dos bailes do CRNQ para a vida social do bairro nos anos 40 e 50:

“Então a gente fazia o *footing*. (...) As meninas vinham para lá e a gente vinha para cá. Sempre em sentido contrário para poder se olhar de frente. Depois dali a gente

⁷⁵ Entrevistas de Valdemir Lopes da Silva e Maria Fernanda dos Santos Gomes.

saía para o baile (...) no salão, na sede social do Clube Nitro Química.(...) Era muito bom, muito gostoso, ali teve uma vida social que São Miguel não tem, nunca mais teve.”⁷⁷

Além da possibilidade de diversão comum para mulheres e homens, os bailes do clube eram momentos de grande convivência entre os vários setores sociais do bairro, sendo freqüentados por operários, chefes, comerciantes e moradores de São Miguel em geral. Alguns, como Regina Aparecida Mateus, viam tal integração com muito bons olhos. “Era uma beleza! Ali [nos bailes do clube] se reuniam a nata e a ralé; ninguém era posto de lado. Rico e pobre dividiam o mesmo espaço”, declara. Outros, porém, incomodavam-se com tamanha ‘mistura social’. Palmira Bernardo, cunhada do vereador Tarcílio, comenta que “o clube da Nitro Química antigamente era bom, era familiar, (...) tinha aquele ambiente agradável. Depois bagunçou, aí já não dava para freqüentar, né?”⁷⁸ Como veremos, a fundação do ‘Clube dos 200’, famoso espaço de festas dançantes no bairro durante os anos 50 e 60, foi uma tentativa, aparentemente frustrada,⁷⁹ de criar um espaço ‘diferenciado’ para as famílias e setores mais abastados do bairro.

Os bailes não se resumiam, porém, ao clube da Nitro Química e ao ‘Clube dos 200’. Era comum a promoção de festas dançantes nas várias vilas do bairro. Josué Pereira da Silva relembra que:

⁷⁶ Depoimentos de Nelson Bernardo e José Caldini Filho concedidos ao autor e depoimento colhido por Antônio Augusto Arantes Neto. *Produção cultural...*, p 36.

⁷⁷ Entrevistas de Maria das Graças Lins Cacian, José Amaro Sobrinho e Alderi Campos Aragão concedidas ao LabDoc-Unicsul e depoimento de José Caldini Filho concedido ao autor.

⁷⁸ Entrevista de Regina Aparecida Mateus concedida ao LabDoc-Unicsul e depoimento de Palmira Bernardo concedido ao autor.

⁷⁹ Justificando o fechamento do clube, um dos antigos diretores do ‘Clube dos 200’ afirmava em entrevista a Antonio Augusto Arantes Neto que a partir de um determinado momento “o clube começou a degenerar (...) Inclusive o clube começou a rivalizar com o Clube Fubá, que era um clube de categoria muito baixa.” Cf. Antonio Augusto Arantes Neto. *Produção cultural e...*, p. 33.

“quando tinha um feriado (...) a gente ‘caia matando’ no baile. Fazia, dois, três dias de baile. Aquilo para nós era o maior divertimento. (...) Todos que moravam nessa região faziam (...) bailes. Em qualquer bar você encontrava uma sanfona gemendo.”⁸⁰

Cícero Antônio Pereira reitera que além do “cinema, a diversão na época (...) era um bailezinho que se fazia por aí para [a gente] se divertir. Uma batucada no pandeiro, alguma coisa assim...” Lembra-se com detalhe do “baile que tinha todo sábado no Jardim Camargo (...). Chamava-se festa bananeira [porque] era numa casa cheia de bananeiras em volta.” Lídia Castellani ajudou a fundar um clube dançante no Jardim Helena. Isso “era comum”, recorda, as pessoas “fundavam” clubes para lazer, para o carnaval. “Quanto carnalzinho gostoso nós fizemos lá!”⁸¹

Antes dos anos 60, um dos salões mais famosos de São Miguel foi o ‘Clube Fubá’. Localizado no centro do bairro, era mais acessível que seu vizinho ‘Clube dos 200’. “Era um troço mais escrachado”, compara Geraldo Rodrigues de Freitas, “qualquer um [entrava] e dançava”, completa. Aurelino de Andrade, vereador à época, reforça a comparação: “o Fubá era um clube dançante populacho. Era o povão, tipo [os] do Norte. O Clube dos 200 era elite e o Fubá o povão.” O salão do Fubá “era um bailinho mais liberado,” freqüentado pelos operários da Nitro; “as famílias [da ‘elite’ do bairro] não deixavam as moças” ir, acrescenta Nelson Bernardo. “Eles colocavam parafina e fubá e jogavam no chão. Aquilo ficava bom para dançar [por isso] pegou o nome de Fubá”, ensina.⁸²

Para muitos, a grande presença de nordestinos no bairro era o que explicava essa proliferação de bailes e festas. O mineiro Amauri Cunha, por exemplo, lembra a grande quantidade de forrós em São Miguel e a justifica pela presença dos nordestinos. “Aqui [em São

⁸⁰ Entrevista de Josué Pereira da Silva concedida ao LabDoc-Unicsul.

⁸¹ Entrevista de Cícero Antônio Pereira concedida ao LabDoc-Unicsul e depoimento de Lídia Castellani Gomes concedido ao autor.

⁸² Depoimentos de Geraldo Rodrigues de Freitas, Aurelino de Andrade e Nelson Bernardo concedidos ao autor.

Miguel era] tudo nortista e não faltava forró. (...) Tinha bailinho para todo lado”. Nelson Bernardo comenta que sua família ficava incomodada com o “barulho” que faziam os “baianos” que moravam na pensão em frente à casa de sua sogra. “Eles falavam alto, gritavam e cantavam. Faziam batuque a noite inteira. Era uma loucura.” Morador na região desde 1957, José Pedro também afirma que “a turma dançava forró (...) direto” em São Miguel. A “turma do Norte gostava de um forró. [Quando] chegava o fim de semana, se animava”, conclui Pedro. Segundo Josué Pereira da Silva “o fluxo maior de [bailes e festas] era na Vila Nitro Operária” porque era onde mais se concentravam os nordestinos. Lá, acrescenta Silva, “tinha forrós e mais forrós (...) que [é como] chamam (...) o baile do nortista.”⁸³

Se os salões de baile e clubes dançantes eram espaços comuns de diversão para homens e mulheres, os bares e botequins, outros locais de grande afluência do lazer popular em São Miguel, eram áreas de entretenimento eminentemente masculinas. Um dos mais antigos e permanentes espaços de diversão dos trabalhadores,⁸⁴ os botequins eram, ao lado dos pequenos mercados, os estabelecimentos comerciais mais comuns em São Miguel. Muitas vezes, inclusive, a diferenciação entre empórios e bares era bastante precária. Várias vendas serviam bebidas alcoólicas. Amauri da Cunha lembra-se que no final dos anos 50, por exemplo, em uma esquina próxima à sua casa no Parque Paulistano, havia o “mercadinho [do André]. O mercado dele era (...) de vender pinga e tal. Aquele mercadinho malandro (risos), mercadinho das ‘marafa’.” Na verdade as três quitandas da região, “o Rufino, o André e o Baranguzinho” eram onde “os caras bebiam aqui aos sábados e domingos.”⁸⁵

⁸³ Entrevistas de Amauri Cunha, José Pedro e Josué Pereira da Silva concedidas ao LabDoc-Unicsul e depoimento de Nelson Bernardo concedido ao autor.

⁸⁴ Sidney Chalhoub caracterizou os botequins e quiosques como “a principal opção de lazer dos pobres urbanos do sexo masculino” na cidade do Rio de Janeiro entre o final do século XIX e início do XX. Cf. Sidney Chalhoub. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

⁸⁵ Entrevista de Amauri Cunha concedida ao LabDoc-Unicsul.

Os bares eram o local por excelência da conversa, do bate-papo entre amigos e conhecidos, da troca de informações e formação de opiniões.⁸⁶ Ao mesmo tempo, era no bar que muitos procuravam o descanso após as longas jornadas de trabalho, um escape dos problemas da vida diária e a distração promovida pelos sempre presentes jogo de cartas, dominó e bilhar. Não por acaso, como já foi observado, a rede de relações informais que se formam em torno dos botequins “tende a ser muito estável.”⁸⁷ O conagraçamento e sensação de companherismo proporcionado pelo ato de beber juntos reforçava um inestimável senso de comunidade e amizade entre os freqüentadores do bar.⁸⁸

A presença nordestina parece ter estimulado uma forte tradição musical nos bares de São Miguel. São vários os depoimentos sobre a presença de músicos e cantores nos botequins da região. Salome Igel recorda-se que na loja de sua família havia grande procura por “violões, pandeiros e cavaquinhos. Isso era o divertimento deles.” Josué Pereira da Silva, por sua vez, relata:

“lembro muito do bar do Gonzaga [na Vila Nitro Operária], muito freqüentado por nordestinos. Lá sempre tinha música nordestina, música do Norte. Tinha um tocador de violão chamado João Piloto (...) que chegou a passar no teste profissional na extinta rádio Piratininga. (...) [Havia] muitos grupos de chorinho [que] se encontravam nos bares (...) [Eram formados] por três ou quatro pandeiristas, cavaquinho, violão. Saíam por aí nos bailes. Paravam, tocavam de dois a três

⁸⁶ Maria Célia Paoli afirma que para os trabalhadores do sexo masculino dos bairros operários da Mooca, Brás e Belenzinho em São Paulo nas primeiras décadas do século XX, os bares eram os lugares “onde a opinião se fazia, onde se aprendia a política e onde se desenhava a união, porque se fala do mundo em que se está.” Cf. Maria Célia Paoli. “São Paulo operária...”, p. 35.

⁸⁷ Cf. Luiz Antonio Machado da Silva. “O significado do botequim”, in: Daniel Hogan et. all. *Cidade: usos e abusos*. São Paulo, Brasiliense, 1978, p.81.

⁸⁸ Adriano Duarte afirma que “o beber juntos é expressão de camaradagem, de coleguismo (...) aproximando e consolidando as solidariedades, atenuando as convenções sociais”. Duarte, como também veremos está atento para o paradoxo do bar que “ao aproximar, potencializa o surgimento de tensões.” Cf. Adriano Duarte. *Cidadania e...*, p. 271.

números. O dono do bar dava cerveja. Incentiva os tocadores para fazer movimento no bar.”⁸⁹

Por outro lado, os bares e seus clientes nordestinos também foram freqüentemente associados a tensões e brigas.⁹⁰ A bebida era invariavelmente o elemento detonador de agressões que, por vezes, podiam acabar com feridos e mortos. Dona Lídia Castelani, dona de bar durante décadas em São Miguel acha que os nordestinos eram “nervosos” e por “qualquer coisa se alteravam”. A “pinga”, no entanto, era a principal razão dos conflitos. “Era só beber umas duas ou três (...) e, às vezes, uma confusão pequena ficava grande”, comenta dona Lídia. Augusto Ferreira Lima detalha:

“Tinha briga também de homem jogando. Naquele tempo jogava muito snooker. Em São Miguel os bares tinham quatro, cinco mesas de snooker. [O pessoal] bebia cerveja, conhaque, cachaça. Quando dava lá para a meia noite, ficavam de fogo. Qualquer coisinha, um pisava no pé do outro, já brigavam, entrava o cacete (...), quebravam o pau, se furavam de faca.”⁹¹

Problemas relacionados ao consumo de álcool ultrapassavam o espaço do bar, como indicam as várias matérias sobre os riscos do alcoolismo publicadas no informativo interno da

⁸⁹ Depoimento de Salomé Igel concedido ao autor e entrevista de Josué Gerônimo Ferreira concedida ao LabDoc-Unicsul. Esta forte presença musical e cultural no bairro também pôde ser constatada no mundo político. Comícios na região, por exemplo, eram quase sempre acompanhados por apresentações de músicos e bandas locais. No período de grande popularidade do Partido Comunista na região, logo após a Segunda Guerra, marchinhas e chorinhos foram compostos pelos moradores locais para homenagear o partido e seu líder, Luís Carlos Prestes. Na época, Emídio Alves Freire, morador em São Miguel e freqüentador habitual dos bares da região, dirigiu um grupo musical que se apresentava nos diversos comícios do PCB na cidade, tocando marchas de sua autoria como *Milhões de corações unidos*, *Avante comunistas*, *recordações de Maria Zélia*, etc. (Cf. *Hoje*, 21 de janeiro de 1946. Deops/SP. Daesp. Prontuário 59.619). Décadas mais tarde, no final dos anos 70, o antropólogo Antonio Augusto mostraria-se espantado com a vitalidade das “redes informais, onde se produz, no dia-a-dia, cultura” no bairro. Baseado em tais redes, naquele mesmo período, surgia o Movimento Popular de Arte de São Miguel Paulista (MPA), formados por moradores, que com suas músicas, poesias, pinturas e outras expressões artísticas, formaram um dos mais expressivos movimentos culturais na periferia paulistana no período da redemocratização. Cf. Marília Pontes Sposito et al.. *Memória do movimento...* e Sérgio Lessa e Maristela Mafei. “Movimento Popular de Arte”, *Movimento*, 19 a 25 de outubro de 1981 e Antônio Augusto Arantes Neto, “Revitalização da capela de São Miguel Paulista”, in *Produzindo o passado. Estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

⁹⁰ A relação entre nordestinos e violência será analisada no próximo capítulo.

⁹¹ Depoimentos de Lídia Castelani Gomes e Augusto Ferreira Lima concedidos ao autor.

Nitro Química.⁹² Além do álcool, a ‘má-fama’ de alguns bares estava relacionada à prostituição. Em novembro de 1954, por exemplo, em um indignado discurso na Câmara Municipal, Tarcílio Bernardo denunciava que “as mulheres de vida fácil tomaram de assalto os bares e botequins da localidade e passam, madrugada a dentro, em orgias e bacanaís insufladas e estimuladas pelo álcool.” Cerca de um ano depois, o mesmo vereador continuava sua cruzada moral contra a “pouca vergonha reinante” em São Miguel que, segundo ele, havia se tornado “o quartel general das decaídas de São Paulo.”⁹³

Em certos períodos dos anos 50, eventuais intensificações da repressão à prostituição no centro de São Paulo provocavam uma migração das trabalhadoras do sexo para regiões menos policiadas da cidade, como São Miguel. Os irados discursos do vereador correspondiam a estes momentos de maior visibilidade do fenômeno no bairro. Entretanto, a prostituição já era prática mais antiga na região.⁹⁴ A proximidade da fábrica e o grande número de homens solteiros estimularam o surgimento de prostíbulos e bordéis. Durante um certo período, a “Rua 4”, por exemplo, ficaria famosa pelo intensa procura por prostitutas em dias de pagamento da Nitro.

“Onde o crime faz morada”

Em suas recordações, grande parte dos antigos moradores e trabalhadores de São Miguel Paulista tende a minimizar o grau de violência urbana e os índices de criminalidade no bairro durante os anos 40 e 50. A violência, para eles, estaria confinada aos bares e botequins, com eventuais brigas e agressões, provocadas pela bebida. São Miguel, como um todo, é geralmente

⁹² Ver, por exemplo, as edições do *Nitro Jornal* de maio de 1953 e de janeiro de 1954.

⁹³ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 346ª sessão ordinária de 17 de novembro de 1954 e 474ª sessão ordinária de 14 de dezembro de 1955.

⁹⁴ Claramente um assunto tabu para os antigos moradores, as informações sobre prostituição raramente foram fornecidas nos depoimentos dos entrevistados. O assunto, eventualmente, aparecia em conversas informais, mas a maior parte dos depoentes solicitava que o gravador fosse desligado se fosse formulada qualquer questão sobre o tema em uma entrevista.

lembrado como um lugar calmo e tranquilo, onde roubos e assaltos eram ocorrências muito esporádicas. Augusto Ferreira Lima sintetiza bem tais recordações. Para ele, o bairro

“não tinha ladrão, ninguém roubava de você, não existia esse negócio de matar para roubar, não tinha nada disso.(...) São Miguel era silencioso, era uma maravilha. Tanto fazia dormir dentro de casa como num pé de um muro, como na porta de um bar, a mesma coisa, ninguém mexia com ninguém. Então não tinha problema de nada de matar, de roubar, de fazer mal às filhas dos outros, não tinha nada disso. Estupro ninguém nem sabia o que significava isso. Em 1948 em São Miguel era a época da felicidade, pode acreditar.”⁹⁵

Morando na localidade desde 1953, José Venâncio conta que naquela época, ele “podia sair a qualquer hora para o cinema (...) ou para um bar. A criminalidade parece que não existia.” Também para as mulheres havia mais segurança, garante Vilma Garcia Matos, que reside no bairro desde 1938. Segundo ela “não havia violência. São Miguel não tinha luz, era escuro, [mas] você podia andar tranquilamente de noite.” Lídia Castelani Gomes mudou-se para São Miguel em 1943 e igualmente comenta que naqueles anos não havia “roubos ou assaltos no bairro. Era muito bom.” Nas casas do Jardim Helena, onde morava, “não tinha uma grade (...) A janela (...) às vezes dormia até aberta. Não tinha nada, não tinha roubo.”⁹⁶

Embora refletindo muito da experiência dos moradores e do cotidiano da comunidade naquele período, tais lembranças estão certamente condicionadas pelas comparações com a situação atual do bairro. Com um dos mais altos índices de criminalidade da cidade, a população de São Miguel é, nos dias de hoje, uma das que mais sofrem com os problemas da violência urbana em São Paulo. Diante disso, é perceptível a idealização das lembranças do passado por parte de antigos moradores. O cotejo da realidade atual com o cotidiano nos anos 40 e 50, sem

⁹⁵ Depoimento de Augusto Ferreira Lima concedido ao autor.

dúvida, reforça a imagem de um bairro tranqüilo, calmo e sem crimes. Não à toa que, quando perguntados sobre a criminalidade em São Miguel naquele período, a maioria dos entrevistados invariavelmente estabelece comparações com o momento atual. Antônio Xavier dos Santos, por exemplo, insiste que São Miguel “não tinha a violência que tem hoje. Você podia sair... Se você passasse por alguém de noite [cumprimentava]: ‘Boa noite, tudo bem?’(...) Hoje eu duvido que o cara passe a uma certa hora [por] aí sem medo de ser assaltado. Não passa!” Semelhante lembrança e comparação são compartilhadas por Afonso José da Silva. Para ele “isso aqui [São Miguel Paulista] era uma maravilha. Você andava à noite (...) e não tinha problema nenhum. Você andava sossegado. Não é que nem nos dias de hoje.” Gerolino Costa Jacobina também estabelece comparações. Para ele, em São Miguel ninguém “tinha medo de sair. Hoje [ao contrário], é muito perigoso, você anda para todo lado e é assalto para todo lado. Naquele tempo não era assim não. Você andava à vontade.”⁹⁷

Apesar desta caracterização de São Miguel nos anos 40 e 50 como um lugar pacífico e desprovido de crimes, muitos registros contemporâneos desmentem ou, ao menos, certamente relativizam tal imagem. Em seus discursos na Câmara Municipal, por exemplo, os vereadores com base eleitoral em São Miguel freqüentemente usavam a tribuna para pleitear maior policiamento e segurança para o bairro. Foi esse o caso do vereador Tarcílio Bernardo que, em março de 1955, afirmava estar “São Miguel Paulista, o maior centro operário da capital, (...) totalmente despoliciado, (...) à mercê dos ladrões, das descaídas e se presta à prática de delitos vários, à luz do dia.” Dois meses depois, o mesmo vereador alertava para o crescimento do número de assaltos ocorridos em São Miguel, afirmando que tais “fatos, de há tempos para cá, vêm se sucedendo com certa constância em virtude da falta de policiamento.” A polícia, acrescentava Bernardo, “é insuficiente para fazer frente ao elevado número de foras-da-lei que

⁹⁶ Entrevistas de José Venâncio e Vilma Garcia Matos concedidas ao LabDoc-Unicsul e Depoimento de Lídia Castelani Gomes concedido ao autor.

proliferam nessa densa região do município.” Em março de 1956, Aurelino Araújo, o outro vereador por São Miguel, também subia ao púlpito da Câmara para denunciar, em tom alarmista, ter “ocorrido em São Miguel, nestes últimos dias, para mais de 20 assaltos à mão armada. Cidadãos indefesos, dentro de suas residências são assaltados e feridos.”⁹⁸

Mesmo tendendo a idealizar a tranqüilidade do bairro, quando instigada a memória, os antigos moradores ressaltam a existência de crimes e violência em São Miguel. Salomé Igel, embora ressaltando que na época em que morou no bairro, em meados dos anos 40, “as pessoas eram pacíficas e [que] ninguém tinha em mente assaltar alguém,” conta que sua loja foi vítima de um assalto. Joaquim Anselmo, por sua vez, afirma que nos anos 50 tinha “muito bandido valente em São Miguel”, mas a maioria era composta de “malandros, (...) bandidos de jogo.” Dentre estes, entretanto, “tinha um tal de Juarez que roubava a residência dos caras.” João Freitas Lírio também recorda-se de Juarez, “um bandido que tinha roubado todas as casas que existiam naquela região.”⁹⁹

As ações de Juarez ficaram famosas no bairro. Quando, em setembro de 1957, após intensas buscas, foi encontrado e morto pela polícia em seu esconderijo na região, o jornal *O Estado de São Paulo* comunicava os esforços policiais para encontrar os receptadores dos produtos de seus últimos roubos, “um aparelho de televisão (...) que teria sido furtado (...) no Jardim São Vicente, em São Miguel Paulista. Desta residência foram também roubados dois rádios, ainda não apreendidos.” Outras vítimas recentes de Juarez em São Miguel, prosseguia a reportagem, tiveram roubados “objetos no valor de 30 mil cruzeiros.” Comentando a morte do “temível bandido conhecido como Juarez”, o vereador Tarcílio Bernardo relatava que

⁹⁷ Depoimentos de Antônio Xavier dos Santos, Afonso José da Silva e Gerolino Costa Jacobina concedidos ao autor.

⁹⁸ Cf. *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 380ª sessão ordinária de 16 de março de 1955; 398ª sessão ordinária de 2 de maio de 1955 e 78ª sessão ordinária de 19 de setembro de 1956.

⁹⁹ Depoimentos de Salomé Igel, Joaquim Anselmo e João Freitas Lírio concedidos ao autor.

“com apenas 19 anos de idade, [Juarez] já era conhecido nos meios policiais como um bandido ousado que desafiava tudo e todos e que punha em sobressalto as populações [da região] da Central do Brasil, onde agia. (...) Era tão audaz o criminoso Juarez que praticava assaltos à luz do dia. Era tão resistente que jamais se entregou à polícia e da sua resistência adveio a sua morte.”¹⁰⁰

Se a ausência de policiamento e efetivo combate ao crime era lamentada por parlamentares e por muitos moradores, por vezes era a própria ação policial que era colocada em questão. A violência e arbitrariedade de policiais contra moradores tornavam-se práticas relativamente comuns naquele período e, vez por outra, eram denunciadas no parlamento municipal e na imprensa. Em agosto de 1957, por exemplo, o vereador Prestes Franco, relatava o caso de Manoel Petronilho Ribeiro, “moço simples, que foi covardemente morto pela polícia de São Miguel Paulista em sua casa, sentado em seu leito.” Segundo o vereador, os soldados da Força Pública no bairro eram “verdadeiros vândalos. Batem, espancam [e] agredem de tal maneira que culminou sua atitude na morte deste pacato e honesto cidadão.” Prestes Franco prosseguia em sua denúncia das arbitrariedades policiais em São Miguel:

“Valdevino dos Santos Magalhães, intimado a comparecer à polícia, como perguntasse para que, foi agredido e teve a perna fraturada. Um negociante local teve sua residência invadida e foi arrastado à polícia na calada da noite.”¹⁰¹

Em maio de 1956, João Gomes de Freitas acabou preso quando foi buscar na delegacia uma bicicleta que lhe fora apreendida dias antes pela polícia. Freitas não foi apenas detido, mas também espancado pelos policiais que lhe “deram uma boa surra de cassetete.” Tal violência parece ter sido prática comum no bairro e era legitimada pelas autoridades superiores. Questionado a respeito do episódio por um jornalista, o tenente comandante do destacamento de

¹⁰⁰ *O Estado de São Paulo*, 19 de setembro de 1957; *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 249ª sessão ordinária, 11 de setembro de 1957.

São Miguel Paulista “disse que os soldados tinham razão em espancar o infeliz trabalhador.” Justificando, teceu a seguinte comparação: “ ‘O senhor tem dois filhos. Caso eles comecem a xingá-lo, o que o senhor faz?’ (...) ‘Dou-lhe um tapa na boca.’ Acrescentou o tenente: ‘Pois então. Os soldados estão com a razão.’”¹⁰²

A imprensa, particularmente a de caráter mais sensacionalista, dava bastante destaque para os crimes acontecidos em São Miguel. Artur Pinto de Oliveira, por exemplo lembra que “o tablóide *A Hora* só dava desgraça, era o cão, só trazia crime” e que era o mais vendido: “a circulação dele era de 10 a 1 em São Miguel.”. Em todo o bairro, relembra Oliveira, sempre havia “um rapaz ou uma criança [vendendo o jornal e gritando]: ‘Olha *A Hora*! Olha *A Hora*! Crime na Vila Nitro Operária! E ia passando nas casas e o pessoal comprando. Era um jornal popularíssimo.” Augusto Ferreira Lima também recorda-se que *A Hora* “era um jornalzinho que todo mundo comprava de manhã cedo para ver as misérias que aconteciam em São Paulo.”¹⁰³

“São Miguel Paulista: um ninho de ladrões” estampava a manchete de *A Hora* em 11 de maio de 1956. Em tom indignado, a matéria denunciava a ausência de policiais e de recursos para o combate à criminalidade no bairro. Constatando a ausência de aparelho telefônico na delegacia, por exemplo, o redator informava que “quando o delegado precisa comunicar-se com seus superiores, tem que se dirigir à Nitro Química e solicitar permissão para usar o telefone.” A reportagem ainda afirmava haver “70 ladrões conhecidos da polícia, que os prende hoje e as leis os soltam amanhã (...) Raro é o dia em que uma casa – de negócios ou residencial – não é assaltada, através dos métodos os mais audaciosos.”¹⁰⁴

¹⁰¹ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 235ª sessão, 22 de agosto de 1957.

¹⁰² *A Hora*, 21 de maio de 1956. Anos mais tarde, já no período da ditadura militar (1964-85), São Miguel ficaria conhecido como um dos bairros paulistanos de maior violência e arbitrariedade policial. Por essa razão, nos anos 70, a Igreja Católica fundaria na região o Centro de Defesa dos Direitos Humanos de São Miguel Paulista, uma das mais famosas e atuantes entidades de direitos humanos da cidade naquele período.

¹⁰³ Depoimentos de Artur Pinto de Oliveira e Augusto Ferreira Lima, concedidos ao autor.

¹⁰⁴ *A Hora*, 11 de maio de 1956.

Com o mesmo espírito de caracterizar São Miguel como um perigoso antro de criminosos, outro jornal popular do período, *O Dia*, anunciava em 1956, que o bairro “tem surgido constantemente no noticiário policial como uma das regiões da capital onde o crime faz morada. Não há semana que não se conheça trágicos pormenores de ocorrências sangrentas ali desenroladas.” Mesmo o austero *O Estado de São Paulo* não deixava de noticiar aqueles crimes ocorridos no bairro que pareciam contar com um requinte a mais de crueldade. Foi o caso do assalto à casa de Teodoro de Matias, residente no Parque Paulistano em São Miguel. “Os assaltantes”, dizia a reportagem, “com o intuito de roubá-lo aplicaram-lhe violenta surra. Entretanto em face da resistência encontrada (...) depois de revistarem [a casa], incendiaram-na (...) Os bombeiros não puderam chegar ao local do incêndio devido ao péssimo estado das ruas.”¹⁰⁵

Obviamente a construção da imagem de São Miguel Paulista como ‘a morada do crime’ na cidade tinha efetivamente uma base real. A pobreza, as diversas carências de infra-estrutura da região e o rápido e desordenado crescimento urbano certamente criaram condições para um paulatino incremento das taxas de criminalidade e de violência urbana na região a partir dos anos 50. Entretanto, havia um evidente exagero e, como veremos, uma crescente associação da maioria dos moradores ‘por excelência’ do bairro, nordestinos e pobres, com uma certa irracionalidade e propensão à violência.

Trabalhadores e a Igreja

No dia 2 de março de 1941 chegava a São Miguel o padre Aleixo Monteiro Mafra. Atendendo aos apelos de uma comissão de moradores locais, a Cúria Metropolitana de São Paulo

¹⁰⁵ *O Dia*, 2 de outubro de 1956 e *O Estado de São Paulo*, 24 de setembro de 1957.

decidiu pela indicação de um vigário permanente para aquela paróquia que começava a expandir-se intensamente. Parecia evidente a necessidade de um padre para aquela comunidade que recebia tantos católicos de outras regiões do país. Assim, durante os 23 anos seguintes, padre Aleixo, como o principal líder religioso do bairro, acompanharia o crescimento e os principais eventos da vida social e política de São Miguel.¹⁰⁶

Aleixo Mafra tornou-se uma das figuras mais proeminentes do bairro naqueles anos. Como afirma José Venâncio, morador da região desde 1953, ele “marcou época em São Miguel.” Respeitado por diferentes setores da vida social, Pe. Aleixo construiu uma imagem de religioso severo, mas ao mesmo tempo, bondoso. Maria das Graças Lins Cacian recorda-se que em sua infância, Aleixo “era um padre que todo mundo respeitava muito. Ele era bravo (...), a gente não podia ir de roupa curta na missa porque ele brigava.” De qualquer forma, conclui, “ele comandava muito a vida do pessoal em São Miguel.” Mesmo um comunista, que não freqüentava a igreja, como Geraldo Rodrigues de Freitas confirma a “fama de que ele era um padre muito bom e caridoso.” Muitos antigos moradores lembram-se que foi Aleixo quem conduziu suas cerimônias de casamento e o batismo de seus filhos e recordam-se com certo carinho da relação de proximidade que tinham com o vigário. Artur Pinto de Oliveira também reforça que Aleixo tinha uma grande “popularidade” e que sua morte, em 1967, foi enormemente sentida pela comunidade local.¹⁰⁷ Mais de 15 mil pessoas, de acordo com o *Livro de Tombo da Paróquia de São Miguel*, teriam acompanhado seu cortejo fúnebre em clima de grande emoção, como também atestam muitos depoimentos.¹⁰⁸

¹⁰⁶ As informações biográficas sobre o padre Aleixo Mafra foram retiradas de Wilson João Zampieri e Avelar Cezar Imamura. *Padre Aleixo Monteiro Mafra. O pastor de almas de São Miguel Paulista*. São Paulo, Unicsul, 1998. Embora neste capítulo a análise esteja basicamente concentrada na Igreja Católica, amplamente majoritária entre os adeptos de alguma religião em São Miguel, é importante ressaltar a existência de outras práticas religiosas no bairro. Igrejas protestantes, como a Batista e Adventista, instalaram-se na região desde os anos 40 e há informes sobre a existência de cultos afro-brasileiros, como o Candomblé e a Umbanda.

¹⁰⁷ Entrevistas de José Venâncio e Maria das Graças Lins Cacian concedidos ao LabDoc-Unicsul e depoimentos de Geraldo Rodrigues de Freitas e Artur Pinto de Oliveira concedidos ao autor.

¹⁰⁸ *Livro de Tombo da Paróquia de São Miguel*, pp. 22-3.

A longa e ativa presença do padre em um momento de crescimento e redefinição da trajetória do bairro, devido ao grande fluxo de novos moradores, em sua enorme maioria católicos, ajuda a explicar a popularidade e importância de Aleixo Mafra na comunidade de São Miguel. Além do papel religioso de difusão e manutenção da crença católica entre os fiéis locais, Mafra também teve uma importante presença na vida cotidiana do bairro. Muitas vezes chegava a arbitrar divergências entre familiares, amigos e vizinhos. Muitos fiéis o procuravam para solicitar opiniões e aconselhamentos para variados problemas e questões.¹⁰⁹ “O advogado de tudo em São Miguel Paulista era o padre Aleixo”, relembra Augusto Ferreira Lima.¹¹⁰

Em seus primeiros anos na nova paróquia, padre Aleixo procurou estruturar a igreja e a vida religiosa dos católicos da região. Assim, como era de se esperar, missas, batizados, casamentos e outros sacramentos passaram a ser regularmente realizados. O quadro abaixo, sintetizando os dados disponíveis, dá uma idéia do crescimento das atividades religiosas da Igreja Católica entre meados dos anos 40 e o início dos 50.

Atividade/ano	1946	1947	1948	1949	1950	1951
Missas	505	523	521	578	588	653
Comunhões	9.152	9.395	9.710	11.431	12.205	14.154
Primeira Comunhão	259	271	239	320	364	409
Batizados	475	485	579	781	894	854
Casamentos	84	115	119	178	125	215

Fonte: *Livro de Tombo da Paróquia de São Miguel*, pp. 4, 6, 9, 11, 13 e 14.

Mafra também estimulou a ação de algumas irmandades religiosas já existentes no bairro, como a Congregação Mariana e a Conferência de São Vicente de Paula. Nair Cecchini, por exemplo, recorda-se do trabalho “de caridade com os pobres” que padre Aleixo estimulava através dos vicentinos. Benedito Miguel, vicentino desde os anos 40, lembra-se de “Benedito,

¹⁰⁹ Cf. Wilson João Zampieri e Avelar Cezar Inamura. *Padre Aleixo...*, p. 42.

meu xará,” que morava na Vila Nitro Operária. “Coitado, aqui nessa terra aqui não teve bens materiais não”, afirma Miguel. A Sociedade São Vicente de Paula o socorria e Benedito Miguel tem claro na memória que era “sempre escalado para ir visitar esse senhor”.¹¹¹

Dando continuidade à tradição de festas e procissões da localidade, padre Aleixo procurou estruturá-las e coordená-las a partir de um calendário de festividades ditado pela Igreja, como vimos anteriormente. Assim, além da semana santa e do Natal, a festa de São Miguel Arcanjo, padroeiro da localidade, no dia 26 de setembro e de Nossa Senhora Aparecida, em 8 de dezembro, eram efusivamente celebradas. Além disso, certos meses do ano eram dedicados a alguns santos e missas e procissões eram realizadas em seu louvor. Março, por exemplo, era dedicado a São José, maio a Nossa Senhora e junho ao Sagrado Coração de Jesus.¹¹²

Mais do que as missas, as procissões e festas eram momentos de especial envolvimento e participação da comunidade na vida religiosa católica. Obedecendo ao calendário religioso, eram bastante freqüentes e ocorriam em diferentes regiões do bairro. Maria Fernanda dos Santos Gomes relata, por exemplo, que quando era criança havia “as procissões nas vilas. Eles rezavam o terço nas casas. (...) No final do terço, tinha comes e bebes. Então todo mundo ia. Era um divertimento.” Benedito Carlos dos Santos Vieira também recorda que “quando era menino (...) tinha as procissões e vinha gente de várias localidades. Se encontravam na [Vila] Nitro Operária [e seguiam] para a igreja de São Miguel.”¹¹³

O ritual das procissões, com a presença dos fiéis nas ruas e a passagem pelas casas dos devotos, exigia necessariamente maior participação das pessoas que a missa dominical, naquele período ainda rezada em latim e celebrada com o padre de costas para o público. Além disso, o

¹¹⁰ Depoimento de Augusto Ferreira Lima concedido ao autor.

¹¹¹ Depoimentos de Nair Cecchini e Benedito Miguel concedidos ao autor.

¹¹² Cf. Wilson João Zampieri e Avelar Cezar Inamura. *Padre Aleixo...*, pp. 52-3.

¹¹³ Entrevistas de Maria Fernanda dos Santos Gomes e Benedito Carlos dos Santos Vieira concedidas ao LabDoc-Unicsul. Analisando a cultura dos trabalhadores nas cidades inglesas de Manchester e Salford, Andrew Davies também constatou que a participação em festas e procissões era uma importante expressão e reafirmação da religiosidade, mesmo para aqueles que não compareciam regularmente às missas e à igreja. Cf. Andrew Davies. *Leisure, gender...*, pp. 110-124.

caráter lúdico e muitas vezes festivo das procissões era bastante atraente para os moradores, particularmente as crianças. Não surpreende, portanto, que as procissões, comuns no período do padre Aleixo, sejam recorrentemente lembradas por antigos moradores. Beatriz Maria Ribeiro, ainda menina nos anos 60, associa sua religiosidade à constante presença nas procissões. “Quando tinha procissão”, relembra, “a religião era muito importante, estava na frente de tudo. Na procissão, a gente usava até veuzinho na cabeça (...) a gente se apegava muito a Deus.” Igualmente, José Pedro, morador em São Miguel desde o final dos anos 50, quando perguntado sobre sua religião, associa seu catolicismo diretamente à participação nas procissões: “Eu era católico. Andava nas procissões. [Na] Vila Guarani, Vila Jacuí... acompanhando procissões. Eu era muito católico”.¹¹⁴

As manifestações religiosas de populares nas ruas em algumas ocasiões chegaram a surpreender as próprias autoridades eclesásticas. Foi este o caso quando, uma cópia da imagem de Nossa Senhora Aparecida, sendo transportada para o Quinto Congresso Eucarístico em Porto Alegre, passou pelo bairro em outubro de 1948. “Foi um alvoroço em toda a paróquia”, escreveu padre Aleixo, “um grande povo se reuniu para vê-la passar (...) e houve verdadeiro delírio da multidão quando (...) o vigário de Aparecida (...) a levantou bem alto para que abençoasse seus filhos.”¹¹⁵

Acompanhar a expansão geográfica e demográfica do bairro era uma constante preocupação do padre Aleixo Mafra. Daí suas freqüentes visitas às novas vilas e loteamentos que se formavam em São Miguel, além do estímulo às procissões e festas religiosas nestas localidades. Parte de sua popularidade também pode ser explicada por esta ativa presença nas diversas regiões do bairro. “Padre Aleixo era uma pessoa muito simples”, rememora o coroinha da igreja de São Miguel nos anos 40, Domingos Fonseca Filho, em entrevista para *O Estado de*

¹¹⁴ Entrevistas de Beatriz Maria Ribeiro e José Pedro concedidas ao LabDoc-Unicsul.

¹¹⁵ *Livro de Tombo da Paróquia de São Miguel*, p. 6.

São Paulo. “Com ele não tinha esse negócio de que não podia sujar a batina de terra”, prossegue Fonseca, “o religioso visitava diariamente as capelas nos bairros da região, desde Engenheiro Goulart até o Itaim Paulista.”¹¹⁶

Em grande medida, tais cuidados com a evangelização dos moradores das vilas do bairro eram uma resposta à ação de outras religiões presentes na região. Em abril de 1949, por exemplo, um preocupado padre Aleixo escrevia que sua paróquia estava sendo “invadida por padres da Igreja Católica Apostólica Brasileira e da Igreja Católica Livre tanto em Comendador Ermelino, como em Vila Curuçá (...) [também] estão tentando entrar no bairro do Itaim.” Visitas regulares e missas passaram a ser celebradas nestas regiões como forma de combater a pretensa ‘invasão’. No entanto, os esforços do vigário parecem não ter sido suficientes e em maio de 1952, por determinação da autoridade arquidiocesana, missionários com tarefas evangelizadoras eram especialmente enviados para várias partes de São Miguel Paulista.¹¹⁷

Mas não era apenas a ação de outras religiões a preocupação das lideranças católicas. Apesar da imensa maioria de católicos dentre os migrantes que afluíam ao bairro, muitos destes pouco freqüentavam a igreja ou encontravam-se sob a direta influência dos preceitos religiosos. É evidente, de um lado, que em momentos importantes da vida dos moradores, como batismos e casamentos, ou ainda em momentos lúdicos, como festas e procissões, a religião e a igreja faziam-se presentes. Para muitos migrantes, entretanto, a vinda para a cidade significava um claro enfraquecimento da influência da igreja e da figura do padre sobre sua vida cotidiana. Assim, embora ressaltem a popularidade do padre Aleixo e a participação popular em festas e celebrações como a da Semana Santa, muitos depoimentos, particularmente daqueles que mais freqüentavam a igreja, ressaltam uma relação muito mais tênue com a religião por parte da maioria dos fiéis. Irene Ramalho, assídua às missas do padre Aleixo desde que chegou a São

¹¹⁶ *O Estado de São Paulo*, 24 de agosto de 1995.

¹¹⁷ *Livro de Tombo da Paróquia de São Miguel*, pp. 10 e 16.

Miguel nos anos 40, considera que “o povo não era muito chegado à Igreja. Era muito chegado na Semana Santa, (...) tinha aquela procissão muito bonita e tal. [Mas fora isso] a igreja tinha poucas missas, havia poucos casamentos.” Para Waldomiro Macedo, os nordestinos que chegavam em São Miguel “eram todos católicos, [porém] tem um monte de gente que chega na cidade grande e acaba esquecendo as tradições também.” Roniwalter Jatobá pensa na mesma linha. Para ele, “o nordestino católico quando chega na cidade grande (...) não tem muita ligação com a religião, a não ser um batizado, um casamento, [essas coisas] tradicionais.”¹¹⁸ Mesmo em relação aos casamentos, a Igreja parece não ter sido tão influente, como indica o depoimento de Irene Ramalho. Levando-se em conta uma população de 40 mil pessoas no bairro em 1950, a realização de somente 125 matrimônios religiosos, como mostra o quadro acima, indica que uma parcela significativa dos moradores casava-se apenas no civil (não disponho de dados sobre casamentos civis na região para estabelecer uma comparação mais precisa) ou simplesmente amasiava-se.

Obviamente que a influência da igreja, embora relativa, ainda era suficientemente grande para ter um notável papel na vida social e cotidiana de grande parte dos moradores de São Miguel. Assim, além da já mencionada participação de padre Aleixo na resolução de vários conflitos do dia-a-dia e de sua ascendência moral e espiritual sobre muitos moradores, o vigário também era, por vezes, consultado sobre questões mais gerais e problemas da comunidade. Assim, quando o distrito foi renomeado como Baquirivu em meados dos anos 40, padre Aleixo foi um dos líderes do movimento para retomar o antigo nome do padroeiro do bairro, chegando a repassar vários abaixo-assinados entre seu rebanho.¹¹⁹

A partir do início dos anos 50, a construção de uma nova igreja matriz para o bairro que substituiu a histórica capela seiscentista passou a ser o principal projeto religioso de Aleixo. A

¹¹⁸ Depoimentos de Irene Ramalho, Waldomiro Macedo e Roniwalter Jatobá concedidos ao autor.

¹¹⁹ Cf. depoimento de Aurelino de Andrade concedido ao autor.

antiga capela, conhecida entre os moradores como 'igreja dos índios', dada a sua construção no período em que São Miguel era um aldeamento jesuíta, tornava-se cada vez mais acanhada para o ritmo de crescimento do bairro. Assim, em janeiro de 1952, era assentada a pedra fundamental da nova igreja matriz. Construir o templo, porém, era altamente custoso e a pequena elite econômica do bairro foi mobilizada para compor uma comissão de obras que, além de doadores de recursos, organizaria campanhas de arrecadação de fundos entre os paroquianos. Dentre os participantes desta comissão, grande parte era de diretores e funcionários graduados da Nitro Química. O presidente e os dois vice-presidentes de honra da comissão eram, respectivamente, José Ermírio de Moraes, Marcelo Milliet Kiehl e Eduardo Sabino de Oliveira, o presidente e os principais diretores da indústria. Na cerimônia, Helena Ermírio de Moraes, esposa de José, presenteou o padre com um cheque com a maior doação para a obra.

Apesar dessas doações, festas, rifas e quermesses foram realizadas para levantar fundos para a construção da igreja. Sebastião Azaria de Souza, cuja família tinha um pequeno comércio naquele período, lembra-se, por exemplo, da participação da comunidade para a edificação da nova matriz. "Fizeram uma lista", relembra. "Nós ajudamos, pagamos um vitrô." Cícero Antônio Pereira também recorda que ele, sua mãe e "muitos e muitos tiravam auxílio para fazer aquela igreja."¹²⁰

Apesar da colaboração e relativo envolvimento da comunidade de São Miguel, as obras durariam muito mais do que o desejado por padre Aleixo. A igreja seria inaugurada somente em agosto de 1965, treze anos depois de iniciadas as obras. Certamente demorariam ainda muito mais não fosse o auxílio da Nitro Química que forneceu "praticamente todo o cimento e o ferro utilizado na obra." Para muitos a construção da igreja veio reforçar ainda mais o poderio e influência da fábrica na vida do bairro, já que até a própria igreja só podia ser erguida com a ajuda da empresa. O pernambucano e antigo operário da fábrica, Luís Gerônimo Ferreira, por

exemplo, lembra que a igreja “foi construída com todo o material e pela força da Nitro Química.”¹²¹

As relações entre a Igreja liderada por padre Aleixo e a direção da companhia já eram, sem dúvida, muito mais antigas, como era de se esperar em uma comunidade tão fortemente marcada pela presença dominante de uma empresa. Muitas vezes, o padre procurava a Nitro para auxiliar seu trabalho de caridade aos pobres. Em alguns momentos, a Igreja, em conjunto com a fábrica, colaborou diretamente para a recepção do grande número de migrantes que afluíam para o bairro. Nair Cecchini lembra que em um determinado período nos anos 40, quando alguns migrantes recém chegados não tinham onde morar, padre Aleixo solicitou uma ajuda à empresa que “arrumou uns barracões. Aí eles [os migrantes] iam morar nos barracões até que arrumavam casa.”¹²²

No entanto, as estreitas relações entre a empresa e a Igreja local ficariam ainda mais claras quando da constituição de um círculo operário no bairro em 1946. Fundado como uma reação à greve ocorrida na fábrica no ano anterior e à ascensão da influência comunista entre os operários de São Miguel, o círculo contou com imenso apoio da diretoria da empresa, tornando-se paulatinamente, um verdadeiro apêndice do serviço social da companhia.

O movimento circulista ganhou grande impulso no final da década de 30, com a implantação do Estado Novo, quando após a passageira vitória daqueles que pregavam a pluralidade sindical na Constituição de 1934 (dentre os quais a Igreja), os ideólogos católicos perceberam a total impossibilidade de criação de sindicatos cristãos. Já no Congresso Operário Católico Nacional realizado em 1937 no Rio de Janeiro, os 31 delegados representando organizações de 9 estados definiam como uma de suas diretrizes básicas a “fundação de círculos

¹²⁰ Entrevistas de Sebastião Azaria de Souza e Cícero Antônio Pereira concedidas ao LabDoc-Unicsul.

¹²¹ Cf. Wilson João Zampieri e Avelar Cezar Inamura. *Padre Aleixo...*, p. 93 e entrevista de Luís Gerônimo Ferreira concedida ao LabDoc-Unicsul.

¹²² Depoimento de Nair Cecchini concedido ao autor.

operários em todos os centros de trabalho, como organização básica para todas as realizações do programa católico no campo econômico-social, por parte do operariado.”¹²³

Inspirado pela doutrina social da Igreja, fundamentada principalmente pelas encíclicas *Rerum Novarum*, de 1891 e *Quadragesimo Anno*, de 1931, o circulismo pregava a harmonia social e a colaboração entre as classes. Explicando os objetivos do Círculo Operário de São Miguel, um artigo no boletim da Nitro Química sintetizava esta concepção ao declarar como fim último da entidade a necessidade de “restaurar a paz no mundo do trabalho, pelo respeito aos direitos recíprocos e pelo restabelecimento de relações harmoniosas entre empregados e patrões.”¹²⁴ Desta forma, o combate à influência comunista entre os trabalhadores era considerada uma das principais tarefas do movimento e não, por acaso, foi comum o apoio financeiro de empresários às atividades dos círculos operários em São Paulo.

Além das ações de caráter claramente religioso, os círculos tinham uma grande preocupação com o ‘tempo livre’ do operariado. Assim, organizavam atividades de lazer e educacionais. Também era comum a prestação de assistência médica e dentária.¹²⁵

O caráter de oposição à ascendência comunista entre os operários foi determinante para fundação do círculo operário em São Miguel. A popularidade do PCB e sua influência sobre os movimentos reivindicatórios na Nitro Química no fim da Segunda Guerra e no período de redemocratização do país causou grande impacto e apreensão na direção da empresa e entre os setores politicamente conservadores do bairro.¹²⁶ A igreja e sua proposta de círculo pareciam, assim, um excelente antídoto à ‘ameaça bolchevique’. Quando da cerimônia de posse da primeira diretoria do Círculo Operário de São Miguel em 24 de janeiro de 1946, Avelino Assis Cardoso,

¹²³ Resoluções do Congresso Operário Católico Nacional, Rio de Janeiro, 1937, *apud* Damião Duque de Farias. *Em defesa da ordem. Aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo, Hucitec, 1998, p. 191.

¹²⁴ *Nitro Jornal*, n. 5, maio de 1953.

¹²⁵ Para uma análise das origens e concepções dos círculos operários, particularmente em São Paulo, ver Damião Duque de Farias. *Em defesa...* Uma análise específica de um círculo operário em uma cidade industrial (Volta Redonda) foi feita por

um dos oradores convidados, fazia questão de lembrar que o objetivo do círculo era “exclusivamente médico é jurídico, não trata de política, mas dá combate ao comunismo.”¹²⁷

Os próprios comunistas de São Miguel viram no Círculo uma evidente contraposição ao seu crescimento no bairro e o consideraram um rival suficientemente perigoso para que um contra ataque fosse exigido. Assim, quando da mesma cerimônia mencionada acima, um investigador do DOPS relatava que “o comitê comunista realizou uma festa improvisada em homenagem aos três líderes comunistas da Rússia (sic): V.I. Lenine, R. Luxemburgo e K. Liebknecht, no intuito de prejudicar a cerimônia do Círculo Operário de São Miguel.” A ação parece ter sido bem sucedida já que “desviou a atenção de muita gente que se dirigia ao Cine São Miguel, a fim de assistir à cerimônia que ali se realizava. Depois de terminada a festa, elementos comunistas, em número de 300, mais ou menos, procuraram fazer uma passeata, não conseguindo em vista da intervenção imediata dos servidores [da polícia política] que ali se encontravam em serviço.”¹²⁸

Porém, este conflito aberto entre comunistas e circunistas não duraria muito. Com a ilegalidade do PCB em 1947 e o conseqüente enfraquecimento do partido na região, o Círculo parece ter acentuado suas características com a de um ‘clubes prestador de serviços e de lazer’, funcionando quase que como um departamento do serviço social da empresa. É desta forma que ele é lembrado por grande parte dos antigos moradores da região. Assim, quando perguntado sobre o Círculo Operário de São Miguel, Augusto Ferreira Lima associa-o diretamente à empresa e à diversão patrocinada pela entidade. O combate aberto ao sindicato, um dos elementos propulsores de sua criação parece ter sido diluído com o tempo.¹²⁹ Para Augusto, o Círculo

Jesse Jane Vieira de Souza. *Valentim, o guardião da memória circunista (1947-1958)*. Campinas, Dissertação de Mestrado, Departamento de História- IFCH- Unicamp, 1992.

¹²⁶ A trajetória do PCB em São Miguel será especificamente analisada em capítulo subsequente.

¹²⁷ Deops/SP, Daesp. Prontuário 62.487.

¹²⁸ Deops/SP, Daesp. Prontuário 62.487.

¹²⁹ A intervenção no Sindicato dos Químicos em 1947 e a conseqüente exclusão dos comunistas e advento de uma direção próxima à diretoria da empresa certamente contribuiu para uma significativa diminuição das hostilidades do

“era um lugar organizado pela Nitro Química. (...) O Círculo Operário *da Nitro Química* era um prédio muito bacana. Ali era a maior festa [aos] domingos, reunia as crianças, e tinha campo de futebol. O Círculo Operário era lazer, era de jogar bola, as crianças de escola com as professoras, era círculo de lazer, era isso aí. [Pergunta: Não era contra o sindicato?] Não, não, muitos deles lá dentro [do círculo] também eram sócios do sindicato, como o Miguel Brasão que era sócio do sindicato e ainda hoje vem na nossa associação [de aposentados].”¹³⁰

Mesmo um militante político, como Geraldo Rodrigues de Freitas, em suas lembranças, confunde o círculo com a empresa. O Círculo Operário “era da Nitro”, recorda-se e acrescenta que a entidade “era um tipo de clubezinho [que] fornecia médico e dentista. A gente pagava uma miséria e tinha médico e dentista (...). Todo mundo gostava porque naquele tempo posto de saúde aqui era muito difícil.” Certamente o fato de a empresa descontar as taxas de sócio do círculo diretamente na folha de pagamentos de seus empregados colaborava para a identificação deste como parte da estrutura da companhia. Operário da fábrica nos anos 50, Jorge Gonçalves Lula conta que “todo mundo que trabalhava na Nitro Química era sócio [do círculo]. Nós éramos descontados na folha de pagamento.”¹³¹

Além disso, o Círculo Operário de São Miguel mantinha uma seção permanente no *Nitro Jornal*, boletim mensal publicado pela Nitro Química nos anos 50. Na ‘página circulista’ diversos dirigentes do círculo e da empresa freqüentemente faziam questão de ressaltar as excelentes relações e a permanente colaboração entre as duas instituições. Entrevistado pelo jornal logo após sua posse como novo presidente do círculo nos primeiros meses de 1957, Enry Saint’Falbo

Círculo em relação à entidade sindical. Quando uma nova direção vinculada aos setores nacionalistas e de esquerda recuperou o poder no sindicato entre 1956 e 64, o movimento circulista em nível nacional já encontrava-se bem mais enfraquecido e, particularmente em São Miguel, onde era visto como um apêndice da Nitro Química. Sobre a história do Sindicato dos Químicos de São Paulo, ver Paulo Fontes. *Trabalhadores e...*, particularmente os capítulos 4 e 5 e Annez Troyano. *Estado e sindicalismo*. São Paulo, Símbolo, 1978.

¹³⁰ Depoimento de Augusto Ferreira Lima, concedido ao autor (grifos meus).

¹³¹ Depoimentos de Geraldo Rodrigues de Freitas e Jorge Gonçalves Lula concedidos ao autor.

enumerava as “regalias no campo assistencial-educativo” que a entidade oferecia aos seus sócios e aproveitava a “oportunidade para agradecer de público à diretoria da Companhia Nitro Química Brasileira (...) pela ajuda irrestrita e permanente tanto no campo moral como material, sempre prestada ao Círculo Operário.”¹³²

O caráter ‘clubístico’ que o círculo progressivamente assumiu é ressaltado por vários depoimentos que destacam as atividades de lazer patrocinadas pela entidade. “Lá [no Círculo Operário de São Miguel Paulista] tinha festas, tinha bailes”, relembra Antônio Mendes Corrêa, por exemplo. Nair Cecchini ressalta que o círculo “organizava piqueniques e excursões para Santos.”¹³³

Além do lazer, as mulheres, principalmente, também tendem a lembrar do círculo como um espaço de cursos e atividades educacionais. A mesma Nair Cecchini recorda que na sede do círculo “tinha escola noturna, tinha arte culinária, corte e costura”. Helena de Oliveira da Fonseca define o círculo operário como “um clube” onde ela fez “um cursinho de culinária, (...) corte e costura” e onde havia ainda “aulas de música”. Para Ana Maria Silvério Rachid, o círculo era o lugar que “dava aula de corte e costura” em São Miguel.¹³⁴ Significativamente, tais cursos destinados às mulheres reproduziam as mesmas concepções sobre o papel do ensino feminino que instituições educacionais para trabalhadores naquele período, como o SESI e o Senai. A idéia de que as mulheres da classe operária deveriam, antes de tudo, se preparar para as supostas tarefas de esposas e mães, estava na base da oferta de cursos como os de corte e costura

¹³² *Nitro Jornal*, n. 49, abril de 1957. Como já afirmei anteriormente tamanha proximidade do círculo com a empresa gerava desconfiança em muitos trabalhadores que, pragmaticamente, viam na entidade um espaço de lazer e assistência, mas nunca O utilizavam como um meio para encaminhar reclamações ou reivindicações junto à companhia. Cf. Paulo Fontes. *Trabalhadores e...*, pp. 139-141. Em seu estudo sobre a FNM, José Ricardo Ramalho também registrou desconfiança semelhante dos trabalhadores, dada a proximidade do círculo operário local com a administração daquela empresa. Cf. José Ricardo Ramalho. *Estado-patrão...*, p. 191.

¹³³ Depoimentos de Antônio Mendes Corrêa e Nair Cecchini concedidos ao autor.

¹³⁴ Depoimentos de Nair Cecchini, Helena de Oliveira da Fonseca e Ana Maria Silvério Rachid concedidos ao autor.

e artes culinárias.¹³⁵ A notável presença feminina na mão-de-obra fabril paulistana era, geralmente, desprezada na montagem dos currículos e atividades educacionais profissionalizantes. Apesar da concepção de que tais cursos seriam destinados apenas à esfera doméstica e em sua preparação para o papel de donas de casa, muitas mulheres aproveitavam a oportunidade do novo aprendizado para buscar um ganho extra que complementasse a renda familiar. Helena Fonseca, por exemplo, parece ter aproveitado os fundamentos de corte e costura que aprendeu no curso do círculo e começou a trabalhar “em casa [onde] fazia e costurava calção de jogadores” de futebol, que eram vendidos no empório de sua irmã Irene.¹³⁶

Em que pesem suas atividades de lazer, educacionais e assistenciais, o Círculo Operário de São Miguel paulatinamente perdeu importância na vida social do bairro ao longo dos anos 50. Com raras exceções, este fenômeno atingiu o movimento circulista no Brasil como um todo. No caso específico de São Miguel, com a estreita ligação e dependência que o círculo tinha em relação à Nitro Química, é provável que, com a crise da companhia nos anos 60 e a conseqüente diminuição de suas políticas de benefícios aos trabalhadores, o próprio círculo operário tenha tido uma definitiva e decisiva perda de recursos financeiros e de apoio político por parte da direção da empresa. O afastamento do padre Aleixo no início dos anos 60 certamente também teve um peso importante para o aprofundamento da crise e posterior extinção do Círculo Operário de São Miguel Paulista.

No início dos anos 60, o consenso dos católicos locais em torno do padre Aleixo no comando da Igreja Católica parecia estar enfraquecido, a ponto de um grupo de paroquianos enviar um abaixo-assinado à Cúria Metropolitana solicitando o afastamento do vigário. Considerado por muitos como muito idoso para dirigir uma paróquia tão dinâmica e muito tradicional para adaptar-se às mudanças introduzidas pelo Concílio Vaticano II na liturgia e na

¹³⁵ Para uma análise dos cursos oferecidos para as mulheres trabalhadoras pelo SESI ver Barbara Weinstein. *(Re)formação ...*, pp. 262-270.

ação social da Igreja, padre Aleixo acabou sendo afastado do comando da igreja de São Miguel em abril de 1964.¹³⁷ Um ano e quatro meses depois era inaugurada a nova igreja matriz do bairro pelo cardeal de São Paulo, Dom Agnelo Rossi. Vinte cinco mil pessoas, além de autoridades, políticos, e do próprio mentor da obra, padre Aleixo Mafra que, mesmo enfermo, compareceram ao evento e assistiram à missa e às festividades que incluíram “chuvas de flores por helicópteros, banda de música da 4ª zona área, fanfarra do ginásio estadual e crianças vestidas de branco.”¹³⁸

A inauguração da nova matriz e a morte de padre Aleixo em 1967 simbolizavam o fim de uma era na atuação da igreja em São Miguel Paulista. Padre Aristides, um dos sucessores de Aleixo se notabilizaria no final da década de 60 por sua personalidade extrovertida e seus procedimentos pouco convencionais, quase que um antípoda de seu predecessor. Aristides, alcunhado de ‘Brasinha’ porque permitia bailes com música da jovem guarda nas dependências da igreja, ficou famoso em São Miguel por seu comportamento irrequieto e inovador. “Ele ia para a televisão do Sílvio Santos convidar o povo para a festa disso e daquilo”, comenta Augusto Ferreira Lima a respeito dos métodos do padre. Por vezes, sua atuação era considerada chocante por muitos fiéis. Lima recorda-se que muitos não gostavam de Aristides e justifica: “o caboclo vinha pagar [por uma] missa de sétimo dia e o [padre Aristides] dizia: ‘Não, pega seu dinheiro e leva prá casa’. Ah, rapaz, o católico ignorante ficava [bravo], queria até brigar com ele. [E o padre:] ‘Besteira, isso não salva ninguém’.” Outros, porém, prezavam a sinceridade do padre, embora atribuam a ela suas dificuldades com a paróquia e seu posterior afastamento. Irene Ramalho relata que

¹³⁶ Depoimento de Helena Oliveira da Fonseca concedido ao autor.

¹³⁷ Cf. Wilson João Zampieri e Avelar Cezar Inamura. *Padre Aleixo...*, pp. 99-102.

¹³⁸ *Livro de Tombo da Paróquia de São Miguel Paulista*, p. 19. Significativamente as menções à Nitro Química e à sua diretoria, tão abundantes quando do lançamento da pedra fundamental da nova matriz no início dos anos 50, praticamente desaparecem quando da sua inauguração em meados dos anos 60, certamente refletindo a forte crise que a empresa vivia naquele momento e a conseqüente perda do papel dominante que a companhia detinha no bairro.

“Padre Aristides era (risos) da cabeça virada. Ah, meu Deus! Ele era um padre que queria ser muito verdadeiro. [Mas], na realidade muitas coisas não podem ser ditas abertamente. Quando elas são ditas, elas afastam as pessoas.”¹³⁹

Nos anos 70, uma atuação mais marcadamente política se consagraria entre os católicos de São Miguel. O bairro tornaria-se um dos principais redutos das comunidades eclesiais de base (CEBs) na periferia paulistana e seria fortemente influenciado pela ação de vigários e leigos ligados à teologia da libertação. Principalmente a partir da nomeação de Dom Angélico Sândalo como bispo da região leste da capital, a atuação de militantes católicos cresceria bastante e a ampla participação deste seria decisiva para a constituição e fortalecimento de vários movimentos sociais que irromperiam na cena política do país na segunda metade daquela década.¹⁴⁰

¹³⁹ Depoimentos de Augusto Ferreira Lima e Irene Ramalho concedidos ao autor.

¹⁴⁰ Sobre os movimentos sociais na zona leste da capital nos anos 70 e sua relação com a nova postura da Igreja Católica, ver, entre outros, Eder Sader. *Quando novos....*, particularmente os capítulos 3 e 4.

CAPÍTULO 4

UMA COMUNIDADE OPERÁRIA

IDENTIDADES E DIVERSIDADES EM SÃO MIGUEL PAULISTA

‘São Miguel era tudo mato’: carências urbanas e ‘progresso’

Quando, aos 13 anos, Helena de Oliveira da Fonseca viu São Miguel Paulista pela primeira vez teve uma “impressão muito ruim.” Acompanhada dos pais, a garota vinha juntar-se aos irmãos que, anos antes, haviam deixado o sul de Minas Gerais e estavam trabalhando na Companhia Nitro Química. Corria o ano de 1948, e, ao contrário de suas expectativas em relação ao bairro, ainda havia “muito mato”. Recordando sua chegada muitos anos depois, Helena conta que São Miguel “não tinha nenhuma estrada de asfalto. (...) Só paralelepípedo na Estrada São Paulo-Rio. Só, mais nada. O resto era tudo de terra.” Benedito Miguel que migrara para o bairro dois anos antes, também afirma que, “naquela época São Miguel era tudo mato.”¹

Apesar do acelerado processo de industrialização e urbanização entre os anos 40 e 60, as lembranças dos antigos moradores, quando questionados sobre as características do bairro naquele período, remetem para a ausência de infra-estrutura urbana, resumida na idéia de que São Miguel era composto pela fábrica, a praça central e adjacências e o “resto era tudo mato, tinha uma casa perdida aqui e acolá.” Celina Garcia passou a morar em São Miguel no início dos anos 40 e afirma que o bairro “não tinha nada, era só mato.” Lembra que costumava ir com as irmãs mais velhas fazer compras na Penha e na volta, o cobrador do ônibus, quando São Miguel aproximava-se, sempre perguntava em tom de brincadeira: “quem vai descer neste matinho?” Falando sobre algumas das mais famosas vilas da região, Amauri da Cunha comenta que, quando chegou, em meados dos anos 50, “a Vila Rosário era tudo mato, tudo barro. [A Vila] Curuçá não tinha nada. (...) O Jardim Helena também era uma meia duzinha de casas.”²

Embora as regiões mais centrais do bairro já estivessem bastante urbanizadas na década de 50, mesmo os migrantes que se mudaram no início dos anos 60 destacam a precariedade de

¹ Depoimentos de Helena de Oliveira da Fonseca e Benedito Miguel concedidos ao autor.

São Miguel. Juraci Pereira de Cavalho chegou da Bahia em 1961 e afirma que “nessa época (...) praticamente existia só o centro [do bairro].” Havia “poucas ruas” e “São Miguel só tinha mato”, resume.³

Certamente estes depoimentos estão fortemente marcados e condicionados pela comparação com o bairro no momento atual, intensamente urbanizado, com uma enorme densidade populacional e, praticamente sem áreas verdes restantes. Grande parte dos antigos moradores assistiram, no período de suas vidas, à intensa transformação urbana do bairro. Seus depoimentos tendem, assim, a enfatizar esta diferença e o caráter de ‘mato’ de São Miguel nos períodos anteriores.

No entanto, na idéia de que o bairro ‘era só mato’ não está presente apenas a lembrança da pouca urbanização e da grande quantidade de áreas verdes existentes no passado. A imagem também representa as dificuldades e carências que os moradores enfrentaram. Embora fizesse parte da capital, São Miguel era diferente da imagem que muitos migrantes associavam a São Paulo. Em vez do ‘progresso’ da cidade que mais ‘cresce no mundo’, eles encontravam uma enorme carência de recursos e de infra-estrutura. Apesar da imagem de desenvolvimento associada à grande fábrica da Nitro Química, as condições do bairro reforçavam a idéia de que “São Miguel era muito atrasado naquela época”, como afirma José Pedro, que mudou para o bairro no final dos anos 50.⁴ Ademais, a distância geográfica da região em relação ao centro de São Paulo contribuía para uma certa sensação de isolamento e de diferença em relação à capital.

Uma reportagem publicada no diário *Correio Paulistano* em abril de 1948, como parte de uma série intitulada ‘Bairros na Berlinda’, destinada à discussão dos problemas dos vários

² Depoimentos de Valdevino Raimundo da Silva e Celina Garcia concedidos ao autor e entrevista de Amauri da Cunha concedida ao LabDoc-Unicsul.

³ Entrevista de Juraci Pereira de Carvalho concedida ao LabDoc-Unicsul.

⁴ Entrevista de José Pedro concedida ao LabDoc-Unicsul.

distritos da cidade, é exemplar desta contradição entre o desenvolvimento industrial do bairro e sua privação de serviços e infra-estrutura urbana. “Baquirivu, ex-São Miguel”, afirmava a matéria

“é um grande núcleo obreiro. Nas suas duas fábricas [Nitro Química e Celosul] trabalham cerca de 10 mil operários de ambos os sexos. Somente elas contribuem para a arrecadação do município da capital com avultada soma (...) mas apesar disso, Baquirivu não tem melhor sorte que os demais bairros ou subúrbios de São Paulo. Os seus problemas urbanos vão se arrastando sem solução (...) e lá vai levando sua vidinha de sempre: meio ‘ronceira’, meio progressista, de vila satélite da capital.”⁵

Parte da idéia de que São Miguel era ‘atrasado’ estava associada à ausência de pavimentação de suas vias públicas. Ainda em finais dos anos 50, Amauri da Cunha observava que em São Miguel “era tudo rua de terra (...) não existia guia, sarjeta, não existia nada!”. José Venâncio mora no bairro desde 1953 e lembra que “as ruas não eram asfaltadas.” Mesmo no centro de São Miguel, “a pracinha (...) só foi asfaltada bem depois [que eu cheguei], (...) aproximadamente em 1958,” complementa. Para Venâncio, a dificuldade de locomoção devido ao não asfaltamento das ruas tornava São Miguel um lugar muito “isolado.”⁶

Em dias de chuva, a situação tornava-se mais precária ainda. José Damasceno de Souza chegou em São Miguel com 18 anos de idade, no final da década de 50, e relata que “as estradas eram todas de terra e na época das chuvas era uma dificuldade para se chegar [em casa], porque chegava todo enlameado.” Amauri da Cunha também recorda que em certos dias chuvosos era necessário “arregaçar as calças até os joelhos” para poder chegar ao trabalho. Além disso, “levava um sapato” sobressalente “para calçar na Nitro.” João Freitas Lírio também lembra que “todo mundo trazia um pano para enxugar os pés da chuva [porque] a lama atingia 30 cm.”⁷ Não

⁵ *Correio Paulistano*, 11 de abril de 1948.

⁶ Entrevistas de Amauri da Cunha e José Venâncio concedidas ao LabDoc-Unicsul.

⁷ Entrevistas de José Damasceno de Souza e Amauri da Cunha concedidas ao LabDoc-Unicsul e depoimento de João Freitas Lírio concedido ao autor.

por acaso, para os moradores a pavimentação das ruas era considerada um claro indicador de melhoria urbana e ‘progresso’ para a região.

Mais do que enlamear os moradores, a temporada de chuvas costumava trazer enchentes, algumas delas com terríveis conseqüências. Maria Pureza de Mendonça conta que, nos anos 50, quando menina “era um sofrimento muito grande quando começava a chover num bairro e a rua já começava a encher de água e era terrível.” “Aquilo”, afirma, “causava uma agonia muito grande.” Também como lembrança triste de sua infância no final da década de 50 e início da de 60, Elza Alcântara de Araújo diz que “enchentes (...) sempre aconteciam em São Miguel.” Algumas crianças chegavam a brincar nas águas das inundações e “teve um rapazinho que morava na rua 13, uma depois da nossa, que a água levou e passou três dias para ser encontrado. Esse é um fato que ficou muito marcado na minha cabeça”, assegura.⁸

Região próxima ao rio Tietê e cortada por diversos córregos afluentes, São Miguel era geograficamente rica em brejos, pântanos e charcos. Muitos de seus loteamentos e vilas foram justamente construídos sobre regiões que facilmente encharcavam em períodos de chuva. Em agosto de 1957, por exemplo, o vereador Tarcílio Bernardo subia ao púlpito da Câmara Municipal paulistana para denunciar a Companhia Mirante Ltda. que

“loteou o Parque Real em São Miguel Paulista. A área que constitui o Parque era um verdadeiro charco, (...) entretanto a referida companhia mandou abrir valetas naquela área para que as águas tivessem escoamento e o terreno se apresentasse em condições. Os terrenos foram vendidos um a um. (...) Esperaram o tempo da estiagem e abriram valetas cuidadosamente para poderem ludibriar os pobres trabalhadores.”

⁸ Entrevistas de Maria Pureza de Mendonça e Elza Alcântara de Araújo concedidas ao LabDoc-Unicsul. Alexandre Fortes demonstra como que, no caso do Quarto Distrito em Porto Alegre, uma grande enchente acontecida em 1941 tem um papel fundamental na estruturação da memória sobre o bairro, assumindo as características de um ‘mito fundador’. Embora as enchentes fossem freqüentes e sejam recorrentes os relatos a respeito delas entre os moradores, não houve um evento com a mesma intensidade simbólica em São Miguel. Cf. Alexandre Fortes. ‘*Nós do...*’, em particular o item “A enchente de 1941: um marco da memória coletiva” no capítulo 1.

Dias depois do pronunciamento, uma forte chuva atingiu o bairro e a “população do Parque Real para não perecer afogada foi obrigada, debaixo de chuva, a abandonar aquela localidade e procurar abrigo noutra local.”⁹

No final de janeiro do ano seguinte, novo discurso do vereador ressaltava a recorrência das inundações no bairro:

“Em São Miguel, o Jardim São Vicente, Parque Real, Vila Nitro Operária, Parque Paulistano, Jarcim Luci, Vila Jacuí, Vila Siqueira, Vila Rosária e outras vilas circunvizinhas estão ameaçadas e suas populações atemorizadas, eis que se chover mais terão que desocupar suas moradias e procurar locais outros onde se sintam seguros.”¹⁰

As constantes enchentes também evidenciavam os gravíssimos problemas de saneamento que atormentavam a população do bairro. A mesma matéria do *Correio Paulistano* de 1948 citada anteriormente comentava que uma das maiores reclamações na região dizia respeito à “péssima qualidade da água” que provocava “distúrbios gástricos sérios (...) principalmente na população infantil.” Cinco anos depois, o problema, longe de ser resolvido, era esmiuçado em uma reportagem do diário *A Hora*, transcrita num jornal local. “Na Vila Nitro Operária”, afirmava a matéria,

“o meio mais prático de não se perder é seguir o riacho que existe em cada rua. Parece riacho ao longe, mas na verdade são esgotos ao céu aberto. (...) As condições do bairro densamente povoado são de estarrecer a qualquer um. Em frente à casa 27, onde mora Joaquim Alves da Silva, a fossa não pode conter os restos orgânicos em fermentação. Começou a vazar para a rua, formando um riacho de lama podre, negra, fétida a mais não poder. Aquilo vai se infiltrando no terreno permeável, alcançando o

⁹ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 239^a sessão ordinária, 29 de agosto de 1957 e 243^a sessão ordinária, 3 de setembro de 1957.

lençol de água a pouco mais de um metro de profundidade. A consequência imediata é a contaminação.”¹¹

A instalação de uma rede de água e esgoto era uma das principais reivindicações da população do bairro, só começando a ser parcialmente atendida no final dos anos 50. Ainda em junho de 1956, o vereador Aurelino de Andrade lembrava que “desde 1951 há uma luta tremenda do povo de São Miguel Paulista para que seja dotado aquele distrito de instalações de água e esgoto.”¹² Maria Pureza de Mendonça recorda com clareza que na sua infância “não havia saneamento básico, não havia nada de conforto para a população”. Quando as primeiras instalações de água encanada surgiram, lembra-se,

“eles colocavam torneiras de 500 em 500 metros nas ruas e a gente ia buscar água. Minha tia, quando era umas cinco horas da tarde, dizia: ‘corre, vai para a fila’. Porque precisava pegar água para fazer o jantar, né?”¹³

As péssimas condições de saneamento do bairro afetavam diretamente a saúde da população. Surtos de difteria e tifo foram freqüentemente constatados e os índices de mortalidade infantil eram bastante altos. Em 1948, dos 12 óbitos mensais registrados no bairro, 50% eram de “crianças afetadas pela gastroenterite”. Em 1953, *A Hora* anunciava que o “bairro proletário entrega ao cemitério, seis, sete ou oito crianças por semana”. Mesmo *O Estado de São Paulo*, em uma reportagem sobre o bairro em 1955, noticiava em tom atípico que o

“cemitério local transbordou. Tem mais de metade da sua área repleta de sepulturas pequeninas, de quatro palmos (...) Sem cruz a maioria, apenas uma estaca com um número, sem flores, como montículos de terra simetricamente alinhados dentro dos

¹⁰ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 321ª sessão ordinária, 28 de janeiro de 1958.

¹¹ *Correio Paulistano*, 11 de abril de 1948 e *Folha de São Miguel*, 28 de novembro de 1953.

¹² *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 55ª sessão ordinária, 11 de junho de 1956.

¹³ Entrevista de Maria Pureza de Mendonça concedida ao LabDoc-Unicsul.

muros altos. Foi assim crescendo a população de São Miguel em todas as expressões de vida e de morte.”¹⁴

O crescimento do bairro também não era acompanhado pela iluminação das vias públicas. Se no início dos anos 40, no período em que Maria José Santos Oliveira chegou a São Miguel, a iluminação era feita por “poucos lampiões,[principalmente] na praça de São Miguel”, pouco havia mudado quase vinte anos depois quando, lendo um abaixo-assinado que lhe fora enviado por moradores, o deputado José Maria Costas Neves reclamava na Assembléia Legislativa que “São Miguel Paulista, bairro fabril e populoso, não possui ainda sua iluminação pública.” Nas vilas do bairro, a situação era ainda pior. Darci Ribeiro, por exemplo, comenta que nos anos 50 “as casas da Vila Rosária não tinham luz, era tudo água de poço, sem asfalto, tudo mato. A gente chegava em casa e estava tudo escuro.”¹⁵

A situação da telefonia no bairro parecia ser ainda mais precária. O potiguar Cícero Antônio Pereira, morador em São Miguel desde 1946, informa que durante muito tempo “telefone aqui era só no correio e na Nitro Química; ninguém tinha telefone particular.” Em novembro de 1954, o vereador Tarcílio Bernardo, também atendendo aos apelos de abaixo-assinados dos moradores, reclamava “a quase inexistência desses aparelhos [telefônicos] em São Miguel Paulista, um distrito paulistano constituído de mais de 60 mil habitantes, [que] somente possui instalados dois aparelhos telefônicos.”¹⁶

A demanda por educação era bastante grande em São Miguel. Para a população local, na maior parte composta de migrantes com pouca escolaridade, a mudança para a cidade era vista como uma ampliação das possibilidades de acesso à educação. A maior oferta de escolas era considerada um atrativo importante de São Paulo por muitos jovens migrantes. Era este o caso de

¹⁴ *Correio Paulistano*, 11 de abril de 1948, *Folha de São Miguel*, 28 de novembro de 1953 e *O Estado de São Paulo*, 17 de abril de 1955.

¹⁵ Depoimento de Maria José dos Santos Oliveira concedido ao autor; *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 1 de junho de 1961, p. 13 e entrevista de Darci Ribeiro concedida ao LabDoc-Unicsul.

Artur Pinto de Oliveira, que “sonhava estudar” e assim motivou-se a vir para a capital paulista, já que em sua “vila (...) e nas cidades do interior da Bahia, na sua maioria”, as escolas eram poucas.¹⁷ Mesmo quando frustrados em suas pretensões educacionais, a perspectiva de garantia de um melhor ensino para seus filhos, era por si só, muito sedutora para boa parte dos migrantes.

Entretanto, a oferta de estabelecimentos públicos de ensino em São Miguel estava bastante aquém dos desejos e necessidades de seus moradores. A única escola de ensino básico, o Grupo Escolar de São Miguel Paulista (depois renomeado Grupo Escolar de Baquirivu e finalmente Grupo Escolar Carlos Gomes), fundado em 1938, era claramente insuficiente para atender a grande quantidade de alunos da região. Além disso, a expansão geográfica do bairro dificultava a locomoção dos estudantes das várias vilas para a escola local. Em 1954, comentando as dificuldades das várias regiões de São Miguel, um vereador denunciava que “nessas vilas falta tudo. Atualmente há 1.500 crianças em idade escolar sem matrículas.” Um ano e meio depois a queixa continuava:

“O Jardim Popular, em São Miguel Paulista, está com 700 crianças em idade escolar sem conseguirem matrícula por falta de vagas. (...) No mesmo distrito, [no] Burgos Paulista, há cerca de 200 crianças sem escola. (...) Inúmeras outras localidades situadas naquela zona de São Paulo (...) estão sem vagas para o grande número de crianças em idade escolar.”¹⁸

Pressionadas, as autoridades do ensino público montavam escolas provisórias em galpões de madeira nas diversas vilas e regiões do bairro. José Venâncio lembra que na Vila Sinhá, onde morava nos anos 50 e 60, durante muito tempo “a escola municipal era um galpãozinho de madeira, todo feito de tábua.” No entanto, além de serem insuficientes para atender a demanda,

¹⁶ Entrevista de Cícero Antônio Pereira concedida ao LabDoc-Unicsul e *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 344ª sessão ordinária, 10 de novembro de 1954.

¹⁷ Depoimento de Artur Pinto de Oliveira concedido ao autor.

¹⁸ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 278ª sessão ordinária, 30 de abril de 1954 e 477ª sessão ordinária, 21 de dezembro de 1955.

tais galpões eram muitas vezes “pessimamente construídos”. Em 1950, por exemplo, o mesmo galpão da Vila Sinhá “foi totalmente destruído por um vendaval.” Dois anos depois, sessenta crianças entraram em “pânico”, quando “deu uma ventania em São Miguel Paulista e o galpão da Vila Jacuí (...) foi para o chão.”¹⁹

Em meados dos anos 50, o crescente número de estudantes que completavam o ensino primário forçava a instalação do nível ginásial em São Miguel. Naquele período, a construção de um escola ginásial foi uma das principais reivindicação dos moradores do bairro. Embora, desde 1953, o Ginásio Estadual Professor Francisco Roswell Freire passasse a funcionar nas instalações do grupo escolar, apenas em 1959 seria inaugurado o prédio do Ginásio Municipal D. Pedro I.²⁰ Apesar de suas 22 salas e de ter aulas nos três períodos, o novo ginásio já nascia incapaz de atender à crescente demanda da região. Em fevereiro de 1960, “842 candidatos estiveram presentes para disputarem 400 vagas” nos exames de admissão da escola. Na ocasião, a diretora da nova instituição de ensino, Neusa Amaral, declarou à imprensa “que já esperava a grande afluência, isso, devido à falta de ginásios públicos.”²¹ Em 1966, dados oficiais continuavam demonstrando a carência de estabelecimentos educacionais no bairro. São Miguel possuía naquele ano apenas três escolas com o curso ginásial, uma com o colegial e uma preparatória de professores para o ensino primário (curso normal).²²

O rápido crescimento do bairro nos anos 50 intensificou um antigo problema da região: o transporte. A expansão interna de São Miguel, sua distância do centro da cidade e a carência de meios de locomoção eficazes tornava o problema do transporte um dos mais sentidos pela população do bairro, na medida em que mais e mais moradores passavam a trabalhar em outras

¹⁹ Entrevista de José Venâncio concedida ao LabDoc-Unicsul e *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 108ª sessão ordinária, 21 de novembro de 1952.

²⁰ Cf. Aurélio Gaudêncio Ferreira Gonçalves, Maria de Fátima Bandeira dos Santos e Vera Lúcia Bandeira dos Santos. *São Miguel Paulista*. Redação vencedora do concurso promovido pelo Rotary Club de São Miguel Paulista, 1968, pp. XVIII e XIX; e “O colégio de São Miguel”, *São Miguel Agora*, n. 6, agosto/setembro de 1987.

²¹ *O Dia*, 19 de fevereiro de 1960.

²² Cf. Juergen Richard Langenbuch. *A estruturação...*, p. 277.

regiões da cidade. Considerados a carência de meios de transporte, o tempo de locomoção e seus altos custos, muitos dos que trabalhavam na Nitro Química viam a proximidade entre suas casas e a empresa como uma grande vantagem adicional. Assim, quando em 1963, um diretor da fábrica propôs um acordo financeiro para que o delegado sindical Valdevino Raimundo da Silva pedisse demissão, este habilmente respondeu:

“Eu não me interesso! Para começar, aqui é tão pertinho de casa que eu comoquentinha a minha comida em casa. Se eu sair, vou ter que carregar marmita.”

Joaquim Anselmo dos Santos também ressalta a proximidade da Nitro como uma grande vantagem. “Eu morava a cinco minutos da fábrica”, afirma. “Era bom, nunca dependi de condução”, reforça Milton Furlan, referindo-se ao fato de ir a pé todos os dias para a empresa. Irene Ramalho trabalhava na cooperativa da empresa nos anos 40 e conta que quando um de seus chefes saiu do emprego, convidou-a insistentemente para trabalhar com ele no centro da cidade, “mas eu não quis porque eu não ia sair daqui [de São Miguel] prá estar viajando, né?”²³

Mas, a sensação de ‘estar viajando’ dentro da mesma cidade era cada vez mais a experiência diária de muitos moradores do bairro. Durante muito tempo, era principalmente pela linha ferroviária da Central do Brasil que a maior parte dos deslocamentos da população de São Miguel ocorria. Cícero Antônio Pereira lembra-se que sempre embarcava na “segunda (...) ‘Maria Fumaça’ que saia [da estação de São Miguel] às quatro e meia [da manhã]” e dirigia-se para a Mooca, onde “pegava o serviço às sete horas.” Recorda-se ainda que o trem ia sempre lotado, e ainda “ia gente em cima dos vagões.” A ‘Maria Fumaça’ constantemente lotada também faz parte das lembranças de Amauri da Cunha. “Você não conseguia entrar [no trem] porque já tinha um excesso de gente”, relata, “então você entrava na bagagem (...) que era [o lugar] de carregar carga”. Irônico, Cunha compara: “era igual boi, sabe? Quando o trem chegava era a boiada.”

²³ Depoimentos de Valdevino Raimundo da Silva, Joaquim Anselmo dos Santos, Milton Furlan e Irene Ramalho concedidos ao autor.

Tarcílio Bernardo em um dos seus discursos na Câmara Municipal utilizou-se de comparação semelhante para criticar os serviços ferroviários na região:

“Essa ferrovia (...) proporciona aos moradores daquela localidade verdadeira revolta pelas irregularidades costumeiras que apresenta. Os horários não são obedecidos, as composições são verdadeiros chiqueiros, pela falta de higiene reinante, e o transporte da população é feito como se a mesma fosse um novo tipo de gado: o gado humano.”²⁴

Para além de vagões lotados, das péssimas condições de viagem e de atrasos cotidianos, acidentes eram relativamente comuns nas ferrovias paulistanas. Um dos mais graves acidentes da história da cidade ocorreu justamente na linha que liga São Miguel ao Brás. Em junho de 1959, uma colisão perto da estação de Engenheiro Goulart deixou 48 pessoas mortas e mais de 100 feridas. Elvira Souza de Alcântara lembra desse acidente e que ficou “muito impressionada com aquilo. Foi uma coisa terrível, aquele monte de gente, todos mortos.” Amauri da Cunha estava no trem acidentado e ficou profundamente marcado pelo acontecimento. “Aquilo”, relembra, “foi a coisa mais horrorosa que eu já vi na minha vida. Aquela batida foi tão forte que ninguém ficou de pé, (...) um ia caindo por cima do outro. Uma coisa feia mesmo.”²⁵

Apesar de ainda bastante utilizado, ao longo dos anos 50, o transporte ferroviário foi paulatinamente perdendo a condição de principal meio de locomoção para os trabalhadores e habitantes de São Miguel Paulista. Na verdade, fenômeno semelhante ocorria na maior parte da região metropolitana, com o transporte rodoviário ganhando progressivamente a condição de meio cada vez mais requisitado e preferido.²⁶

²⁴ Entrevistas de Cícero Antônio Pereira e Amauri da Cunha concedidas ao LabDoc –Unicsul e *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 230ª sessão ordinária, 14 de agosto de 1957.

²⁵ Entrevistas de Elvira Souza de Alcântara e Amauri da Cunha concedidas ao LabDoc-Unicsul.

²⁶ Langenbuch mostra que entre 1940 e 1965 o número de trens diários na região metropolitana cresceu em 130%, “enquanto a população cresceu quase seis vezes mais.” Neste período, ocorre “uma participação cada vez maior e mais importante da circulação rodoviária no sistema de transporte. (...) A ferrovia não consegue acompanhar o ritmo de desenvolvimento suburbano por ela gerado.” Cf. Juergen Richard Langenbuch. *A estruturação...*, p. 190.

No entanto, os ônibus também estavam longe de atender, tanto quantitativa, quanto qualitativamente, às exigências dos usuários dos subúrbios paulistanos. São Miguel “era péssimo de condução”, lembra Henriqueta Lopes Fernandes, resumindo uma recordação comum dos antigos moradores do bairro.²⁷

A primeira linha regular estabelecida no bairro ligava São Miguel ao bairro da Penha. Inicialmente pertencente a um corretor de imóveis da região, “o húngaro Geny (...) [que] em 1945 já tinha três ônibus e uma garagem”. A linha e os veículos foram adquiridas por Antônio Marqui da Silva, o Toninho, que criou a viação Auto-Ônibus Penha-São Miguel, operando na região a linha que ligava São Miguel à Penha e a intermunicipal entre a Praça Clóvis Bevilacqua (no centro de São Paulo) e o Bairro dos Pimentas (bairro vizinho a São Miguel, localizado no município de Guarulhos). Em 1952, a empresa municipal de transportes, CMTC, passou a operar a linha 202, “que saía da Rua da Estação defronte ao número 30 até o Parque D. Pedro II”, no centro da capital. Além destes itinerários, o bairro, nos anos 50, possuía uma linhas para o Itaim Paulista e Ermelino Matarazzo, além de ser servido pelo “poeirinha”, ônibus que ligava São Miguel ao vizinho distrito de Itaquera, e que tinha a alcunha pois em seu trajeto, as ruas “eram todas de terra”, como lembra o freqüente usuário José Pedro.²⁸

Tais linhas, entretanto, nem de longe atendiam a demanda da população do bairro e as reclamações eram constantes. Valdemir Lopes da Silva, natural do Rio Grande do Norte, trabalhava no centro de São Paulo naquele período e recorda-se que “a empresa do ônibus Penha-São Miguel [possuía] dois ônibus Chevrolet de cara comprida. Um ia e o outro vinha. Levava mais de duas horas daqui até a Penha.” Já o mineiro José Amaro Sobrinho, logo na semana seguinte que chegou à São Miguel, em agosto de 1954, precisou ir ao centro da cidade para “tirar a carteira profissional.” Ficou muito espantado com a distância e o tempo da viagem. “Eu

²⁷ Entrevista de Henriqueta Lopes Fernandes concedida ao LabDoc-Unicsul.

gastava”, conta, “duas horas de São Miguel à Penha e da Penha a gente tomava um bonde até a Praça da Sé.”²⁹

Além dos poucos ônibus e da demora para chegar ao centro de São Paulo, os custos com o transporte eram elevados. “As empresas particulares”, relatava o vereador Bernardo em 1956,

“além de deficientes, ainda cobram tarifas exorbitantes, de 8, 9 e 17 cruzeiros, tarifas essas que não podem ser pagas pela maior parte da população de São Miguel (...). Por seu lado a CMTC, que oferece o mesmo transporte por preço acessível, vem diminuindo dia-a-dia, o número de carros na linha (...) Os operários perdem dias de serviço por falta de condução, diminuindo-lhes os minguados ganhos.”³⁰

Assim como nos trens, os usuários dos precários serviços de ônibus da região também estavam sujeitos ao perigo dos acidentes. Ainda na Câmara Municipal, outro vereador residente no bairro pedia, em janeiro de 1957, providências ao serviço de trânsito para evitar os “costumeiros desastres que lá [em São Miguel] ocorrem.” Henriqueta Lopes Fernandes tem a lembrança de ‘costumeiros’ acidentes com ônibus na “curva da morte [perto da] Nitro Química”. Um deles capotou com “duas vizinhas minhas (...). Quando chegava perto da curva, todo mundo se benzia”, relata Henriqueta. Notícias sobre colisões e atropelamentos em São Miguel eram estampadas com alguma frequência nas páginas dos jornais paulistanos. Assim, *O Estado de São Paulo*, por exemplo, relatava em agosto de 1952, o “desastre na Estrada de São Miguel (...) próximo à curva da morte”, ou ainda em 1948, o acidente ocorrido

“ontem às 19h40, na estrada de São Miguel, o auto-lotação número 43.965, cujo motorista fugiu, colidiu violentamente com o auto-ônibus número 336.842 de Mogi

²⁸ Cf. Aurélio Gaudêncio Ferreira Gonçalves, Maria de Fátima Bandeira dos Santos e Vera Lúcia Bandeira dos Santos. *São Miguel ...*, p. XVII.

²⁹ Entrevistas de Valdemir Lopes da Silva e José Amaro Sobrinho concedidas ao LabDoc-Unicsul.

³⁰ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 30ª sessão ordinária, 30 de abril de 1956.

das Cruzes, dirigido pelo motorista Luís Gomes da Silva. Ficaram feridas no desastre três pessoas que viajavam no auto-lotação.”³¹

Este quadro geral de carências e privações reforçava uma imagem de isolamento e abandono do bairro de São Miguel. Distante geograficamente do centro de São Paulo e reputado como uma das regiões mais pobres da cidade, o distrito era freqüentemente visto como um contraponto à riqueza e opulência da capital bandeirante. Por vezes, chegava a ser considerado como pertencente à outra cidade vizinha ou como município autônomo. Em abril de 1960, por exemplo, o vereador Aurelino de Andrade repreendia o diretor do serviço de trânsito municipal que havia chegado “ao absurdo de dizer que São Miguel Paulista era município que não pertencia a São Paulo.”³²

São Miguel caracterizava-se no imaginário dos habitantes da cidade como um bairro dos pobres. Longe e carente ‘de tudo’, era para lá que se dirigiam grande parte dos mais pobres e destituídos, particularmente, os migrantes. Significativamente foi em São Miguel que nasceram Leni, Geni, Darci e Ailton em 1954. Em meio às comemorações do quarto centenário da cidade foram alcunhados de ‘quadrigêmeos do centenário’ pela imprensa. Cinco anos depois, uma reportagem do *Última Hora* foi checar como viviam os irmãos na “pobre residência de seus pais (...), na Vila Rosária em São Miguel Paulista”. Constataram que os “quatro pretinhos (...) ganharam só a fama”. O “pedreiro João Romualdo da Costa”, prosseguia a matéria,

“é o pai das crianças. Arrebenta-se, como diz, para sustentá-los, além de seus outros três filhos (...). Dona Josefina da Costa, a mãe, lava roupas, cozinha e faz serviços de limpeza para ajudar. Mas falta muito para se viver sem tremendas frustrações. E os quadrigêmeos famosos, maltrapilhos, mal nutridos, posaram para as fotografias (...).

³¹ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 124ª sessão ordinária, 31 de janeiro de 1957; entrevista de Henriqueta Lopes Fernandes concedida ao LabDoc-Unicsul e *O Estado de São Paulo*, 26 de agosto de 1952 e 22 de setembro de 1948.

³² *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 32ª sessão ordinária, 19 de abril de 1960.

Agora são apenas filhos do pedreiro João e da lavadeira Josefina. Não pertencem mais à cidade, que depois de adotá-los para seus festejos, os abandonou definitivamente na pobreza.”³³

A pobreza de seus habitantes, a ausência de uma infra-estrutura urbana adequada e um suposto alto índice de violência e criminalidade caracterizava, em grande medida, São Miguel para o restante da população paulistana. Irene Ramalho, moradora na região desde os anos 40, lembra que “naquele tempo” o bairro “tinha uma fama muito ruim (...). Quando falava em São Miguel todo mundo ficava apavorado.”³⁴

Se, de um lado, tal ‘fama’ acentuava, entre os moradores do bairro, uma certa imagem de ‘segregação’ e estigmatização, por outro, reforçava a construção da idéia de uma comunidade específica com uma identidade comum. Entre as características auto-atribuídas desta identidade figurava com destaque a noção de São Miguel como um bairro de trabalhadores. Não à toa, a grande maioria dos discursos e pronunciamentos dos representantes de São Miguel na Câmara Municipal referia-se invariavelmente ao bairro como local de moradia de trabalhadores pobres. Assim, Tarcílio Bernardo, por exemplo, em um de seus primeiros discursos na tribuna parlamentar apresentava São Miguel como “exclusivamente habitado por humildes operários, pessoas que vivem do seu trabalho.” Augusto Ferreira Lima reforça essa caracterização. “Naquele tempo”, afirma, “eram poucos os ricos (sic), a elite em São Miguel, (...) o resto era tudo trabalhador [e] operário da Nitro.”³⁵

Para seus moradores as noções de isolamento e abandono também faziam parte do imaginário do bairro. São Miguel era um “bairro afastado e totalmente abandonado”, conta Antônio Nilton de Lima. “Havia um grande descaso das autoridades”, relembra José Caldini

³³ *Última Hora*, 22 de abril de 1959.

³⁴ Depoimento de Irene Ramalho concedido ao autor.

³⁵ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 210ª sessão ordinária, 9 de outubro de 1953 e depoimento de Augusto Ferreira Lima concedido ao autor.

Filho, “ninguém cuidava de São Miguel.” Os vereadores do bairro faziam grande eco a essas reclamações. “É contristador”, discursava em 1957, Tarcílio Bernardo, “o abandono a que vem sendo relegado o distrito de São Miguel Paulista.” Aurelino de Andrade também batia na mesma tecla e reclamava que para as autoridades, “os munícipes da periferia parecem que não residem na capital.”³⁶ Já em 1948, a reportagem do *Correio Paulistano* destacava a desatenção das autoridades municipais para os problemas do bairro, mas também louvava a autonomia e iniciativa dos próprios moradores. Quando o bairro quer, relatava o jornal,

“consertar as suas ruas esburacadas dirige-se à uma das fábricas e solicita auxílio material, completado posteriormente pela boa vontade da população que se prontifica, com a sua mão de obra popular e espontânea a completar a ação. Graças a essa capacidade de viver por si só, sobrevive o histórico subúrbio.”³⁷

Como veremos, essas noções de abandono e isolamento por parte dos residentes em São Miguel tiveram conseqüências políticas importantes. Uma delas, foi o fortalecimento da idéia de que o distrito deveria constituir-se numa cidade autônoma em relação ao município de São Paulo. Osvaldo Pires de Holanda, um dos líderes do movimento pela autonomia de São Miguel no início dos anos 60 conta que o fato do bairro ser “completamente abandonado” era sua principal argumentação para separá-lo da capital. Segundo Osvaldo,

“a adesão era grande demais porque nós dizíamos: ‘São Miguel não tem nada. Não tem iluminação pública, não tem asfalto, não tem água e esgoto’. Nós para pagarmos uma conta de luz (...) [tínhamos que] pagar no centro da cidade!”³⁸

De toda forma, as condições do bairro e suas carências não faziam parte da expectativa de ‘progresso’ associada a São Paulo e certamente esperada pelos milhares de migrantes que

³⁶ Entrevista de Antônio Nilton de Lima concedida ao LabDoc-Unicsul; depoimento de José Caldini Filho concedido ao autor e *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 210ª sessão ordinária, 13 de junho de 1957 e 259ª sessão ordinária, 16 de março de 1960.

³⁷ *Correio Paulistano*, 11 de abril de 1948.

³⁸ Depoimento de Osvaldo Pires de Holanda concedido ao autor.

buscaram oportunidades na cidade. Tal imagem era, no anos 50, fortemente estimulada pelo discurso de governantes e empresários. ‘A cidade que mais cresce no mundo’ e ‘São Paulo não pode parar’ eram alguns dos slogans constantemente repetidos e divulgados pela orgulhosa imprensa paulistana. A São Paulo encontrada pelos migrantes, em grande medida, estava distante do ufanismo da mídia local. Os moradores das regiões pobres da cidade, no entanto, rapidamente perceberam a diferença entre as várias ‘cidades’ existentes em São Paulo e que o ‘progresso’ almejado não chegava automaticamente com o desembarque deles na capital. Ele precisava ser reivindicado e sua conquista teria que ser objeto de intensas mobilizações e lutas.³⁹

Migrantes, ‘elite’ e ‘mistura’

Pode-se considerar que no período do pós-guerra São Miguel, em comparação com outras regiões da cidade, apresentava uma relativa uma relativa homogeneidade social do bairro pode ser percebida, por exemplo, em um levantamento das profissões existentes no bairro em 1948. A pesquisa foi realizada pelo Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo entre os 4.082 eleitores inscritos do distrito de Baquirivu (nome oficial de São Miguel entre 1945 e 48),⁴⁰ o que correspondia a cerca de 19% do total de habitantes, calculado em 21.039. Para a cidade de São Paulo como um todo o índice de eleitores inscritos representava, em 1948, cerca de 27% da população. O grande número de migrantes e recém chegados certamente influenciava para um número menor de inscritos para votar no que no conjunto da cidade. Além disso, a provável

³⁹ O descompasso entre a imagem de progresso associada a São Paulo e as reais condições encontradas pela população nos bairros pobres da cidade continuaria a ser percebido por sucessivas levas de migrantes que chegavam à cidade. O atual presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Luiz Marinho, conta, por exemplo, que em meados dos anos 70 quando sua família transferiu-se do interior do estado para o Parque São Rafael, na zona leste da capital, “foi o meu choque, porque eu pensava: ‘bom, São Paulo, prédios, muitos carros, movimento... até meio assustador’. Mas ao chegar vi que a avenida era o único lugar asfaltado, estava chovendo, então era lama para todo lado. Falei: ‘mas em que diabo de São Paulo eu vim parar? Um bairro que é só barro e buraco’.” Cf. entrevista de Luiz Marinho. *Caros Amigos* n.57, dezembro de 2001.

⁴⁰ Cf. *Boletim Eleitoral do Tribunal Regional do Estado de São Paulo*, n. 42, 17 de fevereiro de 1949..

maior presença de analfabetos sem direito de voto rebaixava a proporção de eleitores. De qualquer forma, o levantamento é, provavelmente, bastante próximo do perfil profissional do bairro:

Profissão	Total
Advogados	0
Agricultores	69
Bancários	1
Comerciantes	44
Comerciários	113
Dentistas	5
Engenheiros	2
Farmacêuticos	3
Ferrovários	42
Industriais	10
Industriários	2.171
Médicos	1
Militares	6
Operários	807
Prendas Domésticas	419
Professores	23
Servidores Públicos	55
Trabalhadores em transporte (exceto ferroviários)	60
Profissões Diversas (Empregadores)	9
Profissões Diversas (Empregados)	232
Outros	11

Observados estes dados, a presença de trabalhadores na indústria é marcante. Somente a soma dos itens 'industriários' e 'operários', por exemplo, compunha 73% da população economicamente ativa do bairro. Se considerarmos as outras profissões populares assalariadas (ferrovários, comerciários, etc.), o índice ultrapassa os 80%, demonstrando uma enorme concentração em poucos ofícios. Chama a atenção ainda a paupérrima presença de profissionais considerados de classe média, como advogados, médicos, dentistas, etc. Infelizmente, não dispomos de levantamentos semelhantes para os anos 50 e 60, quando certamente ocorreu uma maior diversificação, tanto do número de profissões, quanto de sua distribuição entre a população

de São Miguel. No entanto, como vimos anteriormente, a majoritária presença de operários industriais e de profissões manuais no bairro seria mantida.

Se, por um lado, é evidente a constituição de uma ampla rede social em São Miguel Paulista com grande repercussão política e cultural, convém, por outro, não exagerar a dimensão das relações solidárias entre os trabalhadores do bairro. Embora bastante homogêneo para os padrões da cidade de São Paulo, São Miguel comportava diversas diferenciações internas que periodicamente davam margem para tensões e disputas. A grande concentração de operários industriais não cria por si só solidariedade e sentimentos comunitários, como bem nos adverte David Crew,⁴¹ mas certamente, indicava um razoável compartilhamento de experiências comuns.

Em uma comunidade tão fortemente marcada pela presença de uma fábrica como foi São Miguel entre os anos 30 e 60, era previsível que a divisão no local de trabalho entre chefes, técnicos especializados e operários em geral tivesse repercussão na vida do bairro. A face mais visível dessas distinções expressava-se com relativa clareza nos locais de moradia dos trabalhadores nas diversas vilas e localidades da região.

Dois núcleos habitacionais foram construídos pela empresa quase que simultaneamente à instalação da Companhia Nitro Química no final dos anos 30, ampliando imediatamente a área do bairro para além do centro colonial existente em torno da velha igreja dos tempos do aldeamento jesuíta e da grande praça ao seu redor.⁴² O primeiro destes núcleos era principalmente dedicado aos técnicos e engenheiros estadunidenses que participaram da montagem e da primeira fase de produção da indústria entre 1936 e o início dos anos 40. Por esta razão, ficaria conhecido como Vila Americana. Já o segundo conjunto residencial, chamado de Vila Nitro Química, destinava-se

⁴¹ Crew critica a idéia de que “interdependência mútua, solidariedade e apoio coletivos sejam considerados conseqüências ‘naturais’ da posição dos trabalhadores na sociedade capitalista, fluindo a partir das relações primárias no trabalho e no bairro.” Cf. David Crew. “Class and ...”, p. 279.

⁴² Aroldo Azevedo, em 1945, denominou São Miguel como ‘cidade dupla’ em referência a este contraste entre a arquitetura colonial da praça, igreja e região circunvizinha e os “bairros novos” criados com a chegada da Nitro Química. Cf. Aroldo de Azevedo. *Subúrbios orientais...*, pp. 129-131.

aos trabalhadores da empresa, particularmente encarregados, chefes de seção e departamentos, vigias e outros empregados com funções estratégicas na companhia.

A Nitro Química utilizava as casas nestas vilas como atrativo para fixar a mão-de-obra qualificada e/ou essencial para sua produção. Contando com um intenso fluxo de afluência de trabalhadores a partir dos anos 40 e, simultaneamente, com altíssimos índices de rotatividade de grande parte de sua mão-de-obra, a empresa não se interessou por universalizar o acesso às casas para o conjunto de seus empregados. Já no início dos anos 40, novos núcleos habitacionais, como a Vila Nitro Operária, o Parque Paulistano e a Vila Curuçá, começaram um processo de acelerada expansão com a chegada das levas de migrantes e novos moradores. Como vimos, os novos loteamentos expandiriam ainda mais a área geográfica de São Miguel, com o surgimento de inúmeras vilas e jardins no bairro. Na Vila Nitro Química, no entanto, o acesso à moradia permaneceu limitado a uma parcela restrita dos trabalhadores da empresa, considerada por muitos como privilegiada. Já a pequena Vila Americana, tida como reduto dos mais altos cargos da empresa, mesmo após a saída dos funcionários norte-americanos, continuou sendo considerada como uma área ‘nobre’ de São Miguel.

José Caldini Filho, por exemplo, considera que a Vila Americana era a vila da “elite” de São Miguel, onde moravam “os engenheiros e (...) aqueles comerciantes que estavam um pouco melhor de vida.” A pequena lojista Salomé Igel também reitera que “os engenheiros (...), os chefes da Nitro Química moravam lá na Vila Americana”. Nair Cecchini, que residia na Vila Nitro Química, faz uma distinção entre seus vizinhos e os moradores da Vila Americana. Nesta, onde “os chefes moravam”, muitos tinham o “nariz arrebitado” e não costumavam ajudar aos vizinhos. Imagem semelhante é usada por Ana Maria Silvério Rachid para se referir aos chefes de

seção da Nitro Química e suas famílias. Para ela, muitos deles eram “os nariz em pé, (...) pareciam que estavam com rei na barriga (risos).”⁴³

A separação geográfica das moradias do bairro em diferentes regiões não obedecia apenas às diferenciações sociais ou entre chefes e operários da companhia. Como vimos, muitas ruas e vilas concentravam moradores oriundos de uma mesma região. A Vila Nitro Operária, por exemplo, era considerada o principal reduto de nordestinos, particularmente baianos e piauienses. Muitos mineiros, por sua vez, concentraram-se na Vila Eiras, cujos nomes das ruas “reportavam seus moradores à lembrança de suas cidades de origem (...): Estiva, Camanducaia, Cambuí, Extrema, Praça Pouso Alegre, entre outras.”⁴⁴

De qualquer forma, é perceptível a constituição, ao longo deste período, de uma certa elite social local, que de alguma forma procurava diferenciar-se da grande maioria de trabalhadores pobres e operários braçais. Além dos chefes de seção e dos poucos engenheiros e profissionais liberais do bairro, eram alguns comerciantes e as chamadas ‘famílias tradicionais’ que compunham a maior parte dos membros desta ‘elite’ de São Miguel.

Instalados no bairro desde muito antes da presença da Nitro Química, os Lapenna são um bom exemplo de uma das famílias são-miguelenses consideradas mais ‘conceituadas’. Os Lapenna eram proprietários de olarias na região e, com o intenso crescimento de São Miguel entre os anos 40 e 50, expandiram bastante seus negócios com a venda de tijolos e materiais para construção. Em 1953, ampliaram sua área de atuação com a inauguração do Cine Lappena na praça central do bairro. Também a família Miragaia obteve sucesso graças à vertiginosa expansão da região. Vendendo terrenos nos vários loteamentos existentes, os Miragaia enriqueceram, tornando-se uma das famílias mais conhecidas na localidade. Cícero Antônio de Almeida,

⁴³ Depoimentos de José Caldini Filho, Salomé Igel, Nair Cecchini e Ana Maria Silvério Rachid concedidos ao autor.

⁴⁴ Cf. Antonia Sarah Aziz Rocha. *O bairro à sombra...*, p. 20.

migrante potiguar e morador de São Miguel desde de 1946, resume: a família “Miragaia vendia os terrenos e os Lapenna vendiam os tijolos para nós tocar São Miguel [a] crescer.”⁴⁵

Tais distinções sociais tinham grande influência na vida comunitária e política do bairro. Um exemplo pode ser visto na esfera recreativa e social. Nos anos 40, por exemplo, os sócios do Esporte Clube São Miguel, membros das família consideradas tradicionais no bairro, dificultavam bastante a associatividade à instituição. “Naquele tempo”, explica Nelson Bernardo, “vinha gente de todo o lado e a turma não admitia mistura.” Anos mais tarde, descontentes com “a mistura muito grande” que existia no clube da Nitro Química, já que “todo empregado era obrigado a ser sócio”, um “grupo de famílias de São Miguel, inclusive alguns chefes, achavam que devia ter um clube assim mais selecionado” e, em meados da década de 50, fundaram o Clube dos 200, com a clara intenção de “proporcionar à sociedade de São Miguel um clube mais fechado (...) e mais selecionado.” Idéias semelhantes estiveram na base da criação dos chamados clubes de serviço, como o *Lions* e o *Rotary* nos anos 60.⁴⁶

Oswaldo Pires de Holanda chegou a ficar sócio do Clube dos 200. “Era uma sociedade recreativa”, recorda-se, “fazia muito baile (...) e funcionou durante muito tempo.” Holanda também se lembra das distinções sociais presentes no clube: “depois que esses bailes começaram a se tornar muito populares, as pessoas assim de mais destaque foram se afastando até que fechou.” Para ele havia uma clara divisão social em São Miguel. As famílias

“tradicionais do bairro (...) nunca se misturaram. Os Lapenna, os Miraguaia, os Rachid, os chefes da Nitro Química, eles não se misturavam não. Chefe era chefe. Viviam ali, naquele tempo era na Vila Americana, eram os chefes da Nitro Química. Essa gente era a elite.”⁴⁷

⁴⁵ Cf. Geraldo Antônio. “As 10 maiores personalidades de São Miguel Paulista”, p. 40; e entrevista de Cícero Antônio de Almeida concedida ao LabDoc-Unicsul.

⁴⁶ Cf. Depoimento de Nelson Bernardo e depoimento citado por Antonio Augusto Arantes Neto. *Produção cultural e...*, pp. 33-4.

⁴⁷ Depoimento de Oswaldo Pires de Holanda concedido ao autor.

Claro que, se comparado ao conjunto da cidade, o grau de convivência entre o vários setores sociais de São Miguel era relativamente alto. A própria necessidade da chamada ‘elite’ do bairro em constituir espaços próprios e reservados é um indicador de que a ‘mistura’ era bem maior do que a desejada por eles. Professora do ensino primário no bairro entre as décadas de 40 e 70, Ana Maria Silvério Rachid, ela própria casada com um dos membros de uma família de comerciantes tradicional na região, se orgulha de ter sido “professora de todos em São Miguel”. Na sala onde dava aula, havia “filhos de chefes e operários”. O “meu marido”, relembra,

“queria botar o nosso filho (...) naquele colégio Salesiano em São Paulo. Eu disse: ‘não senhor! ele vai ficar no Grupo mesmo para conviver com todo mundo, pobre, rico, não é? ‘Nós vamos fazer igualzinho o Doutor Albano’ [um dos médicos atuantes no bairro entre os anos 40 e 60]. Os filhos dele foram educados no Grupo.”⁴⁸

Nos anos 40 e 50, as divisões sociais no bairro ainda tinham uma forte correspondência com as distinções entre, de um lado, aqueles com posições de mando na Nitro Química e famílias consideradas tradicionais, e de outro, os migrantes em geral.⁴⁹ A primeira geração de migrantes nordestinos teve acesso bastante restrito às posições mais influentes na vida da comunidade, embora rapidamente a participação política e em movimentos sociais, como veremos, tenha alterado esta situação. De qualquer forma, a maioria dos nordestinos permaneceu bastante associada ao trabalho industrial e excluída de qualquer noção de ‘elite’ na região. Para alguns, entretanto, as atividades comerciais foram um meio de buscar uma certa ascensão e também uma posição considerada ‘superior’ na escala social do bairro, mesmo tendo sido raros os casos bem sucedidos neste sentido.

⁴⁸ Depoimento de Ana Maria Silvério Rachid concedido ao autor.

⁴⁹ É interessante notar como esta distinção entre os ‘estabelecidos’ e ‘os de fora’ também era forte em São Miguel, uma comunidade com um fluxo muito intenso de migrantes, onde, de uma forma ou de outra, a imensa maioria dos habitantes podia ser considerada como ‘de fora’ em alguma medida. Sobre a relação entre ‘estabelecidos’ e ‘os de fora’ ver o interessante estudo de Norbert Elias e John L. Scotson. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2000.

Ao longo deste período, o pequeno comércio foi uma das atividades que mais se desenvolveu na região. Apesar disso, o crescimento do bairro e o surgimento de novas vilas não eram acompanhados de maneira proporcional pelo surgimento de lojas que suprissem as variadas necessidades da população. Relatando a vida em São Miguel em 1945, um antigo morador escrevia:

“podia-se contar nos dedos os empreendimentos comerciais existentes, por exemplo: Farmácia da Companhia Nitro Química Brasileira, sob a direção do farmacêutico Armando Cridey Righetti; Padaria do Sr. José Caldini; Lojas: Casa São José do Sr. José Badra; A Econômica do Povo, do Sr. Henrique Piateka; Casa Para Todos do Sr. Herman Koshitz e a venda do Sr. Nestor de Oliveira. Restaurante, só um também, e a despeito do nome pomposo – Restaurante Internacional, a comida era de pior qualidade e asseio, mas era onde os engenheiros e chefes da Cia. Nitro Química faziam suas refeições de segunda à sexta-feira.”⁵⁰

Mesmo na décadas seguintes a insuficiência da vida comercial do bairro permaneceu. Elza Alcântara de Araújo, nascida em São Miguel em 1954 lembra, por exemplo, que em sua infância e adolescência seu pai “ia comprar pão de bicicleta, de tão longe que era”. O “comércio era tudo longe”, acrescenta, “a gente ia fazer compras lá no Brás (...) tudo que ia comprar era tudo na cidade.” Elvira Souza de Alcântara, migrante baiana e residente no bairro desde 1952, também detalha a escassez do comércio na região e a necessidade de grandes deslocamentos para consumir: “aqui [em São Miguel] não tinha nada, nada...Se você quisesse comprar uma roupa tinha que ir na cidade. Tudo era lá para a cidade.”⁵¹

Os famosos empórios, mercadinhos ou quitandinhas tornaram-se paulatinamente as casas comerciais mais freqüentes na região. Elas buscavam suprir as dificuldades que os moradores, em

⁵⁰ Cf. *História do Esperanto Klubo “Zamenhof” em São Miguel Paulista*. São Paulo, 1999, p. 3.

⁵¹ Entrevistas de Elza Alcântara de Araújo e Elvira Souza de Alcântara concedidas ao LabDoc-Unicsul.

particular os dos novos loteamentos e vilas, tinham em relação ao suprimento de alimentos e gêneros de primeira necessidade em geral. A cooperativa da Nitro Química, principal centro de abastecimento do bairro ao longo dos anos 50 tornava-se claramente insuficiente para atender a enorme demanda da população. Apenas os funcionários da companhia tinham direito ao seu serviço e, além disso, a cooperativa ficava localizada no centro de São Miguel, distante, portanto, dos usuários que moravam nas vilas mais afastadas, forçados assim, a longas caminhadas para fazer suas compras. Amauri Cunha recorda-se que a cooperativa “tinha tudo que você necessitava, (...) sapato, arroz, tudo, tudo, (...) era completo”, mas eram “seis mil pessoas para uma cooperativa” e “chegava no fim de semana, (...) ficava lotado de gente para comprar. Era ruim.”⁵²

Assim, os empórios e pequenos mercados, usualmente também funcionando como bares e botecos, ocupavam este espaço de abastecimento da população do bairro ao longo de suas vilas. “Tinha muitos empórios. Empórios tinha em toda a [parte] do bairro”, comenta José Venâncio, residente em São Miguel desde 1953. Maria José Ferreira Jensen lembra que naquela época no lugar dos supermercados, “havia empórios” e que foi graças ao empório que seu tio tinha que ele próprio “sobreviveu, criou os filhos e ajudou a criar a gente.”⁵³

Muitos trabalhadores viam na montagem de um pequeno comércio a possibilidade de um rendimento complementar ao salário recebido na Nitro Química. Trabalhando na empresa há três anos, Jorge Gonçalves Lula resolveu, em 1959, construir um pequeno salão em frente à sua casa para montar um empório no Jardim São Vicente, vila até então desprovida de qualquer comércio. Durante 5 anos manteve-se trabalhando na fábrica e, nas horas vagas, em sua venda. Com o relativo sucesso do empreendimento, “em 1964 eu marquei a conta e saí [da Nitro].” Em 1947, Lídia Castelani Gomes também aproveitou um salão existente na casa do seu sogro e, em

⁵² Entrevista de Amauri Cunha concedida ao LabDoc-Unicsul.

⁵³ Entrevistas de José Venâncio e Maria José Ferreira Jensen concedidas ao LabDoc-Unicsul.

conjunto com seu marido, montou um pequeno “botequinho” perto da rua da fábrica. “Eu trabalhava na Nitro e tinha o bar,” relembra Lúdia, “eu ficava de manhã no bar e ele [seu marido] descansava. Depois eu ia para a Nitro, cinco e meia eu entrava para a fábrica (...) e meu marido ficava. Às vezes amanhecia com freguês no bar.” Irene Ramalho era uma jovem funcionária da Cooperativa da Nitro Química nos anos 40, e havia adquirido alguma experiência com o comércio. Noiva, percebe, juntamente com seu futuro marido, “que trabalhar só na firma não ia dar”. Decidem então economizar e, logo após o casamento, montam uma pequena venda na Vila Nitro Operária, onde moravam.⁵⁴ Alguns, impossibilitados de investir na montagem de um bar, empório ou loja, tinham no comércio ambulante uma opção. Foi o caso do alagoano Oscar Pereira da Costa que, no final dos anos 40, após trabalhar como “servente de máquinas na Cia. Nitro Química” tornou-se “vendedor ambulante (camelô), trabalhando nas feiras livres” de São Paulo.⁵⁵

Quando o negócio prosperava, seus proprietários invariavelmente abandonavam seus empregos na fábrica para dedicarem-se exclusivamente ao comércio. Além dos maiores rendimentos, as vendas permitiam escapar das várias dificuldades e perigos inerente ao trabalho fabril na Nitro. Além disso, a localização da casa comercial, geralmente nas próprias residências ou muito próximas a ela, era vista como uma grande vantagem, particularmente pelas mulheres, que podiam assim conciliar tais atividades com os afazeres domésticos e a criação dos filhos. O comércio permitia também a participação dos filhos e de outros familiares na montagem dos rendimentos do lar. No entanto, não era tão fácil abrir uma loja, por mais precária que fosse. Além de um pequeno capital, no mais das vezes inacessível para a maioria dos operários e moradores do bairro, administrar o negócio exigia dedicação e experiência. Não era raro o fracasso destes pequenos empreendimentos.

⁵⁴ Depoimentos de Jorge Gonçalves Lula, Lúdia Castelani Gomes e Irene Ramalho concedidos ao autor.

⁵⁵ Deops/SP, Daesp. Dossiê 43-Z-0, fls. 909.

Mais raros ainda foram os casos de negócios que se expandiram e tornaram seus proprietários grandes comerciantes na região. A família Rachid foi uma destas poucas exceções. Wilson Rachid “foi retorcedor de fio de nylon da Nitro. Saiu para montar a primeira borracharia e auto elétrico [de São Miguel]. Cada um dos Rachid implantou um negócio próprio” e tornaram-se uma das famílias mais bem sucedidas do bairro. Migrantes sírio-libaneses, os Rachid já tinham, porém, toda uma experiência na área comercial. O pai tinha tido uma loja de tecidos no interior paulista e acumulado algum capital que muito ajudaria os passos dos filhos em São Miguel.⁵⁶

Evidentemente, era grande a participação de migrantes nordestinos no comércio local, em particular nos empórios e bares das vilas do bairro, muitos inclusive especializados nas iguarias do Nordeste, como lembra José Amaro Sobrinho, mineiro que mudou-se para São Miguel no “dia que mataram Getúlio Vargas”. Segundo ele, “casa do norte é o que mais tinha em São Miguel.” Antônio Pereira da Mata também recorda-se que quando chegou ao bairro em 1952, já havia “alguns restaurantes aqui cuja alimentação era parecida com a do Norte.” Apesar disso, na lembrança dos moradores é comum a associação do comércio local com a presença de migrantes estrangeiros. Se na área atacadista de alimentos, o “mercado do Japonês” no centro do bairro é lembrado, para a compra de tecidos, roupas e móveis, são os ‘turcos’ a referência.⁵⁷ Elza Jardelina dos Santos, por exemplo, afirma que o comércio em São Miguel era composto de “quitandas e (...) lojas de turcos. Era o que mais tinha.” Cícero Antônio Pereira reitera que nos anos 50, “na Rua da Estação” tinha “um comércio de lojas de roupas e móveis de uns turcos.”⁵⁸

É improvável que ‘turcos’ estivessem atuando no comércio de São Miguel nos anos 50. Aliás, além da tradicional confusão com os sírio-libaneses, genericamente chamados de ‘turcos’ na cidade, é possível que a denominação atingisse outras nacionalidades. Os Igels, por exemplo,

⁵⁶ Aristides Pimentel. *Cronologia comentada...*, p. 44 e depoimento de Ana Maria Silvério Rachid concedido ao autor.

⁵⁷ Entrevista de Amauri Cunha concedida ao LabDoc-Unicsul e depoimento de Lídia Castelani Gomes concedido ao autor.

⁵⁸ Entrevistas de Elza Jardelina dos Santos e Cícero Antônio Pereira concedidas ao LabDoc-Unicsul.

eram judeus poloneses e durante muitos anos mantiveram uma loja próxima à estação, onde vendiam “roupas, tecidos, (...) sapatos, botas”. “No começo”, recorda-se Salomé Igel “tinha baldes, pratos, panelas de alumínio, utensílios domésticos, guarda-chuva, violão, chapéus (...). Mais para a frente o meu marido colocou móveis.” Mas, durante algum tempo o forte da loja foi a venda de faroletes. Salomé explica:

“Não tinha iluminação, eles desciam do trem no escuro, tateando (...). Então nós vendíamos muitos faroletes naquela ocasião. [Era] como se fosse uma padaria que vende pão, nós vendíamos faroletes. Vinha gente descendo do trem, vinte, trinta [pessoas] e compravam o farolete. O nosso pão de cada dia era o farolete.”⁵⁹

Como outras esferas da vida social de São Miguel, o comércio também girava em torno da Nitro Química e, obviamente dependia sobremaneira dos rendimentos proporcionados pela empresa. Nos anos 40, a relação era tão próxima que os valores das compras nas lojas do bairro chegavam a ser descontados na folha de pagamento dos trabalhadores da companhia. “Todos os negócios”, relembra a mesma Salomé Igel, “os poucos negócios que existiam” tinham “um pequeno convênio com a Nitro (...) [que] descontava na folha de pagamento” dos funcionários. “Era uma garantia”, acrescenta a comerciante, “porque as pessoas eram migrantes e eles podiam não pagar também.” Essa conexão com os comerciantes aos olhos dos operários reforçava ainda mais a imagem de poderio da empresa, como é possível perceber pelo relato de Artur Pinto de Oliveira:

“A Nitro Química em São Miguel era tudo, tudo, tudo, tudo! O comércio, todos os comerciantes (...) vendiam, faziam crediário... ‘Ah? É empregado da Nitro Química?’ Ia lá saber se tinha tempo de casa, não interessava se um mês, dois meses... É empregado da Nitro Química? Tem crediário nas lojas de São Miguel.”⁶⁰

⁵⁹ Depoimento de Salomé Igel concedido ao autor.

⁶⁰ Depoimentos de Salomé Igel e Artur Pinto de Oliveira concedidos ao autor.

Mesmo nos anos 50, quando as possibilidades de compra se ampliaram e deixou de existir a prática do desconto em folha, a Nitro continuou influenciando enormemente o comércio local. Em uma assembléia durante a greve de 1957, por exemplo, o vereador Aurelino de Andrade “propugnou pela volta dos operários ao trabalho, a fim de que a indústria, depois de 48 horas, estude as bases de um acordo: 10 a 15% sobre os salários atuais fazendo notar que *o comércio local, em consequência do movimento, está virtualmente de portas fechadas.*”⁶¹ Somente a partir de meados da década de 70, com o declínio da empresa e a instalação de filiais de algumas redes de lojas populares é que ocorreria uma expansão mais vigorosa das comércio local.

‘Todo mundo conhecia todo mundo’

As relações de vizinhança, as amizades, a ajuda mútua e a solidariedade entre os moradores são elementos fortemente presentes na memória coletiva de São Miguel Paulista. Nas lembranças de seus antigos habitantes, o bairro entre os anos 40 e meados dos 60, mesmo enfrentando um processo de crescimento acelerado e intensas transformações, guarda uma aura comunitária, de um lugar onde “todo mundo conhecia todo mundo”, como destaca Maria das Graças Lins Cacian, que mudou-se para São Miguel em 1948. “Era como se fosse uma cidade do interior”, reforça Helena de Oliveira da Fonseca, também ela moradora do bairro desde a década de 40, “a gente fazia muita amizade”, acrescenta.⁶² Vilma Garcia Matos também ressalta o conhecimento mútuo e as relações entre a vizinhança quando rememora sua infância nos anos 40:

“Na rua que eu morava tinha uma casa grande, muito boa, que era a casa que nós fomos morar. Do lado, tinha uma vila de 13 casas (...) [de tipo] quarto, sala e cozinha.

Todas geminadas. Então a gente conhecia todos os vizinhos ali (...), todo mundo era

⁶¹ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-A-27, fls.198.

amigo da gente. Inclusive, quando veio a luz para São Miguel, meu pai foi a única pessoa que pôde comprar rádio na época. Na vizinhança, ninguém podia. Meu pai já era empregado [na Nitro Química], já ganhava melhor, então pôde comprar um rádio. Então, na minha casa era uma festa. Todo dia, as sete horas, a minha casa enchia de gente para ouvir a novela (...) *O direito de nascer.*”⁶³

Por sua vez, Osvaldo Pires de Holanda, após deixar seu emprego na Nitro Química em 1947, foi trabalhar em um banco no centro da cidade. Morando numa pensão, deslocava-se todo fim de semana para São Miguel “porque eu já tinha feito umas amizades aqui.” “A essa altura”, recorda-se, “eu já havia arranjado uma casa em São Miguel e trouxe os meus pais para cá.” A importância das amizades e das relações de vizinhança também são recorrentes nas recordações de Waldomiro Macedo sobre a São Miguel do final dos anos 50 e início dos 60. “Naquela época existia mais amizade”, compara. Quando alguém tinha um problema de saúde, por exemplo, “o vizinho mais próximo também socorria a pessoa a qualquer hora da noite ou do dia. Se precisasse do vizinho (...) o pessoal estava à sua disposição. (...) As pessoas se prontificavam em ajudar.” Para Roniwalter Jatobá, esta ajuda mútua estava relacionada à migração. “Como as pessoas sofrem, têm dificuldades ao vir para cá”, explica, “então elas são [solidárias], elas tentam ajudar. (...) Não tem lugar para dormir? Então dorme na sala (...) O cara divide o prato de comida com você, principalmente quando você é da mesma terra.”⁶⁴

Há, evidentemente, um caráter seletivo nestas recordações. A ênfase na riqueza e extensão das relações pessoais no bairro naquela época é claramente contrastada, nos depoimentos, com as dificuldades de manutenção destes mesmos padrões de relacionamento nos dias de hoje. O enorme crescimento do São Miguel e, principalmente, a violência cotidiana que castiga a região

⁶² Entrevista de Beatriz Maria Ribeiro concedida ao LabDoc-Unicsul e depoimento de Helena Oliveira da Fonseca concedido ao autor.

⁶³ Entrevista de Vilma Garcia Matos concedida ao LabDoc-Unicsul.

⁶⁴ Depoimentos de Osvaldo Pires de Holanda, Waldomiro Macedo e Roniwalter Jatobá concedidos ao autor.

teriam, na visão dos antigos moradores, diluído muito das relações de vizinhança e solidariedade que entre eles imperariam. Assim, há uma tendência a uma certa idealização de tais relações no passado, que comporiam uma espécie de ‘era dourada’ do bairro, na qual as amizades e auxílios mútuos são destacadas e superestimadas. Apesar disso, no entanto, os depoimentos nos remetem à construção de efetivas redes e laços de solidariedade grupais presentes em São Miguel naquele período. Redes e laços, inclusive, fundamentais para o processo de socialização de migrantes na nova cidade, como destacado por vários estudiosos dos processos migratórios e também anteriormente neste trabalho.⁶⁵

Neste sentido, a moradia perto de parentes, conterrâneos e pessoas já conhecidas era um importante elemento facilitador na vida dos migrantes. Roniwalter Jatobá, por exemplo, relata o caso de seu compadre Everaldo que, desde o início dos anos 60, “foi pouco a pouco trazendo todo mundo [de Bananeiras, vilarejo baiano de origem] para cá.” Aproveitando os baixos preços, compraram um terreno no Jardim Maia, perto do Itaim Paulista. Familiares e amigos “construíram as suas casas [em] mutirões. Todo domingo todo mundo [dava] uma mão para levantar, para fechar uma laje ou então para levantar uma parede.” As casas de Everaldo e seus parentes, “numa (...) vilazinha sem saída” tornaram-se, desde então, um verdadeiro “ponto de referência” para os oriundos de Bananeiras. “Sempre tinha trinta, quarenta pessoas por final de semana. (...) As pessoas [iam] lá se encontrar”, atesta Jatobá. Os piauienses, em particular, tornaram-se famosos no bairro por morarem perto de seus conterrâneos. “O pessoal do Piauí é muito unido”, explica o também piauiense Antônio Pereira da Mata. “Então tem assim o pessoal da gente [que] a gente se adapta bem melhor. (...) Essa coisa de um ajudar o outro... solidariedade”, acrescenta.⁶⁶

⁶⁵ Cf. Manoel T. Berlinck e Daniel J. Hogan. “Migração interna e adaptação...” e Eunice Durham. *A caminho...*

⁶⁶ Depoimentos de Roniwalter Jatobá e Antônio Pereira da Mata concedidos ao autor.

As casas eram freqüentes pontos de encontros de parentes e amigos. “Existia aquilo de você visitar a casa de um amigo (...) saía ia visitar a casa de um, a casa de outro ou eles vinham na casa da gente”, recorda-se Waldomiro Macedo. Mas, era a ajuda descompromissada, o auxílio nas horas de maior necessidade (particularmente problemas de saúde) que são lembrados com maior nostalgia nos depoimentos, sendo muitas vezes contrastados com uma suposta impessoalidade e ausência de solidariedade dos tempos atuais. Quando em 1957, Carlos Cecchini “amassou a perna” em um acidente na Nitro Química, “eu tive o maior apoio das famílias” em São Miguel, relembra sua esposa Nair. “Naquela época”, reforça, “era comum uma família ajudar a outra na hora que precisava.” Também Helena de Oliveira da Fonseca recorda-se que, no final dos anos 50, “na vila [onde ficava] nossa casa, meu cunhado teve um carro (...) quando era difícil uma pessoa ter carro [e] ele ia levar todo mundo no hospital, no ambulatório, (...) num pronto socorro mais perto.” Dona Helena lembra que, quando havia problemas de saúde, “tinha aquelas pessoas que juntavam dinheiro e emprestavam quase de graça. Não era agiotagem, era ‘ajudagem’ mesmo (risos). Era diferente [de hoje].”⁶⁷ Não era incomum, como veremos adiante, que ativistas de associações de classe, comunitárias e partidárias se envolvessem em atividades de solidariedade do tipo descrito acima. Essa pequena nota publicada no jornal comunista *Hoje* em 1950 ilustra bem essa participação:

“Os trabalhadores e o povo de São Miguel estão realizando um ativo trabalho de solidariedade à dona Rosária Pais, viúva do operário Benedito Pais, que morreu envenenado no inferno da Nitro Química em consequência das miseráveis condições de trabalho. Para ajudar dona Rosária foi constituída uma comissão de que fazem parte a moça operária Fraternidade Lopes e a senhora Trindade Gonçalves, com o fim de arrecadar donativos para a viúva.”⁶⁸

⁶⁷ Depoimentos de Nair Cecchini e Helena de Oliveira da Fonseca.

⁶⁸ *Hoje*, 28 de dezembro de 1950. Deops/SP, Daesp. Dossiê 50Z-591, fls. 12.

A constituição recente do bairro enquanto região industrial praticamente dependente de uma única e poderosa empresa; as experiências migratórias semelhantes da imensa maioria de seus moradores, muitos, inclusive, provenientes das mesmas regiões e cidades, carregando consigo tradições de ajuda mútua; o conjunto de dificuldades que tais migrantes enfrentavam em sua instalação e vida cotidiana em São Paulo; todos estes fatores certamente ajudam a explicar o clima de camaradagem e solidariedade expressos nos depoimentos acima.

Uma identidade nordestina

Associada à pobreza e ignorância, uma irracional propensão à violência foi comumente atribuída aos migrantes nordestinos do sexo masculino. A partir dos anos 50, tal imagem começou a ser fartamente explorada pela imprensa sensacionalista e tornou-se quase um senso comum entre os moradores da cidade. Bares populares, alcoolismo e discussões por causa de relacionamentos amorosos geralmente eram os componentes mais freqüentes de brigas, agressões e até assassinatos envolvendo nordestinos em São Paulo. Estes, caracterizados como grosseiros e rudes, teriam uma propensão natural ao recurso à violência, como uma espécie de herança do ambiente supostamente hostil e agressivo do Nordeste, em particular do sertão. Tal visão era compartilhada por uma ampla gama de setores sociais na capital paulista. Um imigrante lituano e operário em uma fábrica têxtil no bairro da Mooca, lembrava por exemplo, que na fábrica onde trabalhava

“o pessoal não gostava deles [dos nordestinos], porque eles eram rudes. Também vieram de um ambiente rude, tratados como bichos (...), qualquer coisinha puxavam uma faca. Mas isso é devido ao modo de vida que levavam lá [no Nordeste].”⁶⁹

Naquele período, o estereótipo do cangaceiro foi facilmente associado aos migrantes envolvidos em rixas ou crimes. A ‘peixeira’, faca largamente utilizada pelos trabalhadores rurais nordestinos, era outro componente importante da associação dos migrantes com a violência. Quando trazida para as cidades, ganhava um significado explícito de arma, tornando-se um símbolo da agressividade dos migrantes. No noticiário criminal eram recorrentes as referências aos crimes cometidos pelos ‘bairanos’ utilizando facas, em particular as ‘peixeiras’. O assassino de João Rodrigues Neto, apelidado pelo diário *A Hora* como o “valentão de São Miguel”, não contentou-se apenas em baleá-lo, também desferiu-lhe “um profundo golpe de ‘peixeira’”, deixando o morto com “as vísceras à mostra”. Mesmo quando a arma utilizada pelo nordestino criminoso era um canivete, a manchete do jornal tratava de transformar a lâmina em uma perigosa peixeira. Reforçando a associação entre os migrantes e a ‘peixeira’, os repórteres e cinegrafistas da TV Tupi, noticiando a chegada de mais uma leva de nordestinos na Estação Roosevelt em dezembro de 1961, solicitaram a todos que tirassem de seus sacos de estopa e de suas malas de papelão, suas ‘peixeiras’ e a mostrassem para os telespectadores.⁷⁰

São Miguel Paulista, com sua grande concentração de nordestinos, logo adquiriu “uma fama terrível” de lugar perigoso. Embora afirmem que praticamente não havia criminalidade no bairro naquele período, muitos antigos moradores ressaltam que havia muitas brigas e violências entre os nordestinos. “Naquela época”, comenta o paulista João Caldini Filho, “era gostoso, não tinha violência, apesar do pessoal nordestino (...). Eles são temperamentais, qualquer coisa estão

⁶⁹ Cf. depoimento de Julius Meksenas, citado em Adriano Duarte. *Os sentidos da comunidade: identidade e dissenso*. Comunicação apresentada na sessão coordenada Bairros e comunidades operárias no XIX Simpósio Nacional de História. Niterói, julho de 2001.

⁷⁰ Cf. *A Hora*, 3 de maio de 1955 e 24 de outubro de 1955. A cenas da TV Tupi podem ser vistas na Cinemateca Brasileira (SP). Cf. Base Tupi, 18/12/1961.NE12347.13 – VV15011N

brigando.” Opinião que é compartilhada pela mineira Helena de Oliveira da Fonseca. Para ela, o “caráter deles [nordestinos] é meio violento. Eles têm (...) o pavio curto. Qualquer coisa brigavam. Então tinha bastante briga.” Nair Cecchini também lembra que não havia muito crime em São Miguel, apenas brigas de bar “porque os nortistas são nervosos.” São Miguel “era um lugar em que se brigava à toa”, atesta o baiano Augusto Lima. Para o mineiro Benedito Miguel isso acontecia porque “nortista não leva muito desaforo para a casa”.⁷¹

Além de considerar a violência como uma característica natural dos nordestinos, muitos também atribuíam às origens dos migrantes a propensão para brigas e desavenças. O ‘atraso’ do Nordeste e vida rústica da maioria de seus habitantes seriam a explicação para o comportamento agressivo daqueles que se mudavam para São Paulo. Para Lídia Castelani, por exemplo, o fato do “povo do Norte” vir lá do “mato” era o que explicava o fato deles serem “um pouco brutos”. Nelson Bernardo também acha que “eles vinham acostumados no esquema do Norte. No Norte qualquer coisa, ele puxa a faca.” A maioria dos nordestinos veio “lá do mato, do interior”, reforça José Caldini Filho. “Eles são produtos do meio ambiente”, elabora, “foram criados assim, eles não têm culpa porque a vida era essa, eles aprenderam a viver assim, desse jeito”, conclui Caldini.⁷²

Mesmo ressalvando que era uma minoria de migrantes que se envolvia em brigas, muitos nordestinos reconhecem tal tipo de violência no bairro. Ao se referir à vida em São Miguel nos anos 50, a sergipana Maria Pureza de Mendonça comenta: “na época tinha violência sim, ainda mais que nordestino adora puxar uma peixeira, né?” Augusto Ferreira Lima considera que foram as brigas nos bailes e bares que iniciaram “a fama ruim de São Miguel.” O baiano Artur Pinto de Oliveira recorda-se que a principal diversão em São Miguel era “o bar. E os bares levavam à bebida...”. As pessoas “discutiam, brigavam. E a briga nunca terminava em um dar um tapa no

⁷¹ Depoimentos de Nelson Bernardo, José Caldini Filho, Helena de Oliveira da Fonseca, Nair Cecchini, Augusto Ferreira Lima e Benedito Miguel concedidos ao autor.

outro”. O também baiano Jorge Gonçalves Lula afirma que quando chegou ao bairro em meados dos anos 50 “não tinha assalto, mas briga tinha bastante. A turma de nortista brigava (...) por causa da cachaça, de mulher e jogo.” “Muita cachaça” também era a razão para as brigas, segundo Aurelino de Andrade. Mas ele também pondera que os costumes do Nordeste influenciavam o comportamento dos migrantes. “Há problemas de uma cultura muito errônea no Nordeste”, explica. Augusto Ferreira Lima concorda e, embora localize principalmente nos piauienses o foco da violência entre os nordestinos de São Miguel, explica que os conflitos eram motivados pela “bebida” e pela

“ignorância (...) daquele pensamento errado de lá [do Nordeste]. Lá, a vida do caboclo é só montar no cavalo [e sair] correndo atrás de gado [com] a espingarda nas costas e o facão pendurado. Bebendo cachaça, se embebedando, batendo nos outros, aquela vida de louco. Chega aqui, ele quer fazer aquela mesma coisa, quer bancar o valentão. Mas, depois (...) ele também vai civilizando, vai se endireitando, não é mais aquele homem que era do passado.”⁷³

Localidade mais habitada pelos nordestinos, a Vila Nitro Operária era considerada, nos anos 50, como o local mais perigoso do bairro. “Lá, a barra era meio pesada”, afirma José Caldini Filho, utilizando uma expressão contemporânea. “Eu lembro”, acrescenta, “que uma ocasião o subdelegado Orlando Gomes, que também era funcionário da Nitro Química, fez uma batida na Nitro-Operária que encheu um saco, desses grandes, de faca.” Helena de Oliveira da Fonseca também conta que muitas brigas acabavam em “facadas; tinha muito disso, principalmente na Nitro Operária.”⁷⁴

⁷² Depoimentos de Lídia Castelani Gomes, Nelson Bernardo e José Caldini Filho, concedidos ao autor.

⁷³ Entrevista de Maria Pureza de Mendonça concedida ao LabDoc-Unicsul e depoimentos de Augusto Ferreira Lima, Artur Pinto de Oliveira, Jorge Gonçalves Lula e Aurelino de Andrade concedidos ao autor.

⁷⁴ Depoimentos de José Caldini Filho e Helena Oliveira da Fonseca concedidos ao autor.

Muitas vezes, essa reputação de São Miguel e de parte de seus habitantes dava margem para discriminações em outras regiões da cidade. Compras fora do bairro, por exemplo, eram complicadas. Se em São Miguel o simples fato de trabalhar na Nitro Química era razão para crédito e facilidades, o mesmo não ocorria em outros locais. Quando terminou de preencher a ficha do crediário da compra de “um relógio na loja Mazzei”, no centro de São Paulo, Augusto Lima teve o desprazer de saber que não se abria crédito para moradores de São Miguel Paulista. Eles “rasgavam a ficha na hora”, recorda-se. Muitos comerciantes consideravam que “os nordestinos não pagavam, porque diz que o nordestino trabalhava e tal e brigava com os outros. Pintava o diabo, caia fora e ia embora para o Norte e não pagava.”⁷⁵

Embora não seja possível precisar a quantidade de nordestinos que efetivamente abandonavam a cidade deixando suas dívidas para trás, os dados disponíveis nos levam a supor que este número deveria ser relativamente pequeno. Entre 1935 e 1984, por exemplo, apenas 5.770 funcionários (ou 5,74% do total de trabalhadores da empresa em todo este período) abandonaram seus empregos na Nitro Química. Deste total, somente 28% (aproximadamente 1.460 pessoas) era composto de nordestinos.⁷⁶ Ainda assim, as notícias sobre aqueles que fugiam da capital após brigas e crimes eram mais do que suficientes para assustar comerciantes e outros potenciais credores dos migrantes.

Foi esse o caso do irmão mais velho de Artur Pinto de Oliveira que, “voltou forçado” para a Bahia. Ele não gostou de uma brincadeira de um colega de trabalho na seção em que trabalhava na Nitro. Perdeu o controle e, conforme conta Artur, “não deu outra, ele mandou a mão na cara do cara [que] caiu e botou sangue pelo nariz e pela boca.” O irmão “fugiu, pulou o muro e foi embora. Sumiu e (...) não voltou mais. Nunca mais voltou.” Em março de 1955, *A Hora* também noticiava a história de Herculano Isidoro de Barros, morador em São Miguel, que “foi

⁷⁵ Depoimento de Augusto Ferreira Lima concedido ao autor.

⁷⁶ Cf. Fábio Ravaglia. *Contribuição à história...*, quadro “Motivo de saída da companhia (1935-1984).

assassinado a golpes de faca quando procurava apartear três indivíduos atracados em luta corporal” em frente a um bar da região. Como “todas as pessoas que estavam no local desapareceram”, a polícia trabalhou mais de um ano procurando identificar os envolvidos na briga, constatando que o provável assassino, David de Sousa, “se encontra na Bahia, homiziado na residência de um parente.”⁷⁷

A partir da segunda metade da década de 60, quando os índices de criminalidade do bairro cresceram bastante, a responsabilidade pela violência continuaria sendo atribuída aos nordestinos. Vicente Lopes, delegado titular do distrito policial da localidade, justificava assim a violência na região: “São Miguel é um bairro violento porque a maioria da sua população é formada por migrantes nordestinos, que são pessoas carentes e violentas.” Anos mais tarde, um outro delegado policial continuaria a repetir uma antiga máxima sobre os moradores de São Miguel. “Justiça aqui se faz com a peixeira”, dizia ele.⁷⁸

Se, por um lado, a violência era condenada pela maior parte dos próprios migrantes, considerada como sinal de ‘atraso’, herança da ‘pouca civilização’ do Nordeste, e estivesse geralmente relacionada ao alcoolismo, jogos de azar e relacionamentos amorosos, a valentia, por outro, era atributo bastante valorizado pelos nordestinos em São Paulo. Valentia e coragem eram componentes essenciais de um senso de masculinidade bastante arraigado entre os migrantes em São Miguel.⁷⁹ A imagem do ‘cabra-macho’, daquele que ‘não leva desaforo para casa’ e, assim,

⁷⁷ Depoimento de Artur Pinto de Oliveira concedido ao autor e *A Hora*, 2 de março de 1955.

⁷⁸ *O Jornal*, setembro de 1978 e *O Estado de São Paulo*, 28/8/1987.

⁷⁹ Embora o senso de masculinidade fosse bastante forte entre os trabalhadores de São Miguel, o espaço de legitimização da violência tolerado por tal identidade parece ter sido significativamente menor do que em outras categorias como os portuários de Santos ou os mineiros de cobre chilenos. Parece valer para o bairro a observação de E. P. Thompson sobre “vilas ou ruas que adquirem a reputação de serem ‘violentas’.” Como as comunidades também “têm reputações a manter” muitos moradores, na maior parte do tempo, reprovam aqueles que se excedem na ‘violência’ ou omitem informações a este respeito para observadores externos. Cf. E. P. Thompson. “*Rough Music*”, in *Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Cia das Letras, 1998, p.367. Sobre os portuários de Santos ver Fernando Teixeira da Silva. “Beneméritos valentões e trabalhadores sem padrões na estiva de Santos.” Campinas, 2001 (texto datilografado), e sobre os mineiros chilenos, Thomas Miller Klubock. “Working-class masculinity, middle-class morality and labor politics in the Chilean copper mines”, *Journal of Social History*, vol. 30, n.2, 1996 e Thomas Miller Klubock. “Morality and good habits: the construction of gender and class in the Chilean copper mines, 1904-1951”, in John French and Daniel James (org.). *The gendered worlds...*

impõe respeito entre seus pares, era largamente cultivada entre muitos migrantes. A atribuída caricatura do ‘cangaceiro’ era, por sua vez, freqüentemente reapropriada pelos nordestinos como símbolo de coragem e força.⁸⁰ A própria utilização da ‘peixeira’ como instrumento de defesa, denotaria bravura, pois sua utilização exigiria a intrepidez do contato físico de uma luta, ao contrário, em geral, do uso de armas de fogo.

Para vários migrantes nordestinos, reagir de forma violenta a qualquer suposta agressão alheia podia ser considerado como uma questão de honra, marcando um reforço de sua auto-estima e de uma identidade própria em relação aos ‘sulistas’. José Caldini Filho, por exemplo, considera que o próprio comportamento dos nordestinos “ia criando o preconceito contra eles.” Caldini presenciou várias brigas no bairro nas quais “o sujeito com uma faca na mão” explicava as razões do conflito dizendo: “é porque *eu sou baiano!*” Antônio Mendes Corrêa também se lembra quando, em meados dos anos 50, publicou em seu jornal, a *Folha de São Miguel*, uma pequena notícia a respeito da sobrinha do paraibano Fausto Tomás de Lima. Este “não gostou que tinha saído aquilo lá no jornal” e resolveu agredir Corrêa. “Ele começou a me ofender, me chamar de *paulista covarde*”, rememora o jornalista, “ele dizia: ‘me dá a faca que eu vou matar este *paulista covarde*’, [foram] as filhas dele que não deixaram ele pegar a faca.”⁸¹

É esta valorização da coragem e valentia que, em parte, explica as, como vimos anteriormente, freqüentes reações violentas contra a autoridade de chefes e encarregados na Nitro Química. Para ‘se impor’ perante os trabalhadores, muitos chefes precisavam mostrar-se tão ou

⁸⁰ Luiz Gonzaga, sucesso nacional entre os anos 40 e 60, ao incorporar em sua indumentária vestimentas atribuídas aos cangaceiros nordestinos, teve papel importante para a divulgação e, em certa medida, valorização do cangaço. Sobre a relação entre a música de Luiz Gonzaga e os migrantes nordestinos, ver Durval Muniz de Albuquerque. *A invenção...*, pp. 151-164. Um interessante exemplo de como a imagem do cangaceiro podia ser vista como símbolo do atraso e da violência supostamente inerente ao nordestino e, ao mesmo tempo, ser apropriada pelo migrante como símbolo de coragem pode ser visto em uma cena do filme *O homem que virou suco*, dirigido por João Batista de Andrade. Na cena, o protagonista do filme, um migrante nordestino na São Paulo dos anos 70, busca emprego nas obras do metrô. Em seu processo de contratação, é obrigado a assistir a um desenho animado em que um cangaceiro migra para São Paulo e, devido ao seu comportamento, só conhece o fracasso e o desprezo de seus colegas, inclusive de outros migrantes.

⁸¹ Depoimentos de José Caldini Filho e Antônio Mendes Corrêa concedidos ao autor (grifos meus).

mais valentes que seus subordinados.⁸² Mas, este senso de masculinidade não abria apenas espaço de resistência ao poder de mando dentro da fábrica. Em movimentos coletivos, como greves, muitos usavam da violência ou de ameaças para intimidar trabalhadores reticentes ou mesmo chefes e patrões. Dirigente sindical dos químicos de São Paulo, o mineiro José Ferreira da Silva comenta que o sucesso da greve na Nitro em 1957 deve-se em parte ao fato de que “eram todos nordestinos. (...) Nortista é danado.[Eles] são regionalistas. Um dia eu estava falando na portaria [da fábrica] e estou vendo tapa daqui e dali. Eu fui lá e [o companheiro] me explicou: ‘esse cara tava falando mal de você, Ferreira. Eu bati mesmo!’”. Avaliando alguns incidentes durante a greve dos 400 mil em São Paulo, um chefe de piquetes do sindicato dos vidreiros justificava:

“sabe como é, há muito ‘cabeça chata’ [nordestinos] e cada um tem a sua ‘peixeira’. (...) Alguns diziam quando o patrão se negava: ‘Eu vim aqui para parar. Vamos dar murro na porta, quebrar.’ Mas isso não era com o intuito de provocar, mas porque eles estavam cheios com o patrão mesmo.”⁸³

Brigas e violências também foram comuns na vida política do bairro durante os anos 50. Também neste caso, muitos vinculavam a presença de nordestinos aos conflitos. Em 1955, um relatório sobre o recém eleito vereador do bairro pelo PSP, Aurelino de Andrade, encomendado ao DOPS pelo governador Jânio Quadros afirmava

“[Andrade] é amigo de Aurelino Constatino de Araújo. Ambos, juntamente com Mardiqueu ou Mardukei [na verdade, Mardoqueu] Pereira Schmidt, Severino Barbosa de Souza (fiscal sanitário) e inúmeros outros, em sua maioria nordestinos, vivem

⁸² Fernando Teixeira da Silva mostra como no porto de Santos havia uma acirrada disputa entre trabalhadores e chefias pela “fama de valente”. Cf. Fernando Teixeira da Silva. *Beneméritos valentões...*, pp. 5-6. No capítulo 1 também vimos que certos empregadores atribuíam à ‘fama de valentes’ dos nordestinos uma das razões para evitar sua contratação.

⁸³ Depoimento de José Ferreira da Silva concedido ao autor e entrevista com chefe de piquete – Sindicato dos Vidreiros, outubro de 1958. Fundo Fábio Munhoz. Cedem-Unesp.

sempre armados, cometendo constantemente desordens, em muitas delas, sem motivo justificado.”⁸⁴

São fartos os relatos sobre distúrbios e confusões em comícios. “São Miguel era uma guerra viva”, relembra o janista Nelson Bernardo. “Certa vez”, conta, “eu fiz um comício para o Jânio na Praça Getúlio Vargas Filho [e vi] dois caras no asfalto assim com as facas.” Bernardo então, perguntou-lhes o que queriam e teve como resposta: “estamos afiando a faca, porque diz que vai ter um comício aí e nós estamos garantindo que não vai.” Ao que Nelson respondeu: “eu vou ser o apresentador do comício. Vou estar com o berro [revólver] na cinta. Se vocês forem valentes mesmo, cheguem bem na frente do palanque e ameacem puxar a faca para ver.” Particularmente as rivalidades entre os janistas e ademaristas tornaram-se famosas e freqüentemente levavam seus partidários às vias de fato. O ademarista Aurelino de Andrade, por exemplo, lembra de um comício que Jânio e Porfírio da Paz tentaram fazer em seu reduto na Vila Nitro Operária, os distúrbios foram tantos que “Jânio saiu às pressas e o Porfírio no outro dia pôs no jornal *A Hora* (...) que o ‘cangaceiro’ aqui [Aurelino refere-se ironicamente a si próprio] bateu no Geraldo Lessa.” O mesmo *A Hora*, em 1954, reproduzia discurso do vereador Cantídio Sampaio, do PSP, e advertia em tom alarmista que “vai correr sangue em São Miguel!” porque “indivíduos asquerosos, arvorados em partidários do Sr. Jânio Quadros, estão pondo em polvorosa São Miguel Paulista, provocando, incitando e afrontando operários.” O vereador pedia um reforço de policiamento para a região já que tinha “conhecimento de que um grupo ponderável se arregimenta (...) para fazer frente a essa horda de desordeiros.”⁸⁵

Como vimos anteriormente, várias brigas e discussões revelavam também muito das diferenciações internas entre os nordestinos. Vários depoimentos ressaltam que grande parte das desavenças ocorriam devido às rivalidades regionais entre os trabalhadores. Havia muita rixa

⁸⁴ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-Z-591, fls.37.

⁸⁵ Depoimentos de Nelson Bernardo e Aurelino de Andrade concedidos ao autor e *A Hora*, 26 de outubro de 1954.

“porque o senhor era do Piauí e eu era da Bahia, e eu não gostava do senhor porque o senhor era do Piauí e o senhor não gostava de mim porque eu era baiano.(...) Aí iam discutir porque um era do Piauí, o outro era da Paraíba, o outro era do Ceará, o outro era da Bahia...” relembra Artur Pinto de Oliveira. Antônio Xavier dos Santos conta que na Vila Nitro Operária “naquela época tinha uma rivalidade entre baianos e piauienses. Eles não se davam bem, [mas era] pura ignorância. Brigavam nas festinhas. Sempre tinha briga, quando ia ver [as razões], era devido à rivalidade entre Bahia e Piauí.” A denominação de ‘baianos’ usada indiferenciadamente, principalmente pelos paulistas, para denominar os nordestinos em geral era motivo de irritação e, por vezes, motivo até de briga por parte dos oriundos de outros estados. Augusto Ferreira Lima recorda que havia muitas desavenças “porque o cara é de um estado e não queria que chamasse ele de baiano. Eu sou pernambucano não me chame de baiano”.⁸⁶

Tais afirmações de apreço ao estado de origem, particularmente como reação à genérica designação de ‘baiano’, não significava, entretanto, uma exclusão de um reconhecimento comum enquanto ‘nortistas’ ou ‘nordestinos’. Ao contrário, a própria generalização de como eram considerados e tratados favorecia a construção desta identidade na capital paulista. Embora, em geral, não percam de vista e, em determinadas circunstâncias, até reforcem suas diversas diferenciações internas, os migrantes também assumiam uma presumida homogeneização e rapidamente se identificavam e expressavam como ‘nordestinos’.⁸⁷

A percepção de que, em geral, eram estigmatizados pelos paulistas era um elemento importante para a criação da idéia de ‘nordestinos’ em São Paulo. De fato, o conceito de ‘paulista’ também era amplo e, além dos nativos, podia incluir uma grande gama de diferentes nacionalidades presentes na capital paulista. Muitos depoimentos revelam uma dificuldade de

⁸⁶ Depoimentos de Artur Pinto de Oliveira, Antônio Xavier dos Santos e Augusto Ferreira Lima concedidos ao autor.

⁸⁷ “Os deslocamentos dos indivíduos e grupos configuram-se, pois, como ‘momentos’ de crise e (re)construção de identidades. A trajetória do migrante é marcada pela reelaboração de seus referenciais identificatórios – traços sócio culturais com os quais os sujeitos identificam-se e a partir dos quais se fazem reconhecidos como membros de um

integração entre os migrantes nordestinos e os paulistas. Quando chegou em São Miguel em 1950, Antônio Xavier dos Santos conta que achou difícil a relação com os paulistas. “Naquela época”, relembra, “não havia assim uma certa mistura (...). O paulistano não tinha muito papo com o nordestino. Então tinha que procurar conhecimento com as pessoas assim do Norte para poder conversar.” O paulista, filho de portugueses, Nelson Bernardo achava os costumes dos nordestinos muito diferentes, o que dificultava uma relação mais próxima. “Vinha aquela turma do Norte”, relata “e você, as vezes, aproveitava uns dois para ser conhecido seu, para ser seu amigo. O resto você deixava [porque] era cachaça, briga e confusão.” E Bernardo prossegue: “como a gente tinha preconceito com eles, eles tinham preconceito contra a gente. O que a gente não gostava deles, eles não gostavam da gente. Não era não gostar. A gente tava sempre com um pé na frente, outro atrás.” O baiano Augusto Ferreira de Lima também considera que havia uma “divisão terrível” em São Miguel nos anos 40 e 50. Além dos costumes e hábitos, o sotaque era um fator de diferenciação bastante destacado. Lima diz como ficou impressionado com a pronúncia local:

“Naquele tempo era o paulista legítimo. O caboclo chamava a *porrta*, *cachôrrro*, a língua arrastada. [A pessoa] vinha de Guarulhos, quando chegava aqui [a gente já sabia]: ‘Esse caboclo é paulista’, porque ele falava: ‘Olha *senhorrr*, eu abri a *porrta* e dei uma pancada na *cachôrrra*, eu bati no *cachôrrro*, ô *cachôrrro* [imita sotaque de paulista] (risos)’.(...) Então nós tínhamos a certeza de que a língua verdadeira do paulista era aquela. Depois foi misturando a língua do japonês, do italiano, do baiano e vai e vai e vai, já misturou tudo. Hoje em dia é um sangue só, o maior gosto.”⁸⁸

Os rapazes migrantes muitas vezes percebiam com bastante ênfase as diferenças quando de suas tentativas de namoro. Augusto Ferreira Lima conta que era praticamente impossível um

grupo.” Cf. Germano Leóstenes Alves de Sobral. “Imagens do migrante nordestino em São Paulo”, *Travessia*, n. 17, setembro/dezembro de 1993.

jovem migrante “de 20 anos para 25 (...) namorar paulista aqui do bairro de São Miguel.” Quando “ia ao baile”, João Freitas Lório lembra que “a moça [paulista] não queria dançar com o cara porque ele era baiano.” A esposa do baiano Antônio Xavier dos Santos é filha de italianos. Casaram-se nos anos 50 “contra a vontade da família, que não queria de jeito nenhum”, como recorda Xavier. Eles diziam: “uma filha de italiano namorar com um nordestino? Jamais! Nordestino é ignorante.”⁸⁹

Certamente as diferenças raciais eram um importante reforço do preconceito em relação aos nordestinos. Lídia Castelani acredita que “para casar, italianos e japoneses sempre foram meio racistas, embora os italianos não eram tanto não. Eles gostavam de procurar a raça deles, mas misturavam mais.” Por isso, considera que, “naquela época (hoje está diferente, misturou tudo né?)” os pais [italianos e japoneses] não deixavam as filhas namorar com os “nortistas, porque o nordestino, a cor deles é quase tudo meio preto.”⁹⁰

Como contraponto à decantada violência, muitos migrantes procuram destacar como características do nordestino a hospitalidade e a disposição para a ajuda mútua e solidariedade. Afonso José da Silva, por exemplo, rebate a fama de que os nordestinos em São Miguel eram agressivos e violentos. Reforçando a importância das redes sociais e a disponibilidade para a ajuda dos migrantes, ele afirma que

“o nortista (...) tinha a fama [de bravo], mas não é nada disso. Não, não... Eu acho até hospitaleiro. Tanto é (...) que quando chegava uma pessoa na Estação do Norte que não sabia onde estava a família, eles iam para a porta da Nitro. Então, quando a gente saía, o chefe da guarda falava: ‘Fulano, você conhece fulano? Você leva esse fulano na casa dele?’ (...) A gente saía e ia levar. Um ou outro que fosse, que ia saindo.

⁸⁸ Depoimentos de Antônio Xavier dos Santos, Nelson Bernardo e Augusto Ferreira Lima concedidos ao autor.

⁸⁹ Depoimentos de Augusto Ferreira Lima, João Freitas Lório e Antônio Xavier dos Santos concedidos ao autor.

⁹⁰ Depoimento de Lídia Castelani Gomes concedido ao autor

Poderia você não ser nada meu, mas eu sabia onde você morava, que você trabalha comigo... eu pegava e ia levar [o seu parente ou conhecido] lá”.⁹¹

Foi justamente esta a experiência de Antônio Xavier dos Santos. Vindo de Babaçu, na Bahia, desencontrou-se de seu irmão ao chegar à Estação do Norte no Brás. Completamente perdido e sem nenhuma outra referência na cidade, Antônio foi informado pelos funcionários da estação que “em São Miguel tem muito nordestino.” Decidiu então ir para o bairro e, de fato, “tinha mesmo muitos nordestinos”, que o ajudaram a se instalar em uma pensão, a “arrumar documentos” e a se empregar na Nitro Química. Baseado em sua própria experiência, Xavier considera que “os nordestinos são muito dados uns com os outros”. O cearense Osvaldo Pires de Holanda resume esta idéia na frase: “os nordestinos são muito solidários.”⁹²

Longe de uma comunidade completamente homogênea e harmoniosa, os trabalhadores de São Miguel Paulista eram um grupo diversificado e complexo. Redes sociais desenvolvidas e as experiências comuns de migração, trabalho e vida no bairro e na cidade criavam, no entanto, bases para linguagens e identidades comuns. Ao longo dos anos 50, quando o Nordeste virou uma ‘questão nacional’⁹³ no imaginário político e social do país, muitos migrantes reapropriaram-se da idéia de uma ‘nordestinidade’ e associaram sua identidade regional à de trabalhadores.

Os preconceitos, discriminações e dificuldades cotidianas eram respondidos com a criação de um imaginário de valorização da sua capacidade de trabalho. “O nordestino quando ele pega uma coisa para trabalhar ele trabalha mesmo”, orgulha-se Afonso José da Silva. Augusto Ferreira Lima também avalia que “o nordestino trouxe (...) coragem de trabalhar” para São Paulo. A grande presença de migrantes na construção civil em um momento de expansão urbana sem precedentes é ressaltada como mais uma demonstração da disposição para o trabalho dos

⁹¹ Depoimento de Afonso José da Silva concedido ao autor.

⁹² Depoimentos de Antônio Xavier dos Santos e Osvaldo Pires de Holanda concedidos ao autor.

⁹³ Cf. capítulo 1 desta tese e Maura Penna. *O que faz...*

nordestinos e de seu caráter essencial para o desenvolvimento da cidade. “O nordestino”, comenta Antônio Xavier dos Santos

“é uma raça de gente trabalhadora. Aliás, São Paulo tem que agradecer ao Nordeste os prédios que tem hoje em quase todo lugar. Porque só o nordestino que trabalha nessas obras para fazer essas coisas pesadas. Só o nordestino, porque os caras daqui mesmo não vão querer fazer força.”

A mesma lógica é usada para explicar o grande número de migrantes na Nitro Química. Na empresa, segundo o mesmo Xavier, “trabalhava muito nordestino porque eles [os proprietários e chefes da companhia] sabiam que [o nordestino] trabalhava.”⁹⁴ Em sua análise sobre a influência do que denominou “padrões e valores tradicionais” dos trabalhadores de origem rural na indústria paulista nos anos 50, Juarez Brandão Lopes também percebeu uma forte “valorização do ‘homem trabalhador’, ‘pé de boi’” por parte dos migrantes.⁹⁵

A associação do nordestino à idéia de um ‘povo trabalhador’, que tinha na solidariedade e na disposição para o trabalho duas de suas principais características, é recorrente nos vários depoimentos dos migrantes em São Miguel. É também clara nesse verso de poesia de cordel:

“Nunca se viu um nortista
Falar prá contar moleza
Todos por um, um por todos
É assim a sua empresa
Dizem até que medo é manha
E cara feia é safadeza.”⁹⁶

⁹⁴ Depoimentos de Afonso José da Silva, Augusto Ferreira Lima e Antônio Xavier dos Santos concedidos ao autor.

⁹⁵ Cf. Juarez Brandão Lopes. *Sociedade Industrial...*, p. 70.

⁹⁶ Cf. João de Barros. *O que faz o nordestino em São Paulo*, citado em Liliana Tamagno. *Nordestinos experiencing...*, p. 31.

Barbara Weinstein demonstrou como que nos anos 40 e 50, muitos industriais, gerentes e técnicos de instituições como SESI e o SENAI, compartilhavam uma visão bastante negativa sobre o operário brasileiro. Vistos como imaturos e culturalmente deficientes, os trabalhadores seriam assim um “problema” e até, em certos discursos, um verdadeiro “obstáculo” para o desenvolvimento capitalista brasileiro. Em particular os migrantes recém chegados do campo, que constituíam a jovem classe operária naqueles anos, eram especialmente encarados como “inexperientes e ‘ignorantes’ das exigências da vida industrial moderna”, acentuando “a tendência a considerar a força de trabalho urbana” como desajustada.⁹⁷ Tal visão, como vimos, certamente encontrava eco em numerosos setores da sociedade, inclusive entre acadêmicos.

De certa forma, o discurso de muitos nordestinos, valorizando sua capacidade de trabalho e sua identidade como trabalhadores, é uma resposta dos migrantes a este imaginário de deficiências construído ao seu redor. Aos muitos que os consideravam simplórios ou ignorantes, os nordestinos rebatiam mostrando sua importância para o desenvolvimento do país. Apropriavam-se da idéia de progresso, destacando o seu papel na história da cidade, como neste interessante depoimento do baiano Augusto Ferreira Lima:

“Naquele tempo (...) paulista queria sombra e água fresca, não trabalhava em três horários. Três horários não era com eles. (...) ‘Deixa para a baianada trabalhar’, era assim que eles falavam. Então o progresso veio criado pelo homem do Norte, que entrava embaixo do sol a sereno, do galho da água de tudo, caía, morria, mas não afastava, tava ali. Trouxe o progresso para São Paulo. Não quero dizer só o homem nordestino não, porque nesse meio do nordestino [também] estava o mineiro (...). São Paulo de cinquenta anos para cá foi levantado e erguido a cabeça devido a mão dos nordestinos”.⁹⁸

⁹⁷ Barbara Weinstein. *(Re)formação da...*, pp. 239-250.

⁹⁸ Depoimentos de Augusto Ferreira Lima concedido ao autor.

As teses da inadaptação ao trabalho industrial das primeiras gerações de migrantes rurais para São Paulo sustentaram a não identificação desses trabalhadores com a condição operária.⁹⁹ Porém, se de um lado, a situação de operário podia, por vezes, não ser totalmente desejada, devido às freqüentes terríveis condições de trabalho, o autoritarismo das chefias e o extenuante ritmo da produção; ou se, por outro lado, as próprias possibilidades e oportunidades do mercado de trabalho impunham outras opções de emprego, o fato é que a experiência dos migrantes na grande cidade, seus valores culturais e suas redes de relações sociais certamente reforçaram sua identidade como trabalhadores. E foi como trabalhadores que os nordestinos em São Miguel Paulista compartilharam de uma linguagem de classe que reforçava seu papel como dignos produtores de riquezas, construtores de desenvolvimento para a cidade e para o país e, portanto, também como cidadãos portadores de direitos.

⁹⁹ Ver, entre outros, Juarez Brandão Lopes. *Sociedade industrial...* e Eunice Durham. *A caminho....*

CAPÍTULO 5

‘DIREITO DE FAZER POLÍTICA’

PARTIDOS E LIDERANÇAS POLÍTICAS EM SÃO MIGUEL PAULISTA

‘O orgulho do PCB’

O final da Segunda Guerra Mundial foi saudado pelos moradores de São Miguel com um entusiasmo sem precedentes no bairro. As notícias sobre o conflito eram acompanhadas com enorme interesse. Alguns jovens da região haviam sido, inclusive, convocados e encontravam-se lutando na Europa como ‘expedicionários’. Assim que a vitória aliada sobre os países do Eixo foi anunciada, a população saiu às ruas para celebrar. O júbilo foi, entretanto, marcado por uma forte conotação política. O baiano Aurelino de Andrade trabalhou na Nitro Química durante todo o período da guerra e, entusiasmado com a entrada do Brasil no conflito, aderiu à Liga de Defesa Nacional, organização presidida por Amaral Peixoto e que dava suporte à atuação da Força Expedicionária Brasileira. Aurelino conta que, quando a guerra terminou uma “grande passeata” foi realizada no bairro. “As pessoas”, prossegue, gritavam vivas a “Roosevelt, Stalin, Churchill, ao Marechal Tito (...). Então, eu vi lá no meio um sujeito gritar ‘Viva o camarada Prestes!’” Outro morador, José Caldini Filho, então um jovem com 18 anos de idade, também se envolveu com a “euforia do fim da guerra” e recorda-se de “uma passeata violenta de grande que percorreu São Miguel toda” para comemorar a derrota nazista. Aproveitando a empolgação, muitos trabalhadores durante as manifestações, subiram em cima e amassaram os “quatro carros que tinham [em São Miguel] os chefes” da Nitro Química. “Teve uma série de baderna também”, relembra Aurelino de Andrade.¹

O contraste entre a explosão de alegria e a raiva direcionada contra alguns automóveis de dirigentes da empresa tinha sentido. Muitos operários associavam as precárias condições de trabalho, a intensa exploração e o autoritarismo reinante na fábrica, particularmente durante o

¹ Depoimentos de Aurelino de Andrade e José Caldini Filho concedidos ao autor.

período de ‘Estado de Guerra’, às supostas tendências nazi-fascistas das chefias.² “Muita gente”, comenta Aurelino, tinha “a visão de que ela [a Nitro Química] era do Eixo. Primeiro, porque nós não tínhamos nenhum direito social, não tinha lei, não tinha uma galocha, não tinha um macacão, não tinha horário.” Além disso, acrescenta Andrade, “os chefes de maior nível eram estrangeiros (...), então isso aí moveu, naquela patriotada nossa, a achar que eles também eram do Eixo.”³

As desconfianças dos operários da Nitro tinham uma base real. Durante a guerra, a polícia política, ciente da importância estratégica da empresa, desenvolveu estreita vigilância em relação à companhia, chegando inclusive, a infiltrar agentes na fábrica, prática que, como veremos, continuaria comum após o término do conflito bélico. O próprio bairro de São Miguel e suas redondezas foram objeto de controle e repressão. Com a decretação do ‘Estado de Guerra’, os membros da colônia japonesa residentes nos vizinhos municípios de Guarulhos e Mogi das Cruzes foram proibidos de se aproximar Nitro Química. Em São Miguel, comentava um investigador do DOPS em 1943, os japoneses “foram intimados a mudar-se das proximidades da fábrica (...). Foi também proibido trânsito de japoneses e alemães por estrada que margina a Nitro Química (...) [o que] implica que para virem a São Paulo deverão (...) dar uma volta de 20km aproximadamente, mas isto porá a Nitro a salvo de qualquer eventualidade criminosa que por ventura possam ter essas pessoas.”⁴

² Durante o ‘Estado de Guerra’, iniciado em 1942, várias indústrias foram enquadradas na ‘lei de esforço de guerra’ que, na prática, anulava a maior parte dos direitos trabalhistas, proibia as greves, militarizava o trabalho e dava poderes autocráticos aos industriais em relação aos seus funcionários. A Nitro Química, maior fábrica química de capital nacional e fornecedora de explosivos para o Exército, foi uma das primeiras a ser enquadrada como de ‘interesse nacional’. Sobre a influência do ‘Estado de Guerra’ sobre o movimento operário, ver Sílvio Frank Alem. *Os trabalhadores e a redemocratização*. Campinas, Dissertação de Mestrado, IFCH-Unicamp, 1981; Maria Célia Paoli. *Labour, law and state in Brazil: 1930-1950*. Londres, Tese de PhD, Birkbeck College – University of London, 1988 e Hélio da Costa. *Em busca da memória. Comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo, Scritta, 1995.

³ Depoimento de Aurelino de Andrade concedido ao autor. Denúncias sobre a suposta simpatia nazi-fascista de chefes e industriais estrangeiros foram bastantes frequentes durante o período da guerra, particularmente em São Paulo. Muitos trabalhadores aproveitaram a oportunidade da guerra para denunciar chefes autoritários como ‘quinta colunas’ e partidários do Eixo através de cartas enviadas ao presidente da República, Getúlio Vargas. Para uma análise das cartas enviadas a Vargas, ver Jorge Ferreira. *Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.

⁴ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-A-27, fls.8.

No entanto, como logo perceberam os policiais, simpatizantes do fascismo podiam ser encontrados com maior facilidade no interior da própria fábrica. Um investigador do DOPS trabalhando na empresa constatou a existência de partidários do Eixo, particularmente concentrada nos cargos de chefia de seção na companhia. Após a entrada do Brasil na guerra, eles, em geral, “não se manifestam abertamente no atual momento, com receio de perder o emprego”. O agente policial localizava neste setor o calcanhar de Aquiles da segurança da fábrica. “Se ali [na Nitro] houver sabotagem”, relatou, “partirá ela desses elementos, e não dos operários, na sua maioria filhos do Norte do país, gente humilde e trabalhadora e que só se encrençam por questões de trabalho e horas de serviços.” Na seqüência, o relatório apresentava uma lista com 12 nomes, na maioria chefes, de funcionários simpatizantes do Eixo, mas que “não se manifestam (...) na presença de pessoas que não pertençam ao seu círculo.”

Alguns, porém, não eram tão discretos. Na mesma investigação, o policial observou que “diversos elementos integralistas [que trabalham na Nitro], muitos partidários do Eixo, (...) vivem manifestando-se publicamente não só na fábrica, como nos bares e vendas vizinhas.” Um deles, o Dr. Hipólito, um dos diretores, é integralista. Já teve correspondência com Dr. Plínio Salgado.” Hipólito era explícito em suas preferências. “Seus objetos de escritório eram todos verdes: lápis, caneta e tinteiro. Chegou a ir para a fábrica de camisa verde, e mais tarde, levava a mesma por baixo. Hoje, vai algumas vezes com uma jaqueta verde. Assim como este, [há] outros elementos já do conhecimento da polícia.”⁵

Embora não haja notícias de sabotagens na empresa, não foi difícil para muitos operários generalizar o tratamento discricionário que recebiam de certas chefias – em uma observação paralela no seu relatório, o mesmo investigador do DOPS citado acima notou “perseguições” por parte de muitos chefes e encarregados contra os “pobres operários” –, às simpatias nazi-fascistas

de alguns dirigentes da companhia. “Tinha chefe na Nitro Química que fazia parte dos fascistas, fazia parte do movimento integralista daqui”, recorda José Caldini Filho.⁶ Com o término da guerra, muitos trabalhadores acreditaram que, com o fim do fascismo, o período de humilhações e perseguições na empresa também seria coisa do passado. Uma nova era parecia se abrir para todos.

O final da guerra, de fato, abriu um período de grande participação e mobilização política entre os trabalhadores brasileiros. O desmantelamento da ditadura do Estado Novo, a reorganização partidária, a anistia aos presos políticos, enfim, todo o processo de redemocratização do país foi acompanhado com enorme interesse e entusiasmo por operários e operárias nas principais cidades brasileiras. A volta do Partido Comunista do Brasil à legalidade e a libertação de líder, Luís Carlos Prestes, após dez anos nas prisões governamentais, no primeiro semestre de 1945, foram recebidas com grande simpatia nos distritos industriais do país. A popularidade de Prestes e da URSS, país decisivo para a derrota nazi-fascista, era crescente.

Os trabalhadores celebravam, mas também reivindicavam aquilo que julgavam ser seus direitos após vários anos de ditadura e guerra. Em São Paulo, por exemplo, os anos de 1945 e 46 foram marcados por uma intensificação das greves nas várias fábricas da capital e cidades industriais do estado e por movimentos reivindicatórios nos diversos bairros populares. Mesmo com uma postura ambígua em relação a esta movimentação popular, particularmente na avaliação das greves, o PCB acabou tornando-se, em grande medida, o partido identificado com as aspirações dos trabalhadores e passou a desfrutar de enorme popularidade, especialmente nos distritos operários.⁷

⁵ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-A-27, fls.12 e 13. O verde era a cor do integralismo. Sobre a relação entre o integralismo e o fascismo em São Paulo ver João F. Bertanha. *Sob o signo do fascio*. Campinas, Tese de Doutorado, IFCH-Unicamp, 1999.

⁶ Depoimento de José Caldini Filho concedido ao autor.

⁷ Sobre a participação dos trabalhadores na conjuntura de 1945/6 ver Francisco Weffort. “Origens do sindicalismo populista no Brasil”. *Estudos Cebrap* 4, abril-junho de 1973; Ricardo Maranhão. *Sindicatos e democratização*. São Paulo, Brasiliense, 1979; Silvio Frank Alem. *Os trabalhadores...*; Maria Célia Paoli. *Labour...*; Hélio da Costa. *Em*

Em São Miguel, o final do Estado Novo também marcou a inauguração de um período onde a política passou, em grande medida, a fazer parte do cotidiano de operários e operárias. Após anos de ditadura, muitos trabalhadores entusiasmaram-se com a possibilidade de efetivamente influenciar o jogo político no país. Para vários jovens migrantes, por exemplo, a abertura política do pós-guerra, somada ao fato de que muitos mal tinham tido contato com o mundo político em suas terras de origem significava que a chegada a São Paulo trazia também esse novo campo de possível interesse e participação. Augusto Ferreira Lima chegou em São Miguel em 1948 e no interessante depoimento abaixo compara a vida política no interior da Bahia, de onde veio, e em São Paulo:

“[Lá] tinha política só para nós votar, mas nós não tínhamos direito de fazer política lá dentro, e aqui nós tínhamos. Lá na Bahia eu fui eleitor de 45 até 48 (...) e dava o meu voto diretamente para o partido de Getúlio Vargas, que se chamava PTB. Mas não tinha direito de fazer parte, não tinha direito de ir em reunião, nós só tinha direito de dar o voto. Aqui em São Paulo quando eu cheguei aqui logo foi a maior felicidade. [Quando ocorreram eleições], já recebi uma carteirinha do partido PSP - Partido Social Progressista, do doutor Ademar de Barros, o candidato era ele e o nosso comitê era aqui. Aí eu já entrava lá dentro, já tinha direito, já saía, já ajudava a trabalhar no carro do homem prá cima e para baixo com a turma. Eu tinha direito, eu tinha um gosto danado, carregava a escada no meu carrinho, a gente encostava naquele lugar, pegava aquelas paredes que tinha autorização para por o nome do doutor Ademar de Barros (...). Quer dizer, [aqui em São Paulo] nós fazíamos parte, e lá [na Bahia] nós dava só os votos, só o voto e olha lá.”⁸

busca...; John French. *O ABC dos operários. Conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950*. São Paulo, Hucitec e São Caetano do Sul, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1995.

⁸ Depoimento de Augusto Ferreira Lima concedido ao autor.

Entusiasmo semelhante com a participação política, foi compartilhado por muitos trabalhadores em São Miguel. Também naquele bairro, o Partido Comunista foi o grande depositário da empolgação e esperanças de operários e operárias no pós-guerra. A célula Augusto Pinto fundada pelos comunistas locais em homenagem ao antigo militante morto em 1937 no presídio de Maria Zélia, em poucos meses, tornou-se “o orgulho do PCB”, sendo a maior organização de base do partido em São Paulo, com mais de mil trabalhadores filiados.⁹

Interessados em fincar raízes naquele que começava a ser um dos maiores centros operários da cidade, os dirigentes do partido, em pleno período da guerra, haviam deslocado Ramiro José de Souza para aquela região. Trabalhando na Nitro Química, o jovem comunista começou a empenhar-se na arregimentação entre os trabalhadores daquela companhia. Devido à sua ascendência, logo ganhou o apelido de ‘portuguezinho’. O sucesso da estruturação do partido em São Miguel rendeu a Ramiro um capítulo inteiro em sua homenagem no livro *Homens e coisas do Partido Comunista*, escrito por Jorge Amado em 1946. “Olho com assombro a face sorridente deste jovem operário de 23 anos,” escreveu Amado, “e compreendo então, o significado exato da palavra ‘comunista’.” Aurelino de Andrade foi ganho para o PCB por Ramiro e também considerava-o um quadro excepcional. “Ele era solidário, corajoso (...), um tremendo organizador, muito competente. (...) Ele que fazia a ligação entre o partido” no bairro e as instâncias dirigentes.¹⁰

Em torno de Ramiro, se estruturou um importante núcleo do partido. Além de operários da Nitro como Severino Barbosa, Eurídes de Oliveira, Januário Cavalcanti, João Vichino Vazquez e Joaquim Martins da Silva, outros setores sociais do bairro aproximaram-se da

⁹ Cf. Ricardo Maranhão. *Sindicatos e...*, p. 77; Jorge Amado. *Homens e coisas...*, p. 44 e Paulo Teixeira Iumatti. *Diários políticos de Caio Prado Júnior: 1945*. São Paulo, Brasiliense. 1998, p. 142. Mesmo que este número possa estar exagerado (em toda a região do ABC, por exemplo, o partido tinha mil membros em 1947, de acordo com John French. Cf. *O ABC...*, p. 233), de fato ocorreu uma grande e surpreendente adesão ao PCB em São Miguel, tornando-o o maior partido da região naqueles anos.

¹⁰ Cf. Jorge Amado. *Homens e coisas...*, p. 45 e depoimento de Aurelino de Andrade concedido ao autor.

agremiação, como o vendedor de terrenos Mardoqueu Schmidt e o comerciante Mário Hachid, entre outros. Quando a guerra acabou, foi apoiado no trabalho destes que o PCB alcançou enorme respaldo em São Miguel. Ainda em 1945, militantes do PCB passaram a fazer parte da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Químicos de São Paulo. Aurelino de Andrade, trabalhador da Nitro Química e recém convertido ao comunismo, tornou-se secretário geral da entidade. A subseção do sindicato em São Miguel, instalada no bairro desde 1943, tornou-se, naquele período, o principal polo de mobilização e discussão política na região.

Com o crescimento do PCB, vários dirigentes e figuras de destaque do partido passaram a visitar o longínquo bairro. Além da presença de Jorge Amado, São Miguel recebeu “Graciliano Ramos, Dorival Caymi, veio Teresino Correia, que foi tenente no tempo de Prestes.” Aurelino de Andrade recorda-se que também “começaram a aparecer livros proibidos: a ‘Vida de São Luís’ (risos), que era a vida do Prestes na Coluna, escrito pelo Jorge Amado. Então, nós começamos a ler aqueles livros: o Marx, depois veio o Lenin, o Gorki (...) Então a célula Augusto Pinto [montou] uma biblioteca.” O próprio Luís Carlos Prestes não tardou a visitar aquele promissor núcleo comunista. Na manhã do feriado do dia 7 de setembro de 1945, Prestes compareceu pela primeira vez ao bairro para participar de um comício. Foi recepcionado por cerca de 400 pessoas que o aguardavam em frente à sede do comitê comunista, uma “pequena e acanhada casa.” Um “grupo de meninas acompanhadas por alguns músicos, cujos instrumentos eram violão, cavaquinho e cuíca, cantaram o hino nacional.” Joaquim Martins da Silva, membro do comitê local, convidou Prestes para almoçar no restaurante da Nitro Química. Jeremias de Oliveira Franco, o policial do DOPS que acompanhava a visita, continua o relato:

“Lá chegando em hora que os operários costumam almoçar, postaram-se em frente à fábrica gritando, então, diversos organizadores do comício: ‘queremos seis almoços’, reduzindo depois para um só almoço e aí permaneceram pelo espaço de 40 minutos, até que fossem atendidos. Isto aconteceu porque os referidos organizadores não se

lembraram, naturalmente, de obter da direção da fábrica a necessária autorização para oferecerem o almoço a Prestes.”

A visita prosseguiria com a realização de um comício em que Prestes conclamou a necessidade de que todos se alistassem para as eleições “afim de enviar à Assembléia Constituinte os seus representantes para que escrevessem uma carta constitucional em que ficassem assegurados os direitos do povo.”¹¹ Seria, no entanto, aquele rápido almoço de Prestes no restaurante da empresa que ficaria marcado por muitos anos na memória de vários moradores de São Miguel, mesmo de muitos que sequer viviam no bairro naquele período. Artur Pinto de Oliveira, por exemplo, conta que Prestes “almoçou no restaurante da Nitro Química, mas eu não estava aí na época, porque eu cheguei em 48, [mas sei disso porque] o pessoal comentava: ‘o Prestes almoçou com a gente aqui na mesa, rapaz! O Luiz Carlos Prestes, ele entrou, pegou a fila aí, pegou a bandeja e almoçou com a gente’.”¹²

Aqueles anos de 1945 e 46 ficariam marcados por uma intensa onda de comícios e atividades públicas no bairro organizadas pelos comunistas. Se as eleições e debates na Assembléia Constituinte dominavam as discussões mais gerais e os discursos dos dirigentes e parlamentares que vinham ao bairro, em nível local, era a luta por direitos e melhores salários na Nitro Química, bem como por melhores condições de vida no bairro, que principalmente, chamava a atenção da audiência de militantes e simpatizantes do partido. Dois dias antes da visita de Prestes, o subdelegado de São Miguel (então Baquirivú), Rafael Valério, também responsável pela unidade do corpo de bombeiros da Nitro Química, endereçava uma carta ao seu superior hierárquico solicitando instruções, já que “os elementos pertencentes ao núcleo do Partido Comunista local vêm levando a efeito uma série de comícios, em muitos dos quais deturpam completamente o sentido político para se lançarem a críticas e a apartes pessoais tendentes a

¹¹ Deops/SP, Daesp. Prontuário 59.619.

provocar distúrbios e arruaças.” Valério informava ainda que há cerca de dois meses fora “obrigado a intervir a fim de evitar que fosse realizado um comício noticiado minutos antes sob o título de ‘Comício Proletário de Protesto’, onde (...) desejavam levar a público assuntos corriqueiros e internos passados numa fábrica local.”¹³

Pouco mais de uma semana após as reclamações de Valério, no dia 14 de setembro de 1945, lá estavam novamente os comunistas “reunindo 200 pessoas, mais ou menos,” na rua Santa Isabel, em São Miguel. Na semana seguinte, outro comício em frente à subseção do Sindicato dos Químicos com a “presença de 250 pessoas”, discutindo a necessidade de uma Assembléia Constituinte. Já no dia 8 de outubro, foi necessário o “uso de alto-falante” para que os oradores pudessem se fazer entender pela grande platéia. A adoção do ‘comício-sabatina’ em que um parlamentar ou dirigente do partido era questionado pelos presentes permitia uma participação maior do público e teve grande sucesso. No dia 14 de abril de 1946, por exemplo, Carlos Marighella, deputado comunista na Assembléia Constituinte, respondia às questões formuladas pelos presentes no comício realizado “no Largo da Estação em Baquirivú (...) com uma assistência de 400 pessoas, mais ou menos.” Além de “explicar detalhes da Assembléia Constituinte”, o deputado “atacou a administração da Cia. Nitro Química, dizendo que esta companhia suga o suor de seus operários, com descontos irregulares nos seus salários.”¹⁴

Os militantes e simpatizantes comunistas de São Miguel também se entusiasmaram em marcar uma forte presença nas grandes manifestações realizadas pelo PCB na cidade. Quando, no dia 23 de setembro de 1945, o PCB promoveu uma grande concentração popular no Vale do Anhangabaú para exigir a convocação de uma Assembléia Constituinte, “tomou parte integrante do comício [a execução] do choro *Luis Carlos Prestes* composto por operários de São Miguel. O

¹² Depoimento de Artur Pinto de Oliveira concedido ao autor. Teresa Caldeira também encontrou depoentes em São Miguel que lembravam-se de visitas de Prestes ao bairro. Cf. Teresa Calderia. *A política...*, p. 271.

¹³ Deops/SP, Daesp. Dossiê 20-Z-39, fls. 281

¹⁴ Deops/SP, Daesp. Prontuários 59.544 vol.1, 2 e 3.

operário Emílio Alves Freire, também de São Miguel, cantou várias músicas, entre as quais (...) *Liberdade, Sentimento e O Careca*.” No principal comício paulistano da campanha de Yedo Fiúza, candidato do PCB à presidência da República em 1945, também realizado no Anhangabaú em novembro, “a primeira célula a comparecer ao vale e receber tremenda ovação foi a célula Augusto Pinto de Baquirivú [São Miguel]”. Em uma das maiores faixas expostas no Estádio do Pacaembú durante o famoso comício ‘São Paulo a Luís Carlos Prestes’, lia-se: “PCB-Trabalhadores da Nitro Química”. “Aquele comício foi um negócio sério,” relembra Aurelino de Andrade, [em São Miguel], “nós enchemos [de gente] dois caminhões velhos que arrumamos.” Tantas pessoas desejavam ir que foi necessário que os veículos “realizassem mais de uma viagem.” Antônio Carlos Felix Nunes em seu livro, *PC linha leste*, no qual, através da ficção, narra suas experiências como militante do PCB na zona leste de São Paulo durante os anos 50, conta o episódio vivido pelo personagem Ramón, que morava “no afastado bairro de São Miguel Paulista.” Ramón adorava contar às suas filhas, “com o entusiasmo de quem descobre a beleza da vida, como fora o comício (...) quando Prestes saíra dos cárceres do Estado Novo para cair nos braços do povo”.¹⁵

A disposição e capacidade de mobilização por parte dos comunistas são-miguelenses impressionava. Durante o período de legalidade do partido, seus militantes dedicaram-se com grande afincamento e energia às tarefas de proselitismo político, mobilização e debate com a população. Tamanha disposição chamava a atenção da população local e angariava simpatia, mesmo naqueles que não se consideravam partidários de suas idéias. O baiano e antigo operário da Nitro, Cícero dos Santos, conta como via o partido naquele período: “os comunistas eram

¹⁵ Deops/SP, Daesp. Dossiê 20-Z-39, fls. 251 e 288; *Hoje*, 18 de novembro de 1945; depoimento de Aurelino de Andrade concedido ao autor; e Antônio Carlos Felix Nunes. *PC linha leste. Fragmentos da vida partidária*. São Paulo, Editorial Livramento, 1980, pp. 79-80.

bastante unidos. Dava gosto vê-los desfilando em passeatas nas ruas do bairro. (...) Eles procuravam ajudar os desfavorecidos.”¹⁶

A presença dominante da Nitro Química no bairro também marcava a atuação dos comunistas em São Miguel. A imensa maioria dos militantes e simpatizantes do partido evidentemente trabalhava na fábrica e o grande número de problemas ligados à empresa influenciava bastante a agenda política local. Não à toa, a maioria dos dirigentes do PC quando vinham a São Miguel, necessariamente discursavam sobre as reclamações e reivindicações dos trabalhadores da Nitro. Também os problemas do bairro recebiam a atenção dos comunistas. Nas páginas do jornal do partido, o *Hoje*, era possível encontrar relatos dos infortúnios dos vários bairros e distritos da cidade, bem como os pleitos de seus moradores. Mesmo problemas simples, mas cuja solução não era encaminhada pelas autoridades, podiam ser destacados no diário. Na edição de 22 de novembro de 1946, por exemplo, a seção ‘A voz das ruas’ do jornal relatava que “Baquirivú reclama fiscalização da higiene”, já que “os vendedores de peixe” da feira-livre que se realiza às sextas-feiras “na principal via pública da localidade (...) deixam resíduos na rua, exalando mal cheiro e oferecendo sério perigo à saúde da população.”¹⁷

Com a entrada de militantes e simpatizantes comunistas na direção do Sindicato dos Químicos em 1945, a entidade passou a ter um papel mais ativo naquela conjuntura. Seus dirigentes envolveram-se na articulação sindical em torno do MUT (Movimento Unificador dos Trabalhadores) e em vários congressos e reuniões. As assembléias com os trabalhadores da categoria também tornaram-se mais constantes e com uma participação muito maior e mais ativa dos operários, em particular os da Nitro.¹⁸

¹⁶ Depoimento de Cícero dos Santos citado em Antônia Sarah Azis Rocha. *O bairro à ...*, p. 36-7.

¹⁷ *Hoje*, 22 de novembro de 1946.

¹⁸ Sobre a história do Sindicato dos Químicos neste período ver Paulo Fontes. *Trabalhadores e...*, pp.103-119; e Annez Troyano. *Estado e...*, pp. 42-59.

Em março de 1946, no bojo de uma nova onda grevista na cidade, uma paralisação de grande vulto, embora parcial, atingia a Nitro Química. Durante 13 dias, centenas de trabalhadores recusaram-se a trabalhar exigindo aumento salarial e melhores condições de segurança no trabalho, reivindicações há muito debatidas e desejadas pelos operários da companhia. A repressão policial e as várias demissões implementadas pela direção da empresa acabaram derrotando o movimento.¹⁹ O fracasso, porém, parece não ter afetado a reputação local do PCB. Com o fechamento do restaurante da empresa, como represália à greve, o partido e o Sindicato dos Químicos desencadearam a ‘Campanha da Fome’. Passeatas e comícios tomaram conta de São Miguel, denunciando a empresa, divulgando a situação dos operários e angariando grande solidariedade entre a população local. Uma cozinha comunitária foi instalada na subsede do sindicato e muitos moradores auxiliaram na distribuição de marmitas para os trabalhadores.²⁰

Embora surpresa e relativamente intimidada pela crescente influência comunista em São Miguel, a direção da Nitro Química durante todo o período de legalidade do PCB procurou combatê-lo pressionando e demitindo os operários comunistas ou simplesmente simpatizantes. Uma das perguntas mais insistentemente feitas ao deputado do PC, Milton Caires de Brito,²¹ quando ele participou de um piquenique organizado pelo comitê distrital partidário de São Miguel em janeiro de 1946, foi “qual deveria ser a posição dos trabalhadores de uma grande empresa frente à expulsão de companheiros pelo motivos dos mesmos se filiarem ao partido do trabalhador.” Uma clara referência à política repressiva da Nitro, Gregório Tripak, encarregado

¹⁹ Para maiores detalhes sobre esta greve específica ver Paulo Fontes. *Trabalhadores e...*, pp. 109-112 e Hélio da Costa. *Em busca...*, pp. 77-83. Costa analisa os depoimentos de operários colhidos no inquérito sobre o movimento grevista instalado pelo DOPS. Em especial, o depoimento de Mardoqueu Schmidt, membro da célula Augusto Pinto, que afirmava serem os comunistas contra aquela greve, foi considerado por Costa como exemplar, sendo verdadeiras ou não as afirmações de Schmidt, das ambigüidades da ação sindical do PCB naquele período e das tensões que a linha oficial do partido provocava no cotidiano de lutas da militância. Sobre o inquérito policial, conferir Deops/SP. Daesp. Prontuário 57.727.

²⁰ Cf. Antônia Sarah Azis Rocha. *O bairro à...*, p.35

²¹ Miguel Caires de Brito foi eleito primeiro suplente de deputado à Constituinte. Assumiu quando o Comitê Municipal do partido obrigou o ferroviário Mário Scott, deputado eleito, a renunciar em favor de Caires. Cf. Moisés Vinhas. *O Partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974)*. São Paulo, Hucitec, 1982, p. 91 e Dulce Pandolfi. *Camaradas e companheiros. História e memória do PCB*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.

de turma na fábrica, denunciava em dezembro de 46 que era vítima de perseguições por motivos políticos dentro da empresa. Naquele mês, por exemplo, havia sido suspenso por 5 dias, apenas por ter avisado com antecedência que teria que faltar ao serviço “por motivo imperioso” e, apesar de ter providenciado um substituto. A suspensão lhe custou uma gratificação de final de ano, paga a todos os operários, “salvo àqueles que, por qualquer motivo, tenham sido suspensos no decorrer do ano.” “Sempre vêm-me nos comícios do Partido Comunista”, relatava Tripak, “e julgam que não posso pertencer a um partido legalmente registrado (...) Não gostam de mim porque há vinte e poucos dias pedi um aumento de salário para todos os operários” e o chefe de serviço “disse-me que cuidasse da minha vida, que não tinha nada a ver com a dos outros.”²² A empresa trabalhava em estreita colaboração com o DOPS para mapear os operários ‘suspeitos’. Assim, em maio de 1945, quando a entidade policial alertou a direção da Nitro Química de que Ramiro, o portuguezinho, “ex-operário daquela indústria, Eurídes de Oliveira e Joaquim de Moraes estavam agitando de novo os operários da companhia”, a chefia da Nitro prontamente “resolveu demitir o agitador Eurídes de Oliveira.”²³

Apesar do impacto do surgimento do PCB em São Miguel, a popularidade e influência de Getúlio Vargas ainda era grande o suficiente para convencer a maioria dos trabalhadores a seguir sua indicação de voto nas eleições presidenciais em dezembro de 1945: o General Eurico Dutra.²⁴ Para surpresa do então comunista Aurelino de Andrade, muitos operários, mesmo simpatizantes do PC, “em vez de votar em Yedo Fiuza [o candidato do PCB à presidência, que nacionalmente alcançou cerca de 10% da votação], votaram no Dutra, porque na última hora Getúlio mandou votar.” Ainda, assim “Fiuza teve uma boa votação” no bairro. Geraldo Rodrigues de Freitas ainda não era comunista em 1945 e lembra que naquelas eleições votou “no Dutra a mando de Getúlio.

²² *Hoje*, 21 de janeiro de 1946 e 20 de dezembro de 1946.

²³ Deops/SP. Daesp. Dossiê 50-A-27, fls. 6.

²⁴ Embora os dados eleitorais específicos do distrito de São Miguel para as eleições presidenciais de 1945 e 1950 não estejam disponíveis, é possível supor, a partir dos depoimentos de antigos moradores, que os eleitores do bairro

Eu era getulista [devido] às leis que ele estava fazendo naquele tempo. Foi Getúlio que criou todas as leis...”²⁵

Mas os resultados da atuação do PCB no bairro naquele período seriam bem mais visíveis nas eleições para a Assembléia Legislativa do estado de São Paulo, realizada em 19 de janeiro de 1947. Dos 2.640 votos válidos no bairro, a votação por legenda partidária pode ser vista no quadro abaixo:

Partido	Número de votos (porcentagem sobre o total no bairro)
Esquerda Democrática	17 (0,6%)
Partido Comunista do Brasil (PCB)	947 (35,8%)
Partido Democrata Cristão (PDC)	33 (1,25%)
Partido de Representação Popular (PRP)	73 (2,7%)
Partido Republicano (PR)	42 (1,5%)
Partido Social Democrático (PSD)	139 (5,2%)
Partido Social Progressista (PSP)	477 (18%)
Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)	790 (29,9%)
Partido Trabalhista Nacional (PTN)	29 (1%)
União Democrática Nacional (UDN)	93 (3,5%)

Fonte: *Boletim eleitoral do TRE/SP* n. 10, 15 de outubro de 1947, p. 128. (grifos meus)

Já para nas eleições suplementares para a Câmara Federal realizadas no mesmo dia, os candidatos do PCB coligados com os do PSP somaram 1.393 votos (52,7% do total de votos),

tenham votado em Dutra em 1945 e em Getúlio Vargas em 1950. Os moradores entrevistados por Teresa Caldeira também confirmam tais informações. Cf. Teresa Caldeira. *A política dos...*, pp.43-4.

sendo que apenas o comunista Pedro Pomar obteve 944 votos. Juntos, os candidatos do PTB obtiveram 838 votos, sendo que Armando Leyder recebeu 553 deste total. A coligação PSD-PR teve 186 votos no bairro e a UDN apenas 81.²⁶

Os índices de votação da vitória do PCB em São Miguel naquelas eleições são ainda mais expressivos quando comparados com a votação geral do partido em São Paulo. Na capital, o partido também foi o mais votado, mas com um índice razoavelmente menor (25,3%). Na 4ª zona eleitoral (da qual São Miguel, então Baquirivú, fazia parte, juntamente com outros bairros da Zona Leste como Belém, Penha e Tatuapé e da Zona Norte, como Santana) o PCB obteve 32,3% dos votos, também saindo-se vencedor. Em São Miguel, os comunistas tiveram um dos índices mais altos de votação em toda a cidade de São Paulo.²⁷

Chama a atenção ainda a boa votação do PTB e PSP (respectivamente, 23,1% e 19,5% no conjunto da cidade) e a impressionante derrota dos dois principais partidos nacionais, o PSD e a UDN, com votações inexpressivas no bairro e nas principais regiões operárias da capital, (obtiveram respectivamente 9,7% e 9,6% dos votos em toda a cidade). Nas mesmas eleições, Ademar de Barros foi eleito governador, contando com o apoio decisivo dos comunistas. Em São Miguel, Ademar de Barros obteve 58,7% dos votos do distrito. A aliança com o PCB, além de fundamental para sua vitória, abriu a oportunidade para o partido de Barros, o PSP, iniciar a conquista de espaço no eleitorado operário e da periferia.²⁸

Não é possível saber exatamente como votaram os eleitores nascidos em São Paulo e os provenientes de outros estados, mas dado o peso da migração na composição da população de São Miguel já naquele período, é razoável supor que os migrantes constituíam um número expressivo no eleitorado local e que contribuíram para a vitória comunista no bairro. Os

²⁵ Depoimentos de Aurelino de Andrade e Geraldo Rodrigues de Freitas.

²⁶ Cf. *Boletim Eleitoral do TRE/SP*, n.24, 24 de maio de 1948, pp. 268, 284, 300 e 315.

²⁷ Cf. *Boletim eleitoral do TRE/SP*, n.10, 15 de outubro de 1947, p.129.

²⁸ Cf. *Boletim eleitoral do TRE/SP*, n.7, 10 de outubro de 1947 e Teresa Caldeira, *A política dos...*, p. 43. Sobre o apoio do PCB a Ademar de Barros ver John French. *O ABC...*, especialmente o capítulo 8.

resultados eleitorais em São Miguel, apesar da expressiva votação do PTB, servem, ao menos, para matizar as conclusões de Azis Simão em seu famoso artigo sobre o voto dos trabalhadores em São Paulo.

Analisando as eleições de 1945 e 1947, Simão observou que “a maioria [dos migrantes] localizou-se nos espaços ainda vazios dos velhos bairros e principalmente em sua área periférica e zonas suburbanas.” Para o autor, “os eleitores desta população foram votantes do PTB ou de seu chefe. Para eles, principalmente para os provenientes das zonas rurais, a possibilidade de viver na capital do estado e as disposições legais sobre o trabalho e assistência social apresentaram-se como dádivas inesperadas e recebidas de uma só vez, graças ao governo do chefe do PTB.” Certamente, para os trabalhadores era bastante estreito o vínculo entre Getúlio e a legislação trabalhista, embora seja difícil afirmar que esta relação foi mais forte entre os migrantes dos que entre os nascidos em São Paulo. Se na votação de 1945 a força eleitoral desta relação fosse claramente demonstrada (como seria novamente em 1950, quando o próprio Vargas concorreu e venceu a eleição presidencial), os resultados das eleições de 1947 mostram que outros fatores poderiam pesar decisivamente na escolha eleitoral dos operários em São Paulo, inclusive dos migrantes. A votação do PCB em 1947, e São Miguel é exemplo significativo disto, relacionou-se à sua capacidade de articular as demandas operárias e dos moradores do bairro. Como observou o próprio Simão, “o PCB manteve sede nos bairros e grupos organizados nos locais de trabalho, particularmente nas fábricas. Seus partidários tiveram assim a possibilidade de agir de modo direto, imediato e amplo na direção do voto operário.”²⁹

Além do grande entusiasmo com a volta à democracia e o prestígio de Prestes e da URSS, a simpatia que o PCB despertou em várias regiões industriais do país, inclusive em São Miguel, pode ser explicada pelo forte apelo que, em um momento de abertura política e incentivo à

²⁹ Cf. Aziz Simão. “O voto operário em São Paulo”, *Revista de brasileira de estudos políticos*, vol.1, n.1, dezembro de 1956.

participação popular, teve a idéia de um partido “dos operários” que destacava a dignidade e importância dos trabalhadores na sociedade. José Caldini Filho, jovem estudante, aderiu ao PC em meados de 1945, em um contexto de grande crescimento do partido no bairro. Para ele, os comunistas tiveram muito apoio “por causa da fábrica. Aqui o movimento operário era forte e (...) o partido fazia trabalho [na Nitro] e tinha força.” Já o PTB, o outro partido que disputava a condição de agremiação política dos trabalhadores, não chegou a criar fortes raízes populares na região, como de resto na maior parte do estado de São Paulo, dependendo sobremaneira do prestígio e popularidade de sua principal liderança nacional, o próprio Getúlio Vargas e de algumas lideranças estaduais.³⁰

Ademais, considerando a linha partidária oficial e suas reviravoltas, as lideranças locais e as bases do PCB naquele momento procuraram com frequência dar visibilidade aos problemas e preocupações da massa operária. Com isso o PCB certamente capitalizou o entusiasmo e a simpatia dos trabalhadores que, em sua maioria, pela primeira vez, podiam debater e reclamar publicamente de seus problemas e demandas. Não à toa, ruas e praças públicas foram ganhas para a política naqueles eufóricos meses. O grande número de comícios e manifestações atendia a uma demanda crescente dos trabalhadores, não só em ouvir, mas principalmente em se fazerem ouvir. A adoção por parte do partido dos ‘comícios-sabatina’ ou ‘encontros-sabatina’ em que os oradores não apenas discursavam, mas respondiam perguntas formuladas pela audiência, foi uma das formas de contemplar o desejo de manifestação da população. Em um desses encontros, por exemplo, “o piquenique de confraternização dos operários de Baquirivú” realizado em janeiro de 1946 “no sítio de propriedade do Dr. Siqueira Campos, no Itaim”, teve o seu ápice com “uma sabatina” em que o deputado Milton Caires de Brito, recém eleito à Assembléia Constituinte “foi assediado com muitas perguntas dos trabalhadores acerca de diversos problemas”, entre as quais,

³⁰ Depoimento de José Caldini Filho concedido ao autor. Sobre o PTB em São Paulo ver Maria Victoria Benevides. *O PTB e o trabalhismo. Partido e sindicato em São Paulo (1945-1964)*. São Paulo, Brasiliense/Cedec, 1989.

questões sobre o alistamento militar, o combate ao integralismo, a repressão patronal nas empresas, os direitos das mulheres e, mesmo, “o que pensava o partido a respeito do divórcio.”³¹

Além disso, os próprios comícios e encontros populares tinham um evidente aspecto lúdico, que permaneceria presente ainda por muitos anos no imaginário popular. Quando instada a falar sobre as diversões no período de sua infância e juventude (os anos 50 e início dos 60) em São Miguel, Elza Alcântara de Araújo, por exemplo, não teve dúvida em listar os comícios, ao lado do cinema e do parque de diversões.”³² Naquele mesmo período, Jânio Quadros, como veremos, saberia como poucos captar este aspecto de divertimento relacionado aos comícios.

Em São Miguel, como provavelmente em outros lugares, os militantes do PC souberam incorporar à vida política, as manifestações culturais populares. Bailes, festas e música eram freqüentes manifestações partidárias. Logo após a mencionada sabatina do deputado Caires de Brito, “iniciou-se uma animada matinê dançante no gramado, a qual durou toda a tarde ao som do coral São Miguel.” Lídia Castelani entrou para o PCB neste período e lembra bem “dos nortistas fazendo as músicas deles [que inventavam] na hora, repente, (...) no salão” que o PCB local possuía na “Rua da Fábrica.” Recorda-se também dos “bailes que o partido promovia.” Era “gostoso e (..) fazia sucesso”, comenta.³³

De certa forma, os comunistas são-miguelenses compartilharam em muito de uma informalidade bastante presente nas relações pessoais no bairro e, sem dúvida, isso ajuda a explicar o crescimento e simpatia que o partido despertou naquela comunidade no pós-guerra. Ao mesmo tempo, favoreceram e foram favorecidos por um forte sentimento de classe e por uma linguagem comum que difundia-se cada vez mais entre os trabalhadores urbanos naquele momento. Entretanto, é preciso enfatizar que a grande maioria dos que aderiam ao comunismo não era composta do que se convencionou chamar de quadros militantes, eram simpatizantes que

³¹ *Hoje*, 21 de janeiro de 1946.

³² Entrevista de Elza Alcântara de Araújo concedida ao LabDoc-Unicsul.

mantinham uma relação ainda razoavelmente tênue com a organização partidária. Embora fosse grande o entusiasmo e adesão, a estrutura do partido ainda era incipiente e sobreviveria bastante precariamente à forte repressão e perseguição que sofreria a partir de meados de 1947.

A era da repressão

Na manhã do dia 12 de maio de 1947, Paulo Rangel, delegado adjunto do DOPS, juntamente com um escrivão daquela instituição, dirigiu-se a São Miguel com a missão de fechar a sede local do Partido Comunista do Brasil. Não houve resistência por parte dos cinco militantes comunistas que se encontravam no local. Estes, seguiam as orientações do comitê executivo nacional do partido que pediu calma e obediência à ‘injusta’ decisão do Tribunal Superior Eleitoral que, cinco dias antes, claramente influenciado pelo clima de Guerra Fria, havia deliberado por 3 votos a 2 pela cassação do registro eleitoral do PCB, alegando ser o partido uma organização comandada do exterior e a serviço de potências internacionais, o que colocaria em risco a própria sobrevivência do Brasil.³⁴ Dorval Svizzero, João da Cruz Rodrigues, Nelson Lisboa de Novaes, Mardoqueu Schimdt e Álvaro de Souza Rocha acompanharam, certamente com tristeza, o fechamento do local que alojara tanto entusiasmo e que, nos dois anos anteriores havia agitado a vida política do bairro. O delegado do DOPS apreendeu um vasto material de propaganda, como panfletos, cartazes, boletins, flâmulas e livretos. Um “cartaz de aviso ao povo de Baquirivú sobre a existência de uma lista para as reivindicações populares” foi levado. Rangel também recolheu um “retrato a óleo da filha do Senador Luís Carlos Prestes, com as iniciais J.M.J.” e vários painéis, dentre os quais o que cobria a fachada da sede “contendo a inscrição

³³ Depoimento de Lídia Castelani Gomes concedido ao autor.

³⁴ Cf. e Moisés Vinhas. *O Partidão...*, John French. *O ABC...*, pp. 222-3 e Dulce Pandolfi. *Camaradas e...*, pp. 168-170.

Partido Comunista do Brasil: Comitê Distrital de Baquirivú.”³⁵ A biblioteca e os arquivos partidários, entretanto, não foram encontrados. Receosos da ação policial, militantes trataram de esconder este material antes que os agentes do DOPS o fizessem.³⁶

Alguns dias mais tarde, seria a vez do Sindicato dos Químicos sofrer intervenção governamental. Acusada de apoiar a criação da Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB), a direção sindical química, como várias outras que encontravam-se na órbita do PCB, foi deposta e em seu lugar colocada uma Junta Governativa nomeada pelo Ministério do Trabalho. Apesar dos veementes protestos do presidente da entidade, João Izidro Galvão e de Aurelino de Andrade, o operário comunista da Nitro que havia se tornado secretário geral, toda a diretoria foi cassada, com exceção do vice-presidente, Luiz Gonzaga Braga que, em um clima tenso com fortes acusações de traição, foi nomeado presidente da Junta.³⁷

Era um duro golpe para os comunistas são-miguelenses. Mas, a situação ficaria ainda pior, quando nos meses seguintes vários militantes, capitaneados por Aurelino de Andrade, começaram a se bandear para as hostes do Partido Social Progressista do então governador Ademar de Barros. Aurelino havia tido uma atuação destacada na campanha dos comunistas em apoio à eleição de Barros. No comício promovido pelo PCB para apresentar Ademar à população de São Miguel, foi a única liderança local que se dirigiu às mais de mil pessoas que se reuniam naquela noite de sábado, 4 de janeiro de 1947. Além de solicitar o apoio a Ademar, Aurelino “pediu para o povo votar na chapa popular do PCB para o bem de todos, atacando a direção da Nitro Química pelos salários de fome que pagam a seus operários.”³⁸

³⁵ Cf. Auto de Fechamento – Comitê Distrital de Baquirivú do Partido Comunista do Brasil., TRE/SP (processos soltos).

³⁶ Pouco antes de conceder-me uma entrevista, Aurelino de Andrade mostrou-me um antigo exemplar do *Manifesto do Partido Comunista* com o carimbo da célula Augusto Pinto. Quanto aos arquivos, em novembro de 1948, um ex-dirigente do partido em São Miguel informava ao DOPS que Veriato José de Souza “está de posse do arquivo do partido na época da legalidade.” Apesar desta informação, aparentemente, os arquivos nunca foram localizados pela polícia política. Cf. Deops/SP, Daesp. Prontuário 86.465.

³⁷ Cf. Paulo Fontes. *Trabalhadores e...*, pp. 117-9.

³⁸ Deops/SP, Daesp. Prontuário 59.544.

Quatro meses depois, Aurelino de Andrade seria cassado da direção do Sindicato dos Químicos e veria o partido ao qual era filiado ser posto na ilegalidade. Apesar disto, o jovem Andrade, então com 25 anos de idade, ainda continuaria por muito tempo na vida política. Junto com outros militantes, aderiu ao PSP e rapidamente, como veremos, tornou-se a principal liderança do partido na região. José Caldini Filho lembra que como “Ademar era popular (...) tinha carisma político e também tinha dinheiro para gastar”, em pouco tempo o baiano Aurelino de Andrade passou a ser uma das figuras mais influentes de São Miguel.³⁹

As razões da saída de Aurelino do PCB são controversas. Ele próprio afirma que já vinha tendo divergências com o partido há algum tempo, entre outras coisas devido à falta de democracia interna e ao forte rigor hierárquico da agremiação. O ápice de suas discordâncias, segundo ele, ocorreu quando em um concurso de ‘Rainha dos Trabalhadores’ promovido pelo sindicato em São Miguel, dirigentes do PCB tentaram fraudar a eleição em favor da filha de um militante comunista local. “Olha companheiro”, teria dito o assistente do partido para Aurelino, “essa aqui é burguesa [Maria Leão, que era secretária numa escola de datilografia], tem que tirar esses votos daí e colocar para a operária”. Aurelino teria se recusado e diante disso, os comunistas teriam ameaçado “quebrar tudo”. Diante disso, relata, “eu chamei o DOPS, aí eu saí de todos os costumes, como eles chamam, todos os níveis do PC. Aí foi a minha divisão, porque dei posse para a Maria Leão por um ato de justiça.” Os militantes comunistas da época, porém, têm uma versão bem menos nobre da saída de Aurelino do partido. Geraldo Rodrigues de Freitas, por exemplo, afirma que Andrade não saiu, mas sim, foi expulso do partido. “Ele começou a entregar a turma [de militantes comunistas] da Nitro, aí o partido expulsou ele. [Então] ele passou para o lado do Ademar (...) e hoje é um dos homens mais ricos de São Miguel.”⁴⁰

³⁹ Depoimentos de Aurelino de Andrade e José Caldini Filho concedidos ao autor.

⁴⁰ Depoimentos de Aurelino de Andrade e Geraldo Rodrigues de Freitas.

É possível que devido à clandestinidade do PCB, alguns tenham aderido ao PSP como uma maneira de continuar a sua militância política. Parece ter sido este o caso de Severino Barbosa. “Não podíamos mais militar livremente”, relatou Barbosa em entrevista, “achamos por bem nos filiar a outro partido para podermos propagar a causa comunista.” Como o PCB permaneceu ilegal por várias décadas, é possível supor que vários simpatizantes e até antigos militantes preferissem atuar legalmente em outro partido, mantendo uma relação mais tênue com a estrutura partidária do PCB. Segundo o comunista Geraldo Rodrigues de Freitas, era o que acontecia com Mardoqueu Schmidt. “Ele não era um cara bem certo não”, comenta Freitas a respeito de Schmidt, “uma hora estava com o Ademar, outra hora estava com o Partido Comunista.” No caso de Aurelino de Andrade, porém, sejam quais forem as razões que o levaram ao PSP, o fato é que em vários distritos industriais da capital e da região metropolitana, Ademar de Barros estava conseguindo agregar e cooptar para seu partido lideranças populares emergentes como ele.⁴¹

A defecção de Andrade e de outros militantes, juntamente com a ilegalidade do partido, resultou num claro enfraquecimento da estrutura do PCB local. Apesar disso, os comunistas, abrigados na sigla do pequeno Partido Social Trabalhista (PST) obtiveram uma grande vitória nas eleições municipais em novembro de 1947. Os ‘candidatos de Prestes’, como ficaram conhecidos, foram amplamente sufragados nas principais cidades industriais do estado de São Paulo. Na capital foram eleitos 15 vereadores, a maior bancada da Câmara. Em Sorocaba e Santos, o PST (PCB) também obteve a maior parte das cadeiras de vereadores e em Santo André, além da maioria na Câmara local, elegeu o prefeito, o operário Armando Mazzo.⁴² Em São Miguel, o

⁴¹ Depoimento de Severino Barbosa citado em Antônia Sarah Aziz Rocha. *O bairro...*, p. 37 e depoimento de Geraldo Rodrigues de Freitas concedido ao autor. Teresa Delta em São Bernardo do Campo é um outro caso interessante de cooptação de uma emergente liderança popular por Ademar de Barros naquele período. A este respeito ver John French. *O ABC...*, pp. 198-203.

⁴² Sobre a participação do PCB nas eleições municipais de novembro de 1947, particularmente em Santo André, ver Armando Mazzo. *Memórias de um militante político e sindical no ABC*. São Bernardo do Campo, Prefeitura do

mineiro Durval José Svizzero, “ que durante seis anos trabalhou como simples guarda-chaves na estrada de ferro Central do Brasil e que, quando criança, trabalhou na Cia. Nitro Química como transportador de água para os trabalhadores que estavam construindo os prédios para instalação da mesma empresa”, foi o candidato do partido, obtendo 847 votos, não se elegendo, mas obtendo uma expressiva votação.⁴³

A ofensiva contra o PCB, porém, já estava a postos. Acolhendo recursos de vários partidos, o Tribunal Superior Eleitoral deliberou, no final do ano de 1947, pela invalidação dos votos dados aos candidatos comunistas e a divisão dos seus acentos nas Câmaras municipais entre as demais agremiações políticas. Em meio a tumulto e protestos, a polícia impediu que os vereadores comunistas em São Paulo e outras cidade tomassem posse. A cidade de Santo André foi sitiada por agentes do DOPS, cavalarianos da Força Pública e até soldados do Exército para impedir que o novo prefeito e os vereadores que o apoiavam assumissem seus cargos.⁴⁴

Alguns dias depois, todos os mandatos de parlamentares comunistas, inclusive o do senador Luís Carlos Prestes, seriam cassados. Definitivamente o partido era colocado na ilegalidade e o governo do general Dutra passaria então a apertar ainda mais o cerco repressivo aos militantes do partido. Impossibilitados de agir abertamente, de exercer mandatos públicos e de atuar nos sindicatos, a resposta pecebista foi a radicalização. Em janeiro de 1948, o partido lança um manifesto demandando a derrubada imediata do governo do general Dutra, que passa a ser considerado como ‘ditatorial’ e de “traição nacional a serviço do imperialismo americano.” O manifesto propunha ainda a formação de uma frente política formada pelos setores que se opunham ao imperialismo, ao feudalismo e ao capitalismo, advogando ainda,, a instalação de um governo democrático, progressista e nacionalista. No campo sindical, os comunistas também

Município de São Bernardo do Campo, 1991; Hélio da Costa. *Em busca...*, pp. 123-127 e John French. *O ABC...*, pp. 230-5.

⁴³ Deops/SP, Daesp. Prontuário 4.272 e TRE, caixa 3247 (agradeço a indicação desta fonte a Adriano Duarte).

caminharam para uma posição mais radicalizada, propondo a total ruptura com a estrutura sindical vigente, considerada como um instrumento de conciliação de classes e base para o autoritarismo e corrupção nos meios operários. Assumiam, assim, a defesa da liberdade e autonomia sindical e um frontal ataque ao imposto sindical, instrumento essencial para o funcionamento do sindicalismo oficial. Por fim, passaram a propor a estruturação de sindicatos paralelos alicerçados a partir das organizações nos locais de trabalho.⁴⁵

A experiência do sindicalismo paralelo se mostraria um fracasso, mas mesmo à revelia de muitos militantes, foi adotada pela maior parte das células e núcleos comunistas ligados às categorias profissionais. Em São Miguel, as péssimas condições de trabalho na Nitro Química e intransigência da empresa em conceder reajustes salariais, apesar de seus extraordinários lucros no pós-guerra, continuaram a dar uma base para a ação e liderança de comunistas entre os operários da empresa, apesar da intervenção governamental no sindicato. Em dezembro de 1948, por exemplo, a fábrica encontrava-se agitada com a divulgação da notícia de que a empresa não concederia abono de natal naquele ano. A insatisfação era generalizada e outras reivindicações também vinham a tona. No dia 13 de dezembro, “os operários da seção de tecelagem paralisaram o trabalho por algum tempo até que lhes fossem pagos os salários em atraso na seção noturna. Feito o pagamento, nessa mesma noite prosseguiram no trabalho.” Mas o “descontentamento dos operários” em toda a fábrica era grande e “uma greve está sendo preparada pelos mesmos”, relatava um agente do DOPS em 17 de dezembro de 1948. “O motivo”, prosseguia o policial, “é o não pagamento do abono de natal, que pelo que sabemos a companhia não concederá esse ano.” Por fim, ele alertava que “o caráter pacífico dessa greve está sendo desvirtuado pelos comunistas

⁴⁴ Na capital, o PSP foi o grande beneficiado com a cassação dos mandatos dos vereadores comunistas. Ficou com 8 das 15 cadeiras a que o PST (PCB) tinha direito. No país como um todo 195 vereadores eleitos tiveram seus votos anulados. Cf. Hélio da Costa. *Em busca...*, p. 225.

⁴⁵ A respeito do manifesto de janeiro de 1948, ver Edgard Carone. *O PCB: 1943-1964, vol.2*. São Paulo, Difel, 1982, p. 72 e Dulce Pandolfi. *Camaradas e...*, pp. 170-1. Sobre as propostas de sindicatos paralelos, ver Hélio da Costa. *Em busca...*, especialmente o capítulo III.

(...). Tal greve deverá eclodir até o dia 23 do corrente, sendo quase certo que se dê em 21 ou 22.”⁴⁶

De fato, o investigador da polícia política estava bem informado. Um relatório datado de 22 de dezembro de 1948 informava que “paralisação parcial verificou-se ontem na Cia. Nitro Química Brasileira em Baquirivú. Cerca de 15 trabalhadores da seção nova fiação e aproximadamente 60 da seção de rolos paralisaram o serviço, exigindo que o abono de natal que a empresa vem este ano pagando à razão de 50 horas, seja concedido da mesma maneira que no ano anterior, quando foi pago à razão de 100 horas.” O redator, um chefe de setor do DOPS, parecia dar alguma razão aos operários, pois acrescentava que a empresa havia tido naquele ano “lucro superior a 50 milhões de cruzeiros” e que “as condições de trabalho dos operários das seções acima são as mais difíceis possíveis (...). São operários jovens, a maioria nortistas, que nunca chegam a se tornar estáveis, desde que a natureza do serviço implica em progressiva perda de saúde.” Talvez, por conta disso, ao invés de partir para a repressão ao movimento, o delegado do DOPS, acompanhado de outros agentes “compareceu ao local ali explicando aos operários que o abono concedido era matéria facultativa, à vontade ou não da empresa.” Certamente intimidados pela presença policial, os trabalhadores voltaram ao trabalho. Mas não por muito tempo. Os agentes do DOPS se retiraram da fábrica às 2 horas da madrugada, “por declararem os diretores da Nitro que não mais fazia mister a presença da polícia.” As turmas de operários previstas para assumir o serviço às 5 e meia da manhã e às 7 horas paralisaram os trabalhos e a greve generalizou-se no interior da empresa.

A maior parte das seções da empresa aderiu à paralisação, “recusando-se os grevistas a se retirarem do recinto da fábrica, a fim de conseguirem a adesão dos demais operários da indústria.” Desta vez, no entanto, a polícia não quis saber de diálogo e com uma “atuação

⁴⁶ Deops/SP, Daesp. Dossiê 43-Z-0, fls. 395.

enérgica” expulsou os trabalhadores da indústria. Estes, por sua vez, “postaram-se nas proximidades dos portões de entrada de serviço a fim de impedirem a entrada da nova turma que se daria por volta de 13h30.” Mais uma vez, foi “energicamente dissolvida aquela aglomeração.” Mas, os operários permaneceram nas ruas vizinhas à empresa e “repetidamente até as 21 horas os grevistas tentavam alcançar os portões da fábrica, num último esforço para conseguirem adesão da turma no turno.” Diante de tamanha resolução e persistência dos trabalhadores, “o delegado de serviço achou de bom alvitre requisitar novos reforços” e, durante toda aquela noite e ainda na manhã do dia seguinte, um “piquete de cavalaria” patrulhou todo o bairro impedindo qualquer manifestação e garantindo a dissolução do movimento grevista.

Em meio à greve, representantes do Departamento Estadual do Trabalho e do Sindicato dos Químicos de São Paulo (naquela altura sob intervenção há mais de um ano e meio) iniciaram conversações com os grevistas. No entanto, não tinham mais nada a oferecer a não ser a proposta original da empresa, o abono baseado nas 50 horas de trabalho. Com o impasse instalado, a direção da Nitro prometia não punir os grevistas que comparecessem ao serviço até às 7 horas da manhã do dia 23 de dezembro. Aqueles que não aparecessem para trabalhar seriam imediatamente demitidos. Diante das ameaças da companhia e da forte repressão policial em São Miguel, a maioria das seções, “embora com alguma deficiência”, voltou ao funcionamento nos dias seguintes e o DOPS prometia para breve um informe com “os nomes dos elementos comunistas que estão dirigindo o movimento.”⁴⁷

Não seria nem a primeira vez, nem a última vez, que os interventores no sindicato (cujo núcleo central continuaria na direção até meados da década de 50), colaborariam com a Nitro Química e com os policiais do DOPS em sua busca por elementos ‘comunistas e subversivos’ que causariam ‘intranqüilidade’ em São Miguel. Alguns meses antes da greve de 48, por exemplo, a direção do sindicato mantinha intensos contatos com o DOPS solicitando ajuda para que fosse

dissolvida qualquer mobilização dos trabalhadores da Nitro Química visando comparecer a uma assembléia para pleitear reajustes salariais. Em setembro de 1948, panfletos assinados por uma “Comissão Central de Reivindicações da Nitro” conclamavam os trabalhadores da empresa a estarem presentes na reunião convocada a fim de lutar por melhores salários e combater os “falsos amigos do sindicato” que estariam em “acordo com a Nitro para trair os operários.” A articulação entre a diretoria do sindicato e os agentes policiais foi bastante eficaz, impedindo o transporte de trabalhadores de São Miguel para a assembléia (que seria realizada na sede do sindicato no centro de São Paulo) e garantindo que “nada de anormal se [verificasse] na assembléia em apreço.”⁴⁸

É bem possível que a “Comissão Central de Reivindicações da Nitro” fosse um embrião de sindicato paralelo. A derrota da greve e a forte repressão policial e empresarial que se seguiu praticamente abortaram qualquer possibilidade de criação de uma nova organização. Ainda assim, em fevereiro de 1949, um relatório do DOPS apontava o “recrudescimento de atividades comunistas em São Miguel Paulista” e comunicava a tentativa de realização de um comício na porta da Nitro Química. Auxiliado pelos “praças que trabalham na própria indústria” o agente do DOPS deteve Durval José Svizzero, orador no comício. No entanto, ele “foi arrancado das mãos do investigador, evadindo-se todos em seguida.” Antes da fuga, porém, os militantes “atiraram boletins entre os operários que saíam para o almoço. São pedaços de papel mimeografados.” Esses ‘pedaços de papel’ são claros exemplos das tentativas dos comunistas em combater o sindicato oficial comandado pelos interventores:

“Companheiros da Nitro: Quando da nossa última greve em que lutávamos por um Natal com menos fome e miséria, o que fez o Sindicato? Traiu nosso movimento, não tomando posição, como era seu dever, ao lado dos trabalhadores, e sim fizeram o

⁴⁷ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-A-27, fls. 131-2.

⁴⁸ Cf. Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-A-27, fls. 128 e Paulo Fontes. *Trabalhadores e...*, pp. 120-124.

trabalho que interessava aos tubarões da Nitro. Agora querem descontar o imposto sindical. O que é o imposto sindical? É um imposto destinado a financiar os banquetes e sustentar as amantes desses pelegos traidores. isto é, tirar da boca de nossos filhos, mães e esposas para sustentar os traidores e suas amantes. Não permitiremos o desconto do imposto imoral. Caso queiram insistir em descontá-lo, responderemos com a greve. Abaixo a Pelegada! Abaixo o Imposto Sindical!”⁴⁹

Alguns dias depois, em uma nova tentativa de comício em frente aos portões da Nitro, Svizzero, juntamente com outros militantes comunistas, não conseguiriam escapar da prisão. Tornava-se praticamente impossível qualquer manifestação pública que convocasse os trabalhadores para algum tipo de reação às medidas repressivas que estavam sendo adotadas no país como um todo e também no interior das empresas. Relatos sobre comícios e manifestações são cada vez mais raros neste período. Ainda assim, um “panfleto manuscrito” assinado pela União Geral dos Trabalhadores, nova e clandestina organização de orientação comunista, era distribuído na Nitro Química em julho de 1950, reclamando que os salários na empresa não eram “aumentados desde 1946.” Como “durante esse período, os preços subiram assustadoramente”, havia “uma situação de miséria nunca vista” E prosseguia o panfleto:

“os salários não aumentam, o que aumentam são os lucros dos tubarões da Nitro, que no ano passado foi de 8 mil contos. E para agravar ainda mais essa situação existem as perseguições, suspensões e os infames descontos, que não passam de roubo descarado. Os domingos e feriados que desde 1946 é lei (sic), não são pagos. Não fornecem luvas, mangas, sapatos, óculos apropriados que são indispensáveis para assegurar a saúde dos operários. (...) O que se vê é que para os Lafer, Morais (...) os operários são animais e só servem para dar lucros. Enfim, só existe uma solução para

⁴⁹ Deops/SP, Daesp. Dossiês 50-Z-591, fls. 4 e 5 e 50-A-27, fls. 134.

essa situação: é exigir, todos unidos e organizados, a solução para estas cousas. Para isto é preciso formar comissões de 5, 6 ou 10 operários em cada seção (...) Unidos e organizados conseguireis a vitória.”⁵⁰

Assustados com o crescimento da militância sindical e comunista no bairro e no interior da empresa no imediato após-guerra, os dirigentes da Nitro viram na ilegalidade do PCB e na intervenção no sindicato, uma grande oportunidade de minar qualquer tentativa de influência esquerdista entre seus operários dali por diante. De um lado, apostaram no incremento de medidas assistenciais com a ampliação das atividades do famoso serviço social da companhia como forma de conter o descontentamento dos trabalhadores com as condições de trabalho na indústria. É justamente na segunda metade da década de 40 que este setor passa a ter cada vez maiores investimentos e a ampliar suas atividades.⁵¹ De outro, intensificaram suas relações com a polícia política, procurando periodicamente esquadrihar a fábrica em busca de possíveis ‘agitadores’. Com alguma regularidade, ‘espiões’ do DOPS, contanto com o apoio das chefias, passavam temporadas na Nitro. A presença no sindicato de lideranças bastante próximas à direção da empresa facilitava bastante a tarefa de controle e contenção do descontentamento e reivindicações dos trabalhadores.

Assim, a partir de 1947 a empresa estreitou relações com a polícia política. Desde então, listas com os nomes de candidatos a emprego na companhia passaram a ser regularmente enviadas ao DOPS com o intuito de checar os antecedentes políticos dos trabalhadores e, assim, impedir que potenciais ‘encrenqueiros’ fossem contratados. Comunistas ou simpatizantes eram, obviamente, os principais alvos. Bastava ter sido fichado como ‘comunista’ em algum momento pelo DOPS em algum lugar do país e, imediatamente, os arquivistas da polícia comunicavam ao setor de pessoal da Nitro. Foi o caso, entre muitos mais, de José Tenório da Silva. Quando uma

⁵⁰ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-A-27, fls. 151.

⁵¹ Sobre o ‘Serviço Social’ da Nitro Química ver Paulo Fontes. *Trabalhadores e...*, particularmente o capítulo 2.

lista com seu nome foi enviada pela empresa em maio de 1953, o agente policial retornou-a advertindo que “em 1948, constava esse nome numa relação de elementos comunistas pertencentes ao PCB do estado do Pará, sem endereço nem profissão. Quanto aos demais nada consta.” O nome de Raimundo Alves de Souza, enviado em uma lista de janeiro de 1952, também estava “fichado (...) como comunista de Valparaíso, conforme relação nominal daquela delegacia de 15/3/48, de profissão lavrador.”⁵²

Mas não apenas supostos comunistas eram apontados. Operários e operárias que por alguma razão tivessem acompanhado algum movimento contestatório nas empresas ou mesmo protestado individualmente numa empresa, poderia ser delatado para a Nitro, caso seu nome estivesse nos arquivos policiais. Manoel José da Silva, por exemplo, estava na relação de nomes enviada ao DOPS em abril de 1957 e lá constava que “figura nome idêntico como operário da indústria Têxtil Irmãos Moussalhe, sito à Rua Alferes Magalhães 255, que em fevereiro de 1955 foi suspenso por um dia por prejudicar a produção da indústria em apreço.” Já José Barbosa Lima provavelmente não conseguiu um emprego na Nitro porque o DOPS constatou que “em maio de 1954, quando trabalhava na Fábrica Nacional de Artefatos de Metal (...) foi um dos cabeças da greve ali verificada.” Os relatos podiam ser, por vezes, incrivelmente minuciosos. João José Rodrigues era um nome, de acordo com informação prestada pela polícia à Nitro Química em agosto de 1948, que estava “fichado em nosso arquivo (...) que, com outros, assinaram protesto contra o fechamento do PCB e enviado pelos moradores da Quarta Parada [bairro paulistano na Zona Leste] em julho de 47 ao doutor Ademar de Barros.” Já o nome de Benedita Santos, “filha de Paulo dos Santos e Olga Camargo, nascida em São Paulo em 16/2/28”, estava tanto na relação de candidatos a emprego na Nitro Química em junho de 1952, quanto nos arquivos do DOPS, que diziam

⁵² Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-A-27, fls. 178b e 167.

“consta esse nome de nosso arquivo como tecelã da Malharia Rondon e uma das signatárias de um telegrama dirigido ao então deputado comunista José Maria Crispim pleiteando o pagamento do abono de Natal, conforme publicado no Hoje de 26 de novembro de 1946. Em 1947, fazia parte da comissão sindical da referida malharia e obedecia à orientação do PCB. Residia naquela época à Rua Conselheiro Belisário 151. Quanto aos demais nomes nada consta.”⁵³

Este controle, apesar de intenso e duradouro, não impediu que fortes movimentos reivindicatórios se desenvolvessem no interior da empresa entre os anos 40 e 60, nem bloqueou completamente a admissão de antigos e novos militantes pela empresa. Adelço de Almeida, por exemplo, já era fichado no DOPS como comunista quando pediu emprego na fábrica em 1954. Lembra-se que o “problema do partido naquela época era entrar na Nitro Química.” Quem conseguia “não tinha condições de atuar lá dentro [pois a] chefia [era] muito rigorosa, anti-comunista ao extremo, o comando era policial lá dentro, era infiltrado de tudo quanto é coisa.” Apesar do seu fichamento e de uma prisão recente com direito a “retrato no jornal *O Globo*” e tudo o mais, Adelço foi contratado pela Nitro e tornaria-se um dos maiores líderes operários da empresa, liderando a greve que paralisou a fábrica em 1957 e atuando como presidente do sindicato dos Químicos de 1956 até ser cassado, logo após o golpe militar em 1964.⁵⁴ No entanto, apesar de suas eventuais falhas no combate à esquerda e a qualquer manifestação contestatória no chão das fábricas, o relacionamento íntimo⁵⁵ entre a direção da empresa e os policiais do DOPS é

⁵³ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-A-27, fls. 185, 184, 77 e 176.

⁵⁴ Depoimento de Adelço de Almeida concedido ao autor e a Hélio da Costa.

⁵⁵ Um exemplo da intimidade entre a chefia da Nitro e do DOPS pode ser observado no bilhete enviado em 19 de março de 1952 por Luís Apolônio, chefe de segurança da secretaria de segurança pública – DOPS, ao “Amigo Almeida [Cândido Pinto de Almeida, chefe da seção de pessoal da Nitro Química] solicitando “o nome todo do operário Afonso, da seção de mecânica. Consta que o mesmo distribuiu pequenos boletins comunistas sobre o aniversário do partido nas dependências da Nitro Química.” Cf. Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-A-27, fls. 174 (grifos meus).

um forte indicador da permanente repressão e controle dos trabalhadores e dos reais limites da democracia no período entre 1945 e 64.⁵⁶

A contínua repressão e perseguição particularmente sofrida pelos comunistas gerou na memória popular em São Miguel uma significativa associação entre os militantes daquela corrente política com as idéias de luta e combatividade, mas também com as de sofrimento e medo. Assim, “uma coisa que marcou bastante” a vida do antigo operário Josué Pereira da Silva, foi presenciar a luta dos comunistas da Nitro em favor daqueles “operários que estavam sendo pisoteados” na fábrica em meados dos anos 50. Lembra-se bem de como “a firma chamava a polícia (...) e o Partido Comunista era cassado pela polícia.” Referindo-se à mesma época Osvaldo Pires de Holanda, que nunca pertenceu ao PCB, rememora que “admirava muito a fibra dos comunistas.”⁵⁷ A determinação e força de vontade de vários comunistas era vista com simpatia por muitos operários, que embora não se associassem a agremiação ou mesmo aos seus ideais, viam qualidades naqueles homens e mulheres perseguidos pela polícia e pela empresa em nome da defesa dos interesses dos trabalhadores.

Embora recordem-se da perseguição movida pela Nitro e pelos polícias aos membros do PC nas décadas de 40 e 50, certamente a repressão desencadeada a partir do golpe de 64 aos militantes de esquerda marcou sobremaneira as lembranças de antigos moradores do bairro. Apesar de admirador da coragem dos comunistas, o mesmo Osvaldo Pires de Holanda atribui a ausência de perseguição policial à sua pessoa no pós-64 (embora tenha liderado o movimento pela autonomia do bairro) ao fato de nunca ter pertencido ao partido. Comentando sobre os

⁵⁶ Analisando o movimento operário paulista entre 1945 e 64, em particular na região do ABC, Antonio Luigi Negro detalha como naquele período teceu-se uma forte aliança empresarial-policial, envolvendo industriais, o DOPS, governantes estaduais, o próprio Ministério do Trabalho, através da Delegacia Regional do Trabalho e organizações como o SESI. Tal aliança tinha, entre outros objetivos, o de impedir qualquer possibilidade de organização de base no interior das empresas. Cf. Antonio Luigi Negro. *Linhas de montagem...*, especialmente os capítulos 2 e 3.

⁵⁷ Entrevista de Josué Pereira da Silva concedida ao Labdoc-Unicsul e depoimento de Osvaldo Pires de Holanda concedido ao autor.

comunistas no período imediatamente posterior ao golpe militar, Afonso José da Silva afirma que “muitos deles correram, sofreram o diabo.”⁵⁸

No entanto, os comunistas e a repressão que sofriam também causavam medo em muitos. A retórica anticomunista desenvolvida pela empresa e igreja locais, entre outros, tinha apelo para muitos trabalhadores. Helena de Oliveira da Fonseca, por exemplo, lembra que “tinha muito medo de comunista (...) eu achava muito perigoso. Influenciada pela igreja e pelo marido, diretor do Círculo Operário de São Miguel, Nair Cecchini lembra que “não queria nem saber do Partido Comunista.”⁵⁹

Diferentemente de outras localidades, porém, a associação do comunismo com o ‘mal’ não foi forte em São Miguel. Qualquer tentativa de associação do PC unicamente com o estrangeiro ou como uma ideologia anti-nacional, era extremamente frágil, na medida que os militantes do PCB adotavam um claro discurso nacionalista, cada vez mais acentuado ao longo dos anos 50, e que era proporcionalmente diminuta a presença de estrangeiros entre seus ativistas.⁶⁰ Mais do que medo do próprio PC ou de suas idéias, o temor de sofrer represálias e perseguições parece ter sido o maior fator de afastamento e receio dos trabalhadores do bairro em relação aos comunistas. Artur Pinto de Oliveira, por exemplo, conta que, apesar de ser insistentemente procurado por amigos comunistas na fábrica e no bairro, nunca aderiu ao partido porque

“eu tinha medo. Não é que eu achasse que eles estavam errados. Eu tinha medo. Porque eu via a repressão como é que era. Então eu não aderiria. Nunca aderi. Não achava que eles eram errados. Eu achava que era um princípio que tinha lógica, que era uma coisa que dava para pensar e encarar. Agora enfrentar repressão não, aí não...

⁵⁸ Depoimentos de Osvaldo Pires de Holanda e Afonso José da Silva concedidos ao autor.

⁵⁹ Depoimentos de Helena de Oliveira da Fonseca, Nair Cecchini concedidos ao autor.

⁶⁰ Para uma análise de um caso de uma comunidade operária formada por imigrantes onde a associação entre comunismo e “estrangeiro” e “anti-nacional” foi bastante bem sucedida, ver Mirta Lobato. *La vida en...*, pp. 64-66.

O povo [de São Miguel também] tinha medo. O pessoal tinha medo. Porque quando a polícia descobria que um era [comunista], fazia tudo o que podia para destruir ele: espancava em praça pública, levava para a cadeia, todo mundo ficava sabendo.”⁶¹

De toda forma, a ilegalidade do partido, a repressão desencadeada e as divisões internas abriram grande espaço para outras opções e partidos políticos em São Miguel a partir do final dos anos 40. Embora não possam ser explicados apenas pelo declínio do PCB, a ascensão de outras forças políticas vinculadas às classes populares em São Paulo, como o ademarismo e o janismo, muito se beneficiaram do vácuo político provocado pela ausência ou pelas dificuldades enfrentadas pelos comunistas para atuar no cenário público.⁶² São Miguel Paulista foi, como veremos, um dos lugares em São Paulo onde o novo discurso do ademarismo e do janismo mais encontrou eco entre os trabalhadores.

Ademarismo e Janismo em São Miguel

Eleito governador em 1947, Ademar de Barros utilizou-se habilmente da estrutura governamental e dos recursos públicos por ele controlados para montar o Partido Social Progressista (PSP), a mais forte organização partidária em São Paulo até o golpe de 1964. A ilegalidade do PCB abriu espaço para que o PSP penetrasse e se consolidasse em vários distritos e regiões operárias onde os comunistas haviam predominado em seus dois breves anos de atuação legal. Além disso, o PSP foi grandemente beneficiado pelas disputas internas do PTB paulista.⁶³ Aliando-se e cooptando diversas máquinas políticas locais no interior do estado, Ademar também

⁶¹ Depoimento de Artur Pinto de Oliveira concedido ao autor.

⁶² Os comunistas continuaram atuando clandestinamente durante todo este período, mas só voltariam a ter um peso importante na vida política local, como veremos no final dos anos 50 e início dos 60.

⁶³ O partido de Vargas jamais conseguiu capitalizar inteiramente a popularidade de seu líder entre os trabalhadores em São Paulo. Sua direção estadual, além de freqüentemente estar em conflito com as lideranças nacionais, fragmentou-se ao longo dos anos 50 e 60 em diversas correntes e posições. Sobre o PTB paulista conferir Maria Victoria Benevides. *O PTB...*

bloqueou muito do tradicional espaço político do Partido Social Democrático (PSD), azeitando a máquina partidária do PSP também nas regiões rurais do estado.

Com um discurso, naquele período, constantemente dirigido aos trabalhadores, Ademar condenava as profundas desigualdades da sociedade brasileira e atacava as ‘elites’, consideradas por ele como egoístas e arrogantes, criando em torno de si uma imagem de generosidade e acessibilidade. Ao mesmo tempo, porém, facilmente aliava-se com setores mais conservadores e não poucas vezes, reprimia greves e manifestações populares. Figura carregada de ambigüidades, Ademar de Barros foi um dos políticos tradicionais que mais claramente percebeu a novidade que representava para o cenário político, a presença de milhares de novos eleitores oriundos dos bairros e cidades operárias que rapidamente cresciam em São Paulo. Como destaca John French, a vitória de Ademar nas eleições de 1947 “assinalou o surgimento de um novo tipo de chefe político que se dispunha a cortejar, ainda que oportunisticamente, a população urbana e operária do estado.”⁶⁴

São Miguel foi um dos bairros operários paulistanos onde o PSP se estruturou. Aproveitando o período de governo de Ademar de Barros, Aurelino de Andrade e outros ex-comunistas que ele atraiu para as hostes do social progressismo, transformaram o PSP na maior agremiação política local no final dos anos 40 e início dos 50. Liderança sindical e política no bairro, o nordestino Aurelino também conseguiu conquistar vários outros conterrâneos para a estrutura partidária do ademarismo. Entusiasmado com Ademar de Barros, o baiano Augusto Ferreira Lima, por exemplo, lembra bem que entrou “na política junto com o Aurelino Soares de Andrade que já tinha um comitê [do PSP] assentado em São Miguel.” De fato, a origem de Andrade parece ter sido um fator importante para a escolha do líder local do partido pelo

⁶⁴ Cf. John French. *O ABC...*, p. 205. Sobre o surgimento do ademarismo em São Paulo, ver também Regina Sampaio. *Ademar de Barros e o PSP*. São Paulo, Global, 1982. Para a análise de um caso específico da montagem da máquina partidária do PSP e das ambigüidades de Ademar de Barros em um bairro operário de São Paulo, ver. Adriano Duarte. *Cultura popular e cultura política no bairro da Mooca no pós-guerra: redemocratização*,

governador. “São Miguel é para o baiano” teria dito Ademar ao indicar Aurelino como presidente do PSP do bairro.⁶⁵

Mas certamente, não eram apenas o carisma e a origem regional de Aurelino de Andrade que propiciaram o crescimento do PSP na região. Os diretórios municipais e distritais do partido controlavam a nomeação de uma série de cargos públicos e intermediavam reivindicações e pedidos dos moradores junto aos vários órgãos estaduais. Mario Beni, importante político do PSP, lembra que o partido “tinha por norma estabelecer zonas de influência (...) como se faz no regime de distritos regionais.” Desta forma, os diretórios adquiriam um enorme poder de influência na vida local e na própria máquina do Estado. Juizes de paz, delegados e subdelegados (que por sua vez podiam nomear os estratégicos ‘inspetores de quarteirão’), por exemplo, eram invariavelmente indicados pelos diretórios locais do PSP que, além de poder e prestígio para os indicados, proporcionavam uma ampla rede de contatos e lealdade extremamente úteis para o partido em períodos eleitorais, além de um força coercitiva considerável em cada região.⁶⁶

Por conta disto, o próprio Aurelino de Andrade relata que “Ademar prestigiava mais o presidente do diretório do que hoje [se prestigia] um deputado federal. Eu mandei mais nesta região do que qualquer deputado federal.” De fato, mesmo antes de tornar-se vereador, Andrade lembra-se que “Ademar [lhe] deu 12 sub-delegacias para montar,(...) todas as subdelegacias: Vila Matilde, Itaquera, Guaianazes, Goulart, Vila Buenos Aires, Ermelino, Itaim, Burgo Paulista. Então, nós cercamos isto aqui.” Em São Miguel, por exemplo, Aurelino conta que “colocou como

populismo e desenvolvimentismo. Campinas, Texto para exame de qualificação para doutoramento, Departamento de História, IFCH- Unicamp, 2001, pp. 110 – 128.

⁶⁵ Depoimentos de Augusto Ferreira Lima e Aurelino de Andrade concedidos ao autor.

⁶⁶ Cf. entrevista de Mario Beni em Fernando Henrique Cardoso. “Partidos e deputados em São Paulo (o voto e a representação política) in Fernando Henrique Cardoso e Bolivar Lamounier. *Os partidos e as eleições no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975, p. 51. Para uma análise específica da importância das indicações, em particular dos inspetores de quarteirão, para o aparato clientelístico do PSP, ver Adriano Duarte. *Cultura popular...*, pp. 117-8 e 122-128.

subdelegado Aurelino Constatino de Araújo, que era do Piauí, no lugar do Roque Mastromônico que era italiano e eu tirei. Aquilo foi a maior vitória. (...) Nomeei um ‘baiano’.”⁶⁷

Além da máquina partidária montada em torno da estrutura governamental e do PSP, Ademar de Barros desenvolveu um estilo particular de aproximação com seus correligionários e eleitores o que, em grande parte explica seu carisma e popularidade. Em seu tempo de interventoria no governo do estado no final dos anos 30 e início dos 40, Barros já inovara ao comandar um programa radiofônico intitulado ‘palestra ao pé do fogo’, no qual, através de uma linguagem simples, direta e de um tom invariavelmente simpático, comunicava-se com parcela considerável da população paulista.

Já na campanha de 1947 começou a visitar os vários bairros periféricos da capital, inaugurando prática que seria acompanhada por vários outros políticos do período. Ademar não apenas comparecia aos bairros, como também passou a freqüentar as casas de apoiadores e eleitores em geral. A presença de um político de tal envergadura em localidades simples, consideradas pelos habitantes como abandonadas e esquecidas pelas autoridades, tinha um grande impacto e era motivo de imensa satisfação. Ainda hoje é um elemento bastante presente na memória de antigos moradores. Nair Cecchini, por exemplo, diz que ‘sempre foi ademarista’ e recorda-se que Ademar ia muito a São Miguel, “ia na Vila Nitro Química também, ia nas casas da gente. Vinha ele e vinha a dona Leonor. Vinham os dois juntos. Entravam na casa e tomavam café junto.” Antônio Mendes Corrêa também lembra que “Ademar chegou a ir na [sua] casa (...) em São Miguel.” Augusto Ferreira Lima conta que nos fundos da sua casa na Vila Nitro Química havia “uma escola que (...) Dona Leonor de Barros” costumava freqüentar. Ela “vinha para o fundo da minha casa”, prossegue Lima, “via as crianças da gente e ali nos abraçava, o Ademar encostava o carrão dele e [a gente] conversava com ele.”⁶⁸

⁶⁷ Depoimento de Aurelino de Andrade concedido ao autor (grifo meu).

⁶⁸ Depoimentos de Nair Cecchini, Antônio Mendes Corrêa e Augusto Ferreira Lima concedidos ao autor.

As visitas às casas dos eleitores geravam um envolvimento diferenciado entre Ademar e seus eleitores, estabelecendo uma maior proximidade e indicando aos moradores que ele compreendia seus valores, bem como seus problemas, angústias e necessidades.⁶⁹ Ademar procurava se aproximar do amplo universo de relações informais que norteava a vida dos trabalhadores em São Miguel Paulista, colocando-se como uma autoridade, mas também como alguém próximo, um amigo. Certamente, as visitas eram também motivo de orgulho e indicação de prestígio para quem as recebia. Aurelino de Andrade relata orgulhoso que durante o seu período como governador, ‘Ademar esteve com dona Leonor na minha casa dez vezes. [Ele] me prestigiava.’ Augusto Ferreira Lima confirma a estima do presidente local do PSP: “na casa do Aurelino Soares de Andrade, na rua Maria Eva, tinha no segundo andar a cama do Ademar de Barros, [onde ele] vinha descansar.”⁷⁰

O papel destas visitas era fundamental nas campanhas políticas. Na época eleitoral, relata Aurelino de Andrade, “Ademar vinha para cá com dona Leonor e nós fazíamos vinte visitas num domingo.” Andrade conta que:

“quando chegava na décima casa [Ademar falava:] ‘não agüento mais’, mas [Aurelino pressionava] porque eu não aceitava marcar na casa de um cidadão comum, simples que tá lá aguardando e você manda dizer que não ia. Nunca tolerei isso.”

Dona Leonor, esposa de Ademar de Barros, parecia ter maior sensibilidade sobre a importância deste contato direto com a moradia e família dos eleitores. Aurelino conta que quando seu marido esmorecia e parecia desistir de continuar a maratona de visitas, era ela quem o convencia a prosseguir. “Não, Ademar! Vamos!” dizia ela, segundo Andrade, e a “dona Leonor ia”, prossegue. Além de importante na coordenação do trabalho feminino do PSP, Leonor de

⁶⁹ Para uma análise da importância da visita às casas dos eleitores por candidatos políticos em um contexto recente, ver Karina Kuschnir. “Cultura e participação política no Rio de Janeiro” in Moacir Palmeira e Marcio Goldman. *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro, Contracapa, 1986.

⁷⁰ Depoimentos de Aurelino de Andrade e Augusto Ferreira Lima.

Barros teve um papel central na constituição da imagem benevolente e carismática de Ademar, além de colaborar na conquista deste também novo e grande contingente eleitoral composto pelas mulheres, particularmente as trabalhadoras.⁷¹

Para muitos antigos moradores de São Miguel, inclusive, era dona Leonor quem primordialmente cativava os eleitores do bairro. Joaquim Anselmo dos Santos, por exemplo, considera que “muita votação que o Ademar de Barros tinha era por causa da mulher dele (...) Essas vilas todas, a mulher dele ia, levava coisas, distribuía aquele negócio todo [e isso] funcionava porque o pessoal votava mesmo. Votava mais por causa da mulher dele. ‘Dona Leonor pediu, então nós vamos ter que votar’. E votava.” Também o comunista Antônio Pereira da Mata atribui papel essencial à dona Leonor na política ademarista. “No meu entender”, diz da Mata, “quem ajudava o Ademar a ser eleito era Leonor de Barros. Mulher excelente, que fazia muita coisa em função do social.” Mesmos nos discursos de campanha de Ademar de Barros, as referências à sua esposa eram constantes. O mesmo Antônio Pereira da Mata lembra que muitas vezes ouviu Ademar prometer em campanha mais ou menos da seguinte forma:

“Eu vim aqui [imita Ademar] para dar um recado que a Leonor mandou. (...) Me permitam que eu vou conversar com vocês. Eu vom só trazer um recado. A Leonor mandou dizer às mães e pais de família desse bairro, que nessa Nitro Operária vai ser levantado um hospital maternidade para as mulheres não precisarem estar assim, assado...”⁷²

A aliança entre o PSP e o PTB, indicando Getúlio Vargas para a presidência em 1950, consolidaria o prestígio de Ademar e seu partido nos bairros operários de São Paulo ao associar seus nomes ao mais popular e querido político entre os trabalhadores paulistas. Tanto Vargas, quanto Lucas Garcez, candidato ao governo de São Paulo pelo PSP, seriam eleitos. Além disso, o

⁷¹ Depoimento de Aurelino de Andrade concedido ao autor. Sobre o trabalho feminino do PSP e a importância de Leonor de Barros para o ademarismo ver também Regina Sampaio. *Adhemar de Barros...*

PSP elegeria a maior bancada da Assembléia Legislativa, com 19 deputados, efetivando-se como o maior partido do estado. Apesar dos resultados por distritos das eleições de 1950 não estarem disponíveis, é lícito supor que Vargas e Garcez foram amplamente vitoriosos em São Miguel, tanto pelo relato de antigos moradores, quanto pela expressiva vitória alcançada por ambos nas principais cidades e áreas industriais do estado.⁷³

Aparentemente, a vitoriosa campanha da Frente Popular (nome da coligação dos trabalhistas e pessepistas) foi conduzida em São Miguel quase que exclusivamente pelos militantes locais do PSP. O PTB praticamente inexistia como estrutura partidária no bairro e o Partido Comunista, agora na ilegalidade, havia tomado a decisão de propor o voto em branco, denunciando todas as demais candidaturas como burguesas e contra os interesses dos trabalhadores. No entanto, a grande maioria dos operários e operárias, mesmo muitos daqueles que outrora seguiam as palavras de ordem dos comunistas, desta vez fizeram ouvidos moucos às diretrizes do partido. O único relatório do DOPS sobre a campanha de Vargas e Garcez na região registra um comício realizado no dia 7 de setembro de 1950 reunindo cerca de 700 pessoas que contou com discursos vários, entre os quais os de “Aurelino de Andrade, presidente do centro Ademar de Barros de São Miguel Paulista, Luís Cristiano, membro do referido centro, Severino Barbosa, secretário geral do mesmo, João Mendonça Falcão, candidato a deputado estadual e Ubirajara Kentenejian, a deputado federal.” A “tendência dos discursos”, de acordo com o policial que acompanhou o encontro, foi de “propaganda dos candidatos do PSP.”⁷⁴

No ano seguinte, nas eleições municipais, Aurelino de Andrade e seu grupo decidiam apoiar um candidato local para concorrer à vereança. Apesar de ser o partido mais forte na localidade, o PSP do bairro, mantendo a denominação de Frente Popular, vinda da eleição do ano

⁷² Depoimentos de Joaquim Anselmo dos Santos e Antônio Pereira da Mata concedidos ao autor.

⁷³ Francisco Weffort aponta a importância das grandes cidades para a vitória de Vargas em 1950. Naquelas eleições ele obteve cerca de 41% de sua votação total no país nos três estados mais urbanizados. No estado de São Paulo, por exemplo, Vargas recebeu 61,59% dos votos. Cf. Francisco Weffort. *O populismo...*, pp. 125-6.

⁷⁴ Deops/SP, Daesp. Prontuário 69.506.

anterior, apoiaria o alfaiate Tarcílio Bernardo, que concorria pelo Partido Social Trabalhista (PST). De acordo com Aurelino de Andrade, o apoio a Tarcílio deveu-se às relações destes com as famílias mais ricas e tradicionais do bairro, o que garantiria um arco de alianças maior para a eleição do candidato do bairro. Bernardo era casado com uma das filhas da família Miragaia e contava com a simpatia do Esporte Clube São Miguel, clube da pequena elite local, e de seus principais membros, inclusive a família Lapenna. Nelson Bernardo, irmão de Tarcílio, recorda-se que “começaram a procurar alguém para ser vereador por São Miguel e, inclusive, houve a influência do Esporte Clube São Miguel. Foi praticamente o clube e a família Lapenna que lançaram meu irmão.”⁷⁵

Tarcílio Bernardo fora diretor do Esporte Clube São Miguel e pertencera aos quadros do PSP, sendo inclusive subdelegado em São Miguel. O passado pessepista e a possibilidade de angariar importantes apoios entre setores mais tradicionais no bairro devem ter pesado na decisão dos membros do PSP em abraçar a candidatura de Tarcílio. Ainda mais, levando-se em consideração que a União Democrática Nacional (UDN) também decidira lançar um candidato local, o médico da Nitro Química, Albano Gouveia da Rocha. A campanha de Tarcílio teve momentos de tensão. Em um de seus comícios, em fins de julho de 1951, “os deputados João Mendonça Falcão e Ivo Pereira Smith (...) atacaram com veemência a polícia na pessoa do subdelegado da localidade, o [responsável pela segurança da Nitro Química, tenente] Valério.” Na mesma reunião, “com a presença de cerca de 300 pessoas” ainda se pronunciaram em favor da candidatura de Bernardo, “Severino Barbosa da Frente Popular de São Miguel (...) Aurelino Soares de Andrade, também da Frente Popular de São Miguel (...) Dr. Rafael Hércules Regina, secretário do diretório municipal do PSP e o Sr. Mardoqueu Schmidt.” Em outubro, no dia da eleição,

⁷⁵ Depoimentos de Aurelino de Andrade e Nelson Bernardo concedidos ao autor.

“houve um atrito entre um elemento da Frente Popular (...), que estão apoiando a candidatura de Tarcílio Bernardo a vereador e o grupo que apoia a candidatura do Dr. Albano de tal, médico da Nitro Química. Aureliano Manoel Marques se salientou em ofensas a este último grupo, do qual fazia parte Ananias de Sousa, dizendo ser o mesmo composto de fascistas (integralistas), que dos mesmos nada se podia esperar. Com a intervenção de terceiros, os ânimos foram se acalmando e cada grupo tomou seu destino. Mais tarde, às 15 horas, mais ou menos, Ananias e Aureliano se encontraram próximo à cidade e passaram a discutir, chagando às vias de fato. Ainda com a interferência de outras pessoas foram apartados, constatando-se estarem os dois feridos.”⁷⁶

Naquela eleição Tarcílio Bernardo conquistaria 1.109 votos, classificando-se como o terceiro mais votado do PST e tornando-se, assim, o primeiro suplente do partido. Dois anos depois, assumiria uma cadeira de vereador, mas já como membro do Partido Trabalhista Nacional (PTN), partido este liderado pelo deputado Emílio Carlos e uma das agremiações políticas que dariam sustentação à meteórica carreira política de Jânio Quadros. O médico da Nitro Química, Albano Rocha, obteve 521 votos, ficando com a longínqua vigésima suplência da UDN.⁷⁷

As eleições de 1951 seriam as últimas em que Aureliano de Andrade e seu grupo político no PSP estariam lado a lado com Tarcílio Bernardo. Sua filiação ao PTN marcaria seu rompimento com os políticos locais vinculados ao PSP. A adesão de Bernardo às hostes janistas era um evidente sinal da rápida e crescente popularidade que Jânio adquiria em São Miguel

⁷⁶ Deops/SP, Daesp. Dossiês 21-J-11, fls. 24 e 30-J-53, fls. 147.

⁷⁷ Cf. *Boletim Eleitoral do TRE-SP*, suplemento n. 9, 6 de novembro de 1951. Naquelas eleições os candidatos comunistas concorreram em vários partidos e promoveram a campanha da chamada Aliança Autonomista pela Paz e contra a Carestia. Quatro dos chamados ‘candidatos de Prestes’, Ramiro Luchesi e Floriano Francisco Dezen, pelo PSD, e Abílio Martins Costa e Dante Pellacani, pelo PTN, foram eleitos, mas posteriormente tiveram seus registros cassados pelo tribunal eleitoral. Um núcleo e, pelo menos, quatro comícios e reuniões da Aliança foram realizados em São Miguel entre agosto e outubro de 1951. Cf. Deops/SP, Daesp. Dossiê 30-J-53, fls. 86, 95, 99 e 161.

Paulista. Nos anos seguintes, o bairro seria um dos mais fortes e consolidados redutos de Jânio da Silva Quadros.

Vereador em São Paulo pelo Partido Democrata Cristão (PDC) no final dos anos 40,⁷⁸ Jânio Quadros já iniciaria sua carreira política como um feroz opositor do então governador Ademar de Barros e do PSP. Sem autonomia administrativa, que só seria recobrada em 1953, a capital paulista era dirigida naquele período por prefeitos indicados pelo governo do estado. O vereador Jânio notabilizou-se pelas ásperas críticas e denúncias de corrupção e desmandos dirigidas aos prefeitos indicados por Ademar e seu partido.

No entanto, seria a abordagem dos temas e problemas dos moradores dos bairros periféricos de São Paulo na Câmara Municipal que tornaria Jânio Quadros um dos políticos mais conhecidos da cidade e definitivamente marcaria sua carreira política a partir de então. Quadros foi, provavelmente, o político em São Paulo que melhor soube captar a crescente demanda por melhorias urbanas, bens e serviços por parte dos trabalhadores residentes nos subúrbios e regiões pobres da cidade. Transformou, com seu jeito peculiar, tais demandas em sua principal bandeira e com isso conquistou enorme popularidade e prestígio.⁷⁹

Os discursos de Jânio na tribuna da Câmara narravam e protestavam contra muitos dos problemas vividos cotidianamente pelos trabalhadores da capital. A carestia, os abusos cometidos por comerciantes inescrupulosos, a falta de moradia e transporte, os atrasos dos trens eram, entre

⁷⁸ Nas eleições para a Câmara Municipal paulistana, Jânio obteve 1.074 votos, sendo o segundo mais votado do PDC. Segundo Vera Chaia tal colocação foi insuficiente para garantir a Jânio uma cadeira de vereador como titular. Porém, com a ilegalidade do Partido Comunista e a cassação dos mandatos dos parlamentares eleitos pelo PST (PCB), ocorreria uma redistribuição das vagas entre os partidos e o PDC passaria a contar com quatro representantes, entre os quais Jânio. Tal versão tornou-se altamente disseminada e conhecida na história política da cidade. No entanto, Adriano Duarte, citando dados do TRE do período, afirma que Jânio obteve 1.707 votos, o que garantia sua cadeira como vereador, já que o PDC teve direito a três vagas na Câmara, independentemente da cassação dos vereadores comunistas. Cf. Vera Chaia. *A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)*. Ibitinga, Humanidades, 1991, p. 19 e Adriano Duarte. *Cultura popular...*, p. 130.

⁷⁹ Para uma específica análise do período inicial da carreira de Jânio, ver Silvana Maria de Moura Walmsley. *Origens do janismo. São Paulo, 1948/1953*. Campinas, IFCH-Unicamp, 1992, Dissertação de mestrado. Seguindo as indicações de John French sobre o surgimento de políticos que, no pós-guerra, perceberam a necessidade de atuar junto ao novo eleitorado urbano e operário, Walmsley situa Jânio como o principal expoente da 'geração de 1948'

outros, temas constante e veementemente repetidos pelos vereador. A Light, então a empresa concessionária da distribuição de energia elétrica na cidade, era particularmente criticada e freqüentemente atacada por Jânio. Ele priorizou os bairros populares como centro da sua atuação e, ao politizar a difícil rotina de seus moradores e reivindicar seus direitos como habitantes da cidade, aparecia cada vez mais como uma espécie de paladino da periferia paulistana.

Mas Jânio inovou também ao não restringir o debate público de tais questões à tribuna da Câmara. Periodicamente visitava os diversos bairros paulistanos, via de perto a situação e ouvia as demandas e queixas de seus moradores. Em pouco tempo tornou-se próximo de uma série de organizações locais. Apoiado pelo jornal *A Hora*,⁸⁰ Jânio dava publicidade às questões mais candentes de cada região da cidade, expostas nas páginas do periódico e relatadas com a habitual verve inflamada do vereador no parlamento paulistano.

Fonte da matéria prima principal da ação política do vereador, as visitas aos bairros, além de articular uma série de contatos e apoios nos clubes e associações locais, permitiam o contato direto com um grande número de trabalhadores, pouco acostumados a ver políticos por perto fora dos períodos eleitorais. Nestes contatos, Jânio Quadros foi construindo uma imagem de um político diferente, um homem simples e acessível, verdadeiramente próximo e interessado na vida e nos problemas dos moradores pobres da periferia. Em sua pesquisa com os moradores de uma vila de São Miguel no início dos anos 1980, Teresa Caldeira constatou as fortes recordações que antigos moradores tinham de Jânio Quadros, o mais lembrado dos políticos do período pré-64 no bairro. Ele “ficou representado”, analisava Caldeira, “não apenas como um governante que fez pelo povo, mas como um que era do povo, (...) tinha origem popular e se vestia com qualquer

que congregaria políticos como Lino de Matos, Anacleto Campanela, entre outros, que embora em diferentes partidos, tinham como característica comum a construção de suas carreiras “apelando ao povo”.

⁸⁰ *A Hora*, jornal de propriedade de Denner Médici, associou-se a Jânio logo no início de sua carreira política. O periódico dava ampla cobertura às visitas do político aos diversos bairros periféricos e publicava com bastante freqüência as propostas e requerimentos de Quadros, tanto na Câmara Municipal, quanto na Assembléia Legislativa. Foi o único jornal a apoiar a candidatura de Jânio à prefeitura em 1953. Posteriormente, no entanto, a direção do

roupa, até com a capa suja, e andava pelos bairros ‘bebendo pinga no copo’ com seus eleitores.” Nas entrevistas que realizei também encontrei várias referências à identificação que vários moradores de São Miguel Paulista sentiam com Jânio. Artur Pinto de Oliveira, por exemplo, lembra que

“ele chegava em São Miguel e vinha com um capote preto, com um cabelo assim... sei lá, aquela figura ‘esgrenhada’, horrorosa... comendo sanduíche, entrava no bar e bebia pinga com a turma (...) E ele não vinha para a praça pública, apesar de falar um português incorrigível, mas ele não vinha com arrogância de universitário, de doutor, de professor, não! Ele era povão, as roupas dele... ele tinha um capote enebado, que a turma diz que eram as caspas do cabelo que caíam. Aquele capote era famoso, o capote do Jânio, um capote velho e sujo, horroroso! E... mas a voz dele, a maneira dele falar.(...) Todo mundo apoiava ele.”⁸¹

Considerado um bom orador, Jânio, com seu estilo e teatralidade próprios, manipulava muito bem símbolos e temas que, de alguma forma, o identificavam com a população dos localidades mais pobres da cidade. Desde sua campanha à vereança em 1947, Quadros percebeu a importância do contato direto com a população através de reuniões, visitas e comícios nos bairros periféricos. A experiência política do PCB nos anos anteriores havia demonstrado para vários políticos que cortejavam as mesmas bases operárias, como o próprio Jânio, o quanto estes encontros podiam render em termos de popularidade e frutos eleitorais.⁸² Além do conteúdo político em si, Quadros, como poucos, soube explorar o caráter lúdico que os trabalhadores da periferia atribuíam aos comícios. Mais uma vez, o depoimento de Artur Pinto de Oliveira é revelador neste sentido. Segundo ele, Jânio Quadros

diário romperia com o prefeito eleito. Nas eleições para governador em 1954 alinharia-se à candidatura de Prestes Maia. No início dos anos 60, *A Hora* deixou de ser publicado.

⁸¹ Depoimento de Artur Pinto de Oliveira concedido ao autor.

“fazia comício aqui na Praça Getúlio Vargas Filho, era a praça principal. Eu vinha com minha esposa, na época era namorada, e os amigos. E ainda tinha as famílias, vinham assistir os comícios. Nem iluminação não tinha, era no escuro.(...).Eu ia porque naquela época a política era uma coisa que atraía, porque não tinha cinema, [quer dizer] em São Miguel, tinha o Cine São Miguel. Mas as pessoas iam no cinema mas não era só ir no cinema, tinha que ter outras coisas. A vida de São Miguel era política, eram os comícios que tinha naquela praça. Todo domingo tinha comício ali, em época de eleição, e a gente ia para lá. Ia eu, a minha esposa, iam os irmãos dela, as irmãs, os amigos... as famílias.”⁸³

Ao colocar os bairros populares e as demandas de seus moradores como eixo de sua atuação política, Jânio Quadros conseguiu aprofundar ainda mais do que havia feito Ademar de Barros, os vínculos e a empatia com os trabalhadores da cidade. Apesar de poder ser visto como um político benevolente Ademar, para os moradores da periferia era claramente um ‘outro’, um político *das* classes dominantes e endinheiradas, que, ao contrário da maioria dos seus pares, se preocupava com os pobres. Já Jânio, conseguiu ir mais longe. Mesmo sendo um homem letrado e com algumas posses, era identificado como ‘povão’, alguém que não só entendia e compartilhava dos problemas dos trabalhadores, mas que estava disposto a lutar até o fim pela sua resolução. O ex-vereador do PSP, Aurelino de Andrade, explica assim a popularidade de Quadros em São Miguel:

“O Jânio era tão popular porque ele almoçava lá [no centro], mas chegava aqui dizendo que não tinha comido naquele dia e pegava o sanduíche de mortadela e comia aqui no comício. ‘Sou igual a você’ [era a mensagem que ele passava e] era o

⁸² Adriano Duarte comenta que na campanha de Jânio para a prefeitura em 1953, “enquanto seus adversários alugavam salões e faziam seus comícios em espaços fechados, com o público sentado comportadamente, Jânio ia até seus eleitores” com seus comícios de rua. Cf. Adriano Duarte. *Cultura popular...*, p.134.

⁸³ Depoimento de Artur Pinto de Oliveira concedido ao autor.

problema [para os ademaristas] (...) Ele fazia o discurso tremendamente. Era um bom orador.”⁸⁴

Ademais, enfatizando a honestidade e a luta pela moralidade administrativa como bandeiras políticas, Jânio ampliava ainda mais o fosso, no imaginário popular, entre ele e o governador Ademar, considerado como corrupto (os próprios correligionários deste último, por exemplo, foram os autores da famosa expressão: ‘rouba, mas faz’) e da máquina política do PSP, famosa pelo clientelismo, favorecimentos e também por uma atuação, por vezes, violenta na luta política local. Mesmo um fiel ademarista em São Miguel, como Augusto Ferreira Lima, considera que “Jânio Quadros era meio duro, mas era honrado, ele era honesto (...) ele queria as coisas certas e malandragem o Brasil tem. (...) Ele era mau, mas era honesto e a pessoa quando quer ser honesta é mau mesmo.” Quadros soube capitalizar grande parte de um crescente descontentamento popular com os desvios éticos do governo estadual do PSP. “Também existia”, acrescenta Artur Pinto de Oliveira, “uma revolta que ele pregava: a moralização da administração pública.(...) Ele era muito rigoroso nas decisões, nas administrações e na correção com o dinheiro público.”⁸⁵

Assim, em torno da figura de Quadros foi construída uma aura de ‘autoridade moral’ (que freqüentemente descambava para um autoritarismo *de fato*), e que era percebida por grande parte dos moradores da cidade, em particular os mais pobres, como a definição de um político diferente, ético e efetivamente preocupado com seus problemas e reivindicações. Como comenta uma analista, “ele criava assim (...) sua própria imagem de ‘consciência de autoridade’ e de justiceiro vigilante, refúgio dos fracos e injustiçados. Com esta imagem, conquistaria o coração da cidade.”⁸⁶

⁸⁴ Depoimento de Aurelino de Andrade concedido ao autor.

⁸⁵ Depoimentos de Augusto Ferreira Lima e Artur Pinto de Oliveira concedidos ao autor.

⁸⁶ Cf. Silvana Maria de Moura Walmsley. *Origens...*, p. 81.

Embora os problemas nos bairros e regiões periféricas da cidade fossem, juntamente com as questões relativas à moralidade administrativa, os temas centrais da ação parlamentar de Jânio, também não faltaram atitudes de apoio do político às greves e protestos de operários contra aqueles que ele classificava como ‘patrões prepotentes e gananciosos’, além de críticas às medidas repressivas do governo Dutra contra o movimento sindical. Também os migrantes nordestinos vítimas de discriminações e de uma eficaz política de recepção na capital paulista, foram defendidos por Jânio na tribuna da Câmara. Em seus discursos, Quadros freqüentemente denunciava as precárias condições de trabalhos em várias indústrias paulistanas e cobrava o cumprimento da legislação trabalhista. A Nitro Química, a Celosul, a Cimentos Perus e a Cia. Melhoramentos foram algumas das empresas atacadas pelo vereador. Os trabalhadores desta última empresa localizada em Caieiras, por exemplo, chegaram a procurá-lo para diretamente apresentar reclamações contra os maus-tratos e o descumprimento das leis trabalhistas por parte da indústria.⁸⁷

Jânio também deu claro apoio a várias paralisações sindicais. Já como deputado, no início dos anos 50, defendeu efusivamente as reivindicações de ferroviários e bancários em greve. O antigo líder sindical Luiz Tenório de Lima, o Tenorinho, lembra que a paralisação desta última categoria, em 1951, trouxe grande proveito político para Jânio. “Ele se aproveitou da greve”, escreve Lima. “Saiu na frente dos grevistas e criou uma frase que ficou famosa na época: ‘um pão a mais para os bancários, um charuto a menos para os banqueiros’.”⁸⁸

Tal atuação política de Jânio possibilitou que, em poucos anos, ele se tornasse um dos homens públicos mais populares da cidade. Em 1950, foi o candidato mais votado para a Assembléia Legislativa, com 17.840 votos. No cenário político local, o perfil de Jânio colocava-o claramente no espectro da esquerda. Era próximo a parlamentares do Partido Socialista Brasileiro

⁸⁷ Cf. Maria Victória Benevides. *O PTB...*, p. 59, Silvana Maria de Moura Walmsley. *Origens...*, p. 124 e Vera Chaia. *A liderança...*, p. 50.

(PSB) e, embora declarasse ser anti-comunista, angariou simpatias no interior do PCB ao defender greves por melhorias salariais e o movimento pela paz, desencadeado pelo partido no período da guerra da Coréia. Jânio ainda protestou contra a prisão da tecelã comunista Elisa Branco, que havia sido detida por participar de uma manifestação contra o envio de tropas brasileiras à Coréia.⁸⁹

Assim, quando a capital paulista recuperou sua autonomia administrativa e eleições para prefeito foram marcadas para março de 1953, Jânio Quadros emergiria como um político não só com uma vasta rede de apoio nos bairros populares, através de organizações locais como as Sociedades Amigos de Bairros (SABs), mas também com condições de receber a adesão de outras correntes políticas, como o PSB e um amplo setor do PTB, que rompeu com a candidatura oficial de Francisco Antônio Cardoso e, inclusive, indicou o candidato a vice na chapa de Jânio: o general Porfírio da Paz.

Apesar disso, o mundo político recebeu inicialmente a candidatura de Jânio à prefeitura paulistana como uma bravata. Francisco Antônio Cardoso, secretário de Saúde do governo de Lucas Garcez, parecia um candidato imbatível. Apoiado por uma coligação de sete partidos (PSP, PSD, UDN, PTB, PRP, PR e PRT) que praticamente reunia as principais forças políticas do estado, Cardoso era o grande favorito dos gabinetes e da imprensa. O PCB apoiou a candidatura de André Nunes Júnior, ex-vereador do PTB que havia apoiado a Aliança Autonomista pela Paz e contra a Carestia, de inspiração comunista. O vice de Nunes Júnior, que concorria pelo PST, era Nelson Rustici, presidente do Sindicato dos Têxteis de São Paulo.

Usando o slogan do 'tostão contra o milhão', numa referência aos grandes recursos econômicos da candidatura de Cardoso, e o famoso símbolo da 'vassourinha' Jânio fez uma campanha que sintetizava os principais temas da sua carreira até então. Trouxe para o debate

⁸⁸ Cf. Luiz Tenório de Lima. *Movimento sindical e luta de classes*. São Paulo, Oliveira Mendes, 1998, p. 24.

⁸⁹ Cf. Vera Chaia. *A liderança...*, pp. 62 e 59.

público as demandas dos moradores da periferia, pregou a moralização da administração e com ruidosos comícios e veementes discursos empolgou a população de São Paulo. Sua vitória foi avassaladora. Quanto mais periférica a área da cidade, maior foi a quantidade de votos recebida por Quadros, que foi derrotado apenas no rico Jardim América. Analisando esta eleição, Fernando Henrique Cardoso diria que com Jânio a periferia da cidade (a qual, em tom jocoso, chamou de “fundo do tacho da sociedade”) “fez-se presente na vida pública”. No total Jânio obteve 65,8% dos votos, contra 26,6% dados a Francisco Cardoso e 4,3% dedicados a André Nunes.⁹⁰

Em São Miguel, Jânio Quadros teve 74,5% da votação, um dos maiores índices da cidade. As eleições de 53 colocou o bairro como um dos principais redutos janistas em São Paulo. Até 1964, janismo e ademarismo, como de resto em toda a cidade e estado, polarizariam as disputas políticas em São Miguel. Ademar de Barros, com a vitória de Jânio na prefeitura, enfraqueceu-se na capital. Alguns autores chegam a apontar uma ‘ruralização’ do ademarismo a partir de 1953, referindo-se ao fato de que Ademar e seu PSP permaneceriam como a principal força política no interior do estado. De toda forma, Ademar, apesar de derrotado em todas as suas disputas diretas com Jânio no bairro, continuaria uma liderança política muito forte na região.⁹¹

A força de janistas e ademaristas era evidente em São Miguel. Os dois vereadores eleitos pela região na segunda metade dos anos 50 e primeira dos 60, pertenciam cada um a uma das correntes políticas. Aurelino de Andrade (PSP) ligado era ao ademarismo, e Tarcílio Bernardo (PTN), janista. Em 1954, quando Jânio e Ademar disputaram o governo do estado contra Prestes Maia (PDC, PSD, UDN, PR e PRP) e Toledo Piza (PTB), ambos concentraram conjuntamente

⁹⁰ Cf. Fernando Henrique Cardoso. “Partidos e...”, p. 55; e Vera Chaia. *A liderança...*, p. 72.

⁹¹ Cf. José Álvaro Moisés. *Classes populares e protesto urbano*. São Paulo. FFLCH-USP, 1978, Tese de Doutorado, p. 278 e Bolívar Lamounier. “Comportamento eleitoral em São Paulo: passado e presente” in Fernando Henrique Cardoso e Bolívar Lamounier. *Os partidos...*, p. 21. Ademar e Jânio disputaram eleições um contra o outro em 1954 (governador, vitória de Jânio), 1960 (presidente, vitória de Jânio) e 1962 (novamente governador, vitória de Ademar). Mesmo nesta última, ocorrida logo após o impacto da renúncia de Quadros à presidência em 1961, Jânio venceria Ademar em São Miguel. Cf. Teresa Caldeira. *A política...*, p. 46.

impressionantes 88,4% dos votos do bairro. Jânio, mais uma vez, teve uma votação arrasadora, sendo sufragado por 7.177 moradores locais (65,7% do total).⁹²

As gestões de Jânio na prefeitura e no governo do estado mantiveram o prestígio que ele obtivera como político de oposição em São Miguel.⁹³ Eleito pelo apoio recebido nos bairros periféricos, Jânio procurou aprofundar ainda mais sua relação com as SAB's e tentou desenvolver um programa de ampliação da iluminação e da pavimentação pública, além de alguma forma, responder às inúmeras demandas de bens e serviços urbanos da população suburbana. São Miguel foi um dos bairros beneficiados com algumas melhorias na gestão municipal de Jânio. João Freitas Lírio, por exemplo, morador no bairro desde 1950, considera a eleição de Quadros um marco para a região. Jânio, comenta Lírio, “pegou aqui e asfaltou, calçou essa rua da fábrica aí da estação.(...) Com ele as coisas começaram a melhorar.” Suas ações moralizadoras na administração também ficaram na memória de muitos antigos moradores. O desmantelamento da máquina pessepista encarnada nos mal afamados subdelegados e inspetores de quarteirão foi comemorada por muitos. Artur Pinto de Oliveira conta que Jânio

“foi um excelente governador. Naquela época o sistema policial de São Miguel era um terror (...). Tinha pessoas que eram chamadas de inspetor de quarteirão, que o povo, na linguagem popular chamava de ‘bate-pau.’ Se você era do partido de quem estava no poder você podia fazer o que quisesse: fazer baderna, beber, brincar... Agora se você não era da cartilha... porrada nele! Eles tratavam as pessoas com uma brutalidade, com uma violência terrível. Nesse tempo o político forte aqui era o Ademar de Barros. E o Jânio na campanha prometeu acabar com isso, e posso lhe

⁹² *Boletim eleitoral do TRE-SP*, 31 de janeiro de 1955. Jânio foi eleito governador por estreita margem sobre Ademar. Obteve 34,2% dos votos, contra 33,3% de seu adversário. A ampla vitória que obteve na capital, novamente graças aos bairros periféricos, foi fundamental para sua eleição. Cf. Vera Chaia. *A liderança...*, pp. 112-115.

⁹³ Não tão famosa como a mítica Vila Maria ‘janista’, São Miguel também era considerada por Jânio como um de seus redutos mais fiéis. Quando em 1954, decidiu candidatar-se ao governo do estado e entrou em um conflito que levaria ao rompimento com seu partido, o PDC, Jânio reuniu seus correligionários e leu um documento relatando sua

garantir que com 3 meses de governador ele já tinha acabado. Acabou com todas essas bandalheiras, a ‘cupinchada’ do Ademar.(...) Era uma violência danada. E o Jânio acabou com isso. Ele teve muito mérito. Sem contar com a ordem que ele pôs nas finanças, porque ele era um homem muito honesto. Não se pode negar.”⁹⁴

Em 1957, quando os trabalhadores da Nitro Química entraram em greve e a polícia reprimiu violentamente os grevistas e a população local como um todo, o então governador Jânio Quadros, ao tomar conhecimento da situação, substituiu o comandante responsável pela ação e mandou prender o temido tenente Valério, chefe da segurança da empresa, que havia agredido vários operários. Além disso, o governo forneceu mantimentos para os trabalhadores em greve. Jânio ainda teve um papel decisivo na negociação com a direção da empresa, que após vários dias de paralisação, concordou em conceder um aumento salarial. A greve, então, foi considerada amplamente vitoriosa e Jânio consolidaria ainda mais seu prestígio na região. Não por acaso, o antigo operário da Nitro, Joaquim Anselmo dos Santos, considera que Jânio “quando era governador do estado falava (...) linguagem de direitos.”⁹⁵

A força do janismo, secundado pelos adeptos de Ademar, praticamente bloqueava a expansão de outras forças políticas em São Miguel Paulista. A UDN, por exemplo, sempre foi fraca no bairro. Era vista pelos moradores locais como um partido elitista, de ‘grã-finos e cartolas’, como se dizia na época. Joaquim Anselmo dos Santos afirma que os a UDN “era mais a elite” de São Miguel. Augusto Ferreira Lima, por sua vez, conta que era muito raro encontrar

versão da crise com os democratas-cristãos. Na mensagem, agradecia a solidariedade que recebera, particularmente em “alguns encontros que teve em São Miguel Paulista e no Parque Peruche.” Cf. Vera Chaia. *A liderança...*, p. 103.

⁹⁴ Depoimentos de João Freitas Lirio e Artur Pinto de Oliveira concedidos ao autor.

⁹⁵ Depoimento de Joaquim Anselmo dos Santos concedido ao autor. Sobre a atuação de Jânio e outros políticos na greve de 1957, ver Paulo Fontes. *Trabalhadores e...*, especialmente o capítulo 5 e “Centenas de estopins acesos ao mesmo tempo. A greve dos 400 mil, piquetes e a organização dos trabalhadores em São Paulo (1957)” in Alexandre Fortes et all. *Na Luta...*

alguém deste partido na fábrica ou nas ruas da região. “Ninguém falava ‘eu sou da UDN, eu defendo a UDN’.”⁹⁶

Um panfleto de 1956 assinado por Pedro de Buone, fundador dos centros operários udenistas, nos fornece mais uma pista para compreender o elitismo da UDN e as razões de sua pouca inserção entre os trabalhadores em São Paulo. Inconformado com a derrota do candidato udenista Juarez Távora em sua campanha presidencial, o autor do panfleto defende que “as últimas eleições vieram provar que não é possível a revolução pelo voto. E que a aplicação dessa tese para dar certo na prática pressupõe o predomínio numérico de um eleitorado culto e consciente, que não possuímos.” Diante dessa constatação, Buone passa a defender uma reforma do código eleitoral, já que um eleitorado “culto e consciente só poderá ser fornecido por hora pela classe média.” Assim,

“para alcançar-se esse objetivo conceder-se-á aos professores de curso secundário, aos jornalistas profissionais e portadores de diplomas de escolas superiores o direito de voto em décuplo, e em seu dobro aos professores universitários, desde que não sejam candidatos. Será esse o legislado (sic) que contrabalançará o voto do eleitor inconsciente ou de cabresto, em benefício dele e da nação.”⁹⁷

Mas, os candidatos da UDN, particularmente nas eleições majoritárias continuavam a necessitar dos votos dos eleitores ‘incultos e inconscientes’. Nas eleições presidenciais de 1955, Jânio, então governador do estado e aliado da candidatura de Juarez Távora, abriu o caminho da periferia paulistana para os ‘cartolas’ da UDN. Nos bairros de São Paulo, em contato direto com os moradores e, ao lado de Quadros, o discurso udenista mudava bastante e se aproximava da linguagem populista tão execrada pelos defensores do partido. Claro que a sombra da morte de Vargas, ocorrida no ano anterior e por muitos atribuída às conspirações da UDN, obrigava seus

⁹⁶ Depoimentos de Joaquim Anselmo dos Santos e Augusto Ferreira Lima concedidos ao autor.

⁹⁷ Deops/SP, Daesp. Dossiê 21-J-130, fls. 3.

candidatos a atenuarem seus ataques a alguns pontos chaves do legado getulista. No entanto, para ganhar o voto operário era necessário, de alguma forma, aproximar-se dos temas e demandas dos trabalhadores. Assim, em um comício em Osasco em setembro de 55, Juarez, acompanhado de Jânio, dizia ter “certeza que a multidão [reunida na praça] era constituída principalmente por operários” e, portanto, “reafirmou seus princípios em defesa da legislação do trabalho, a qual acentuou foi uma das conquistas da revolução de 1930,” e “que não estaria sendo cumprida pelo governo.” No mesmo dia em São Miguel, o senador Auro de Moura Andrade conduzia um comício da campanha de Juarez e ouvia os “entusiasmados aplausos” dos migrantes “do Norte e Nordeste ali reunidos” ao ponto alto do programa da chapa udenista “que se refere à criação da Hospedaria do Migrante Nacional, destinada a abrigar, amparar e encaminhar os nossos irmãos de sangue que em São Paulo vêm procurar melhor sorte.”⁹⁸

Levando-se em conta a fragilidade e antipatia que a UDN provocava em São Miguel, a votação de Juarez no bairro foi uma nítida prova de força do janismo. Ele conquistou 3.443 votos (31,4% do total), aproximando-se bastante de Ademar de Barros, que com 3.920 votos (35,7%) ganharia aquela eleição no distrito, bem como na capital como um todo. João Goulart, por sua vez, terceiro colocado na cidade de São Paulo, mostraria sua força nas regiões operárias e venceria as eleições para vice-presidente em São Miguel com 4.679 votos, 42,7% do total.⁹⁹

No final da década de 50 e início da de 60, após a conquista da direção do Sindicato dos Químicos por uma chapa hegemônica pelos comunistas e da vitoriosa greve de 1957 na Nitro Química, o PCB, embora continuasse na ilegalidade, voltaria a ter um peso significativo na vida política do bairro. Ainda que não com a mesma força que no período 45-47, o partido comunista tinha de novo destaque no jogo político local, com reflexos inclusive no campo eleitoral. Foi decisivo, por exemplo o apoio dos militantes comunistas em São Miguel para a eleição de Rio

⁹⁸ *A Hora*, 22 e 24 de setembro de 1955.

⁹⁹ *Boletim eleitoral do TRE-SP*, n. 118, novembro de 1955.

Branco Paranhos como vereador em 1959. Paranhos, antigo militante comunista conhecido como advogado de sindicatos e trabalhadores, inclusive da Nitro Química, concorreu pela legenda do PTB e obteve 7.363 votos, grande parte deles em São Miguel. O comunista Geraldo Rodrigues de Freitas lembra que “nós elegemos o doutor Rio Branco Paranhos para vereador com três dias de campanha”, porque “a candidatura dele só foi liberada o registro três dias antes da eleição e aqui em São Miguel ele estourou” de votos. Rodrigues refere-se ao fato de que as tentativas de impugnação da candidatura de Paranhos, alegando que ele não poderia concorrer pelo fato de ser comunista, só foram indeferidas pelo tribunal eleitoral poucos dias antes da eleição.”¹⁰⁰

No ano seguinte foi praticamente apenas o PCB que conduziu em São Miguel a campanha eleitoral do Marechal Teixeira Lott à presidência da República. O comício de campanha realizado no bairro em junho de 1960, por exemplo, reuniu “aproximadamente 800 pessoas” e contou com a presença de Luiz Carlos Prestes e do vereador eleito Rio Branco Paranhos. Os dirigentes do Sindicato dos Químicos, Manoel Montanhani e Adelço de Almeida, também presentes, aproveitaram a ocasião para dar “vivas ao PCB.” Já Vavá, presidente do Olaria, time de futebol amador local, “abordou o tratamento proporcionado pela Nitro Química aos seus operários, que vivem de um salário de miséria, sem assistência de espécie alguma, morrendo, quando não à mingua, pelo cloro venenoso dos produtos ali fabricados, que (...) está matando também os moradores de São Miguel Paulista.”¹⁰¹

Mas, as eleições de 1960 mais uma vez demonstraram que Jânio Quadros era a grande força política local. Seu comício de campanha no bairro parece ter sido apoteótico. Segundo o agente do DOPS que o relatou, “2.500 pessoas aproximadamente” compareceram à Praça Um. Ao chegar, Jânio “foi carregado no meio da multidão até o palanque.” Declarou-se cansado, pois havia acabado de chegar de Pernambuco. Logo de início, disse que o Brasil não desejava ser nem

¹⁰⁰ *Boletim eleitoral do TRE-SP*, n.141, janeiro de 1960 e depoimento de Geraldo Rodrigues de Freitas concedido ao autor.

uma colônia norte-americana, nem soviética. “Nós somos brasileiros”, reafirmou e “estamos prontos a estender a mão a todos os povos porque somos amigos da paz.”¹⁰² Ciente da grande presença de migrantes no ato, fez uma série de referências à situação de miséria no norte do país. “De Minas para baixo, ainda se respira”, comentou, “mas de Minas para cima, ninguém caminha sem lágrimas nos olhos.” Atacou ainda o governo federal quanto ao problema da educação. “Vocês conhecem uma grande nação habitada por analfabetos?”, questionou. Por fim, solicitou votos para uma esmagadora vitória. Jânio seria atendido. Obteve em São Miguel 9.711 votos, cerca de 50,5% do total de votos do bairro, contra 4.442 de Ademar (23,1%) e 3.695 de Lott (19,2%). Milton Campos levou uma leve vantagem sobre Jango na disputa pela vice presidência. Campos foi votado por 7.428 eleitores são-miguelenses (38,6%) e João Goulart por 7.158 (37,2%).¹⁰³

Aurelino e Tarcílio

Grande parte das análises sobre a política paulista no período entre 1945 e 64 têm destacado o carisma e a capacidade de manipulação das lideranças populistas como razão do seu sucesso. No entanto, sem menosprezar tais fatores, é preciso não negligenciar o decisivo papel desempenhado por uma rede de contatos locais articulada e estabelecida por tais políticos. Era esse rede que no cotidiano defendia e lutava por essas lideranças e, nos períodos eleitorais, era amplamente acionada para comandar as campanhas locais de seus candidatos.

¹⁰¹ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-Z-591, fls.57.

¹⁰² A defesa de uma política externa mais independente da esfera de influência dos Estados Unidos seria um dos mais sérios pontos de conflito entre Jânio e sua base de apoio, especialmente com a UDN. Cf. Vera Chaia. *A trajetória...*, pp. 214-218.

¹⁰³ *Boletim eleitoral do TRE-SP*, n.150, outubro de 1960.

Em São Miguel, janismo e ademarismo estabeleceram azeitadas redes de contatos e máquinas políticas. Uma grande rivalidade entre os grupos dos vereadores Aurelino de Andrade (PSP) e Tarcílio Bernardo (PTN) reproduzia em nível local as disputas entre Ademar de Barros e Jânio Quadros. Único bairro periférico da cidade com dois vereadores representando, cada um, uma das principais vertentes da política paulista de então, São Miguel foi palco de acirrados confrontos e tensões motivados pela polarização local. Como vimos, não foram raras as vezes em que tais conflitos resultaram em brigas e agressões. Porém, uma análise mais detalhada da ação desses vereadores e grupos mostra, apesar das diferenças políticas, uma grande semelhança entre práticas e o compartilhamento de uma linguagem comum de defesa dos interesses dos trabalhadores e representação dos interesses do bairro e de seus 'modestos e pobres operários'. A própria presença de dois vereadores eleitos pela região, com discursos e ações quase que exclusivamente voltados para seus moradores, reforçava bastante uma noção de identidade de bairro, de uma comunidade específica de São Miguel.

Após tornar-se figura de confiança de Ademar de Barros e presidir o PSP de São Miguel, Aurelino de Andrade candidatou-se e foi eleito pela primeira vez vereador em 1955. Iniciaria assim uma longuíssima carreira na Câmara Municipal paulistana, sendo eleito sucessivamente por quase 40 anos. Estreou em eleições recebendo 3.309 votos.¹⁰⁴ Há tempos, Aurelino já havia se afastado do PCB, mas seu passado de militante comunista levaria o DOPS a proceder, logo após o resultado eleitoral, uma investigação sobre suas preferências ideológicas. Como só foram encontradas referências à sua participação no Partido Comunista durante os anos 40, o levantamento policial não resultou na cassação de seu mandato. No mesmo ano de 1955, também o governador Jânio Quadros solicitava investigações sobre o vereador recém eleito, através de um

¹⁰⁴ *Boletim eleitoral do TRE-SP*, n. 120, fevereiro de 1956. Aurelino de Andrade permaneceria no PSP até a extinção deste partido em 1965. Naquele ano filiou-se a ARENA, partido de sustentação do regime militar. Com o fim da ARENA, aderiu em 1979 ao PDS, partido sucessor da legenda governista. Em 1985 rompe com o PDS e adere ao PFL, partido em que se manteve até as eleições municipais de 2000, quando não foi eleito.

bilhete endereçado ao diretor do DOPS, no qual se lia: “para as medidas convenientes contra Aurelino Soares de Andrade, a serem adotadas com o máximo rigor.” No entanto, após a análise dos antecedentes do investigado, Luiz de Godoy e Vasconcelos, delegado chefe do serviço secreto policial, concluía que “presentemente nenhuma medida pode ser tomada contra Aurelino Soares de Andrade, que não a de pô-lo sob vigilância policial, para oportuno procedimento legal.”¹⁰⁵

Um ano depois, da tribuna da Câmara, Aurelino criticaria ferozmente a atuação do DOPS, que “não tem feito outra coisa senão levar o trabalhador ao desespero.” Atento à atuação da polícia, o vereador prosseguia,

“quando o Departamento [DOPS] dá uma informação, quase que com raras exceções o faz erradamente. (...) Muitas vezes colocam um investigador de polícia, homem que nada conhece do que está fazendo e porque alguém diz num comício público que o operário está morrendo de fome, esse investigador vai dizer ao delegado de polícia – e fica contando na ficha – que o operário que disse isso é comunista. [Para o DOPS] tudo o que se reclama de bem nesta terra é obra comunista. Porque quem defende o trabalhador é comunista, quem fala em sindicalismo é comunista, quem discorda do governo é comunista, quem não concorda com os que mandam é comunista. (...) Nesta terra quem serve é comunista.”¹⁰⁶

Nos anos 50, várias das redes informais que existiam no bairro tiveram papel fundamental para a montagem do grupo político de Aurelino de Andrade e para sua eleição como vereador. Grande parte dos antigos moradores que afirma ter votado em Aurelino naquele período relata conhecer e compartilhar amizade com ele antes mesmo dele ter sido eleito. Maria José Santos Oliveira, por exemplo, lembra-se que o conheceu quando ambos eram operários na Nitro

¹⁰⁵ Deoos/SP, Daesp. Dossiês 21-J-1, fls. 284 e 123 e 50- Z -591, fls. 37.

¹⁰⁶ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 42ª sessão ordinária, 11 de maio de 1956.

Química “na hora do almoço, entrávamos juntos na fábrica. Ele era muito extrovertido, muito falante. Até trabalhei para ele nos primeiros momentos de política.” Sebastião Azaria de Souza lembra que conheceu Aurelino em sua primeira campanha para vereador através de um cunhado deste que “trabalhava na Nitro Química e levou ele lá para apresentar para os operários. E por intermédio do cunhado (...) eu acabei sendo eleitor dele.” Já Antônio Xavier dos Santos travou contato com Aurelino através de Aurelino Araújo. “Eles eram muito amigos. Araújo era um senhor que tinha um bar lá em frente de onde eu morava e a gente jogava peteca na rua.” Como Aurelino de Andrade estava sempre por lá, Xavier acabou “pegando amizade com ele.” Joaquim Anselmo dos Santos destaca bem como as relações pessoais tinham importância na campanha de Andrade. Espantando com o enorme número de cumprimentos e beijos que a mulher de Aurelino ganhava na hora da votação, Anselmo perguntou-lhe a razão. “É que essas moças”, respondeu a esposa do candidato, “todas essas meninas eu fui madrinha de casamento e madrinha do primeiro filho delas.”¹⁰⁷

No entanto, somando-se às amizades e contatos pessoais, o fato de ser nordestino parece ter pesado bastante favoravelmente nas primeiras eleições de Andrade. Tendo como base política a Vila Nitro Operária, de grande concentração de população migrante, Aurelino reiteradamente lembrava sua origem, referindo-se a si próprio como ‘sertanejo’ e ‘baiano’. O próprio Aurelino admite que deve seus primeiros mandatos às amplas votações que teve entre os nordestinos do bairro Nelson Bernardo, irmão de Tarcílio e adversário feroz de Andrade, lembra que nos anos 50, muitos decidiam pelo voto em Aurelino dizendo: “é conterrâneo! Então vamos com ele.” Andrade procurava aproveitar-se eleitoralmente das várias redes familiares, de amigos e conterrâneos existentes em São Miguel, particularmente na Vila Nitro Operária. Enoque Ribeiro havia migrado do Piauí e tornara-se dono de um armazém de secos e molhados naquela vila.

¹⁰⁷ Depoimentos de Maria José Santos Oliveira, Antônio Xavier dos Santos e Joaquim Anselmo dos Santos concedidos ao autor e de Sebastião Azaria de Souza concedido ao LabDoc-Unicsul.

Ribeiro era figura bastante influente entre a grande comunidade de piauienses na região. Seu sobrinho, Antônio Pereira da Mata, conta que “Aurelino tornou-se compadre dele e na época da campanha eleitoral o meu tio dava cobertura.” Da Mata lembra bem quando, na sua primeira eleição morando em São Miguel, Enoque lhe falou: “Olha meu filho, nós vamos fazer o melhor aqui para eleger o compadre Aurelino.”¹⁰⁸

O uso das relações pessoais e informais na política pressupunha uma troca, uma retribuição por parte do candidato, especialmente, é claro, se eleito. Aurelino compreendia bem as regras do jogo. Irene Ramalho, sua fiel eleitora, conta que “um primo seu quando ia saindo da Nitro Química (...) foi atravessar a linha, o trem pegou e ele morreu. Então, o Aurelino comprava as coisas para tratar da mulher dele que tinha um monte de filhos (...) trazia o pão todo dia para eles e assim foi crescendo, na opinião da gente, essa figura [Aurelino].” Lídia Castelani Gomes também considera que “Aurelino era um homem sempre muito a serviço (sic). Ele ajudou muita gente.”¹⁰⁹

Com as sucessivas eleições de Aurelino, porém, muitos começaram a achar que ele já não estava tão próximo e acessível como antes. “Depois que ele se elegeu ele ficou muito diferente. Político é uma coisa, sabe? Eles se transformam”, comenta Maria José Santos Oliveira. No início dos anos 60, a candidatura do paraibano Fausto Tomás de Lima à vereança passaria a ganhar os votos de muitos nordestinos do bairro, tirando a exclusividade da identificação regional de Aurelino. O estilo de campanha de Fausto acentuava as diferenças com Andrade. Este conta que

“Fausto ficava em porta do cemitério na campanha. Quem vinha ele dava um abraço.

O Fausto tinha condições de fazer o que eu não fazia. Assinava qualquer papel em

¹⁰⁸ Depoimentos de Aurelino de Andrade, Nelson Bernardo e Antônio Pereira da Mata concedidos ao autor.

¹⁰⁹ Depoimentos de Irene Ramalho e Lídia Castelani Gomes concedidos ao autor. Para uma interessante análise de ajudas de políticos a seus eleitores em uma comunidade camponesa, ver Beatriz Heredia. “Política, família, comunidade” in Moacir Palmeira e Marcio Goldman. *Antropologia...*

branco porque ele não tinha nada. E eu, que tinha alguma coisa, não podia assinar.

Então o sujeito que acompanhava dizia que eu era ruim.”

Para muitos eleitores, porém, as ações de Fausto eram semelhantes às que Aurelino já havia feito no passado, antes de suas seguidas eleições. O comportamento dele não era considerado eleitoreiro, como Andrade insinua em seu depoimento, e sim fruto da sua simplicidade e proximidade com o povo de São Miguel, características que, para muitos o vereador do PSP havia perdido. Afonso José da Silva, por exemplo, considera que “Fausto era uma pessoa boníssima.” Recorda-se que quando ele “foi eleito pela primeira vez (...) [foi até] a farmácia que ficava próxima à Nitro Química e falou: ‘todo o meu ordenado é para dar remédio para os pobres, para as pessoas que precisarem.’ E ele estabeleceu uma casa para atender o pessoal aqui, aonde o outro [Aurelino] não atendia.” Quando agia desta maneira, Aurelino quebrava um dos elos essenciais da relação entre a população e os políticos locais: a acessibilidade. Como diz o próprio Afonso relatando sua promessa de voto para Fausto Tomas de Lima: “eu não quero nada. A única coisa que eu quero é quando eu pedir qualquer coisa vocês me atendem” e conclui: “eles tinham mais facilidade, né?”¹¹⁰

No entanto, durante muitos anos Aurelino ficaria conhecido como um dos candidatos que representavam o bairro. Em seus discursos na Câmara, tanto ele como Tarcílio Bernardo, como veremos, claramente se identificavam e eram identificados como vereadores *de* São Miguel. Nair Cecchini afirma que votava em Aurelino porque ele “era daqui, era o candidato do bairro.” Waldomiro Macedo também votava e torcia para Aurelino, o “candidato do bairro para vereador.”¹¹¹

¹¹⁰ Depoimentos de Aurelino de Andrade e Afonso José da Silva concedidos ao autor.

¹¹¹ Depoimentos de Nair Cecchini e Waldomiro Macedo concedidos ao autor.

A idéia de pertencimento ao bairro era,¹¹² portanto, fundamental para seu sucesso político e pressupunha que as relações de troca e reciprocidade não se davam apenas isoladamente com os indivíduos, mas principalmente com a comunidade como um todo, lutando na Câmara e junto às autoridades executivas pelo atendimento de suas demandas. Não à toa, quando faz um balanço de sua vida como parlamentar no município, Aurelino de Andrade destaca sua ação para trazer o ‘progresso’ para o bairro. Escolas e pavimentação das ruas são exemplos que Andrade reiteradamente repete como frutos de sua ação. “Quando cheguei aqui,” relata, “a região não conhecia o que era paralelepípedo, nem asfalto. Hoje tem a maior rede escolar da América Latina.” Seus eleitores também destacam as benfeitorias que Aurelino ‘trouxe’. “Tudo que a gente tem aqui em São Miguel”, comenta Antônio Xavier dos Santos, “tem uma mãozinha do Aurelino.” Helena de Oliveira da Fonseca acha que “ele fazia bastante coisas: o asfalto, as escolas...”¹¹³

Mas, não era apenas Aurelino de Andrade que era identificado como o político do bairro. Tarcílio Bernardo, primeiro vereador eleito por São Miguel, atuaria na Câmara Municipal por mais de 10 anos. Como lembra um antigo eleitor “Tarcílio Bernardo foi um dos políticos que começou a (...) reivindicar [por] São Miguel, de ter um homem que precisava representar o bairro e ele até que fez o seu trabalho.”¹¹⁴ Embora partidário de Jânio Quadros, Tarcílio criou a fama de ser uma pessoa afável e negociadora. As disputas com Aurelino, entretanto, sempre foram acirradas e polêmicas e não prescindiam da utilização das máquinas políticas da prefeitura e do governo do estado, particularmente no período, entre 1957 e 58, quando Ademar e Jânio eram simultaneamente prefeito e governador. Assim, em agosto de 58, “o governador Jânio Quadros determinou a dispensa de todos os funcionários do Centro de Saúde de São Miguel Paulista e, de

¹¹² Karina Kuschnir comenta que “a menção ao bairro (...) não se trata de uma ‘situação geográfica’, mas de todo um universo de experiências culturais, compartilhado a partir de um mesmo espaço de habitação e sociabilidade. Assim o candidato é aquele que ‘entende’ os problemas da região, porque ‘vive junto’ e ‘vê no dia a dia o sofrimento da comunidade’.” Cf. Karina Kuschnir. “Cultura e...”, p. 190.

¹¹³ Depoimentos de Aurelino de Andrade, Antônio Xavier dos Santos e Helena Oliveira da Fonseca.

imediatamente, admitiu, pelo mesmo ato, amigos políticos do vereador daquela *cidade*, Sr. Tarcílio Bernardo.”¹¹⁵ Às vésperas das eleições, Tarcílio exigia de Jânio a tradicional ‘degola’ de servidores públicos para ampliar sua força política na localidade. Grande parte dos demitidos, por sua vez, provavelmente era composta por funcionários indicados pelo PSP local às administrações anteriores.

Apesar do voto janista a partir de 1953 ser bastante majoritário na região, a votação dos dois candidatos locais sempre foi bastante semelhante, como pode ser visto no quadro abaixo:¹¹⁶

Ano da eleição/ Número de votos	Eleição para vereador (1955)	Eleição para deputado estadual (1957)	Eleição para vereador (1959)
Aurelino de Andrade	3.309 votos	7.015 votos	6.283 votos
Tarcílio Bernardo	2.879 votos	7.397 votos	6.054 votos

Com a ascensão de Jânio, muitos eleitores de Aurelino de Andrade não necessariamente seguiam a indicação de voto em Ademar. Era o caso de Antônio Xavier dos Santos que conta que “quando o Aurelino começou na política, eu comecei a trabalhar com ele, a ajudar.” No entanto, apesar do apoio de seu vereador a Ademar, Xavier “nunca votou nele” e justifica: “eu gostava do Jânio Quadros. Votei muito no Jânio.” Nelson Bernardo explica que, por causa da popularidade de Jânio “era mais fácil meu irmão [Tarcílio] puxar [votos] de lá [entre os apoiadores de Aurelino] do que ele [Aurelino] daqui [entre os eleitores de Bernardo].”¹¹⁷

Se num primeiro momento, como vimos, a entrada de Tarcílio no mundo da política partidária ocorreu a partir de suas relações com os setores mais elitizados do bairro, o apoio inicial do PSP e, principalmente, sua adesão ao janismo abriram-lhe as portas para a busca do voto mais popular da região. Apesar das diferenças de personalidade entre Aurelino e Tarcílio e, principalmente, entre as correntes políticas que lhes davam sustentação, havia uma semelhança

¹¹⁴ Entrevista de José Amaro Sobrinho concedida ao LabDoc-Unicsul.

¹¹⁵ *Última Hora*, 20 de agosto de 1958 (grifo meu).

¹¹⁶ Cf. *Boletim eleitoral TRE-SP*, n. 120, fevereiro de 1956, n. 130, março de 1957 e n. 141, janeiro de 1960. Em 1957, Aurelino classifica-se como 4º suplente de deputado estadual pelo PSP e Tarcílio como 3º suplente pelo PTN.

bastante grande entre suas práticas e estilos de atuação. Tarcílio e seu grupo também baseavam muito de sua ação em redes informais e nos contatos e nas relações personalizadas que construíam.

No caso de Tarcílio, os vários times de futebol amador existentes na região tiveram um papel central em sua articulação política. Espaços privilegiados de convívio entre os moradores locais, os times não demandavam apenas facilidades para o jogo em si, mas muitas vezes, serviam como caixa de ressonância para as queixas e reivindicações das vilas e localidades onde se localizavam. Tarcílio assistia aos jogos na região, ajudava os times e através deles estabelecia uma rede de contatos fundamental em períodos eleitorais. Nelson Bernardo relata como funcionava a relação com os times. A campanha, afirma

“tinha que ser na base da amizade. Meu povo usava mais a turma do esporte. Sempre vivemos no meio do futebol. Então [Tarcílio] já tinha uma base. E um esportista é mais expansivo, ele conversava, falava: ‘Ó pessoal’, e reunia o pessoal lá e dizia: ‘Vocês têm que me ajudar. Vão nas casas dos amigos (...). Vão lá dar uma mãozinha. O camarada tá com o Aurelino? Vai lá. Convince ele a ir comigo.’”

Assim como Aurelino, porém, Tarcílio deveria aparecer como sempre acessível para ajudar seus eleitores e a população do bairro como um todo. “O meu irmão”, prossegue Nelson Bernardo, “chegou a adaptar um carro que ele tinha, que funcionava como ambulância. (...) Ele visitava o pessoal. E tinha uma coisa: não tinha horário. (...) Ele tava sempre para a turma. Se ele tivesse que sair com a família num domingo e aparecesse um problema para ele resolver, ele ia resolver primeiro.” Antigo eleitor do vereador, Sebastião Azaria de Souza confirma que “era ele que o povo mais procurava para qualquer coisa.”¹¹⁸

¹¹⁷ Depoimentos de Antônio Xavier dos Santos e Nelson Bernardo concedidos ao autor.

¹¹⁸ Depoimento de Nelson Bernardo concedido ao autor e entrevista de Sebastião Azaria de Souza concedida ao LabDoc-Unicsul.

Mas, também no caso de Tarcílio as demandas não eram primordialmente individuais. Longe de serem apenas baseadas somente no carisma, na manipulação e no clientelismo, as relações entre os moradores de São Miguel e os políticos pressupunham reciprocidade. O atendimento das demandas populares, particularmente em termos de serviços e bens para as diversas vilas e regiões carentes, era essencial para a manutenção do apoio. Vereadores, em particular, por representarem o bairro e viverem nele, tinham um papel vital de encaminhar e lutar para que as reivindicações da comunidade fossem atendidas. Para o político local não bastava morar no bairro, era preciso estabelecer uma relação de pertencimento, que pressupunha um compartilhar de experiências. Relações de identidade baseadas em classe e origem regional também podiam gerar ou reforçar os vínculos entre os moradores e seus representantes.

De qualquer forma, estes cada vez mais percebiam que no jogo democrático do período não bastava votar e eleger representantes. Era necessário pressioná-los e reivindicar seus direitos enquanto trabalhadores que moravam em bairros periféricos, afastados dos centros dos poderes político e econômico. Não à toa, o grande número de abaixo-assinados, enviados aos vereadores e autoridades em geral, elaborados por moradores pleiteando melhoramentos para suas vilas. Em setembro de 1956, por exemplo, o vereador Aurelino de Andrade ia à tribuna da Câmara afirmando ter recebido “uma abaixo-assinado dos moradores de várias vilas de São Miguel Paulista” pleiteando que fosse alterado “o itinerário da linha de ônibus de Vila Curuçá e também o ponto desse ônibus.” Em um outro discurso, anos depois, o mesmo parlamentar comentava sobre outro “abaixo assinado de grande número de moradores de São Miguel Paulista, Itaquera e Guainazes, que estão sofrendo as conseqüências do racionamento da Light.” Em setembro de 1960, Rio Branco Paranhos também lia a seguinte reivindicação de um “memorial com quase 1.500 assinaturas, porque são 44 páginas assinadas:

“(...) os moradores de São Miguel Paulista abaixo-assinados vêm respeitosamente soclicitar ao grande tribuno (...) sua colaboração para o mais angustiante problema de

nosso bairro: a poluição do ar pela Nitro Química. Digno vereador Paranhos, aqui já não podemos respirar. O cloro mata nossas plantas, ataca nossas crias domésticas, envenena crianças cujo obituário aqui é simplesmente aterrador.”¹¹⁹

Comissões de moradores e entidades de bairros também eram comuns, como a que foi criada “com o apoio do Sindicato dos Químicos e de todas as entidades de São Miguel Paulista, Itaquera e Guaianazes” para pressionar a Câmara Municipal a interceder junto ao Ministério do Trabalho para a “criação de um posto do IAPI em São Miguel.” Outra “comissão de moradores das diversas vilas de São Miguel Paulista”, em companhia do vereador Tarcilo Bernardo, teve uma audiência com o governador no Palácio dos Campos Elísios, “reivindicando vários melhoramentos para aquela densa região.” No final dos anos 50, com o incremento de entidades de moradores nas vilas do bairro, a pressão sobre os vereadores ficaria ainda mais direta. Como lembra Nelson Bernardo, quando “começaram a aparecer as entidades de vilas, elas pediam umas coisas, pediam para arrumar uma rua, pedia não sei o que e tal.”¹²⁰

No próximo capítulo veremos como estas “entidades das vilas” surgiram e qual foi o sua importância na vida política e social de São Miguel.

¹¹⁹ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 79ª sessão ordinária, 12 de setembro de 1956; 416ª sessão ordinária, 19 de julho de 1963 e 79ª sessão ordinária de 9 de setembro de 1960.

¹²⁰ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 254ª sessão ordinária, 18 de setembro de 1957; 85ª sessão ordinária de 23 de setembro de 1960 e depoimento de Nelson Bernardo concedido ao autor.

CAPÍTULO 6

TRABALHADORES E O BAIRRO

MOVIMENTOS SOCIAIS E A LUTA PELA AUTONOMIA EM SÃO MIGUEL

PAULISTA

Amigos do bairro

A proliferação de organizações populares nas regiões periféricas de São Paulo foi um dos fenômenos políticos mais marcantes da década de 50. Impressionado com a quantidade de entidades nos bairros paulistanos, um analista chegou a afirmar que a cidade desde aquele período vinha se caracterizando como um verdadeiro “celeiro de movimentos sociais.”

Mais famosa entidade de bairro naquele período, as Sociedades Amigos de Bairro (SABs) começaram a se estruturar em finais dos anos 40 e início dos 50, e ganharam proeminência pública durante a campanha de Jânio Quadros à prefeitura, quando foram fundamentais para sua vitória. A partir de então, não seria mais possível fazer política em São Paulo sem levar em conta as SABs e suas reivindicações.¹

Ciente disso, o sucessor de Jânio na prefeitura, Toledo Piza,² que também havia contado com o apoio de várias SABs, procurou aprofundar suas relações com as entidades de bairro, visando assim, provavelmente, criar um amplo movimento político em torno de seu nome, ao mesmo tempo em que atenuaria o impacto reivindicatório destas organizações durante sua gestão. Argumentando pela maior integração entre as entidades e a prefeitura, Piza, através da portaria 152, oficializava os conselhos distritais (CDs) como órgão representativo dos moradores dos bairros. Conselho Distrital já era o nome de algumas organizações existentes em alguns regiões. No ato de assinatura da nova lei, em agosto de 1956, Piza afirmava que “com a oficialização dos conselhos distritais, vários benefícios terão os bairros, de vez que os seus representantes estarão em contato diário com o prefeito.” Entretanto, o ato governamental buscava, de fato, controlar as várias organizações existentes em cada região, retirando a autonomia e diluindo particularmente a

¹ A referência a São Paulo como “celeiro de movimentos sociais” é de José Álvaro Moisés. Um histórico das Sociedades Amigos de Bairros pode ser encontrado em *Classes populares e protesto urbano* do mesmo autor, particularmente os capítulos 5 e 6.

² Piza, do PTB, havia sido eleito como vice de Lino de Matos do PSP. Este, porém, renunciou ao cargo para manter seu cargo de senador. A chapa Lino-Piza contou com o apoio do PCB.

influência das Sociedades Amigos de Bairro. A proposta de ata de assembléia de fundação dos CDs formulada pela prefeitura era explícita em sua tentativa de enfraquecer as SABs. Quando se referia ao debate sobre o nome da nova associação dizia:

“vários nomes estavam sendo propostos, entre os quais, ‘Sociedade de amigos...’, ‘União de ...’, ‘Conselho distrital de...’, etc. (...) Por maioria absoluta chegou-se à conclusão que com o nome ‘Conselho distrital de...’ não se confundia com as diversas agremiações existentes e dava uma idéia de órgão consultivo do bairro.”³

A reação foi imediata. Apesar da prefeitura conseguir organizar um grande número de conselhos, a maior parte dos membros das SABs ficaram bastante reticentes em participar de um processo que, na prática, lhes retiraria qualquer espaço de independência. Inicialmente, o PCB chegou a apoiar a oficialização dos conselhos distritais. Mathilde de Carvalho, vereadora ligada ao partido, em discurso no mesmo dia da assinatura da portaria 152, louvava os conselhos e argumentava que não havia contraposição entre estes e as SABs. “Os CDs não se opõe e sim colaboram grandemente com as referidas sociedades,” afirmava ela. Mas, acrescentava que a administração municipal poderia tentar colocar os CDs “a seu serviço eleitoral.”⁴ No entanto, concluía, eles “não são propriedade do Sr. prefeito.” Após a edição da portaria, o PCB a criticaria asperamente, por considerar que ela dava excessivos poderes ao prefeito e feria “a própria essência dos conselhos distritais (...), isto é, a autonomia em relação aos poderes públicos e a qualquer corrente político partidária.”⁵ Os conselhos não resistiriam ao término do mandato de

³ Deops/SP, Daesp. Dossiê 30-J-59, fls. 51 e 44.

⁴ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 68ª sessão ordinária, 13 de agosto de 1956.

⁵ *Notícias de Hoje*, 17 de agosto de 1956 – Deops/SP, daesp. Dossiê 30-J-59, fls.55. Partindo de um esquema de interpretação muito semelhante ao que Francisco Weffort adotou quando viu no PCB um dos principais responsáveis pela manutenção da estrutura sindical oficial e o conseqüente atrelamento dos sindicatos ao Estado, José Álvaro Moisés argumenta que os comunistas ao apoiar a criação dos conselhos distritais estariam reproduzindo em nível local a mesma política de institucionalização e subordinação das organizações populares ao aparelho estatal. No entanto, como vimos acima a reação do PC ao decreto de Piza enfraquece bastante esta interpretação. Cf. José Álvaro Moisés. *Classes populares...*, pp. 196-208.

Toledo Piza no início de 1957 e, no final dos anos 50, as SABs definitivamente se consolidariam como principais entidades dos bairros em São Paulo.

O ano de 1957 parece ter sido um momento de particular importância para a articulação das SABs em São Paulo. A Federação das Sociedades Amigos de Bairros e Vilas de São Paulo (Fesab), que havia sido criada em 1954,⁶ fortalecia-se e começava a estruturar de modo mais constante uma ação conjunta de várias SABs. Em julho de 1957 era realizada a convenção das SAB's de São Paulo, patrocinada pela Fesab. Além de coordenar uma ação comum, “no sentido de serem conseguidas melhorias de ordem geral, imediata ou locais, tais como: transporte, habitação abastecimento, água, luz, esgotos, calçamento, correios, telefone, saúde pública, ensino, esporte, etc.”, a convenção exigia o direito de participação das entidades no “plano diretor da cidade (...) e na administração da CMTC [companhia municipal de transportes]” e formação de uma “cooperativa de consumo metropolitano de São Paulo” para minorar os problemas de abastecimento na cidade. Além disso, a Fesab ficaria incumbida de solicitar “ao atual prefeito [Ademar de Barros] a revogação pura e simples (...) da portaria” que havia instituído os conselhos distritais. Por fim, as SABs propunham uma série de medidas visando ampliar a organização de entidades nos bairros da cidade e a maior divulgação de suas ações, utilizando, por exemplo, “o grande jornal falado [da Rádio] Tupi, à noite ou pela manhã.” “Se preciso fosse”, prosseguiram as resoluções do encontro, “a federação faria comandos, comícios, visitas, etc., a fim de incentivar os moradores do bairro visitado a fundarem uma Sociedade de Amigos.”⁷

No dia 8 de setembro de 1957, a Fesab promovia um destes comícios em São Miguel Paulista. Visando combater a “majoração das passagens das empresas particulares [de ônibus] e pela criação de linhas intermediárias,” o comício contou com a participação de 700 pessoas, entre

⁶ “Fundada a Federação das Sociedades Amigos dos Bairros”, *A Hora*, 24 de agosto de 1954.

⁷ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50- J-138, fls. 145.

elas os vereadores João Louzada e Molina Júnior, além de Aurelino de Andrade e Tarcílio Bernardo. Todos os parlamentares “manifestaram aos presentes que tudo será feito no sentido da revogação do ato que autorizou tal aumento e que os governos devem realizar tudo aquilo que prometem, pois o povo assim o exige.” O crescimento das demandas dos moradores dos bairros parecia fortalecer-se o suficiente para forçar a presença no mesmo palanque de tradicionais e ferrenhos adversários na política local.⁸

Os esforços organizativos das entidades de bairro mostravam resultado. Dois meses depois daquela reunião, era realizada uma nova convenção, desta vez reunindo SABs da Zona Leste da cidade. Reunidos na Penha, representantes de 40 organizações da região debateram durante cinco dias os principais problemas e reivindicações dos moradores daquela área da cidade, bem como a elaboração de um plano de ação comum das SABs da região. No comício de encerramento, além dos membros das sociedades, compareceram os vereadores João Louzada e Agenor Mônaco, além de representantes do prefeito Ademar de Barros. Comentando o encontro na tribuna da Câmara, o vereador Louzada dizia que “o povo já está compreendendo que para que [os políticos] cumprissem o que prometeram em vésperas de eleição era necessária a sua unidade, a sua organização.” Já o agente do DOPS que acompanhou a convenção na Penha, mostrava-se mais preocupado com a “atividade (...) quase exclusivamente política [dessas] organizações, do que tem se valido o Partido Comunista do Brasil para infiltrar seus elementos nessas ‘sociedades’, onde encontra terreno fértil para a difusão de seu nefasto programa.”⁹

Seria, no entanto, a greve dos 400 mil, realizada em outubro de 1957, que representaria um importante momento de inflexão para vários movimentos sociais da cidade, marcando um estreitamento dos laços entre entidades de bairro e o movimento sindical. De fato, o crescimento da influência comunista e de várias facções políticas populares e nacionalistas em ambos os

⁸ Deosp/SP, Daesp. Dossiê 50- J- 138, fls. 160.

movimentos, já apontava para uma aproximação entre sindicatos e SABs, mas foi a percepção de toda uma linguagem e agenda reivindicatória comum, que percebia os trabalhadores também como moradores da cidade, que fortaleceu os laços de unidade entre essas organizações. Já no início de 1957, não passou despercebido ao cônsul dos Estados Unidos em São Paulo, a presença de entidades de bairro num encontro convocado pelo Pacto de Unidade Intersindical (PUI) para discutir “o crescente custo de vida em São Paulo.” Meses depois, várias SABs se posicionavam em favor do programa do PUI em defesa dos direitos dos trabalhadores e contra a carestia. Assim, em meio à greve de outubro, a Fesab emitia um manifesto de solidariedade aos operários e operárias, pois as “SABs são constituídas por uma maioria absoluta de trabalhadores de todas as categorias e profissões (...) e a luta pelo barateamento do custo de vida é inerente a todo o povo.” Os bairros, durante aquela greve, aliás, foram um dos principais palcos de auxílio e sustentação da paralisação, e a participação popular nos piquetes e manifestações excedeu em muito qualquer previsão mais otimista.¹⁰

A aproximação entre movimentos de bairro e sindicatos continuaria nos anos seguintes. Em junho de 1958, uma nova reunião da Fesab, já contando com 196 associações populares associadas, discutia antigas reivindicações, como pavimentação das ruas periféricas, mas também a “formação de uma frente comum de ação, entre as entidades [de bairro], o Pacto de Unidade Intersindical e a União Estadual dos Estudantes.”¹¹ Problemas de ‘bairro’ e reivindicações dos moradores da cidade começavam a ser também discutidas pelas organizações sindicais, como em uma reunião realizada no sindicato dos bancários, onde líderes sindicais e de SABs discutiam “o projeto do vereador Norberto Mayer Filho sobre a renovação do contrato” da Companhia

⁹ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50- J- 138, fls. 168,176 e 189; e *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 262ª sessão, 30 de setembro de 1957.

¹⁰ National Archives (Estados Unidos). Documento 83201/2-2037, Caixa 4308; Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-J-138, fls. 126 e 193.

¹¹ *Última Hora*, 16 de junho de 1958.

Telefônica Brasileira. Assuntos como problemas de abastecimento e cooperativismo passaram a entrar na pauta das reuniões do PUI.¹²

Já em fevereiro de 1959, a Fesab organizava uma grande conferência estadual contra a carestia reunindo representantes de “quase 300 sociedades de São Paulo e dos municípios do ABC, de Santos, Guarulhos e Mogi das Cruzes.” O encontro culminou com a elaboração de um “memorial sobre o assunto” a ser entregue ao presidente Juscelino Kubitschek. Em julho do mesmo ano era promovido, também pela Fesab o “I Festival Esportivo dos Bairros”. Além da eleição e premiação de “rainhas e princesas” do esporte, ocorreu a entrega de “troféus aos clubes e atletas participantes (...), cabendo a taça de prata ‘João Goulart’ ao Santa Terezinha F.C., como primeiro colocado. (...) Foram ainda premiados vários elementos que se destacaram durante a campanha, dentre os quais, Lourival Rodrigues Rocha, pela organização geral do festival e como representante do E.C. Guarani, do Itaim,” em São Miguel Paulista. Vereadores de vários partidos e representantes do ex-vice-governador, Porfírio da Paz, e do vice-presidente João Goulart, estiveram presentes.¹³

A alta do custo de vida era um dos temas que unia associações de bairro e sindicatos. No final dos anos 50, estas entidades organizaram juntas vários protestos contra a inflação, a perda do poder aquisitivo dos salários e o empobrecimento popular. Em junho de 59, por exemplo, o adido trabalhista do consulado britânico relatava os preparativos para uma “marcha da fome” que levaria ao Rio uma caravana de “sindicalistas, estudantes e membros das associações de bairro.” Este crescimento da Fesab e do movimento de bairros em São Paulo preocupava as autoridades e, quando a entidade participou ativamente da organização de um movimento grevista em

¹² Deops/SP, Daesp. Dossiê 50- J- 138, pasta 1.

¹³ Deops/SP, Daesp Dossiê 50-J-138. fls. 278

dezembro, um decreto do Ministério da Justiça impondo seu fechamento e de outras SABs por 90 dias chegou a ser elaborado, sem nunca, no entanto, ter sido efetivado.¹⁴

A experiência das SABs e dos sindicatos paulistas no final dos anos 50 e início dos 60 demonstra uma articulação política entre o mundo do trabalho e as questões urbanas muito maior do que em geral a literatura tem admitido. Em vários momentos, os trabalhadores e suas entidades conseguiram unificar reivindicações, ultrapassando na prática as fronteiras entre as lutas nas fábricas e nos bairros. Uma suposta divisão entre trabalhador e morador, enfatizada por vários autores, foi na verdade muitas vezes superada por uma ação política baseada em uma noção de classe muito mais sofisticada, incluindo muitas dimensões da vida dos trabalhadores e trabalhadoras em São Paulo.¹⁵

Também em São Miguel Paulista ocorreu um incremento da organização de associações de bairro no final dos anos 50 e início dos 60. Como vimos, mobilizações e organizações no bairro já tinham uma longa história no bairro. Baseada em relações informais e nas diversas redes sociais existentes na região, esta forte associatividade local nem sempre era traduzida na construção de entidades permanentes. Uma descontinuidade organizativa permeou a trajetória de diversos movimentos sociais da cidade, embora isso raramente significasse ausência de luta por direitos.

Atividades de lazer, muitas vezes, podiam ser a base para movimentos reivindicatórios. Waldomiro Macedo comenta que “muitas associações recreativas faziam movimento de reivindicação.” Nos times de futebol, como explica Nelson Bernardo, era comum “a turma puxar

¹⁴ Public Record Office. FO 371/139125 e Deops/SP, Daesp Dossiê 50-J-138. fls. 323.

¹⁵ Fernando Henrique Cardoso, Cândido Procopio Ferreira e Lúcio Kowaric, por exemplo, enfatizam que nos anos 50 e 60, “em regra os trabalhadores estiveram ausentes da vida política, ao nível das reivindicações urbanas. (...) Não foi hábito dos sindicatos (...) inscrever em seus programas questões ligadas à problemática urbana (...) [e] não se pode afirmar que as Sociedades Amigos de Bairros sejam representativas dos trabalhadores. Elas representam muito mais o morador, uma categoria social específica que a cidade criou e cuja ação, na fase de metropolitização de São Paulo, atenua, se não dissolve o comportamento de classe”. Assim, concluem os autores, “a maioria dos habitantes de São Paulo manteve-se politicamente à margem da vida municipal.” José Álvaro Moisés, por sua vez, também considera que “durante longo tempo” os sindicatos nunca manifestaram interesse “pela reivindicação de condições urbanas de

para [discutir] política” e os problemas do bairro. Muitas iniciativas autônomas dos moradores podiam transformar-se em reivindicações públicas. A Sociedade Amigos do Jardim São Vicente, por exemplo, foi criada no final dos anos 50 e nasceu a partir de um mutirão articulado pelos vizinhos para a colocação de pedras nas duas principais ruas do bairro. A partir daí, lembra um morador, “continuamos pedindo para a Prefeitura e para o Estado e aí foi iluminação, pavimentação, feira, escola.”¹⁶

O Centro Amigos de São Miguel (CASM), mais antiga entidade de bairro que se tem notícia no distrito, também foi fundado a partir de um sociedade recreativa, o Esporte Clube São Miguel. Já em agosto de 1945, *O Estado de São Paulo* anunciava que acabava “de ser reaberto do Centro Amigos de São Miguel, que tem por fim cooperar em favor do desenvolvimento daquele subúrbio.”¹⁷ Nelson Bernardo lembra que a associação “fazia bailes, festas (...), mas também reivindicava coisas para São Miguel.” A entidade, porém, tinha um caráter associativo bastante restritivo. Provavelmente inspirada na Sociedade Amigos da Cidade, organização fundada em São Paulo em 1934 por profissionais liberais e membros de antigas famílias paulistanas interessados em ‘zelar pelos interesses da cidade,’ o CASM também restringia-se aos membros daquelas consideradas famílias tradicionais do bairro. “A grande maioria do pessoal que fazia parte da diretoria do CASM”, recorda-se José Caldino Filho, “era também funcionário [de cargos de chefia e escritório] da Nitro Química.” Assim, seu caráter clubístico parece ter preponderado sobre o reivindicativo e a organização nunca se preocupou em ampliar sua representação para outros setores sociais de São Miguel.¹⁸

vida para os seus associados.” Cf. Fernando Henrique Cardoso et all. *Cultura e...*, pp. 12 e 13 e José Álvaro Moisés. *Classes populares...*, p. 182.

¹⁶ Depoimentos de Waldomiro Maacedo e Nelson Bernardo concedidos ao autor e citação em Antônio Augusto Arantes Neto. *Produção cultural...*, pp. 19, 20.

¹⁷ *O Estado de São Paulo*, 4 de agosto de 1945.

¹⁸ Depoimentos de Nelson Bernardo e José Caldini Filho, concedidos ao autor. Sobre a Sociedade Amigos da Cidade, ver José Álvaro Moisés. *Classes populares...*, pp. 228-236.

Mas seria somente no final dos anos 50, nas várias vilas e localidades que surgiam na região, que um processo de formação de entidades locais dos moradores intensificaria-se.¹⁹ O eixo de organização dos moradores a partir de então se deslocaria do centro de São Miguel para as vilas e jardins circundantes. Com o crescimento e diversificação do bairro, nenhuma entidade reivindicaria mais exclusivamente a representação de todos os moradores são-miguelenses. Jorge Gonçalves Lula, por exemplo, lembra-se que pouco tempo depois que havia se mudado para o Jardim São Vicente, por volta de 1959, “uns caras já trouxeram a idéia para a gente e ai surgiu a sociedade(...). A sociedade conseguiu água, conseguiu luz (...) organizava muito.” Naquela época, comenta Lula, “todas as vilas [de São Miguel] tinham uma sociedade.” Waldomiro Macedo também recorda que “antes de 64 tinha algumas associações de bairro. Na Vila Pedroso tinha, aqui mesmo na Vila Versone tinha, na Vila Curuça também.”²⁰

Em muitas destas associações de bairro, militantes sindicais e do Partido Comunista tinham um papel proeminente de incentivo à organização. Certamente, a vitória de uma chapa com forte influência comunista e de setores nacionalistas para a direção do Sindicato dos Químicos, em 1956, favoreceu em muito o surgimento de associações de bairro. Principal organização popular de São Miguel, o sindicato, além do apoio político, tinha capacidade, a partir de sua subsede (fundada em 1943, era uma das poucas sedes sindicais localizadas na periferia paulistana), de colaborar com outros movimentos em termos de infra-estrutura e apoio logístico. Além disso, a direção do sindicato era formada por uma maioria de militantes que moravam em São Miguel e que, muitas vezes, também se envolviam nas reivindicações do bairro. A legitimidade adquirida pelo sindicato após a greve na Nitro Química em 1957 favorecia ainda mais o papel central desta entidade nas lutas sociais da região.

¹⁹ É possível supor que a dupla representação de vereadores, condição exclusiva de São Miguel no cenário paulistano dos anos, tenha canalizado para os parlamentares boa parte das reivindicações e pressões populares durante grande parte deste período.

²⁰ Depoimentos de Jorge Gonçalves Lula e Waldomiro Macedo concedidos ao autor.

A paralisação dos trabalhadores da Nitro Química, em outubro de 1957, foi um momento privilegiado para a percepção da articulação entre as redes sociais dos trabalhadores na fábrica e no bairro. Durante 10 dias, as operárias e operários da empresa paralisaram suas atividades reivindicando aumento salarial e melhores condições de trabalho. A greve foi intensamente reprimida pela polícia em seus primeiros dias, sendo registradas várias cenas de violência em toda a região. Apesar disso, o movimento grevista seguiu forte e, com a intermediação do delegado regional do trabalho e do governador Jânio Quadros, conquistou um reajuste de 20%, fato considerado como uma inegável vitória dos trabalhadores.²¹

Em 1957, a greve ultrapassou em muito os limites da empresa. Quase todo o bairro viu-se envolvido no movimento. Piquetes tomavam conta das ruas de São Miguel com o apoio da maioria dos moradores. Os contatos informais e as redes sociais dos trabalhadores cumpriram um papel decisivo na formação dos piquetes e na ampliação da paralisação.²²

A sub-sede do Sindicato dos Químicos foi transformada em um verdadeiro ‘quartel-general’, onde os trabalhadores e a população em geral reuniam-se, organizavam e tomavam decisões em relação à greve. A solidariedade ao movimento expressava-se não apenas na participação em piquetes e assembléias, mas também em ações de auxílio mútuo, como a montagem de uma cozinha e refeitório coletivo que substituiu o restaurante da empresa durante a greve. Era um “entusiasmo danado”, relembra Augusto Ferreira Lima, “o sindicato passava a noite toda lotado de gente, (...) não só trabalhador como morador de São Miguel.(...) A greve não foi tão forte com o sindicato como foi com os moradores que ajudaram a fazer a greve”.²³

Santos Bobadilha foi um dos militantes comunistas que mais se envolveram na organização de associações de bairro entre o final dos anos 50 e na década de 60. Diretor do

²¹ Para uma análise específica da greve de outubro de 1957 na Nitro Química e da história do Sindicato dos Químicos de São Paulo, conferir Paulo Fontes, *Trabalhadores e...*, especialmente os capítulos 4 e 5.

²² Para uma análise do papel dos piquetes no contexto das greves paulistanas em 1957, conferir Paulo Fontes “Centenas de...” e Antônio Luigi Negro. *Linhas de...*, particularmente os capítulos 3 e 4.

²³ Depoimento de Augusto Ferreira Lima concedido ao autor.

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de São Paulo, Bobadilha morava em São Miguel, no Jardim São Vicente, sendo um dos fundadores da sociedade local. Joaquim Anselmo dos Santos conta que, por volta de 1964, ele e Bobadilha ajudaram a fundar “mais ou menos trinta associações amigos de bairro.”²⁴ Para muitos militantes e simpatizantes de esquerda, as associações de bairro tornaram-se a forma de participação possível após o golpe. Apesar da repressão, localmente havia uma conjuntura favorável para este tipo de atuação. A gestão do prefeito Faria Lima (1965-69), eleito principalmente graças ao apoio de setores politicamente ligados ao janismo, abriu espaço para a fundação e interlocução governamental com as Sociedades Amigos de Bairro. A criação das Administrações Regionais, antiga reivindicação das entidades de bairro, abria a possibilidade para uma maior comunicação e pressão da comunidade sobre o governo municipal.²⁵

Joaquim Anselmo dos Santos conta que, após o golpe de 64, “a maioria tinha medo dos sindicatos. O sindicato era cassado e o pessoal não ia.” Assim, para muitos, priorizar as associações de bairro passou a ser a melhor e, por vezes, únicas possibilidade de atuação política. O antigo militante comunista Manuel Caçador, por sua vez, relata que em 1964 “ficou tudo oprimido (...), ficou tudo na clandestinidade. Então eu organizei a sociedade [amigos do Parque Paulistano] porque aí não era tão fácil deles me pegarem, porque eu tinha cobertura jurídica (a sociedade era uma entidade legal).” Nas vilas e localidades havia uma boa disposição para a

²⁴ Depoimento de Joaquim Anselmo dos Santos concedido ao autor.

²⁵ “As SABs, duas ou três de cada uma das regiões, eram regularmente recebidas pelo prefeito todas as terças-feiras. Nessas audiências, cada entidade podia apresentar até cinco reivindicações – em geral, obras de pequeno porte como pavimentação e iluminação de ruas, construção de escolas ou creches. Eram os ‘despachos das vilas’.” Cf. Prefeitura Municipal de São Paulo. *O poder em São Paulo: história da administração pública da cidade, 1554-1992*. São Paulo, Cortez, 1992, p. 89. Manoel Caçador, fundador e primeiro presidente da Sociedade Amigos do Parque Paulistano relembra que a primeira vez que se encontrou com Faria Lima e se apresentou como dirigente da referida entidade, o prefeito teria dito: “onde fica isso?” Caçador prontamente respondeu: “Vossa excelência não conhece, mas os entregadores de impostos sabem muito bem onde é a porta de cada um de nós (risos)”. “Aí,” prossegue, “ele chamou o doutor Lagínia, funcionário da Regional [de São Miguel Paulista] para atender nossas reivindicações.” Depoimento de Manuel Caçador concedido ao autor. Sobre a relação entre as SABs e o prefeito Faria Lima ver também José Álvaro Moisés. *Classes populares...*, pp. 221-219.

organização e uma enorme demandas dirigidas ao poder público. Joaquim Anselmo relata como ele e Bobadilha ajudavam a criar as sociedades. “A gente”, lembra,

“chegava no bairro, a gente já sabia mais ou menos as pessoas que se destacavam ali. Aqueles que às vezes iam na [Administração] Regional fazer alguma reclamação do desmando que tinha nos bairros, como bueiro a céu aberto, aquelas valas, buracos nas ruas (...), aquela série de coisas. E a época era boa para fazer isso. Não era boa para fazer política partidária, mas para você fazer movimento reivindicatório junto às Regionais era bom. Na nossa vila mesmo, nós conseguimos muita coisa (...) eletricidade, asfalto...”

A forte repressão desencadeada em todo o país a partir do AI-5 em 1968 iria desacelerar em muito o ímpeto organizativo nos bairros na virada da década de 70. “As pessoas tinham medo de ir nas discussões porque tinha aquele negócio que não podia reunir, aí não conseguia organizar nada”, lembra Joaquim Anselmo dos Santos.²⁶ Mas, ao longo dos anos 70, quando novos movimentos sociais se espalharam em São Paulo, não foi por acaso que São Miguel tornou-se novamente uma das regiões mais ativas e participativas da cidade. Assim, uma longa e subterrânea tradição organizativa no bairro iria alimentar e ‘dialogar’ com esses novos militantes e organizações.

‘Bairro ou cidade?’: as lutas pela autonomia

Na tarde do dia 16 de junho de 1962, Osvaldo Pires de Holanda e mais dez moradores de São Miguel, reuniram-se no centro do bairro para decidir pela fundação do Movimento Popular Autonomista de São Miguel Paulista (MPA). Presidindo os trabalhos, Holanda explicou que o

objetivo do movimento era o “desmembramento do município de São Miguel Paulista da capital,” já que não era mais possível que o bairro continuasse no estado em que se encontrava, “completamente esquecido da administração central, abandonado à sua própria sorte.” O MPA deveria trabalhar pela realização de um plebiscito entre os residentes na região sobre a autonomia administrativa do distrito e convencer a maioria da população à votar pela secessão de São Miguel. Como estabeleciam os estatutos do movimento, aprovados pouco mais de um mês depois de seu surgimento, o MPA seria composto de “número ilimitado de sócios” cujo compromisso era o de “pugnar pela autonomia de São Miguel Paulista,” unindo “os moradores do bairro para, numa ação, cooperar com os futuros administradores da ‘cidade’ e apressar os melhoramentos locais.” De fato, a luta pela transformação do bairro em município empolgaria muitos de seus moradores naqueles meses. Dezenas de reuniões, manifestações, comícios e atividades pleiteando a autonomia seriam realizadas mobilizando a população local em um intenso debate sobre as alternativas e destinos da comunidade.²⁷

A discussão sobre autonomia não era uma novidade, nem uma exclusividade de São Miguel. Ao longo dos anos 50 e início dos 60, uma série de movimentos pleiteando a emancipação de distritos e bairros populares surgiram em vários pontos da região metropolitana de São Paulo. Em comum, tais movimentos compartilhavam uma idéia de abandono e esquecimento de que suas regiões seriam vítimas e que apenas com a emancipação jurídica seria possível aproximar o poder local das reais necessidades da população. A percepção de uma forte injustiça na distribuição dos recursos públicos por parte da prefeitura que beneficiaria os bairros centrais e mais ricos em detrimento da carente periferia era outra característica comum dos defensores da autonomia. Para um distrito pleitear a emancipação política e administrativa era necessário cumprir alguns requisitos estipulados pela Constituição de 1946 e conseguir a

²⁶ Depoimentos de Joaquim Anselmo dos Santos e Manuel Caçador concedidos ao autor.

realização de um plebiscito, que deveria ser autorizado pela Assembléia Legislativa. Em caso de derrota no plebiscito, uma nova consulta popular só poderia ser realizada no prazo de cinco anos. No entanto, mesmo que a autonomia fosse aprovada pela maioria dos eleitores locais, ainda era comum a resistência política e jurídica das prefeituras municipais atingidas pela secessão, que tentavam impedir seu desmembramento territorial e a conseqüente perda de contingentes populacionais e de recursos econômicos. Assim, o sucesso dos processos de autonomia exigiam uma grande e permanente mobilização popular, demandando uma forte assessoria jurídica e pressão política.

Foi este o caso de Osasco, provavelmente o mais famoso e bem sucedido exemplo de autonomia de um distrito na capital paulista. Após sua derrota em um primeiro plebiscito realizado em 1953, os autonomistas osasquenses se reorganizaram e conseguiram conquistar a maioria dos votos em uma nova consulta realizada em 1958. A prefeitura de São Paulo recorreu e após uma longa batalha jurídica e política, que implicou em uma impressionante mobilização popular na região, Osasco finalmente separou-se da capital em 1962, quando pela primeira vez elegeu prefeito e vereadores.²⁸

A luta do MPA em São Miguel não era propriamente uma novidade no bairro. Já em 1953, a realização de um plebiscito sobre a autonomia administrativa do distrito mobilizou as atenções da comunidade. Liderados, entre outros, pelo então único representante do bairro na Câmara Municipal, o vereador Tarcílio Bernardes, os autonomistas são miguelenses formaram uma ampla aliança que incluía comerciantes, operários e políticos ademaristas e janistas, além de militantes comunistas. A *Folha de São Miguel*, primeiro jornal da região, fundado naquele mesmo ano por Antônio Mendes Corrêa, prontamente aderiu à campanha pela emancipação do

²⁷ Cf. *Livro de atas do Movimento Popular Autonomista de São Miguel Paulista*, pp. 1-3; e *Estatutos do Movimento Popular Autonomista 16 de Junho*, p. 1.

²⁸ Sobre os movimentos autonomistas na Grande São Paulo, com particular destaque para os de Osasco (vitorioso) e o de Pirituba (derrotado), ver José Álvaro Moisés. *Classes populares...*, especialmente os capítulos 7, 8, 9 e 10.

bairro. Em 28 de novembro de 1953, por exemplo, na véspera da consulta popular, o jornal estampava em letras garrafais em sua manchete de primeira página: “Autonomia ou morte para São Miguel.” E justificava sua opção em editorial, afirmando o abandono da região pela administração municipal, pois “falta tudo, a começar pela condução para a capital.” “Ninguém poderá apontar,” destacava ainda, “uma só realização digna de louvor, onde os poderes públicos tenham investido um miserável cruzeiro. (...) Os milhões de cruzeiros que a prefeitura de São Paulo leva daqui forma empregados em bairros distantes, em benefício de finalidades estranhas e desconhecidas de nosso povo.” Defendendo o voto ‘sim’ pela autonomia, o jornal fazia um chamamento especial aos migrantes: “você tem um dever a cumprir com o lugar que o acolheu e com os seus próprios filhos que aqui nasceram.”²⁹

Argumentos semelhantes eram repetidos no grande comício organizado pelos autonomistas no centro de São Miguel no dia 25 de outubro. Mais de mil e quinhentas pessoas se acotovelaram na Praça Um para assistir ao ato público, segundo o agente do DOPS destacado para acompanhar o evento. Uma grande faixa onde se lia “votar contra a autonomia é trair o progresso de São Miguel” enfeitava o palanque, que reunia políticos de diversos partidos, inclusive o presidente da Câmara Municipal, Cantídio Sampaio do PSP. Quase todos os discursos enfatizavam o abandono em que se encontrava São Miguel. O presidente da comissão pró-autonomia, o médico Alberto Fonseca Santana, por exemplo, lembrava a ausência de “escolas, hospitais e tantas outras coisas que a São Miguel fazem falta.” José Augusto Mutti, presidente da Sociedade Amigos de Ermelino Matarazzo, dizia ser a região “despida de tudo” e prosseguia: “Não temos uma praça de esportes (...), não temos escolas, hospitais, enfim, não temos nada (muitos aplausos). Mas tudo isto nós iremos conseguir com a nossa autonomia.” A autonomia era vista como uma forma de resolver os problemas locais, já que a arrecadação proporcionada pelos

Moisés afirma que entre os anos 40 e 64, a “região da grande São Paulo conheceu nada menos do que 17 casos de distritos periféricos que desejavam se autonomizar.”

impostos pagos pelos moradores e, principalmente pela Nitro, passaria a ser aplicada no próprio bairro. Outro orador, Miguel dos Santos, batia nesta tecla. “Precisamos de autonomia,” afirmava,

“pois que sendo este um distrito que arrecada mais de quatro milhões de cruzeiros, está no abandono daqueles que por São Miguel nada querem saber. De tão grande importância que se arrecada, aqui não são gastos nem vinte mil cruzeiros desses quatro milhões. Se precisamos de autonomia é para que essa arrecadação seja gasta em escolas, hospitais e serviços de saneamento, afim de que os nossos filhos e famílias possam ter o que em tantos distritos que não têm esta arrecadação, já o têm.”

Preocupados em combater os argumentos daqueles que eram contra a emancipação, os oradores do comício diziam serem “mentiras” as afirmações de que se “São Miguel tiver autonomia serão reduzidos os salários dos proletários.” O representante do PDC, partido do então prefeito Jânio Quadros, afirmava que o bairro não deveria temer perder este amigo protetor, já que ele brevemente seria eleito novamente e “tereis então a liberdade de diretamente lidar com o senhor governador através de vosso prefeito.”³⁰

As preocupações dos autonomistas tinham razão de ser. Os defensores da manutenção de São Miguel como parte integrante da capital também se encontravam bastante organizados e seu leque de apoios igualmente cobria um amplo espectro de partidos e forças políticas. Um panfleto de convocação para o comício do ‘Não à autonomia’ era assinado por vereadores do PTB, PSP, UDN e PSP, além de Pedro Monteiro e Aureliano P. Botelho, membros do PTB de São Miguel.³¹ Mas, mais do que em apoios de políticos, a campanha contra a autonomia baseava seu apelo nas

²⁹ *Folha de São Miguel*, n. 32, 28 de novembro de 1953.

³⁰ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-Z-591, fls. 24 e 25.

³¹ Panfleto: “Salva-te povo dos políticos separatistas!” - Acervo pessoal de José Caldini Filho. O comício da campanha dos anti separatistas, anunciado no referido panfleto, foi marcado por fortes conflitos com os defensores da autonomia. “Quando os oradores falavam eram constantemente vaiados pela numerosa assistência, no meio da qual se verificaram constantes brigas,” relatava mais tarde um policial do DOPS. “Um grupo de anarquistas” (dentre os quais Aureliano de Andrade, presidente do PSP local, Mardoqueu Schmidt, ex-membro do PCB, o dentista Cristovam Colombo Fleury, dentre outros) “começaram a jogar ovos podres, batatas, milhos, etc.” forçando o encerramento do ato daqueles contrários à autonomia. Cf. Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-Z-591, fls. 29 e 30.

supostas desvantagens e perigos que a emancipação traria, causando temores entre os moradores do bairro. Um outro panfleto, assinado por Pedro Monteiro, acusava os autonomistas de “apenas pretenderem posições e empregos públicos” e listava as razões pelas quais se deveria votar contra a secessão de São Miguel. Além de argumentar que o futuro município já nasceria endividado, Monteiro afirmava que os impostos ficariam maiores, encarecendo os produtos de primeira necessidade, o serviço de transportes e a gasolina teriam seus preços reajustados e, fazendo um direto apelo à grande maioria de eleitores locais que havia votado em Jânio oito meses antes, dizia que “o atual governo municipal (...) merece a confiança do povo. (...) O que nós devemos fazer é pedir insistentemente ao atenda as necessidades de São Miguel, aplicando aqui maiores verbas em melhoramentos, o que outros prefeitos divorciados da população não fizeram.”³²

Mas, os maiores estragos no apoio popular à campanha pela autonomia foram causados pelos boatos de que o município de São Miguel seria considerado interior e portanto o índice do salário mínimo vigente (que era diferenciado entre a capital e outras regiões do estado) seria rebaixado. A preocupação dos autonomistas em rebater os argumentos da campanha do ‘Não’, e em particular, a questão salarial, mostrando por exemplo, que em São Caetano do Sul (que havia se emancipado nos anos 40) os salários permaneciam os mesmos, mostra que este tema deve ter encontrado bastante eco entre a grande população trabalhadora local. O comunista Geraldo Rodrigues de Freitas, por exemplo, considera que a autonomia não foi aprovada “por causa do salário. (...) O estado de São Paulo tinha cinco salários [mínimos]. Tinha um de Mogi para lá, tinha um na capital, outro de Jundiaí para lá... Então se São Miguel passasse a ser município, o salário daqui ia ser igual ao de Mogi das Cruzes. Não ia ser igual ao da capital [e] isso amedrontou o povo, que votou tudo contra [a autonomia].”³³

³² Panfleto: “Explicação necessária: porque devemos voltar contra a autonomia” – Acervo pessoal de José Caldini Filho.

³³ Depoimento de Geraldo Rodrigues de Freitas concedido ao autor. Argumentos bastante semelhantes, pró e contra a autonomia, podem ser encontrados na análise da campanha autonomista de Osasco. Cf. José Álvaro Moisés. *Classes populares...*, pp. 305-315.

Além disso, a posição da Nitro Química, contrária ao movimento pela emancipação, parece ter desempenhado papel fundamental para a derrota dos autonomistas no plebiscito. No dia seguinte à derrota autonomista, o deputado estadual Rogê Ferreira (PSB, pró-emancipação) denunciava à imprensa que “a coação levada à efeito pelos proprietários da Nitro Química, em São Miguel Paulista, sobre o eleitorado daquele distrito foi a mais vergonhosa possível. Exigiram que seus operários votasse ‘não’; fizeram promessas demagógicas; alugaram antecipadamente todos os táxis. Por outro lado, a eleição em vez de ser efetivada em edifícios do estado, o foi nos próprios daquela empresa (...) Uma vergonha!”³⁴ Muitos moradores atribuem a derrota autonomista em 1953 à pressão exercida pelos chefes da Nitro sobre os trabalhadores. José Caldini Filho acredita que os dirigentes da Nitro eram contra a autonomia porque temiam uma maior contestação ao seu poderio no bairro. Para ele, a empresa

“era quem mandava em São Miguel. Ela mandava! O delegado era dela, tudo era dela. Comandava tudo. No momento em que São Miguel passasse a município, ela tinha medo que o prefeito e os vereadores pudessem fazer frente à Nitro Química, porque aí ela ia perder um pouco do comando, do poder aqui em São Miguel. Então, ela fez campanha contra.”³⁵

Jânio Quadros também não se empenhou pela autonomia, ao contrário do que havia prometido durante a campanha eleitoral, quando havia assumido compromissos com os movimentos autonomistas em várias regiões da cidade, em especial em Osasco. Uma vez no poder, Jânio procurava postergar qualquer decisão que implicaria em divisão territorial e perda de receita para os cofres paulistanos. Em que pese o apoio de notórios janistas locais, como Tarcílio Bernardo, à causa autonomista, Jânio procurou não se envolver no debate e, segundo alguns, ‘por baixo dos panos’ apoiou a campanha contra a emancipação. José Diniz, vereador do PSP, ao

³⁴ “Coação no plebiscito de São Miguel Paulista”, recorte de jornal – Acervo pessoal de José Caldini Filho.

³⁵ Depoimento de José Caldini Filho concedido ao autor.

avaliar a campanha autonomista em São Miguel alguns anos depois, anotaria que “o prefeito de então [Jânio Quadros], recém eleito (...) conseguiu elementos para trabalhar junto ao povo de São Miguel, no sentido que fosse contrário à elevação daquele distrito a município.”³⁶

De qualquer forma, o debate sobre a autonomia polarizou o bairro,³⁷ reforçou os elementos de uma identidade local e comunitária, trazendo à tona toda a insatisfação com as precárias condições de vida de sua população. Ao mesmo tempo, mostrava claramente uma pressão pela extensão da democracia ao nível local e uma mobilização popular por cidadania, que ia além do campo trabalhista e sindical, sendo as carências urbanas um polo importantíssimo de aglutinação de luta por direitos.

Cinco anos mais tarde, os eleitores de São Miguel seriam mais uma vez chamados a decidir sobre a emancipação do distrito. Desta vez porém, a pressão em favor da autonomia parecia muito mais enfraquecida. O impacto da onda autonomista de 1953 em várias regiões da cidade exigiu das forças políticas paulistanas ações para atenuar a pressão pelo desmembramento do município. Naqueles anos, o debate sobre subprefeituras, descentralização administrativa e formas de aproximar a municipalidade dos bairros mais carentes estaria permanentemente em pauta de discussões na prefeitura e Câmara dos vereadores. Além disso, entidades de bairro passaram a ter um papel central na política municipal, obrigando o encaminhamento e atendimento de muitas das reivindicações das populações de regiões periféricas.

No caso específico de São Miguel, a existência de dois vereadores do bairro a partir de 1955, de alguma forma respondia à demanda autonomista pela presença de representantes locais nas esferas de poder e decisão e deve ter atenuado o ímpeto pela autonomia em muitos moradores. De toda forma, a campanha pela emancipação do bairro foi muito mais fraca e

³⁶ *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 284ª sessão ordinária, 30 de outubro de 1957.

³⁷ Não disponho dos resultados finais do plebiscito, nem do número de votantes (ao contrário das eleições, o voto não era obrigatório neste tipo de consulta), mas segundo o depoimento de antigos moradores, a vitória do ‘Não’ foi bastante apertada. Segundo o autonomista José Caldini Filho, “apesar de toda a pressão, perdemos só por 60 votos.” Depoimento de José Caldini Filho concedido ao autor.

conseguiria menor adesão em 1958. O PSP local que havia apoiado a autonomia em 53, muda de posição e o vereador Aurelino de Andrade faz campanha pública contra a secessão. Às vésperas da consulta popular em dezembro de 1958, o prefeito Ademar de Barros inaugurava uma linha de ônibus de São Miguel para o centro de São Paulo gerida pela companhia municipal de transportes (com tarifas mais baixas do que as linhas controladas por empresas particulares), mas explicitamente condicionava sua manutenção ao voto contra a secessão do bairro. Jânio Quadros, mais uma vez se omite, apesar do contínuo apoio de seu fiel correligionário Tarcílio Bernardo à causa autonomista. Quando as urnas do plebiscito foram abertas em 12 de dezembro, uma expressiva maioria de 85% dos votantes (2.740 votos) manifestou-se mais uma vez contra a autonomia do bairro. De toda forma, a participação no plebiscito foi bastante acanhada. Dois meses antes, 17.679 cidadãos do distrito haviam votado nas eleições ao governo do estado, senado e câmara federais e assembléia legislativa. Destes, apenas 3.209 (cerca de 18%) dispuseram-se a comparecer à consulta popular sobre a emancipação de São Miguel.³⁸

No entanto, as pretensões emancipacionistas não morreriam e quatro anos depois da acachapante derrota de 58 as circunstâncias pareciam mais favoráveis aos adeptos da criação de um novo município. A forte mobilização e a vitória dos autonomistas em Osasco serviam como exemplo da possibilidade de secessão e davam um forte estímulo àqueles que pregavam a emancipação de seus distritos em várias partes da região metropolitana de São Paulo. O novo prefeito de Osasco, Hirant Sanazar, bem como vários vereadores do município recém criado davam seu explícito apoio aos vários movimentos autonomistas na capital paulista e alardeavam as supostas melhorias e desenvolvimento de Osasco como demonstrações do sucesso da

³⁸ No mesmo dia, além de São Miguel, mais 8 distritos da Grande São Paulo (Cajamar, Embu, Guaianazes, Itaquera, Osasco, Perus, Pirapora do Bom Jesus e Taboão da Serra) realizaram plebiscitos sobre emancipação administrativa, sendo que em 5 deles (Cajamar, Embu, Osasco, Pirapora do Bom Jesus e Taboão da Serra) a autonomia saiu-se vitoriosa. Em São Miguel o resultado foi de 426 votos pelo sim à autonomia, 2.740 contra, 23 em branco e 20 nulos. Cf. *Folha de São Paulo*, 23 de dezembro de 1958. O total de votantes nas eleições de 3 de outubro de 1958 em São Miguel pode ser encontrado no *Boletim Eleitoral do TRE-SP*, n. 136, outubro-dezembro de 1958.

separação. Presente a um comício autonomista em São Miguel em junho de 63, Sanazar atacava aqueles que eram contrários à secessão e lembrava que

“a madrastra São Paulo há quatro anos nada fazia por Osasco, apenas cuidando dos bairros elegantes (...). Hoje, Osasco contribui com a receita de 808 milhões e de volta recebe 30% (...) Temos hoje 30 ruas asfaltadas. Antes tínhamos 3 ambulâncias que foram retiradas pela prefeitura de São Paulo que até carteiras escolares e tratores, que são essenciais ao povo, foram retirados. Em 14 meses compramos 14 carros novos e a limpeza pública não é mais feita com carrocinhas puxadas a burro. Temos um novo serviço de Pronto Socorro e novas ambulâncias. Temos serviço de combate ao câncer e o setor de obras e serviços que atinge a 70% de nossas responsabilidades. (...) Construimos 5km de rede de esgotos. (...) Autonomia quer dizer redenção.”³⁹

Além do animador exemplo de Osasco, a autonomia e seu debate subjacente sobre democracia local e resolução dos problemas urbanos que afligiam os moradores dos distritos populares na capital, pareciam relacionar-se diretamente com o clima de mudança e mobilização motivados pelas propostas de reformas de base durante o governo João Goulart. Assim, quando em uma reunião do MPA, alguém solicitou que os oradores “se limitassem apenas ao problema autonomista, deixando de lado outros assuntos como, por exemplo, as reformas de base”, Geraldo Rodrigues de Freitas e José Firmino dos Reis contra argumentaram explicando porque “as reformas de base se ligam ao problema autonomista”, tendo aparentemente o apoio da maioria dos presentes.⁴⁰

As próprias transformações pelas quais o bairro passava e as dificuldades que os moradores continuavam enfrentando para a resolução de carências urbanas básicas motivavam os autonomistas a refletir sobre o futuro da região e a pensar alternativas de desenvolvimento. O

³⁹ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-Z-591, fls. 64.

⁴⁰ Cf. *Livro de atas do Movimento Popular Autonomista de São Miguel Paulista*, p. 47.

domínio da Nitro Química sobre a vida de São Miguel era questionado e a fábrica isoladamente já não era vista como garantia de progresso. No início dos anos 60, tornava-se perceptível a incapacidade da empresa em proporcionar empregos para a crescente população do bairro e a autonomia era vista por muitos como uma forma de, a um só tempo, criticar o monopólio da Nitro na região e de abrir a possibilidade de atração de novas empresas e empregos. Discursando em um comício do MPA em 1963, Osvaldo de Souza, “radicado há muitos anos em São Miguel”, comentava “sobre a facilidade que as novas indústrias encontrarão em vir instalar-se em São Miguel, devido o imposto ser mais leve e para isso é necessária a autonomia. Com novos empregos à porta deixaremos esses trens apertados, teremos as ruas asfaltadas e iluminadas.” Empolgado, Souza concluía: “tenhamos a liberdade de vir a ser uma grande cidade industrial.” No mesmo comício, Salomão Teixeira, outro morador local, explicitava bem esta nova visão. Para ele

“a Nitro Química não deseja a prosperidade de São Miguel, porque é o único empregador daqui e todos têm que se curvar a eles (...) Vejam São Caetano que tornou-se parque industrial graças à sua autonomia. Tenhamos um prefeito e faremos a Nitro Química engolir o seu gás. Tenhamos nosso prefeito e teremos o nosso latifúndio, cujos impostos serão gastos em melhorias do nosso querido São Miguel. (...) Está chegando a hora do nosso progresso. Os braços gastos em São Paulo, serão gastos aqui, reduzindo os custos das despesas de condução e a alimentação não será feita para se comer fria em São Paulo, mas sim, quentinha em sua própria casa, aqui em São Miguel. O trabalhador terá tranqüilidade, porque estará perto dos seus, viverá em paz, sem aquela agitação de São Paulo. Por esses e outros princípios de liberdade, digam ‘Sim!’”⁴¹

⁴¹ Deops/Sp, Daesp. Dossiê 50-Z-591, fls.62.

Foram razões semelhantes que motivaram mais uma vez o apoio do PCB local à causa autonomista. Com uma presença bem mais forte na vida do bairro do que nas campanhas anteriores, os comunistas tinham grande influência na sede local do Sindicato dos Químicos e em várias associações e entidades de bairro, que colaboraram com o movimento autonomista. No comitê executivo do MPA havia a presença de vários membros do PC que, em aliança com outras forças consideradas progressistas na região, conduziram as linhas gerais da campanha.⁴² Para além das possibilidades de influenciar a eleição de um futuro prefeito da localidade e de eleger vereadores, havia entre os pecebistas e militantes de esquerda o debate sobre a necessidade de mudar o destino de São Miguel. Antônio Pereira da Mata, diretor do Sindicato dos Químicos e militante comunista lembra que muitos apoiaram autonomia porque “nós queríamos fazer de São Miguel não um bairro dormitório, mas uma cidade industrial. Naquela época tinha muita terra e nós tínhamos um plano de da a média de 10 anos de isenção [de impostos] para as empresas que viessem até aqui.”⁴³

A campanha pela autonomia em 1962 e 63 foi ainda maior do que a realizada dez anos antes. O crescimento do bairro exigia uma alteração geográfica do eixo do movimento e atuação nas vilas e localidades adjacentes ao centro de São Miguel ganhou maior peso. O MPA criou núcleos em várias regiões, como no Jardim São Vicente, na Vila Jacuí, Vila Nitro Química, Vila Clara e Itaim. Sociedades Amigos de Bairro, como as do Itaim, Jardim São Vicente e a de São Miguel Paulista declararam explícito apoio ao MPA. A preocupação com o apoio das vilas era permanente nas reuniões dos autonomistas. Em 16 de fevereiro de 1963, por exemplo, Virgílio

⁴² Osvaldo Pires de Holanda, presidente do MPA, é um ótimo exemplo de militante progressista não vinculado ao PCB, ao qual estou me referindo. Migrante cearense, Holanda, após trabalhar na Nitro e em outras empresas, formou-se em jornalismo. Figura bastante respeitada no bairro, era um apaixonado divulgador da língua esperanto, tendo fundado o primeiro clube e escola local no final dos anos 40. Nos anos 50 aproximou-se do PSB, sem no entanto, ter militado ativamente em suas fileiras. Nacionalista, apoiou as reformas de base propostas pela esquerda no início dos anos 60, acreditando efusivamente nas possibilidades que seriam abertas para o povo brasileiro com a realização de uma reforma agrária que democratizasse o acesso à terra e de uma reforma educacional que extinguisse o analfabetismo.

⁴³ Depoimento de Antônio Pereira da Mata concedido ao autor.

Gomes da Silva propunha que o MPA organizasse periódicas visitas dos “líderes das vilas” à sede do movimento afim de que lhes fossem apresentados os objetivos e argumentos em favor da emancipação. Os comícios autonomistas também se multiplicaram e atingiram as vilas e regiões mais afastadas do bairro. Osvaldo Pires de Holanda lembra que só em 1973, o MPA realizou 27 comícios na região, sem contar os ‘atos relâmpagos’ organizados em frente à portaria da Nitro e em outras localidades.⁴⁴

O apoio do Sindicato dos Químicos à transformação de São Miguel em município também representava um reforço bastante valioso. Muitos dirigentes sindicais faziam parte da direção da campanha, e não apenas químicos. Santos Bobadilha, por exemplo, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores em Laticínios de São Paulo e da Sociedade Amigos do Jardim São Vicente, era um abnegado defensor da emancipação são miguelense. Certamente por sua influência, *A Média*, jornal de seu sindicato, divulgava essa iniciativa. Em abril de 1963, o órgão lembrava que “São Miguel vive esquecida, e todas as campanhas pela sua elevação à município foram sabotadas pelos inimigos da autonomia, principalmente a Nitro Química que, com a localidade independente, não poderia continuar a explorar seus empregados, como atualmente o faz.”⁴⁵

Para além das críticas à Nitro Química, os sindicalistas tinham um importante papel de convencimento dos trabalhadores, especialmente em relação à questão salarial, calcanhar de Aquiles das campanhas autonomistas anteriores. A participação de líderes sindicais nos comícios e reuniões de esclarecimento do movimento tornaram-se, então, periódicas. Da mesma maneira, o Sindicato dos Químicos passou a incluir a questão em seus encontros e eventos, como revela uma

⁴⁴ Cf. *Livro de atas do Movimento Popular Autonomista de São Miguel Paulista*, pp. 8, 24, 26, 42 e 39; e depoimento de Osvaldo Pires de Holanda concedido ao autor.

⁴⁵ *A Média*, n. 12, abril de 1963.

carta enviada pela entidade ao MPA convidando-o para tomar parte “no desfile que será realizado no dia 1º de maio de 1963, em São Miguel Paulista.”⁴⁶

O popular padre Aleixo Mafra e o Círculo Operário local pela primeira vez manifestavam apoio à secessão. Procuraram Osvaldo Pires de Holanda, mas manifestaram reticências à presença comunista no MPA. Holanda recusou-se a expulsar os membros do PCB da organização e respondeu: “a minha posição é a seguinte. Eu vou fazer um movimento, mas com as portas abertas para Deus e o Diabo. Quem quiser apoiar São Miguel está do meu lado.” Ainda assim, Aleixo e os membros do círculo deram apoio a autonomia, embora não tenham participado diretamente em algum grupo separatista.

No entanto, divisões também ocorriam entre os autonomistas. Descontente com a condução da campanha e com o pouco espaço que tinha no comitê executivo do MPA, o médico Gilberto Maida lidera um grupo que rompe com o movimento em fevereiro de 1963 e funda a Frente Autonomista de São Miguel Paulista (FASMP) . Meses depois esta frente sofre nova divisão e é fundado o Centro de Orientação Autonomista (COA). Apesar do estratégico apoio de Palmeira Júnior, diretor-redator da *Tribuna de São Miguel*, pequeno jornal local fundado no final de 1962, à Frente Autonomista, o MPA manteve-se sempre como o maior e mais organizado movimento pela emancipação administrativa do bairro.

A campanha autonomista crescia, apesar das divisões em sua direção. Concurso de rainha da autonomia, festivais esportivos autonomistas nas vilas, adesão de comerciantes, todos eram evidentes sinais de um crescente apoio no bairro. O ‘galo’, símbolo da campanha, criado por Osvaldo Pires de Holanda popularizou-se e um broche com seu formato era distribuído nos

⁴⁶ “Carta do Sindicato dos Químicos ao MPA”, datada de 18 de abril de 1963 e assinada por Gabriel Alves Viana – Acervo pessoal de Osvaldo Pires de Holanda. O semanário nacional do PCB, *Novos Rumos*, também abria espaço para a luta pela autonomia em São Miguel e destacava que o movimento “conta com a simpatia de grande parcela da população local, além da ajuda de várias instituições, entre as quais merece especial destaque por sua participação direta na campanha o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas de São Paulo.” *Novos Rumos*, 22 a 28 de março de 1963. A ativa participação de comunistas e sindicalistas na campanha autonomista em

comícios e em lojas e bares. Da mesma forma, o pomposo hino da autonomia, cujos versos pediam “liberdade! liberdade/movimento autonomista/ liberdade, liberdade/ para São Miguel Paulista/ paulistano e nordestino/ mãos unidas marcharemos/ e assim nosso destino/ unidos construiremos”, era entoado nas reuniões e eventos do movimento.⁴⁷

Assim, quando em abril de 1963 os autonomistas de São Miguel entregaram na Assembléia Legislativa a documentação solicitando a realização de um plebiscito, a popularidade de sua causa no bairro parecia bastante alta. Durante todo o segundo semestre de 1963, a mobilização autonomista continuou, preparando-se para a consulta popular que, provavelmente, ocorreria no final daquele ano. Ao contrário das vezes anteriores, os moradores contrários à emancipação de São Miguel não se manifestavam abertamente em praça pública, o que reforçava a sensação de que desta vez a autonomia se consagraria como vencedora.

No entanto, a Assembléia Legislativa, de forma surpreendente, rejeitou o pedido de plebiscito para o bairro. Além da pressão da prefeitura paulistana, temerosa de um generalizado desmembramento territorial da cidade, os deputados janistas foram fundamentais para a rejeição da solicitação, que foi derrotada por um voto. Jânio Quadros, cogitando a possibilidade de concorrer no pleito municipal que ocorreria em 1965, não via com bons olhos a perda de votos de seu antigo reduto eleitoral e, assim, orientou deputados sob sua influência a barrar a pretensão autonomista. Em meio a decepção generalizada e uma crescente desmobilização, os três movimentos separatistas locais organizaram um protesto conjunto e chegaram a entrar com um mandato de segurança contra a decisão. O golpe de 1º de abril de 1964, porém, iria por fim a qualquer possibilidade de mobilização e reação dos autonomistas de São Miguel. Apesar da derrota, muitos participantes do movimento acreditam que sua luta foi fundamental para que a

São Miguel contraria as conclusões de Moisés para quem o movimento sindical e a esquerda estiveram ausentes dos movimentos autonomistas. Cf. José Álvaro Moisés. *Classes populares...*, pp. 330-1 e 369.

⁴⁷ “Cartaz: Você é autonomista? Então peça aqui o seu distintivo. Oferta desta casa aos seus distintos clientes” e Letra do “Hino da autonomia de São Miguel Paulista” (música de Antônio José da Silva. Letra de Osvaldo Pires de Holanda e Paulo de Luna) – Acervo pessoal de Osvaldo Pires de Holanda.

administração municipal voltasse um pouco mais de suas atenções para os bairros periféricos. “Todos os benefícios que vieram para São Miguel foram posteriores ao MPA,” comenta Osvaldo Pires de Holanda. Antônio Pereira da Mata também considera que “a luta não foi em vão, não é considerada perdida porque nós fizemos com que as autoridades voltasse a atenção para São Miguel e aí foi beneficiada toda a zona leste.”⁴⁸ De fato, a criação das Administrações Regionais em São Paulo pelo prefeito Faria Lima no ano de 1965 foi uma resposta direta à mobilização das entidades de bairro e do movimento autonomista desenvolvidos na cidade nos anos imediatamente anteriores ao golpe militar. As razões que levaram os moradores da periferia a pleitear a separação da ‘madrasta’ São Paulo ainda iriam exigir sua mobilização e luta por muitos anos à frente.

O golpe de 64 e as demissões de 66

Não foi apenas o debate sobre a autonomia que mobilizou a vida política de São Miguel nos meses que precederam o golpe militar de 1964. Assim como em várias partes do país, muitos moradores se entusiasmaram com as perspectivas de reformas de base abertas no governo de João Goulart. As mobilizações dos trabalhadores do campo no período e as esperanças de uma reforma agrária, que trouxesse desenvolvimento para o país, em particular para o Nordeste, encontravam eco entre muitos migrantes de origem rural que residiam na região.

A renúncia de Jânio Quadros em 1961, após sua consagradora vitória eleitoral um ano antes, foi decepcionante para grande parte de seus eleitores locais e representou um significativo abalo em seu prestígio. “Todos nós ficamos muito desiludidos”, lembra o militante janista Nelson Bernardo. Entretanto, muitos interpretaram sua saída do governo como um ‘golpe’ daqueles contrários aos interesses dos trabalhadores. Jânio, para não repetir Getúlio, teria

⁴⁸ Depoimentos de Osvaldo Pires de Holanda e Antônio Pereira da Mata concedidos ao autor.

preferido retirar-se do poder. Na memória popular em São Miguel, inclusive, alguns chegam a se confundir e consideram que Jânio teria sido o último presidente antes de 64, derrubado pelos militares. Como destaca Teresa Caldeira, “a identificação” de Quadros “como um governante popular é muito mais forte do que” a de Jango.⁴⁹

Apesar de menos lembrado e, comparativamente com Jânio, ser visto como um político distante, fora do cotidiano da maioria dos moradores do bairro, João Goulart desfrutava de prestígio em São Miguel. Suas históricas ligações com Getúlio Vargas lhe garantiam um aval de confiança. Geraldo Rodrigues de Freitas, por exemplo, lembra que “todo o povo aqui gostava do João Goulart (...) porque ele era cria do Getúlio.” Também em São Miguel a popularidade de Goulart era diretamente vinculada à tradição trabalhista varguista. Foi essa relação que lhe garantiu uma ampla vitória no bairro nas eleições para vice-presidente em 1955. Mesmo em 1960, quando concorreu com Milton Campos, o candidato a vice de Jânio, Jango perdeu em São Miguel por menos de 300 votos, atingido um índice de votação (37,2%), um dos mais altos da capital e razoavelmente superior ao conseguido em toda a cidade de São Paulo (31,3%). Se, por um lado os depoimentos sobre seu governo ressaltam a instabilidade política do período, por outro remetem mais uma vez ao seu compromisso com os direitos dos trabalhadores. “O Jango falava a linguagem do povo,” rememora Joaquim Anselmo dos Santos, “o salário mínimo, o décimo terceiro, direito de greve, essas coisas foram todas no governo dele.”⁵⁰ Para alguns, seria justamente esta a razão da sua deposição:

“o João Goulart, até hoje eu penso que ele estava muito ao lado do povo e, inclusive as promessas que ele fazia, a gente via que ele estava ao lado do povo. Como ele estava muito ao lado do povo, tiraram. Naquele tempo ele prometia muito a reforma agrária. Sabe o que é? Dividir quem tinha muita terra, dividir para quem não tinha. O

⁴⁹ Cf. Teresa Caldeira. *A política...*, pp. 271 e 274-5.

objetivo dele era esse (...) Nesse ponto aí ele estava certo. Foi justamente quando ele estava começando isso aí, que nós pensamos que ele estava no poder, e ele estava na rua.”⁵¹

Um interessante indicador de uma certa guinada à esquerda na política local no início dos anos 60 pode ser medido pelo comportamento do vereador Aurelino de Andrade. Fiel membro do PSP e militante histórico do ademarismo, os discursos de Aurelino na Câmara Municipal no período pré-golpe pareciam cada vez mais críticos ao conservadorismo que marcava a gestão de Ademar de Barros como governador. No episódio da renúncia de Jânio, Andrade abertamente elogia a campanha da legalidade conduzida pelo então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. Graças a atitude dele, discursou, “contra alguns elementos que queriam o Brasil para um grupo de 5 ou 4 indivíduos, o Brasil deu um passo decisivo no caminho de sua emancipação e da legalidade verdadeira.” Meses depois, Aurelino manifestava seu declarado apoio ao presidente João Goulart, “cujo ponto de vista é o mesmo da maioria dos bons brasileiros” e veemente criticava a “elite que matou Getúlio Vargas (...) e não queria dar posse ao Dr. Juscelino Kubitschek.” Resolveu então, mesmo sob uma saraivada de críticas de vários de seus colegas, propor a concessão do título de cidadão paulistano a Leonel Brizola, o que rendeu intermináveis e polêmicos debates na Câmara. Em 6 de abril de 64, dias depois da deposição de Goulart, um surpresa Aurelino ainda declarava sempre ter sido “pelas reformas de bases, e continuarei a achar que elas se fazem necessárias dentro da evolução histórica da nossa pátria.”⁵²

⁵⁰ Depoimentos de Geraldo Rodrigues de Freitas e Joaquim Anselmo dos Santos concedidos ao autor; e *Boletim eleitoral do TRE-SP*, n. 150, outubro de 1960.

⁵¹ Depoimento de Gersino citado por Teresa Caldeira. *A política...*, p. 271.

⁵² Cf. *Diário oficial do estado de São Paulo*, 13 de setembro de 1961, p.50 e *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, 299ª sessão ordinária, 25 de junho de 1962, 315ª sessão ordinária, 5 de setembro de 1962 e 26ª sessão ordinária, 6 de abril de 1964. O apoio a Jango e a proposta de concessão do título de cidadão paulistano renderia a Aurelino críticas raivosas do jornal *O Estado de São Paulo* e ameaças de cassação de seu mandato. Porém, sua adesão às forças governistas após o golpe militar e filiação à ARENA em 1965 lhe garantiram o mandato e um amplo espaço político no período ditatorial.

Do ponto de vista local, a primeira metade da década de 60 também foi marcada pelo início de uma acentuada crise econômica da Nitro Química e pela progressiva deslegitimação de seu papel central na comunidade de São Miguel.⁵³ A truculenta reação da direção da empresa à greve de 1957, quando demitiu dezenas de operários e passou a restringir cada vez mais o acesso dos funcionários a seus decantados serviços sociais, foi evidentemente bastante mal recebida entre os trabalhadores e moradores do bairro. Em seu livro sobre a história da companhia, Fábio Ravaglia, engenheiro da Nitro à época, menciona que “para os grevistas ‘ativos’ (...) houve corte de todas as vantagens assistenciais.” Um relatório secreto do DOPS elaborado logo após o término da paralisação informava que a “administração da Nitro Química está para demitir cerca de 300 empregados, como implicados no movimento grevista, sendo que a seção mecânica irá quase que totalmente. (...) Entre as dispensas constam empregados com mais de 20 anos de casa, aos quais é pensamento da companhia não indenizar.” O informe policial ainda dizia que “as ordens relacionadas com a demissão foram emanadas de um dos diretores (Sr. Moraes) que quis culpar a administração local, dizendo que alimentara a hiena e agora a hiena a devorara, fazendo mister, portanto, que se tomem medidas drásticas a fim de cortar o mal pela cabeça.” O antigo operário Artur Pinto de Oliveira recorda-se de algumas destas medidas. Após a greve, relata, aqueles que não participaram da paralisação receberam “uma carteirinha que a fábrica dava.” Os detentores deste documento, principalmente os chefes e encarregados, eram chamados de ‘caranguejos’ e continuaram tendo direito a uma série de benefícios, enquanto que os demais passaram a pagar por eles. “Então”, prossegue Oliveira, a empresa passou a

“diminuir aquele paternalismo que ela tinha para com os empregados. Foi diminuindo. Não foi de uma vez, (...) Eles não fizeram de imediato, eles começaram aos pouquinhos, cortando.(...) Ela não extinguiu de uma vez, Mas aí algumas coisas

⁵³ Para uma análise da decadência econômica da Nitro Química no anos 60, ver Paulo Fontes. *Trabalhadores e...*, especialmente o capítulo 1 e Fábio Ravaglia. *Contribuição à ...*, pp. 15-23.

ela já passou a cobrar. Cobrava médico que antes ela não cobrava nada. A pessoa pegava vale lá na fábrica e comprava para descontar depois. Aí ela já cortou. Só podia comprar quem era empregado, com a carteirinha e a dinheiro (...). Quer dizer, foi desvinculando as cooperativas, a farmácia, o açougue, da fábrica.”⁵⁴

A diminuição dos benefícios sociais da empresa não era apenas uma vingança contra os grevistas e a mobilização de seus operários e operárias. Já era um claro reflexo das dificuldades financeiras pelas quais passava a indústria. De qualquer forma, provocaram grande descontentamento entre os funcionários. A isso certamente somava-se, entre finais da década de 50 e início da de 60, a enorme irritação dos moradores com os altos níveis de poluição ambiental causados pela nova fábrica de soda da companhia (empreendimento que em poucos anos fracassaria), como vimos em capítulo anterior. Incapaz de absorver em forma de empregos o intenso crescimento habitacional do bairro e contando com a crescente insatisfação de moradores e trabalhadores, a Nitro chegava ao início dos anos 60 como uma empresa bastante questionada e em crise.

O Sindicato dos Químicos, por sua vez, ganharia naquele período grande apoio e legitimação. A ação repressiva da Nitro em relação à greve, ao invés de intimidar a ação dos trabalhadores, ampliou ainda mais sua luta por direitos e a mobilização operária na região. Depois da greve de 1957, relata o mesmo Artur Pinto de Oliveira, “o sindicato continuou forte. Continuou forte e lutando de igual para igual com a Nitro.” A sindicalização dos operários da Nitro, por exemplo, aumentou vertiginosamente entre o final dos anos 50 e início dos 60. Já em janeiro de 58, o diário comunista *Notícias de Hoje* louvava a ação da diretoria do Sindicato dos Químicos e considerava que um dos principais resultados da greve acontecida meses antes havia

⁵⁴ Cf. Fábio Ravaglia. *Contribuição à ...*, p. 18; Deops/Sp, Daesp. Dossiê 50-B-259, fls. 26 e depoimento de Artur Pinto de Oliveira concedido ao autor. Comentando a contínua decadência da Nitro Química, Oliveira relata a chegada do novo diretor da companhia, “o neto do senador”, já nos anos 80, quando os benefícios oferecidos pela fábrica eram bem menores do que nas décadas de 40 e 50. Ainda assim, o novo dirigente chegou afirmando que “a

sido o crescimento da “confiança dos trabalhadores em sua força e organização. De 600 associados, o sindicato passou a ter ali [na Nitro] 4.000.” José Ferreira da Silva, operário da Nitro Química e dirigente sindical durante o período, afirma que na fábrica., “tinha seção que só o chefe não era sócio.”⁵⁵

Grande parte deste apoio recebido pelo sindicato baseava-se numa diretriz que tinha enorme apelo entre os trabalhadores: garantir os direitos que a empresa não cumpria. “Quando nós fomos eleitos para o sindicato”, lembra José Ferreira da Silva, “começamos a fazer a Nitro Química cumprir a lei.” Diretor do departamento jurídico da entidade, Ferreira recorda-se quando contratou o advogado Valter Sampaio. “Eu lia muito a Consolidação das Leis do Trabalho,” conta, “aí eu falei: ‘doutor, tudo que está aqui neste livro a gente vai executar. Tudo que está aqui, o senhor vai fazer a Nitro Química pagar.’” Assim, no início de 1958, por exemplo, o sindicato já instaurava um processo contra a Cia. Nitro Química a respeito do “trabalho de menores e mulheres aos domingos naquela empresa.”⁵⁶

A repercussão da ação da nova direção sindical entre os trabalhadores foi impressionante. Afonso José da Silva, por exemplo, explica sua adesão ao sindicato porque ele exigia “nada mais nada menos do que aqueles direitos que a gente tinha” e que a empresa não cumpria. “Lei de férias, domingo remunerado ... tudo isso foi luta do sindicato. Foi lutando e conseguindo. Por isso que o sindicato era forte (...). Existia aquela segurança do sindicato ser forte, todo mundo sindicalizado. Quando se falava: ‘não vai trabalhar’, ninguém ia !” Augusto Ferreira Lima também relata o impacto que a luta pelos direitos inscritos na lei desenvolvida pelo sindicato teve sobre os trabalhadores da Nitro. Recorda-se das audiências na Delegacia Regional do Trabalho

Nitro Química é uma empresa comercial. O paternalismo aqui acabou.” Pois bem, arremata Artur Pinto de Oliveira, “acabou o paternalismo e acabou a fábrica!”

⁵⁵ Depoimentos de Artur Pinto de Oliveira e José Ferreira da Silva concedidos ao autor e *Notícias de Hoje*, 26 de janeiro de 1958.

⁵⁶ Depoimento de José Ferreira da Silva concedido ao autor; e Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-B-259, fls. 49.

(DRT) em que os operários, ao lado dos dirigentes sindicais, iam denunciar as irregularidades da Nitro Química e pleitear seus direitos:

“eu cansei de lotar aqui a rua da estação e ir para a Delegacia Regional do Trabalho, na Martins Fontes, subi o elevador mil vezes para levar o pessoal para encher a sala nos debates do sindicato que eram feitos na DRT. Todo mundo tinha um [exemplar da] Consolidação das Leis do Trabalho. Todo mundo entrava dentro do trem com a CLT, igual os crentes que vão para a igreja [com a Bíblia]. (...) O sindicato comprava [exemplares da CLT] e dava na nossa mão para nós distribuir para a turma (sic). A CLT para o caboclo ver o seu direito que tem nela. O negócio foi bem começado. Aí tinha um português na fábrica. Êta português inteligente, (...) danado. Ele saia escondido na hora do almoço chamando [os trabalhadores] e mostrando: ‘Cadê a sua Consolidação?’, ‘Você já leu isso aqui?’. Grifava tudo ali e mandava o pessoal ler e o pessoal se adaptava naquilo. (...) Aí todo mundo sabia qual era os seus direitos [com] a consolidação da lei nas mãos.”⁵⁷

Uma das maiores campanhas do sindicato realizada naquele período foi em relação à insalubridade da fábrica. A Nitro historicamente recusava-se a reconhecer ser um ambiente de trabalho insalubre e, portanto, a pagar os adicionais devidos aos operários. No final dos anos 50 e início dos 60, porém, os trabalhadores, individualmente, ou através do sindicato começaram a processar a empresa na Justiça do Trabalho. A onda de processos foi enorme e, somada à pressão sindical, obrigaram a direção da companhia a negociar. Finalmente, em fevereiro de 1963, representantes da Nitro e do sindicato, assinaram um acordo em que a empresa reconhecia e enumerava todas as seções insalubres (a grande maioria da fábrica), além de, obviamente, concordar em pagar os adicionais a todos aqueles que trabalhassem nesses setores. Ademais, o

acordo estabelecia a mediação do Divisão do Serviço de Higiene e Segurança do Trabalho do Ministério do Trabalho “tendo em vista que existem seções na fábrica onde há dúvida quanto à incidência ou não do adicional de insalubridade.” O acordo, apesar de não reconhecer o direito à insalubridade para todos os operários da indústria, foi visto como uma grande vitória do sindicato.⁵⁸

A presença do sindicato no chão da fábrica e na comunidade tornou a Nitro Química uma das empresas sindicalmente mais organizadas de São Paulo no pré-64. Desde meados dos anos 50, houve um grande investimento na formação de delegados sindicais em cada seção da indústria. “Chegamos a ter dois ou três delegados em cada departamento. Na fábrica toda chegamos a ter seiscentos”, afirma José Ferreira da Silva. Mesmo que se possa considerar os números de Ferreira como exagerados, o fato é que a organização sindical espalhou-se no interior da empresa de forma nunca antes vista. Esses representantes no local de trabalho tinham um papel fundamental no levantamento de problemas, insatisfações e na comunicação destas questões à direção do sindicato. Fundamentalmente eram os responsáveis pela sindicalização e organização dos trabalhadores na companhia. Em momentos de conflito aberto, como em greves, eram eles, quem muitas vezes, lideravam os piquetes e as manifestações. Valdevino Raimundo da Silva foi um deste delegados sindicais e recorda-se vivamente quando em 1961, organizou uma “paralisação dentro da fábrica.” Enquanto os piquetes convenciam os trabalhadores de uma turma a não entrar para o trabalho, Valdevino e outros delegados sindicais ganharam a adesão “daquele povo que saía naquele horário.” “Nós fizemos uma marcha dentro da fábrica”, recorda-se. O trabalho de convencimento e esclarecimento dos trabalhadores, acrescenta, não se resumia ao

⁵⁷ Depoimentos de Afonso José da Silva e Augusto Ferreira Lima concedidos ao autor. Para uma análise da importância da CLT na cultura política dos trabalhadores brasileiros ver John French. *Afogados em leis. A CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo, Editora da Fundação Perseu Abramo, 2001.

⁵⁸ Processo TRT/SP – 67/63- A. Acórdão n. 475/63. 19 de fevereiro de 1963 – Biblioteca Adelço de Almeida.

interior da empresa. Muitos delegados também participavam de “sociedades amigos (...) [onde discutiam] os problemas do bairro, as reivindicações de transporte coletivo, moradia...”⁵⁹

Este crescimento da mobilização dos trabalhadores nitrosos refletia-se numa participação ativa do Sindicato dos Químicos nas articulações e lutas sindicais daquele período. Além de atuar na combativa Federação dos Trabalhadores Químicos do estado de São Paulo, fundada em 1958, os dirigentes da entidade estiveram presentes na organização das principais alianças intersindicais do período, como o Pacto de Unidade Intersindical (PUI) no final dos anos 50 e o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) entre 1962 e 64. Quando, no auge das mobilizações sindicais do governo Jango, o CGT e o Pacto de Ação Conjunta (formado por setenta e nove sindicatos paulistas) decretou uma greve por aumento salarial, garantia de ação para os delegados sindicais nas empresas, entre outras reivindicações, inclusive a aprovação da lei de abono de natal pelo Congresso, os trabalhadores da Nitro Química aderiram em peso à parede.⁶⁰

De fato, de acordo com os jornais da época, “a primeira fábrica a parar em São Paulo, em obediência à ordem do CGT, foi a Nitro Química.” Os piquetes, mais uma vez, tiveram papel essencial para o sucesso da paralisação. Mais uma vez também, a repressão foi bastante violenta. “Verificou-se grande número de choques entre a polícia e os trabalhadores nos bairros operários, particularmente na Mooca, Iapuaçu, Santo Amaro e São Miguel Paulista”, anunciava um jornal simpático à greve. Especificamente em São Miguel, prosseguia a notícia, “o operário Virgílio Gomes da Silva foi alvejado a tiros e está com um ferimento na cabeça.”⁶¹

Talvez por isso, Valdevino Raimundo da Silva afirma, ao recordar aquela paralisação, que “o décimo terceiro [salário] foi arrancado no sangue.” De toda forma, a greve foi amplamente vitoriosa na Nitro e refletiu a grande organização que os trabalhadores daquela fábrica haviam

⁵⁹ Depoimentos de José Ferreira da Silva e Valdevino Raimundo da Silva, concedidos ao autor.

⁶⁰ Esta greve ficou conhecida como a “greve dos 700 mil”. Para maiores detalhes ver Márcia de Paula Leite e Sidney Sólis. “O último vendaval: a greve dos 700 mil”, *Cara a cara*, n. 2, 1978.

⁶¹ *Notícias Populares*, 29 de outubro de 1963 e *Novos Rumos*, 1 a 7 de novembro de 1963.

alcançado naquele período. “Nitro Química: aprovado aumento de 80%,” estampava a manchete do *Notícias Populares*, referindo-se ao julgamento no TRT da greve realizada. O sindicato reivindicava 100% de reajuste e a notícia foi recebida com enorme alegria pelos operários da fábrica. Além disso, a mobilização conseguira arrancar a conquista da lei de abono de natal. José Ferreira da Silva foi um dos líderes da paralisação e considera que “essa greve de 63 foi a melhor greve que teve.” E continua, “na assembléia aqui, [muitos] operários não conseguiam nem falar de tão emocionados.” Quando o advogado foi ler a ata do julgamento do TRT, “a turma gritava: ‘pede pro Ferreira ler’ e eu falava: ‘quanto você ganha? Vinte mil? Põe mais 80% em cima disso aí!’ (...) Eu me lembro como se fosse hoje.”⁶²

Tamanho contentamento, entretanto, duraria pouco. Cinco meses depois, o golpe militar, amplamente apoiado pelos empresários brasileiros, teria como um de seus principais alvos o movimento sindical e a organização dos trabalhadores. Em São Miguel, o impacto inicial do golpe atingiu em cheio o Sindicato dos Químicos e os operários da Nitro Química. A entidade foi uma das primeiras a sofrer intervenção governamental e ter sua diretoria cassada. Processos criminais foram abertos contra vários dirigentes acusados de subversão e corrupção. Adelço de Almeida e outros diretores foram obrigados a fugir e se esconder. “A deposição foi de amargar”, relembra melancólico José Ferreira da Silva, “eu não tinha para onde ir. [Pensei] no Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, manter a resistência lá [mas], minha filha era pequena. Então era esperar a prisão...esperar a prisão.”⁶³

Não apenas as lideranças eram atingidas pelos efeitos do golpe. As direções das empresas aproveitaram-se do momento para, mais uma vez, perseguir e demitir os operários considerados ‘rebeldes’ e com ligações com o sindicato. Na Nitro, todos aqueles que não tinham garantida a estabilidade corriam risco. O ano de 64, relata Joaquim Anselmo dos Santos, foi “uma época de

⁶² Depoimentos de Valdevino Raimundo da Silva e José Ferreira da Silva concedidos ao autor; e *Notícias Populares*, 7 de novembro de 1963.

muita perseguição de chefia lá dentro da fábrica.” Já fora da Nitro, Valdevino Raimundo dos Santos foi contratado no início daquele ano pela Metalúrgica Cosmopoliti, e lembra que “com três meses de emprego a fábrica mandou levantar a minha ficha.” Felizmente, um funcionário do departamento pessoal lhe recomendou a tempo: “saia daqui com todo o cuidado, porque a coisa está feia (...). O DOPS está atrás de você.”⁶⁴

O golpe militar significou um imenso retrocesso para os movimentos sociais em São Miguel, como de resto em todo país. Porém, passada a primeira leva repressiva, muitos voltaram a cuidadosamente a atuar. Como vimos acima, enquanto no movimento sindical as condições para a atuação aberta de militantes de esquerda eram muito difíceis, em entidades de bairro o alcance da repressão parecia ser menor.

Mas, mesmo no sindicalismo, a vida não estava fácil para os interventores fiéis ao novo governo. Alguns meses depois da cassação da diretoria da entidade representativa dos trabalhadores da Nitro, um observador policial relatava à sua chefia que “no Sindicato dos Químicos, como vem acontecendo em outros sindicatos sob intervenção, os interventores encontram certa dificuldade para conseguir a confiança dos associados, porquanto a imposição de dirigentes, por parte das autoridades competentes, parece-lhes um ato de cerceamento da liberdade sindical.”⁶⁵

Em 1965, quando uma eleição para a diretoria do sindicato foi convocada, este descontentamento pode se expressar mais abertamente. Em São Miguel, membros da diretoria cassada e ativistas procuravam articular nomes que não fosse conhecidos pela polícia para compor uma chapa de oposição aos interventores. Waldomiro Macedo foi um dos operários da Nitro contatados. Ele conta que “um dia na hora do almoço, na portaria da fábrica o Manuel Lopes de Almeida que trabalhava na fábrica de tintas da Nitro” o convenceu a participar. Na

⁶³ Depoimento de José Ferreira da Silva concedido ao autor.

⁶⁴ Depoimentos de Joaquim Anselmo dos Santos e Valdevino Raimundo da Silva concedidos ao autor.

primeira reunião, no Jardim São Vicente, prossegue Macedo “apareceu um cara designado pelo partido [comunista] para assessorar a gente (...) e aí foi que começamos um movimento” e a chapa foi montada. A polícia, entretanto, não estava alheia a esta movimentação. Em outubro de 1964, uma “informação reservada” do DOPS comunicava que “os sócios comunistas do Sindicato dos Químicos estão organizando uma chapa, a fim de disputar as eleições para renovação de sua diretoria. Esta ação está localizada em São Miguel, onde está localizada a maior concentração comunista da categoria.” Quase um ano depois, um novo relatório avisava que nas eleições dos químicos paulistanos que ocorreriam no final de setembro de 1965, a chapa ‘verde’, concorrente da ‘azul’, capitaneada pelo ex-interventor Reinaldo dos Santos, era “organizada sob os auspícios do Partido Comunista”. Embora os membros da chapa não fossem comunistas, suas “ligações com os ‘vermelhos’ são evidentes,” concluía o informe. Apesar dos alertas policiais, a chapa ‘verde’ obteve uma estrondosa vitória.⁶⁶

Os comunistas, no entanto, não tiveram muito tempo para exercer sua tão decantada influência sobre os novos sindicalistas. Além da repressão ditatorial, as ferozes lutas internas que atingiam o PCB naquele momento, também deixavam suas marcas em São Miguel. No segundo semestre de 1965, Carlos Marighella publicava *Por que resisti à prisão*, obra na qual dava início a uma série de ácidas críticas às posições predominantes no comitê central do Partido Comunista, em particular a moderação e a crença da possibilidade do caminho pacífico da revolução e as ‘ilusões’ na aliança com a burguesia nacional. Nos anos seguintes Marighella e seus camaradas aprofundariam ainda mais o tom de suas críticas e, influenciados pela experiência revolucionária cubana, fundariam a Aliança Libertadora Nacional (ALN) em fins de 1968, um dos maiores

⁶⁵ Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-B-259, fls. 173.

⁶⁶ Depoimento de Waldomiro Macedo e Deops/SP, Daesp. Dossiê 50-Z-591, fls. 67 e 73.

agrupamentos da luta armada desenvolvida por grande parte da esquerda brasileira naquele período.⁶⁷

As críticas de Marighella repercutiram fortemente entre alguns militantes comunistas em São Miguel. Insatisfeito com a atuação e os rumos do partido, Virgílio Gomes da Silva, o mesmo militante que havia sido baleado durante a greve de 63, como vimos acima, liderou uma dissidência no PCB de São Miguel. A maioria dos antigos dirigentes sindicais permaneceu no partido, mas a fração de Virgílio conseguiu a adesão de alguns operários da Nitro. Valdevino Raimundo dos Santos, ex-delegado sindical na empresa, foi um deles. Lembra quando eles “foram treinar guerrilha em Cuba” e que só não foi também “porque era casado, pai de família.” Virgílio Gomes da Silva tornaria-se um dos principais e mais destacados líderes da ALN. Em 1969, comandaria um dos mais arrojados e bem sucedidos atos da luta armada brasileira: o seqüestro do embaixador norte-americano no Rio de Janeiro. Perseguido implacavelmente, foi preso meses depois e morto sob tortura. Sua história é recorrentemente lembrada nos depoimentos de antigos militantes e sindicalistas do bairro.⁶⁸

As divisões da esquerda comunista, a forte repressão ao sindicato e aos ativistas políticos de uma maneira geral, pareciam representar o fim de uma era para a vida social e política de São Miguel. Mas, seria a onda de demissões desencadeada pelo Nitro Química em abril de 1966 que mais claramente simbolizaria o final de um período da história daquele bairro.

⁶⁷ Para uma análise das críticas à linha política dominante no PCB no pós-golpe e do surgimento da ALN e demais grupos da luta armada ver Jacob Gorender. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo, Ática, 1987; Daniel Aarão Reis Filho. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo, Brasiliense, 1991 e Marcelo Ridenti. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo. Ed. Unesp/Fapesp, 1993.

⁶⁸ Recentemente, em 1997, o Sindicato dos Químicos de São Paulo prestou uma homenagem à sua memória, denominando o auditório da subseção de São Miguel como ‘Sala Virgílio Gomes da Silva’. Era também um ato de desagravo contra o tratamento, considerado mentiroso e desrespeitoso, dado à sua figura no filme *O que é isso companheiro?* de Bruno Barreto, lançado naquele ano. Para uma análise do filme e dados biográficos sobre Virgílio, o ‘Comandante Jonas’ do seqüestro, ver Daniel Aarão Reis Filho et all. *Versões e ficções: o seqüestro da história*. São Paulo, Editora da Fundação Perseu Abramo, 1997. Para uma abordagem introdutória sobre a participação de operários de São Miguel na luta armada ver Karim Roberta de Almeida. “Esquerda em armas: a trajetória da classe operária de São Miguel Paulista na luta armada (1968-1974). Trabalho de conclusão do curso de História da Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2001 (texto datilografado).

Naquele que é considerado um trágico mês na história de São Miguel, a Nitro Química deu início a uma redução de efetivos sem precedentes. As dificuldades financeiras da empresa, que já se arrastavam há alguns anos haviam se agravado com a crise econômica do país em 1965. A fabricação de raiom mostrava-se deficitária e ultrapassada diante do avanço no mercado do nylon e de outras fibras artificiais mais modernas. Já a principal aposta do projeto industrial da companhia, a fábrica de soda, mostrara-se um fiasco e decidiu-se pelo seu fechamento. Urgia, do ponto de vista dos proprietários da Nitro, uma forte reestruturação da empresa, o que incluía desativação de vários setores e um ‘enxugamento’ de pessoal.

O que se seguiu teve um brutal impacto na já desgastada imagem da empresa perante seus trabalhadores e os moradores do bairro que ela refundara, quando ali foi instalada nos anos 30. No início de abril de 1966, a firma anunciava a demissão de 200 trabalhadores estáveis (pelas leis vigentes até 1966, aqueles com mais de 10 anos de trabalho) e que somente 50% do valor das indenizações seriam pagos aos dispensados, ainda assim em 24 parcelas.⁶⁹ A notícia caiu como uma bomba não só em São Miguel. O governo federal acabara de anunciar o fim da lei da estabilidade e os estudos para a efetivação do que viria a se tornar o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). O movimento sindical protestava veementemente contra a medida e contava com o apoio de parlamentares da oposição, dentre os quais o senador José Ermírio de Moraes, que da tribuna do Senado criticara o governo pela extinção da estabilidade do trabalhador. No entanto, era justamente na fábrica do senador do MDB que o fim da estabilidade do emprego se consolidava na prática.

Questionado por um telegrama enviado pelo Sindicato dos Químicos, Ermírio afirmava ser aflitiva a situação da Nitro “que teve de optar entre fechar suas portas, desempregando 3.200 trabalhadores ou reduzir esse número, diminuindo o impacto social.” De qualquer forma, o senador dava garantias de que “os direitos dos trabalhadores, como tem sido norma permanente

de nossas empresas, serão respeitados.” No entanto, numa angustiosa rotina, ao longo daquele mês, mais e mais trabalhadores seriam demitidos, a maioria deles considerados estáveis, e sem garantias do recebimento de seus direitos. No dia 20 de abril, o *Jornal da Tarde* noticiava que haviam sido mandados embora mais 138 operários da Nitro. “Assim, 756 operários já foram dispensados, sem indenização.” No dia 2 de maio, este número já chegava a 810. No total, cerca de 1.300 trabalhadores seriam demitidos naquele período.⁷⁰

A nova e inexperiente direção do Sindicato dos Químicos procurava esboçar uma reação. Às pressas, organizou seu departamento jurídico para que fossem impetrados processos contra a Nitro na Justiça do Trabalho. Ao mesmo tempo, solicitou ao DRT uma imediata fiscalização de cumprimento das leis trabalhistas na empresa, especialmente no que dizia respeito à normas relativas à higiene e segurança no trabalho. As tensas negociações entre os sindicalistas e a direção da companhia não avançaram muito. O máximo conseguido foi a redução do número de parcelas para o recebimento das indenizações de 24 para 12 meses, proposta que foi prontamente rechaçada pelos representantes dos trabalhadores.⁷¹

Paralelamente, os sindicalistas iniciaram uma campanha de auxílio aos desempregados. Aproveitando os atos públicos promovidos pelo movimento sindical contra o fim da estabilidade, a bandeira do sindicato era usada para arrecadar fundos para os demitidos. “A bandeira verde, que correu durante a concentração da estabilidade, quarta-feira passada, recebeu 60 mil cruzeiros. No domingo anterior, na mesma bandeira já haviam sido colocados 55 mil. Foi no ato público do Cine São José do Belém.” Em São Miguel, as manifestações de solidariedade se sucediam. Ao mesmo tempo, relembra Waldomiro Macedo, diretor do sindicato à época, “a revolta era grande” contra a empresa. O fato de grande parte das demissões ter atingido

⁶⁹ *A Gazeta Esportiva*, 6 de abril de 1966.

⁷⁰ *A Gazeta Esportiva*, 10 de abril de 1966 e *Jornal da Tarde*, 20 de abril de 1966 e 2 de maio de 1966 e *O Estado de São Paulo*, 10 de agosto de 1969.

⁷¹ *Jornal da Tarde*, 16 de abril de 1966.

trabalhadores com muitos anos de casa, alguns bem próximos da aposentadoria, ampliava a indignação com a atitude da empresa. “A Nitro foi uma mãe para os operários, antigamente. De uns oito anos para cá, uma desgraça,” afirmava um operário. A declaração dada à reportagem do *Jornal da Tarde* por Clementino, operário recém demitido, após 27 anos de serviço na fábrica, era significativa do sentimento geral entre trabalhadores e moradores do bairro:

“Vou chorar por que? Esses homens não prestam mesmo. Eu estava na base de 120 contos por mês, lá na casa de força, uma caloria de matar. Nunca pagaram insalubridade, tanto que estou até hoje com uma bronquite. (...) Não sou só eu, todos os meus colegas estão doentes, um com sinusite, outro com tuberculose. A vida inteira demos o sangue para a Nitro Química e recebemos agora o presente.”⁷²

Desnorteados, os operários demitidos passavam aqueles dias de abril procurando informações entre a subsede do sindicato e a porta da fábrica. Coordenada pelo novo vigário da igreja local, Segundo Piotti, uma campanha de arrecadação de gêneros alimentícios era levada a cabo nas ruas do bairro. Waldomiro Macedo recorda-se que “houve uma distribuição de sardinha. Deram não sei quantos quilos (...). Ia lá no pátio da igreja e distribuía aquilo.”⁷³

Muitos viram no drama dos trabalhadores de São Miguel uma oportunidade ímpar de atingir antigos desafetos e inimigos políticos. Os Mesquita, proprietários do grupo jornalístico *O Estado de São Paulo*, logo trataram de ferozmente atacar a José Ermírio de Moraes. Recém lançado por este grupo, com uma diagramação e linguagem inovadoras, o *Jornal da Tarde* (JT) acompanhou o caso com uma cobertura surpreendentemente detalhada. As demissões eram diretamente imputadas ao senador do MDB (ex-PTB, como recorrentemente lembravam os jornalista do Estadão e do JT) e as contradições deste eram minuciosamente exploradas. Um editorial de *O Estado de São Paulo* abertamente solicitava que uma ação do governo “da

⁷² *Jornal da Tarde*, 25 de abril de 1966 e 15 de abril de 1966; e depoimento de Waldomiro Macedo concedido ao autor.

Revolução” contra o “senador-industrial.” E prosseguia o jornal: “a suspensão dos direitos políticos do Sr. José Ermírio de Moraes seria medida de comezinha justiça – não de justiça revolucionária.” A intensidade dos ataques do jornal foi tamanha que Ermírio de Moraes viu-se obrigado a subir à tribuna do Senado para se defender. Num longo discurso rebateu as críticas dos Mesquita, atacando-os fortemente e tentou justificar o injustificável em relação às demissões da Nitro. Falou da crise da indústria e repetiu os argumentos de que “viu-se diante de um dilema: fechar suas portas, prejudicando todos os trabalhadores ou dispensando, com respeito ao direito de cada um, que jamais negou, apenas 10 ou 15%.” De resto, lembrou da importância estratégica da Nitro Química para o país e da série de benefícios e obras assistenciais de suas empresas.⁷⁴

O tempo jogava a favor dos interesses da companhia. Como bem lembrava um dirigente sindical nas primeiras semanas da crise: “os operários podem agüentar um mês, até dois. Mas na hora que a fome começa a apertar acabam aceitando qualquer tipo de acordo. É isso que a fábrica quer. Vencê-los pela resistência.” De fato, com o passar dos meses, grande parte dos trabalhadores acabou aceitando o acordo de parcelamento da indenização proposto pela Nitro. Muitos, que moravam em casas da própria empresa na Vila Nitro Química, acordaram a troca da indenização pela propriedade da residência. Os poucos que mantiveram o processo judicial acabaram ganhando a indenização integral alguns anos depois e pouquíssimos a reintegração à fábrica por ordem da justiça.⁷⁵

⁷³ Depoimento de Waldomiro Macedo concedido ao autor.

⁷⁴ José Ermírio de Moraes havia sido eleito senador pelo PTB de Pernambuco e tinha apoiado na mesma eleição a candidatura vitoriosa do governador (cassado pelo regime militar) Miguel Arraes. Os editorialistas do ‘Estadão’ acusavam Moraes, de entre outras coisas, ter recebido o apoio dos comunistas. José Ermírio não negou o apoio, mas lembrou que Júlio de Mesquita filho “andou de namoro político, quase noivado, com Luís Carlos Prestes, desde os idos de 1946, quando pleiteou seu apoio para o candidato de sua preferência ao governo do estado de São Paulo.” Cf. *O Estado de São Paulo*, 21 de abril de 1966 e *A Gazeta Esportiva*, 24 de abril de 1966. O deputado Herbert Levy, ex-udenista e então na ARENA, igualmente se envolveu no caso. Também solicitou a cassação do mandato de José Ermírio de Moraes e teve uma audiência com o presidente Castelo Branco pedindo “que os processos [do caso da Nitro Química] julgados em primeira instância” fossem acelerados. Cf. *Jornal da Tarde*, 12 de julho de 1966.

⁷⁵ *Jornal da Tarde*, 25 de abril de 1966; *O Estado de São Paulo*, 10 de agosto de 1969; e depoimento de Waldomiro Macedo concedido ao autor.

À ferro e fogo, a direção da Nitro Química conseguiu enfim dobrar as resistências e efetivar a reestruturação da fábrica. O número de empregados foi substancialmente reduzido e em meados dos anos 70 a empresa tornava-se novamente competitiva e lucrativa. Porém, como notou o diretor técnico da indústria à época, “a dispensa maciça de pessoal atingiu fortemente a imagem da empresa”.⁷⁶ As demissões de 1966 representaram um abalo decisivo no ideal de poderio e identidade da Nitro Química com o bairro de São Miguel e, neste sentido, simbolizavam o final de uma era.

⁷⁶ Fábrio Ravaglia. *Contribuição a ...*, p. 22.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final dos anos 60 e início dos anos 70, uma equipe de sociólogos, liderada por Francisco Weffort, realizou uma série de entrevistas com dirigentes e ativistas sindicais que haviam militado no período anterior ao golpe de 1964. Os depoimentos serviriam de subsídio para as várias pesquisas sobre a história do movimento operário entre 1945 e 64 levadas a cabo por aquele grupo.¹

Assim, em uma das entrevistas, um ex-funcionário da Cosipa e dirigente sindical em Santos era questionado sobre a existência ou não “alguma diferença observável” entre os operários vindos do Nordeste e os paulistas. Apesar de considerar a pergunta um “problema difícil”, o antigo sindicalista deu uma resposta bastante longa e que refletia bem a discussão da época. Segundo ele

“o operários nordestinos, de um modo geral, (...) não eram assalariados agrícolas (...), mas camponeses mesmo. Então têm surgido muitas discussões [se] o operariado paulista tem muitas deformações em virtude do grande afluxo de operários nordestinos chegados aqui (...) Eu tenho divergido em alguns pontos, não por ser nordestino, mas porque as coisas muitas vezes não são como a gente imagina ou gostaria que fossem, nem muitas vezes são como alguns sociólogos e até psicólogos entendem. Então me parece que as coisas ocorrem derivadas de algumas concentrações mais intensas.”

Em seguida, o dirigente explicava as diferenças entre os trabalhadores migrantes nordestinos na construção civil e os na indústria de transformação. Os primeiros “tinham muito pouca oportunidade de se formar” porque eles se tornavam “operários flutuantes”, totalmente sujeitos às oscilações do mercado de trabalho. Os últimos teriam mais desenvoltura, já que trabalhavam na indústria de transformação e, portanto, “evoluem mais rapidamente, porque estão

¹ Além de Weffort, José Álvaro Moisés, Fábio Munhoz e Régis Andrade, entre outros, participaram das discussões e pesquisas realizadas. Parte do material coletado por eles pode ser encontrada no Fundo Fábio Munhoz no Cedem-

integrados num nível (...) mais culto, de maior conhecimento, de maior espírito de luta , de maior tradição.” Portanto, aquele entrevistado discordava daqueles que pensavam que “os defeitos do operariado paulista advém deste fluxo de migrantes, ou nordestinos, ou mineiros, enfim, do interior do estado de São Paulo.” E prosseguia:

“isto não é bem verdade. Porque eu conheci indústrias, mesmo as maiores, onde a concentração de operários nordestinos era bastante grande, [e] em pouco tempo eles adquiriram um espírito de luta extraordinário. [Além disso], a maioria das lideranças sindicais de São Paulo (...) na década de 60, até 64, eram nordestinos. A maioria esmagadora dos líderes que mais se destacaram eram nordestinos.”²

Como vimos, portanto, tanto a pergunta formulada, quanto a resposta dada são bastante reveladoras do debate político e acadêmico sobre o movimento operário no período anterior ao golpe de 64. Ambas relacionam-se diretamente às discussões levantadas por esta tese. Se na questão está embutida a explicação de ordem estrutural mais difundida sobre a fraqueza do operariado em São Paulo devido à sua ‘origem rural’, as afirmações do sindicalista de Santos, centradas na compreensão das diferenças do mercado de trabalho e das variadas tradições organizativas das diversas categorias profissionais, mostram uma maior complexidade do tema. Não precisamos concordar com seus argumentos – provavelmente, por exemplo, sua observação sobre a “esmagadora” predominância de nordestinos entre as lideranças sindicais é exagerada - , mas o fato é que sua resposta abre espaço para um maior entendimento das experiências vividas pelos migrantes nordestinos e de como elas se imbricaram com o processo de formação da classe. Como já apontava o sindicalista em sua resposta, para se entender aquela nova classe trabalhadora que surgia nos anos 40 e 50 era preciso certamente entender a sua origem rural e nordestina, porém era necessário ir além. Foi o exatamente isto que esta tese procurou fazer ao

Unesp.

² Entrevista com operário cearense (Cosipa), Fundo Fábio Munhoz , Cedem-Unesp.

enfocar a vida cotidiana no trabalho e nos locais de moradia, procurando articulá-las e compreender como e de que maneira em solo paulista forjaram-se identidades e conflitos .

Ao analisar densamente o caso dos trabalhadores nordestinos em São Miguel Paulista este trabalho procurou realizar uma ponte entre estas experiências locais e os grandes processos vividos pela sociedade brasileira entre as décadas de 1940 e 60. Assim, a migração, urbanização, industrialização deixaram de ser processos abstratos e demiúrgicos e foram vistos sob a perspectiva daqueles que o vivenciaram e, dentro de seus campos de possibilidades, procuraram agir sobre eles.

Procurei mostrar como o próprio processo migratório foi fundamental para a compreensão da ação e do papel dos migrantes naquela sociedade que se constituía. Assim, foi dada particular atenção às redes e laços sociais construídos por aqueles trabalhadores no processo de migração e mantidos e ampliados em sua experiência profissional e urbana. Tais redes continuaram importantes na constituição da vida social daqueles migrantes na cidade e na construção de suas ações e opções políticas.

As condições específicas de São Miguel Paulista, que de modo algum eram exclusivas daquela região, permitiram o surgimento de um forte senso comunitário que foi fundamental para a compreensão da vida social e da luta política em nível local. A presença onipotente de uma grande empresa influenciando decisivamente a vida da região era um fator particular que foi destacado como imprescindível para o entendimento de uma identidade comunitária.

Esse senso comunitário em São Miguel imbricou-se com a criação, tensa e relacional, de uma identidade nordestina por parte dos migrantes. No específico contexto dos anos 50 em que a ‘questão nordestina’, ganhava forma, os migrantes exerceram um papel fundamental neste processo. Esta identidade ‘nordestina’, criada e recriada em São Paulo articulou-se, por sua vez, a uma identidade de trabalhador, o que abriu espaço para um forte sentimento classista entre muitos migrantes.

Tais identidades também eram forjadas no cotidiano do bairro e por isso, o empenho deste trabalho em explorar a dinâmica da moradia, do lazer e da religiosidade local, bem como compreender como que as enormes carências de infra-estrutura urbana vividas em São Miguel motivaram uma permanente luta pelo direito ao ‘progresso’ e ao desenvolvimento vivido pelas áreas abastadas da cidade.

Neste sentido, esta tese rejeitou de forma incisiva a dicotomia entre morador e trabalhador, fartamente difundida na literatura sobre as lutas sociais na cidade. Procurou-se compreender como as reivindicações por melhorias e direitos urbanos estavam inseridas num contexto de luta de classes e como muitas organizações populares se articularam nesta direção. Por fim, enfatizou-se como a relação com o mundo político foi uma relação ativa, onde a ‘questão urbana’ teve um peso decisivo e como, mesmo com todas as limitações existentes os trabalhadores construíram-se enquanto um ator político fundamental naquele período.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

1- Arquivo do Estado de São Paulo

- Acervo do Deops
- Coleção de jornais

2- Biblioteca Adelço de Almeida do Sindicato dos Químicos de São Paulo

- Atas sindicais
- Jornais e panfletos
- Fotografia

3- Acervo da Cia. Nitro Química Brasileira

- *Nitro Jornal*
- Documentação variada
- Fotografias

4- Biblioteca da Câmara Municipal de São Paulo

- Atas da sessões
- Livros e periódicos
- Coleção de jornais
- Documentação variada

5- Arquivo Edgard Leuenroth (Unicamp)

- Coleção de jornais

6- Biblioteca Mário de Andrade

- Coleção de jornais
- Livros e periódicos

7- Biblioteca Nacional

- Coleção de jornais
- Livros e periódicos

8- Bibliotecas da USP (FFLCH, FAU e FEA)

- Livros e periódicos

9- Biblioteca do IFCH – Unicamp

- Livros e periódicos

10- Biblioteca Roberto Simonsen (Fiesp)

- Livros e periódicos

11- Biblioteca da Universidade de Manchester (Reino Unido)

- Livros e periódicos

12- Working Class Movement Library – Salford (Reino Unido)

- Livros e periódicos

13- Cedem – Unesp

- Fundo Roberto Morena – PCB
- Fundo ASMOB
- Fundo Fábio Munhoz

14- Arquivo da Cúria Metropolitana

- Material sobre a paróquia de São Miguel Paulista

15- Arquivo do Tribunal Judiciário

- Processos-crime

16- Biblioteca do Tribunal Regional Eleitoral

- Boletins eleitorais

17- Biblioteca e Centro de Documentação da Assembléia Legislativa de São Paulo

- Atas das sessões
- Livros e periódicos

18- Centro de Estudos Migratórios

- Livros e periódicos

19- Public Record Office – Londres

- Documentação diplomática

20- National Archives – Washington

- Documentação diplomática

21- Acervos Pessoais

- Osvaldo Pires de Holanda
- José Caldini Filho
- Nelson Bernardo
- Nair Cecchini
- Helena Oliveira Silveira

22- Acervos de Instituições em São Miguel Paulista

- Igreja Batista de São Miguel
- Escola Diogo de Faria
- Escola D.Pedro
- Escola Carlos Gomes
- Cartório de São Miguel
- Rotary clube de São Miguel
- Biblioteca Municipal de São Miguel Paulista

23- Laboratório de História da Universidade Cruzeiro do Sul

- Documentação variada
- Fotografias
- Transcrições de 54 entrevistas com moradores do bairro. As entrevistas foram realizadas pelos alunos do 2º e 3º ano do curso de História da Unicsul coordenados pela professora Ana Bárbara Pederiva. Segue abaixo uma listagem com os nomes dos entrevistados e datas das entrevistas:

- 1- Cícero Antônio Pereira – realizada em 29/4/2000
- 2- Alderi campos Aragão – realizada em 29/9/2000
- 3- Maria Pureza de Mendonça – realizada em 29/9/2000
- 4- Maria Degersília Aragão – realizada em 29/9/2000
- 5- Amauri da Cunha – realizada em 20/5/2000
- 6- Sebastião Azaria de Souza – realizada em 7/4/2000
- 7- José Amaro Sobrinho – realizada em 26/10/2000
- 8- Elza Alcântara de Souza – realizada em 29/4/2000
- 9- Bernardete G. Ribeiro – sem data
- 10- Beatriz Maria Ribeiro – sem data
- 11- Darci Ribeiro – sem data
- 12- José Venâncio – realizada em 8/4/2000
- 13- Fildecino Silva de Andrade – realizada em 15/4/2000
- 14- Luiz Gerônimo Ferreira – sem data
- 15- Sacha Arcanjo – sem data
- 16- Josué Pereira da Silva – sem data
- 17- Júlio de Souza Nery – realizada em 1/4/2000
- 18- Gilberto Gonçalves da Silva – realizada em 29/4/2000
- 19- Juraci Pereira de Carvalho – realizada em 9/10/2000
- 20- Davi de Ramos – sem data
- 21- Sebastião A. Mesquita – sem data
- 22- Josefa Batista Almeida Santana – realizada em 9/11/2000
- 23- Augusto Caldini – sem data
- 24- Kazume Aoki – realizada em 8/5/2000
- 25- Mikui Aoki – realizada em 8/5/2000

- 26- Antônio Joaquim Ferreira – sem data
- 27- Maria Eunice dos Santos – realizada em 24/4/2000
- 28- Iracema Paschoal – realizada em 16/10/2000
- 29- Bartolomeu Tragino da Silva – sem data
- 30- Vilma Costa Ribeiro – realizada em 13/10/2000
- 31- Artur Pires – realizada em 30/3/2000
- 32- Bartolomeu de Araújo – sem data
- 33- Agenor Antônio Jensen – sem data
- 34- Maria José Jensen – sem data
- 35- Nelson Dias – realizada em 25/3/2000
- 36- Laurentina C. Geraldo – realizada em 25/3/2000
- 37- Lucilene Sanches Guimarães – realizada em 25/3/2000
- 38- Antônio Nilton de Lima – sem data
- 39- José Damasceno de Souza – realizada em 10/4/2000
- 40- Elvira Souza de Alcântara – realizada em 16/6/2000
- 41- Aristides Pimentel – realizada em 6/10/2000
- 42- Antônio Benedito Guedes Ferreira – realizada em 20/4/2000
- 43- Miguel Augusto – realizada em 20/4/2000
- 44- Maria Fernanda dos Santos Gomes – realizada em 20/4/2000
- 45- Benedita de Souza – sem data
- 46- José Pedro – realizada em 15/6/2000
- 47- Benedito Carlos dos Santos Vieira – sem data
- 48- Maria das Graças Lins Cacian – sem data
- 49- Vilma Garcia Matos – 21/9/2000
- 50- Valdemir Lopes da Silva – 12/9/2000
- 51- Henriqueta Lopes Fernandes – 13/5/2000
- 52- Valter de Jesus – 3/6/2000
- 53- Regina Aparecida Mateus – 1/5/20000
- 54- Elza Jardelina dos Santos – sem data

24- Depoimentos coletados:

- Durante a pesquisa de mestrado (1993 a 96):

- 1- Belarmino P. Duarte
- 2- Joaquim Anselmo
- 3- Geraldo R. Freitas
- 4- Fábio Ravaglia
- 5- Adelço de Almeida
- 6- José Cecílio Irmão
- 7- Osvaldo Lino
- 8- José Ferreira da Silva
- 9- Oscar Alonso de Souza

- Entre 1997 e 2001. As datas das entrevistas estão entre parêntesis:

- 1- Luíz Tenório de Lima (4/4/1997 e 9/9/1997)
- 2- Gerolino Costa Jacobina (15/10/1997)
- 3- Milton Furlan (15/10/1997)
- 4- Afonso José da Silva (15/10/1997)
- 5- Artur Pinto de Oliveira (16/4/1998)
- 6- Augusto Ferreira Lima (18/5/1998)
- 7- Benedito Miguel (19/5/1998)
- 8- Irene Ramalho (21/5/1998)
- 9- Aurelino Soares de Andrade (1/6/1998 e 1/12/2001)
- 10- Aristides Pimentel (18/8/1998)
- 11- Maria José Santos Oliveira (26/8/1998)
- 12- Antônio Xavier dos Santos (21/2/2000)
- 13- Júlio Paulino da Silva (21/2/2000)
- 14- Lídia Castalani Gomes (23/2/2000)
- 15- Manuel Caçador (14/3/2000)
- 16- Antônio Pereira da Mata (15/3/2000)
- 17- Nair Cecchini (21/3/2000)
- 18- Roniwalter Jatobá (12/5/2000)
- 19- Waldomiro Macedo (23/5/2000)

- 20- José Caldini Filho (24/5/2000)
- 21- Joaquim Anselmo dos Santos (29/5/2000 e 1/3/2001)
- 22- Oswaldo Pires de Holanda (31/5/2000)
- 23- Salomé Lúcia Igel (12/6/2000)
- 24- Moisés Igel (12/6/2000)
- 25- Helena Oliveira Silveira (16/6/2000)
- 26- Ana Maria Silvério Rachid (17/6/2000)
- 27- Jorge Gonçalves Lula (21/6/2000)
- 28- Antônio Mendes Corrêa (27/7/2000)
- 29- Geraldo Rodrigues de Freitas (3/8/2000)
- 30- Valdevino Raimundo da Silva (3/8/2000)
- 31- Celina Garcia (19/9/2000)
- 32- João Freitas Lírio (19/9/2000)
- 33- Nelson Bernardo (7/8/2001)

BIBLIOGRAFIA

Albuquerque Jr. Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco e São Paulo, Cortez, 1999.

Alem, Sílvio Frank. *Os trabalhadores e a redemocratização*. Campinas, Dissertação de Mestrado, IFCH-Unicamp, 1981.

Almeida, Antônio. “Um encontro de origens diversas: a presença de migrantes e imigrantes na composição da classe trabalhadora do ABC paulista” in *Tempos Históricos*, n. 1, vol.1, março de 1999.

Almeida, Karim Roberta de. “Esquerda em armas: a trajetória da classe operária de São Miguel Paulista na luta armada (1968-1974). Trabalho de conclusão do curso de História da Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2001 (texto datilografado).

Almeida, Vicente Unzer e Sobrinho, Octávio Teixeira Mendes. *Migração rural-urbana: aspectos de convergência de população do interior e outras localidades para a capital do estado de São Paulo*. São Paulo, Secretaria de Agricultura do estado de São Paulo, 1951.

Alvim, Rosilene. *A sedução da cidade. Os operários-camponeses e a fábrica dos Ludgreen*. Rio de Janeiro, Graphia, 1997.

Amado, Jorge. *Homens e coisas do Partido Comunista*. Rio de Janeiro, Edições Horizonte, 1946.

Anderson, Benedict. *Imagined communities*. Londres, Verso 1983

Andrade, Celeste Souza. “Migrantes nacionais no estado de São Paulo”, *Sociologia*, Vol. XIX, n. 2, maio de 1952.

Andrade, Cleide Lugarini de. *As lutas sociais por moradia na cidade de São Paulo: a experiência de São Miguel Paulista e Ermelino Matarazzo*. São Paulo, Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais – PUC – SP, 1989.

Andrade, Manoel Correia. *A terra e o homem no Nordeste*. São Paulo, Brasiliense, 1964.

Antunes, Fátima M. Rodrigues. “Diversão ou trabalho? O futebol dentro da fábrica”, *DO Leitura* n. 141, fevereiro de 1994.

Arantes Neto, Antônio Augusto. *Produção cultural e revitalização em bairros populares: o caso de São Miguel Paulista*. São Paulo, dezembro de 1978, (mimeo.).

Azevedo, Aroldo de. *A cidade de São Paulo – Estudos de geografia urbana*. São Paulo, Brasileira, 1958.

- Azevedo, Aroldo de. *Subúrbios orientais de São Paulo*. Tese de concurso à cadeira de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945.
- Badaró, Marcelo. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil: um balanço da produção acadêmica recente*. Niterói, 2001 (mimeo.), Texto apresentado ao XXI Simpósio nacional de História.
- Badaró, Marcelo. *Novos e velhos sindicalismos. Rio de Janeiro (1955-1988)*. Rio de Janeiro, Vício de Leitura, 1988.
- Baptista, Dulce Maria Tourinho. *Nas terras do 'Deus-dará'. Nordestinos e suas redes sociais em São Paulo*. Tese de doutoramento em Ciências Sociais. São Paulo, PUC, 1998.
- Barros, Souza. *Êxodo e fixação. Sugestões para uma política de colonização e aldeamento no Nordeste*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1953.
- Batalha, Claudio. "A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências" in Freitas, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo, Contexto/USF, 1998.
- Becker, Berta. "As migrações internas no Brasil: reflexo de uma organização do espaço desequilibrada", *Revista Brasileira de Geografia*, ano 30, n. 2, abril/junho de 1968.
- Belchem, John. "Irish and Polish migration: some preliminary comparative analysis". Liverpool, Universidade de Liverpool, 1999 (mimeo.).
- Benevides, Maria Victoria. *O PTB e o trabalhismo. Partido e sindicato em São Paulo (1945-1964)*. São Paulo, Brasiliense/Cedec, 1989.
- Berlinck, Manoel e Hogan, Daniel. *O desenvolvimento econômico do Brasil e as migrações internas: uma análise histórica*. Campinas, Cadernos do IFCH-Unicamp, 1974.
- Berlinck, Manoel e Hogan, Daniel. "Migração interna e adaptação na cidade de São Paulo: uma análise preliminar", in *Anais do I Simpósio de Desenvolvimento Econômico e Social: Migrações Internas e Desenvolvimento Regional*. Belo Horizonte, Cedeplar-UFMG, 1972.
- Bernardet, Jean-Calude. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- Bertonha, João F.. *Sob o signo do fascio*. Campinas, Tese de Doutorado, IFCH-Unicamp, 1999.
- Beynon, Huw e Austrin, Terry. *Masters and servants. Class and patronage in the making of a labour organization. The Durham miners and the English political tradition*. Londres, Rivers Oram Press, 1994.
- Beynon, Huw e Hedges, Nick. *Born to work. Images of factory life*. Londres, Pluto, 1982.
- Bezerra, Maria Helena Bertolini. "A fábrica de Cimento Portland Perus, a greve dos queixadas e a escola." Comunicação apresentada ao XXI Simpósio Nacional de História, Niterói, 2001.

- Blay, Eva Alterman. *Eu não tenho onde morar. Vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo, Nobel, 1985.
- Bogus, Lúcia Maria e Wanderley, Luiz Eduardo (org.). *A luta pela cidade em São Paulo*. São Paulo, Cortez, 1992.
- Bomtempí, Sylvio. *O bairro de São Miguel Paulista. A aldeia de São Miguel do Ururá na história de São Paulo*. São Paulo, Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal, 1970 (Série História dos Bairros de São Paulo).
- Borges, T. Pompeu Accioly. *Migrações internas no Brasil*. Rio de Janeiro, Comissão Nacional de Política Agrária, 1955.
- Bosco, Santa Helena e Jordão Netto, Antônio. *Migrações; estudo especial sobre as migrações internas para o estado de São Paulo e seus efeitos*. São Paulo, Departamento de Imigração e Colonização da Secretaria de Agricultura do estado de São Paulo, 1967.
- Bounduki, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil. Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria*. São Paulo, Estação Liberdade, 1998.
- Braido, Jacyr e Segalin, Juarez (coord.). *Anais da Semana de Estudos Migratórios (6 a 11 de julho de 1970)*. São Paulo, Centro de Estudos Migratórios, 1970.
- Caldeira, Clóvis. *Mutirão. Formas de ajuda mútua no meio rural*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956.
- Caldeira, Teresa. *A política dos outros. O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- Calhoun, C. J. "Community: toward a variable conceptualization for comparative research", *Social History*, vol. 5, n. 1, jan. 1980.
- Camargo, José Francisco. *A cidade e o campo: o êxodo rural no Brasil*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1968.
- Cardoso, Fernando Henrique et all. *Cultura e participação na cidade de São Paulo*. São Paulo, Cebrap, 1973.
- Cardoso, Fernando Henrique. "Partidos e deputados em São Paulo (o voto e a representação política)", in Cardoso, Fernando Henrique e Lamounier, Bolívar. *Os partidos e as eleições no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.
- Cardoso, Fernando Henrique. "Proletariado no Brasil: situação e comportamento social", in *Revista Brasiliense*, n.41, maio/junho de 1962.
- Carone, Edgard. *O PCB: 1943-1964, vol.2*. São Paulo, Difel, 1982.
- Chaia, Vera. *A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)*. Ibitinga, Humanidades, 1991.

- Chakrabarty, Dipesh. *Rethinking working class history, Bengal 1890-1940*, Oxford, Oxford University Press, 1989.
- Chalhoub, Sidney. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- Chandavarkar, R. “ ‘The making of the working class’: E. P. Thompson and Indian history”, *History workshop journal* , n. 43, 1997.
- Chandavarkar, R. *The origins of industrial capitalism in India. Business strategies and the working classes in Bombay, 1900-1940*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- Colistete, Renato. *Labour relations and industrial performance in Brazil: Greater São Paulo, 1945-1960*. Oxford, Tese de Doutorado, St. Antony’s College, 1998.
- Cornelius, Wayne. “The impact of cityward migration in Mexico City” in White, James. *The urban impact of internal migration*. Chapel Hill, 1979.
- Costa, Hélio da. *Em busca da memória. Comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo, Scritta, 1995.
- Crew, David. “Class and community. Local research on working-class history in four countries” in Klaus Tenfeld (org.). *Arbeiter und arbeitervbewegung in Vergleich. Historische Zeitschrift*, vol. 15, 1986.
- Davies, Andrew. *Leisure, gender and poverty. Working-class culture in Salford and Manchester, 1900-1939*. Buckingham, Open University Press, 1992.
- Davies, Andrew e Fielding, Steven (orgs.) *Workers’ worlds. Cultures and communities in Manchester and Salford, 1880-1939*. Manchester, Manchester University Press, 1992.
- Decca, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas. Cotidiano operário em São Paulo: 1920-1934*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- Dieese. “O aluguel de casas populares em São Paulo”, *Boletim do Dieese*, n. 1, maio de 1960.
- Duarte, Adriano. *Os sentidos da comunidade: identidade e dissenso*. Comunicação apresentada na sessão coordenada “Bairros e comunidades operárias no XIX” - Simpósio Nacional de História. Niterói, julho de 2001.
- Duarte, Adriano. *Cidadania e exclusão. Brasil: 1937-1945*. Florianópolis, Ed. UFSC, 1999.
- Duarte, Adriano. *Cultura popular e cultura política no bairro da Mooca no após-guerra: redemocratização, populismo e desenvolvimentismo*. Campinas, Texto para exame de qualificação para doutoramento, Departamento de História, IFCH- Unicamp, 2001.
- Durham, Eunice. *A caminho da cidade*. São Paulo, Perspectiva, 1976.

- Durham, Eunice. “Os migrantes nacionais” in *São Paulo, espírito, povo, instituições*. São Paulo, Pioneira, 1968.
- Ebanks, Edward. *Determinantes socioeconómicos de la migración interna*. Santiago de Chile, Cepal/celade/ACDI, 1993.
- Elias, Norbert e Scotson, John L. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2000.
- Esperanto Klubo “Zamenhof”. *História do Esperanto Klubo “Zamenhof” em São Miguel Paulista*. São Paulo, 1999.
- Farias, Damião Duque de. *Em defesa da ordem. Aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo, Hucitec, 1998.
- Fausto, Boris. “Imigração: cortes e continuidades” in Schwarcz, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada: contrastes de intimidade contemporânea*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998.
- Fausto, Boris. *Historiografia da imigração para o Brasil*. São Paulo, Sumaré/Fapesp, 1991.
- Ferrari, Alfonso Trujillo. “Atitude e comportamento político do imigrante nordestino em São Paulo”, *Sociologia*, n. 3, set. 1962.
- Ferreira, Jorge (org.). *O populismo e sua história. debate e crítica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.
- Ferreira, Jorge. *Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- Fischlowitz, Estanislau. *Principais problemas da migração nordestina*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1959.
- Fontes, Paulo. “Classe e linguagem: notas sobre o debate em torno de *Languages of class* de Stedman Jones”, *Locus – Revista de história*, n. 7, 1998.
- Fontes, Paulo. *Trabalhadores e cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo, AnnaBlume e STI Químicas e Plásticas de São Paulo, 1997.
- Fortes, Alexandre. *‘Nós do Quarto-Distrito...’: A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. Campinas, Tese de Doutorado, IFCH-Unicamp, 2001.
- Fortes, Alexandre et all. *Na luta por direitos. Estudos recentes em história social do trabalho*. Campinas, Editora da Unicamp, 1999.
- Fortes, Alexandre e Negro, Antonio Luigi. “Historiografia, trabajo y ciudadanía en Brasil”, *Entrepasados*, n. 15, 1998.

- Furtado, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 11ª ed., 1972.
- Fraenkel, Leda Maria. "Questionamentos sobre o mercado de trabalho das regiões metropolitanas brasileiras e suas relações com as migrações internas" in IBGE. *Encontro brasileiro de estudos populacionais: contribuições apresentadas*. Rio de Janeiro, IBGE, 1976.
- French, John. *Afogados em leis. A CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo, Editora da Fundação Perseu Abramo, 2001.
- French, John. "The Latin American labor studies boom", *International Review of Social History*, n. 45, 2000.
- French, John. "Latin American and international working class history on the brink of the 21st century: points of departure in comparative labor studies." Texto apresentado na 35ª Conferência da Associação Internacional de Historiadores do Trabalho, Linz, Áustria, 1999.
- French, John and James, Daniel (org.). *The gendered worlds of Latin American women workers. From household and factory to the union hall and ballot box*. Durham, Duke University Press, 1997.
- French, John. *O ABC dos operários: conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950*. São Paulo-Hucitec/São Caetano do Sul-Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1995
- Garcia Jr., A. R. *O sul: o caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. Brasília, Marco Zero, Ed. UnB e CNPq, 1989.
- Garcia, Ronaldo Aurélio G. *Migrantes mineiros em Franca: memória e trabalho na cidade industrial (1960-1980)*. Franca, Unesp/FHDSS, 1997.
- Germani, Gino. *Sociologia da modernização. Estudos teóricos, metodológicos e aplicados à América Latina*. São Paulo, Mestre Jou, 1974.
- Gomes, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo, Vértice, 1988.
- Gonçalves, Alfredo José. "Morar e conviver", *Travessia*, n.14, setembro/dezembro de 1992.
- Gonçalves, Aurélio Gaudêncio Ferreira, Santos, Maria de Fátima Bandeira dos e Santos Vera Lúcia Bandeira dos. *São Miguel Paulista*. São Paulo, Rotary Club de São Miguel Paulista, 1968.
- Gorender, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo, Ática, 1987.
- Graham, Douglas e Filho, Sérgio Buarque de Holanda. *Migration, regional and urban growth and development in Brazil: a selective analysis of the historical record: 1872-1970*. São Paulo, IPE/USP, 1971.
- Gribaudi, Maurizio. *Mondo operaio e mito operaio. Spazi e percorsi sociali a Torino nel primo novecento*. Turim, Eianudi, 1987.

Guimarães, Antônio Sérgio Alfredo. *O preconceito contra os baianos*. Comunicação apresentada ao Congresso Internacional da Latin American Studies Association (LASA), Miami, março de 2000.

Gutman, Herbert. *Power and culture. Essays on the American working class*. Nova York, New Press, 1987.

Kaye, H. e Mclelland, K. (orgs.). *E. P. Thompson.: critical perspective*. Cambridge, Polity Press, 1990.

Haan, Arjan de e Sem, Samita. “ ‘New lamps for old?’: Debates in Eastern Indian labour historiography.” In de Haan, Arjan e Sen, Samita. *A case for labour history. The jute industry in Eastern India*. Calcutta, K.P.Bagchi, 1998.

Hall, Michael e Pinheiro, Paulo Sérgio Pinheiro. “Imigração e movimento operário no Brasil: uma interpretação” in Del Roio, José Luiz. *Trabalhadores no Brasil: imigração e industrialização*. São Paulo, Ícone, 1990.

Hall, Michael. “História oral: os riscos da inocência” in Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo. *O direito à memória. Patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo, DPH-Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1988.

Halpern, Rick. “Oral history and labour history: a historiographic assessment after twenty-five years”, *The journal of American history*, vol. 85, n.2, 1998.

Halpern, Rick. “Respatializing marxism and remapping urban space”, *Journal of urban history*, Janeiro de 1997.

Harries, Patrick. *Work, culture and identity. Migrant labourers in Mozambique and South Africa, 1860-1910*. Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1996.

Hasenbalg, Carlos A. *A pesquisa sobre migrações, urbanização, relações raciais e pobreza no Brasil: 1979-1990*. Rio de Janeiro, Iuperj, série estudos, 1991 (mimeo.).

Haupt, Georges “Por que a história do movimento operário?”, *Revista brasileira de história*, v. 5, n. 10.

Heredia, Beatriz. “Política, família, comunidade” in Palmeira, Moacir e Goldman, Marcio. *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro, Contracapa, 1986.

Hobsbawm, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.

Hobsbawm, Eric. *Mundos do trabalho. Novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Hobsbawm, Eric e Ranger, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

- Hobsbawm, Eric. "Peasants and rural migrants in politics" in Veliz, Claudio. *The politics of conformity in Latin America*. Oxford, Oxford University Press, 1967.
- Hoggart, Richard. *As utilizações da cultura. Aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos*. Lisboa, Presença, 1973.
- Hutchinson, Bertram. "The migrant population of urban Brazil" in *América Latina*, ano 6, n.2, 1963.
- Imamura, Avelar Cezar e Zampieri, Wilson João. *Padre Aleixo Monteiro Mafra. O pastor de almas de São Miguel Paulista*. São Paulo, Unicsul, 1998.
- Iumatti, Paulo Teixeira. *Diários políticos de Caio Prado Júnior: 1945*. São Paulo, Brasiliense, 1998.
- James, Daniel. "O que há de novo, o que há de velho? Os parâmetros emergentes da história do trabalho latino-americana", in Araújo, Angela M. C. *Trabalho, cultura e cidadania*. São Paulo, Scritta, 1997.
- Joyce, Patrick (org.). *Class*. Oxford, Oxford University Press, 1995.
- Jatobá, Roniwalter. *O pavão misterioso e outras memórias*. São Paulo, Geração Editorial, 1999.
- Jatobá, Roniwalter. *Crônicas da vida operária*. São Paulo, Global, 1988.
- Katznelson, Ira. *Marxism and the city*. Oxford, Oxford University Press, 1992.
- Katznelson, Ira e Zolberg, Aristide. *Working-class formation. Nineteenth-century patterns in Western Europe and the United States*. Princeton, Princeton University Press, 1986.
- Kirk, Neville. *Change, continuity and class. Labour in British society, 1850-1920*. Manchester, Manchester University Press, 1998.
- Kowarick, Lúcio. *Escritos urbanos*. São Paulo, Ed. 34, 2000.
- Kowarick, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade – São Paulo: passado e presente*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- Kowarick, Lúcio. "A expansão metropolitana e suas contradições em São Paulo", *Caderno do Ceas*, n. 102, 1986.
- Klubock, Thomas Miller. "Working-class masculinity, middle-class morality and labor politics in the Chilean copper mines", *Journal of Social History*, vol. 30, n.2, 1996.
- Kuschnir, Karina. "Cultura e participação política no Rio de Janeiro" in Palmeira, Moacir e Goldman, Marcio. *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro, Contracapa, 1986.

Lamounier, Bolívar. "Comportamento eleitoral em São Paulo: passado e presente" in Cardoso, Fernando Henrique e Lamounier, Bolívar. *Os partidos e as eleições no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

Langenbuch, Juergen R.. *A estruturação da grande São Paulo. Estudo de geografia urbana*. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1971.

Lebret, Rev. P .J. L. "Sondagem preliminar a um estudo sobre a habitação em São Paulo", *Revista do Arquivo Municipal*, abril-maio de 1951.

Leite, Francisco Barbosa. "O pau-de-arara" in *Revista Brasileira de Geografia*, ano 17, n.2.

Leite Lopes, José Sérgio. *A tecelagem dos conflitos de classe na "cidade das chaminés"*. São Paulo, Marco Zero e Brasília, Editora da UnB e MCT/Cnpq, 1988.

Leite Lopes, José Sérgio (org.). *Cultura e identidade operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora*. Rio de Janeiro, Marco Zero e Editora UFRJ, 1987.

Lima, Luiz Tenório de. *Movimento sindical e luta de classes*. São Paulo, Oliveira Mendes, 1998.

Linden, Marcel van der (org.). "Global Labour History". Texto apresentado no XXI Simpósio Nacional de História, Niterói, 2001.

Linden, Marcel van der (org.) "The end of labour history?", Suplemento especial de *International review of social history*, vol. 38, 1993.

Lobo, Elizabeth Souza. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo, Brasiliense/Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

Lopes, Juarez Brandão. *Crise do Brasil arcaico*. São Paulo, Difel, 1967.

Lopes, Juarez Brandão. *Sociedade industrial no Brasil*. São Paulo, Difel, 1964.

Lucena, Célia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar. (Re)lembranças de migrantes*. São Paulo, Arte e Ciência, 1999.

Maranhão, Ricardo. *Sindicatos e democratização*. São Paulo, Brasiliense, 1979.

Marcondes, J. V. Freitas. "Aspectos do trabalho e do lazer em São Paulo", in J.V. Freitas Marcondes e Osmar Pimentel. *São Paulo: espírito, povo, instituições*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1968.

Maricato, Ermínia (org.). *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1982.

Martins, Gentil Dias. *Depois do latifúndio. Continuidade e mudança na sociedade rural nordestina*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro e Brasília, Editora da UnB, 1978.

Martins, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República*. São Paulo, Hucitec/Prefeitura Municipal de São Caetano, São Caetano, 1992.

Mazzo, Armando. *Memórias de um militante político e sindical no ABC*. São Bernardo do Campo, Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, 1991.

Medeiros, Leonilde Sérvolo. *História dos movimentos sociais no campo*. Rio de Janeiro, Fase, 1989.

Meihy, José Carlos Sebe Bom (org.). *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo, Xamã, 1996.

Mello, João Manuel Cardoso e Novais, Fernando. “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna” in Schwarcz, Lília (org.). *História da vida privada: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998.

Meneguello, Cristina. *Poeira de estrelas. O cinema hollywoodiano na mídia brasileira nas décadas de 40 e 50*. Campinas, Edunicamp, 1996.

Menezes, Marilda Aparecida. *Trajetórias migratórias na região Nordeste do Brasil*. Campina Grande, UFPb, 1999 (texto datilografado).

Moisés, José Álvaro. *Classes populares e protesto urbano*. São Paulo. FFLCH-USP, 1978, Tese de Doutorado.

Moodie, T. Dunbar. *Going for gold. Men, mines and migration*. Berkeley, UCLA, 1994.

Morse, Richard. “São Paulo: case study of a Latin American Metropolis”, *Latin American Urban Research*, Vol.I, 1970.

Murray, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo, Hedra, 2000.

Muszynski, Maria Judith de Brito. *O impacto político das migrações internas: o caso de São Paulo (1945-1982)*. São Paulo, Idesp, 1986.

Negro, Antonio Luigi. *Linhas de montagem. O industrialismo automotivo e a sindicalização dos trabalhadores (1945 – 1978)*. Campinas, Tese de Doutorado, IFCH-Unicamp, 2001.

Negro, Antonio Luigi e Fontes, Paulo. “Trabalhadores em São Paulo: ainda um caso de polícia. O acervo do DEOPS paulista e o movimento sindical” in Aquino, Maria Aparecida, Mattos, Marco Aurélio Vannucchi Leme de e Swensson Jr., Walter Cruz (orgs.). *No coração das trevas: o DEOPS/SP visto por dentro*. São Paulo, Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2001.

Negro, Antonio Luigi. “Servos do tempo” in *De JK a FHC. A reinvenção dos carros*. São Paulo, Scritta, 1997.

Negro, Antonio Luigi. “Imperfeita ou refeita? O debate sobre o fazer-se da classe operária inglesa”, *Revista brasileira de história*, vol.16, n. 31-2, 1996.

- Neto, Antônio Augusto Arantes. “Revitalização da capela de São Miguel Paulista”, in *Produzindo o passado. Estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- Neto, Antônio Augusto Arantes. *Produção cultural e revitalização em bairros populares: o caso de São Miguel Paulista*. São Paulo, dezembro de 1978 (texto datilografado).
- Neto, A. Delorenzo. *O município da capital de São Paulo e a região metropolitana*. Osasco, Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Administrativas, 1967.
- Neto, José Jorge Farah e Kussarev Jr, Rodolfo. *Almanaque do futebol paulista*. São Paulo, Panini, 2001.
- Netto, Antonio Jordão. “Algumas considerações a propósito da estrutura profissional de migrantes nacionais no estado de São Paulo” in *Sociologia*, vol. XXVII, n. 4, dezembro de 1965.
- Netto, Antonio Jordão. “São Paulo e o problema das migrações internas” in *Sociologia*, vol. XXV, n.3, setembro de 1963.
- Netto, Luiz Cava. “Contribuição do desenvolvimento e organização da comunidade e do planejamento sócio-econômico ao problema dos deslocamentos populacionais (migração nordestina e êxodo rural)” in *Anais do Encontro de Técnicos promovido pela Secretaria de Saúde Pública e de Assistência Social do estado de São Paulo – 1962*. São Paulo, CBCISS, 1965.
- Nogueira, Oracy. “Distribuição residencial de operários de um estabelecimento industrial em São Paulo”, *Sociologia*, vol. XI, n. 1, 1949.
- Nunes, Antônio Carlos Felix. *PC linha leste. Fragmentos da vida partidária*. São Paulo, Editorial Livramento, 1980.
- Nunes, Edison. *Algumas notas sobre o Nordeste brasileiro: a terra, o homem, secas*. São Paulo, Cedec, agosto de 1978 (texto datilografado).
- O'Donnell Edward T. “How the Irish became urban”, *Journal of Urban History*, vol. 25, n. 2, 1999.
- Oliveira, Francisco de. *Crítica à razão dualista*. São Paulo, Brasiliense e Cebrap, 1971.
- Paiva, Odair da Cruz. *A migração para São Paulo e os dilemas da construção do Brasil moderno nos anos 1930/50*. São Paulo, Tese de Doutorado, Departamento de História, FFLCH-USP, 2000.
- Palmer, Brian D.. *Edward Palmer Thompson: objeções e oposições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- Pandolfi, Dulce. *Camaradas e companheiros. História e memória do PCB*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.

- Paoli, Maria Célia. *Labour, law and state in Brazil: 1930-1950*. Londres, Tese de PhD, Birkbeck College – University of London, 1988.
- Paoli, Maria Célia. “Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira.” in Leite Lopes, José Sérgio (org.). *Cultura e identidade operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora*. Rio de Janeiro, Marco Zero e Editora UFRJ, 1987.
- Paoli, Maria Célia. “São Paulo operária e suas imagens (1900-1940)”, *Espaço e Debate* n. 33, 1991.
- Paoli, Maria Célia; Telles, Vera Silva e Sader, Eder. “Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico” in *Revista Brasileira de História*, n. 6, 1984.
- Partridge, Hilary. “Labour’s challenge to Capital in Fiat: The influence of Southern Immigrants in a changing industrial culture”, *Labour History Review*, vol. 61, n. 1, 1996.
- Pastore, José. “Migração, mobilidade social e desenvolvimento econômico” in *Ciências Econômicas e Sociais*, vol.6, n.1, 1971.
- Patmore, Greg. “Community and Australian labour history” in Irving, Terry (org.). *Challenges to labour history*. Sidney, UNSW Press, 1994.
- Penna, Maura. *O que faz ser nordestino. Identidades sociais, interesses e o ‘escândalo’ Erundina*. São Paulo, Cortez, 1992.
- Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- Pereira, Luiz. *Trabalho e desenvolvimento no Brasil*. São Paulo, Difel, 1965.
- Perjs, Robert e Thomson, Alistair. *The oral history reader*. Londres, Routledge, 1998.
- Pimentel, Aristides. *Cronologia comentada da história de São Miguel Paulista 1493-1990*. São Paulo, s/d. (texto datilografado).
- Poli, Cleópatra. “Atitudes de operários de procedência rural (transição ou incorporação à vida urbana?)”, *Sociologia*, vol. XXXI, 1981.
- Porto, Cornélia; Costa, Iraci da e Nozoe, Néson. *Movimentos migratórios no Brasil e seus condicionantes econômicos (1872-1980)*. São Paulo, Convênio Finep/Fipe, 1987.
- Prefeitura Municipal de São Paulo. *O poder em São Paulo: história da administração pública da cidade, 1554-1992*.
- Prefeitura Municipal de São Paulo. *Atlas da Administração Regional de São Miguel Paulista e Ermelino Matarazzo*. São Paulo, Cogep/Coar/Prodam, 1975.
- Ramalho, José Ricardo. *Estado-patrão e cultura operária: o caso FNM*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

Rangel, Maria do Socorro. *Medo da morte e esperança de vida. Uma história das Ligas Camponesas na Paraíba*. Campinas, Dissertação de mestrado apresentada ao IFCH-Unicamp, 2000.

Ravaglia, Fábio. *Contribuição à história da Cia. Nitro Química Brasileira: 1935-1985*. São Paulo, CNQB, 1988.

Reis Filho, Daniel Aarão et all. *Versões e ficções: o seqüestro da história*. São Paulo, Editora da Fundação Perseu Abramo, 1997.

Reis Filho, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

Ricci, Rudá. *Terra de ninguém*. Campinas, Edunicamp, 1999.

Ridenti, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro. Artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro, Record, 2000.

Ridenti, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo. Ed. Unesp/Fapesp, 1993.

Rocha, Antônia Sarah Aziz. *O bairro à sombra da chaminé. Um estudo sobre a formação da classe trabalhadora da Companhia Nitro Química Brasileira de São Miguel Paulista (1935-1960)*. São Paulo, Dissertação de mestrado, PUC-SP, 1992.

Rodrigues, Arlete M. Seabra, Manoel. "Habitação e espaço social na cidade de São Paulo", *Boletim Paulista de Geografia* n. 64, 1986.

Rodrigues, José Albertino. *Condições econômico-sociais da mão de obra em São Paulo*. São Paulo, Dieese, abril de 1958 (mimeo.).

Rodrigues, Leôncio Martins. *Conflito industrial e sindicalismo no Brasil*. São Paulo, Difel, 1966.

Rolnik, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo, Studio Nobel/Fapesp, 1997.

Sader, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena. Experiências e lutas dos trabalhadores na Grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

Sampaio, Regina. *Adhemar de Barros e o PSP*. São Paulo, Global, 1982.

Santana, Charles D'Almeida. *Fatura e venturas camponesas. Trabalho, cotidiano e migrações. Bahia: 1950-1980*. São Paulo, AnnaBlume e Universidade Federal de Feira de Santana, 1998.

Santana, Marco Aurélio. *Homens partidos. Comunistas e sindicatos no Brasil*. São Paulo, Boitempo, 2001.

Santos, Cida. *Zona leste: fazendo história*, São Paulo, Editora Marko Markovitch, 1997.

Savage, Mike. *Class and labour history*. Paper prepared for the conference on "The state of labour and working class history in Europe. University of Manchester, fevereiro de 1997.

Savage, Michael. "Space, networks and class formation", in Kirk, Neville (org.). *Social class and marxism: defences and challenges*. Hants, Scolar Press, 1996.

Savage, Mike e Miles, Andrew. *The remaking of the British working class: 1840 – 1940*. Londres, Routledge, 1994.

Scott, R. Parry. "A lógica migratória camponesa e o capital: o Nordeste brasileiro" in Duarte, Renato (org.). *Emprego rural e migrações na América Latina*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco e Massangana, 1986.

Sen, Samita. *Women and labour in late colonial India. The Bengal Jute Industry*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999.

Silva, Fernando Teixeira da e Costa, Hélio da. "Trabalhadores urbanos e populismo: um balanço dos estudos recentes" in Jorge Ferreira (org.). *O populismo e sua história. debate e crítica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

Silva, Fernando Teixeira da. *Beneméritos valentões e trabalhadores sem patrões na estiva de Santos*. Campinas, 2001 (texto datilografado).

Silva, Fernando Teixeira da. *A carga e a culpa. Os operários das docas de Santos: direitos e cultura de solidariedade*. São Paulo, Hucitec e Santos, Prefeitura Municipal de Santos, 1995.

Silva, Luiz Antonio Machado da. "O significado do botequim", in: Daniel Hogan et. all. *Cidade: usos e abusos*. São Paulo, Brasiliense, 1978.

Simão, Aziz. "O voto operário em São Paulo", *Revista de brasileira de estudos políticos*, vol.1, n.1, dezembro de 1956.

Simões, Celso Cardoso da Silva et all. "Algumas características da participação dos membros da família na força de trabalho: 1950-1970" in IBGE. *Encontro brasileiro de estudos populacionais: contribuições apresentadas*. Rio de Janeiro, IBGE, 1976.

Simões, Inimá. *Salas de cinema em São Paulo*. São Paulo, PW/Sec. Municipal de Cultura/Sec. Estadual de Cultura, 1990.

Sobral, Germano Leóstenes Alves de. "Imagens do migrante nordestino em São Paulo", *Travessia*, n. 17, setembro/dezembro de 1993.

Souza, Jesse Jane Vieira de. *Valentim, o guardião da memória circulista (1947-1958)*. Campinas, Dissertação de Mestrado, Departamento de História- IFCH- Unicamp, 1992.

Sposito, Marília Pontes (coord.). *Memória do Movimento Popular de Arte do bairro de São Miguel: cultura, arte e educação*. São Paulo, Núcleo de Estudos de Sociologia da Educação – Faculdade de Educação – USP, 1987.

Stedman Jones, Gareth. *Lenguages de clase. Estudios sobre la historia de la classe obrera inglesa*. Madrid, Siglo XXI, 1989.

Tamagno, Liliana. *Nordestinos experiencing São Paulo: time, space and identity in relation to internal migration*. Uppsala, Master thesis-Uppsala University, 1984.

Terleote, M. *Um pouco do boxe do Clube de Regatas Nitro Química*. São Paulo, s/d. (texto datilografado).

Thomson, Alistair. "Moving stories: oral history and migration studies", *Oral History*, vol. 27, n.1, 1999.

Thompson, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001.

Thompson E. P. *Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

Thompson, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, 3 vol.

Troyano, Annez. *Estado e sindicalismo*. São Paulo, Símbolo, 1978.

Trotter Jr., Joe William (org.). *The great migration in historical perspective. New dimensions of race, class and gender*. Bloomington and Indianapolis, Indiana University Press, 1991.

Telles, Jover. *O movimento sindical no Brasil*. São Paulo, Ciências Humanas, 1981.

Valladão, Mario da Natividade. *'Dá conta de tua mordomia'*. São Paulo, Igreja Batista de São Miguel Paulista, 1986.

Viana, Myrna Therezinha Rego. *São Miguel Paulista. O chão dos desterrados (Um estudo de migração e de urbanização)*. São Paulo, Dissertação de mestrado – Departamento de Geografia, FFLCH-USP, 1982.

Vilaça, Marcos Vinícios. *Em torno da sociologia do caminhão*. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1961.

Vinhas, Moisés. *O Partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974)*. São Paulo, Hucitec, 1982.

Vinhas, Moisés. *Operários e camponeses na revolução brasileira*. São Paulo, Fulgor, 1963.

Walmsley, Silvana Maria de Moura. *Origens do janismo. São Paulo, 1948/1953*. Campinas, IFCH-Unicamp, 1992, Dissertação de mestrado.

Weffort, Francisco. "Origens do sindicalismo populista no Brasil". *Estudos Cebrap* 4, abril-junho de 1973.

Weffort, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

Weffort, Francisco. "Nordestinos em São Paulo: notas para um estudo sobre cultura nacional e cultura popular" in Edênio, José Valle (org.). *A cultura do povo*. São Paulo, Cortez e Instituto de Estudos Especiais, 1988.

Welch, Cliff. *The seed was planted. The São Paulo roots of Brazil's rural labor movement (1924-1964)*. Pennsylvania, Pennsylvania State University Press.

Wellman, Barry e Leighton, Barry. "Networks, neighborhoods and communities. Approaches to the study of the community question", *Urban Affairs Quarterly*, março de 1979.

Wells, John. "Industrial accumulation and living standards in the long-run: the São Paulo industrial working class, 1930-1975, Part II", *Journal of Development Studies*, vol. 19, n. 3.

Whipp, Richard. *Patterns of labour: work and social change in the pottery industry*. Londres, Routledge, 1990.

Willis, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

Willis, Paul. "Shop floor culture, masculinity and the wage form", in John Clarke, Chas Critcher e Richard Johnson (orgs.). *Working-class culture. Studies in history and theory*. Londres, Hutchinson, 1979.

Yeo, Eilleen and Stepehen. "On the uses of 'community': from Owenism to the present", in Yeo, Stephen (org.). *New views of co-operation*. Londres, Routledge, 1988.

Zaidam Filho, Michel. *O fim do Nordeste e outros mitos*. São Paulo, Cortez, 2001.